

This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + Make non-commercial use of the files We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + Refrain from automated querying Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + Maintain attribution The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + Keep it legal Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

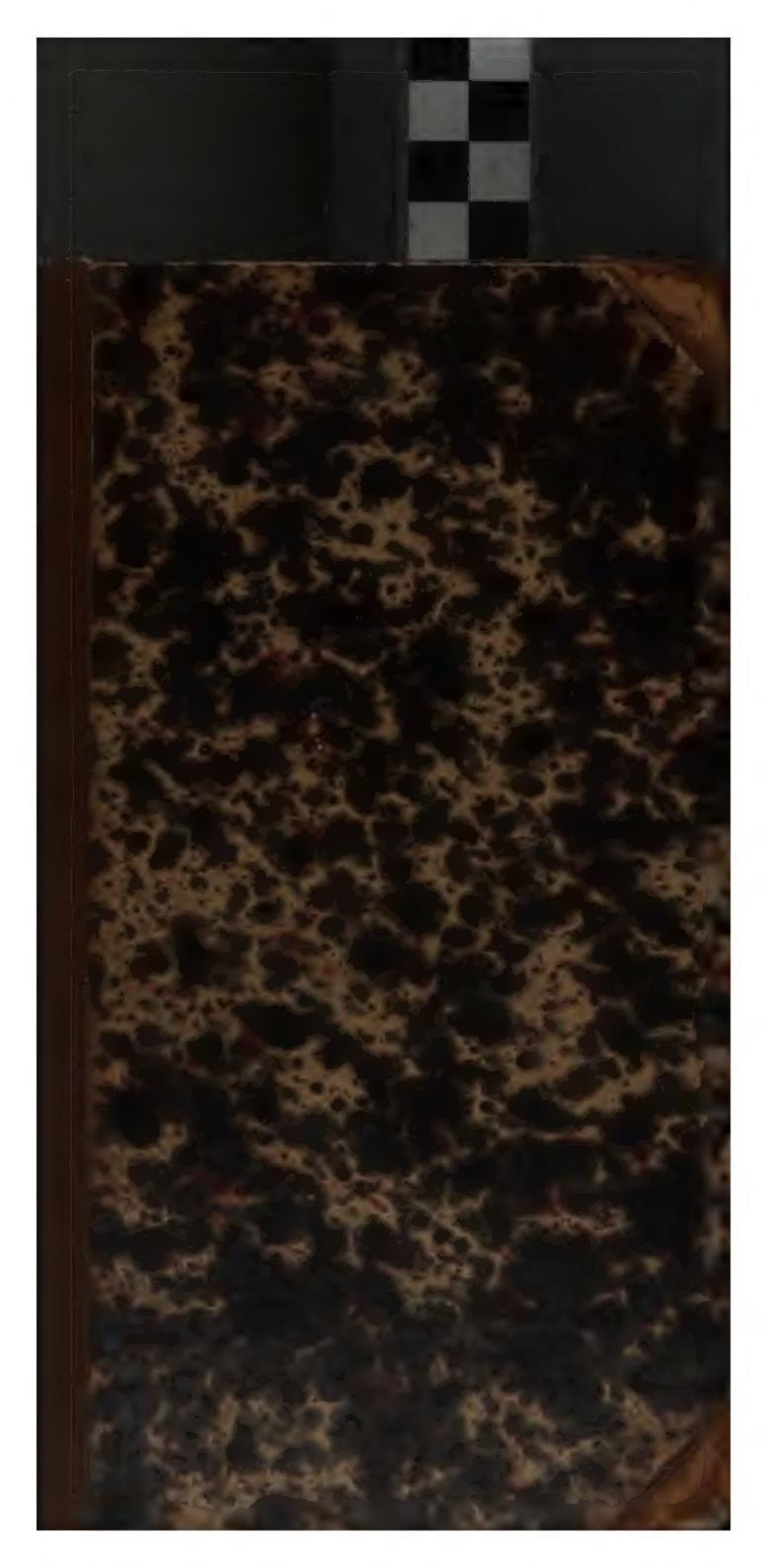
O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso n\u00e3o comercial dos arquivos.
 - A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
 - Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
 - A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
 - Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em http://books.google.com/













1. Reinhards

L'histoire n'a point de partie plus agréable et plus instructive que la vie particulière des grands et vertueux personnages qui out fait figure distinguée sur le thédice du monde.

VICTOR COUSIN.



ios

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES

roa

J. M. PEREIRA DA SILVA.

TOMO PRIMEIRO.

PARIZ

LAVRARIA DE A. FRANCK, MOA DE RICHELIEU, Nº 67.

LIVRARIA DE GUILLAUMIN ET C-RUA DE RECHELIEU, Nº 14.

1858

W:



INDICE

DO PRIMEIRO TOMO.

PRE	TACIO 		•	•	•
Ext	ractos de analyses da edicção do Plutarco brazileiro			•	•
Intr	•		•	13	
	SECULO XVI.				
I.	José de Anchietta		•	•	4:
II.	Jorge de Albuquerque Coelho			•	10:
	Salvador Correia de Sá e Benavides				
	SECULO XVII.				
I.	Gregorio de Mattos Guerra		•	•	159
II.	Sebastião da Rocha Pitta		•	•	18
	Bartholomeu Lourenço de Gusmão				
	Alexandre de Gusmão				
	SECULO XVIII.				
I.	Antonio José da Silva		. •	•	259
II.	Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho		•	•	283
	José de Santa Ritta Durão				301
	Manuel Ignacio da Silva Alvarenga				333
	José Basilio da Gama				

•			
	·		

PREFACIO.

No anno de 1847 publicámos no Rio de Janeiro o Plutarco Brazileiro. O acolhimento que teve do publico, e o facto de haver-se esgotado quasi inteiramente a primeira edição, da qual entretanto se extrahira grande copia de exemplares, moveramnos a dar á luz uma segunda edição correcta e muito mais augmentada. Para melhor levar a effeito semelhante designio attendemos ás analyses e criticas judiciosas, que tiveram a bondade de dirigirnos varios distinctos escriptores. Não passáva de um ensaio aquella obra, e carecia realmente de desenvolvimentos mais amplos, de mais profundos estudos, e de mais acuradas pesquisas sobre a historia e a litteratura do nosso paiz.

Entregamo-nos com toda a dedicação a este trabalho. Tomou porém proporções tão vastas, e recebeu melhoramentos tão consideraveis, que pode-se dizer que adquirio physionomia de novidade. Julgámos assim conveniente preferir áquelle primeiro titulo outro mais regular e adaptado, e que mais propriamente o caracterisásse.

Conservámos a formula biographica por que havia merecido geral approvação; seguimos porém nas biographias a ordem chronologica, que harmonisáva melhor com o desenvolvimento historico que n'ellas admittimos, e que nos parece dar-lhes um verdadeiro realce.

A mais tempo que desejaramos continuar a offerecer ao publico o tributo e homenagem de trabalhos litterarios que costumavamos prestar-lhe, e que tão benevolamente elle recebia. No espaço porém que decorre depois da ultima publicação que effectuámos, tantos acontecimentos embargaram ou modificáram a nossa existencia e intenções, que força foi deixar passar o tempo, e esperar occasião mais azada.

Arrancou-nos a politica ao descanso feliz das lettras para nos atirar nas luctas do parlamento

EXTRACTOS -

DE ALGUMAS ANALYSES QUE SE FIZERAM AO PLUTARCO BRAZILEIRO.

O Plutarco Brazileiro é um monumento triunfal; é uma obra de longo folego, que ganhará de dia em dia novas perfeições, novos toques de remate com o andar dos annos, com a colheita dos factos, com o engrandecimento do numero, e com a perfeição e a madureza que o tempo estampa em todos os trabalhos historicos. Este livro brindado ás lettras do paiz terá longa duração, e augura ao seu auctor uma nomeada duradoura, si elle durante a sua vida o for retocando, e ampliando como convêm: um erro estampado é um veneno que se lança á posteridade; é um ponto falso de projecção no perimetro da historia; e toda a humanidade é desviada da senda da verdade, logo que os idealistas ou historiadores falsificam os acontecimentos.

ARAUJO PORTO-ALEGRE.

A ordem chronologica, estylo mais grave, e menos espirito de nacionalismo nas comparações dos nossos poetas com os poetas estrangeiros, talvêz dêssem ao Plutarco Brazileiro um merecimento de mais. Entretanto, ainda quando esta

simples observação se resolvesse em uma censura, nem por isso o magnifico livro do senhor doutor Pereira da Silva seria menos digno de aceitação e elogios.

J. J. DA ROCHA.

É o Plutarco Brazileiro uma das obras litterarias e historicas mais importantes da epocha: mas á respeito do plano geral, parêce-me que melhor adaptáda seria ás biographias a ordem chronologica.

FERDINAND DERIS.

O Plutarco Brazileiro é um trabalho que honra á seu auctor : tem os dous requisitos essenciáes, das personagens, e reveste-as com uma roupagem classica e brilhante: si fòr admittido em uma nova ediçao, que de certo terá, o sistema chronologico nas biographias, o nome do escriptor benemerito ficará ligado á patria, como o busto de Pombal ao grande pedestal da estatua de Dom José Iº de Portugal.

RODRIGO PONTES.



INTRODUCÇÃO.

É novo, e muito novo o Brazil. Deve-se ao accáso o seu descobrimento. Navegava para as Indias Pedro Alvares Cabral, com o fim de proseguir na empresa que encetára Vasco da Gama, na sua famosa viagem de 1497 e 1498, quando, arredando-se das calmarias da costa da Africa, e tomando ao largo para o Oeste, avistou, no dia 22 de abril de 1500, uma terra desconhecida, e della se apossou, em nome d'ElRei Dom Manuel de Portugal.

Deu-lhe o feliz descobridor o nome de Vera Cruz, que se trocou posteriormente pelo do Brazil, por que é hoje o paiz geralmente conhecido.

Conta assim actualmente tres seculos e pouco mais de meio de existencia.

Hordas de selvagens, inimigas umas das outras, si bem que procedendo quasi todas do mesmo tronco; fallando differentes dialectos ainda que em geral derivados da mesma origem; bravios, ferozes e errantes uns, devorando os inimigos que apanhavam nas correrias e guerras, e até seus pro-

prios amigos e parentes, logo que se finavam: tranquillos e mansos outros, praticando o cultivo das terras, e formando accampamentos ou aldeias, que pouco tempo duravam; dirigidos por chefes que escolhiam, ou entregues á providencia; pela maior parte tribus nomades, sem a mais pequena ideia de religião, de sociedade, e nem de familia; erão estes os habitantes da terra que á Cabral deparou a fortuna, para que um nome honroso ganhásse na historia.

Questionna-se sobre a litteratura que poderiam possuir os indigenas do Brazil, e o gráu de civilisação á que teriam attingido.

Curioso é de certo semelhante estudo : para uma historia geral do paiz deve constituir o necessario prefacio. A base porém d'ella é o descobriceram no seio da raça conquistadora, e perderam as tradições e costumes de seus antepassados.

Não somos dominados pelo espirito dos que tomam as dôres pelos gentios, e a defesa de sua causa contra os Portuguezes.

É poetica de certo a existencia nomade d'esses desgraçados, que nasciam, viviam, e morriam, de tudo descuidados; dormindo ao balanço da rede que penduravam da primeira arvore que lhes deparava o accaso, ou amarrada na enfumaçada taba (1); comendo o que a sorte da caça lhes offerecia em caminho; usando de burlescas solemnidades para, no meio de festins e dansas, devorar os prisioneiros que logravam nos combates ou emboscadas; reunindo-se á sombra da palmeira, ao murmurio da cascata, ao sibillar do vento pelas folhas das arvores, para ouvir o ruido dos chocalhos, que formava agreste concerto com os canticos tradicionáes, que echoavam os seus anciões.

Para nós, porém, lucraram os gentios que se cathequisáram e se civilisáram : é nossa sympathia antes pelo povo conquistator, do qual principalmente descendem os Brazileiros, do que pelas tribus selvagens que habitavam o paiz na epocha do seu descobrimento.

Achou-se Portugal ao mesmo tempo senhor e possuidor dos immensos territorios do Brazil, da Asia e da Africa, que os seus prestimosos navegantes haviam descoberto.

Constituiam os Portuguezes o povo menos numeroso, e o mais heroico e aventureiro da epocha. Em menos de meio seculo avassalaram a melhor parte da Asia, quasi metade d'Africa, grande copia de ilhas espalhadas por todos os mares, e a mais hella e vasta porção da America meridional.

Tinham infelizmente muito por que dividir a sua attenção, e qualquer que fosse o valor e denodo dos seus militares, a audacia e arrojo dos seus marinheiros, e a pericia e ambição dos seus chefes; qualquer que fosse o nome e gloria que haviam já adquirido, no mundo inteiro, e que os fazia geralmente temer por terra e por mar, não podiam olhar com attenção egual, e tratar, com o mesmo cuidado, á tantos continentes que lhes foram cabendo pela sorte das armas, e pela fortuna espontanea do accaso.

Mereceu-lhes a Asia, e com razão lhes devia merecer mais acurado empenho: havia na Asia civilisação, riqueza, industria, sociedade, povo, e governo; nem os grupos de pretos nomades da Africa, e nem as hordas de gentios errantes da America, tinham direito de concorrer com a Asia para lograr da metropole commum identicos cuidados.

Nos gloriosos combates d'Asia illustravam-se os guerreiros portuguezes: encontravam emfrente á si Turcos, Arabes, e Egypcios, que acudiam em soccorro dos indigenas. Conquistavam cidades como

Goa, Malacca, Damão e Meliapor. Venciam os reis de Ormuz, Melinde, Achem, Cambaia e Mombáça; levantavam as fortalezas de Calicut, Granganor, Diu, e Ternate; creavam importantes arsenáes; exercitavam suas esquadras e seus marinheiros; monopolisavam o commercio das fabricas de alcatifas da Persia, e de sedas da China; apoderavam-se da prata do Japão, do cravo das Molucas, da pimenta e gengibre de Malabar, da camphora de Borneo, do ambar das Maldivaridos rubins do Pegú, das tecas e couramas de Cochim, das perolas e aljofaras de Manar, dos diamantes de Mussulapatão, e da canella do Ceilão; enriqueciam Lisboa e a Europa, e faziam da capital do pequeno reino da Lusitania o emporio mercantil do mundo, feixando as portas da navegação do Oriente a Genova, a Veneza, e ao Egypto.

Apenas appresentava-lhes a America um paiz novo, proprio para tudo que d'elle exigissem o trabalho e a industria do homem; povoado de barbaros, que se não battiam em combates francos e leaes; que unicamente soïam der trahições, e armar ciladas, por que não podiam resistir com suas flechas e tacapes (2) á espingarda e á baionnetta dos Europeos: eram os conquistadores obrigados a levantar casas, crear povoações, plantar a terra, e emfim tudo crear, e tudo fazer de novo, sem que de seus feitos, quaesquer que fossem, renome ou gloria alguma lhes proviesse.

Não admira assim que ficásse o Brazil esquecido por mais de trinta annos, depois do seu descobrimento, aportando apenas aqui ou ali, n'esta ou n'aquella enseada, um ou outro navegador que ou vinha de proposito explorar as suas costas, como Christovam Jacques, Gonsalo Coelho, Martim Affonso de Sousa, e Americo Vespuccio; ou as avistava seguindo viagem para a Asia, como Affonso de Albuquerque, Tristão da Cunha, e João da Nova; ou alguns aventureiros, como Jorge Lopes Bixorda e Fernão Lopes, que buscavam o tracto do páu brazil, de que abundava o paiz, e fôra o primeiro genero de escambo e commercio que sa praticou nas suas plagas.

Nem justamente podemos antepôr aos Portuguezes o comportamento da Hespanha em relação ás suas a Hespanha conquistas tão espalhadas pelo mundo como o pequeno reino dos nossos antepassados.

Sómente depois de alargado e firmado o seu poderio na Asia com as victorias de mil importantes cidades, e com o governo de homens eminentes, como Dom Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque, é que começou ElRei Dom João III a cuidar no Brazil, e commetteu a sua colonisação á alguns velhos guerreiros e servidores, com os quaes repartio as suas terras, como em donatarias, concedendo-lhes cartas, foráes e previlegios, que lhes asseguravam hereditarios feudos nesta nova parte do mundo, tomando assim verdadeira posse d'ella contra as tentativas da Hespanha, que já a havia feito visitar por alguns dos seus navegantes, e anciava annexa-las ás colonias que formára na America.

Começáram os donatarios a povoar o continente Brazilico: Martim Affonso de Sousa, Duarte de Albuquerque Coelho, Vasco Fernandez Coutinho, Francisco Pereira Coutinho, e varios outros, fundáram cidades nas melhores enseadas, aqui Sam Vicente, adiante Victoria e Porto Seguro, acolá Ilheos e Bahia, e mais além Olinda, e á proporção que se forão entranhando pelo interior, levantáram e formáram engenhos de cana e assucar, arraiaes e povoações, com o fim de segurar e firmar o seu dominio.

Tiveram que sustentar luctas e luctas renhidas não sómente contra os gentios, senão também contra os Francezes, e outros povos curopeos, que lhes invejavam a conquista, e procuravam arrancar-lha derramando corsarios por todos os mares limitrophes.

Apesar dos esforços dos donatarios, não andaram as cousas á contento do soberano; não tinhão elles bastantes forças, e nem dispunham de meios sufficientes para se sustentar, e fazer prosperar os seus estabelecimentos. Em 1549 julgou ElRei conveniente chamar tudo á Corôa, indemnizando os proprietarios, abolindo as donatarias, e creando um governo seu em todo o paiz, com a centralisação da acção e unidade da administração publica nas mãos e attribuições de Thomé de Sousa, nomeado primeiro capitão e governador geral do Brazil.

Tornou-se capital do novo estado a cidade da



manter o territorio por mais fertil que fosse. Em vêz de quebrar arnezes, e trocar vidas com infieis nos campos de Tunes, Fez, Marrocos, e Trudante, melhor lhes ia parecendo, e na verdade mais acertado era, mudar de terra, e procurar novas plagas, e novos climas, aonde vivessem á sombra das mesmas leis, fallando a mesma lingua, e obedecendo ao mesmo soberano.

Seriam porem ineficazes os meios da força applicados aos indigenas e escassa a tendencia da emigração dos Europeos, si não estivesse a epocha eivada do espirito e enthusiasmo religioso; continha Portugal grande copia de conventos, aonde se apinhavam sujeitos, que na vida solitaria de claustro procurávam devoções misticas, e estudos theologicos; esmeravam-se os reis em favorecer e dotar estes estabelescimentos, por que guardavam a sciencia, apurávam a religião, e davam ao mundo os sabios, e á elles os conselheiros e confessores.

Dos claustros partio a voz de marcha para o Brazil. Com os religiosos, que contavam conseguir por entre o gentio vasta sementeira para o catholicismo, e que de antemão se alegravam de chamar á luz da razão, e ao gremio da Igreja, tantas almas perdidas, seguiram muitas familias, que arrastava um semelhante exemplo.

Mais ou menos concorreram quasi todas as ordens monasticas para os trabalhos da cathequisação dos indigenas do Brazil. Primaram porem entre ellas os socios da Companhia de Jesus. Impossivel é descrever os feitos memoraveis e milagrosos mesmo, que no Brazil praticáram os Jesuitas.

Battam-se e affugentavam-se as hordas de tribus barbaras, que pareciam sumir-se, mas que reappareciam repentinamente, á um grito de guerra solto nos bosques; levantavam-se casas, ou arraiaes, que eram inopinadamente reduzidos á ciazas por uma annuvião de selvagens, que os assaltavam, e que comsigo carregavam os prisioneiros, para os comer e devorar nas suas festas.

Nada havia de estavel e seguto qualquer que fosse a força physica; nada se firmaria, á não apparecerem os admiraveis filhos de santo Ignacio, que se devotavam aos perigos, aos martyrios, e á morte.

los á paz e concordia; para conseguir este resultado atiravam-se audaces no meio dos desertos; avançavam inermes para as tribus anthropophagas; pregavam-lhes a religião; incitavam-lhes os brios; e foram alguns atravessados pelas settas mortiferas; outros soffreram martyrios desusados; lográram porem muitos a victoria espantosa de converter essa infeliz gentilidade, e a fortuna de voltar para o meio dos Portuguezes, accompanhados de multidão de gentios, que ao Padre obedeciam, como si fôra um Deus, e que á sua voz formaram aldeias, trabalhando com os missionarios na edificação das casas e da igreja, ganhando-se assim para a sociedade, e para o catholicismo.

Que palavras podem glorificar o sacrificio do Jesuita missionario, que gasta a sua vida na aspereza das brenhas, de pé no chão, dormindo sobre a terra, sustentando-se com raizes e fructas silvestres, correndo de tribu em tribu de barbaros, exposta continuadamente a vida; ou expira emfin nas torturas do supplicio sem espectadores, sem applausos, obscuro, e isolado; e tudo para remir da condemnação eterna alguns selvagens desconhecidos, chama-los á obediencia dos reis europeos, e augmentar os estados e o dominio d'estes?

E apóz a cathequisação, que trabalhos com os indigenas, e que luctas com os proprios Portuguezes! A quelles serviam de medicos do corpo e d'alma, de pais e de protectores; d'estes comba-

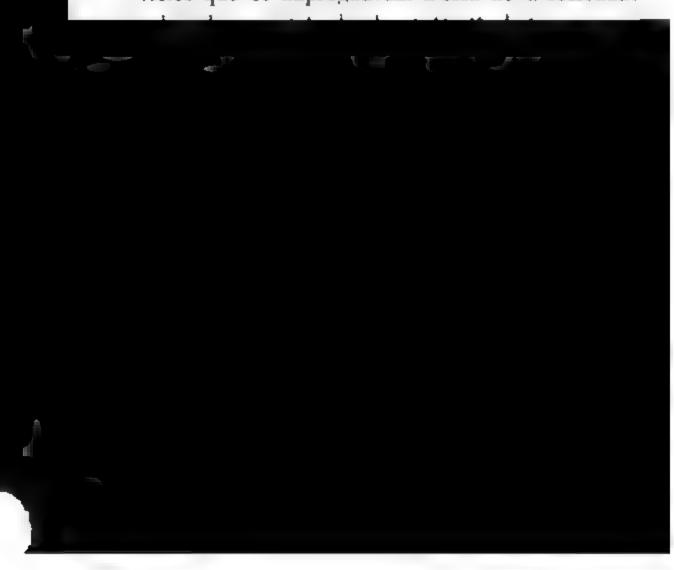
tiam os vícios, os crimes, e as tentativas de reduzir á escravidão os gentios, que encontravam e apanhavam, entretendo assim o odio da raça, e conservando a guerra ceifadora e mortifera. Eram os padres com suas proprias mãos que derribavam e carregavam aos hombros as arvores que affeiçoavam; amassavam e collocavam a taipa, e construiam a igreja, dando por este modo a todos, que os viam e admiravam, o exemplo do trabalho e da resignação. A pericia das armas, a audacia das invasores, a tactica dos Europeos, ganhavam terras, edificavam povoações, estabelesciam o dominio do seu soberano; a brandura e a eloquencia dos religiosos, a sanctidade da vida, que professavam, as cathequisações que conseguiam, o zelo, a devoção, e os exemplos que praticavam, conciliavam os gentios exquisitas virtudes, suas acções portentosas, e suas victorias immensas, as Indias, Moçambique, Zocotora, Coromandel, Meliapor, Moluccas, Melinde, Ceylão, Ternate e Japão; ás portas da China, diante de Sacham, findou seus dias gloriosos, depois de converter setecentas mil almas, pobres e humildes, rajahs, principes, reis e imperadores, que todos o ouviam e attendiam, nas choças miseraveis do pariá, e nos palacios cosidos com ouro, e brilhantes de pedrarias.

Como São Francisco Xavier ganháram renome José de Anchietta e Manuel da Nobrega, pelas conquistas espirituáes, e sacrificios enormes, que praticaram em todo o continente americano do dominio portuguez. Foi Nobrega um heróe de virtudes selectas; mereceu Anchietta o titulo de apostolo do Brazil, e como o seu companheiro das Indias, deixounos escriptos litterarios de merecimento e valor, e morreu entre os infelizes que chamára á Igreja catholica e educára na religião christãn.

Que maiores vocações, que mais extraordinarias e sublimes abnegações se observam na historia antiga e moderna?

Pode-se asseverar, sem receio de contestação, que foram os Jesuitas as vedetas avançadas e sentinellas perdidas da mílicia da religião e da civilisação em todos os descobrimentos dos Portuguezes. Para tudo tinham prestimo; commettiam sacrificios de vida, passavam transes amargurados nos desertos,

padeciam frios, fomes e somnos, com o fim de conseguir a unidade da fé, e a solidaridade moral das familias do genero humano, e arrebanhar os corpos e os espiritos dos gentios para as crenças e preceitos da Igreja catholica; trabalhavam com suas proprias mãos no estabelescimento das aldeias, ensinavam a todos, abrindo escolas e collegios, aonde apprendessem linguas, doutrina christan, leitura, grammatica, e as mais noções primarias dos conhecimentos humanos; baptisavam, casavam, e celebravam os sacramentos divinos, pregando aos ignorantes, e illustrando-lhes a intelligencia; aconselhavam, protegiam, e moralisavam, pelo exemplo e pela acção; deffendiam e sustentavam a liberdade de todos, oppondo-se ás violencias, e fulminando os crimes e vicios que se impregnavam n'essa nova sociedade



E prima ahi uma distincção notavel entre as duas nações conquistadoras: si apparêce entre os Portuguezes um Maciel Parente ou Pedro Coelho, que praticam arbitrariedades contra os Brazis do Norte, castiga-os a Corôa, e não passam elles de uma quasi imperceptivel excepção na ordem dos chefes portuguezes; em quanto que inventam os Castelhanos os mais descommunáes supplicios para se alagarém no sangue innocente dos Americanos, e extinguir-lhes a raça, não lhes bastando as caçadas por meio de cães de fila, e o exterminio no meio e fóra dos combates. Diversa é a historia da conquista do Brazil das chronicas sanguinarias do Perú, da Columbia, do Mexico, do Chile, e de Guatemala, aonde quasi nem-um effeito produziam as fulminações de Las Casas, e nem-uma influencia logravam os Jesuitas.

Si bem que decorreu o seculo XVI por entre os trabalhos materiáes de primeiro estabelescimento, e lidas de guerra continuadas contra povos originarios do paiz, e os povos europeos, que ambicionavam a conquista portugueza, notaveis já na historia se fizeram alguns homens nascidos no Brazil, como foram os guerreiros Jorge de Albuquerque Coelho, Dom Francisco Rolim de Moura, e Salvador Correia de Sá e Benavides, o historiador Manuel de Moraes e o poeta Bento Teixeira Pinto. Perdera entretanto Portugal, em 1580, a sua independencia, e accurvou-se ao sceptro e jugo de Felipe II da Hespanha: em quanto soffreu a mai patria o duro cap-

tiverro dos sessenta annos, padeceram todas as suas colonias, pelo abandono em que cahiram, começando a rehabilitar-se e a progredir depois que a Casa de Bragança se apossou da coróa e trono de Portugal, e encontrou n'as que ainda lhe restavam appoio e sympathia para o movimento revolucionario de 1640.

Foi de então em diante que as armas, as lettras, e as sciencias ganháram terreno no Brazil; verdade é que por vêzes estremecia o governo da metropole ao espectaculo que espontaneamente se desenvolvia na sua conquista, e oppunha aos seus progressos medidas impoliticas, como eram a do alvará de 27 novembro de 1662, que prohibia aos extrangeiros de navegar para o Brazil fôra das réaes armadas; a do alvará de 27 de novembro de 1684, que vedava



de Barros, João de Castro, Mendes Pinto, Duarte Pacheco, e tantos outros homens de estado, navegantes, militares, jurisconsultos, e poetas, que não têm inveja a nem-uma nação do mundo mais populosa e ainda mais civilisada.

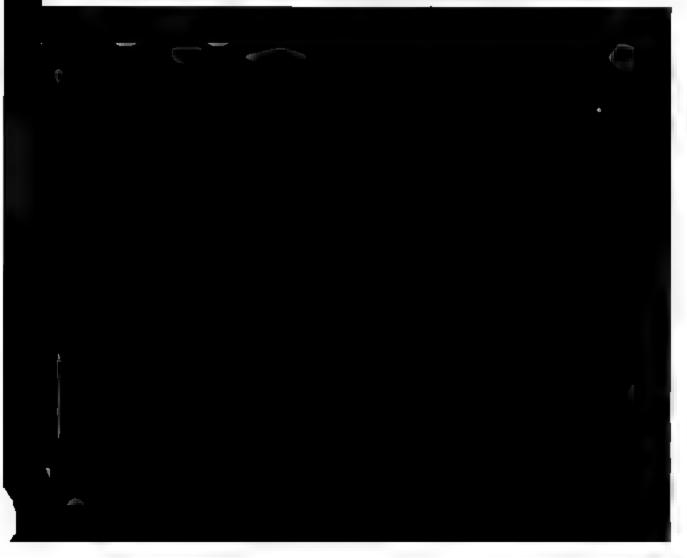
Percorram-se as paginas das chronicas coloniáes da Inglaterra, das possessões francezas, dos dominios hespanhões e hollandezes, e com excepção unica do Mexico e Perú, nem-uma colonia europea offereceu, logo ao principio uma tão rica e opulenta lista de seus naturáes, que se celebrisarão, como o conseguira o Brazil; e estas mesmas conquistas hespanholas da America, si bem que mais cedo comecem á produzir homens notaveis, pelo cuidado e cultivo que lhes deu a Mai Patria, foram, do seculo XVII em diante, excedidas pelo Brazil, que tende á fulgurar com mais subido esplendor, mais puro, e maior brilho.

A eloquencia e a philosophia, tão realçadas pelo grande Antonio Vieira, que extasiava com sua magica palavra os habitadores de Portugal, de Roma e do Brazil, teve interpretes dignos do mestre, e que a aura aquecida do solo americano bafejára ao nascer: apóz as expressões de fogo que sahiam dos labios do Jesuita tão justamente çelebrisado, merecem ainda attenção, e tem elevado preço, a sciencia e oratoria do Padre Manuel de Macedo, de Antonio de Sá, de Antonio Pereira, de Angelo dos Reis, de Frey Francisco Xavier de Santa Theresa, e de outros

tantos talentos brilhantes que não serão esquecidos pela posteridade, e formam parte da gloria litteraria do Brazil e de Portugal.

Nas sciencias historicas, moráes, e theologicas, notam-se com ufania Frei Vicente do Salvador, Sebastião da Rocha Pitta, Padre Prudencio do Amaral, o José Pereira de Santa Anna.

Durante o seu dominio no Norte do Brazil, estudáram os Hollandezes a historia natural; procuráram promover a instrucção, fundando a primeira officina typographica, que appareceu na terra de Santa Cruz; quando expellidos do territorio que tanto ambicionavam, e cuja conquista lhes arrancáram as victorias de André Vidal de Negreiros, de Mathias de Albuquerque, de João Fernandes Vieira e de Antonio Fellipe Camarão, um Brazileiro comsigo



tão magestosas, as flores multiformes e perfumadas, que matizam os bosques e os campos; as aves de tão variadas côres, e tão exquisitos feitios; os rios, as cascatas, as montanhas, e os prados; e o mesmo limpido céo, que, como manto azul claro, os acoberta; a mesma atmosphera pura, suave, e doce, que lhes sorri desde a infancia, e alegre e prazenteira os vivifica, e ampara em todas as estações e tempos; e o oceano magestoso, que se estende pelas suas arenosas e alvadias praias, chora e brinca, gême, e folgueia; tudo emfim lhes aquêce a imaginação, lhes elêva o pensamento, lhes exalta o enthusiasmo, e lhes abre as azas aos vôos do espirito, soberbo filho do céo, que purifica e divinisa o homem.

O que pena é, e lamentamos de coração; o que não podêmos declarar sem sentimento profundo de dôr; é que os poetas colonos, em vêz de desprender suas vozes livres como a aragem folgazona do vento, em vez de largar os vôos á sua imaginação inspirada, como as cadeias ao prisioneiro, em vez de com o pensamento percorrer esse mundo novo, todo de grandeza e magestade, todo de imagens e de phantasia, esse mundo que o céo puro, como a pura virgem, abria aos olhos do filho do paiz; não passavam infelizmente de copistas imitadores dos vates lusitanos, e celébravam antes os amores cavalheirosos dos galhardos Portuguezes, seus combates e suas lidas de guerra em outras terras, do que as bellezas naturáes do Brazil, e os

factos immensos e memoraveis, que n'esta colonia se praticavam.

Entretanto as lidas e combates de guerra, que elles descantavam, os arnezes de ferro, os pesados e fortes escudos; os elmos e capacetes, rijos como o bronze, e sobre os quaes battíam emvão as espadas e as lanças, que se desfaziam em pedaços; as fermosas justas e torneios, que tanto enthusiasmavam então os filhos do Brazil, não pertenciam de certo á sua historia nacional; eram cousas d'elles conhecidas apenas pelas tradições e contos: e esqueciam os combates pittorescos das tribus dos gentios, as mães que fugiam aos inimigos, carregando ás costas a familia toda; as habitações frageis e moventes, que se erguiam por toda a parte, ao clarão dos astros, ao brilhantismo da lua, ás sombras da palmeira; os



Infelizmente tambem de todo se perderam muitas obras, de que nos fallam alguns escriptores, e nomeadamente Diogo Barbosa Machado, na sua estimavel Bibliotheca lusitana, por que nunca permittio o Governo portuguez que funccionassem typographias no Brazil; e a unica que pelo meiado do seculo XVIII ousou estabelescer por sua conta no Rio de Janeiro um Antonio da Fonseca, protegido pelo governador Gomes Freire de Andrade, foi mandáda feixar, por ordem vinda da metropole, apenas lá lhe foi a noticia da sua fundação; e nem a nós chegaram, escapos de olvido, os nomes de todos os Brazileiros que se distinguiram, e que pelas imprensas da Mãi Patria não puderam legar aos posteros os seus escriptos.

Cumpre todavia reivindicar para gloria da patria nomes esquecidos até aqui, e que mereceram as honras e o respeito dos seus contemporaneos, e tem direitos perfeitos á estima dos seus vindouros.

Brilham na primeira linha dos poetas do seu seculo Bernardo Vieira Ravasco, Gregorio de Mattos Guerra, e seu irmão Eusebio de Mattos. Si bem que na segunda plana muitos outros apparecem que são dignos de recordação.

Foi, como é geralmente sabido, o seculo XVIII que deu maior desenvolvimento à civilisação do mundo, pelos conhecimentos encyclopedicos e o derramamento de instrucção, que praticou em todas as classes da sociedade: da França partia todo o

movimento para o resto da Europa, e para as demais nações do globo. Voltaire, Rousseau, Montesquieu, eram os astros brilhantes em torno dos quáes resplandeciam, como seus satellites, Hume, Robertson, Gibbon, Lessing, Wieland, d'Alembert, e Beccaria. Accompanhava Portugal a marcha com Antonio Diniz da Cruz e Silva, Pedro Antonio Correia Garção, Domingos dos Reis Guita, nascidos no seu solo, e Antonio José da Silva, José de Santa Rita Durão, José Basilio da Gama, Claudio Manuel da Costa, Antonio Pereira de Sousa Caldas, e outros homens notaveis, originarios do Brazil.

Seguiram os litteratos brazileiros as mesmas pissadas dos litteratos portuguezes; confundiam-se perfeitamente uns com outros, por que nada tinham de nacional afóra o nome, e o acáso de haverem nome, e aos antigos capitáes generáes succediam no governo vicereys, e abalisados estadistas, o que demonstra o cuidado que ia merecendo.

Embora fallassem os seus habitantes a mesma lingua, tivessem os mesmos habitos, e adoptassem os mesmos costumes; fossem todos, por assim dizer, da mesma familia, filhos unos dos outros, entrelaçados, unidos por sangue, parentescos e aflins; como que todavia o seculo XVIII preparava a separação dos dous reinos; dizia-se já Brazileiro para especificar o Portuguez que nascêra na America.

Não escapou este facto notavel á Dom Luiz da Cunha, diplomata de Dom João V, e nem já anteriormente á elle deixara de ser advinhado por outros distinctos Portuguezes. Dom Pedro da Cunha aconselhou, no seculo XVI, ao pretendente Dom Antonio, que se passasse para o Brazil, creasse um imperio, fundasse a sua côrte no Rio de Janeiro, e d'ahi movesse e sustentasse a guerra contra Fellipe II da Hespanha; o padre Antonio Vieira insinuava, no tempo de Dom Pedro II, a transferencia da côrte para um centro dos Estados portuguezes como meio mais efficaz de oppôr barreiras á desmembração do reino. Pressentira tambem este acontecimento o marquez de Pombal, e tratava por isso ao Brazil no mesmo pé de egualdade que á Portugal; parêce mesmo que sua attenção se dirigia para a cidade de Belem no Pará como a futura séde da monarquia portugueza. Cahem porem os homens e corre o destino por

cima de suas obras, sem que seja dado á mente humana descobrir e advinhar futuros.

E como olvidáram os nossos poetas e escriptores do seculo XVIII as côres e bellezas da Patria para descantarem côres e bellezas alheias? Como não exprimiam essa ideia ainda em embrião, e que começava já todavia á comprehender o povo do Brazil, como a sua regeneração política, e a sua futura nacionalidade, quando durante o seculo varias tentativas de independencia nacional apparecêram de que apenas resultáram perseguições para os seus auctores?

Si por um lado temos queixas contra a maioria dos escriptores brazileiros, que só conheciam as aguas do Tejo, do Douro, do Minho, e do Mondego, e as pastoras da Beira, cobrindo tudo com imagens



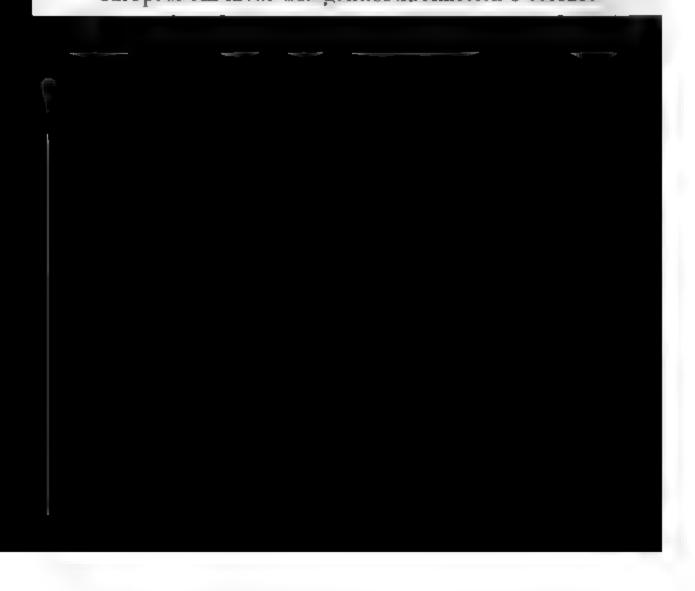
Em todos os conhecimentos humanos primaram os Brazileiros á par dos Portuguezes: nos escriptos, e em todos os feitos notaveis, uns e outros rivalisáram.

O padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, José Mariano da Conceição Velloso, Manuel de Arruda Camara, Alexandre Rodrigues Ferreira, Francisco de Mello Franco, João da Silva Feijó, Frey Leandro do Sacramento, Manuel Ferreira da Camara Bittancourt e Sá, José Bonifacio de Andrada Silva. e Antonio Nola, illustraram as sciencias naturáes, e contribuiram com seus escriptos importantes, e seus valiosos descobrimentos, para honra e renome seu, e da nação portugueza: pertenceu a maioria d'elles á Academia Real de Historia Portugueza, e á Academia Real de Sciencias de Lisboa, quando substituio áquella; publicaram ambos trabalhos interessantes por elles elaborados, e que se encontram nas collecções das memorias scientificas e litterarias d'esses dous estabelescimentos. Adquiriram brilho as sciencias sociáes e politicas, historicas, philosophicas e economicas, á apparição de Alexandre de Gusmão, João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho, Gaspar da Madre de Deus, Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Dom José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho, José de Souza Azevedo Araujo Pizarro, Manuel Ayres do Casal, José da Silva Lisboa e Antonio de Moraes e Silva.

Tocou a eloquencia a méta do seu apogeo com Antonio Pereira de Sousa Caldas, e Frey Francisco de São Carlos, dignos discipulos dos mais famosos Padres da Igreja.

Ainda não tinha apparecido Lamartiae com seus canticos religiosos, seus hymnos de enthusiasmo, e seus suspiros de arrobo mystico, e já um poeta brazileiro, Antonio Pereira de Sousa Caldas, tangia essa corda da lyra moderna. Sua alma grande como o universo, sua imaginação vasta como o pensamento de Deus, e melancholica como o som da harpa no meio da escuridão das trevas, lhe haviam inspirado a poesia sublime do christianismo, e creado um mundo novo de ineffaveis delicias.

Ainda não tinha vindo electrizar os espiritos curopeos em favor dos gentios da America o celebre



um relampago, uma ideia nacional que se traduzia no poema Nicterohy, e no cantico do Ribeirão do Carmo.

Foram as possessões asiaticas que ao principio occupáram e absorveram toda a attenção de Portugal. D'ali tirava as maiores riquezas e a maior somma de gloria e de prosperidade. Com o governo dos Fellipes da Hespanha desappareceram de cima das fortalezas da Asia as glorias de Dom Francisco de Almeida, os monumentos de Affonso de Albuquerque, e os trophéos de Dom João de Castro, e de tantos outros illustres guerreiros, que estenderam bem longe o dominio e o nome do seu paiz. Restabelescida a independencia portugueza, nunca mais pode a nação reivindicar dos Hollandezes e outros povos o seu direito de primeiro conquistador e possuidor das Indias.

Durante o periodo de 1560 á 1640 atrasou-se e perdeu tambem muito o Brazil. Acclamado porém Dom João IV de Bragança, ergueu-se elle quasi que por si só; expellio do seu solo os Batavos invasores, e foi exclusivamente a colonia que alimentou a metropole até o momento feliz em que se emancipou e constituio-se imperio novo, collocando sobre o throno americano o filho mais velho do ramo varonil da Casa real de Bragança, e abrindo para si proprio um futuro novo, e uma nova gloria.

Foi durante o seculo XVIII que ao Brazil alguma attenção prestou Portugal; nada mais esperava dos seus antigos dominios da Asia; devia-lhe vir tudo da America. Deu-lhe então excellentes governadores como Gomes Freire de Andrade, que realizou innumeros beneficios no Rio de Janeiro, em Minas, em São Paulo, e no Rio Grande do Sul; vice-reis prestimosos, com o marquez de Lavradio, e Luiz de Vasconcellos e Souza, que tratáram do cultivo do anil, do café, do canhamo, e da coxonilha, e coadjuvaram associações e individuos para o desenvolvimento da industria e das sciencias; logrou porém em compensação riquezas immensas e um vasto commercio, que assoberbou a metropole, e entre as nações mais importantes do globo lhe conserváva a primasia.

Nem sempre infelizmente praticáram os governos de Portugal o principio da egualdade na sua applicação a todos os territorios da Corôa lusitana. Um ou contra estuda to como a margua da Pordad, que



de ouro, prata, sedas, linho e las, com o intento de previlegiar os seus estabelescimentos europeos (4).

Creava-se assim na colonia uma instinctiva tendencia para a emancipação: por vêzes se manifestou ella, realisando actos materiáes, que se malográram, por que tempo não era ainda de dividir-se e desmembrar-se a monarquia portugueza. Quando porém, fugindo da Europa, procurou no Brazil a côrte portugueza um refugio contra as pretenções de Napoleão Bonaparte, que accurvára os seus dominios europeos, mudaram-se de todo as scenas. Metropole tornou-se a antiga colonia. Da liberdade commercial, que concedeu o principe regente aos portos do Brazil, resultou uma independencia de facto, que o direito necessariamente teria de sanccionar. Com a residencia da soberana e da côrte no Rio de Janeiro, adquirio o paiz os costumes e a indole monarquica, que, na sua emancipação, conseguio conservar. Com as luzes e a civilisação, que se lhe internáram por todos os poros, almejou instituições livres, que realizou na sua independencia.

Sob novo aspecto resplandece no horisonte o seculo XIX. É para o Brazil a epocha da independencia e da liberdade. Entre as nações tomou logar, quebrando as cadeias coloniáes que o ligavam á metropole. A velhas usanças, e a instituições antigas succederam ideias novas e de progresso. Vê por si, comprehende, e julga as cousas. Marcha, e avança com suas proprias forças, e sente por todos os poros

espraiar-se-lhe a civilisação, que espontaneamente o exalta e engrandêce.

É o seculo da historia, da philosophia, da critica, e das sciencias sociáes e economicas: é a epocha do desenvolvimento material, e das artes; é tambem a era da poesia livre, que presta o seu colorido, a sua elevação, e a sua perspectiva á tudo quanto a rodeia, e se realiza no mundo.

Nascêmos com o seculo XIX, accompanhemo-lo na carreira extraordinaria, que leva, e que tanto o distingue dos seus antecessores.



NOTAS.

- (1) Taba é a aldeia, que levantavam os gentios para os seus domicilios transitorios; de tres em tres annos, ou pouco mais, costumavam mudar de sitio, e estabelecer as tabas em outros logares.
- (2) Tacape é a grande massa de pau, de que os gentios se serviam como arma, e que os Americanos do Norte chamavam tomahauk.
- (3) O primeiro ouro que se extrahio do Brazil foi encontrado na provincia de São Paulo pelos annos de 1686 e 1689. Sómente em 1695 foi ao governador da provincia do Rio de Janeiro, Antonio Paes de Sande, appresentadas as primeiras amostras da provincia de Minas Geraes, que descobriram Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siquiera. As minas da Jaguára, de São Paulo, forneceram o primeiro ouro; as do Serro em Minas offereceram os primeiros diamantes em 1729.
- (4) O alvará de 5 de janeiro de 1785 assignado por Martinho de Mello, ministro da rainha Dona Maria I, mandou extinguir no Brazil todas as fabricas de lães, linhos, etc., á pretexto de haver em Portugal eguaes estabelescimentos: parêce que se quiz imitar á Lord Chatham, que era de opinião que nas colonas inglesas da America se não devia permittir fabrica nem-uma.

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.

SECULO XVI.

I.

JOSÉ DE ANCHIETTA.

I.

No seio do Oceano Atlantico, mais proximas da Africa do que da America, correndo de 26 á 30 gráus de latitude Norte, existem disseminadas, e quasi que symetricamente collocadas, umas vinte ilhas, de todas as dimenções, e da mais encantadora physionomia. Haviam já sido visitadas pelos Phenicios e Romanos, e perfeitamente conhecidas por Estacio Seboso e o rei Juba. Fazem d'ellas cumprida menção Plinio e Ptolomeu, dando-lhes o nome de Ilhas Afortunadas. Eram seus habitantes considerados descendentes dos Getulos et dos Libyos, que residiam nas costas da Africa, que lhes ficam fronteiras.



VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.

SECULO XVI.

T.

JOSÉ DE ANCHIETTA.

I.

No seio do Oceano Atlantico, mais proximas da Africa do que da America, correndo de 26 á 30 gráus de latitude Norte, existem disseminadas, e quasi que symetricamente collocadas, umas vinte ilhas, de todas as dimenções, e da mais encantadora physionomia. Haviam já sido visitadas pelos Phenicios e Romanos, e perfeitamente conhecidas por Estacio Seboso e o rei Juba. Fazem d'ellas cumprida menção Plinio e Ptolomeu, dando-lhes o nome de Ilhas Afortunadas. Eram seus habitantes considerados descendentes dos Getulos et dos Libyos, que residiam nas costas da Africa, que lhes ficam fronteiras.

encontrou repoiso, estabeleceu-se, casou-se, e de suas passadas grandezas se foi pouco e pouco esquecendo; as saudadese memorias são verdadeiras flores, e, como as flores, desbotam-se e murchana.

Em 1533 nasceu José de Anchietta, fructo do matrimonio d'esse communero castelhano com uma indigena das Canarias.

Foi sua educação dirigida por seu pai; dosde a infancia recebeu dos labios paternos a instrucção moral e religiosa, que um homem de bons costumes sõe dar, e que sabe receber um joven de indole pura; aprendeu a ler e a faltar a sua lingua, os rudimentos da lingua latina, as explicações da doutrina christà, e alguns visos longes de litteratura tanta quanta possuia um dos mais instruidos fidalgos castelhanos n'aquella celebrisada épocha do cavalheresmo.



de certo muito mais sublimes paginas do que tudo o que é obra humana; ali os seus olhos encontravam o grande e admiravel panorama de um céo limpido e claro; um oceano vasto e magestoso, como a ideia da eternidade; e a terra que se sumia no meio d'elle como um atomo perdido no espaço.

Como não havia de harmonisar-se a sua alma com a natureza, si desde que lhe sõou aos ouvidos o primeiro som da harpa da vida, a grandeza das obras de Deus se lhe manifestou aos olhos? O céo, o mar, e a sua ilha natal pareciam-se tres irmãs, que docemente se abraçavam e se beijavam; ali deparava com todos os esplendores mysteriosos da magestade divina, desde a planta que vegeta, a flor que desabrocha, o fructo que cresce, o passarinho que gorgeia os seus amores, o rio que sáhe da terra, e ao mesmo tempo a rega, e fertilisa, a vaga que murmura sobre o rochedo, e a brisa que enverga os ramos das arvores, até o mais elevado phenomeno da vida.

Leu perfeitamente o velho communero no coração e na intelligencia de seu filho; conheceu a fortaleza de sua alma, e a transcendencia de seu engenho; e a tão preciosas qualidades tratou de dar o necessario desenvolvimento.

Já era então conhecida a universidade de Coimbra, que fôra fundada em Lisboa no anno de 1290 por ElRei Dom Diniz, e definitivamente fixada n'aquella cidade em 1537 por ElRei Dom João III, o qual, refor-

mando-a com novos estatutos, e dotando-a com o melhor pessoal e o mais habilitado do tempo, applicou-lhe rendas sufficientes para que rivalisasse na sciencia com as universidades de Salamanca e Alcala, que gozavam da mais vasta nomeada.

Na edade de quatorze annos foi José de Anchietta enviado por seu pai para a universidade de Coimbra á fim de cursar suas aulas. Nem-um estudante comportou-se melhor na sua vida escholastica: era a sua moral a mais elevada, os seus costumes os mais puros, e a sua religião a mais profunda e sincera; attrahiram-lhe os seus actos universitarios reputação e a estima de seus mestres: admiravam-se geralmente o som harmonioso de sua voz, a delicadeza de suas expressões, a agudeza de seus pensamentos, e a eloquencia de suas praticas.

Tiveram os Jesuitas noticia dos elevados talentos



lantis ecclesiæ, que sanccionava a sua instituição, deu-lhe o fundador a mais feliz e admiravel organisação: constituio-se a Companhia um governo proprio, funccionando espontaneamente: foi a sua séde, capital ou centro a cidade de Roma, residencia do geral, autoridade absoluta e illimitada: era o Pontifice romano o chefe da christandade; era o geral dos Jesuitas o chefe da Companhia: comprehendia a christandade a maior parte do mundo então conhecido; estendeu tambem a Companhia o seu poder e a sua influencia sobre a maior parte do globo, fundando institutos em Portugal, Allemanha, Hespanha, França e Paises Baixos, para o fim de defender o catholicismo contra a reacção protestante, que se levantava, e ia ganhando terreno; e enviando missões a Fez, ao Congo, a China, ao Japão, a Marrocos, e aos demais pontos do mundo que se descobria, no intuito de desenvolver a religião catholica, e augmentar-lhe os proselytos. Tinha o Papa o seu collegio de cardeaes; cercava-se o geral dos seus consultores. Dividia o Papa os seus dominios em arcebispados e bispados; fazia o geral de cada reino uma provincia, á testa de cada provincia collocava um chefe, com o nome de provincial, e que lhe era inteiramente subordinado; dividia-se ainda cada provincia em collegios com seus reitores, prestando obediencia ao provincial. Costumava o Papa mandar syndicar por emissarios de sua confiança os acontecimentos de sua grei,

52

c o comportamento de seus prelados; nomeava tambem o geral, e quando lhe convinha, padres visitadores, que viajavam o mundo, e lhe participavam todos os progressos da Companhia. Forão n'essa epocha o Papa e o geral dos Jesuitas as maiores potestades da épocha, porque na sociedade preponderava o espirito religioso, como o elemento o mais efficaz d'ella, e ambos os chefes se mostravam movidos do mesmo interesse de sustenta-lo e propaga-lo.

Parêce que não teve infancia a Companhia de Jesus; sahio cheia de força e de vigor das mãos de Santo Ignacio, como sahio o homem das mãos do Creador: veio á tempo proprio para auxiliar a Santa Sé nas luctas que contra ella travára a heresia, e para firmar as conquistas que faziam os monarchas catholicos nas terras que descobriam: possuia em seu seio e chamava a si os maiores engenhos da



do que qualquer outro monarcha da Europa; deulhe pensões do thesouro publico, casas gratuitas para residencia de seus socios, e sendo seu principal intuito obter sujeitos capazes de derramar o conhecimento da religião catholica pelos paizes que os Portuguezes havião descoberto e conquistado, concedeu á Companhia ampla liberdade de enviar as suas missões, fundar os seus collegios, e dirigir o culto e a instrucção publica em todos os seus estados asiaticos, africanos e da America.

Era então a nação portugueza a mais pequena da Europa em territorio, uma porém das mais poderosas pelo seu commercio, navegação, riqueza e dominios coloniáes. Desde que emprehendeu expedições maritimas o infante Dom Henrique de Viseu, e já á sua custa, já á expensas do real erario, conseguiu descobrimentos importantissimos para a corôa e para o paiz; enthusiasmaram-se os Portuguezes por conquistas e viagens, e não contentes com o sorrir da victoria pelas terras dos Agarenos de Fez, Marrocos e Trudante, atiraram-se denodadamente aos mares, e d'entre elles, como feiticeiros, levantaram novos mundos até então ignorados.

Foram por elles encontradas as ilhas da Madeira, Porto-Seguro, Açôres, São Thomaz, Cabo-Verde e Annobom, toda a costa do Congo e Mina; muito além do cabo Bojador, dobrou Vasco da Gama o formidavel promontorio que Bartholomeu Dias avistára pela primeira vez, abrindo assim a seus

54

compatriotas espantados o immenso e colossal commercio da India. Para completar tão gloriosa collecção de riquezas admiraveis e novas, dotou ainda Pedro Alvares Cabral o seu paiz com o magnifico continente do Brazil, que ao 22 de abril de 1500 inesperadamente descobrira na derrota, que leváva para a India, procurando continuar as conquistas que aquelle feliz argonauta conseguira effeituar.

Por toda a parte tremulou victoriosa a bandeira portugueza; em Gôa, Sofala, Diú, Damão, Ceuta, Tangere, Ceylão, Alzira, Moçambique, Mascate, Melinda, Ormuz, Calicut, Malaca, Sumatra, Borneo, Timor e Java, ao apogeo de grandeza elevaram o nome e o dominio dos Portuguezes a pericia de Dom Affonso de Albuquerque, a ardideza de Dom Francisco de Almeida, e o valor denodado de



Joãos de Castro, e os Luizes de Camões, para garantir a lealdade lusitana.

Brilhava e resplandecia por todo o mundo o nome da nação portugueza; e os Jesuitas que, desde sua apparição, tomaram parte indirecta, mas activa, nos negocios publicos, e movidos de zelo apostolico, ardiam de levar aos confins do universo a propagação do christianismo, incitavam ainda o monarcha e o povo para esses immensos descobrimentos, cuja historia conserva ainda nos nossos tempos tanto de poetico quanto de grandioso. Accompanhavam os Jesuitas todas as expedições maritimas, para fundarem ao pé da conquista da espada a conquista da religião.

Como poderia José de Anchietta, alma pura, religiosa, e enthusiastica, recusar-se a pertencer a uma Companhia cuja reputação crescia progressivamente, e cujo fim tão harmoniosamente lhe fallava ao coração? Os Jesuitas o procuráram; entregou-se á Companhia; exigiram-lhe o voto de castidade, deu-o sem a menor repugnancia; impuzeram-lhe o juramento de abandono do mundo e de fidelidade á instituição, prestou-o com toda a sinceridade de sua alma; foi em 1551, e na edade de desoito annos, que entrou José de Anchietta para a Companhia de Jesus, tomando gráu de noviço que era o primeiro do instituto.

Dando-se credito á chronica do padre Balthasar Telles (1), ás historias dos padres Simão de Vascon-

56

cellos (2), Eusebio de Nurembergue (3), Nicolau Orlandini (4) e Pedro Rodrigues (5), e á vida de José de Anchietta, que do latim de Sebastião Beretario trasladou em castelhano o padre Estevam de Paternina (6), um verdadeiro milagre de Deus foi que convenceu e inspirou o zelo e fervor religioso de José de Anchietta, em occasião em que, passeando pelas alegres margens do Mondego, dirigio seus passos para a igreja da Companhia de Jesus, e, perante seus altares, implorou humildemente que se lhe abrissem as portas d'ella, como as da graça divina, e da sua salvação.

II.

Abrio a Companhia de Jesus os seus thesouros litterarios ao novico que anciava instruir-se:

os dotes do espirito; queria obras tambem: tinha em seu seio sujeitos os mais instruidos da epocha; exigia que fossem ao mesmo tempo homens de acção; precisava a Companhia de estender o seu poderio e a sua influencia, correspondendo ás vistas do seu fundador, levantando monumentos em todos os pontos do universo, e preparando homens para tudo, por que sabia applica-los conforme as aptidões e vocação que cada um manifestasse.

Fôra em 1541 enviado para a India o padre Francisco Xavier, que tão importante nomeada grangeou, e cuja vida resplandecente de gloriosos feitos escreveu eloquentemente o padre João de Lucena (7). Apenas centralisou ElRei em 1549 o governo do Brazil nas mãos de Thomé de Sousa, e para ali lhe ordenou seguisse viagem, expediu conjunctamente a Companhia os padres Manuel de Nobrega, João de Aspicuelta Navarro, Leonardo Nunes, Antonio Pires, e dous irmãos mais, para que fundassem collegios no novo dominio da Corôa portugueza, e admittissem no gremio da Igreja catholica os indigenas do paiz, que a bulla do papa Paulo III de 1537 declarára homens livres e racionaes (8). Seguiram áquelles obreiros alguns outros que aproveitando a companhia de Dom Pedro Sardinha, primeiro bispo nomeado para o Brazil, partiram para a Bahia no anno de 1550: eram os padres Affonso Braz, Salvador Rodriguez, Manuel de Paiva, e Francisco Pires.

58

Enthusiasmaram-se os Jesuitas com as noticias que do resultado d'estas expedições chegaram ao provincial de Portugal, e que por elle foram fielmente transmittidas ao geral da Companhia. Os feitos praticados por seus irmãos entre tribus nomades e errantes de gentios que habitavam o paiz; e os triumphos que alcançavam em prol da religião, attrahindo, com a influencia da palavra, e com a modestia de suas obras, a tantas ovelhas desgarradas do rebanho do verdadeiro Deus; incitavam os brios de ir para o Brazil, e provavam ao mesmo tempo a necessidade de dar-se á Companhia no novo mundo uma organisação mais regular e mais ampla.

Foi por Ignacio de Loyola declarado o Brazil provincia independente da provincia de Portugal, que bem importante já era, e que possuia além das casas do Santo Nome do Josus de Combra, a do Esputo



Antonio Pires, e varios ainda no gráu de irmãos, entre os quaes se contava José de Anchietta, que, ardendo de ambição de passar-se ao Brazil, conseguira dos seus superiores realizar os seus desejos.

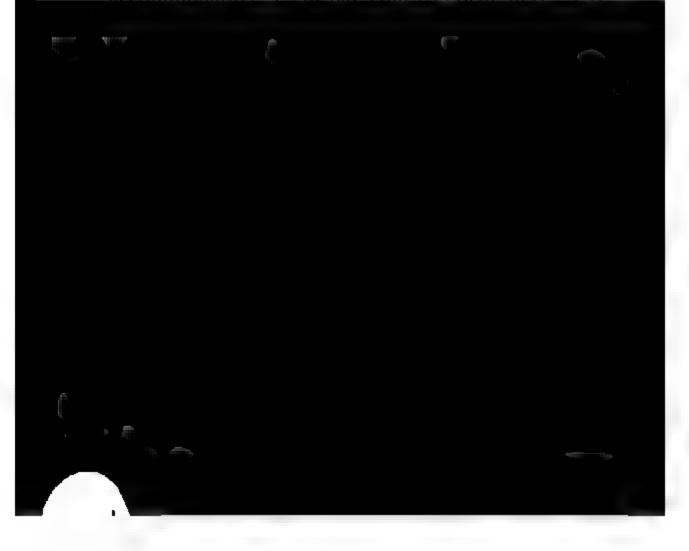
Importantes serviços havia Thomé de Sousa, primeiro governador do Brazil, e esforçado cavalleiro das guerras d'Africa e d'Asia, prestado á corôa durante a sua administração: quando, em 1549, chegou á Bahia, achava-se dividido o paiz em pequenos feudos, com o titulo de donatarias; pela maior parte, tinhão sido infelizes os donatarios; perderam uns todas as suas riquezas, outros a sua vida, procurando, no meio de bravias nações de gentios, formar estabelecimentos, que continua e desapiedadamente soffriam de atraiçoeiros combates, e inesperados assaltos dos indigenas: muitos nomes celebres da historia portugueza viram desapparêcer no Brazil a sua gloria, e murchar os seus loiros, tão valentemente colhidos nas guerras d'Asia e d'Africa. Morreram á frexadas Francisco Pereira Coutinho, donatario da Bahia, e Ayres da Cunha, de uma capitania do Norte. Pedro do Campo Tourinho, donatario do Porto Seguro; Vasco Fernandes Coutinho, do Espirito Sancto; Pedro Lopes de Sousa, de Itamaracá e Sancto Amaro; Pedro de Góes, de São Thomé; e João de Barros, do Maranhão, perderam toda a sua fortuna além de muita gente, com que procuráram colonisar as terras que lhes haviam sido concedidas. Martim Affonso de Sousa, donatario da capitania de

60

São Vicente, e Duarte Coelho da de Pernambuco, foram talvêz os unicos que tiraram proveitos das suas concessões, segurando o seu dominio no solo que lhes coube em partilha.

Eram pequenos estados, sem força para resistir ao crescido numero de gentios, distantes uns dos outros, zelosos uns dos outros, e não se podendo mesmo mutuamente soccorrer: foi lembrança feliz de Dom João III chamar estes feudos á corôa, indemnisando os seus proprietarios, ou successores; centralisar o governo de todo o immenso continente de Santa Cruz nas mãos de um só homem; e assim collocar-se directamento o throno á frente da colonisação do novo estado.

Achou Dom Duarte da Costa unidade e regularidade na administração; encontrou os gentios vizinhos accompodados, e em paz com os Portuguezes e o



algodão, andavam descalços, dormiam sobre a terra fria, trabalhavam com suas proprias mãos na edificação das suas casas, que eram verdadeiras cabanas feitas de páu e folhas de palmeira, e das suas igrejas que se esforçavam sempre de embellesar; abriam escolas gratuitas de instrucção primaria; ensinavam officios mechanicos; praticavam a medicina e a cirurgia; e consolavam e soccorriam os infelizes e afflictos colonos nos seus transes amargurados.

Pelas nações indigenas erão os padres da Companhia considerados eguáes aos anjos: salvavam os gentios, quando alguns Portuguezes os pretendiam maltratar ou escravisar; atravessavam as virgens mattas, aonde nem o sol nem a lua advinham caminho; passavam caudalosos rios; iam pousar nas suas tabas; serviam-se das suas inis (9); assistiam ás suas festas, animadas pelo chocalho sonoro das suas maraccas (10); praticavam com elles, esforçando-se d'este modo por arranca-los a seus barbaros costumes, e chama-los ao gremio da religião catholica, e á união com os Portuguezes.

Dirigira-se Aspicuelta Navarro para o Porto Seguro, e lá conciliava os Tupininquins; chamava Antonio Pires em Pernambuco á união os sinceros Taboyaras, os ferozes Caethés, e os valentes Pittaguarés da Parahyba; no Espirito Sancto reunia Affonso Braz os Papanases aos seus compatriotas; haviam-se estabelescido em São Vicente Leonardo

Nunes e Manoel de Paiva, empregando toda a sua actividade em abrandar os Carijós e Goyannases, vizinhos dos altivos Tamoyos do Rio de Janeiro; na Babia, o proprio provincial, e os padres Francisco Pires e Luiz da Grā, muito tinham que fazer para conseguir tranquillisar as tribus tupinambás, que tantas queixas tinham dos Portuguezes.

E não era facil tarefa a de conseguir adormecer em animos incultos odios nascidos de affrontas que haviam recebido; tantos mais obstaculos encontravam os Jesuitas, quanto entre os Brazís gozavam os Portuguezes de pessima nomeada pelos seus feitos e traições.

Tinha José de Anchietta vinte annos quando abandonou a Europa, e se entregou de todo ao Brazil; até ali animava-o puro e religioso enthusiasmo; não conhecia gloria maior do que a de fallar ás convicções, e de propagar o christianismo; para consegui-la, tudo deixou; primeiramente trocou o mundo pela vida trabalhosa de jesuita; desamparou depois a terra civilisada da Europa pela terra inculta da America, o commercio dos homens industriosos e instruidos pela pratica de selvagens sem lei e sem Deus; e á seu paiz, á seus pais, á seus amigos, á sua ventura terrestre, á seu repoiso de corpo e de espirito, preferio o serviço de Deus, como objecto que para elle era de valor mais subido.

Quando a seus olhos curiosos descortinou o solo do Brazil todos os seus esplendores, e todos os seus encantos, contam os historiadores, que se extasiara, e banhado em pranto agradecêra á Deus o haver-lhe concedido a graça de beijar uma terra virgem, á qual pudêsse dedicar todo o seu amor.

Poucos mezes demorou-se na Bahia: já na antiga capital do Brazil havia fundado a Companhia um seminario de instrucção primaria; obreiros intelligentes e decididos o dirigiam; julgou o provincial, que se achava então em São Vicente e ali havia estabelescido um collegio no anno de 1549, que aproveitaria melhor os talentos de José de Anchietta chamando-o para esta capitania, e incumbindo-lhe a tarefa de organisar outro seminario de instrucção mais para o interior das terras, para onde convergisse a população indigena que vivia dispersa e perdida no fundo dos bosques.

Bem tormentosa e disticil soi a sua viagem da Bahia para São Vicente; naufragou o navio nos Abrolhos; depois de inauditos padecimentos, salvaram-se no Espirito Sancto os navegantes; demoraram-se ahi até que outro navio os conduziu ao seu destino.

Chegado á São Vicente, tratou José de Anchietta de cumprir immediatamente a sua missão, correspondendo ás vistas do seu provincial; nos bellos e arejados campos de Piratininga, estendidos em algumas leguas de mares de fermosas planicies, povoados de copadas arvores, retalhados de rios os mais pitorescos, e distantes cerca de doze legas de São Vicente,

formou elle o terceiro collegio regular do Brazil, no anno de 1554; disse-se ahi a primeira missa á 25 de janeiro em que celebra a Igreja a conversão de São Paulo, e foi o logar consagrado ao apostolo d'este nome: ao lado do collegio ergueu-se o novo seminario de instrucção, com aulas de primeiras letras, de grammatica portugueza, das linguas castelhana, e latina, e de doutrina christãa, destinadas não sómente para colonos e mamelucos (11), senão também para os gentios que se cathequisassem, e aldeiassem.

Foi José de Anchietta um dos mestres e quasi que o unico; por falta de pessoas que regessem todas as aulas, encarregou-se de ensinar latim, castelhano e doutrina christãa; poucos mezes depois, conhecendo-se habilitado na lingua brazilica, a cujo estudo se déra com toda a força de sua intelligencia, e considerando-a indispensavel para o descoupenho cabal



los, avivando-lhes a curiosidade, incitando-lhes o gosto, e desenvolvendo-lhes o espirito religioso, compunha versos e cantigas, alguns sobre objectos mundanos, tendo sempre por base um fundo de moral; inteiramente religiosos outros, pintando os mysterios do catholicismo; escreveu nas linguas brazilica e portugueza grande numero de dialogos, a que dava o titulo de comedias, e que fazia recitar ou representar nas vesperas do jubileu da festa de Jesus Christo, reunindo todo o povo para presenciar o espectaculo: estes dialogos pintavam a immoralidade e vicios d'aquelles habitantes, que não tinham querido até ali reformar os seus costumes, e cuja correcção pensava elle conseguir por este modo.

Pesando-os na balança da illustração moderna, de certo que outro não póde ser o seu merecimento afóra o fim religioso e moral a que se dirigiam; tendo-se porém em consideração não só a epocha, senão tambem o logar remoto em que foram escriptos, muito ha que admirar no engenho do seu auctor.

Havia sido imaginada a imprensa á pouco tempo: importou este invento em uma verdadeira revolução para os espiritos. Dissipáram-se as trevas, que cobriam o mundo: espalháram-se as obras antigas, tão preciosas sempre; leram-se as composições admiraveis dos Padres da Egreja, que no seu tempo haviam resplandecido com tamanho brilho: o que se havia escripto começou a tornar-se accessivel á todas as intelligencias, e não unicamente ás pessoas

66

ricas ou ás communidades, que a preço elevado d'ouro compravam as copias.

Foi no anno de 1470 que na cidade de Leiria se estabeleceu a primeira typographia de Portugal. Lisboa accitou e admittio a imprensa em 1481, e Braga em 1484: os Hebreus ao principio, depois os Allemáes e Italianos, do meiado do seculo XVI em diante, a propaláram e generalisáram, fundando em Coimbra, e outros logares, officinas identicas ás da capital do reino.

A civilisação aspirava raiar; tinha porém ainda muitas luctas á emprehender; cumpria-lhe internar-se no espirito religioso da epocha, e no cavalhe-rismo dos costumes que predominavam, para conseguir por fim collocar-se á frente da sociedade, e então encaminha-la, e dirigi-la:

Oursi que importada ou la arte desmatica, si hom



raturas grega e romana, imitações de Plauto, Terencio e Menandro, antes do que verdadeiras composições dramaticas, nas quáes livre deve ser a inspiração, livre o seu desenvolvimento, e livres os seus meios de acção.

E que se podia, em 1556, exigir de um homem, que deixou ainda moço Portugal, e n'esta terra do Brazil, cercado então de selvagens indigenas, e de colonos sem instrucção, existia no meio, por assim dizer, da barbaria? Procurou traçar esses dialogos, como meio de moralisar o povo; logrou o seu intento; e convêm declarar que muitos autos sagrados, que com applausos se representavam em algumas côrtes de principes e reis da Europa d'aquella epocha, eram inferiores aos dialogos de José de Anchietta.

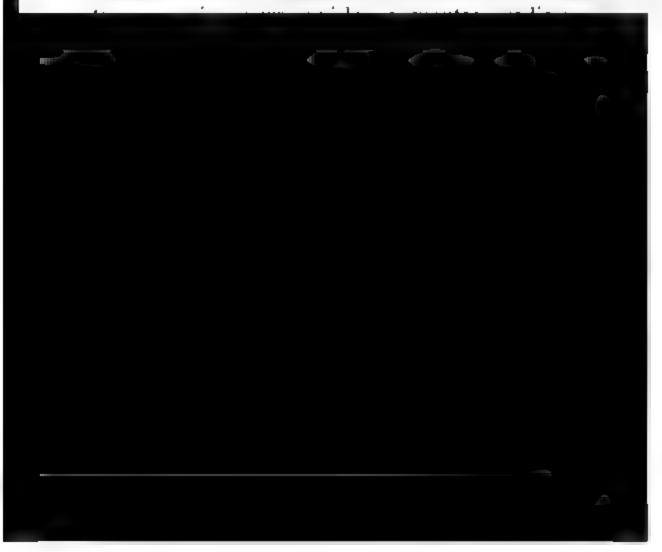
Causavam profunda sensação sobre seus ouvintes; e continham sua originalidade, porque os autos que se representavam nas côrtes de França, de Hespanha e de Italia, tratavam unicamente de assumptos religiosos, emquanto que os dialogos de José de Anchietta confundiam o profano com o sagrado, e os actos da vida humana com os julgamentos da potestade divina.

É na actualidade difficil, senão impossivel, apreciar devidamente a vida de trabalhos á que se entregavam aquelles Jesuitas. « Desde janeiro até agora (escrevia José de Anchietta ao geral Ignacio de Loyola, em agosto de 1554) que aqui vivêmos, não menos de vinte pessoas, contando os meninos

68

cathecumenos, em uma pobre casinha, feita de madeira e barro, e coberta de palha, com uma esteira de canas por porta, a qual não chega a ter quatorze passos de cumprimento com dez de largura: este estreito logar serve de eschola, enfermaria, dormitorio, cosinha e refeitorio, e nem por isso cobiçamos habitação mais folgada e agazathada, consolando-nos a ideia de que por nos remir N. S. Jesus Christo submetteu-se á maiores estreitezas e apertos, querendo nascer em um humilde presepio entre dous animáes, e soffreado ser pregado em uma cruz (12). »

Foi immensa a fama que lhe resultou de seus trabalhos; não só o estimavam e respeitavam os Europeus; não só o veneravam os mamelucos; senão também deixavam os gentios as suas tabas e flores-



tregavam confiadamente á vida civil e religiosa, e ao governo dos Padres da Companhia.

Com o tempo e a experiencia, conheceu José de Anchietta a necessidade de methodisar e uniformisar a cathequisação dos gentios; reunio em torno de si uma porção de discipulos, instruio-os, e á proporção que os foi conhecendo habilitados, animouos, e incitou-os á entranhar-se pelo interior do paiz, procurando as nações as mais distantes, os Purys, os Guaranys e os Guaycurús, á fim de converte-las á sociedade e á religião: foi José de Anchietta o inventor do melhor systema de cathequisações. Não faremos aqui a historia detalhada d'ellas, por que merece especial estudo, e trabalho separado d'este. Foram infelicissimos alguns dos seus discipulos; morreram ás frexadas dos barbaros os irmãos Pedro Correia e João de Sousa; lográram muitos porém victorias e triumphos que espantam, trazendo apóz de si innumeros gentios que se convertiam á fé de Deus; victorias e triumphos que bem compensáram os seus maravilhosos trabalhos, e que são manifestos testemunhos do quanto era poderoso sobre os Jesuitas o enthusiastico desejo de propagar a religião, e de salvar as almas perdidas!

Lembrou-se tambem José de Anchietta de fundar um collegio, separado do seminario, aonde se recolhessem e se educassem os meninos gentios, que com boas maneiras, e lisongeiras promessas, se obtivessem de seus pais: adquiriam-se assim para a

religião, e serviriam depois para coadjuvar as cathequisações de suas mesmas tribus; corresponden satisfactoriamente o resultado aos desejos do fundador; augmentou-se muito o numero dos discipulos; foram em pouco tempo as cathequisações da capitania de São Vicente as mais importantes do Brazil, e serviram de exemplo para as que, em maior escala, praticáram posteriormente os Padres em todas as partes da America. Os primeiros Jesuitas que entráram no Rio da Prata para o fim de coadjuvar os Hespanhões nas suas conquistas partiram de Piratininga, mandados por José de Anchietta: formáram elles o viveiro de Cordova, Tucuman e Paraguay, cujas missões são ainda actualmente tão celebrisadas, e cuja historia attráhe tanto interesse.

Com esforços inauditos conseguio assim José de



terceiro governador do Brazil ao esforçado Portuguez Mem de Sá, irmão do poeta Francisco de Sá de Miranda, de linhagem pura e nobre, e de feitos conhecidos e illustrados em diversas guerras.

Foi Mem de Sá guerreiro de tempera antiga, valente nas armas, e sabio nos conselhos; estreiou a sua administração no Brazil unindo-se perfeitamente com os Jesuitas, cujos importantes serviços e valioso prestimo lhe coube apreciar; acabou com o terrivel abuso dos Portuguezes estabelecidos na Bahia, Porto Seguro, Ilheos, e outros logares, que á pretexto da sentença que declarára escrava a nação dos Caéthés, pelo barbaro assassinato que, em 1556, nas margens do rio de São Miguel das Alagoas, haviam commettido na pessoa do primeiro bispo do Brazil, Dom Pedro Sardinha (14), confundiam de proposito os Caethés com as outras nações, e escravisavam a todas: protestáram os Jesuitas contra estes abusos, que alienavam as sympathias dos indigenas, e os tornavam de novamente inimigos dos Portuguezes, revivendo odios e guerras extinctas; empregáram todo o seu valimento para faze-los cessar; conseguiram de Mem de Sá uma ordem declarando os indigenas homens livres e eguáes, conciliando assim os gentios com os seus compatriotas, e desarmando sedições que a todo instante ameaçavam.

Em seguimento a esta ordem, tres outras publicou o governador, manifestando a harmonia existente entre o governo e os socios da Companhia;

uma prohibindo aos gentios comer carne humana, ainda mesmo a de seus inimigos, gosto com que muito folgavam algumas nações; prohibindo outra que houvessem guerras entre os indigenas, sem sua previa approvação; e a ultima determinando-lhes que se ajuntassem, se aldeiassem regularmente, levantassem casas e egreja, e obedecessem em tudo aos Jesuitas.

Em Pernambuco, Ilheos, Espirito Sancto, São Vicente, Bahia, Porto Seguro e Piratininga haviam fundado já os Portuguezes importantes povoações: possuiam todas collegios dos Jesuitas com varias escholas; a dous d'elles, o da Bahia e Piratininga, estavam annexos seminarios de instrucção, não perfeitos, mas accommodados á epocha e ás circumstancias: em outros pontos de menos valia,



Começava a colonia á ser tão considerada, que algumas nações da Europa, ambiciosas de sua conquista, entravam em relações com os gentios, e procuravam, attrahindo-os ao seu partido, encontrar n'elles, e dentro do proprio paiz, um apoio contra os Portuguezes: tomáram os Francezes a dianteira; destemidos Normandos atiráram-se aos mares, que denodadamente atravessavam, e em alguns pontos da Parahyba do Norte, e do Rio de Janeiro, ligandose aos Pittaguares (15) e aos Tamoyos (16), tentáram fundar varios estabelecimentos. Avultava entre elles um huguenoto, Nicolau Villegaignon, que á testa de força franceza, aproveitando-se de não estar occupada toda a costa desde o rio Itabapuana (17) até as immediações de São Vicente, praticou com os Tamoyos, encetou com elles interessante commercio, e fundou uma fortaleza nas ilhas de Uruçumerim, na bahia do Rio de Janeiro, a qual guarda o seu nome ainda hoje (18).

Deliberou Mem de Sá expellir do solo brazileiro a todos estes invasores: armou navios, e ordenoulhes que corressem a costa, e aprisionassem todos os barcos das outras nações que se encontrassem pelas suas proximidades: não lhe parecendo sufficientes estas providencias, concentrou forças bastantes de Portuguezes, Mamelucos, e Tupinambás da Bahia; com ellas se embarcou em 1560; aportou nos Ilheos, Porto Seguro, e Espirito Sancto; recebeu n'estes tres pontos novos auxilios, e dirigio-se

para o Rio de Janeiro com o fim de combater a Villegaignon e lança-lo para fóra do territorio brazileiro.

Não é logar aqui de narrar miudamente os acontecimentos e combates que sustenteu o governador; acham-se elles descriptos na Chronica da Companhia de Jesus por Simão de Vasconcellos, na Historia do Brazil por Sebastião da Rocha Pitta, na Historia da guerra brazilica por Francisco de Brito Freire, no Orbe Seraphico de Frey Antonio de Sancta Maria Jaboatão, e na obra importante que na lingua latina escreveu José de Anchietta, com o titulo de Feitos de Mem de Sá (19), fonte primaria em que beberam os chronistas seus successores as melhores noções e esclarecimentos para a historia da conquista do Rio de Janeiro. Minuciaremos unicamente, que Mem de Sá derroton os Francezes e Tamoyos colligados;



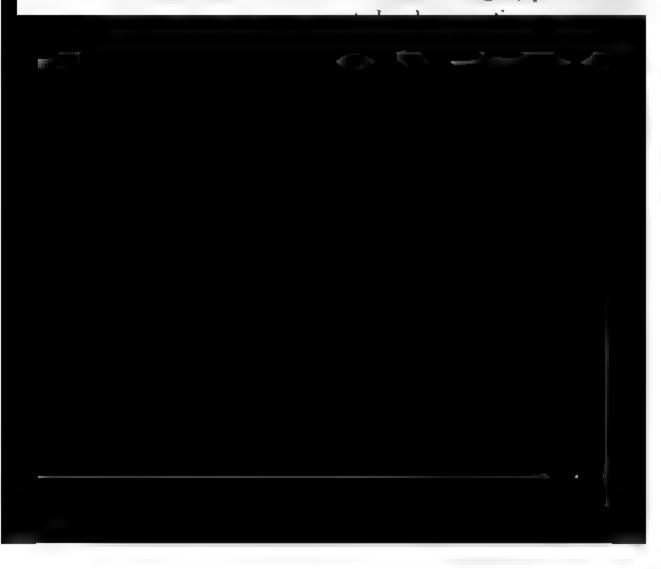
vam, e d'ella se temiam: parece mesmo que mais algumas noções sociáes tinham do que todas as do continente brazilico (20); viviam de perfeita paz com os Normandos, e se combináram para resistir aos Portuguezes; enfurecidos com aquelle feito do governador, deliberáram guerreiar á estes em toda e qualquer parte em que os encontrassem; para isso aprestáram grandes canôas, e navegando pela costa sul do Rio de Janeiro, começáram á encommodar os estabelecimentos de São Vicente e Santo Amaro: divididos em bandos, poseram em alarma as aldeias dos Goyannases, seus visinhos, e alliados dos Portuguezes, destruiram-lhes as casas, queimaram-lhes as plantações, mataram-lhes os que encontraram, e commetteram atrozes barbaridades; ousáram mesmo approximar-se de Piratininga, e assalta-la com desusada furia.

Os colonos, os padres e gentios ficáram atterrados; salvou-os a coragem que manifestou e desenvolveu José de Anchietta em tão arriscada conjunctura; de homem de paz tornou-se chefe de guerra; reunio o povo; nomeiou capitão a Tiberyçá, gentio cathequisado e valente; animou-os á defensa de seus lares e de suas familias; em pessoa marchou com elles ao encontro dos seus inimigos; travou combate tão feliz que conseguiu derrotar os sitiadores e expelli-los para longe do territorio.

Conheceu porém que exposta estava a capitania a continuados encommodos e assaltos, em quanto

se não celebrassem pazes com nação tão guerreira como era a dos Tamoyos. Deliberou faze-las: procurou para esse fim ao provincial Manuel da Nobrega, que se achava em São Vicente, e com elle combinou um arriscado e audacioso plano, que deveria dar-lhe o resultado que ambicionava.

Partiram José de Anchietta e Manuel da Nobrega para as aldeias dos Tamoyos mais visinhos, e que eram sitas na enseada de Ubatuba. Que trabalhos não padeceram n'esta viagem? « Podiam fazer (diz o padre Simão de Vasconcellos) (24), podiam fazer como São Paulo uma perfeita ladainha de seus trabalhos, cansaços, fomes, sedes, calmas, frios, ingratidões, mãos tratamentos, affrontas, traições e perigos de vida: o exemplo d'essa gloriosa missão de se metterem entre os barbaros inimigos, postos



os Jesuitas pretendendo combinar pazes, e os gentios resistindo-lhes, e ameaçando-os. Chegáram por fim á um accordo amigavel. Assentou-se que Manuel da Nobrega partisse só para São Vicente, a fim de obter a approvação dos Portuguezes ás condições da paz combinadas durante esta sua residencia entre os Tamoyos, e que entre elles como refem ficasse José de Anchietta. Quem folheiar as diversas obras antigas que tratam da vida de José de Anchietta encontrará um sem numero de factos, que honrando o seu caracter e instrucção, passáram n'aquella epocha como milagres, augmentando-se por este modo a reputação de sancto de que gozava. Apparece um entre elles, que por sua singularidade cumpre minuciar.

Notáram os Tamoyos que não procurava mulheres durante todo o tempo que entre elles passava; escolheram uma que era sobre modo formosa, e lha offereceram. Qual não foi sua admiração, quando lhes declarou José de Anchietta o voto de castidade que fizera entrando para a Companhia de Jesus! Subiu de ponto a veneração que lhe consagravam, e o acreditáram de origem divina; aproveitou-se elle d'esta occurrencia para melhor conseguir a sua cathequisação; levantou uma capellinha no meio de um bosque coberto de elevadas palmeiras; para ahi os chamava; explicava-lhes os mysterios do christianismo, e procurava moralisalos e converte-los á religião: os Tamoyos no entre-

78

tanto, si bem o attendiam com admiração e respeito, não se deixáram cathequisar, tanto era o odio que nutriam contra os Portuguezes!

Foi durante esta residencia de alguns mezes entre os Tamoyos que encetou o poema latino que dedicou á Santissima Virgem. Não tendo papel, nem pennas, e tinta para escrever, passeava pelas lindas e alvadias praias, que se deslisam amorosamente a perder de vista; compunha os versos, escrevia-os na areia, e procurava-los decorar.

De São Vicente voltou Manuel da Nobrega com a aceitação das pazes; assim conciliados os Portuguezes e Tamoyos, havendo os dois jesuitas cumprido a sua missão, regressaram tranquillamente para os seus lares. José de Santa Rita Durão, no seu poema de Caramuru, reconta este factos em versos admiraveis:



JOSÉ DE ANCHIETTA.

Mais de um verás pela campanha vasta

Derramar pela fé ditoso sangue;

Quem morto ás chamas o gentio arrasta,

Quem deixa á setta com o tiro exangue:

Velos-has discorrer de casta em casta,

Onde o rudo pagão nas trevas langue;

E ao céo lucrando as miseraveis almas,

Carregados subir d'inclytas palmas.

Apenas restituido á sua querida Piratininga, tratou José de Anchietta de escrever o poema que compuzêra entre os Tamoyos, e que confiára á memoria. Composto em versos latinos, revela grande erudição dos autores classicos antigos, e ao mesmo tempo intelligencia da litteratura hebraica, e estudo dos padres da Egreja christă: é a dicção pura, correcta e elegante, e os pensamentos appropriados, engenhosos e poeticos: muito pécca porém o plano, porque consiste em dividir a obra pelos diversos passos da Mãe de Deus, desde a conceição até sua exaltação, formando como que uma collecção de hymnos ou cantatas, dedicado cada um á descripção do passo a que se refere. Não é o imaginação de Milton descrevendo as primeiras scenas da vida e os mysterios primordiáes da existencia; não é a sublimidade de Klopstock, que poetisou toda a existencia mundana do Filho de Deus, e a sua admiravel resurreição; é antes uma alma pura, profundamente religiosa, que se derrama em sonoros gorgeios em honra da Sanctissima Virgem, e, como musica dolorosa do coração, improvisa agradaveis versos, que valem o

que vale um lindo passarinho, ou uma bella noite matizada de fulgurantes estrellas.

Manifesta a dedicatoria as impressões e a occasião em que foi composto o poema, e torna-o mais precioso por isso mesmo.

En tibi quæ vovi, Mater Sanctissima, quondam
Carmina, cum sævo cingerer hoste latus,
Dum mea Tamuyas præsentia mitigat hostes,
Tractoque tranquellum pacis incrmis opus:
Hic tua materno me gratia fovit amore,
Te, corpus tutum, mensque regente fuit.
Sæpins optavi, Domino inspirante, dolores,
Duraque cum ipso funere vincla pati.
At sunt passa tamen meritam mea vota repulsam,
Schicet heroas gioria tanta decet (22).

Depois da dedicatoria vem o exordio, que contém alguns lindos pensamentos.



Cujus inaccessam tenet ingens gloria lucem,
Cui velut innatus lumen amictus inest.

Quem nequit immenso comprendere corpore mundus
Conclusit ventris te brevis arca mei.

Egressusque meæ tener e penetralibus alvi,
In vili recubas, lux mea, nate, solo?

Nonne tua ingentem manus inclyta condidit orbem?

Nonne polus Domino servit uterque tibi?

Cur tibi tam vilem nascenti deligis ædem

Regia cur ortum non capit aula tuum?

Tu cœlum stellis, variis animalia villis.

Induis et viridi gramine pingis agros (24).

Continúa o poeta os seus canticos á chegada dos Reis Magos, á purificação da Virgem, á sua fuga para o Egypto, e ao seu regresso para Israel, á morte de Jesus Christo, e á sua ressurreição: n'esta ultima parte a poesia melancolica transborda por todos os poros, e é realmente o mais bello cantico do poema: as lagrimas da Sanctissima Virgem arrastam todos os peitos á dôr que ella parece sentir: foi livre ahi o poeta, desdobrou o seu vôo religioso e enthusiastico, e deslisou versos ungidos de verdadeira poesia, e do mais delicado sentimento.

Mens mea, quid tanto torpes absorpta sopore?

Quid stertis somno disidiosa gravi?

Nec te cura movet lacrymabilis ulla parentis,

Funera quæ Nati flet truculenta sui.

Viscera cui duro tabescunt ægra dolore,

Vulnera dum præsens quæ tulit ille videt.

In quocumque occulos converteris omnia Jesu

Occurrent occulis sanguine plena tuis.

Respice, ut æterni prostrato ante ora Parentis

Sanguineus toto corpore sudor abit.

Respice, ut immanis captum quasi turba latronem Proterit, et laqueis colla, manuaque ligat. Respice, ut ante Annan sienns divina satelles Duriter armata percutit ora manu (25).

Depois de pintar a exaltação da Sanctissima Virgem, termina Anchietta o seu poema com hymnos alegres em seu louvor, divididos pelas horas do dia, e que fazia cantar pelos gentios aldeiados, dentro da sua egreja, nas horas marcadas para as preces e orações. Deveria ser na verdade grandioso o espectaculo de reunir-se no templo todo o povo, ás matinas, ao meio dia, e ás ave-marias, e depois de exhorta-lo o sacerdote com conselhos e instrucção, para o encaminhar na verdadeira religião, desdobrarem todos de joelhos as suas diversas vozes, echoando ao mesmo tempo hymnos e preces, arrebatados de um sincero enthusiasmo, e respeito e

ao Rio de Janeiro, continuavam á negociar com os Tamoyos, e incitar os seus odios contra os Portuguezes. Praticou Estacio de Sá com José de Anchietta, que era a pessoa de mais influencia, e de maior consideração na capitania. José de Anchietta convocou e reuniu o seu povo, escolheu cerca de oitocentos homens, que animou para a empreza do capitãomór, e para que fosse mais efficaz e solido este auxilio, deliberou de acompanhar a Estacio de Sá, e servi-lo durante a sua expedição do Rio de Janeiro.

Partiu a armada de São Vicente, e chegou ao Rio de Janeiro, desembarcando a gente, que se estabeleceu no logar denominado hoje Praia Vermelha, entre o Pão do Assucar e Copa-Cabana; foram alli lançadas as primeiras edificações da cidade. Colligados os Francezes e Tamoyos attacáram o exercito do capitao-mór com todas as suas forças; a numero quadruplo de combatentes oppôz Estacio de Sá a pericia do chefe, e o enthusiasmo e valor dos soldados, animados continuamente pelas predicas, pelos conselhos, e pelas exhortações de José de Anchietta: tiveram os inimigos que retirar-se; não era todavia possivel ao capitão-mór collocar-se na offensiva, porque do lado de terra annuvião de gentios o esperava; do lado do mar, náus francezas, e grande copia de formidaveis canôas de guerra dos Tamoyos constantemente o incommodavam; tinha além d'isto que resistir a attaques que os inimigos dirigiam ás suas trincheiras, ora de dia, á luz clara, com leal-

dade; ora ás noites, ás vezes escuras e tempestuosas; de repente, ao grito de guerra solto á trahição, e no meio do descanso: tratáram o capitão-mór e José de Anchietta de não abandonar a empreza, e no entretanto de seguir este ultimo para a Bahia, á buscar auxilio do governador; porque sómente com elle se poderia terminar uma missão tão arriscada.

N'esta sua viagem á Bahia deixou José de Anchietta a classe de irmão, tomou ordens, e o gráu de sacerdote na Companhia de Jesus : tão perfeitamente desempenhou a sua missão, que, em janeiro de 1567, tinha já voltado ao Rio de Janeiro, trazendo em sua companhia o proprio governador, e grandes auxilios e reforços.

Foram crucis e longos estes combates dos Por-



sam e abrilhantam a bahia, formar os seus jogos e as suas dansas, curtiram de certo duras e amargas saudades; foram os Arabes fugitivos de Granada, que ainda além do braço de mar que separa Africa de Hespanha, do seio dos desertos, para onde se recolheram, confiam sempre seus suspiros ao ar, para que o ar os transmitta ao Xenil, ao Alhambra, e ás torres do Generalife: talvêz que no sacrificio se engrandeceram e se eleváram as suas almas; e como novas descendencias e gerações se tem desenvolvido, sendo como é o arquivo de seus livros a estampa de suas memorias, de onde imprimem de pais a filhos os acontecimentos notaveis dos seculos passados; si ainda os acompanha no seu desterro a saudade dos paizes que seus pais possuiram, tão ricos e encantadores, a dourada physionomia da liberdade os ampara e sustenta ao menos nos bravios sertões, que não são conhecidos ainda pelas nações civilisadoras!

Fundou Estacio de Sá a cidade do Rio de Janeiro; mas sellou com o seu sangue e a sua morte a gloriosa conquista que conseguira; uma frexada de Tamoyo audaz, com seu dente envenenado, atravessou o corpo do heróe, ainda na força da edade, e no principio da sua carreira militar (27). Com o estabelecimento da cidade, levantou José de Anchietta casa e egreja para a Companhia de Jesus no cabeço do morro do Castello, fazendo-se auxiliar n'esta obra pelas esmolas e serviços do povo. Mandou vir alguns

padres para o Rio de Janeiro, e tendo-lhes dado suas instrucções, retirou-se para Piratininga, procurando descansar dos seus trabalhos. Não era porém ainda tempo de cessarem elles. No anno de 1569 foi nomeado reitor do collegio de São Vicento, cargo penoso e difficil, que de raodo exemplar desempenhou todavia.

Em 1578 foi elevado ao cargo de provincial do Brazil.

Comprehendeu perfeitamente a importancia da sua nova missão; já não era o reitorado de um collegio, e ainda menos a direcção de um seminario, que lhe cabia; fóra-lhe confiado o governo supremo de sua ordem; não tinha que occupar-se unicamente com a cathequisação e civilisação de uma capitania; todo o territorio abraçado pelo Prata e pelo

trahindo á religião e á sociedade grande numero de gentios, que se deixavam arrastar e convencer por sua habilidosa eloquencia, e perfeitas virtudes, que reputação equivalia á sua, para gerencia de toda a Companhia?

Aceitou José de Anchietta o provincialado, e deu-se de coração ao desempenho dos seus novos deveres e obrigações.

Já no Brazil eram então os Jesuitas em subido numero. Além dos socios que de Portugal e Hespanha lhes vieram, attrahira a Companhia alguns noviços, formára irmãos, e ordenára padres; tinha em todas as cidades e povoações a sua casa, a sua egreja, e o seu seminario de instrucção; organisára em todas as capitanias differentes aldeias de gentios cathequisados, que lhe eram inteiramente subordinados.

Não se poupou José de Anchietta á trabalho nemum, que exigia o seu emprego de provincial: percorreu todas as capitanias, e todas as povoações; visitou e examinou os collegios dos padres e os seminarios de instrucção; deu-lhes nova organisação, reformando e amelhorando; applicou a todo o Brazil o seu systema de cathequisação dos gentios, formando em Pernambuco, Bahia, Espirito Sancto, e outros pontos que visitára, escolas de missionarios; por onde ia, prégava, aconselhava, e moralisava; por onde ia, corriam Portuguezes e gentios á lançar-se-lhe aos pés, acreditando-o mi-

lagroso; tanta bondade e tamanha actividade desenvolveu, que adoravam todos o seu nome; chamavam-no os gentios amarra-mãos (28), davam-lhe os Portuguezes o titulo de sancto.

Não lhe bastou ainda a immensidade d'estes trabalhos; sua devoção o levou á emprehender novos e mais extraordinarios; procurou em pessoa aquellas nações mais barbaras, com quem nunca os Portuguezes se poderam conciliar; embrenhou-se pelo interior das terras dos Tupinambás, procurou encontrar-se com os terriveis Aymorés (29), e com outras tribus não menos ferozes; appresentava-se desarmado perante ellas, fallava-lhes a linguagem da verdade e da religião, e conseguiu triumphos que verdadeiramente espantam! Quantas vidas salvou de prisioneiros que eram destinados ao terrivel sacrifi-



nificina de Alcacer-Quivir appareceram á sua imaginação, e se lhe pintáram sob as mesmas côres com que se realisáram (31)! Tão grande era o prestigio de que gozava, que, além de milagres, lhe attribuiam os contemporaneos visões e sonhos que lhe noticiavam o que se passáva, e até mesmo lhe faziam prever o futuro!

As melhores obras, e as instituições mais salutares do Brazil, que tiveram origem n'esses tempos, são ou creadas ou promovidas por elle; estreitamente ligado com o governador Luiz de Brito e Almeida, que succedera á Mem de Sá, fallecido na cidade da Bahia no segundo quatriennio de sua administração, achou-se habilitado o provincial para emprehender melhoramentos efficazes e gloriosos para o paiz: foi quem ideou e lançou os primeiros alicerces do magestoso collegio dos Jesuitas da Bahia, que mereceu descripção desenvolvida de Gabriel Soares, no seu Roteiro, ou Noticia do Brazil (32), e que o padre Manuel Ayres do Casal allega que estava já no seu tempo convertido em hospital da tropa, achando-se as salas ainda ornadas de muitos paineis, que representavam a vida de Santo Estanisláo de Kosca (33): foi quem mandou edificar e construir na mesma cidade a casa do Recreio dos Jesuitas, em um suburbio para o nascente, a qual, por ordem do governo portuguez, se transformou depois em hospital de Lazaros.

É devida tambem á José de Anchietta a egreja dos

90

Jesuitas do Rio de Janeiro, com seu outr'ora sumptuoso collegio da Companhia; como na Bahia, decahiu e perdeu a egreja o seu fausto: em hospital militar se converteu o collegio; teve egual sorte que a sua irmãe de Bahia a pittoresca casa de recreio, que José de Anchietta fizera edificar para os lados de São Christovam, emfrente de tantas esbeltas o viçosas ilhas, que matisam aquella parte interna da Bahia de Nictherohy.

Deve-lhe a provincia do Espirito Sancto a edificação, na sua capital, de um collegio de jesuitas vasto,
espaçoso, e substituindo a antiga casa que escolhera
o padre Affonso Braz para residir, e encetar a sua
gloriosa missão de cathequisar os gentios d'aquella
capitania: é actualmente a habitação dos presidentes
da provincia.



instituições importantes, que lhe deveriam dar os mais favoraveis resultados, ideou e fundou no anno de 1582, a Sancta Casa da Misericordia da cidade do Rio de Janeiro, que na actualidade é um dos mais importantes monumentos de philanthropia e beneficencia que possue o imperio.

Em 1585, cansado, e já na edade de 52 annos, pediu dispensa do cargo de provincial e a obteve do geral da companhia.

V.

Achando-se livre, e desembaraçado de trabalhos, retirou-se para o collegio do Rio de Janeiro, tencionando passar n'elle os seus ultimos dias de vida: bem debilitado estava já seu corpo; e que corpo humano resiste a tantas fadigas do espirito, e a tantos trabalhos materiáes? Empenhos porém dos seus companheiros o vieram ainda arrancar ao doirado repoiso que procurára; o collegio do Espirito Sancto que no seu provincialado mandára levantar de grandiosas proporções e gosto delicado, reclamava a sua presença, para a direcção dos obreiros e moralisação dos espiritos; deixou o Rio de Janeiro, e tomou a administração do collegio da Victoria.

Em quanto foi provincial tomára empenho pelo progresso de algumas aldeias de gentios Tupininquins, e Papanases, que estabelecêra na provincia do Espi-

rito Sancto. Tinha uma d'ellas o nome de Reritigbá, situada ao norte do rio Itabapuana, n'uma admiravel e extensa veiga, entrecortada de preguiçosas aguas, e rodciada de oiteiros elevados, que em certas epochas do anno vestiam-se de flores amarellas, como o brilhar do ouro, e de ramos rouxos, como a cór da margarida: é o logar em que está hoje assentada a pittoresca villa de Benevente. Amava tanto José de Anchietta os seus ares puros e a sua deliciosa tranquillidade, que a escolheu para sua residencia, apenas terminou o tempo do seu reitorado do Espirito Sancto.

Pelos gentios do Brazil sacrificára a sua existencia e a sua vida; para moralisa-los, e trazê-los á religião catholica, deixára todos os bens do mundo : no meio dos gentios quiz ainda viver a derradeira parte



transmitti-los aos vindouros, servindo de exemplo a sua veneravel memoria.

Contém esta collecção de vidas dos Jesuitas illustres uma historia desenvolvida da Companhia de Jesus, e é a fiel narração de todos os successos do Brazil, das suas primeiras explorações, dos costumes, usos, e cathequisação dos seus indigenas. Constitúe com a obra que anteriormente escrevêra sobre os feitos de Mem de Sá as melhores fontes, de onde extrahiram os chronistas e historiadores antigos e modernos, grande copia de esclarecimentos e materiáes para a historia do Brazil.

Sua intelligencia incansavel deu vida tambem a uma dissertação sobre a historia natural do Brazil, a qual encerra tantas investigações curiosas e importantes e analyse tão substancial dos objectos que enumera, que em 1812 a publicou a Academia Real de Sciencias de Lisboa, e o celebre naturalista francez Augusto de Saint-Hilaire extasiou-se diante d'ella, e proclamou a José de Anchietta por um dos homens mais extraordinarios do seu seculo (35).

Avançava todavia a edade, e o corpo procurava repoiso na sepultura: não podendo ir mais pessoalmente á egreja desenvolver a sua maviosa eloquencia, e nem assistir ás festas, ás procissões, e aos canticos religiosos dos gentios, que rompiam com os primeiros arrebões da madrugada; escolheu como Job o seu leito e o seu quarto, e chamava para perto de si os indigenas á fim de com elles praticar ainda;

achava-se collocada a casa da sua residencia sobre um pequeno oiteiro, de onde descortinava a vista toda a campina e todo o arraial, e lá, ao longe, susurrando sempre, o mar que se desfazia em grossas ondas sobre a praia alvadia e immensa, que se sumia aos olhos.

Atirado no leito para se não levantar mais, deixava domitar sonhando o seu coração, como lago de vida, em que sua alma se espelhava; bebia pelos olhos e pelos ouvidos o silencio e a magnificencia da natureza, e o desdobrar dos vales alegres e cultivados, que lhe appareciam; e exaltava-se ainda com a presença do oceano, que, no limiar da vida, o saudára, e como seu fiel amigo parecia queror assistir á sua despedida do mundo.

Mal se divulgou a noticia de que se achava en-

cuidado, e que como Eliseus rivalisavam já em feitos gloriosos com o seu mestre, na grande obra da cathequisação dos gentios.

Conservou constantemente o seu espirito livre, e o seu fallar rescendendo no mesmo fogo, e estylo mavioso; nada perdeu o semblante de sua amabilidade e alegria; não desmereceu a sua côr trigueira; não se abatteram os seus olhos azulados : e todavia essa familia de religiosos, que o cercava n'aquelle momento supremo, tinha talvêz mais ternura do que a propria familia natural; o membro, que perdia, contava ella encontra-lo ainda, porque confiava na vida eterna; havia lagrimas; parecia porém que todos aspiravam a felicidade do heróe christão, que se desapegava do mundo, e que os não deixava, mas que sómente precedia-os na eternidade.

Pedia José de Anchietta de quando em quando que lhe lessem um pouco das confissões de Santo Agostinho, e das obras de São Basilio; extasiava-se sempre que chegavam á pagina em que São Basilio exclama enthusiasmado:

« Como os que dormem em um navio são levados ao termo de sua derrota, tambem na carreira da vida somos todos arrastados continua e insensivelmente para o nosso fim derradeiro: estás á dormir, olha que o tempo te escapa; estás á velar e á meditar, menos te não escapará a vida; diante de tudo passarás, e tudo deixarás apóz ti. »

Haviam sido São Basilio e Santo Agostinho os

padres da Egreja cujas obras mais folgava de lêr e cujos feitos mais admirava : havia entre os primeiros apostolos do christianismo, e os Jesuitas, apostolos do Brazil, uma perfeita homogeneidade; prégavam aquelles no meio de barbaros, expostos continuamente ás perseguições e á morte, e, com firmeza inabalavel, oppunham constancia d'alma, consciencia pura, e fé na sua missão, á corrupção geral, que minava o mundo, que parecia então desabar com o tempo: atiravam-se estes nos desertos, sós e inermes; procuravam selvagens embrutecidos, arriscavam sangue e vida, despidos de quaesquer sombras de medo : si com eloquencia consummada prégavam os primeiros a necessidade de uma nova crença, que regenerasse o mundo, e fizesse desapparecer o polytheismo de terrestres simulacros, que



missionarios da India e do Brazil, os Nobregas, Gras, Navarros, Pires e Franciscos Xavier: animavam a uns e a outros o mesmo zelo apostolico, e o mesmo enthusiasmo religioso; uns regeneráram o mundo velho; creáram os outros um novo mundo (36).

Foi longa a sua molestia, e sensivel a decadencia do corpo que d'ella resultava; mas como a luz derradeira do sol, que dura mesmo depois que elle se esconde por detraz das altanadas serranias, ou se mergulha nas distantes vagas, só pouco e pouco, vagarosa, e compassadamente, foi a sua vida perdendo o brilho e a claridade; parece que com antecedencia previo o seu derradeiro momento, conservando o espirito sempre robusto e tão vigoroso como d'antes. Pode despedir-se dos amigos, dar a bençam aos fieis, e animal-os a continuar na senda das virtudes; feixou os olhos, e encostando aos labios o crucifixo do Redemptor, expirou no dia 9 de junho de 1597.

As costas carregáram os indigenas o seu corpo até a villa do Espirito Sancto, distante quinze leguas de Reritigbá, formando uma prestito funebre de mais de trezentos: depositáram-no na capella de São Thiago da egreja dos Jesuitas, d'onde alguns annos depois foi trasladado para a Bahia, e sepultado junto ao altar mór do magnifico templo do collegio da Companhia, segundo as ordens do geral Claudio de Aquaviva; para Roma foi remettida uma reliquia, no intuito de se encetar os processos da canoni-

98

sação, e ser pela Egreja declarado sancto; estes processos, por falta de proseguição porém, não poderam concluir-se ainda.

Asseveram os chronistas que era José de Anchietta de corpo pequeno e mirrado, de physionomia morena e agradavel; adquirira na mocidade o aspecto de um velho, com a deslocação de uma das vertebras, em occasião em que encetava no Brazil a sua gloriosa missão: tinha olhos vivos e perspicazes, e maneiras, e palavras, que lhe attrahiam geral veneração e respeito.

NOTAS.

- (4) Chronica da Companhia de Jesus, por Balthezar Telles, provincial de Portugal, e chronista da ordem, tomo II.
- (2) Vida do veneravel padre José de Anchietta, por Simão de Vasconcellos.
- (3) Varões illustres da Companhia de Jesus, por Eusebio de Nurembergue.
 - (4) Chronicas da Companhia de Jesus, por Nicolau Orlandini.
 - (5) Chronica da Companhia de Jesus, por Pedro Rodrigues.
 - (6) Vida de José de Anchietta, por Estevam da Paternina.
 - (7) Vida de São Francisco Xavier, pelo padre João de Lucêna.
- (8) Frei Agostinho de Avila, na sua *Historia do Mexico*, e o bispo de Chiapa, Dom Bartholomeu de Las Casas, nas suas obras transcrevem esta bulla.
 - (9) Redes de algodão.
- (10) Instrumentos sonoros de que usavam os gentios de Brazil para as suas festas.
 - (11) Raça mestiça.
- (12) Cartas de José de Anchietta ao geral da Compenhia, publicada pelo Instituto historico e geographico do Brazil.
 - (13) Chefes das aldeias.
- (14) Francisco de Britto Freire na sua obra da Nova Lusitania, Historia da Guerra brazilica, narra miudamente este facto, e transcreve os fundamentos da sentença que captivou os gentios, auctores de tão nefando assassinato.
 - (15) Nação que habitava na Parahyba do Norte.
- (16) Nação que habitava desde o Cabo de São Thomé até as immediações de Ubatuba, ou Iperoig, na linguagem indigena.
 - (17) Limite entre a provincia do Rio de Janeiro e o Espirito Sancto

7.



- (18) A capitania de Martim Affonso começando de São Vicente para o Norte devia encontrar com a de Pedro de Góes : esta se comprehendia entre o cabo de São Thomé, perto de Macahé, e o río Itabapuana, terreno habitado pelos Goytacases, que destruiram completamente os estabelecimentos de Goes, e o obrigaram a abandonar a sua capitania, que foi então incorporada ás terras da Coróa. Os Francezes capitanesdos por Villegaignon achando o Rio de Janeiro e Cabofrio em abandono, tentaram formar ali estabelecimentos, que os Portuguezes destruiram.
- (10. De rebus gestis Mem de Sá (ms.), que parece que se acha na Biblioteca publica do Rio de Janeiro.
- (20) Varios escriptores, e denominadamente Gabriel Scares, Lery e Hans Stadt, especificam os Tamoyos do Rio de Janeiro como os menos selvagens dos gentios. O bello poema do senhor D. J. G. de Magalhães, intitulado Confederação dos Tamoyos, canta seus usos, seus costumes, soa vula, e seus combates, de modo a dar-lhes preferencia a todas as demais tribus que babitavam o Brazil.
- (21) Naticias curiosas e interessantes sobre as cousas do Brazil, pelo padre Sunão de Vasconcellos.
 - (22) For-nos mostrada uma traducção em versos portuguezes pela





JOSÉ DE ANCHIETTA.

494

exhorta-me e arracta-me a tecer-te encomios; mas a lingua contaminada de tantas maculas recusa proferir ten sancte nome. »

- (24) « Deus omnipotente, pela portentora mequina do mundo apregoado seu auctor, e Supremo Arbitro, que com teus esplendores enriqueces o céo de ineffavel gloria, e que na extensac de universo não podes ser abrangido; como te quizeste encerrar no breve espaço do meu ventre, e sahindo d'elle, jazer reclinado na humilde terra, ó fiño adorado, e luz de meus olhos? Não foram tuas mãos que formáram o espaçoso orbe? Não dominas tu de um a outro polo? Porque então escolheste templo tão humilde para tua morada? Tu, a quem os crovado podem conter, que povoas de lucidas estrellas o firmamento, que revestes os animées, e aformoseas os prados e campinas de flores e verdura! »
- (25) « Porque, minha alma, dormes preguiçosa grave somno? Nem te commove o cuidado da chorosa mãe, que pranteia a barbara morte de sen unico filho? Pedernáes entranhas se endurecem á dor d'aquella que viu, presenciou e curou tantas chagas humanas : para qualquer parte que voltares a vista, verás com teus olhos tudo banhado com o precioso sangue de Jesus : vê como em presença da Sanctissima Virgem se acha postado o sacrosancto corpo lavado em sangue ; olha como vai preso, como se fora um ladrão e malfeitor, no meio da turba, atado com cordas ao pescoço e nas mãos ; vê como diante de Anáz lhe fere a divina face a malvada quadrilha armada que o acompanha! »
- (26) Francisco de Britto Freire e Simão de Vasconcellos asseveram que entre os gentios existia uma antiquissima tradição de haverem habitado em Cabo-Frio duas poderosas familias, trazidas por Tupá ou seu Deus, a fim de povoar a America: por isso era o promontorio de Cabo-Frio muito venerado entre elles, e especialmente pelos Tamoyos, do Rio de Janeiro.
- (27) Perto do altar mór da igreja de São Sebastião do Castello, autiga sé da cidade de Rio de Janeiro, acha-se o tumulo de Estacio de Sá : pouco abaixo do altar mór da mesma egreja está enterrado Manuel da Nobrega, primeiro provincial dos Jesuítas no Brazil.
 - (28) Payé-Guassu.
 - (29) Ou Botocudos, como lhe chamavam os Portuguezes.

402 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

- (30) Corda que amarra o prisioneiro, que deve morrer, para ser comido nos banquetes dos indigânes.
- (31) Além de outros anotores, Sebastião da Rocha Pitta commemora este facto.
- (32) Impressa no. 3º vol. das Noticias para a Historia e Geographia das Nações ultramarinas, da Academia Real de Sciencias de Lisboa, em 1825. Contem os mais interessantes esclarecimentos sobre a historia e geographia do Brazil, e os primeiros estabelecimentos dos Portuguezes. Esta hoje provado que esta obra, que por algum tempo pessara por composição de Francisco da Cunha, é escripta por Gabriel Soares, que viajara o Brazil pelos ultimos annos do seculo XVI, segundo os luminosos descobrimentos do senhor F. A. Varnhagen.
 - (33) Corographia brazilica, tomo II.
- (34) Brasilia societalis historia et vila clarorum Petrum ques in Brasilia vixerunt.
- (35) Saint-Hilaire, Voyages au district des diamants et littoral du Brésil, tome II. page 4. Estas cartas, com o titulo Epistolæ quamplurimarum rerum naturalium, quæ S. Vicentii provinciam incolunt, sistems descriptionem, etc., foram publicadas pela Academia Real



II.

JORGE DE ALBUQUERQUE COELHO.

Em 23 de abril de 1539, e em Olinda de Pernambuco, nasceu Jorge de Albuquerque Coelho, filho de Duarte Coelho Pereira, e de Dom Brites de Albuquerque: era seu pai descendente da antiga linhagem portugueza dos Coelhos; pertencia sua mãe á familia illustre dos Albuquerques.

Militára valorosamente na India Duarte Coelho Pereira; assistira ao combate e tomada de Malácca, e regressára para a sua patria, em 1527, coberto de cicatrizes e de gloria. Para premio e recompensa de seus relevantes serviços, na distribuição que fez das terras do Brazil, o aquinhoou ElRei Dom João III com toda a costa comprehendida entre os rios São Francisco e Santa Cruz de Iguarassú, por carta de doação datada de 10 de abril de 1535, e foral de 24 de outubro do mesmo anno.

Como aos demais donatarios entre que se dividira o territorio do Brazil, era de sua obrigação

OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

povoar, cultivar e estender para o interior a sua capitania, conquistando as terras de que se achavam os indigenas de posse; tinha o direito de nomear os officiáes de justiça, prover a todos os empregos, e usar das reáes regalias, com a excepção de condemnar á morte, cunhar moeda, e negociar em páu Brazil. Deveria tambem o donatario perseguir os corsarios, e pagar á Corôa um imposto annuo, como reconhecimento da real suzerania.

Esquipou uma frota Duarte Coelho, na qual se embarcou com sua mulher e parentes, deixando Lisboa, e levando para a colonisação do seu feudo grande copia de familias portuguezas, e todos os precisos utensis para as explorações, e o cultivo do terreno: estabeleceu a sua capital em um levantado outeiro, coberto de verduras, e de frondoso arvo-

precipitar sobre os Portuguezes copia immensa de inimigos.

Pareceu ao começo sorrir a victoria aos gentios com o assedio que empregáram, prohibindo a entrada de mantimentos e aguada de que não era abastecida a povoação. Referem o abbade Barboza Machado (1), Frey Antonio de Santa Maria Jaboatão (2), e Frey Vicente do Salvador (3), que foram salvos os Portuguezes pelo engenho de um Vasco Fernandes de Lucena, que residia ha muitos annos entre os indigenas, o qual, tendo escapado de um naufragio, e adoptado a vida errante dos seus hospedes, soube ás gentias insinuar amores pelos Portuguezes, e ás escondidas e de noite, levavam ellas alimentos e vasos de agua aos sitiados de Olinda, passandolhos pelos muros que lhes serviam de defensa.

Foram por fim derrotados os indigenas, e pode o donatario gozar livremente da capitania, e estabelecer povoações e engenhos em derredor de Olinda: para completar a sua obra, mandou por algum tempo cruzar varios navios pela costa da sua donataria, a fim de difficultar communicações entre os indigenas e Francezes, que começáram a entreter com elles relações intimas, cortando por este feitio todo e qualquer alimento de zizania e intriga: por modo, que já pela força das armas, já pelos meios de brandura, obrigou os gentios á paz, e á conciliação.

Por esse tempo lhe nasceram dous filhos, Duarte Coelho de Albuquerque, em 1537, e Jorge de Albu-

406 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

querque Coelho, na epocha que deixamos mencionada: foram ambos em tenra idade mandados para Portugal, a fim de serem educados nas cousas que faziam então a educação da sua nobilissima estirpe.

Falleceu em Olinda Duarte Coelho Pereira em 7 de agosto de 1554, tendo gozado da ventura de presenciar o prospero e crescente engrandecimento de seus dominios : tomou sua viuva o governo da capitania; mas debeis eram suas forças de mulher para as immensas difficuldades da administração : já mortificados pelos máus tratamentos dos Portuguezes durante a administração da regente, já desareciosos d'aquelles a quem faltava o valoroso chefe, tornáram-se inimigos de novo os Caethés; foi a guerra tão cruenta, que em eminente perigo se achou por



JORGE DE ALBUQUERQUE COELHO.

coelho não só desbaratou completamente as hordas dos audaciosos indigenas, senão tambem estendeu os dominios que pertenciam a seu irmão mais velho, por direito hereditario da fidalguia, muito além dos terrenos aonde chegára seu pai: entranhou-se pelos espessos sertões, subio por muitas legnas o fermoso rio São Francisco até quasi á famosa cascata de Paulo Affonso; reconheceu e apoderou-se das suas margens, e durante cinco annos de guerra, acoçou os gentios, derrotou-os sempre, e com triumphos tão assignalados, ao passo que os reduzio ao temor dos Portuguezes, firmou de uma vez para sempre a segurança e paz da capitania.

Regressou Jorge de Albuquerque para Lisboa no anno de 1565, deixando o novo donatario na posse tranquilla de seu feudo.

Tormentosissima porém foi a viagem. Encontrou, em meio do caminho, uma náu de corsarios francezes, que n'essa epocha assaltavam os mares. Após porfiada resistencia foi preciso ceder e entregar-se. Os Francezes tomáram conta da náu Sante Antonio, que era o nome da portugueza, e declaráram prisioneiros a tripulação e os passageiros.

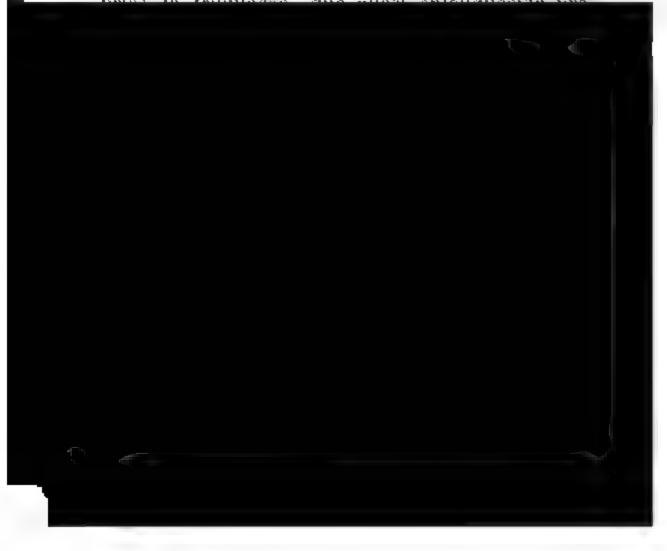
Navegando ambas á vista, sobreveio uma temporal que as maltratou por muitos dias; a náu portugueza soffreu mais, por que mais velha e arruinada estava. Temendo perdê-la, tiráram-lhe os Francezes de bordo os seus homens, e os mais

466 OS VARÕES ILLUSTRES DO BNAZIL.

preciosos objectos que encontráram, abandonando-a depois com toda a gente portugueza ao furor inclemente das ondas.

Por vêzes pareceu submergir-se a infeliz náu no profundo pélago: perdidos os mastros, e fazendo agua por varios logares, andou por muitos dias vagando á mercê dos mares depois ainda que serenou a procella: e para cumplemento de males a sede e a fome apertáram tanto os navegantes, que já se nutriam com os restos de panos velhos, e muitos d'elles se fináram á mingua.

Conta o poeta Bento Teixeira Pinto (4), que ia de passagem á bordo, que a constancia e o animo de Jorge de Albuquerque Coelho poupou mais lamentaveis desastres, já accalmando aquelles que desesperados tentavam matar-se, e já incitando os



JORGE DE ALBUQUERQUE COBLHO.

grangeára sympathias pelas sua acções caritativas e briosos procedimentos.

Approximava-se então para Portugal uma crise memoravel e lugubre. O monarcha, a quem errada educação insinuára brios de procurar e affrontar perigos, e de perseguir a todos que não adoptavam e abraçavam o catholicismo, premeditou a conquista d'Africa, arrancando-a á crença do Profeta. Fizeram-se para a expedição os maiores preparativos; ardiam os nobres portuguezes de quebrar elmos de Agarenos, e de conquistar terras de infieis; deixou Duarte de Albuquerque Coelho a sua terra de Pernambuco, confiando a administração a seu tio Jeronymo de Albuquerque: unio-se á flor da fidalguia, que devia acompanhar a seu rei. Foi Jorge de Albuquerque Coelho nomeado enfermeiro mór do exercito, e commandante de uma columna de cavallaria, ás ordens immediatas de Dom Diogo de Souza.

Completos os preparativos, embarcou-se, em 1578, ElRei, a nobreza e o exercito; ficou Portugal entregue a cinco governadores, o arcebispo de Lisboa, Dom Jorge de Almeida, Pero de Alcaçova, Francisco de Sá, e Dom João Mascarenhas: depois de tormentosa viagem, aportou a frota em Tangere.

Não cabe aqui descrever miudamente todos os graves acontecimentos que tiveram logar n'esta expedição famosa, que acabou por um sanguinolento combate ás margens do rio Luco, e que causou a

440 OS VARŌES ILLUSTRES DO BRAZIL.

ruina de uma das primeiras monarchias europeas; uma ou outra pequena circumstancia apenas relevaremos, para completar os successos da vida do illustre Brazileiro que figurou n'ella com tanto inzimento.

Teve logar a batalha no dia 4 de agosto de 1578 nos campos de Alcacer-Quivir, entre as tropas portuguezas e o exercito de Muley Moluco, rei de Fez, Marrocos e Trudante. Dardejava o sol tão abrasadores raios, que pareciam incendiar a terra : perden Dom Sebastião o cavallo que foi atravessado pela bala inimiga : em tão triste occurrencia em que ElRei, que era conhecido pela côr original de suas armas, correu imminente perigo de cahir nas mãos dos infieis, appareceu-lhe Jorge de Albuquerque gravemente ferido e ensanguentado, e lhe offerenceu o seu verancio cinoto. É exte facta commente



JORGE DE ALBUQUERQUE COBLHO.

exercitos, em que se esvaïa a vida no meio dos peloiros, ao tinir das armas, e exaltados os espiritos de furor, vingança e enthusiasmo; estava o campo coberto de cadaveres; com sangue misturava o rio Luco as suas limpidas aguas; traspassava e infeccionava a atmosphera o fetido dos mortos; e sobre esses desgraçados restos atirava-se uma nuvem de salteadores, que rasgavam as vestes tepidas e humidas, roubavam a corpos inanimados os dinheiros e joias, que ainda guardavam, e carregavam no meio dos risos infames, desapiedadas e indecifraveis alegrias, os despojos que não a valentia e o ardor dos combates lhes trouxeram, mas que lhes conseguiram ás occultas a protervia e o crime.

Felizmente que faz a Providencia divina sahir ás vezes do cumulo de males venturas inauditas: como mortos jaziam muitos individuos, que ainda o não eram, e a esperança de maiores lucros animou a essas harpias, que esvoaçavam por cima dos cadaveres, a salvar-lhes a vida e tomar d'elles cuidado, para os venderem como escravos, apenas voltados ao gozo da saúde: foi Jorge de Albuquerque Coelho um dos infelizes, que do combate e das ancias já da morte passou para o captiveiro dos Mouros: que dôres crueis, não só as dôres moraes, que assaltavam-lhe o coração e a mente, como em turbilhão continuado, mas dôres physicas tambem que lhe resultavam das feridas que recebera! Foi para Fez conduzido em um carro. Seffreu longa e dolorosa operação nas pernas,

05 VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

da qual resultou ficar d'ellas aleijado, e para poder sustentar-se, e andar de pé, vio-se obrigado á usar de muletas.



fantasticas reminiscencias de heróes que ali se fináram, e cujo prototypo é, sem contestação alguma, o infante Dom Fernando, prisioneiro em 1438, e que preferio, martyr da sua patria, fenecer e morrer agrilhoado entre infieis a entregar-lhes Ceuta, conquistada pelos Portuguezes.

Com Jorge de Albuquerque Coelho foram captivos e martyres seu irmão Duarte de Alburquerque Coelho, Jeronymo Côrte-Real (6), Diogo Bernardes (7), Luiz Pereira Brandão (8), e varios outros Portuguezes illustres por sangue, por talentos ou pelas qualidades: receberam Fez e Marrocos um numero avultado de christãos, que a batalha de Alcacer-Quivir atirou nas prisões e no captiveiro.

Como viveu Jorge de Albuquerque Coelho durante o tempo da sua escravidao, que não durou menos de dous annos, diga-o a imaginação capaz de fantazia-lo: pesava-lhe de certo o defeito physico com que ficára marcado; mortificava-o o captiveiro que soffria; mas como poderia lembrar-se o desditoso, sem que aos olhos lhe saltassem as lagrimas, não só da vida alegre, feliz e venturosa, que passára, senão tambem do estado desgraçado a que estariam reduzidas a sua patria, e a donataria dos seus pais! que dôres o assaltariam quando se lembrasse que não poderia batter-se mais em campo raso com os seus inimigos, travar com elles luctas cavalheirosas, quebrar arnezes e ufanar-se com victorias e triumphos!

Dor e afflicção egual que não tem nome no hymno.

114 OS VAROES ILLUSTRES DO BRAZIL.

das dôres, mas que sobe á escala indifinivel! reminiscencias, que são duros e crueis sacrificios e que devem torturar o espirito, e completamente anniquila-lo! é a perda de toda a esperança, quer de salvar-se do captiveiro, e de gozar ainda da vida, quer de se prestar ao seu paiz, e de servi-lo dedicadamente! quanto soffreu sem duvida, na sua escravidão de Fez, o general Jorge de Albuquerque Coelho!

Com muitos dos seus companheiros de infortunio resgatado, á custa de pesadas sommas pecuniarias, que a caridade publica fornecia, e que conseguia esmolando a ordem religiosa para esse fim instituida, sommas com que se compravam aos Mouros os seus captivos; pode voltar por fim para Portugal e para o seio dos seus amigos e parentes.

Mas que differenca em Portugal! Como estava

Crato que pegou em armas, e chamou Portuguezes ao combate: contraria correu-lhe porém a sorte, e venceu Felipe II; todos os que nutrindo idéas ainda de independencia, e odio ao jugo hespanhol, contra elle se declararam, ou unindo-se ao prior do Crato, ou sem aceitar o governo de Dom Antonio, desejando para Portugal outro rei, que não fosse o monarcha castelhano, tiveram de resignar-se ao exilio, para escapar á prisão, ou á morte.

Havendo fallecido Duarte de Albuquerque Coelho durante o seu captiveiro na Africa, a seu irmão Jorge de Albuquerque veio a pertencer a capitania de Pernambuco na falta completa de descendentes directos, pelo direito hereditario: mas, com a sujeição de Portugal, ousáram assaltar os Hollandezes e Francezes as antigas possessões que tanto sangue haviam custado aos Portuguezes. Era Pernambuco uma das donatarias mais ferteis, e portanto das mais ambicionadas, e para ali convergiam aquelles povos as suas vistas, pretendendo conquista-la.

E que podia fazer Jorge de Albuquerque Coelho? Não lhe roubára a existencia a batalha de Alcacer-Quivir; deixára-o porém exhausto de fortuna e de meios para soccorrer a sua capitania, e inhabilitado de corpo para pessoalmente defende-la; e podia o filho de Duarte Coelho contentar-se com a sorte do invalido?

Para consolar-se, chamou em seu auxilio a intelligencia, e ella lhe não faltou: escreveu diversos tra-

416 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

tados moráes e políticos, e memorias importantes sobre as guerras do Brazil, durante as primeiras explorações; pelo juizo critico dos chronistas contemporaneos, ao passo que revelam estas memorias o apurado talento do seu auctor, offereciam para aquella epocha as mais perfeitas e verdadeiras noticias de estado de Pernambuco, e interessavam de bem perto aos estadistas portuguezes (9).

Ainda que Felipe II conhecia o quanto lhe era infenso o animo de Jorge de Albuquerque, que soffria de ver Portugal governado por monarchas estrangeiros, mostrou todavia grande apreço por suas memorias, e sollicitou do auctor que continuasse a escreve-las para gloria sua, e da nação portugueza: e querendo dar-lhe um testemunho mais elevado do seu apreço, offereceu-lhe enviar alguma força para Pernambuco, que sustentasse a sua capitania contra



os caudalosos mares, tomar conta das redeas do governo, collocar-se á frente de seu povo, e conduzi-lo á victoria, como tão gloriosamente o fizera na sua mocidade; para engrandecimento e prosperidade da terra que o viu nascer, e que vinha doce e fantasticamente susurrar em todos os seus sonhos, pelo menos a soccorria conforme as suas forças, e por este modo satisfazia a seus desejos patrioticos.

E logo que á edade varonil chegou o seu filho Duarte de Albuquerque Coelho que nascêra em Lisboa, mandou-o para Pernambuco, como seu representante, como sua propria imagem, á fim de animar com a sua presença o povo que lá existia, aprender a batalhar, e conhecer e amar o solo feliz que fôra patria de seu pai, e era o feudo de sua familia, conquistado pelos seus antepassados á custa dos seus braços, do seu sangue, e da sua vida.

É inteiramente ignorada a epocha do fallecimento de Jorge de Albuquerque; desde que regressou do captiveiro de Fez, não sahiu mais de Lisboa; n'esta cidade teve sem duvida logar a sua morte: os chronistas que historiáram os successos de sua vida não mencionáram o seu termo; o que se sabe é que ainda no anno de 1596 vivia Jorge de Albuquerque Coelho, general reformado do exercito portuguez, guerreiro coberto de cicatrizes e de gloria, e litterato conceituado pela sua erudição e pelos seus talentos.

NOTAS.

- (1) Bibliotheca hisitana, tomo III.
- (2) Orbe seraphico, primeira parte.
- (3. Nanuscripto sobre as cousas de Pernambuco, de data de 1719.
- (4) Anda publicada esta narração de Bento Teixeira Pinto no segundo tomo da *Historia tragica maritima*.
 - (5) Varia historia, batalha de Alcacer-Quivir.
- (6. Auctor do Cerco de Diu e do Naufragio de Sepulveda, admiraveis poemas
 - (7 Poeta illustre portuguez, auctor dos poemas denominados o



III.

SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENAVIDES.

I.

Foram Mem de Sá, Estacio de Sá e Salvador Correia de Sá, os fundadores da cidade do Rio de Janeiro; o primeiro, governador geral do Brazil, retirou-se para a Bahia, capital então do estado; pagou o segundo com o seu sangue e a sua vida a gloriosa conquista para que tanto concorrera; e governou-a o terceiro até que, em 1572, recebeu ordem de passar a administração a Christovam de Barros.

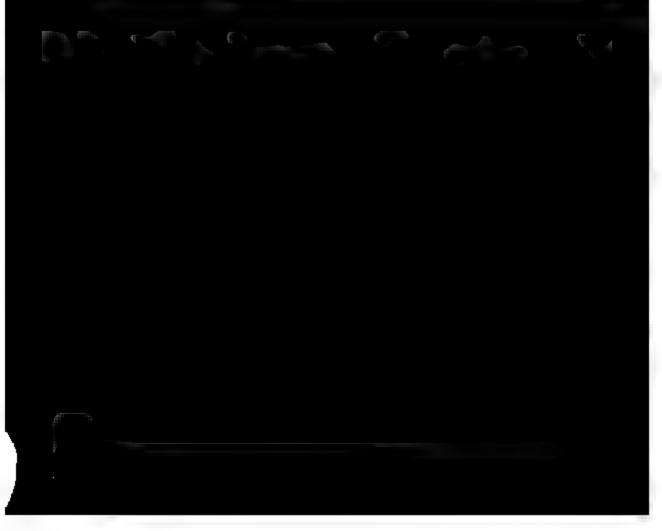
Era o governo da capitania do Rio de Janeiro subordinado ao governo geral do Brazil; no anno de 1574, considerou ElRei Dom Sebastião que melhor seria dividir a administração en dous governos independentes, com as denominações de Sul e Norte, sendo capital de primeiro a nova cidade do Rio de Janeiro, para o qual nomeou a Antonio de Salema; e continuando a Bahia capital do segundo.

Não durou muito tempo esta deliberação; appareceram inconvenientes de tamanha gravidade que, em 1577, ordenou ElRei que voltassem as cousas ao seu antigo estado; e foi novamente nomeado

120 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

Salvador Correia de Sá governador do Rio de Janeiro subordinado ao governador geral do Brazil.

Complicada e trabalhosa era de certo a tarefa do governador do Rio de Janeiro; não lhe cabia sómente lançar os fundamentos da cidade, conceder sesmarias de terras, animar o cultivo d'ellas, e premover o augmento da população; tinha que sustentar continuas guerras contra os gentios Tamoyos, que á força, e unicamente no derradeiro extremo, cediam o terreno, e retiravam-se então para o interior a refugiar-se nos sertões desconhecidos pelos conquistadores. Cathequisáram-se, aldeiáram-se, e traváram-se de amizade com os Portuguezes, quasi todas as nações e tribus dos indigenas do Brazil, já com o medo e temor das suas armas, já movidas pelas praticas habilidosas dos Jesuitas, que as procuravam, tranquillisavam e chamavam ao gremio



SALVADOR CORREIA DE SA E BENAVIDES. 424

Brazil essa nação cavalheirosa e valente, que a força venceu, mas que se não curvou aos vencedores.

Durante o primeiro governo de Salvador Correia de Sá, nasceu-lhe um filho no Rio de Janeiro, Martim de Sá (1). Em 1590, casou-se Martim de Sá com Dona Maria de Mendonça Benavides, filha de Dom Manuel de Benavides, governador de Cadiz: em 1594, achando-se empregado Martim de Sá nas obras militares do Rio de Janeiro, ainda sob o governo de seu pai, Salvador Correia de Sá, veio ao mundo seu filho Salvador Correia de Sá e Benavides, que foi no mesmo anno baptisado na freguezia de São Sebastião, hoje sé velha (2). A quasi todos os membros da familia dos Sás coube a honra de dirigir a administração da capitania do Rio de Janeiro. Foram por diversas vezes seus governadores Mem de Sá, Estacio de Sá, Salvador Correia de Sá, Martim de Sá, e Salvador Correia de Sá e Benavides.

Em 1603 obteve pela primeira vez Martim de Sá o posto do governador do Rio de Janeiro, e o de vice-almirante das costas do mar do sul do Brazil; durou a sua administração até 1608, epocha em que regressou para Lisboa, sendo substituido por Affonso de Albuquerque: em 1623 voltou segunda vez para o Rio de Janeiro a tomar as redeas do governo da capitania.

Em seu filho Benavides madrugáram muito cedo o valor e os brios; dedicou-se ás armas, que eram as armas a carreira que lhe competia; n'ellas haviam adquirido gloria os seus antepassados tanto nas guerras d'Africa, e conquistas d'Asia, como nas luctas do Brazil: que espelhos de acções dignas e memoraveis lhe appareciam, sempre que folheava as vidas dos seus predecessores! Que quadros de heroismo luziam a seus olhos, quando elles se estendiam pelo immenso theatro da guerra, que Portugal levára á todas partes do mundo! Que aureolas de gloria phantasiava a sua imaginação embebida nas historias de Diu, Damão e Malacca, e nas chronicas de Ceuta, Tangere, Alzira e Maroccos!

Herdavam-se os brios com o sangue, enthusiasmavam-se com os exemplos, e firmavam-se com os feitos de gloria: tinha apenas Salvador Correia desoito annos de edade quando o mandou seu pai que acompanhasse varios combois de navios mercantes, que navegavam entre o Brazil e o reino de Portugal: começou assim a carreira de feitos honrosos, sustentando ainda na juventude diversos combates com náus hollandezes que encontrára na sua viagem. Coalhavam-se os mares n'essa epocha de piratas e corsarios, que por toda a parte infestavam e attacavam os navegantes: e muito arriscadas eram as commissões de accompanhar combois de navios mercantes, defendendo-os de attaques e roubos a que andavam expostos.

Tenro ainda avesou-se o seu corpo aos exercicios continuos, e á maravilhosa actividade, que distinguem o guerreiro; dedicou-se o seu espirito ao estudo

da estrategia e da sciencia, que aperfeiçoa, domina e dirige a pratica militar; e era-lhe preciso unir a intelligencia ao valor pessoal, liga-los estreitamente para que conseguisse collocar-se ao nivel dos grandes acontecimentos que o esperavam, e que lhe cumpria vencer.

Não tardou muito a epocha das provas.

Attacáram inopinadamente os Hollandezes a cidade da Bahia, em 9 de maio de 1624. Era a capital e a primeira e principal praça de todo o Brazil, como séde official do governo, e como a povoação mais importante: continha cerca de mil quatrocentas casas, tres conventos, e quatro egrejas: guarneciam-na trezentas e cincoenta praças de linha, e perto de mil milicianos; uma bateria e tres fortalezas defendiam-lhe o porto. Foi regular a defesa: não poderam porém resistir os de terra a força tão poderosa como era a hollandeza composta de vinte e seis navios de guerra, com quinhentas bocas de fogo, e uma tripulação de mil e seis centas praças de marinhagem e mil e setecentos soldados, a cuja testa se achavam os famosos Jacob Willekens e Peter Heyne. Tomáram elles a cidade; prenderam o governador Diogo de Mendonça Furtado, que remetteram para Amsterdam; assenhorearám-se das fortalezas, tendo-se evadido para o interior a maior parte da população, que abandonou a praça. Chegando esta noticia a Martim de Sá, tratou este governador de auxiliar immediatamente os seus com-

ent os varões illustres do Brazil.

patriotas, soccorrendo-os em transe tão amargurado: Preparou uma força de duzentos homens, e 6-la seguir para a Bahia, confiando o seu commando a seu filho Benavides: descobria já n'elle aquelle ardor, nobreza, valentia e pericia, que affiançavam honrosos feitos, e promettiam porvir glorioso.

Si bem que as caravellas, que levavam esta força, seguissem viagem costeiando o paiz, soffreram uma tempestade pelas alturas dos Abrolhos; demandárem o Espirito Santo, e ahi arribáram, a fim de se reparar de algumas avarias : parece que foi a Providencia que attrahio para esta capitania a Salvador Correia por que a sua presença e valor a salváram de uma frota hollandeza, bem esquipada e apparelhada, que vindo de Loanda se dirigira para o Espirito Santo, na persuasão de achar a capitania desprevenida, e poder assim saques-la Conheceu Salvador Correia que era



SALVADOR CORREIA DE SA E BENAVIDES. 425

immediatos; soffreram novo revêz; não se pode cortar inteiramente a retirada dos inimigos, pela diminuta força portugueza; causou-lhes porém Salvador Correia um destroço tal, que d'elle lhes ficou de certo longa reminiscencia. Muitos cadaveres hollandezes juncáram o campo da batalha; recebeu e tragou o mar duas das oito embarcações que traziam; e no transe da fuga de terra, dentro das lanchas e dos escaleres, e mesmo a bordo dos seus navios, supportáram consideraveis perdas (3).

Obtida a victoria de 1625, e por ella libertada a capitania do Espirito Santo, seguio Salvador Correia de Sá e Benavides para a cidade da Bahia com a pequena força que commandava.

Logo que fôra preso o governador, e cahira a cidade em poder dos Hollandezes, refugiáram-se os habitantes para o reconcavo, como já o dissémos; mas pela influencia e exhortações do bispo Dom Marcos Teixeira ali se reuniram, se organisáram, e se defendêram, ao principio, com diminuta força, e nem-um successo; foram depois a pouco e pouco recobrando os animos, e reclamando soccorros das capitanias visinhas, que não tardáram felizmente; os que de Pernambuco expedio Mathias de Albuquerque, governador e capitão general, foram os primeiros chegados, e muito serviram para animar e enthusiasmar o povo portuguez. Não desejava para o Brazil mandar soccorros o conde de Olivares,

426 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZAL.

primeiro ministro das Hespanhas: obrigou-o porém o Conselho d'Estado a fazer seguir Dom Fadrique de Toledo commandando uma frota de trinta galeões, quasi todos preparados e esquipados pelos Portuguezes a fim de tomar immediatamente a offensiva e attacar a cidade, que os Hollandezes tinham reforçado com auxilios novos, que haviam tambem recebido da sua Companhia das Indias Occidentáes; conseguio Dom Fadrique de Toledo desembarcar na Bahia uma força de dous mil homens, que acastellou no mosteiro de São Bento: chegou tambem pelo mesmo tempo Salvador Correia, trazendo o contingente com que entrava seu pai para a restauração da capital do estado do Brazil.

Pode-se organizar então uma força regular por-

SALVADOR CORREIA DE SA E BENAVIDES. 427

tinham possuido; outra lhes era restituida; por debaixo da atmosphera enfumaçada da lucta um montão de ruinas apparecia, ruinas de grandes casas, e excellentes edificios que, ou devorára o fogo, ou destruira a mão dos conquistadores; perderam os Hollandezes a praça; não quizeram porém que voltasse para o dominio dos Portuguezes como quando lhes pertencêra; com o ferro, e com o incendio causáram-lhe incalculaveis perdas.

Com elogio fallam as proprias memorias hollandezas do valor, intrepidez e estrategia de Salvador Correia de Sá e Benavides (4); para a sua Côrte deu Dom Fadrique de Toledo uma parte tão honrosa do seu comportamento, que foi louvado em cartas patentes do soberano, e nomeado almirante do Rio da Prata (5).

Regressando para o Rio de Janeiro, foi empregado Salvador Correia em varias commissões, nas prestou serviços tão relevantes a Martim de Sá, como a seu finado avô prestára elle: occupou-se com as obras dos fortes de Santa Cruz e São Thiago, e tambem com a edificação da nova fortaleza de São Sebastião, mandada levantar para o fim de premunir a cidade contra quaesquer invasões de inimigos.

Nos fins do anno de 1629 foi chamado á metropole, e empregado, em Lisboa, em algumas commissões militares.

No entanto, em 1632, falleceu no Rio de Janeiro o governador Martim de Sá; a mesma terra, que o

428 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

viu nascer, recebeu-o no seu seio; aonde echôou o primeiro suspiro da sua vida, ouvio-se o derradeiro d'ella; illustre por seu nome e familia, honrado por suas acções, e celebrado por seus feitos, foi chorado por todo o povo, que governára, como sóe ser um pai extremoso chorado por seus filhos.

O sentimento de Salvador Correia de Sá e Benavides obrigou-o a deixar o serviço publico, a recolher-se á solidão, e a procurar alivio e repoiso; pouco tempo o deixáram porém no descanso, que nem a sua indole, e nem aos interesses de seu paiz convinha de forma alguma.

II.

Em toda a parte central dos dominios hespanhões,



SALVADOR CORREIA DE SA E BENAVIDES. 129

vez para sempre com a rebellião, e trazer á paz, e ao seu dominio todo o territorio do sul da America: necessitando de um general que tivesse ainda a robustez da mocidade, para poder resistir aos combates desiguáes de povos indisciplinados e traiçoeiros, e para atravessar terrenos incultos, vencer distancias immensas, e soffrer sedes, fome, abandonos e solidões, escolheu a Salvador Correia de Sá e Benavides, cujos feitos o haviam já collocado ao par dos melhores guerreiros do seu tempo; nomeou-o, em 1634, vice-almirante das costas do mar do sul, e commandante em chefe do exercito castelhano que devia seguir para o sul da America, a operar contra os revoltosos.

Firmou-se e engrandeceu a reputação de Salvador Correia de Sá e Benavides com as campanhas de Tucumān, São João e São Luiz; regou com o seu sangue os campos do magestoso continente, que lhe deram para theatro de seu valor e brios; foram longos e sanguinolentos estes combates; era uma serie continuada e incessante de luctas; seguiam-se umas apóz outras; para conseguir effeitos reáes, carecia a victoria de um dia de segunda, terceira e quarta victoria nos dias immediatos; desapparecia o inimigo, logo que perdia o campo da batalha; para descobri-lo e apanha-lo atravessavam-se de novo os desertos, dobravam-se as montanhas, vadeiavam-se os rios, rasgavam-se as florestas e mattas desconhecidas; sumia-se elle aos olhos ainda, inter-

430 OS VARORS ILLUSTRES DO BRAZIL.

nava-se nas solidões, e obrigava á novos trabalhos, novas fadigas, e novos sacrificios, para se avivar a lucta: por fim porém a victoria de Paligarta, em 1635, pacificou a provincia de Tucuman, sendo derrotados completamente os Catequis revolucionarios, e preso o seu chefe principal, Dom Pedro Chamay. Pode então Salvador Correia de Sá e Benavides regressar para Madrid, e appresentar ao governo os seus loiros, as suas cicatrizes, e os despojos dos inimigos.

Em premio, nomeou-o ElRei, por carta patente de 21 de fevereiro de 1637, governador e capitão general do Rio de Janeiro.

Casou-se, por estes tempos, Salvador Correia de Sá e Benavides com Dona Catharina de Valasco, filha de Dom Pedro Ramires de Valasco, governador do Chile, e seguio para o Rio de Janeiro a fim de exercer o coverno de capitania



SALVADOR CORREIA DE SA E BENAVIDES. 434

com este acto dez mil cruzados de renda que lhe dava a Corôa hespanhola, e mais de cincoenta mil de fazenda de raiz e movel, que possuia no reino do Perú e Castella. Proclamado Dom João IV legitimo rey e senhor de Portugal no meio das maiores demonstrações de publico regozijo, em 10 de março de 1641, para todas as capitanias do sul foram enviados emissarios para o fim de convidar as auctoridades e os povos a seguir o mesmo exemplo.

Preferio assim Salvador Correia de Sá e Benavides a fidelidade de subdito e de portuguez á possessão de riquezas e honorarios que a Hespanha lhe affiançava. Confirmou-o Dom João IV no posto que occupava, conferindo-lhe mais o cargo de general da frota dos mares do Brazil, como testemunho de seu real agrado.

Foi uma administração de grandes vantagens moráes, e de immensos progressos materiáes para o Rio de Janeiro, e para todo o sul do Brazil, a que elle desenvolveu no seu governo. Era incansavel o seu genio, activissimo o seu espirito; tudo procurava por si mesmo ver, conhecer e examinar; anciava augmentar a população, fazer progredir o cultivo das terras, abrir vias de communicação entre diversos pontos e aldeias, que levantava e animava; era o seu intuito provar aos olhos de todos, que o paiz que lhe servir de berço continha em seu seio copia immensa de riquezas fecundas, e germen seguro de futuras prosperidades; sustentou os Jesuitas, na in-

432 OS VARŌES ILLUSTRES DO BRAZIL.

tenção de propagarem os dogmas da religião catholica, cujo freio mais segurava o dominio da civilisação: executou as bullas dos papas Urbano VIII e Paulo III, e as leis, cartas regias, provisões e alvarás de seu soberano, de 20 de março de 1570, 22 de agosto de 1587, 11 de novembro de 1595, 30 de julho de 1609, e 10 de septembro de 1611, que declarando libres os gentios, estabeleciam como unica excepção os casos dos prisioneiros em guerra justa, e auctorisada pelo governo, e em correrias matutináes, assaltando e roubando habitações, assassinando os moradores, ou matando inimigos para comer. Pensava assim poder reunir em torno do seu governo, e na sua obediencia, a todos esses infelizes selvagens : e bastante lhe custava a execução d'estas providencias, porque os povos se habituáram a



SALVADOR CORREIA DE SA E BENAVIDES. 432

mercantes; na Bahia recebeu em conserva o mestre de campo Andre Vidal de Negreiros, e Martim Soares Moreno com dous terços embarcados em oito navios; attravessou sem receio os mares de Pernambuco coalhados de náus hollandezas, que, perdida a Bahia, se haviam apoderado da capitania de Pernambuco e n'ella estabelecido, e deixou em Itamaracá aquella força, que se destinava ao soccorro dos Portuguezes, que cercavam o Recife.

Chegado a Lisboa não gozou do descanso por muito tempo. Das costas do Brazil passáram-se os Hollandezes para a Africa; chamando a si alguns reis negros, attacáram diversos presidios, d'elles se apoderáram, e tomáram posse de Loanda, fortificando-se ali, como em dominio seu: soffreu grandes revêzes o commercio portuguez com este successo; entre a Africa e o Brazil fazia-se a navegação em grande escala; eram as viagens faceis e regulares; transportavam-se para os portos de Portugal os generos africanos por intermedio das praças da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Ordenou ElRei Dom João IV a Salvador Correia de Sá e Benavides que partisse para o Rio de Janeiro, tomasse novamente posse d'este governo, ajuntasse forças e tratasse de restituir á corôa portugueza os seus dominios d'Africa, expellindo d'elles os Hollandezes, e obrigando os reis negros de sertão a submetter-se á sua autoridade.

Foi pois pela segunda vez Salvador Correia de Sá

435 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL

e Benavides governador do Rio de Janeiro; a sua actividade e o seu zelo reuniram em pouco tempo força e armada sufficientes para reconquistar a Africa, que devia de ser novo theatro de seus feitos: para ali partio em 12 de maio de 1648; propicios felizmente lhe foram os mares e os ventos, achandose em vista das costas africanas apóz uma curta viagem. Recontar os pormenores dos combates que teve de dar, descrever os seus planos de campanha, minuciar as victorias e triumphos que conseguiu, longa tarefa seria. Baste dizer que apenas desembarcou com a sua força em Guicombo, assaltou e venceu os Hollandezes, obrigando-os a abandonar a ilha de Loanda e a possessão de Benguela, depois de terrivel perda de gente e material : expellidos os invasores teve que recomeçar a lucta contra as tribus naturáes da terra Cambaten e distrocon innumerás eis hardas



SALVADOR CORREIA DE SA E BENAVIDES. 435

foi por elle visitada e examinada toda a costa; aqui e ali dispersos fortes e presidios levantados; ficáram por este modo melhor fortificados os dominios portuguezes d'Africa.

Affirma monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizarro (6) que ainda no seu tempo (7) se celebrava annualmente em Loanda uma festividade religiosa, em louvor da victoria obtida em 15 de agosto de 1648 por Salvador Correia de Sá e Benavides, a qual lhe abriu as portas d'esta importante cidade, e a livrou do jugo e dominio dos Hollandezes.

Conservou-se Salvador Correia de Sá e Benavides quasi tres annos no governo d'Africa; em 1651, retirou-se para o Rio de Janeiro, logo que julgou cumprida a sua difficil missão, deixando por seu substituto a Rodrigo de Miranda Henriques; recebeu então d'ElRei as commendas de São Julião de Cassia, e de São Salvador da Lagoa, na ordem de Christo, e a mercê do senhorio de Asseca, e da alcadaria mór da cidade do Rio de Janeiro, com o privilegio de poder gravar as figuras de dous Africanos por supportes de suas armas, e brasão de familia, como recompensa dos seus serviços.

Governou ainda pelo espaço de um anno a capitania do Rio de Janeiro, continuando a publica administração com o mesmo cuidado, zelo, intelligencia e actividade, que empregára em seu primeiro governo, e que o fizeram estimar e respeitar por todo o povo; comprehendeu o verdadeiro sys-

OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

tema de concessão de sesmarias com o onus de demarcação, posse e cultivo, em um prazo rasoavel e fixado; fundou a egreja de São Salvador, nos amenos e alegres campos dos Goytacazes, ás margens do rio Parahyba; chamou para ahi povoação, estabeleceu engenhos de assucar, e promoveu o cultivo da cana em um terreno tão fertil e tão proprio para ella como é aquelle solo; concedeu a administração da egreja aos monges de São Bento, que lhe haviam prestado importantes serviços (8); abrio as necessarias estradas, que communicassem aquelle novo povoado com a cidade do Rio de Janeiro, plantando por ellas algumas aldeias de gentios cathequisados, e de colonos europeus, misturando-os com os mestiços, e firmando entre elles todos o principio de perfeita egualdade.

Incitou antim a Franci co Diae Valho a cond

opposição da nobreza e do povo. Descontentes muitos Portuguezes com as qualidades, que, desde a sua puericia, mostrava Dom Affonso VI, foram-se chegando para o infante Dom Pedro, seu irmão menor, e formando em torno d'elle uma côrte especial, apresentando-o desde logo como mais apto para o throno; outros conserváram-se fieis á ElRei, e reprovavam as opiniões e o comportamento d'aquelles. Supposto que nutrisse predilecção pelo filho menor, cujos dotes mais dignos lhe pareciam, esforçava-se todavia a rainha regente de reunir em derredor do throno as sympathias de toda a nobreza e povo, como as melhores garantias do engrandecimento de Portugal e perpetuidade da real dynastia.

Tomou incremento e progrediu com força esta divisão do paiz em dous partidos, ou bandos differentes; equilibrava-os Dona Luiza, porque perspicaz e intelligente, parecia-lhe melhor conservar neutralidade entre elles, e socegar a um e a outro; com bem dôr do seu coração via ella o fogo nascente! Sob impressão de bem funestos presagios antevia de certo o futuro!

Deixára Salvador Correia de Sá e Benavides em 1652 o governo do Rio de Janeiro, e se retirára para Portugal; achou ahi divididas as familias, separado o pai do filho, inimigos entre si os proprios irmãos; encontrou partido de Dom Affonso, e partido de Dom Pedro!

Não sabia unicamente manejar a espada, commandar os exercitos, dirigir as armadas, e ganhar victorias; não sabia unicamente administrar capitanias, levantar grandes obras, e importantes presidios, povoar terras, e fundar povoações; dotado fôra de intelligencia superior, e seguira estudos regulares; assevera Luiz Moreri (9) que escrevera Salvador Correia de Sá e Benavides memorias interessantes do seu governo, que infelizmente se perderam, e que patenteavam forte erudição e talentos subidos de político e de estadista.

Pensava elle que as revoluções, quaesquer que fossem sua necessidade e legitimidade, causam sempre males incalculaveis ao paiz que as supporta; com o enfraquecimento do poder, que é o seu primeiro resultado, sofire a sociedade; para faze-la voltar ao seu estado normal tornam-se urecisos



nação como o maior dos crimes; apenas porém feita a revolução, e sanccionada pelo paiz todo, aceitou-a e abraçou-a, já por sympathia nacional, já porque respeitava a doutrina dos factos consumados.

A Dom João IV foi fiel e leal, serviu-o com seus talentos, com sua pessoa, com seu sangue; nunca lhe morou no peito a trahição; jamais lhe desdoirou os labios o fingimento; era uma alma pura, constante e franca; era um coração de guerreiro obediente e sincero, firme e verdadeiro.

Fallecido Dom João IV, pertencia o throno, pelo principio da legitimidade, a seu filho mais velho Dom Affonso IV; era a legitimidade para Salvador Correia de Sá e Benavides um principio salvador, e a garantia unica da ordem publica e da conservação da monarchia: não podia soffrer modificações o direito hereditario, que tinha sido marcado, fixado e seguido escrupulosamente pelos seus antepassados; e pois, para Salvador Correia de Sá e Benavides, não havia rei possivel senão Dom Affonso VI; a elle pertenciam o seu sangue, a sua pessoa, e a sua vida; consistiam a lealdade e fidelidade portugueza no reconhecimento d'este principio; o exemplo mais bello e heroico, havia-o dado Martim de Freitas, governador de Coimbra, prestando homenagem á Dom Affonso sómente quando lho ordenára em Sevilha o seu rei Dom Sancho II.

A través os perigos dos combates, no meio das cruentas guerras que sustentára á frente dos exer-

citos e das armadas, carregado de bonras, elevado aos postos os mais importantes, incumbido de commissões da maior confiança, e rodeiado de gloria, nunca conhecêra desafectos invejosos, inimigos ou adversarios; fôra sempre o seu nome repetido com elogios; respeitada geralmente a sua pessoa; por todos estimadas e apreciadas as suas qualidades; e altamente reconhecidos e proclamados por toda a parte os seus serviços, quer por Castelhanos, quer por Portuguezes, quer por indigenas do Brazil, quer mesmo pelos Hollandezes, com quem tantas vezes e e a miude se encontrára em leáes e grandes combates.

Manifestando porém suas opiniões politicas em prol da legitimidade e direitos de Dom Affonso VI, pertencendo ao partido que o sustentava, vio desenfrences contra su todos aquellos que se uniam ao



SALVADOR CORREIA DE SA E BENAVIDES. 444

tamento d'ElRei, que com o andar dos annos mais se relacionava com a classe infima e turbulenta da sociedade, temia-se Dona Luiza da influencia de um fidalgo tão nobre, de tantas luzes, e de tamanha importancia. Desgostoso com a côrte, aceitou Salvador Correia de Sá e Benavides a carta patente de 17 de setembro de 1658, que pela terceira vez lhe entregava o governo do Rio de Janeiro, não já com o simples titulo de governador e capitão general da capitania, logar subordinado ao vice-rei do Brazil, porém com o posto elevado de governador geral do sul do Brazil, tendo-se de novo dividido o estado em dous governos independentes.

IV.

Pela terceira vez foi a capitania do Rio de Janeiro governada por Salvador Correia de Sá e Benavides; e si bem que tão zeloso voltára elle á publica administração, e os mesmos desejos nutrisse em prol do engrandecimento do paiz que o vira nascer, como os que havia já realisado nos seus dous governos anteriores, era diversa a occasião todavia, e muito differentes as circumstancias.

Estava Portugal retalhado pelos dous partidos politicos que anteriormente descrevemos: lavrava anarchia em todos os espiritos e em todos os animos; da metropole passou o mal para as colonias, como é da natureza das cousas; haviam no Brazil

estabelecido tambem os seus campos os dous partidos, e se guerreavam com egual força.

Tinha o infante Dom Pedro por seu representante no Brazil o jesuita Antonio Vieira, varão de estudos profundos, de sagacidade superior, e de espantosa actividade; promovia o progresso do partido, davalhe uma organisação regular com methodo e ordem; animava e recrutava constantemente amigos, que lhe augmentavam o numero e a força; viajava por todas as capitanias, por toda a parte prégava ao povo, que arrebatava com a sua maviosa eloquencia, e com o seu fogoso enthusiasmo. Quem não corria á ouvir um sermão do padre Antonio Vieira? Que templo, desde o mais sumptuoso até o mais despido de ornamentos e riqueza, deixou de obter a gloria de repercutir e echoar os sons de sua poderosa voz? Qualquer que fosse o objecto da predica, quaesquer que



SALVADOR CORREIA DE SA E BENAVIDES. 443

governo geral do Brazil; e além d'elles outros sectarios não menos notaveis tinha no Brazil o infante Dom Pedro, dedicados, activos, intelligentes todos, e no uso de continuada correspondencia com os seus partidistas da metropole.

Era a familia dos Sás importante pelo numero e pela influencia que exercia, quer em Portugal, séde primaria d'ella, quer no Brazil, aonde occupavam muitos dos membros cargos elevados, e possuiam immensos bens e riquezas; Thomé Correia de Alvarenga, Duarte Correia Vasqueannes, naturáes ambos do Rio de Janeiro, Martim Correia de Sá, filho primogenito de Salvador Correia de Sá e Benavides, e que foi posteriormente o primeiro visconde de Asseca, gozavam de preponderancia e nomeada; pensava politicamente toda esta familia como Salvador Correia de Sá e Benavides; sustentava toda ella a legitimidade de Dom Affonso VI.

E pois quando pela terceira vez começou Salvador Correia de Sá e Benavides á governar o Rio de Janeiro, encontrou em frente á si, e seus inimigos, todos os que seguiam o partido e o bando do infante Dom Pedro; consideravam-no como um embaraço invencivel de seus planos; conheciam a sua rigidez de principios, a sua invariabilidade de opiniões, e a sua energia na administração publica; tornavam-se estas qualidades reunidas motivos muitos fortes para causar-lhes serios receios. Ao principio temeram manifestar ostensivamente a sua indisposição, recebe-

ram-no mesmo com a demonstrações de alegria; aproveitáram-se porém de uma providencia, que elle tomou para o fim de supprir os cofres publicos que se
achavam exhaustos, a qual consistio na execução do
imposto denominado fintas, que era na colonia muito
impopular, para começarem contra elle uma opposição; e como fisesse uma viagem para examinar as
minas da capitania de São Vicente, cujas riquezas se
exageravam muito, ousáram sublevar-se durante a
sua ausencia, e conseguiram arrancar-lhe o governo.

Pouco tempo havia que sob informação dos Jesuitas tinham sido procuradas minas de ouro pelos industriosos Paulistas; já no seu segundo governo, se esforçára Salvador Correia de Sá e Benavides de chama-las para o dominio da Corôa, e de promover a exploração d'ellas; para este fim fundára as villas de Paranagua e de Ubatuba, esta ao norte de São Vi-



SALVADOR CORREIA DE SA E BENAVIDES. 445

logar, e nomeáram Agostinho Barbalho Bezerra; não se querendo prestar aos actos dos sediciosos, retirou-se Bezerra para o convento de Santo Antonio; lá mesmo o foram elles buscar, e o revestiram com a auctoridade suprema; lavráram auto, em que mencionáram suas queixas contra a familia dos Sás, e a sua deliberação de não admitti-los mais nos empregos publicos da capitania: prenderam a todos que consideravam infensos ás suas opiniões; sequestráram arbitrariamente os bens de Salvador Correia de Sá e Benavides, e obrigáram o senado da camara do Rio de Janeiro a officiar a todas as camaras da capitania de São Vicente, convidando-as a coadjuvar os seus actos, deixando de reconhecer como governador a Salvador Correia de Sá e Benavides.

Assim ficou em poder dos revoltosos a cidade do Rio de Janeiro; seu foi o governo, e suas as auctoridades, depostas todas aquellas que lhes eram hostis.

Não se achava porém a capitania de São Vicente no estado em que aconsideráram os revoltosos do Rio de Janeiro; verdade é que ali se manifestáram symptomas de inquietação e de descontentamento contra Salvador Correia de Sá e Benavides, quando, durante o seu primeiro governo, obrigou aquelles povos a receber os Jesuitas, e a libertar todos os indigenas, que haviam reduzido á escravidão; julgáram perder os moradores de São Paulo, de Santos e de São Vicente, com estas providencias

do governador; oppuzeram-se-lhe, representando contra ellas. Conseguio todavia Salvador Correia de Sá e Benavides não só sustentar as suas medidas, e chamar á ordem e á paz os descontentes, sem que preciso lhe fosse recorrer á força, senão tambem ser estimado e respeitado por elles mesmo, de modo que a capitania de São Vicente se não prestou ao senado da camara do Rio de Janeiro, e antes deu inequivocas provas de obediencia e affeição ao governador, offerecendo-se-lhe grande copia do povo para armar-se, accompanha-lo ao Rio de Janeiro, e defender a sua pessoa, os seus direitos e o seu governo.

Sabia no entretanto Salvador Correia de Sá e Benavides harmonisar a energia dos actos com a precisa moderação; sustentar a dignidade do posto que occupava, poupan lo forca, violencia ou arbi-



SALVADOR CORREIA DE SA E BENAVIDES. 447

que os haviam armado; eram interesses de partidos politicos; e podia o partido do infante Dom Pedro consentir no governo supremo do Rio de Janeiro a Salvador Correia de Sá e Benavides, quando os animos de seus co-religionarios politicos de Portugal trabalhavam em depôr o rei Dom Affonso, e elevar o infante ao throno, e qualquer movimento n'este sentido, para firmar-se e consolidar-se, necessitava de ser aceito e abraçado em todos os dominios da Corôa portugueza? Foi desprezado o bando de Salvador Correia; e pelo facto de haver sido nomeado por elle governador da capitania, desmereceu Agostinho Barbalho Bezerra no conceito dos revoltosos, e soffreu deposição; chamou a si o senado da camara toda a administração do paiz.

Tornavam - se necessarias medidas energicas; forçoso foi que a ellas recorresse Salvador Correia de Sá e Benavides. Lavrou ordens immediatamente para o desembargador Antonio Nabo Peçanha, que se achava no Rio de Janeiro, determinando-lhe que entrasse no exercicio do emprego de syndicante, organisasse processo contra os revoltosos, e sustentasse a sua dignidade: foram estas ordens acompanhadas de força que partio de Santos para o Rio de Janeiro; chegou e desembarcou sem opposição a força; empossou-se o syndicante do seu emprego, e começou a funccionar; tomou as redeas do governo João Correia de Sá, filho do governador; foram presos e remittidos para Lisboa os princi-

páes revoltosos que não poderam evadir-se, e nem ousáram resistir; o geral dos habitantes recebeu com mostras de prazer o restabelecimento do governo legitimo; e firmou-se assim a ordem publica, sem que se houvesse derramado a mais pequena gota de sangue.

Mais de um anno ainda demorou-se Salvador Correia de Sá e Benavides na capitania de São Vicente, visitando todos os pontos habitados; rasgando estradas importantes; fazendo levantar innumeras pontes sobre rios caudalosos, que embargavam o transito; fundando estabelecimentos de mineração; e animando a agricultura e a industria. Tão proveitoso á capitania tornou o seu governo, que ainda actualmente grandes obras se encontram, que the devem a sua creação.

Regressando para o Rio de Janeiro, foi ahi re-

trando apreço pelo que praticavam em seu serviço; desleal e dissimulado, descontentava aos homens de estado que honravam o paiz; caprichoso e indifferente, arredava de si todas as sympathias populares, e arrefecia o amor que nutre de ordinario o subdito pelo seu soberano: si lhe apparecia qualquer vassallo a cumprimenta-lo, mostrava-se-lhe indifferente, e ou lhe não dava palavra, ou algumas inintelligiveis e precipitadas balbuciava, sendo que ás vêzes nem si quer sobre elle dirigia a vista; não soïa, como aos monarchas cumpre, affagar e agradar a todos que o procuravam; desgostava a quem se insinuava para merecer-lhe um agrado; dir-se-ia que prazer nem-um lhe causava qualquer extremo ou sacrificio que por elle fizesse o seu povo; e que antes considerava-se tão superior que indigno fôra de si manifestar os sentimentos de gratidão ou paternal amor.

E no meio d'esta indifferença que se lhe notava, e da dissimulação que entretinha para com os seus mais importantes e prestimosos vassallos, fugindo de praticar com elles sobre assumptos d'estado, prestava-se de instrumento a indignos validos, que, sem a menor das qualidades de intelligencia, familia, ou riqueza, que os tornassem recommendaveis ao paiz, abusavam do espirito d'ElRei tão entregue a pequenas intrigas, o do seu animo, que anciava sómente de saber novidades e anecdotas, para, com fingidos contos e invenções, crear indisposições do

monarcha contra os seus subditos mais prestimosos e capazes.

E nem lhe haviam os annos reformado o animo, e nem pudera conseguir a razão sazonar-lhe o temperamento; corria a sua mocidade como se fóra a puericia.

Desgostosa a rainha sua mãe, abandonou os publicos negocios, e retirou-se para um mosteiro; descontentes os principáes fidalgos, deixáram a côrte e abandonáram o rei; mui poucos foram os que se lhe conserváram ao lado, leáes e fieis, em despeito de reiterados desprezos do seu soberano, promptos todavia a defende-lo e salva-lo, quando chegasse a occasião propria para isso, por que collocavam a obediencia acima de todos os deveres.

Ao infante Dom Pedro aproveitava no entretanto



mas por interesses não consentia que fossem vencidos os principios; fiel e leal conservou-se para com Dom Affonso VI, porque o olhava como a sancção da legitimidade; algumas vezes ousou fallar a ElRei a linguagem da razão e da verdade, pretendendo encaminha-lo por vereda proveitosa a si e ao paiz; visto como não sympathisavam os seus sentimentos com a marcha que seguia o soberano. Baldados esforços foram, que não agradavam semelhantes praticas aos reáes ouvidos.

Chegou emfim a hora dos grandes acontecimentos que tantas causas deviam produzir: o infante reuniu suas forças, affrontou a magestade de seu irmão, levou as autoridades subalternas a desobedecer a seus superiores, e arvorou o estandarte da revolta.

Reunio ElRei em conselho os principáes fidalgos que se não haviam ligado ainda ao partido de seu irmão. A noite, secretamente, e em uma sala retirada do seu palacio, teve logar a conferencia.

Opinou Salvador Correia de Sá e Benavides em prol de providencias energicas: para elle não recebia o throno condições, e nem propunha concessões; antes de tudo cumpria mandar pegar em armas a toda a tropa, prender o infante, Dom Sancho Manuel, conde de Villaflor, o conde da Ericeyra, e todos os seus principáes partidistas; faze-los julgar immediatamente pelos tribunáes, e levantar-se o throno do abatimento em que jazia. O conde de São Lourenço e Antonio de Souza Macedo uniram-se

a esta linguagem do guerreiro illustre, que se offerecia a tomar o commando da força, e a praticar o que propuzera (10).

Mas nem era ElRei homem de resistir, e nem talvêz fosse mais tempo para se obstar o cumprimento dos planos do infante, que foi immediatamente sabedor do resultado da conferencia de seu irmão, por intermedio de Roque da Cesta Barretto, o qual conseguira que ElRei preferisse offerecerlhe transacções a adoptar as medidas que lembrára Salvador Correia de Sá e Benavides.

Estava o infante adiantado de mais para parar; o governo que sómente na hora do perigo se lembra dos homens capazes não os encontra: a influencia moral, que perdêra nos dias que lhe pareceram faceis, e que unica o fortalêce, e escóra, não the re-



Era da natural ordem das cousas, que cedêsse o governo de Dom Affonso á acção das acontecimentos; Salvador Correia de Sá e Benavides, e todos os mais fidalgos que como elle opináram, abandonáram o paço contristados; tratou a maior parte d'elles de fugir para os paizes estrangeiros, porque prevendo a victoria do infante, temiam as suas vinganças; não quiz Salvador Correia de Sá e Benavides accompanhar ao desterro os seus companheiros; firme como fôra sempre conservou-se em Lisboa, esperando pelos successos que se preparavam.

Foi preso Dom Affonso VI por seu proprio irmão, em 23 de novembro de 1667; e, na qualidade de regente, subio emfim o infante Dom Pedro ao poder que tanto ambicionára.

Começou nova ordem de cousas; o infante não sabia perdoar. Era crime aos olhos de regente a fidelidade que professáram Portuguezes ao seu rei Dom Affonso VI: havia-o commettido Salvador Correia de Sá e Benavides; e para aggrava-lo se minuciavam as suas praticas com ElRei, e os seus ultimos conselhos de resistencia e energia na conferencia nocturna do paço.

Salvador Correia de Sá e Benavides foi preso e processado: tinha já de edade setenta e tres annos.

Não se quebrou porém o seu animo no carcere : a sua alma conservou-se forte, como fora sempre; e

palpitou-lhe o coração com a mesma energia e a mesma regularidade.

Não o abandonáram perante os juizes a sua constancia, a sua fidelidade e a sua franqueza; os factos, que praticára, racontou fielmente; as opiniões, que emittira, appresentou com toda a clareza; as fallas e pratica, que tivera, patenteou sem mostrar o menor arrependimento; lamentou o encarceramento do seu rei mais do que a sua propria prisão; e para elle, nos carceres ou no throno, era Dom Affonso VI o unico e legitimo soberano de Portugal.

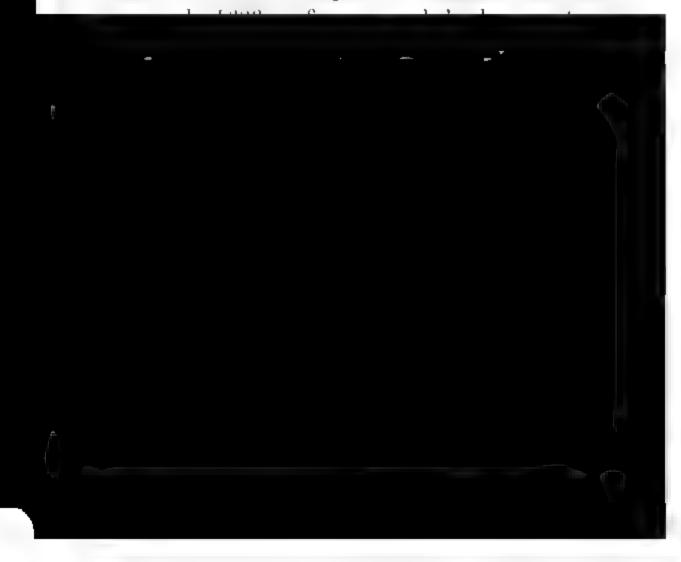
Não se achavam os animos ainda em seu estado normal para comprehenderem a grandeza e magnanimidade de semelhante comportamento; os juizes lavráram sentença de dez annos de degredo para os sertões africanos contra aquelle mesmo illustre guer-

SALVADOR CORREIA DE SA E BENAVIDES. 458

ças, ou a mostrar-se temeroso pela sua sorte. Antes de ser preso, durante a prisão, antes, durante e depois do processo, o mesmo semblante, o mesmo espirito, e as mesmas palavras, se lhe notáram. Pareceu receber a sentença como outr'ora recebia as honras; no campo da batalha, diante do cruzamento das espadas, em frente das balas que repercutiam, em presença dos cadaveres e do sangue, nos soffrimentos do carcere, e nos horrores dos ferros, foi o mesmo varão impassivel e tranquillo. Entenderam então os poucos amigos que lhe restavam que deviam empregar esforços e supplicas espontaneas para obter do regente o perdão da sentença que enviava o velho septuagenario para os pestilentos areáes de Africa, e que era de certo mais barbara do que uma sentença de morte: appelláram para os seus distinctos serviços, para a gloria que tão honrosamente conquistára, e para o desdouro que recahiria sobre a nação com a perseguição do guerreiro illustre que ella possuia. Ouvio por fim o infante Dom Pedro as vozes de piedade; trocou o degredo d'Africa, a que fôra condemnado Salvador Correia de Sá e Benavides, por uma prisão temporaria no collegio da Companhia de Jesus; no fim de dous annos, consentio, a empenhos dos proprios Jesuitas, que podesse morar com homenagem na sua propria casa; e, cumprida a sentença dos dez annos, concedeu que de novo tivesse assento nos conselhos de guerra e ultramar, de que fôra membro.

Conta-se que velho e cansado se offerecêra assim mesmo á ElRei Dom Pedro II para reduzir á obediencia de Portugal o reino de Pate na baixa Ethiopia oriental, e abrir communicação por terra desde Cuana e Monomotápa até Angola: não sendo aceita a sua proposta, achou-se reduzido a passar os restos dos seus dias no descanso do modesto emprego que não coadunava com a actividade insaciavel do seu espirito, e com os estimulos vivaces do seu animo.

Foi longa todavia a vida de Salvador Correia de Sá e Benavides; teve tres epochas distinctas: a primeira epocha de trabalhos activos, de victorias illustres, e de loiros gloriosos; a segunda de dòres, de perseguições, de soffrimentos, e de prisão; e a ultima, de silencio, de repoiso e de solidão. No to de



NOTAS.

- (1) Monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizara, tomo II das Memorias historicas do Rio de Janeiro, declara que no Rio de Janeiro nascera Martim de Sá. Este facto acha-se plenamente comprovado por uma carta sua de 1624, publicada no 1º vol. de Revista trimensal do Instituto historico e geographico brazileiro, na qual Martim de Sá, tratando dos embaraços do seu governo no Rio de Janeiro, diz: « Em todas as partes por onde andei acho que n'ellas sou mais acatado, mais amado e mais estimado do que aqui sou com as mercês que S. M. me faz. Attribuo ao proverbio nemo propheta in patria sua, pois poderei cuidar que será inveja. »
- (2) Sebastião da Rocha Pitta, na lista dos Brazileiros illustres, com que findou a sua Historia da America portugueza, cita o nome de Salvador Correia de Sá e Benavides. Monsenhor Araujo Pizarro, tomo III, pag. 204, das Memorias historicas do Rio de Janeiro, refere o seu assento de baptismo, que teve logar na egreja de São Sebastiao do Castello; além d'estas provas irrecusaveis, ha huma carta escripta por Salvador Correia de Sá e Benavides á camara de São Vicente, em data de 10 de janeiro de 1641, em que declara ter nascido no Rio de Janeiro. Entretanto alguns escriptores castelhanos pretenderam ser elle natural de Cadiz, patria de sua mãe; esta pretenção porém cedeu a documentos e provas que evidenciam pertencer ao Brazil a gloria do seu nascimento.
- (3) Francisco de Britto Freire, liv. II da Guerra brasilica, refere esta victoria de Benavides sem minuciar o numero dos vasos de guerra hollandezes que foram a pique. Luiz Moreri, no seu importante Grande Diccionario historico, art. Correia, enumera oito. O mesmo numero conta Manuel de Faria e Souza na sua America portugueza; monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizarro nas suas Memorias historicas do Rio de Janeiro, cinge-se á opinião de Faria e Souza e de Moreri.

- (4) Waguensar, XI, Aitzema, Capellon, Gedenkscriften, I, pag. 394.
- (5) Laiz Moreri, Grande Diccionario historico, palevra Correia.
- (6) Memorias historicas do Rio de Janeiro.
- (7) 1810 a 1812.
- (8) Memoria topographica e historica sobre os campos dos Gyolacazes, por José Carneiro da Silva, hoje visconde de Aranama, impressa no Rio de Janeiro em 1819. Esta memoria é muito digna de ter-se e consultar-se, porque a curiosos dados estadisticos renne interessantes noticias historicas.
 - (9) Grande Diccionario historico, palavra Correia.
- (10) Uma obra publicada no Porto em 1845 pelo senhor Camillo Aureliano da Silva e Souza, sob o titulo de Anti-catastrophe, Mistoria d'ElRei Dom Affonso VI de Portugal, contem minuciosos esclaracimentos sobre esta epocha importante; é escripta por testemunha occular, e n'ella se lêem as fallas de Salvador Correia de Sá e Benavides, e de outros fidalgos n'essa conferencia que referimos; muitos documentos officiaes contém ainda, que lançam immensa luz sobre táca successos; foi ella escripta para servir de reposta á outro obra com o titulo Catastrophe de Portugal na deposição d'ElRei Dom (fionso 11, que o

SECULO XVII.

I.

GREGORIO DE MATTOS GUERRA.

Governava a Bahia o pacifico conde de Miranda, successor de Dom Francisco de Moura Rollim, quando a 20 de dezembro de 1633 nasceu, de honrada ascendencia, o poeta Gregorio de Mattos Guerra. Foram seus pais Gregorio de Mattos e Dona Maria da Guerra, senhora do engenho Patatiba.

Receberam Gregorio de Mattos e seus irmãos mais velhos Pedro de Mattos e Eusebio de Mattos uma excellente educação; possuiam as escholas dos Jesuitas talentos elevados e solidos engenhos: n'ellas cursava e estudava a flor da mocidade do Brazil, que ambicionava beber instrucção, e adquirir conhecimentos: foram seus companheiros nas aulas primarias Gonsalo da Franca, Domingos Barboza, Manuel Botelho de Oliveira, Martinho de Mesquita,

Salvador de Mesquita, e Gonsalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque, jovens engenhos brazileiros, que começavam a sua carreira litteraria, e já no limiar dos estudos solfejavam canticos agoiradores de um porvir brilhante.

Na edade de quatorze annos foi por seus pais mandado Gregorio de Mattos para Coimbra a fim de seguir os estudos superiores da universidade.

Acabava Portugal de sacudir o jugo hespanhol; a acciamação do Dom João IV deu ao throno um rei portuguez e á nação uma dynastia nobre e illustrada; coroára a victoria os heroicos esforços dos defensores da independencia lusitana; haviam sido os Hespanhoes derrotados por toda a parte; nas colonias que possuia ainda na Africa, na Asia e na America, que não haviam esquecido e trocado a lingua portugueza pela castelhana, reproduzia-se um mo-

rios, não descantavam os pastores, não sonhava a natureza, e não meneiavam as arvores; não tinham as flores aroma, não se matisavam os campos de verdura, e não soïa ser o vento mensageiro de amores; para elle não faceiravam as brandas auras, e nem as creações da terra elevavam os seus hymnos de louvor, enthusiasmo e gratidão para aquelle Eterno Ser que as havia produzido; não tinha asas o engenho, vozes sonoras a religião, écho eterno e immortal o espirito divino: era para elle a poesia como a terrivel Nemesis, armada de instrumentos de castigo, e que açoita a todos que com desagrado avistavam os seus olhos, ou a quem queria applicar o fogo do seu odio, ou dos seus caprichos: não via estrellas no céo, bondade nos homens, e nem magnificencia e amor na natureza; convinha-lhe e merecia-lhe a attenção sómente o que era máu e ridiculo; e si lhe faltava a realidade, a imaginação lhe servia, para phantasia-la e desenvolve-la.

Folgava Gregorio de Mattos de encontrar defeitos nos homens ou nas cousas, de censura-los, e exagera-los; alegria viva, burlesca e facciosa, salpicava todas as suas composições; domina o espirito em todas as suas obras, o espirito porém de mal, que anhella reprovar sómente, e que nunca dirige elogios; são ás vezes perfeitos os seus versos; distillam porém fel, e pintam sempre as scenas risiveis e ridiculas do mundo: não parecia poder descantar a sua musa senão malignidades.

Acha-se perfeitamente pintada em uma carta que o desembargador Belchior da Cunha Brochado, seu contemporaneo, dirigiu a um amigo de Lisboa, a reputação que lhe adquirio o seu exquisito engenho: — « Anda aqui um Brazileiro, tão refinado na satyra, que, com suas imagens e seus tropos, parece que baila Momo ás cançonetas de Apollo. »

Apenas tomou o gráu de hacharel em leis, deixou Coimbra amaldiçoando-a em versos malignos; dirigiu-se para Lisboa, e estabeleceu-se com escriptorio de advocacia. Com tanta distincção servio depois os logares de juiz do crime de um bairro da cidade, e de juiz de orphãos e ausentes de uma comarca, que o celebre jurisconsulto Pegas, nas suas notas ás ordenações do reino, cita as suas sentenças como mo-



deixou ElRei o palacio por uma prisão, e recebeu Dom Pedro o titulo de regente de Portugal.

Mostrou-se o regente amigo de Gregorio de Mattos: prometteu-lhe um logar na Casa da Supplicação, apenas apparecesse n'ella a primeira vaga: exigiu no entretanto d'elle que fosse em commissão ao Rio de Janeiro e devassasse ahi dos actos do governo de Salvador Correia de Sá e Benavides, que em 1661 largára aquella administração.

Si bem que era uso e praxe de então mandar-se syndicar dos actos de um governador, apenas findava o seu tempo, conheceu todavia Gregorio de Mattos quantos desejos existiam no coração do principe regente, e dos seus ministros, de encontrar quáesquer motivos que pudessem servir para uma perseguição contra Salvador Correia de Sá e Benavides: não se ligára este illustre general ao partido triumphante; accompanhara antes o infeliz Affonso VI, e fiel se lhe conservára, emquanto se arrastava nos carceres a existencia do desgraçado monarcha.

Ainda que Gregorio de Mattos seguira vereda opposta de Salvador Correia de Sá e Benavides, soube comtudo fazer justiça ás suas grandes qualidades, e aos seus leáes e prestimosos serviços, quer no Brazil, quer em Portugal: havia no coração de Gregorio de Mattos um fundo de bondade, que lhe não permittia fazer mal a pessoa alguma, embora o seu espirito e a sua musa promptos estivessem sempre

para censurar e ridiculisar cousas e homens: excessivas lhe pareciam as perseguições do governo contra Salvador Correia de Sá e Benavides, encerrado em uma prisão, e sujeito a um processo rigoroso. Não aceitou portanto a commissão.

Mostrou-se descontente o principe com a recusa de Gregorio de Mattos; findáram as suas relações; cabiram em olvido os seus serviços : perdeu então Gregorio de Mattos as esperanças que nutrira, e cujo resultado lhe fóra afliançado; deliberou-se a abandonar Lisboa, a côrte e Portugal, e a recolher-se para a sua patria : chegou á Bahia, no anno de 1679, depois de uma ausencia de trinta e cinco annos.

Governava a Bahia o capitão general Roque da Costa Barreto, que o recebeu com todas as provas de benevolencia e distincção : querendo manifestar-



servindo de pretexto a sua recusa de trajar habito secular, e tomar ordens sacras, como instava que o fizesse o novo prelado; julgou mais proprio e honroso para a sua posição, e mais conveniente e appropriado aos seus estudos, dedicar-se unicamente á vida de advogado.

Não se esqueceu o poeta satyrico de empregar as suas armas na feitura dos arrasoados e dos libellos; encommodavam-se as partes com os epigrammas; consideravam-se offendidos os juizes com a critica mordaz, e violentos sarcasmos, que empregava o advogado; guardavam-lhe má vontade os escrivães, procuradores, e toda a gente do fôro, por que a ninguem poupava, e pessoas, e defeitos e obras, tudo exagerava, e ridicularisava tudo.

Vôou entretanto a sua fama por toda a parte; o clero, o cabido, o governo, todos d'elle se arreciavam, porque os epigrammas continuados, as furiosas satyras, corriam de mão em mão, repetiam-se por todas as bocas, e eram sabidas em todas as casas; afóra o seu protector Roque da Costa Barretto, que em 1682 se retirou para Portugal, nem-um governador escapou ás settas ferinas do seu espirito desde Antonio de Souza Menezes, conhecido pelo nome de braço de prata, com que substituira o natural, que perdêra nas guerras de Pernambuco, até o marquez das Minas, Dom Mathias da Cunha, e Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho, que tomára posse em 1690.

Mais ainda se patenteou a furia dos seus sarcasmos com a sua propria mulher, uma viuva fermosa, que desposára em 1684, e se chamava Maria dos Povos; que lhe importava denunciar defeitos, escandalisar caracteres, offender susceptibilidades, comtanto que livremente se espraiasse o seu genio, e resvalasse da maligna inspiração uma satyra que agradasse, excitando a curiosidade! Foi motejada em versos a sua propria mulher, não lhe valendo o privilegio de esposa para escapar á sorte que tiveram os principáes personagens da Bahia! Contamos chronistas as mais extravagantes anecdotas, que affirmam ter-se passado na sua vida domestica, vida incomprehensivel sem duvida, e sobre a qual relova, como mais prudente, correr um véo espesso.

Foi por fim tão crescido o numero dos seus inimi-



GREGORIO DE MATTOS GUERRA.

que lhe restava d'ella, tendo já decorrido mais de sessenta janeiros: podia porém reter as redeas do seu engenho? Estava nas suas mãos ordenar-lhe que parasse na precipitada e imprudente carreira? Bastava a sua vontade para lhe impôr silencio?

O certo é que se não emendou, e então desgraça maior o perseguiu no termo da sua existencia, nos paroxismos quasi da sua vida: mandou-o Dom João de Alencastre prender, embarcar em um navio, e remetter para Angola.

Felizmente que em Angola governava Pedro Jacques de Magalhães, que, no fim de alguns mezes de residencia, condoïdo da sua misera sorte, enthusiasmado pelos seus elevados talentos, e obrigado mesmo por alguns serviços que Gregorio de Mattos lhe prestára, permittiu-lhe que voltasse para a sua patria em um navio que seguia para Pernambuco.

Acabava a capitania de Pernambuco de sahir da administração do marquez de Monte Bello, substituido por Caetano de Mello e Castro: alli desembarcou Gregorio de Mattos, velho, quebrado do corpo, mortificado do espirito, na mais extrema penuria e miseria, e esmolando para poder sustentar-se!

Conhecêra-o rico o governador, e poderoso, e respeitado em Lisboa; de tão alto o precipitára o destino, para o collocar ao pé dos mendigos! Fê-lo Caetano de Mello e Castro recolher para uma casa de caridade, e deu-lhe uma pensão pecuniaria para poder subsistir.

Já era porém tarde! Como que se lhe tinha evaporado a vida n'esse exilio, que, em tão avançada
edade, o arrancou precipitadamente dos braços da
familia, e dos lares saudaveis e saudosos da patria,
para o atirar nas ressicadas areias e pestilentas plagas africanas; poucos mezes de existencia teve mais;
no mesmo anno de 1696 expirou, e foi enterrado
no hospicio de Nossa Senhora da Penha dos Capuxinhos francezes.

11.

Dividia Dante Alighieri toda a poesia em dous campos, o da tragedia e o da comedia; nem-um valor tinha na predita divisão a questão de forma; cantico, dialogo, e descripção, não são mais que

satyrico: como se notam tambem muitas e distinctas classes de poetas satyricos, é o nome de popular que mais apropriadamente lhe cabe.

Que modificações, ou antes especies não tem tido a satyra? Aristophanes misturava com o pó a imagem do proprio Jupiter, e foi o satyrico mais popular da Grecia; escreveram Ennio, Nevio, Pacuvio, Marcial e Lucilio satyras em estylo baixo e grotesco, e em linguagem por vêzes obscena; Horacio Flacco aperfeiçoou e idealisou a satyra; homem de gosto aristocratico e puro, ao passo que primou na critica fina, assisada e espirituosa dos costumes do seu tempo, elevou a satyra á dicção digna e bella das mais sublimadas poesias. Em fel mergulhavam Juvenal e Persio a sua inspiração, e requeimavam desesperados os crimes que censuravam: mas conservavam o estylo nobre e altivo. Creou Apuleo um outro genero, com semelhanças de historia ou chronica de cousas ridiculas, mas que é tambem satyra.

Na media edade, reproduz a satyra, como em perfeito espelho, o caracter e a imagem da epocha; e não foi unicamente satyra a poesia, tornáram-se satyra a arquitectura, a esculptura e a pintura; esta nas medonhas caricaturas, que espalhava por entre o povo; e aquellas nos relevos, com que adornavam as casas e as egrejas, nas retorcidas figuras, e diabolicos quadros, que folgavam de gravar na pedra ou no páu, que lhes servia de tela: appresentava a poesia versos extravagantes e maliciosos, dialogos

e autos grotescos, que nem poupáram o governo despotico, nem o feudal, e menos o sacerdotal.

Foi Dante Alighieri poeta satyrico: é uma satyra perfeita a Divina Comedia; mas que grandeza de genio, que ao lado da critica collocou a maior sublimidade lyrica, e a mais deliciosa poesia sentimental, que se pode imaginar! Essa é que é satyra inimitavel: discipulos mais ou menos aperfeiçoados teve Horacio, que são Pope, Boileau, Antonio Diniz, Voltaire e Nicoláu Tolentino; de Aristophanes são imitadores Carlos Gozzi, Molière, Antonio José da Silva e Gil Vicente; de Apuleo, e superior ao mestre, é Miguel Cervantes Saavedra; e após Swift e Lesage; foram todas estas differentes especies de satyras mais ou menos imitadas na epocha moderna: mas quem ousou imitar a Dante Alighieri?

Duntanou Croquinia da Mattur A alagas annasia an



GREGORIO DE MATTOS GUERRA.

viam, o objecto que o poeta tenta pintar; são porém os seus versos cadentes ás vezes e sonoros, e outras vezes descuidados; é geralmente agradavel a sua metrificação.

Satyras escreveu Gregorio de Mattos que se não podem ler, tanta é a copia de obscenidades que n'ellas esparge com mão profusa; outras porém ha, que lhe tem sobrevivido e conservado o seu nome e a sua memoria, e que sem duvida ainda aos futuros seculos levarão a lembrança do seu engenhoso talento: entre estas figuram algumas de estylo elegante, e mais assisadas, formando como que uma novidade no meio de suas outras composições.

Merece especial menção, e digna é a todos os respeitos de nossa attenção, a satyra aos namorados, que assim se desenvolve:

O namorado todo almiscarado,

Já de amor obrigado,

Faz á dama um poema em um bilhete,

Covarde o faz, e timido o remete:

Si lhe responde branda, alegre o gosta,

E si tyranna, estima-lhe a resposta.

Vai n'outro dia passeiar a dama,

Por quem se inflamma,

E sendo o intento ver a dama bella,

Passa-lhe a rua, não lhe vé janella,

Que está primeiro, em um galã composto,

O credito da dama, que o seu gosto.

Depois de muitos annos de suspiros, De desdens e retiros

Desprezos, desapegos, desengannos, Constancia de Jacob, serviços de annos, Fazem com que da dama idolatrada Lhe tem recado, em que lhe dá entrada.

Com tal recado atarantado o moço ,

Quer morrer de alvoroço :
Entregue todo a um subito desvelo ,
Enfeita a cara , penteando o pelo ;
Galá em checros , em vestir flammanto ,
Parece um cravo de Rochella andante .

A rua sáe, e junto ao aposento

Do adorado portento,

Onde cuidou gozar da dama bella,
Se lhe manda fazer pé de janella;
Accita elle, e, livre de desmaio,
De amorosos conceitos faz ensaio.

Querido idolo meu, anjo adorado, Lhe diz, com voz turbada, Si para um longo amor é curta a vida,



GREGORIO DE MATTOS GUERRA.

Responde-lhe ella, com um brando sorriso,

E no mesmo improviso:

— Ai! lhe diz, que accordou meu pai agora!

Amanhã nos veremos, ide embora!

Feixa a janella, e o moço mudo e quedo,

Fica sobre um penedo outro penedo!

Compare-se o estylo corrente e faceiro d'esta satyra com a que dirigio a Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho, appresentando-lhe o seu retrato.

Vá de retrato
Por consoantes,
Que eu vou timantes
De um nariz de tucano, cor de pato.

Pelo cabello
Começa a obra,
Que o tempo sobra
Para pintar a giba do camello.

Causa-me engulho
O pélo untado,
Que de molhado
Parece que sáe sempre de mergulho.

Não pinto as faltas

Dos olhos baios ,

Que versos raios

Nunca ferem senão em cousas altas.

Mas a fachada

Da sobrancelha

Se me assemelha

A uma negra vassoira esparramada.

Nariz de embóno
Com tal saccada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dóno.



Nariz, que falta Longe do rocto Pois na Sé posto Na praça manda por a guarda em alla.

Membros de olphatos,

Mas tão quadrado,

Que um rey coroado

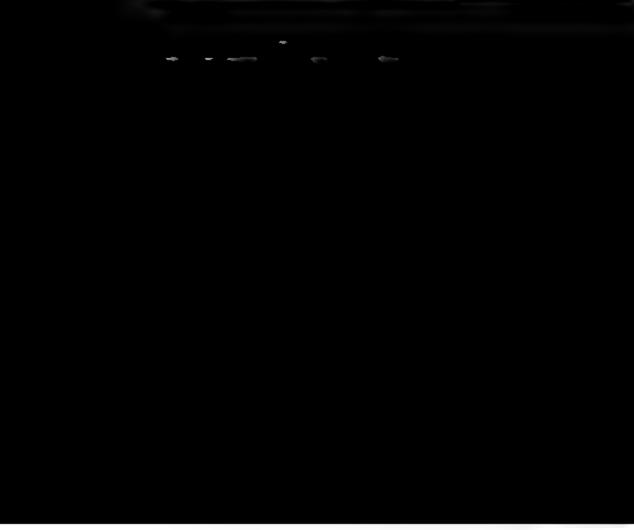
O pode ter por copa de com pratos.

Tão temerario É o tal nariz Que por um triz Não ficou cantureiria de um armario.

Vossé perdée
Nariz nefando,
Que eu vou cortando,
E ainda lica nariz, em que se assée.

Ao pe da altura Do naso outeiro Tem o sendeiro,

O que boca aas...t. e e rasgadura.



7

GREGORIO DE MATTOS GUERRA.

Por fallar fresco, No qual fabricaverunt peccatores.

Havendo apostas
Si é gente ou fera,
Si assentou que era
Um caracol, que traz a casa ás costas.

De grande arriba

Tanto se entona,

Que já blasona,

Que engeitou ser canastra por ser giba.

O pico alçado,
Quem lá subira,
Para que vira
Si é Etna abrasador, si Alpe nevado!

Dos sanctos paços

Na bruta cinta

Uma cruz pinta;

A espada é o pé da cruz, e elle os braços.

Vamos voltando
A dianteira,
Que na trazeira
Vejo o assento acoitado por nefando.

Si bem se infere
Outro fracaso,
Que em tal caso,
Não se açoita quem toma o miserere.

Pois que seria

Que eu vi vergões?

Serão chupões,

Que o bruxo do muxaçe lhe daria?

Seguem-se as pernas,
Sigam-se embora,
Porque eu, por ora,
Não me quero embaroar em táes cavernas.

Si bem assento
Nos meus miolos,
Que são dous rolos
De tabaco já podre e fedorento.

Os pés são figas A mor grandeza, Por cuja empreza Tomaram tanto pé, tantas cantigas.

Velha coitada, Cuja figura Na architectura Da pôpa da nau nova está entalhada.

Boa viagem,
Senhor Tucano,
Que para o anno
Vos espera a Bahia entre a bagagem.

Não é possivel deixar de reconhecer a mais extravagante exageração; mas quanta originalidade se nota? Quanto talento exquisito e variado se



GREGORIO DE MATTOS GUERRA.

477

Do que eu, que canto cousa mais delgada, Mais chata, mais subtil, mais esmagada.

Quando desembarcaste da fragata
Meu bom braço de prata,
Cuidei que n'esta cidade tonta e fatua
Mandava a inquisição alguma estatua,
Vendo tão exprimida salvajola,
Em visão de palhão sobre um mariola.

Chinga-te o negro, o branco te pragueja;

E á ti nada te aleja;

E por teu sem sabor e pouca graça

És fabula do lar, viso da praça.

Ah! que a balla, que o braço te levára,

Venha segunda vêz levar-te a cára.

Tem tambem pinturas delicadas e versos elegantes a satyra aos costumes da Bahia; é cada um d'elles pintado separadamente e criticado com espirito.

> D'estes, que campam no mundo, Sem ter engenho profundo, E entre o gabo dos amigos Os vémos em papafigos Sem tempestade nem vento, Anjo bento!

> De quem, com secretas letras,
> Tudo o que alcança é por tretas,
> Bacolejando sem pejo,
> Por matar o seu desejo,
> Desde a manha até a tarde,
> Deus me guarde!

Do que passeia farfante, Todo prezado de amante,



Por fora luvas, galões, Insignas, armas, bastões, Por dentro pão bolorento, Anjo bento!

D'estes beatos fingidos, Cabisbaixos, encolhidos, Por dentro fatáes maganos, Sendo na cara uns Janos, Fazem dos vicios alarde, Deus me guarde!

Encerra algumas bellezas a satyra que escreveu em versos inteiros e quebrados, e que ignoramos a quem fóra applicada: tem por titulo Marinicolas; ha strophes delicadas e sarcasticas, que deleitam e agradam, como são as seguintes:

Marinicolas Iodos os dias O vejo na sege Passar par aqui;



Pretendendo com recanilhas

Roubar as guaritas

De um salto subtil:

Embolsava com alma de gato

A risco de sape

Dinheiro de mez.

Entre gabos o triste idiota

Tão pago se mostra

De seus gorjotiz,

Que nascendo sendeiro de gemma,

Quer á fina força

Metter-se a rocim:

Deu agora em famoso arbitrista,

E quer por arbitrios

O triste malsim,

Que o vejamos subir a excellencia,

Como diz que vimos

Montalvão subir.

Sempre foi de moeda privado;

Mas vendo-se agora

Senlior e juiz,

Condemnando em portáes a moeda

Abriu a unhadas

Portos para si.

Muito mais lhe rendeu cada palmo

D'aquella portada,

Que dous Potosis.

Muito mais lhe valeu cada pedra,

Que vale um ochávo

De Valhadolid.

Marinicolas é finalmente

Sujeito de prendas

De tanto matiz,

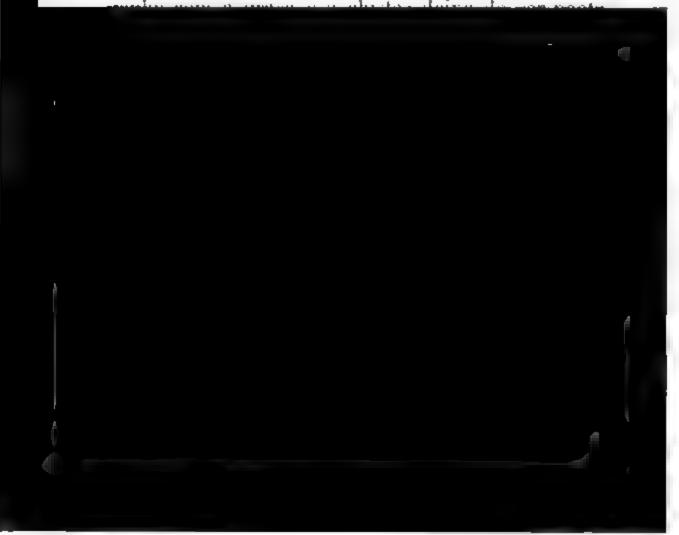
Que está hoje batendo moeda,

Sendo ainda hontem

Um villão ruim.

Muitas e variadas satyras escreveu ainda, algumas de primorosa graça, de linguagem obscena e cynica outras, e que a moral e os bons costumes reprovam; alegres, espirituosas e elegantes ás vêzes, revelando um bello estro e um talento admiravel; cheias outras vêzes de versos ridiculos, e sem o minimo valor poetico. Foi Gregorio de Mattos poeta de veia inexgotavel para pintar e exagerar os defeitos, e mesmo para os phantasiar; offerecia-lhe sempre a musa maligna as côres appropriadas, quer para suas caricaturas pessoáes, quer para os quadros mais largos e vastos que desenhou; foi o seu estro de ironia continua, as suas imagens motejos sempre, e as suas obras em muitas partes admiravel painel dos vicios ridiculos, e risiveis caricaturas.

Mas em grande opposição está o decoro do en-



GREGORIO DE MATTOS GUERRA.

Carinhos e affectos; Venham correndo Aos annos felizes Que hoje festejo.

Por que applausos de amor e fortuna Celebrem áttentos As aves canoras, As flores flagrantes, E os prados amenos.

Pois os dias, as horas, e os annos,
Alegres e ufanos,
Dilatam as eras;
Venham depressa
Aos annos felizes
Que amor festeja.

Pois o céo, os planetas e estrellas,
Com luzes tão bellas
Augmentam as vidas;
Venham luzidas
Aos annos felizes,
Que amor publica.

Nos versos aos encantos da vida religiosa ao passo que satyrisa, conserva-se o poeta decente e agrada-vel; não offerece o mesmo escandalo da linguagem, c a mesma insolencia do pensamento.

Quem da religiosa vida
Não se namora e se agrada,
Já tem a alma damnada,
E a graça de Deus perdida:
Uma vida tão medida
Pela vontade dos céos,
Que humildes ganham tropheos,
E tal gloria se desfructa,
Que na meza a Deus se escuta,
No chôro se louva a Deus?

Esta vida religiosa,
Tao socegada e segura,
A toda a boa alma apura;
Affugenta a alma viciosa;
Ha cousa mais deleitosa,
Que achar o jantar e o almoço.
Sem cindado e sem sobroço;
Tendo no bom e mán anno,
Sempre o pão quotidiano,
E escusar a Padre nosso?

Ha cousa como escutar
O silencio que a garrida
Tocca depois da comida,
Para coser o jantar?
Ha cousa como calar,
E estar so na minha cella
Considerando a panella,
Que cheirava e recendia
No gosto da Malvaxia,
Na grandeza da tijella?

Ha logsa (. . . . o estar vendo

vagando aquelle pelo mundo, a passar de exilio em exilio; tranquillamente vivendo este, ao principio no instituto da Companhia, e depois na casa dos religiosos do Carmo, aonde falleceu em 1692, sem jamais ter deixado a sua terra natal, e conhecido o mundo!



II.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA.

I.

Nasceu Sebastião da Rocha Pitta na cidade da Bahia, aos tres dias de maio de 1660.

Si dermos credito ao cónego Januario da Cunha Barboza (1), foi elle filho do dezembargador João da Rocha Pitta, natural tambem da Bahia, e chanceller da sua relação, que era o unico tribunal de segunda instancia, que havia então no Brazil, e que fôra creado em 1609 por Felipe III da Hespanha, extincto em 1626, e restabelecido em 1652.

Si considerarmos porém mais valioso o testemunho do abbade Diogo Barboza Machado (2), foram os seus progenitores João Velho Gondim, e Dona Brites da Rocha Pitta, filha do chanceller João da Rocha Pitta.

No collegio dos Jesuitas da Bahia encetou e continuou os seus estudos até que tomou o gráo de mestre em artes, e se habilitou para cursar as aulas da universidade de Coimbra, e seguir os estudos superiores. Como eram os seus pais abastados de riquezas,

partio, na edade de dezeseis annos, para Portugal; na universidade de Coimbra seguio os cursos superiores, e no anno de 4682 obteve a formatura de bacharel em canones.

Regressou logo depois para a sua patria, e para a companhia dos seus parentes; occupou o posto de coronel do regimento privilegiado de infanteria das ordenanças; casou-se com Dona Brites de Almeida, e recolheu-se para uma fazenda, que possuia nas margens do rio Paraguassú, e proximidades da cidade da Cachoeira.

Passou ahi por muitos annos uma vida tranquilla, serena e socegada; emballáram-lhe a existencia os prazeres domesticos; intimas felicidades de esposo e de pai, no seio de bens da fortuna, e de bonançoso socego vivificáram-lhe o espirito, e suavizáram-lhe



de regente até 1683, e como rei até 1706; tiveram logar então as longas e sanguinolentas guerras que trouxe a questão de successão da corôa hespanhola, nas quáes menos prudentemente se involveu Portugal, podendo deixar de ser d'ellas affectado; e entretanto estas guerras lhe devoráram grandes quantidades de dinheiro e soldados, quando podiam unicamente soffrer a Hespanha, a Allemanha, a França, a Inglaterra e a Hollanda, que n'ellas tinham um interesse peculiar.

Termináram-se por fim no Brazil entre os Hollandezes e Portuguezes as continuadas luctas, sendo expellidos aquelles do rico territorio que tanto ambicionavam, e parte do qual por largo tempo haviam occupado; haviam estas luctas demorado o engrandecimento do paiz, perturbado a regularidade do seu commercio, e a liberdade da sua navegação, tão necessarias para uma nascente colonia.

Descobriram-se os terrenos interiores do Brazil; foi explorado e conhecido o Piauhy; os intrepidos sertanejos de São Paulo e Tabauté visitáram e examináram os sertões da capitania de São Vicente, que formam actualmente as tres provincias de Minas Geráes, Matto Grosso e Goyaz. Bartholomeu Bueno de Siqueira, Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, Fernando Dias Paes, e Garcia Rodigues Paes, dobráram os desertos, e além do Serro do Frio, Goyaz e Cuyaba, deparáram pelos annos de 1694 em diante com minas abundantes de oiro,

diamantes, esmeraldas, e varias outras pedras preciosas que espantáram a Europa. Para tão longinquas terras foi attrahida a attenção e a avidez de copia extraordinaria de Portuguezes e estranhos.

Succederam infelizmente os desastres de Carlos Duclero, a empresa aventurosa de Duguay Trouin, e as perdas extraordinarias que soffreu a praça e cidade do Rio de Janeiro, pela inercia e inhabilidade do seu governador Francisco de Castro e Moraes, durante os annos de 1710 e 1711.

Tantos e tão variados acontecimentos, que mais ou menos importavam ao seu paiz, não tiveram forças para arrancar do seu ocio ditoso a Sebastião da Rocha Pitta, que estava exclusivamente dedicado á solidão da vida intima.

Nomeio dos trabalhos agricolas, e da paz da familia,



da Rocha Pitta não obteve porém a mesma nomeada que conseguira o romance original de Francisco de Moraes.

Nos trabalhos materiáes da lavoura, e em suaves folgares do espirito, passou elle mais da metade da carreira mundana; si por identica forma a continuasse e completasse, de certo que teria o seu nome com elle morrido.

Deliberou-se porém a escrever uma historia do Brazil. E foi um glorioso pensamento que teve e uma boa fortuna para o seu paiz.

Existiam impressas algumas chronicas parciáes da historia do Brazil e algumas viagens de diversos navegantes, que tinham visitado as suas costas: imprimira Gandávo em Lisboa a sua Historia de Santa Cruz; Léry, Thévet, Villegaignon, Linscott, Schemidel, Hans Stadt, André de Teive, Roulox Baro, haviam publicado as suas excursões; João de Laet, Barlæus, Marcgraff, Tamayo Vargas, Albuquerque, San Roman, Maffeus, Claudio d'Abbeville, Ives d'Évreux, Balthasar Telles, o padre Simão de Vasconcellos, Francisco de Brito Freire, Rafael de Jesus, Manuel Calado, e varios outros sujeitos, tinham escripto chronicas de preço, si bem que incompletas, e insufficientes todas.

Preciso era para a redacção de uma verdadeira historia do Brazil que se recorresse aos manuscriptos e documentos que se guardavam nas bibliothecas publicas, nas secretarias d'estado, nos depositos

e archivos reáes, conventuáes e particulares: que se examinassem os itinerarios, viagens, derrotas, chronicas religiosas e descripções militares; immensa de certo seria esta tarefa, de difficilissima execução e de trabalhos muito longos e penosos; parecia á primeira vista curta a vida de um homem para emprehende-la et leva-la ao cabo!

Carecia no entretanto o Brazil de uma historia, que fosse como o complexo ou fusão de todos os escriptos impressos, e não impressos, ácerca do seu descobrimento, da sua colonisação, das nações dos seus indigenas, das suas importantes explorações, e dos grandes acontecimentos, porque teve de passar, desde os seus primeiros dias, alvo da cobiça de tantos povos, que invejavam as innumeras riquezas de seu solo feliz, e a magestade de sua posição geogra-



dos collegios dos Jesuitas da Bahia, Rio de Janeiro, e São Vicente: passou-se depois para Lisboa, e com toda a applicação, actividade e agudeza de espirito entregou-se á indagação conscienciosa dos papeis que lhe podessem ministrar elementos para levar a effeito a tarefa que emprehendera.

Não contente com as noticias que pode obter dos documentos escriptos na sua lingua vernacula, e na castelhana, que sabia perfeitamente, deu-se ao estudo das linguas franceza, hollandeza e italiana, para o fim de ler e conhecer os escriptos d'estes povos.

Pouco menos da metade da sua vida foi empregada na grande e importante missão com que se inspirou, e que felizmente conseguiu ao terminar o anno de 1728.

Foi publicada em 1730 a Historia da America portugueza desde o seu descobrimento até o anno de 1724.

Muitos applaudos obteve; leram-na e elogiaram-na todos os sabios contemporaneos; por uma commissão de seus membros fe-la examinar a Academia real de Historia portugueza, e approvou um parecer, em que se lhe rendiam grandes encomios, e se lhe dava o diploma de academico supranumerario. Na qualidade de censor dos inquisidores escreveu uma memoria á seu respeito o bispo de Lacedemonia, a qual faz honra a ambos ao historiador e ao critico.

Nomeou-o ElRei Dom João V fidalgo de sua casa e cavalleiro da ordem de Christo.

Retirou-se então Sebastião da Rocha Pitta para a Bahia, e para o seu doirado repouso; reviu a sua casa, os seus bens e os seus amigos; quiz ali passar tão tranquillamente os ultimos dias da vida como haviam corrido os primeiros tempos d'ella.

Continuou n'aquelles mesmos folgares da mocidade, ora occupando-se com a administração dos trabalhos ruráes; ora chamando em seu auxilio a deliciosa musa que tantos encantos lhe dêra, e tantas venturas lhe causára; no gremio sempre da familia, reunindo em torno de si tantos filhos queridos, extensa prole dos seus pacificos amores, mirando-se n'elles como na sua imagem, procurando diffundir pelos seus animos as amaveis e candidas virtudes aventurar a menor observação, a mais ligeira analyse, e o juizo mais breve; é a historia no seu sentira a acta fiel e verdadeira dos tempos; a chronica dos factos succedidos; a descripção dos diversos dramas, e das peripecias differentes, que se tem realisado; o desenho dos caracteres, e o desenvolvimento da marcha das acções humanas, guardando o historiador a mais absoluta neutralidade, e a mais escrupulosa imparcialidade.

Ha uma segunda escola, que pesquisa e relata os grandes acontecimentos do mundo apresentando-os como effeitos de um fatalismo, cuja marcha é inevitavel; é para ella o dogma da moral separado da acção humana; não é livre esta acção, e portanto não tem imputação; o homem, a intelligencia, a moral, a religião e a consciencia, não tem dominio, nem influencia e nem vontade nos acontecimentos, que não são mais do que os vinculos de uma cadeia inabalavel, e que se ligam e se succedem pela força do destino: tem as cousas um curso regular que devem rigorosamente seguir. São os homens apenas instrumentos do destino; está de antemão marcada a sua missão, que ha de ser necessariamente cumprida.

Para esta segunda escola tendem duas differentes veredas: a vereda religiosa, philosophica e symbolica; e a vereda sceptica, material e athéa.

Procura a primeira vereda a razão espiritual dos factos, e os seus resultados moráes, abstraindo-os da

43

I.

scena do mundo, e da sua descripção e pintura; paira o principio religioso por cima das sociedades humanas, e manifesta-se por todas as suas phases; creou Deus o homem; povoou o homem a terra; formou o homem a sociedade, e a sociedade as leis; vem tudo de Deus, e marcou Deus de antemão o destino inexoravel do homem e da sociedade, das nações e da humanidade; marcham todos para um fim egual, tornando-se a vida das nações, das sociedades e dos homens, como um symbolo ou representação moral do pensamento de Deus, perante o qual o homem e os seus feitos desapparecem como a voz no deserto, ou a gotta d'agua no Oceano.

Formúla a segunda vereda o systema da perfectibilidade material; não se dirigem para outro fim



alma humana, que é a emanação sagrada da Divindade; a segunda subdivisão, nascida das theorias da revolução de 1789, e inteiramente franceza, estraga a vida, desmoralisa a consciencia, e perturba o espirito; pelo seu systema, e pelos seus principios, os Tiberios, os Felipes, os Neros e os Borgias tornáram-se tyrannos, não pela sua vontade ou indole, mas pela força das cousas; não tiveram vontade e nem liberdade os Robespierres, os Jefferies, os Fouquiers e os Tristãos que fôram os instrumentos apenas do terrivel fatalismo.

Si pecca a escola chamada geralmente descriptiva, porque apenas desenha e pinta os acontecimentos, e os não moralisa, não é menos defeituosa a escola fatalista, em qualquer das suas divisões: tem as nações a sua historia, como os individuos; tem o homem a imputabilidade de suas acções, como a tem a especie; narrar os crimes sem os considerar e julgar; recontar os horrores sem lhes applicar a sancção penal; fria e insensivelmente descrever as acções boas e más, deixando de analysa-las e pesa-las; não dar-lhes apreço, e nem attribuir-lhes imputação; por que procedem da força das circumstancias e não do effeito da liberdade; é desconhecer os principios da moral eterna.

A verdadeira e unica escola historica não é nem a descriptiva nem a fatalista. A verdadeira e unica escola historica é a de Tacito e de Thucydides; é a de Gibbon e a de Niebuhr; é a de Machiavelli e de

Mulier; é a de Plutarco e a de Thierry; é a de Polybio e de Lingard.

A verdadeira e unica escola historica exige em gráu eminente qualidades moráes e qualidades intellectuáes. Deve caracterisar o historiador o amor da verdade, e só da verdade; para consegui-la, torná-se necessario um zelo de exactidao, um escrupulo de paciencia a toda a prova; os tumulos, os monumentos, os epitaphios, serve-lhe tudo; decifrará com o mesmo cuidado os velhos e estragados archivos, os torturados documentos, e os livros limpos e acciados; procurará a verdade no meio do pó dos manuscriptos, e a custa de vigilias e fastidiosos trabalhos; e conseguida a verdade, necessitará de todo o sangue frio do seu juizo para distribuir a justica, e analysar com imparcialidade.

SEBASTIÃO DA ROCHÁ PITTA.

mentos, ouvida a voz dos seculos passados, mas a voz propria e verdadeira, cumpre ao historiador narrar e descrever ainda, e de par com a narração e a descripção julgar e moralisar. É a historia uma missão nobre e elevada, que aperfeiçõa a intelligencia, purifica o espirito, esclarece a consciencia e adorna o coração. A descripção e a moralisação, a pintura e o juizo, a narração e o raciocinio, são os elementos indispensaveis para traçar-se o grande quadro dos acontecimentos humanos, indagar-lhes as causas, descobrir-lhes os resultados, ligar a vida do individuo á vida da sociedade, reunir o homem á especie, e formar assim a grande lição para que foi instituida a historia.

É a historia diversa da chronica ou da memoria; são simplices narrações estas: tem aquella um interesse superior, porque além de narrar instrue e moralisa; entre os seculos ha pontos de semelhança; aceitam uns dos outros certas ideias e paixões, que se vão transformando; duram porém as civilisações com as condições que lhes são proprias; diversificam os usos e costumes; e pois cumpre ao historiador estuda-los, discrimina-los, pinta-los com as suas côres especiáes, e encara-los sob os pontos de vista das normas immutaveis da justiça universal, e tambem das ideias predominantes na quadra em que se realisáram: dando a cada epocha, que passa, o seu verdadeiro logar, a sua propria physionomia, e a sua significação logica.

197

Reunir a laboriosa e a mais profunda instrucção aos talentos mais subidos, e conhecer perfeitamente os factos, desenterrando a verdade do cháos dos tempos, e julgando-a com criterio e imparcialidade, constituem as qualidades de um historiador. Verdade e comprehensão, justiça e intelligencia, sabedoria e imaginação, é lhe tudo necessario para dar vida á sua historia, alma á sua narração, interesse á sua obra, physionomia peculiar ás epochas que descreve, e vestes proprias aos acontecimentos que narra.

È o estylo do escriptor, e não do historiador; pertence o estylo ao caracter e ao individuo; tenha o historiador as qualidades e estudos que necessita, e escreva! Escreva pela maneira mais facil e mais propria de exprimir os seus pensamentos, as suas



encanta e arrasta: máus historiadores, porque aceitáram sem criterio um grande numero de factos, que incluiram nas suas historias, extravagantes uns, inverosimeis outros, e que não passavam de tradições populares revestidas da poesia do povo, que é toda patriotica, mas que não deixa de ser poesia, isto é, filha querida e doirada da imaginação. Os historiadores precisam de mais estudos, e de mais discernimento.

É verdade que tem o estylo as suas normas intellectuáes como tem regras materiáes; não se reduzem porém as suas formulas a uma só formula, si bem que perfeita; seria semelhante ideia equivalente a que não houvesse na existencia humana mais que um só typo do que é bello; entretanto o bello, bem como o sublime, abraçam todas as formulas, e todas as creações do pensamento; alargam o circulo do templo da arte, e conhecem-se pelas suas phases ou apparições, e não pela maneira porque se manifestam essas apparições ou phases.

E pois pertence o estylo ao escriptor; não ha estylo fixo a que deva cingir-se o historiador; manifestando ou materialisando as suas ideias, forma o seu estylo conforme o seu caracter, a sua indole e a sua imaginação: vão-lhe proporcionalmente creando, vigorando, fortalecendo e aperfeiçoando o estylo as ideias que fôr elle abraçando e desenvolvendo.

HI.

Possuia Sebastião da Rocha Pitta todas as qualidades de historiador? Satisfez a todos os requisitos exigidos, e especificados no paragrapho anterior? Contém a sua Historia da America portugueza todos os elementos de uma boa historia?

Examinemo-lo.

Existiam no seu tempo monumentos historicos de duas especies, relações, itinerarios, viagens, derrotas, noticias e chronicas ácerca do descobrimento do Brazil, das suas primeiras explorações, da sua colonisação primordial, e das invasões que soffrera, escriptos em diversas linguas, e impressos em varios paizes; e cartas dos missionarios, viagens, descripções e derrotas, que não haviam sido publicadas, e





SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA.

não

Pitta, que prova com a sua Historia que se não poupou a trabalho algum para esclarecer-se; si pelo lado tambem de imparcial e justiceiro, como deve ser um bom historiador, eguáes encomios lhe são devidos; sentimos comtudo ter de enunciar que, ou pelas ideias religiosas da epocha, que não admittiam exame nos milagres de fé, e nos factos, que relatavam os missionarios para o fim de cathequisar as nações selvagens, ou mesmo talvêz pela crença supersticiosa, e excessivo amor patriotico de Sebastião da Rocha Pitta, não está isenta a sua obra do grave defeito de dar como verdadeiros alguns factos, que qualquer exame rapido ou ligeiro raciocinio teria declarado falsos, e até inverosimeis.

Parece arrastado mais pela imaginação do que pela razão: aceita as legendas religiosas dos missionarios, e as anecdotas poeticas do povo, como acontecimentos reáes; não ousou rebatte-las, ou acreditou-as; e peccou por qualquer dos modos.

Como se affadiga tanto para provar que São Thomé viajou pelo Brazil! Como tenta achar no paiz os signáes demonstrativos do seu baculo e dos seus pés! Como appella para a tradição dos gentios! Como chama em seu apoio os testemunhos de Joaquim Brulio, Gregorio Garcia, Fernando Pizarro, do bispo de Chiappa, e do jesuita Ribadaneira!

E relativamente ás aventuras de Diogo Alvares,

o Caramurú, tão doiradas pela poesia popular, como as aceita em toda a sua plenitude! Como acredita na fabulosa viagem á França, e a dá como verificada no reinado de Henrique de Valois, segundo de nome, e de Catharina de Medicis, quando esse reinado começou sómente em 1547, e de então em diante está evidentemente provado que não sahio da Bahia Diogo Alvares, havendo em 1531 casado duas das suas filhas com Affonso Rodrigues e Paulo Dias Adorno, companheiros de Martim Affonso de Souza!

Como estes factos varios outros descreve Sebastião da Rocha Pitta, que não minuciamos para não tornar cumprida a sua analyse. São culpas graves para um historiador a falta de coragem para repellir a influencia e o dominio das lendas religiosas ou



SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA.

263

Descreve perfeitamente o Brazil do seu tempo; encara-o sob o ponto de vista geographico, commercial e estatistico; examina a natureza dos seus terrenos e das suas producções, e parece antever o futuro grandioso que o aguarda, historiando os acontecimentos políticos e militares por que passou, as negociações diplomaticas que se encetáram a seu respeito, o desenvolvimento da sua riqueza, e da influencia que sobre a metropole começava já então a exercer a colonia nascente.

È innegavel pois que lhe não faltavam as qualidades intellectuáes de historiador; que, além de se achar ao nivel de tudo quanto a respeito do Brazil se podia saber na quadra em que viveu, quadra que forneceu realmente á historia a maior somma de materiáes pelas pesquisas e trabalhos dos escriptores seus contemporaneos, como eram Antonio Caetano de Souza, Diogo Barboza Machado, Dom Francisco Xavier conde da Ericeyra, Antonio de Souza de Macedo, e varios outros, adquirio tambem sobeja instrucção em todos os ramos dos conhecimentos humanos, cuja theoria e pratica convinham entrar na historia do paiz, de que se incumbira: era dotado ainda de imaginação brilhante, e de phantasia variada, para reunir o agradavel com o necessario, o bello com o util.

Si soubesse ou pudesse Sebastião da Rocha Pitta escapar do defeito, que já lhe imputámos, de aceitar sem o menor discernimento e dar como

verdadeiros alguns factos que só existiam nas tradições populares, e nas invenções dos missionarios, seria de certo um dos maiores historiadores da lingua portugueza. Como eram variados os seus talentos! Que subido amor de seu paiz lhe palpitava no peito! Que grandes e admiraveis qualidades possuia!

Convém dizer todavia que Sebastião da Rocha. Pitta historiou perfeitamente alguns acontecimentos do Brazil, como foram as guerras longas e sanguinolentas promovidas pelas invasões ambiciosas dos Francezes e Hollandezes; que a sua obra contém innumeras noticias biographicas de varios e importantes Brazileiros que adquiriram honrosa nomeada pelo seu valor e talentos; e que sobre a historia natural, a agricultura, a industria, a geographia, a estatutada e contema a listoria malitara appara enternada pelo seu valor e talentos; e que sobre a historia natural, a agricultura, a industria, a geographia, a estatural e contema a listoria malitara estatural e contema enternada enternada enternada e contema enternada e



Bastam as observações que enunciamos para conhecimento das qualidades do historiador; examinemos agora o seu estylo.

Em geral peccava o estylo da epocha pela innovação dos trocadilhos; o desejo de castigar e harmonisar as palavras e as phrases dava-lhes uma toada que era menos agradavel de certo do que a simplicidade poetisada de Fernão Lopes, a eloquencia limpida de frey Luiz de Souza, as engenhosas descripções de João de Barros, a energia de Affonso de Albuquerque, e a modestia de Heitor Pinto e Amador Arraes.

E não foi somente Sebastião da Rocha Pitta que incorreu no peccado. Antonio Caetano de Souza, os condes da Ericeyra, o padre Antonio de Sá, e o proprio Antonio Vieira, o commetteram. Mais ou menos recebem os homens a influencia das ideias que prevalecem na epocha em que vivem. Entretanto, claro, facil, elegante e bello, é de certo o estylo da Historia da America Portugueza; tem descripções admiraveis e pinturas que são eloquentes. O estylo de Rocha Pitta colloca-o sem duvida na primeira linha dos escriptores portuguezes.

Para comprovarmos estas asserções, daremos alguns excerptos d'elle.

« N'ella surgindo as náus pagou o general aquella ribeira e segurança, que achára depois de tão evidentes perigos, com lhe chamar Porto Seguro e a terra Santa Cruz, pelo estandarte de nossa

fé, que n'ella arvorou com os mais exemplares jubilos, e ao som de todos os instrumentos e artitheria da armada, fazendo com a mesma militar ostentação e piedade celebrar o sancto sacrificio da missa sobre uma ara que levantou entre aquelle inculto arvoredo, que lhe serviu de docel e de templo.

a A fermosa variedade de suas formas na desconcertada proporção dos montes, na conforme desanião das praias, compõem uma tão egual harmonia
de objectos, que não sabem os olhos aonde meihor
possam empregar a vista, já em altas e continuadas
serranias, já em successivos e dilatados vales; as
maiores porções d'elle fez Deus felicissimas, algumas
inuteis; umas de arvoredos nuas expoz ás luzes do
sol, outras cobertas de espessas mattas occultou
aos seus raios: formou dilatadissimos campos, uns



sereno, e nem a aurora madruga mais bella; o sol em nem-um outro hemispherio tem os raios tão doirados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras, etc. »

Si d'estas descripções da natureza, que realmente extasiam e encantam, passarmos para as descripções dos acontecimentos, não é menos nobre e brilhante o estylo. O que pode haver de mais perfeito do que a noticia que nos dá Sebastião da Rocha Pitta da guerra dos Palmares, com que por tanto tempo se encomodáram os Portuguezes? Indaga-lhes todas as causas, narra-lhes todos os successos e descobre-lhes todos os resultados de modo que nada deixa a desejar.

« Estão os Palmares no continente das villas do Porto Calvo e Alagoas, em quasi egual distancia de ambas, porém mais proximos a primeira. O nome tiveram depois que os negros o possuiram pelas muitas palmeiras que lhes plantáram. Comprehendia mais de uma legua em circuito a sua povoação, cuja muralha era uma estacada de duas ordens de páos altos, lavrados em quatro faces dos mais rijos, incorruptiveis e grossos, que ha n'aquelles grandes mattos, abundantissimos de portentosos troncos. Tinha a circumvallação tres portas da mesma ma-

deira com suas plataformas em cima, todas em eguáes distancias, e cada uma guardada por um dos seus capitáes de maior credito, e mais de duzentos soldados, no tempo da paz, porém n'esta guerra guarnecidas todas do maior poder das suas forças. Por varias partes d'aquella circumferencia haviam baluartes da propria fabrica e fortaleza. O paço do seu zumbi era toscamente sumptuoso na forma e na extensão; as casas dos particulares ao seu modo magnificas, e recolhiam mais de vinte mil almas de ambos os sexos, das quáes dez mil de homens capazes de tomar armas. As que jogavam são de todos os generos, assim de fogo, como espadas, alfanges, frexas, dardos e outras arrojadiças. Havia dentro da sua povoação uma eminencia elevadissima, que lhes servia de atalaya, e depois lhes foi





SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA.

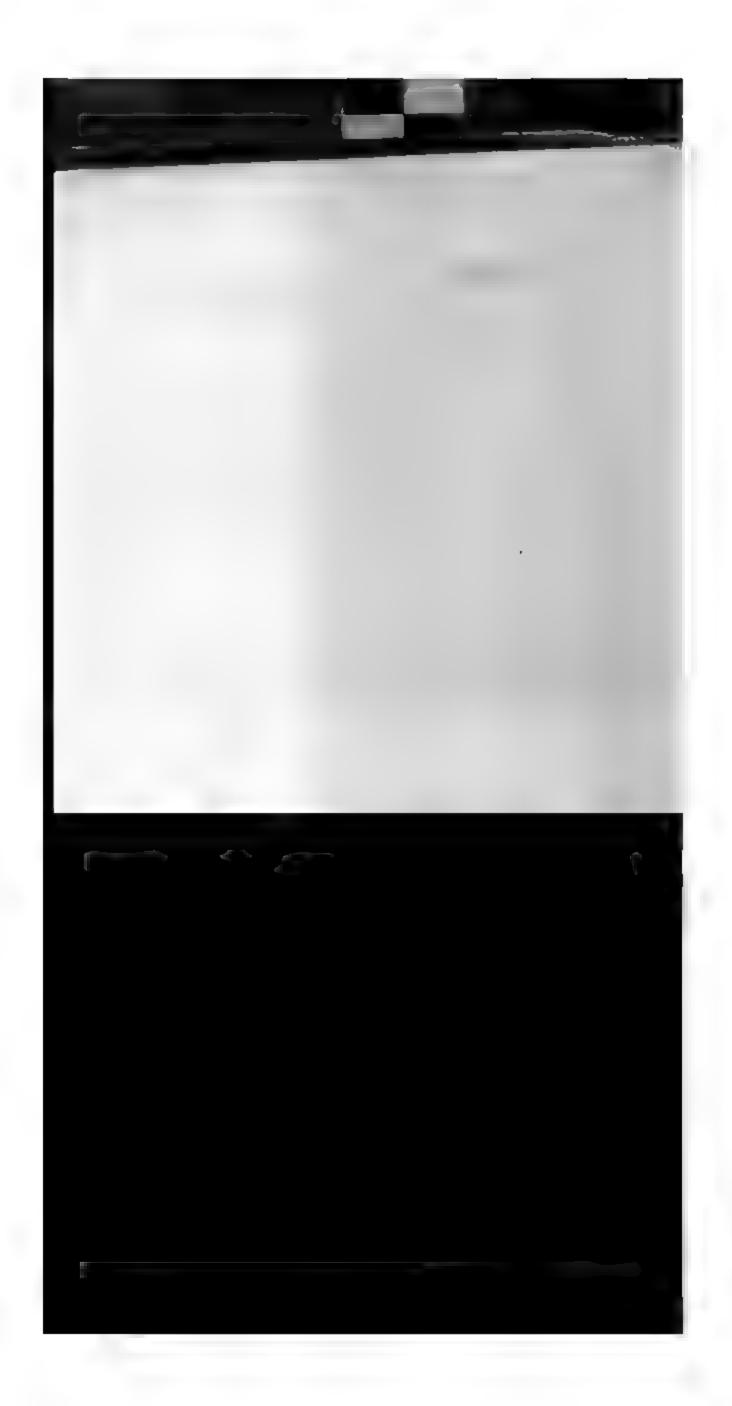
269

ou influencia; escreveu-os portanto com muita imparcialidade. Talvêz mesmo que mais importante e verdadeiro seja, e mais interesse tenha ella, na narração dos acontecimentos contemporaneos, do que n'aquelles que a tradição recontava, e que, como succede nos primeiros tempos de todas as nações, estão mais ou menos envoltos em véo mysterioso e poetico, que não ousa rasgar o historiador, dado mesmo que os não acredite.

Quer para a epocha em que foi escrita, e que era de certo muito pobre de obras historicas, quer mesmo para os nossos tempos, que possuem uma mais abundante colheita de materiáes ácerca do Brazil, deve ser a Historia da America Portugueza de Sebastião da Rocha Pitta considerada um bom monumento e um thesouro precioso, que honram a lingua e a litteratura portugueza.

NOTAS.

- (1) Januario da Cunha Barboza, noticia de Rocha Pitta.
- (2) Bibliotheca Iusitana, pelo abbade Diogo Barboza Machado.





III.

BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO.

Foi São Vicente o primeiro estabelecimento que no Brazil fundáram os Portuguezes. Data de 1532, em que ali aportou Martim Affonso de Sousa, a quem fora feita por ElRei Dom João III a doação das cem leguas da costa que estivessem comprehendidas entre o cabo de São Thomé e Cananea.

Encontrando ali um porto excellente, de barra franca e abrigada de ventos, escolheu o donatario uma bella planicie, que se estende á mão esquerda, para assentar n'ella a capital dos seus estados.

Trouxera muitas familias de obreiros e individuos de todos os officios. Creou a povoação, concedendo sesmarias de terras, mandando edificar casas e egrejas, e promovendo a cultura do solo, que se prestava admiravelmente para a cana do assucar, que levára da ilha da Madeira, na persuasão de que perfeitamente ali se acclimataria.

Não lhe foram infensos os gentios, que com tino e presentes chamou á si, e ligou com os Portuguezes.

Ajudou-o n'isso um Europeo, que encontrou vivendo entre elles, e que se chamava João Ramalho, casado com a filha de Tiberiçá, chefe da tribu dos Goyanases, que se consideravam senhores da terra e dos campos de Piratininga, mas que pela sua mansidão e brandura dos seus costumes se distinguiam muito dos seus visinhos, os Tamoyos do Rio de Janeiro.

Organisou uma administração regular e tendo posto ordem em todos os seus negocios, e deixado locotenentes á frente do governo o da colonisação, partio para a India, aonde foi expirar desgraçadamente.

Perto do logar, em que se edificou São Vicente, descobrio Braz Cubas, locotenente do donatario, um outro sitio que mais proprio e adaptado lhe parecia para uma povoação, ao subir do braço de mar, que



cisco Lourenço de Gusmão, e de sua mulher Dona Maria Alvares.

Nasceu no anno de 1685. Teve por irmãos os jesuitas Simão Alvares e Ignacio Rodrigues, o franciscano frey Patricio de Santa Maria, o carmelita João Alvares de Santa Maria, e o conhecido escrivão da puridade d'ElRei Dom João V, Alexandre de Gusmão. Mais ou menos se celebrisáram no seu tempo estes seis irmãos, e legáram á sua patria nomes illustres, que lhe dão esplendor e gloria.

Teve mais o cirurgião mór, além dos varões que mencionamos, seis filhas, das quáes se casáram quatro, e duas se fináram professas no convento de Santa Clara de Santarem.

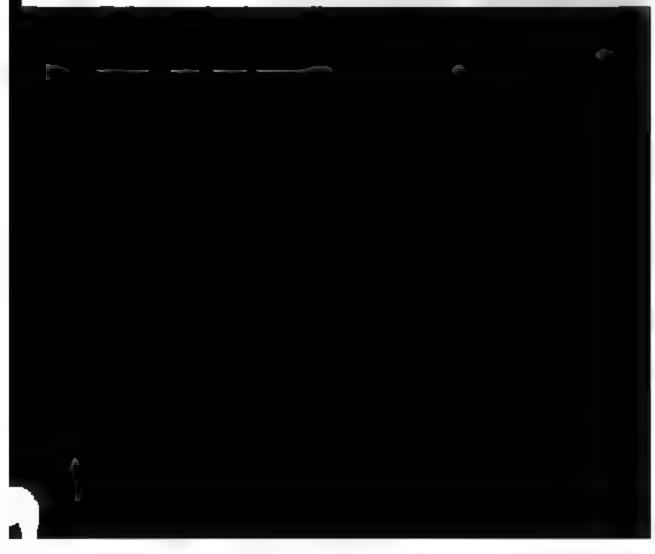
Em sua patria cursou Bartholomeu Lourenço de Gusmão as aulas dos Jesuitas, bem como todos os seus irmãos; na edade de quinze annos foi mandado para Portugal a fim de frequentar os estudos superiores da universidade de Coimbra; tomou o gráu de licenciado em canones, e adoptou o estado de ecclesiastico, dizendo a sua primeira missa no mesmo dia em que deixou a universidade.

Começou a illustrar-se pelos seus sermões; d'elles restam ainda alguns, que se imprimiram, e que mereceram geral aceitação dos seus contemporaneos: prima entre elles pela lucidez da dicção, gosto apurado, e imaginoso das ideias, e alguns rasgos de eloquencia, o que proferio na festa do Corpo de Deus, em 1721, na egreja de São Nicolau.

Entregou-se especialmente ao estudo das sciencias physicas e mathematicas, que mais que as outras lhe agradavam, e para as quáes manifestava uma propensão prodigiosa.

Em uma viagem que fez á Hespanha, foi em Madrid apresentado á rainha Dona Isabel de Brunswick Blankenburgo, que com elle sympathisou muito, e apreciando os seus raros talentos e grande sciencia, o recommendou a ElRei Dom João V, que perfeitamente o acolheu em Portugal, e o nomeou capellão fidalgo da sua casa.

Era ainda bem moço Dom João V. Aspirava o enthusiasmo por todos os poros. Entretinha-o Bartholomeu Lourenço com experiencias physicas, que o satisfaziam; fallou-lhe em formar uma maquina que, como os passaros, deveria voar aos ares, e tomou El-





BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO. 346

ou maquina aerostatica, entretanto que na cidade de Lisboa se fizera em 4709 a experiencia da que imaginára Bartholomeu Lourenço, e que deu o mais feliz resultado, si bem que não tivêsse a conveniente publicidade, e nem d'ella se colhessem os proveitos que souberam conseguir os Francezes da operação dos Montgolfiers.

Comprehendia Bartholomeu Lourenço de Gusmão toda a importancia do seu invento, e por isso requereu para si o privilegio exclusivo (4); comprehendeu-a tambem ElRei, que o protegia, e esperava d'ella vantagens grandes, pois que, apenas ouvio a mesa do desembargo do paço, lhe concedeu benevolo deferimento (5) com aggravação de penas para os contraventores, e especificação de premios para o seu auctor, que, pelo alvará de graça de 12 de abril de 1709, obteve a mercé de uma conezia, e da cadeira de lente de prima de mathematica na universidade de Coimbra, com o ordenado annual de 600,000 reis, criado de novo em vida só d'elle (6).

Fez-se o ensaio em Lisboa no pateo da casa de India, perante ElRei, a Côrte, e o povo, no dia 5 de agosto de 4709. Extrahiremos de um impresso do meiado do seculo passado, sahido das officinas typographicas de um certo Antonio Rodrigues Galhardo, o qual tem o título de Descripção do novo invento aerostatico; de outro publicado por Simão Thadeu de Ferreira em 4774, e que traz uma estampa representando a maquina; e da Encyclopedia britannica publicada en

1797 em Edimburgo, as noticias que se espalháram acerca dos elementos de que se compuzêra ella e do modo por que teve logar a sua ascensão.

« Tinha ella, diz a Encyclopedia britannica, referindo-se ás tradições do tempo, a forma de um passaro, crivado de multiplicados tubos pelos quáes passava o vento a encher uma especie de bojo, que servia para eleva-la, e si faltasse o vento, entretinha-se o mesmo effeito por meio de foles dispostos dentro do seu corpo. A ascensão devia também de ser promovida pela attracção electrica de peças de ambar, dispostas na parte superior, e por duas espheras, na mesma posição, incluindo o magnete. »

« Sendo ella elevada (affirma o impresso de Rodrigues Galhardo pela ditta attração on forças magnetica e electrica, seria, mediante uma vela, im-





BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO. 247

« Não obstante que o auctor da maquina diga que dentro dos globos vai a magnete, cuja virtude fará subir a barca (diz o impresso de Simão Thadeu) não é com tudo a sua elevação por força da virtude attractiva, mas sim pela força do gaz, que os mesmos globos tem dentro, e a que o mesmo auctor chama segredo. »

Qual seria a forma da maquina? Acabamos de vé-la diversa e differentemente recontada e descripta; a respeito dos agentes que se empregáram para a fazer subir, apparecem também opiniões contradictorias. Seriam applicados os mesmos elementos gazosos de que se serviram os Montgolfiers na que, setenta e quatro annos depois, isto é em 1783, experimentáram em Pariz, e com a qual tentam os Francezes chamar a si a gloria do invento (7)?

Usaria antes Bartholomeu Lourenço, como se propalára em Lisboa na occasião do ensaio, do impulso e applicação do magnetismo e da electricidade?

São questões não solvidas ainda. Guardou segredo Bartholomeu Lourenço: dos documentos que se tem podido conseguir sobre a materia, nada se colhe. Pensa o cónego Francisco Freire de Carvalho (8) que foi a maquina de Bartholomeu Lourenço concebida e construida segundo as leis da bôa physica, e não conforme um desenho que, em 1774, se publicou em Lisboa com o nome e figura de uma passarola, que assim a chamava o

povo; e que para a sua elevação se empregáram os mesmos agentes de que posteriormente fizeram uso os Montgolfiers, e não o magnetismo e a electricidade, e nem os futeis meios que assignalam os contemporaneos.

O certo é que subio a maquina suavemente, e desceu logo depois, ou por lhe falharem os alimentos para poder demorar-se mais tempo no ar, como pensam alguns, ou por ter tocado em uma cimalha e soffrer estragos, como acreditam outros.

Não estava porém o povo de Portugal tão adiantado em civilisação, que admirando os progressos das sciencias, os considerásse naturáes e legitimos: prevaleceu o espírito supersticioso, que minava a epocha. Suppôz-se que era a ascensão da maquina uma feiticeria. Foi o auctor suspeito de imaginar





BARTHOLOMBU LOURENÇO DE GUSMÃO. 249

gloria que deveria pertencer a Bartholomeu Lourenço de Gusmão como o inventor das maquinas aerostaticas, reverteu para os Montgolfiers, que tão posteriormente a praticáram, e que por grande parte das nações e povos são considerados os seus primeiros descobridores.

Passou Bartholomeu Lourenço a occupar a cadeira de lente da universidade, que lhe déra ElRei, gozando tanto das boas graças e favor regio, que obteve para o seu velho pai a concessão honrosa do foro de fidalgo. Entregou-se então ao ensino da theologia, em que se mostrou versado, e ao exercicio do pulpito, em que mais folgava o povo de o ver e applaudir.

Quando em 8 de dezembro de 4720 instituio Dom João V a academia real de Historia Portugueza, e nomeou para ella os cincoenta sujeitos do seu reino mais distinctos nas lettras e sciencias, não se esqueceu de contemplar entre elles a Bartholomeu Lourenço. Foi o seu nome inscripto á par de Dom Manuel Caetano de Sousa (9), Diogo Barboza Machado (40), conde de Ericeyra, e outros illustres Portuguezes, que honravam a patria com os seus escriptos. Pelos cincoenta socios distribuio ElRei o exame das primeiras questões que desejava tratar. A Bartholomeu Lourenço coube a historia do bispado do Porto, de que deu conta brilhante pouco tempo depois, ao passo que offereceu tambem á Academia varias memorias scientificas, litterarias e

historicas, que fez ella publicar (11), e das quáes foi muito lida e appreciada pelo seu merecimento pratico a que trata dos varios modos de exgotar sem gente as náus que fazem agua.

Em 1721 foi mandado para Roma no caracter de agente do governo portuguez para tratar com a Santa Sé sobre a pretenção d'ElRei Dom João V de elevar-se a capella real de Lisboa ao gráu de patriarchal, e sobre a divergencia a muito tempo existente a respeito das quartas partes dos bispados.

Partio acompanhado, e foi logo depois substituido n'este posto por seu irmão, Alexandre de Gusmão, antes que nada houvesse conseguido dos Santos Padres Clemente XI e Innocencio XIII, que demoravam adrede a solução e o deferimento das representações da Corôa de Portugal. Si não colheu





BARTHOLOMEU, LOURENÇO DE GUSMÃO. 224

fim d'ella, ou por que não manifestára n'ella a aptidão diplomatica, e o geito e tino precisos para se haver no pélago das difficuldades que em todas as negociações soïa crear a curia romana.

Conhecido o desagrado d'ElRei, ousáram os homens supersticiosos levantar a voz contra o genio que inventára os balões aerostaticos. Ainda se não tinha varrido da memoria do povo o facto que annos antes havia elle praticado, e que não estava ao nivel da comprehensão geral.

Innumeros versos se espalháram para denegrirlhe a gloria, e pinta-lo como doudo, ou como havendo feito pacto com o demonio (12). O que continha a noticia da protecção, e intimidade d'ElRei, reagio com força, apenas sabido o abandono que soffria do monarcha.

Perseguio-o a inquisição? Julgou ella que podia conseguir uma victima mais para cortar os vôos do genio? Quereria ella nivêla-lo em posição com Galileo, que fôra obrigado a declarar nos carceres debaixo de juramento que era falso o seu descobrimento de que se movia a terra?

Ignora-se inteiramente. Pensa-se que nos archivos da casa de Brunswick devem existir documentos que depúrem este ponto da historia, por que com a princeza Isabel de Brunswick Blackenburgo, sua primeira protectora, entreteve elle constantes correspondencias.

É porém verdade que no mez de septembro

de 1724 desappareceu do reino de Portugal Bartholomeu Lourenço de Gusmão, abandonando a cadeira da universidade, e o logar de socio da academia, e sem que desse aviso a nem-um dos seus parentes ou amigos.

Fugiria do Santo Officio? Teria receio de que o encerrassem nos seus carceres, e fosse n'elles abandonado? Magoa-lo-ia tanto o desagrado d'ElRei, que preferio desamparar a patria, e os empregos, que lhe davam uma subsistencia honesta, comquanto escassa? Desgostar-se-ia dos insultos e injurias que recebêra em paga de uma invenção, que em qualquer outro paiz, outra epocha, ou outra civilisação, lhe dariam a maior importancia, e as mais exquisitas honras? Transtornar-lhe-iam o juizo todos estes successos a ponto de que o perdesse?





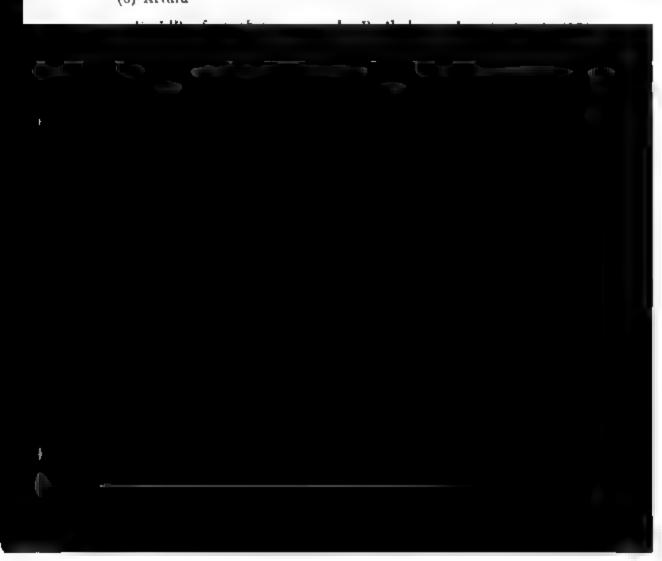
NOTAS.

- (1) Rogerio Bacon, De mirabili potestate artis et naturez.
- (2) P. Lana, Pro domo all' arte maestro. Brescia, 1670.
- (8) Galiano, Arte di navigare nell' aere.
- (4) Requerimento.
 - « Senhor.
- « Diz o licenciado Bartholomeu Lourenco de Gusmão, que elle tem » descoberto um instrumento para andar pelo ar, da mesma sorte que » pela terra e pelo mar, com muito mais brevidade, fazendo-se muitas vêzes duzentas e mais leguas de caminho por dia, no quál instru-» mesto se poderão levar os avisos de mais importancia aos exercitos. » e terras mais remotas, quasi no mesmo tempo em que se resolvem : no que interessa Vossa Magestade muito mais que todos os outros. principes, pela maior distancia dos seus dominios, evitando-se desta sorte os desgovernos das conquistas, que provêm em grande parte de » chegar tarde a noticia d'elles : além de que poderá Voesa Magestade mandar vir todo o preciso dellas muito mais brevemente, e mais seguro : » podendo os homens de negocio passar letras e cabedáes á todas as praças sitiadas, poderão ser soccorridas tanto de gente como de vi-» veres e munições á todo o tempo ; e tirarem-se dellas as pessoas que » quizerem, sem que o inimigo o possa impedir. Descobrir-se-hão as regiões mais visinhas aos polos de mundo, sendo da nação portugueza. » a gloria deste descobrimento, além das infinitas conveniencias que mostrará o tempo. E porque deste invente se podem seguir muitas » desordens, commettendo-se com o seu uso muitos crimes, e facili- tando-se muitos na conflança de se poderem passar a outro reino, o que se evita estando reduzido o uso a uma só pessoa, a quem se » mendem a todo o tempo as ordens convenientes a respeito de dito

- transporte, e prohibindo-se a todas as mais sob graves penas : e ham
 se remunere ao supplicante invento de tauta importancia;
 - P A Vossa Magestade seja servido con ceder ao supplicante o privilegio de que,
 pondo por obra o dito invento, pero-uma
 - pondo por obra o dito invento, nem-uma
 pessos, de qualquer qualidade que for, posm
 - usar delle em nem-um tempo neste reino ou
 - » suas conquistas sem licença do supplicante
 - » ou seus herdeiros, sob pena de perdimento
 - » de todos os bens, e as mais que a Vossa Ma-
 - » gestade parecerem. E. R. M.
 - (8) Despaxo.

Como parece a Mesa; e além das penas, accrescento a de morte aos transgressores; e para com mais vontade o supplicante se applicar ao novo instrumento, obrando os effeitos que relata, lhe faço merce da primeira dignidade, que vagar em as minhas collegiadas de Barcellos ou Santarem, e de lente de prima de mathematicas na minha universidade de Combra, com 600,000 reis de renda que crio de novo em vida do supplicante somente. Lisboa, 17 de abril de 1709. Com a robrica de S. M.

(6) Alvará





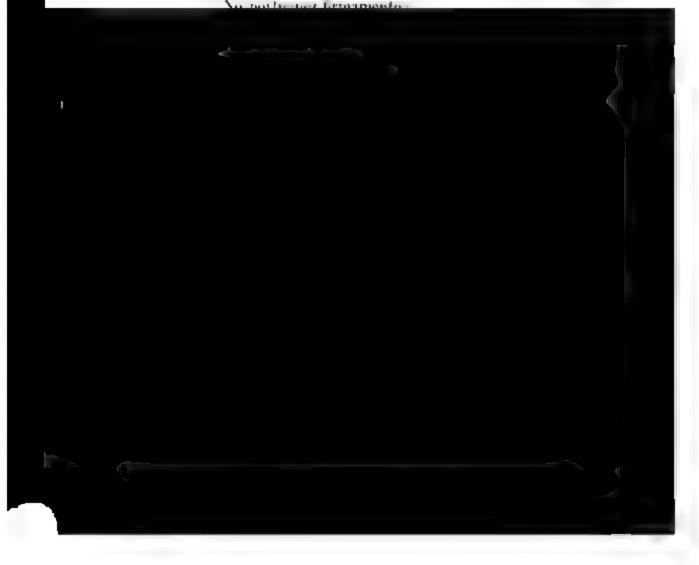
BARTHOLOMBU LOURBNÇO DE GUSMÃO. 223

 portugueza a gloria d'este descobrimento, que tantas vézes tinham » tentado inutilmente as estrangeiras. Saber-se-hão as verdadeiras longitudes de todo o mundo, que por estarem erradas nos mappas cau- savam muitos naufragios; além de infinitas conveniencias que mosu traria o tempo, e outras que por si eram notorias, que todas mere- ciam a minha real attenção . e porque d'este invento tão util se po- deriam seguir muitas desordens, commettendo-se com o seu uso muitos crimes, e facilitando-se muitos mais na confiança de se poder · passar logo aos outros reinos, o que se evitaria estando reduzido o dito uso a uma só pessoa, a quem se mandassem a todo o tempo as ordens que fossem convenientes a respeito do dito transporte, probi- bindo-se a todas as mais sobre graves penas; por ser justo que se remu- nerasse a elle supplicante invento de tanta importancia, me pedia lhe fizesse merce conceder o privilegio de que, ponde por obra o dito in- vento, nem-uma pessoa, de qualidade que for, podesse usar d'elle em » nem-um tempo n'este reino e suas conquistas, com qualquer pre- texto, sem licença d'elle supplicante ou de seus herdeiros, sob pena e perdimento de todos os seus bens, a metade para elle supplicante, e a outra ametade para quem os accusasse, e sobre as mais penas que a mim me parecessem, as quáes todas teriam logar tanto que cons-» tame que alguem fazia o sobredito instrumento, aiuda que não tivesse usado d'elle, para que não ficassem frustradas as ditas penas, ausen-» tando-se o que as tivesse incorrido : e visto o que allegou, hei por bem fazer mercé ao supplicante de lhe conceder o privilegio de que, pondo por obra o invento de que trata, nem-uma pessoa, de qualidade que for, possa usar d'elle em nem-um tempo n'este resuo e suas con- quistas, com quakquer prefexto, sem licença do supplicante ou de seus berdeiros, sob pena de perdimento de todos os seus bens, a metade para elle supplicante, e a outra ametade para quem os accusar. e só o supplicante poderá usar do dito invento, como pede na sua petição. E este alvará se cumprirá inteiramente, como n'elle se con- tém; e valerá, posto que seu effeito baja de durar mais de um anno, sem embargo da ordenação do liv. II, tit. 4, em contrario. E pagou de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que se carregáram so thesoureiro d'elles a fl. 160 do liv. 1° da sua receita; e se registou o conhecimento em forma no liv. 1º do registo geral a fl. 149. José da Maia e Faria o fez em Lisbon aos 19 de abril de 1709. Pagou d'esta quatrocentos reis. Manoel de Castro Guimarñes o fez escrever. — Rer. Conferido. Patricio Nunes, e comigo Joseph Corréa de Moura. I. 15

- (7) A Encyclopedia britannica , a Encyclopedia estimase o a Encyclopedia americana dão como invenção de Bartholomeu Loucenço a Sas inachinas acrostaticas , chamando-o Priar Guerrao. Bahinet e outros Francezes porém terméram na gloria dos Montgolfiers.
- (8) Memoria para revendicar para a nação portuguesa a gloria da invenção das machinas aerostaticas: publicada em Lisbon pelo nuctor, e posteriormente reproducida na Revista trimensal do Instituto historico e geographico brazileiro, tomo XII.
 - (9) Theatino celebre.
 - (10, Auctor de Bibliotheca lexitana.
- (11, Collecção de documentos, estatutos e memorias da Academia real portugueza. Lishos, 1721, tomo III
 - (12) Entre esses versos citaromos os seguintes.

1.

Esta maroma escondida, Que abala toda a cidade, Esta mentira verdade, Ou esta duvida crida; Esta exhalação nascida





BARTHOLOMBU LOURENÇO DE GUSMÃO. 227

3.

SONETO AO PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO,

INVENTOR DA NAVEGAÇÃO DO AR.

Veio na frota um doente brazileiro Em trage clerical, sotaina e crôa; Fez crêr que pelo ar navega e vôa, N'um barco sem piloto e sem remeiro.

Vai-se ao marquez de Fontes mui ligeiro, Declara-lhe o segredo, este o apregôa, Sohe á consulta, pasma-se Lisboa; Em tanto esquece a fome do terreiro.

Bem merece este doente eterno assento Na ethérea região; eu já lhe approvo A diabrura do aubtil invento;

Pois um milagre fex, que é mais que novo, Em manter tantas boccas só de vento, Fazendo um camaleão de tanto povo.

4

Com que engenho te atreves, Brazileiro, A voares no ar, sendo pateiro, Desejando ave ser, sem ser gaivota? Melhor te fora na região remota, Onde nasceste, estar com aiso inteiro!

- (13) Assim ainda o affirmon o padre José Agostinho de Macedo no seu poema Novo Argonauto.
- (14) Varnhagen, Historia geral do Brazil, 2 vol. Ahi se cita um documento comprobatorio.





IV.

ALEXANDRE DE GUSMÃO.

Nasceu em Santos Alexandre de Gusmão no anno de 1695: foi um dos irmãos mais moços de Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Cursou como elle em tenra edade as aulas dos Jesuitas, que passavam pelas mais bem regidas e severas da colonia, e que eram estabelecidas no edificio que possuia em Santos a Companhia, o qual, depois da desnaturalisação e expulsão dos filhos de Santo Ignacio, serve de hospital do exercito, attestando ainda grandes e antigas reminiscencias no meio das suas ruinas e destroços.

Pelo anno de 1710, reinando Dom João V em Portugal, comprou e encorporou este soberano aos bens da Coróa não sómente a capitania de Santo Amaro, que corria para o sul, e que em 1534 fôra doada a Pero Lopes de Souza, senão tambem a porção da capitania de São Vicente que tinha passado aos herdeiros de Martim Affonso de Souza; formou com ellas uma só capitania, a que deu o

nome de São Paulo; e estabelecendo a séde ou capital na antiga Piratininga dos Jesustas, consagrada ao sancto d'este nome, e elevada á categoria de cidade, concedeu-lhe uma administração especial, todavia subordinada ao governador do Rio de Janeiro, encarregando d'ella a Antonio de Albuquerque Coelho com o titulo de governador a capitão general.

Agradou a todos os seus habitantes esta deliberação d'ElRei, porque assim se dava melhor expansão aos elementos de vida que ella possuia; conta-se que se fizeram conhecidos então os talentos de Alexandre de Gusmão, que sendo ainda estudante, e achando-se na edade de quinze annos, dirigiu alguns versos ao monarcha, elogiando-o e agradecendo-lhe em nome da sua patria; aprovei-



sideração de Bartholomeu Lourenço, conseguiu, apenas formado em direito civil pela universidade de Coimbra, ser despachado secretario da embaixada portugueza, que partia para a côrte de Luiz XIV da França, e cuja era chefe Dom Luiz da Camara, conde da Ribeira Grande.

Si bem que materialmente estivessem já terminadas as mais graves complicações em que se achára Portugal, e a Europa quasi toda, que tomára as armas na questão da successão do throno da Hespanha; si bem mesmo, que a paz, que succedêra a violenta e sanguinaria guerra, tivesse sido já sanccionada pelo tratado de Utrecht de 29 de janeiro de 1712, e pelas convenções parciáes subsequentes quer da França com a Inglaterra, a republica dos Paizes Baixos, Portugal, a Saboya e a Prussia, em data de 11 de agosto de 1713; quer da Hespanha com a Inglaterra e a Saboya de 13 de julho de 1713, e com Portugal e os Paizes Baixos de 26 de junho de 1714; e pelo tratado emfim de Rastadt de março de 1714, definitivamente aceito e approvado pela convenção de Baden de 7 de setembro de 1714 entre o imperio da Austria, e as mais potencias belligerantes; todavia e comquanto fosse a embaixada, que mandava ElRei de Portugal a ElRei de França mais de amizade, consideração e apparato, do que com o fim tratar negocios serios e graves, tornava-se necessaria uma optima escolha do seu pessoal, tanto nas elevadas jerarchias, como na sua pericia e habili-

tações, por isso que ainda não era normal a situação das côrtes, e ressentiam-se todas da longa e complicada lucta de que haviam sahido; convinha considerar-se as circumstancias criticas ainda, e obrar-se com prudencia, tacto e madureza.

Entron em Pariz a embaixada portugueza poucos mezes antes do fallecimento do monarcha que vinha saudar, e que supposto não visse coroada a sua velhice com fouros e triumphos, tinha-os em tanta copia adquirido na sua mocidade, que o nome de Eniz XIV de França deu fama ao seculo em que vivêra: parece que a longa guerra da successão da Hespanha não so cansára as nações curopeas, sorvera-lhes o melhor sangue, e exhaurira-lhes os sous mais preciosos thesouros, senão tambem causára-lhes a morte dos soberanos que maior influencia e



gencia com uma escolhida erudição, e serios estudos litterarios; aprofundou a historia politica das nações europeas; e tornou-se dono assim de um cabedal sufficiente, que por si mesmo, e pelo contacto dos homens abalisados, poderia desenvolver a arbitrio.

Regressando a embaixada em 1720, receberam todos os seus membros, e com particularidade Alexandre de Gusmão, signáes de approvação de ElRei: foi elle empregado na secretaria d'estado dos negocios do reino, e incumbido de alguns despachos relativos á administração interna, e de outros tendentes a negociações exteriores.

Com a França restabelecêra perfeitamente Portugal as suas relações; pelo tratado de 11 de agosto de 1713, complementario do de Utrecht de 29 de janeiro do anno preterito, reconheceu a França na corôa portugueza a unica proprietaria de todo o territorio situado entre o rio das Amazonas, e o rio Vicente Pinson, na America meridional.

Existia porém com a curia romana a questão antiga das duas quartas partes dos bispados, que não podera ainda solver a corôa portugueza. E como era ElRei Dom João V de espirito supersticioso e devoto, anciava obter para si o titulo de Fidelissimo, que sómente o Santo Padre soïa conceder; ardia tambem de desejos de que fosse creado em Lisboa um patriarchado: parecia-lhe que assim ganhava as indulgencias para o seu povo; exigia por

outro lado que fosse nomeado cardeal o abbade Bicchi, que residira em Portugal na qualidade de nuncio apostolico; baseava estas tres pretenções no direito que tinha a uma indemnisação que lhe devia Roma pela frota commandada pelo conde do Rio Grande, que em 1716 mandára em soccorro de Sua Santidade, com o fim de lhe provar que nunca desamparava o successor de São Pedro.

Para conseguir os seus intentos, e sanar as desintelligencias que haviam apparecido, tinha feito partir para Roma a Bartholomeu Lourenço de Gusmão,
no anno de 4720, na qualidade de seu agente particular : como decorresse quasi um anno, sem que
se conseguissem os intentos de ElRei, annexou elle
á missão de Bartholomeu Lourenço o seu irmão
Alexandre de Gusmão : convém dizer que com



imprevistos acontecimentos, quáes a curta existencia dos pontifices Innocencio XIII, Benedicto XIII e Clemente XII: complicavam-se as negociações com estas mudanças do chefe; variava-se o seu sistema; annullavam-se os effeitos já conseguidos; era um recomeçar de lucta incessante. Encontrou contra si Alexandre de Gusmão a sciencia profunda e as delongas astuciosas e habituáes de alguns cardeáes, que gozavam de influencia, e eram dotados de fino tacto, e de luzes e experiencia diplomatica: sete annos conservou-se em Roma, que tanto lhe foi preciso; logrou por fim as duas concessões que tinha tanto a peito Dom João V: concedeu a curia romana as honras de patriarcha ao arcebispo metropolitano de Lisboa, e a ElRei de Portugal o titulo de Fidelissimo, a imitação dos titulos que a Santa Sé havia concedido aos soberanos de Hespanha e França. A respeito porém da pretenção do capello cardinalicio para o abbade Bicchi, não houve remedio senão abandona-la: perseverou a Santa Sé inexoravel na sua recusa.

Cumprida a sua missão, retirou-se em 1730 para Portugal, deixando em Roma numerosos amigos, e grandes admiradores dos seus talentos. Affirma Miguel Martins de Araujo (1) que o papa Benedicto XIII offereceu-lhe a dignidade de principe romano; que não querendo aceita-la sem o beneplacito do seu rei, pedira licença a Dom João V, e que sendo-lhe ella negada, continuou todavia

236

a servi-lo Alexandre de Gusmão com o mesmo zelo, quando podia abandona-lo, ficar-se em Roma, e gozar das elevadas honras que lhe dava aquella dignidade, si n'elle mais prevalecessem as ideias ambiciosas do que os sentimentos da lealdade. Restituido a Portugal, foi chamado para a administração dos negocios exteriores, e encarregado ao mesmo tempo de alguns despaxos internos.

Foi pouco tempo depois nomeado por ElRei para o cargo de escrivão da puridade, que equivale actualmente a um ministerio d'estado, e que era dos mais importantes da antiga monarchia portugueza.

Si bem que este cargo se não incluia no numero dos secretarios d'estado, que no tempo d'ElRei Dom João V eram tres, reino, guerra e extrangeiros, e marinha, occupados por Pedro da Motta e Silva,



o antigo. Cabem-lhe nos negocios exteriores triumphos verdadeiros; supposto que não tenha sido executor de todas as medidas, foi comtudo a intelligencia que dirigiu as mais importantes; a elle pertence de direito a gloria das negociações boas d'essa epocha: a verdadeira influencia para ElRei era o cardeal da Motta, mas o cardeal da Motta era de espirito acanhado, e sujeitava-se muitas vêzes ás insinuações de Alexandre de Gusmão.

Um dos direitos que suscitára durante a sua missão perante a curia romana foi reivendicar para o monarcha portuguez o arbitrio de appresentar os candidatos aos bispados vagos do seu reino, abolindo-se o estylo de se proverem ad supplicationem que ha muito tempo havia estabelecido a curia romana; custou-lhe a resolver a ElRei, que ao principio recusava a proposito das criticas circumstancias em que se achava; tendo havido em Portugal exemplos de ser os bispos directamente nomeados pelo papa, e empossados sem opposição dos reis (2). Agradava a Dom João V ideia de se renovar a questão : temia porém offender os direitos e susceptibilidades da Santa Sé: reflectindo deixou-se todavia convencer, e no fim de alguns annos de negociações em que se desenvolveu admiravelmente o variado talento de Alexandre de Gusmão, collocando-se á frente da pretenção, redigindo por si mesmo as principáes notas, e cuidadosamente dirigindo-lhe a marcha e o andamento, conseguio ElRei de Portugal

que a prerogativa da appresentação fosse annexada á coróa fidelissima, declarando-se nas bullas que era pertencente ella ao seu real padroado.

reputação tanto pela erudição e talentos que possoia em gráu tão elevado, e que manifestava nos seus officios e diversos escriptos, como pela direcção firme, egual e illustrada, que imprimia nas negociações que pendiam entre Portugal e as côrtes estrangeiras. Não ha negociação d'aquella epocha em que não tivesse parte; ligou-se em estreita amizade com Dom Luiz da Cunha, um dos primeiros diplomatas do seu tempo, e que representára o seu soberano na côrte de França, e na de Hespanha, nas crises complicadas por que passára. Deixou Dom Luiz da Cunha na obra que escreveu sob o título de Testamento político.



Assim escreveu Dom Luiz da Cunha a Alexandre de Gusmão:

« Eu convido a ElRei nosso amo para figurar muito na Europa sem ter parte nas desgraças d'ella. Os principes belligerantes se acham cansados da guerra, e todos desejam a paz. Esta pretendo eu se faça em Lisboa, e que nosso amo seja arbitro d'ella; mas não posso entrar n'este empenho sem que V. S. tome parte n'elle, porque conheço as difficuldades que hei de encontrar em ElRei e nos seus ministros d'estado. Ajude-me V. S. a vencer este negocio, pois que só V. S. é capaz de faze-lo persuadir. Espero dever-lhe este favor, segurando-lhe que responderei pela condescendencia dos contrahentes, e tambem pelas inquietações e prejuizos que ElRci possa receiar ou sentir. Sirva-se V. S. dar-me resposta, e occasiões de servir a V. S. como desejo, e Portugal ha de mister.

» Pariz, 6 de dezembro de 1746.

» Dom Luiz da Cunha. »

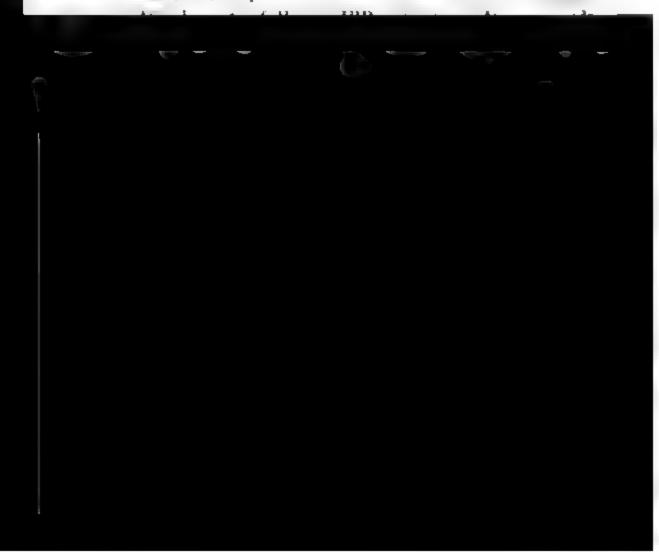
Respondeu-lhe Alexandre de Gusmão:

« Excellentissimo senhor,

»Ainda que eu já sabia, quando recebi a carta de V. Ex., que não havia de vencer o negocio em que V. Ex. se empenhou, comtudo, por obedecer e servir a V. Ex., sempre fallei a S. M. e aos ministros actuáes do governo.

Primeiramente o cardeal da Motta me respondeu que a opinião de V. Ex. era inadmissivel, em razão de poder resultar d'ella ficar ElRei obrigado ao cumprimento do tratado, o que não era conveniente. Emquanto fallamos na materia, se entreteve o secretario d'estado seu irmão, na mesma casa, em alporcar uns craveiros, que até isto fazem ali fôra do logar e tempo.

» Procurei fallar á S. Rev^m mais de tres vêzes, primeiro que me ouvisse; e o achei contando a apparição de Sancho a seu amo, que traz o padre Causino na sua côrte santa, cuja historia ouviram com grande attenção o duque de Lafões, Fernão Freire, e outros. Respondeu-me que Deus nos tinha conservado em paz, e que V. Ex. queria metter-nos em arengas, o que era tentar a Deus.



- » A pessoa de V. Ex. guarde Deus, como desejo, para defesa e credito de Portugal.
 - » Lisboa, 2 de fevereiro de 1747.

» Alexandre de Gusmao. »

É tambem curiosa outra carta de Alexandre de Gusmão a Dom Luiz da Cunha.

« Excellentissimo senhor,

- » Nem a proposição do marquez de Alorna, nem a de V. Ex. mereceram a menor aceitação aos nossos ministros d'estado. A primeira foi tratada na presença d'ElRei com o cardeal, o prior de São Nicolao, monsenhor Moreira, e dous jesuitas, a quem já se tinha communicado. Antes que nem-um d'elles fallasse, a resolveu ElRei com mais facilidade, do que uma jornada das Caldas; porém, não obstante aquella resolução, sempre votáram que era ella dictada pelo espirito da soberba e da ambição, com que foi bem salgada.
- » A segunda mereceu a convocação de uma junta, mas foi para maior castigo. Ahi se acháram os tres cardeáes, os dous secretarios, S. R^{ma} e eu, e muita gente, não sei como. Desencadernáram-se as negociações, e se baralháram com a superstição e a ignorancia; feixando-se a decisão com o ridiculo adagio: guerra com todo o mundo, paz com a Inglaterra, cuja sancta alliança nos é muito conve-

niente : e finalmente que V. Ex. não era muito certo na religião, pois se mostrava muito francez.

» Acabado isto, se fallou no soccorro da India, que consta de duas náus, e tres navios de transporte. O Motta disse a ElRei: Esta esquadra ha de atemorizar a India; e S. R^m disse: Ha de faser bulha na Europa. O reitor de Santo Antão: Tomára já ter os progressos escriptos pelos nossos padres.

» É o que se passou na junta, e excusa V. Ex. de molestar-se em propôr negociações a nossa côrte, por que perderá o tempo que empregar n'ellas.

« Como V. Ex. me pede novidades, ahi vao finalmente.

» Devemos ao eminentissimo senhor Cunha o aliviar-nos de raios, tempestades, trovões, etc., que desterrou das folhinhas do anno com pena de lhes



Encerrabodes não sabendo a quem havia de pedir sua carta credencial, pelo jogo do empurra em que se vio, disse que o nosso governo era hermaphrodita.

» Isto não são contos arabigos, mas factos certos, acontecidos dentro da Europa culta. Não tenho mais tempo. Fico para servir a V. Ex. a quem Deus guarde.

» Lisboa, a 11 de fevereiro de 1748.

» Alexandre de Guzmão. »

Possuimos muitas cartas familiares de Alexandre de Gusmão, em que zombeteia do governo e dos negocios publicos, e que brilham pela verdadeira graça e espirito. Evidencia-se d'ellas o quanto era superior a sua intelligencia á dos homens d'estado, seus companheiros, que davam uma physionomia monastica á côrte de Dom João V, cujo governo soffren por isso censuras de faustoso e de esteril.

Na administração dos negocios interiores for Alexandre de Gusmão recto e energico; esmerou-se muito em sustentar os direitos individuáes contra as violencias das autoridades subalternas, acostumadas a considerar-se superiores ás leis e aos seus subordinados.

É a administração a pedra de toque dos homens d'estado; não bastam os grandes talentos, variada instrucção e nem o conhecimento theorico dos negocios:

necessitam de ter e possuir um certo tacto, que equivale ao iman, e que attrahe aos governos a sympathia e o respeito dos povos, sem as quáes não ha governo de força, e apenas governo de facto, que gera a corrupção e a anarchia.

Constitue a qualidade do administrador uma verdadeira especialidade, que não orna muitas vêzes aos grandes engenhos.

Era sem davida dotado Alexandre de Gusmão de todos os requisitos de um habil administrador; não pode porem, por effeito das circumstancias da epocha, e do governo de que fazia parte, realisa-los de modo a regenerar a nação portugueza, como desejava tanto.

Chegáram todavia ao nosso tempo algumas das suas providencias, que manifestam os esforços que



pesar sobre os subditos asiaticos; não é menos notavel o de 21 de março de 1747 ao governador de Angola, que assim se exprime:

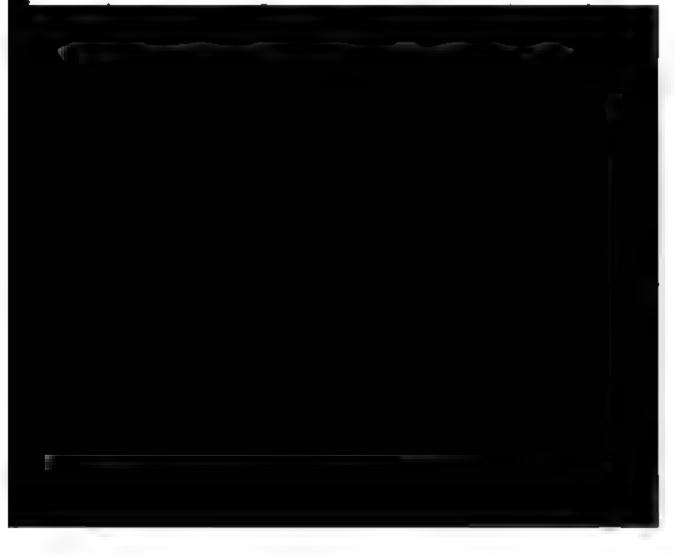
« ElRei nosso senhor está cabalmente informado de que V. E. governa esse reino á maneira dos bachás de Turquia, cujos precedimentos são contrarios ás graças do provimento do governo que foi feito a V. E. sem preceder donativo: pelo que é S. M. servido ordenar que V. E. faça justiça; favoreça o commercio; respeite a religião; e procure favorecer os interesses dos povos, sem prejuizo do estado; abstendo-se d'aqui por diante de todos os procedimentos e acções que possam conduzir queixas ao throno. Deus guarde a V. E. »

O aviso de 21 de março de 1741 ao governador do Algarve merece tambem a attenção, pela originalidade e franqueza da linguagem : censurando as ordens dadas pelo governador contra leis expressas, termina assim :

« Por agora se satisfaz S. M. com mandar que V. E. compra as ordenações do reino juntamente com as suas leis extravagantes, e faça ler cada dia ao seu secretario quinze ou vinte paragraphos, a que V. E. assistirá por espaço de seis mezes; cuja pontual execução confia S. M. da honra de V. E., esperando que lhe evite o dar outras provi-

dencias alheias da sua vontade, e que podem ser injuriosas a V. E., a quem S. M. estima muito. Deus guarde. »

O aviso de 47 de março de 4744 ao chanceller da relação da cidade do Porto, ordenando a soltura de um individuo preso illegalmente, e prohibindo-lhe que commetta ou deixe commetter por auctoridade nem-uma semelhantes abusos contre pessoas innocentes; os de 30 de maio de 1746 e 2 de fevereiro de 1750 aos provedores da alfandega de Lisboa; o do 20 de fevereiro de 1745 ao corregedor do Crime, Ignacio da Costa Quintella, em que lhe diz que as leis não devem ser executadas com acceleração, e que nos casos crimes ameaçam sempre mais do que na realidade man-



Ė

ções do governador de Buenos Ayres de 20 de junho de 1749; e um officio de censura ao cardeal Pedro da Motta, secretario de estado, por demorar os despachos em data de 20 de agosto de 1748.

Foi o tratado de 13 de janeiro de 1750 entre as coróas portugueza e hespanhola o acto talvéz mais importante da vida politica de Alexandre de Gusmão. Tanto Hespanha como Portugal possuiam immensos terrenos na America meridional; estavam porém indecisos ainda os seus limites; não se tinha lançado uma linha divisoria que extremasse os dominios de uma e outra corôa; sertões immensuraveis e não percorridos, rios de origens desconhecidas, e serras elevadas, creavam serias difficuldades para a limitação e divisão: entaboláram-se por vêzes muitos tratados de limites que não tiveram solução: os Hespanhões exigiam terras de que se achava de posse a coróa de Portugal; os melhores diplomatas portuguezes, Dom Luiz da Cunha, José da Cunha Brochado, Manuel de Siqueira, Pedro de Vasconcellos e Antonio Guedes, nada tinham podido conseguir do ministro bespanhol Dom José Carvajal. Chamou a si Alexandre de Gusmão esta longa negociação, e conseguio por fim que se chegasse a um accordo, desistindo a Hespanha das suas antigas pretenções. Celebrou-se e ratificou-se a 13 de janeiro de 1750 um tratado, feitura de Alexandre de Gusmão, que para elle mais que nem-um outro estadista se achava habi-

htado, pelos profundos estudos, a que se déra, das cousas do Brazil, ou percorrendo todos os documentos que existiam em Portugal, ou mandando buscar a Sao Paulo as relações de todas as derrotas e descobrimentos que os aventureiros paulistas e taubatenos emprehenderam e conseguiram a través os sertões e desertos, em procura do oiro e dos metáes preciosos, cuja ambição os arrastava.

Por este tratado se fixáram os pontos capitáes de linha divisoria, revogando a meridiana do tratado de Tordesillas de 1494, a escriptura de Saragossa de 1529, e os tratados de Lisboa de 1681, e de Utrecht de 1715. Lançou-se por elle o primeiro gisamento geral das raias do Brazil. Lucrou extraordinariamente Portugal por que ficou salvo o principio de utipossidetis pelo lado que lhe era favo-



rio Negro, e d'ahi buscar os nascentes do rio Ibicuhy, accompanhando o seu curso até a confluencia com o rio Uruguay. Pelo centro e norte subiria este rio até o rio Pepiri a encontrar os rios Santo Antonio e Iguassú, Paraná e Igurey até as serras, procurando pelo rio Ipané as vertentes do Paraguay, continuando até a lagôa Haraes e a boca do Jaurú, e d'ahi até a banda austral do Guaporé de fronte da boca do rio Jaravé: o Japurá até as Cordilheiras, que medeiam entre o Orinocco e o Maranhão, formaria a divisa do Amazonas.

Para executa-lo nomeáram-se os commissarios: mas sobrevindo a morte de Dom João V, e cahindo o valimento de Alexandre de Gusmão, começou elle a temer de que não fosse pelos Portuguezes comprehendido o tratado, pela cessão que n'elle se fizera á Hespanha da colonia do Sacramento; a fim de o explicar ao governo, escreveu e offereceu a ElRei Dom José I uma memoria, em que manifesta todos os seus proveitos.

Depois de historiar os successos que tiveram logar entre as armas portuguezas e castelhanas desde a fundação da colonia e as difficuldades da ser ella conservada em poder do monarcha lusitano, minucia as vantagens da sua troca pelo terreno das missões, e pelo reconhecimento das posses portuguezas em toda a provincia do Matto Grosso, e do seu direito aos innumeraveis rios que a regam com as suas aguas, e que prestam uma navegação, que

será no futuro da maior importancia: combate a ideia dos que julgam necessario que possua a Coroa Fidelissima um porto sobre o rio da Prata, preferindo que se chame o commercio para o de Rio Grande pela lagóa Merim cujas ribas são portaguezas, e pela qual mais facil e commodo será elle, attenta a facil navegação dos rios, cujas margens superiores se reconhecem pertencentes ao dominio d'ElRei de Portugal.

« Deus queira — finda elle assim a sua memoria — que o deferir-se a execução do tratado não seja causa de que a côrte de Madrid, informando-se com o tempo do muito que a nosso favor se acha feita a transacção e permutação, admitta ideias menos conciliosas do que nos tem mostrado, e que valendo-se de outros recursos, reclame o ajus-



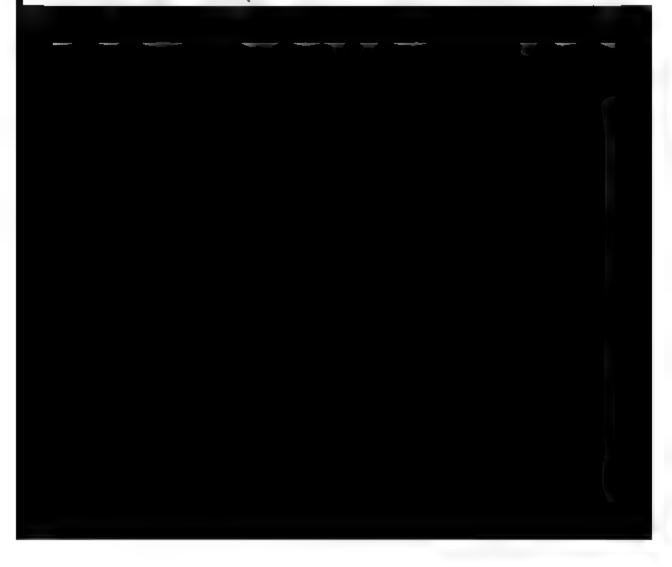
cipios d'elle, e se cedeu à Hespanha pontos já obtidos e vencidos pela corôa portugueza.

Para explicar porém a importancia e grandes vantagens que proveriam para Portugal do tratado de 1750, e a immensa habilidade e pericia pratica de Alexandre de Gusmão, basta ler-se a defesa que escreveu e publicou posteriormente em Lisboa sob o titulo de Impugnação, em resposta ás censuras que lhe fizera o brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, governador da praça da colonia do Sacramento (5).

É esta defesa do tratado uma obra primorosa, já pelo acabado e elegancia do estylo, já pela logica e raciocinio que no seu desenvolvimento emprega, já emfim pela copiosa erudição que o seu auctor patenteia: prova elle que Portugal ganhou muito não só em dividir os seus dominios, e regular os limites d'elles de uma maneira definitiva; senão tambem no reconhecimento que obteve do governo hespanhol de que pertenciam á corda portugueza as margens orientáes do rio Guaporé, retirando d'alli ' a suas aldeias, que começavam a penetrar pelo interior do paiz, e encontrando-se com os mineiros do sertão de Cuyabá, pretendiam prohibir aos Portuguezes a navegação do rio; lucrou ainda com a acquisição de mais sessenta leguas, que se lhe concedeu, em toda a extensão do paiz, que medeia entre o rio Paraná, e o rio Paraguay, correndo a nova fronteira pelos rios Igurey e Ipané: e até por fun conseguio a coróa portugueza a posse de todo o

terreno do rio Madeira para o Oriente a chegar ao mar, partindo do mesmo rio por um parallelo até o Javary, com mais de cem leguas : e que serviço maior poderia ser feito a Portugal?

Havia sido Alexandre de Gusmão nomeado em 1742 ministro do conselho ultramarino. Pode tomar n'esse cargo providencias mais activas a respeito do Brazil. Lembrou uma nova criação de bispados no Pará, Minas e São Paulo; levou a effeito remetter por conta do governo uma porção de casáes de Açorianos que viviam miseraveis nas suas ilhas, para cultivarem o Rio Grande do Sul e Santa Catharina; ideou tambem a substituição do imposto do quinto do ouro na capitania de Minas Geráes por uma nova imposição denominada capitação, sobre que publicou uma memoria importantissima (6),





ALEXANDRE DE GUSMÃO.

o fatigas; nobre porém, honrada e gloriosa; com os seus escriptos litterarios, alguns discursos academicos, bastantes versos lindos, tocantes e saudosos, que compoz em momentos de folga em que lhe vinha brincar a musa alegre com o espirito dormitando, obteve uma reputação litteraria, e mereceu entrar para diversas academias estrangeiras, e pertencer ao numero dos cincoenta membros da Academia real da Historia portugueza, pela vaga que em 1730 deixou o sabio Antonio Rodrigues da Costa. Publicou varias memorias acerca da relaxação das ordens religiosas, e da genealogia dos que se diziam puritanos, e não descendentes da raça judia: patenteam ellas a elevação e a vastidão dos seus talentos praticos e uma profunda erudição em todos os ramos precisos ao varão político, e ao estadista abalisado; com os seus actos importantes, e os resultados proficuos dos seus trabalhos, servio a seu paiz de uma maneira, que lhe é escasso e mesquinho todo o elogio que se lhe possa fazer.

Prima entre as suas memorias a que escreveu em 1748 sobré o estado e necessidades de Portugal, e que foi offerecida a ElRei. Lembra como providencias: 1º impedir o augmento de gente inutil com o especioso titulo de religião que procura para o seu commodo; 2º diminuir o luxo com alguma lei sumptuaria; 3º augmentar a agricultura, fazendo-se estradas, e cortando-se rios para navegar e regar as terras; 4º estabelecer fabricas, desenvolvendo por

toda a parte a industria; e 5° favorecer-se o commercio dentro e fora do reino, sem o qual não pode haver estado rico, poderoso e nem florescente (7).

Apreciador da litteratura e da historia da sua patria, que maior encomio merece de que citar-se-lhe as seguintes memoraveis palavras que empregára em uma carta dirigida a um amigo?

« Procura de todos os modos engrandecer a nação portugueza, e ressuscitar também as memorias da patria da indigna escuridade em que jaziam até agora: é a lição da historia o mais fecundo seminario de heroes. »

Era excessiva a sua modestia; a resposta que den ao abbade Diogo Barboza Machado, que pretendia inclui-lo na Bibliotheca hisitana, prova-o sufficientemente, e o pinta sob aspecto que lhe é lisongeiro:



de apreciar a honra que vossa merce me faz, é justo tambem que me não indusa o maior proprio a abusar d'ella. Alguns amigos me fazem a mercê de espalhar no publico um conceito vantajoso dos meus estudos; porém como estes, em quanto se não dão a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem, não devo attribuir o estabelecimento d'aquella fama senão a benevolencia dos que me favorecem, pois até o presente não tenho mostrado composição por onde podesse adquiri-la; e fazendo contas com o meu talento, tenho por mui provavel que o perderia de todo, sahindo alias com algum volume. Supposta esta verdade que sou obrigado a confessar ainda que me cause confusão, discorro que tambem vossa mercè se tem deixado enganar com aquella não merecida opinião, e que seria estranhada a boa exacção e boa critica de vossa mercê conter na Bibliotheca lusitana entre os auctores a um individuo, que o não é: assim como não tenho que responder ao interrogatorio principal das obras que compuz, julgo superfluo dar satisfacção aos mais requisitos que contém a carta de vossa mercê. No seu livro terei que invejar aos varões que pelos seus trabalhos se fizeram merecedores dos elogios de tão discreto e intelligente juiz, e sempre conservarei uma viva lembrança do logar que a bondade de vossa merce me queira dar n'elle, que será um novo motivo para desejar repetidas occasiões em que possa servir a vossa mercê, e mostrar o meu re-



conhecimento. Deus guarde a vossa merce muitos annos. — Casa, 2 de maio de 1740. »

Viven tristemente os ultimos dias da sua existencia. Fallecera Dom João VI em 1550, o decahio de toda a graça perante o novo governo de Dom José I. Fóra casado com uma donzella oriunda da provincia de Traz-os-Montes, e de familia nobre de Chaves, a qual lhe não trouxera dote: dous filhos, que tivera do seu consorcio, perdeu em um incendio, que the levou em 1551 a casa e os bens que possuja.

A estas domesticas dores não subreviveu muito tempo, ainda que exteriormente parecesse resistir-lhes; no anno de 1553, e no ultimo dia de dezembro, falleceu em Lisboa Alexandre de Gusmão, e foi sepultado no convento de Nossa Senhora dos Remodias dos Carmadas desentos



NOTAS.

- (1) Elogio historico de Alexandre de Gusmão, lido na Academia real da Historia portugueza em 1754.
- (2) Melli Fr., Inst. jur. eccl., l. I, t. v, § 3. Hist. eccl. de Port., t. IV, seculo xIII, cap. 1, § 10, de Dom Thomaz da Encarnação.
 - (3) Publicado no Investigador portuguez de Londres, em 1819.
 - (4) Collecção de alguns manuscriptos de Alexandre de Gusmão. É o titulo da obra a que nos referimos, e que cuidadosamente guarda na sua escolhida bibliotheca o seu proprietario o senhor Fernando Denis.
 - (5) O numero 4º da Revista trimensal do Instituto historico e geographico brazileiro, 1840, Rio de Janeiro, pag. 322, transcreve um extracto d'esta impugnação de Alexandre de Gusmão, que publicara anteriormente o Panorama de 1840.
- (6) Memoria e reparos sobre a disposição da lei de 3 de dezembro de 1750 que estabeleceu um novo methodo para a cobrança do quinto do Brazil, abolindo o systema da capitação, por Alexandre de Gusmão. Visconde de São Leopoldo, Annáes da provincia de São Pedro. Conselheiro José Antonio da Silva Maia, Memoria da origem, progressos e decadencia do quinto do oiro na provincia de Minas Geráes, Rio de Janeiro, 1827.
- (7) Existe manuscripta na collecção a que já nos referimos, pertencente ao senhor Fernando Denis.

I.



SECULO XVIII.

I.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

1.

A 8 de maio de 1705 nasceu Antonio José da Silva, na cidade do Rio de Janeiro; alguns chronistas seus contemporaneos não mencionam nem os nomes, e nem as qualidades dos seus progenitores; asseguram outros, e parece com mais fundamento, que foi filho do advogado João Mendes da Silva, e de sua mulher Dona Lourença Coutinho.

Desde a infancia se lhe não sorrio a fortuna. Teria oito annos de edade quando com seu pai, e dous irmãos mais velhos, teve de seguir para Lisboa, e não por vontade de João Mendes da Silva, que lograva na sua patria geral conceito, e muita estima publica.

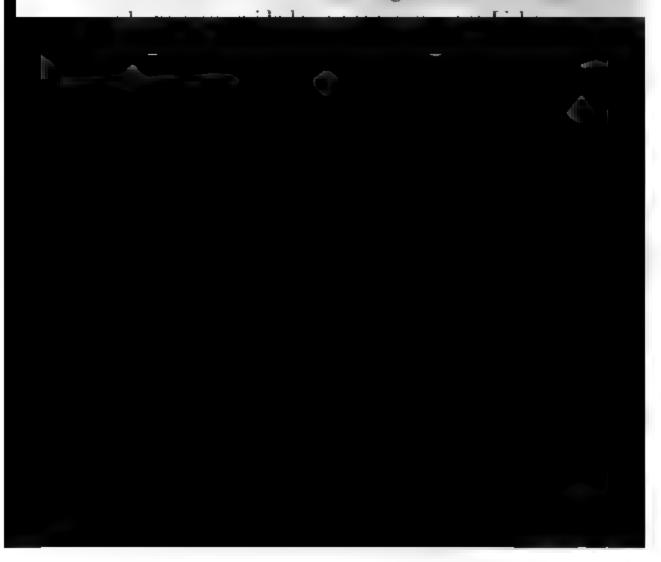
Contra Lourença Coutinho espalhou-se suspeita de judaismo: não dormia a inquisição. Nas cidades e povoações do Brazil tinha tambem ella os seus denunciantes e sectarios. Foi presa immediatamente a

infeliz mulher, e remettida para Lisboa. Para accompanha-la, e propôr-se mesmo a sua defensa, abandonou João Mendes da Silva os seus bens, a sua patria e os seus amigos do Rio de Janeiro.

Receberam-na os carceres do Santo Officio, e em quanto era julgada, abrio escriptorio de advogado João Mendes da Silva, procurando por este meio estender as suas relações e auxiliar mais efficazmente a sua desgraçada consorte.

Frequentou Antonio José da Silva as escolas primarias de Lisboa: conhecendo os seus talentos, decidio-se seu pai a envia-lo para Coimbra, a fim de formar-se em canones, e seguir a mesma carreira que fôra a sua.

Logo que completou vinte e um annos de edade tomou Antonio José da Silva o gráu de bacharel for-



Por fim o soltáram em um auto de fé, que teve logar no mez de outubro immediato.

Voltou para a companhia de seu pai, e ajudava-o na feitura dos seus trabalhos forenses. Não podia porém ser feliz e nem correr a sua vida placidamente. De que lhe servia ganhar riquezas, como advogado; cercarse sempre de numerosos clientes e amigos que apreciavam os seus conhecimentos juridicos; adquirir fama com a publicação de algumas fabulas, e faceiras e engenhosas poesias, que lhe inspirava a vida, nos momentos de repoiso e de folguedo; obter gloria com a representação de muitas comedias, que attrahiam o povo em bando ao theatro publico do Bairro Alto; chamar a si copia de admiradores, que o animavam com repetidos elogios pelas suas agradaveis composições, e possuir mesmo uma excellente mulher, e uma encantadora filha; si sobre elle pairava constantemente a espionagem do Santo Officio, apesar de todas as manifestações e provas immensas que dava publicamente do seu fervor catholico?

Morreu João Mendes da Silva em 1736, e teria apenas decorrido um anno, quando a 7 de outubro de 1737 foi preso pela segunda vêz, e recolhido aos carceres da inquisição, que conservavam ainda a mãe desditosa, e preparavam para o filho a mesma cruelissima sorte.

Pode-se dizer que os onze annos, em que gozou de liberdade, foram um espaço intercalado na sua vida como o lucido intervallo que favoneia o de-

mente! Fóra o seu destino marcado por letras negras, apenas tocou o limiar da vida; havia de ter o seu curso regular, e o seu infallivel cumprimento!

Entre os amigos que o procuravam, e que lhe davam o titulo de Plauto portuguez, dous unicos o não abandonáram até o fim; foi um Mathias Ayres Ramos da Silva Eça, provedor da casa de moeda de Lisboa, e varão de estudos litterarios; e outro dilecto varão, illustre pelo sangue, distincto pelos seus talentos, e reputado pelas suas riquezas, Dom Francisco Xavier de Menezes, conde de Ericeira.

Preciso é não confundir este conde de Ericeira Dom Francisco com seu pai Dom Luiz, tambem conde de Ericeira; foram ambos poetas de nomeada, e litteratos de distincção. O conde Dom Luiz fallecido em 1690, por se atirar sobre o pateo de uma janella



posição das suas comedias, e aconselhava a Antonio José da Silva que admittisse mais regularidade nas scenas, e mais elevação no stylo, enraizado como estava na leitura de Molière, e mais auctores comicos francezes, cujo estudo tanto de Pariz lhe recommendava o seu particular amigo Boileau.

Gozáram bem poucos auctores durante a sua vida de maiores triumphos do que Antonio José da Silva: estava como que abandonado o theatro portuguez; usavam os Hespanhões representar as comedias de Pedro Calderon e Lope de Vega, na propria lingua castelhana, perante o publico de Lisboa, que tendo no seu idioma muito poucas comedias origináes, e sendo estas mesmas mais litterarias, do que interessantes na representação, folgava de applaudir ao menos os engenhos dos seus visinhos, que tão alto haviam elevado a gloria do theatro hespanhol, que na França, na Inglaterra, na Allemanha e na Italia, levantavam proselytos, e causavam geral admiração.

Com as comedias e operas de Antonio José da Silva recomeçou o theatro portuguez a sua existencia; tomou galas; enfeitou-se de vestes primorosas, e ergueu-se faceiro e interessante; apressado corria o povo para a representação das novas operas, que admirava em extasi, e applaudia com grande estrondo.

Muito curta porém foi essa epocha. Parece que á Antonio José da Silva foi fatal a sua propria gloria. Chamava o povo ás suas comedias operas do Judeu;

quáesquer que fossem os seus protestos, não lhe perdoava a Inquisição.

Existia ella em todas as nações catholicas da Europa, antes que em 1485 o papa Sixto V cingisse a tiara romana; instituida para ser empregada contra os Albigenses, fôra exercida ao principio por ecclesiasticos nomeados pelo Summo Pontifice, os quáes pesquisando e indagando as heresias levavam aos tribunáes ordinarios as provas que obtinham competindo a decisão a estes tribunáes: de accordo Sixto V com Dom Fernando e Dona Isabel, soberanos das Hespanhas, deu nova forma á inquisição, creando o tribunal privativo do Santo Officio para os seus julgamentos; conbe aos soberanos hespanhões nomear os membros que deviam compô-lo: foi Thomaz Torquemada o seu primeiro inquisidor geral:



residido nas Hespanhas muitos mouros e judeus que mudavam de trajes e de nomes, e appresentavam-se christãos e frequentadores dos templos, para salvar assim as vidas, e obter o descanso. Succedia pois que sem a confissão dos accusados se não podia contra elles obter as provas que desejava a inquisição: usou então ella dos instrumentos proprios de torturas e atrozes tormentos, e das prisões solitarias, aonde nem o ar, e nem a claridade do dia abriam entrada, e applicava-os com inaudita barbaridade, pretendendo obrigar por esta forma as suas victimas á confissão do crime; e que falsas confissões recebeu o tribunal, no meio dos horrorosos soffrimentos dos desgraçados!

Andava por toda a parte a inquisição: mesclava-se com o ar que se respirava; entrava pelos escusos corredores das casas que se habitava; fallava pela voz do criado, do amigo, e do amante; dormia á cabeceira, ouvia os soliloquios, e comprehendia os sonhos; a inquisição nas Hespanhas aceitava a denuncia do inimigo, o mais miseravel indicio, a presumpção a mais futil, a palavra a mais vasia de sentido! E quando reunia o Santo Officio muitos condemnados, levantava nas praças a fogueira cruel, e, em espectaculo publico, no meio de pompa e perante a multidão de povo fazia queimar as suas victimas, vestidas de longos escapularios de baeta amarella, borrifados de chammas ardentes; e dava a estes espectaculos o nome de autos de fé!

Perderam Portugal e Hespanha mais de cinco milhões de pessoas nas fogueiras da inquisição (2). E entre as victimas de Portugal desde 1711 até 1767 figuram cerca de duzentos Brazileiros de ambos os sexos.

Cumpre aqui dizer, em honra da verdade, que da sua instituição se arrependeram os Pontifices romanos; por muitas vêzes se oppuzeram á extensão que davam os reis de Hespanha e Portugal ás attribuições da inquisição; traváram luctas serias para fazer cessar as perseguições e julgamentos, a mór parte das vêzes injustos e crueis. Havia-se porém o Santo Officio tornado arma poderosa para o dominio absoluto dos monarchas; era a inquisição o instrumento mais apto para extirpar a raça judia, e os suspeitos de descender d'ella, organisando assim a unidade e



os presos desgraçados com os seus amigos livres : foi lançado no carcere nº 6 do corredor mais novo : pedia dizer adeus ao mundo.

Não tardou muito tempo o seu julgamento: como o desditoso Thomaz Chatterton (4), ou André Chénier (5), Ricardo Savage (6), Nicolau Gilbert (7) ou Carlos Millevoye (8), tinha de ser muito curta a sua existencia terrestre; mas em crueldade e injustiça teria a sua morte, de exceder á morte de qualquer d'elles, por mais angustiada e barbara que fosse.

Foi lavrada a sentença de relaxação em 11 de março de 1733; e em 16 de outubro seguinte intimada ao paciente, que entrou logo para o oratorio, e que figurou, e morreu queimado, no auto de fé de 19 de outubro de 1739, na praça publica de Lisboa.

Não lhe sobreviveu muito tempo a sua infeliz mãe; tres mezes depois expirou nos carceres, aonde jazêra tantos annos!

Conferindo-se as listas dos condemnados pelo Santo Officio, acha-se a seu respeito a seguinte declaração:

« Antonio José da Silva, 34 annos, christão novo, advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e morador na de Lisboa; convicto, negativo e relapso: foi relaxado em carne. »

II.

É o theatro portuguez anterior ao castelhano; Gil Vicente vindo ao mundo alguns vinte annos



antes que se terminasse o seculo XV, dotado de engenho comico, de espirito sagaz, e de talentos poeticos, escreveu os seus autos e comedias, procurando seguir uma livre inspiração nos autos, e imitar nas comedias o theatro de Plauto e de Terencio: foi por isso mais feliz nos autos, que contém alguma originalidade e maiores bellezas. Seguiram-se Francisco Sa de Miranda, Antonio Prestes, e Luiz de Camões; mas as composições d'estes auctores foram ensaios de infancia, sem sufficiente interesse para deleitar e prender o espectador, sem os elementos precisos para o palco e scenario : não eram verdadeiras comedias. Com quanto procedente do portuguez, subio mais alto o theatro castelhano com-Miguel Cervantes, Lope de Vega e Pedro Calderon; echoou por toda a parte a sua gloria, e ficáram



relações com o conde Dom Francisco de Ericeira não lhe fossem presentes as comedias mais regulares que appresentavam então os theatros francez e italiano; nas suas composições preferiu porém folgare divertir-se livremente.

Ninguem pode duvidar que estas operas ou comedias contém peccados contra as regras classicas, que por algum tempo se tiveram como a ultima razão da intelligencia humana; que não seguem as formulas severas de Terencio e Plauto, e menos as regras inabalaveis de Molière, e dos seus contemporaneos francezes e seguidores italianos; e que se differençam tambem muito das composições de Gil Vicente, de Sá de Miranda, de Antonio Ferreira e de Camões, que primeiros se déram á arte dramatica portugueza.

Mas só haverá bellezas nas comedias comprehendidas rigorosamente no circulo das formulas classicas que estabeleceram os antigos? Em tal hypothese não contém bellezas as de Aristophanes; e nem as de Lope de Vega e Cervantes Saavedra, e menos ainda as do primeiro e mais admiravel poeta dramatico, Dom Pedro Calderon de la Barca: que regras, que formulas seguiram estes poetas, e mais o portentoso Shakspeare, que extasiou a côrte da rainha Isabel de Inglaterra, e electrisa ainda hoje os amantes da litteratura?

Escreveu Antonio José da Silva cerca de doze comedias; em prosa todas, intermeiadas porém de



versos, como as operas-comicas francezas; procurou objectos conhecidos, quer na historia moderna, quer na fabula e na historia antiga. As peregrinações de Dom Quixote e do seu sempre admiravel escudeiro, Sancho Pança; as aventuras de Esôpo; os amores de Jupiter e de Alemene e os encantos de Medéa, servia-lhe tudo : inventou com estas bases um pittoresco desenvolvimento, e peripecias engraçadas e alegres; não se importou que nação representava, em que epocha viviam os seus heroes, e quáes os seus usos e costumes; chamar-se para elle Esôpo, Dom Quixote, Medéa, Jupiter, Mercurio ou Amphitrião, equivale á mesma cousa; está em Portugal, e os costumes, e os usos, e as vestes devem de ser portuguezes; emprestado é o nome das personagens nas suas comedias; tão espirituosas e



Não usa Antonio José da Silva de unidades classicas; cede o logar ás scenas, e muda com ellas; passa no mesmo acto de uma para outra nação; corre o tempo naturalmente, não se encerrando nas estrictas vinte quatro horas que tanto recommendam os rhetoricos: diante dos seus olhos appareciam o theatro castelhano e o theatro inglez, brilhantes de galas, resplandecentes de gloria, e cheios de bellezas; e por ventura Calderon, Shakspeare e Lope prenderam a sua imaginação no circulo das unidades?

Faz exprimir pelas suas personagens a linguagent usual, commum, e popular, conforme trata, falla e se corresponde o povo; todas as vêzes que tem o poeta que pintar reis, ou personagens elevadas, acha-se fóra da natureza; usa de linguagem figurada, cheia de trocadilhos e conceitos, ridiculos ás mais das vêzes: conhece-se logo quando desenha livre e naturalmente, e quando descreve sem convicção; é um poeta do povo, como deve de ser o poeta comico; é da familia do grego Aristophanes ou de Carlos Gozzi; assemelha-se a Molière, quando Molière escreve Doentes imaginarios. Folga e ri-se o povo com o seu espirito sarcastico, os ditos faceiros, que deslisam as suas personagens, e as alegres situações que brilham na sua comedia.

No desenvolvimento dos caracteres não se procure o typo historico do nome que toma a personagem; achar-se-ha elle em Lisboa, no reinado de Dom João V, no meio d'essa capital, que só cogita nos navios

que chegam das colonias, carregados de oiro e prata, e vive na desmoralisação geral que resultou do jugo hespanhol que trouxe para sempre a decadencia da nação portugueza: serão caracteres das praças os das personagens; são criados de Lisboa os Sanchos, os Mercurios, os Esfuziotes e os Sacatrapos, que entram em todas as suas operas, e representam em todas ellas as principáes partes; são casquilhos da côrte os namorados herões que cortejam a Medéa, a Alemene, a Circe, a Ariadne e a outras heroinas: são bellas filhas de Tejo, que, sem duvida por divertimento, tomam os nomes do polytheismo e da historia antiga da Grecia.

Convém accrescentar que se assemelham todas as pegas; tem todas quasi os mesmos amores, e quasi que os mesmos personagens, ainda que revestidos com appellidos differentes, e dizendo-se



Goldoni, em que é um criado parte essencial d'ellas, e parece que sem elle não podem desenvolver-se.

O que ha de diverso, variado e encantador nas comedias de Antonio José da Silva é o correr dos acontecimentos; seguem-se as scenas da maneira a mais engraçada e inesperada; cahem os successos em cima de espectadores, quando elles menos os esperam; complicam-se as intrigas quando parecem dever acabar; e mil vêzes se sotopõem e se encadeiam umas sobre outras novas aventuras, ás vêzes extravagantes, mas causando sempre riso, patenteando sempre um verdadeiro e profundo talento comico.

É no desenvolvimento dos successos da comedia, na invenção das aventuras, e no choque feliz das paixões e das intrigas, que se serram, se ligam, se separam, e se dissolvem, com a rapidez do raio, e a facilidade do vento, que prima Antonio José, e espanta, electrisa e arrasta os seus espectadores.

Qualquer comedia de Antonio José da Silva é uma estampa perfeita de espirito, graça e sal comico; está sempre o riso nos labios; é a curiosidade aguçada continuamente; mudam as scenas, e guarda o espectador memoria indelevel d'ellas; renovam-se os actos, e inesperadas peripecias lhe trazem delicias inefaveis, com que não contaya, e que lhe sahem de ordinario pelo avesso do resultado que parecia esperar.

E quanta originalidade! Quantos ditos populares portuguezes, que viu pela primeira vêz o povo re1.

petir-se no theatro e que sempre applaude, porque é a sua imagem que alli anda, é o seu sangue que alli corre, é a sua boca que alli falla; são as suas praticas, phrases e palavras, que alli se dizem! Porque é que fazia Aristophanes correr os Athenienses ás suas comedias informes, mas bellas e espirituosas? Porque n'ellas se conheciam elles, como se vê o povo de Portugal retratado nas personagens das operas de Antonio José da Silva.

Lendo-as e examinando-as, ficámos perplexos sobre preferencia; qual é a mais bella? Revestem-se todas das mesmas côres graciosas, das mesmas scenas engraçadas, e das mesmas galas e enfeites. O que ha de mais alegre do que os Encantos de Medéa, o Labyrinto de Creta, o Precipicio de Phaetonte, e os Dois Amphitriões? O que causa mais prazer, a Vida de Dan Onio de Alego de Escipa, ou as Courres do Alego.

n'esta parte muito valor o poeta comico, e realça o seu merecimento; mas acima de tudo colioca o seu gosto, espalha as suas graças, derrama o seu espirito e facecias; e são os seus encantos e a sua ambição as graças, o espirito e as facecias.

Mangerona, como a mais original e a mais nacional das suas comedias, si bem não seja a que maior somma de bellezas contenha, ou graça mais subida e fina appresente; realça porém muito porque ouve o espectador a personagens com os nomes portuguezes; assiste á scena em Lisboa; e tudo quanto vê e escuta, conhece e entende; para faze-la melhor apreciar faremos uma analyse ligeira d'ella, minuciando a sua marcha e as suas aventuras.

III.

Trazem as algibeiras vasias, como fidalgos de tempera e costumes nobres, dois cavalheiros portuguezes de boa familia e educação fina. Chama-se um Dom Fuas; tem o outro o nome de Dom Gilvaz; nem criado tem o primeiro; mas ao segundo acompanha um Semicupio, esperto e vivo como azougue; é um dos typos de Antonio José da Silva este criado, typo que reproduz em todas as suas comedias; não costuma ter tambem Walter Scott um mordomo para os seus fidalgos escocezes? Não se encontram em todas as comedias de Molière um Sganarello que diz facecias constantemente? Qual o auctor que não tem

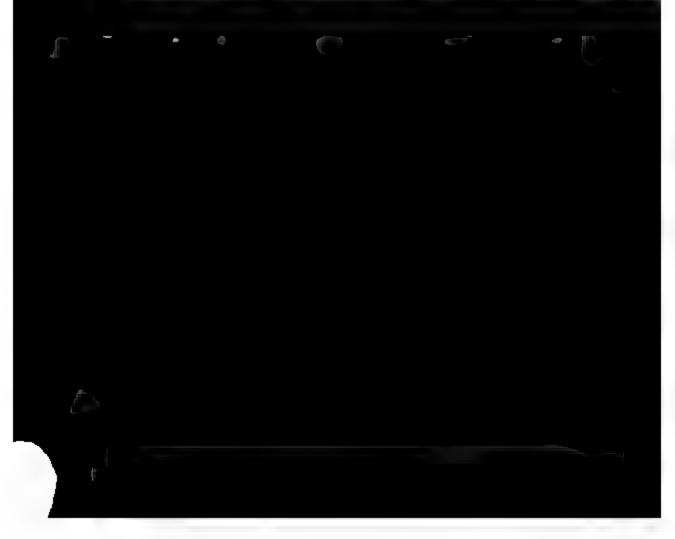
- Agh

276 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

uma ideia fixa, que appresenta e desenvolve em todos os seus escriptos?

Encontram aquelles fidalgos nos seus passeios a duas lindas moças, seguidas de uma criada; cobremse as moças de véos, mas patenteam atravez d'elles os seus encantos; procuram os cavalheiros praticar com ellas, e obrigam-nas, por meio de finezas, a darlhes uma um ramo de alecrim, e um ramo de mangerona a outra. Partem as moças, e descobrem os cavalheiros, depois de mil trabalhos, que são sobrinhas de um Lanserote, velho avarento, que trouxera minas de oiro do Brazil, e que as guarda como thesouros, que se occultam a todos os olhos: basta-lhes isto para inflammar-lhes o amor; procura cada um d'elles ver e fallar á sua bella, e provar-lhe a sua paixão; d'ahi resultam as guerras do Alecrim e da Mangerona.

Serve a Dom Gilvaz o sen criado: Indaga e en-



abrir; o dia está a raiar: a creada, as moças, a velha, e os fidalgos, tudo treme, porque accorda, e apparece o velho. Salva-os o engenho de Semicupio, que percebendo o transe angustiado, grita fogo da rua, arromba com gallegos a porta de Dom Lanserote, com o pretexto de que na sua casa lavra o incendio, e appresenta-se ao velho attonito, fazendo entrar de repente tamanha multidão, que parecem ter vindo tambem em soccorro os amantes Dom Fuas e Dom Gilvaz.

Admiravelmente rematam estas peripecias o primeiro acto; verdade é que são desenvolvidas ao natural; é completa a pintura; funccionam ao vivo todos os caracteres; applaude o espectador a todas as personagens, por que satisfazem todas, e cumprem todas o seu dever; e sendo bem representada e comprehendida esta comedia, impossivel é que não produza um effeito extraordinario.

Encontram os dois namorados outra occasião ainda, e occasião menos perigosa, para verem as moças: adoece Dom Tiburcio, que ainda não escolheu noiva; chama-se um medico, e apparecem tres; são Dom Fuas, Dom Gilvaz e Semicupio; é uma scena egual em graça ás melhores de Molière; o criado parece o mais erudito, por isso que é mais loquaz; é o doente quem soffre com os remedios que lhe receitam. Seguem-se novos empenhos de voltar á casa de Dom Lanserote; combinam por fim encontrar-se no jardim, e tratar ahi

os amantes dos meios de levar a effeito os seus designios de casamento: chega Semicupio primeiro ao jardim; é preso por Dom Lanserote, e feixado em uma capocira de gallinhas, partindo o velho para chamar o alcaide; a criada porém introduz no logar de Semicupio a Dom Tiburcio, que a requesta, por que pensa que lhe pertence quanto existe na casa de seu tio: emquanto a justiça prende o infeliz sobrinho, e se lamenta Dom Lanserote, aproveitam os amantes o seu tempo; por tal sorte fica Dom Tiburcio intrigado com o tio, que o abandona o velho avarento, e chegam os dous fidalgos ao céo ou ao seu dinheiro, casando-se com as duas moças.

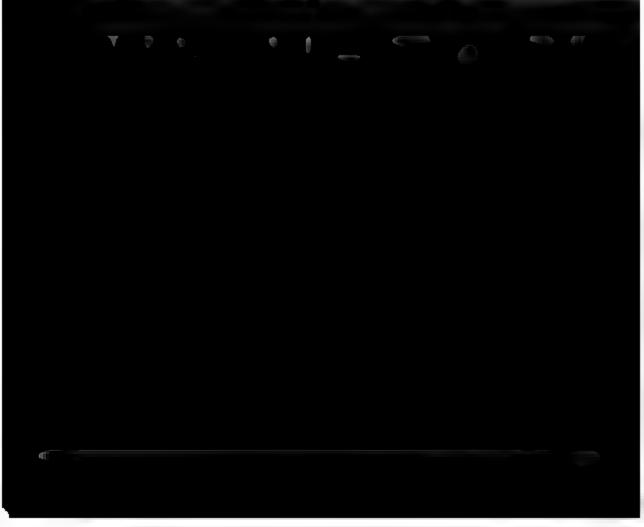
Para que seja uma comedia devidamente comprehendida e apreciada, cumpre que se represente : ne-



são as outras que mais escreveu Antonio José da Silva; a gloria, que adquiriu entre os seus contemporaneos, tem de vingar, firmar-se, e mais solidificar-se, a proporção que forem decorrendo os annos, e formulando-se o julgamento dos posteros; antes d'elle, si bem que tinha a lingua portugueza algumas comedias, que ornavam a sua litteratura, faltava-lhes comtudo o interesse, e a precisa animação; faltavamlhes o espirito e os usos e costumes nacionáes, para que na sua representação enthusiasmassem o povo; foram as comedias de Antonio José da Silva os paineis da sociedade em que elle vivia, animados de graça fina, de lances espirituosos, e de scenas alegres e variadas; e não se carece de muito engenho poetico, e muito talento comico, para conseguir estes resultados? Para reunir o complexo de todos os requisitos, que formam uma bella comedia, e comedia verdadeira toda, e nacional, e engraçada, não se tornam necessarias qualidades muito subidas?

E posteriormente a Antonio José da Silva, qual o poeta comico que tem sido tão estimado do publico portuguez? Ainda inspirou a musa tragica a um ou outro poeta portuguez, e lhe arrancou da lyra arrobos suaves e bellas harmonias; mas tem sido a musa comica muito escassa em Portugal; não abre com facilidade os seus thesouros; um auctor unico appareceu, depois de Antonio José da Silva, que compoz duas comedias, que encerram algumas

bellezas; foi Pedro Antonio Correia Garção; por ventura porém o Theatro Novo e a Assembléa ou partida são comedias para se comparar com as Guerras do Alecrim e da Mangerona? Forma a base de qualquer das duas comedias de Garção uma monotona e muito palida intriga; não são comicas as situações; não ha interesse constante, regular e successivo; e por que primam por lindos versos, dizem pensamentos elevados, e mais ou menos encerram uma poesia faceira, pode-se assegurar que sejam ellas verdadeiras e boas comedias? Quão longe . estão d'aquelle talento especial; d'aquellas côres luxuriosas de graça e espirito; d'aquelle circulo ou serie de scenas, que se reunem, se agglomeram, se dissolvem, e se ligam; d'aquella curiosidade, que o espectador sente, quando presenceia a marcha dos acontecimentos, a complicação dos successos,



vel tribunal do Santo Officio uma existencia tão preciosa; corta os fios d'oiro de uma vida tão cheia de esperanças, e de futuro, e cobre de lucto o theatro, que até hoje não achou infelizmente quem o substituisse!

Apezar de alguns defeitos que notam os criticos nas composições dramaticas de Antonio José da Silva, foi elle com razão considerado o Plauto portuguez, e o será, emquanto não apparecer, na lingua portugueza, outro poeta que lhe roube a palma e a gloria.



- (1) Léonard Gallois, Histoire de l'inquisition. Llorente, l'Inquisition, Dict. de la conversation
 - (2) Gedde's Account of the inquisition in Portugal.
- (3) Baumer, l'Espagne aux XV et XVI siècles. Alexandre Herculano, Historia da inquisição em Portugal.
- (1) Thomaz Chatterton, poeta inglez, suicidon-se de dezasete annos em 1769
- (5) André Chémer, poeta francez, foi guilhotinado em 1794, em Patiz, na edade de trinta e um annos.



II.

PRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA COUTINHO.

Assevêra Frey Gaspar da Madre de Deus (1) que da vasta progenie de Amador Bueno da Ribeira é oriundo o capitão mór Manuel Pereira Ramos de Lemos e Faria, possuidor das terras e engenhos de Marapicú, Cabossú, Itaúna, Paúes e Pantanáes do rio Gandú. De seu consorcio com Dona Helena de Andrade Souto Maior Coutinho nasceram João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, e Clemente de Lemos de Azeredo Coutinho e Mello. Mais ou menos se celebrisáram estes irmãos todos pelas suas lettras e serviços. Rivalisa esta familia com as celebradas familias de Alexandre de Gusmão e de José Bonifacio de Andrada e Silva, das quáes procedem tambem alguns varões illustres.

Vieram ao mundo Dom Francisco de Lemos e seus irmãos no engenho de Marapicú, termo da villa de Iguassú, e provincia do Rio de Janeiro.

Ainda actualmente constitue este engenho um morgadio, que successivamente tem passado de uns para outros descendentes do capitão mór Manuel Pereira Ramos de Lemos e Faria, seguindo a linha directa do primeiro morgado, seu quarto filho, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, em cujo favor fora elle instituido.

Nasceu Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho em 5 de abril de 1735 : estudou com muito aproveitamento os seus preparatorios na cidade do Rio de Janeiro, e nas escolas dos Jesuitas; seguio viagem para Portugal na edade de quatorze annos, e continuando lá os seus estudos, tomou em Coimbra o gráu de doutor em canones em 1754. Obteve logo depois de formado uma cadeira de lente, e foi nomeado reitor do collegio das ordens militares em 1764.



nhoreáram da destruida capital e dos seus arredores. Soffreram tambem com elle Setubal e varias outras cidades do reino.

Dirigio o marquez de Pombal a sua attenção para todos os pontos: reconstrucção de Lisboa, melhoramentos materiáes, reorganisação do exercito e da marinha, economia nos dinheiros publicos por meio de diminuição das despezas, e a justiça e instrucção publica, tudo participou dos seus cuidados, dos seus desvelos e da sua incansavel sollicitude.

Para conseguir tantos resultados era azado o genio do marquez de Pombal. Como intelligencia superior, chamou para junto de si as intelligencias que descubria. Como ministro perspicaz e zeloso, conheceu que lhe convinha aproveitar os talentos que lhe appareciam, para dirigi-los ao fim a que se propunha.

Não houve talento nem intelligencia que não procurasse unir á sua fortuna.

Quando se preparava para os grandes trabalhos que tinha em mente, tristes acontecimentos os perturbáram. Nos fins do anno de 1761, appareceram entre Hespanha e Inglaterra actos de hostilidade. Começou a guerra lamentavel que denominaram os historiadores de pacto de familia. Tomou parte n'ella a nação portugueza, obrigada pelo manifesto da Hespanha de 15 de junho de 1762. Quanto custou ao exercito portuguez chegar ao pé de guerra em que deveria ter sido constantemente conservado!

Ao principio e por vêzes cantáram os Hespanhões victoria. Nem generáes tinha Portugal. Mandado vir da sua patria, foi o conde de Lippe o salvador da disciplina militar, e o chefe das forças portuguezas que reorganisou, instruio e arregimentou. Felizmente que, com o cessar da guerra e a pacificação do reino, pode curar o ministro de todos os ramos do serviço publico.

Pretendeu Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho deixar Portugal e retirar-se para o Brazil: requereu o logar de deão da cathedral do Rio de Janeiro, que se achava vago; responden-lhe porém o marquez de Pombal que tinha empregas mais elevados para elle, e lhe não consentia sahir de Portugal: de feito, logo em 1761, o despaxon juiz geral das ordens militares, e no anno immediato desembar ador dos aceravos do Casa de



maneiras affaveis e ao mesmo tempo firme, que fosse emfim conciliador e justiceiro.

Reunia elle todas estas qualidades, e tão satisfactoriamente preencheu os seus deveres, que em 14 de maio de 1770 foi nomeado reitor da universidade de Coimbra, e chamado pelo governo para fazer parte da junta creada sob o nome de Providencia litteraria, cujo era o fim reformar a universidade.

Faziam parte d'esta junta o marquez de Pombal e o cardeal da Cunha na qualidade de inspectores; e como conselheiros Dom Francisco de Lemos de Faria Coutinho, Dom Manuel do Cenaculo Villas Boas, bispo de Beja, e o arcebispo d'Evora; os desembargadores Ricalde Pereira de Castro, João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, e José de Seabra Silva; e os doutores Francisco Antonio Marques Giraldes, e Manuel Pereira da Silva. Era ardua a missão, mas honrosa e de gloria. Como um d'estes genios organisadores que raras vêzes apparecem na scena do mundo, que porém fazem a fortuna das nações e dos povos em cujo serviço se empregam, não se esqueceu o marquez de Pombal da instrucção publica, porque a instrucção publica forma as gerações, dirige os animos, moralisa os espiritos, e é o manancial da educação do povo.

Si como que nova vida ganháram com a sabia administração do marquez de Pombal o exercito e a marinha; si melhoráram as finanças publicas; si

receberam regular desenvolvimento as estradas, o commercio, a agricultura e a industria; si o paiz emfim se ergueu valente e corajoso diante do estrangeiro, e respondeu-lhe com a dignidade de uma nação livre e destemida; feceberam também a educação publica e a instrucção, que forma os homens do governo, os progressos e incremento que as sciencias e as lettras instantemente exigiam.

Tinham todos os membros da junta nomeada com o titulo de Providencia litteraria, talentos e crudição ao nivel da tarefa que receberam e á qual se dedicáram. Provou o resultado o acerto da escolha, e sanccionáram o andar dos tempos e a successão dos acontecimentos a obra que gloriosamente para si e para Portugal haviam conseguido levar ao cabo.



no meio de Portugal, e de onde mais facilmente poderiam os raios bemfazejos das luzes partir para todas as partes do reino, do que de Lisboa sentada á margem do Téjo, e cujas aspirações eram o commercio, e as vantagens e riquezas provenientes d'elle. Foi para Coimbra passada a universidade em 1308. Em 1537 porém de novo a trouxe Dom Fernando para a cidade de Lisboa. Em 1431 reformou-a, reorganisou-a, e deu-lhe novos estatutos ElRei Dom João I, sendo coadjuvado pelo jurisconsulto João das Regras, e equiparando-a assim ás universidades então existentes, ou mais antigas do que a portugueza, ou posteriores a ella, mas que se haviam illustrado no mundo, como Roma, Pizza, Pavia, Parma, Sienna, Valhadolid, Orleans, Heidelberg, Praga, Colonia, Vienna, Palermo, Angers, Erfurt e Ferrara do seculo XIV, e Leipsic, Cremona, Florença, Aix, Krakau, Friburgo, Upsal, Alcala e Glasgow dos primeiros annos do seculo XV.

Cuidadoso como era ElRei Dom Manuel pelas cousas da sua terra, modificou ainda os estatutos da universidade; reformou-os, adoptando o systema estabelecido pelas universidades de Napoles e de Bolonha organisadas pelo jurisconsulto Bartholo e o celebrisado Acursio.

Até então seguia ella inteiramente o theor das universidades que mais se entregavam aos estudos theologicos; tinha mesmo o titulo de pontificia, e o caracter ecclesiastico.

I.

« A maneira das da Italia, diz um escriptor moderno (2), logo pelos primeiros estatutos de 1309 foram concedidos assim aos professores, como aos alumnos, extraordinarios privilegios. Estes, que então não eram moços de pouca edade, pelo maior parte homens feitos, formavam a corporação, e elegiam dentre si o reitor. Participando dos costumes feodáes, não só obteve senhorias de terras, e a jurisdicção que lhes andava annexa, mas tambem foro privativo para as pessoas e bens que lhe não pertenciam. »

Foram fixados os estudos na grammatica, dialectica, decretáes, leis, medicina e theologia. No anno de 1537 fez ElRei Dom João III voltar a universidade para Coimbra, dotando-a de mais amplos privilegios e rendas mais estensas. Deu-lhe para pro-



d'esta ultima epocha quando se creou a junta da Providencia litteraria. Compunham as suas faculdades a theologia, o direito civil, o direito canonico e a medicina. Existia uma unica cadeira de sciencias mathematicas. Gozavam ainda os professores de privilegios, e os estudantes de isenções e foros.

Depois de aturado trabalho, confeccionou a junta da Providencia litteraria o plano da reforma. Além das quatro antigas faculdades creáram-se uma de mathematicas e outra de philosophia natural, contendo cada uma d'ellas as suas aulas especiáes. A faculdade de direito civil annexáram-se as aulas de direito natural, de historia de direito, e varias outras subsidiarias.

Foi enriquecida a universidade com vastos edificios de historia natural e suas dependencias, com jardim botanico, um observatorio astronomico, um gabinete de physica e um chimico, um theatro anatomico, dispensatorio pharmaceutico, e officina typographica.

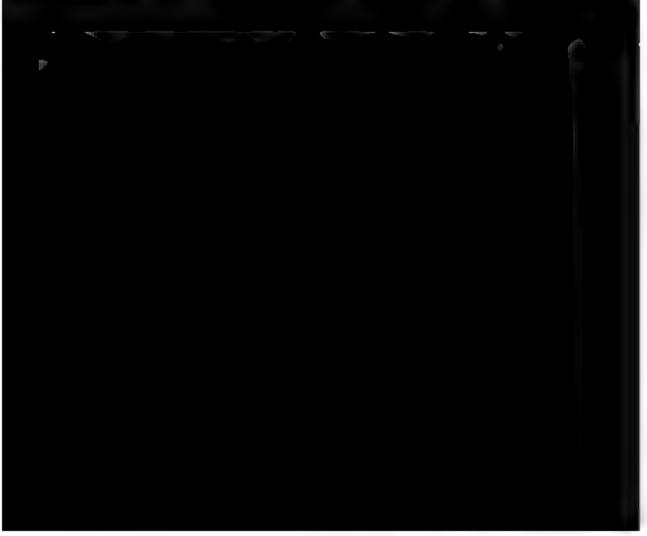
Concluidos os estatutos reformadores, apresentou-se em Coimbra o proprio marquez de Pombal, revestido de poderes extraordinarios de tenente rei; e mandou-os cumprir e executar por Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, agraciado com a carta de conselho de S. M., e nomeado reformador reitor e bispo de Zenopolis.

Um dos lentes da universidade, o doutor José



Monteiro da Rocha, assim se exprime sobre os serviços prestados por Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho na qualidade de reitor refermador:

« Deu nova e melhor forma a todo o paço das escolas. Erigiu os sumptuosos edificios do museo de historia natural, do gabinete de physica experimental, do laboratorio anatomico, do dispensatorio pharmaceutico e da officina typographica. Fez construir o observatorio astronomico, e deu principio ao jardim botanico. Refundio em muitos pontos a legislação litteraria; encheu de bellos regulamentos a policia academica. Organisou e installou a junta da directoria geral, centro regulador da ensinança publica. Fez completar o ensino das faculdades philosophica e mathematica, creando



tão feliz successo, e que do dia da minha partida em diante a ha de dirigir como reformador. Confiando justamente das suas bem cultivadas lettras e das suas exemplares virtudes que não só conservará com a sua perspicaz attenção a exacta observancia dos sabios estatutos de cuja execução fica encarregado; mas tambem que ao mesmo tempo a ha de illuminar com as suas direcções; a ha de edificar com a sua consummada prudencia; e a ha de annunciar com as fructuosas applicações a tudo o que fôr do maior adiantamento, e da maior honra de todas as faculdades academicas (4) ».

Pouco tempo depois tomou conta tambem Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho do bispado de Coimbra, pela vaga que deixou Dom Miguel da Annunciação; e recebeu ao mesmo tempo o titulo de conde de Arganil.

Viviam na melhor harmonia Dom Francisco de Lemos e seu irmão João Pereira Ramos; conceituados ambos pelo governo e pelo publico, auxiliavam-se mutuamente nos seus estudos e trabalhos. Era sistema do marquez de Pombal attrahir a si e aproveitar-se das luzes e serviços dos homens do merecimento.

Collocado o bispo á frente da universidade, foi seu irmão o desembargador empregado em tres commissões, uma revisora do estado do erario e las leis fiscáes, a segunda reformadora de leis civis, e a terceira para tratar dos ajustes da concordata,

que desejava o governo portuguez estipular com a curia romana, por intermedio do cardeal Conti, legado apostolico. Com a morte d'ElRei Dom José I, mudou de todo o governo de sua filha; e arrastado pela reacção, que incitáram os fidalgos do reino não só contra o marquez de Pombal, senão tambem contra tudo quanto fóra obra sua, pretendeu desfazer até a reforma da universidade de Coimbra.

Não o consentio o bispo conde; apresentou á rainha, e publicou uma exposição do estado da universidade, que passa por obra prima, e fez arripiar carreira aos inimigos do ministro decabido. Pagou porém com a sua pessoa a salvação que consegura da universidade. Foi exonerado do cargo de reitor, e substituido pelo principal Mendonça. Não foi mais feliz João Pereira Ramos do que seu irmão.



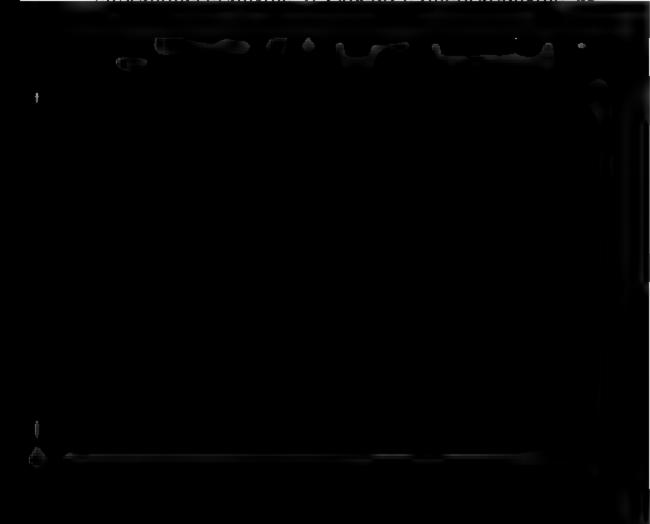
Conseguio tambem o seu intento; teve porém a paga na dispensa que lhe déram os novos ministros das differentes commissões de que estava incumbido: apoz porém alguns annos, foi de novo aproveitado; e teve as honras de entrada e assento no conselho dos ministros (5).

Foram Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Continho e seu irmão João Pereira Ramos dos collaboradores mais assiduos da Academia real de Sciencias de Lisboa, que deve a sua fundação ao duque de Lafões. Escreveram para ella algumas memorias acerca de questões theologicas, canonicas e politicas. Figura entre as que publicou a Academia uma conta geral do estado da universidade de Coimbra, das vantagens da sua reforma e das providencias indispensaveis ao seu progresso, que é obra do bispo conde, e que mereceu geral aceitação, e demonstra cabalmente a sua grande erudição e engenho.

Passou Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho os penultimos annos do seculo XVIII no meio dos seus trabalhos de bispo de Coimbra; conservava constantemente tranquillidade de espirito e socego d'alma, que formam as delicias do sabio e do religioso: assistia na solidão aos diversos espectaculos do mundo, que, como as ondas do mar, se amontoam e se revolvem uns sobre os outros, e uns aos outros se succedem.

Soffreu um durissimo golpe com a morte do marquez de Pombal; a esta dôr e soffrimento que lhe causára a perda do seu amigo, accresceu outra mais cruel ainda, e mais profundo soffrimento, que foi o fallecimento de João Pereira Ramos, seu irmão pelo sangue, que lhe girava nas veias; seu irmão pelos estudos e trabalhos aturados; seu irmão pela uniformidade moral de costumes, de educação e de vida; seu irmão emfim pelo genio que animava a ambos e pelos elevados talentos de que haviam sido dotados ambos.

Como que ficou só no mundo. Fóra Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho de maneiras affaveis e prazenteiras, de semblante alegre e risonho; estes dous acontecimentos modificáram - lhe os habitos, enrugáram - lhe o semblante, entranance e multi- a catello e quebráram - lhe as



Creou e estabeleceu as ephemerides astronomicas e novas cadeiras de agricultura, hydraulica, mineralogia e astronomia pratica; reformou o collegio das artes; organisou os estatutos para os estabelecimentos publicos de instrucção publica e secundaria; e instituio seminarios de ensino ecclesiastico na sua diocese.

Quando pela primeira vêz entráram os Francezes em Portugal, no anno de 1807, deliberou o marechal Junot mandar ao imperador Napoleão uma deputação dos mais illustres Portuguezes. Não podia escapar-lhe o velho bispo de Coimbra. Obrigou-o o marechal Junot a embarcar-se para França com alguns outros Portuguezes illustres, apesar da sua edade e das suas supplicas. Recebeu-os Napoleão em Bayona, tratou com especial distincção ao bispo de Coimbra, e folgou de praticar com elle, percebendo a sua vasta erudição e os seus talentos subidos. Depois de tres annos de residencia forçada em França, logrou Dom Francisco de Lemos permissão de retirar-se para Portugal, aonde apenas desembarcou no anno de 1810, conhecendo que era pela regencia suspeito de infidelidade a seu rei e á sua patria, requereu justificar-se; o que fez, e foi por sentença reconhecido innocente, regressando então em triumpho e no meio de festas e applausos de todo o povo para a sua amada diocese, e para a sua universidade sempre querida.

Da vida publica se retirou todavia: era o seu

repoiso que desejava; limitava-se a sua ambição ao bem e moralisação das suas ovelhas, e ao progresso dos estudos universitarios. Foi como bispo de vida exemplar e de virtudes as mais puras; servio a Egreja; honrou o baculo; utilisou ao sacerdocio; e moralisou e instruio a sua grei. Como reitor reformador da universidade adiantou a instruçção publica, diffundio os conhecimentos, protegeu os talentos jovens e esperançosos, e ligou o seu nome e a sua gloria ao nome e á gloria da universidade que regêra e reformára. Era como particular o amigo do pobre e do rico, o homem de bem por excellencia, e o symbolo da honradez e lealdade.

Nunca fallava na sua patria, no seu Brazil, sem sentir um alvoroço, um enthusiasmo, que se transfundia aos seus ouvintes (6). A tanto tempo d'ella se-



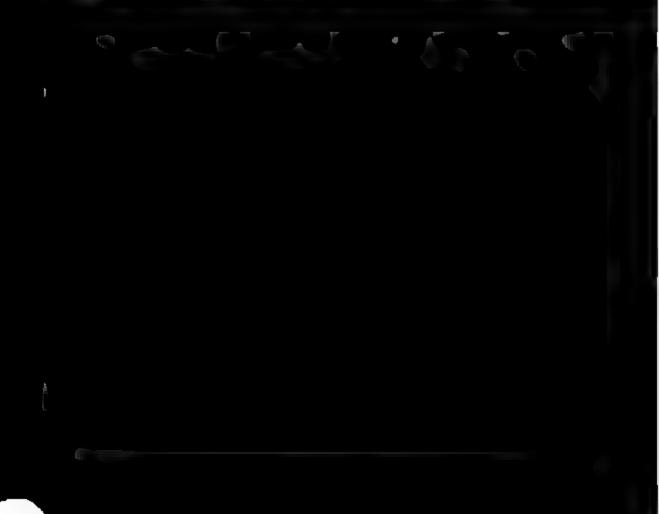
rando esta nova aureola para a sua gloria, expirou alguns dias logo depois. Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho nem pode entrar no exercicio das suas novas funcções; as suas molestias e a sua edade lhe prohibiram o gosto de corresponder á expectativa de sua patria, e cumprir o seu honroso mandato. Já no sepulchro o haviam precedido todos os seus irmãos, e a dous d'elles havia elle precedido no limiar da vida.

Em 16 de abril de 1822 falleceu Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra e conde de Arganil.

NOTAS.

- (1) Memorias para a historia da Capitania de São Vicente, actual provincia de São Paulo, publicadas pela Academia real de Sciencias de Lasboa, pag. 136.
- (2) Manuel Antonio Coelho da Rocha, Ensaio para a Historia do direito publico e das instituições de Portugal.
- (3) José Monteiro da Rocha, Oração funcbre de Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Continho, bispo de Colmbra, accrescenta mais as seguintes observações, que muito houram a pessos em cujo louvor escrevia a oração funcbre. « A opulenta região do Brazil lhe deu o berço: e com justiça o Brazil se jacta menos do seu ouro e diamantes, do que de haver produzido varão tão singular. »

14. Falla our 1.2 o marine, de Pembal, do conselha d'estado.



HI.

JOSÉ DE SANTA RITTA DURÃO.

I.

Na distancia de quatro leguas da cidade episcopal de Marianna, e pertencente a seu mesmo municipio, está situada a freguezia do Inficionado; ahi nasceu, no anno de 1737, José de Santa Ritta Durão, sendo seus ascendentes os honestos e abastados mineiros sargento mór Paulo Rodrigues Durão e Dona Anna Garcez de Moraes.

Passou a sua infancia no Rio de Janeiro, aonde cursou as aulas primarias e secundarias da Companhia de Jesus: apenas completou os seus estudos preparatorios, seguiu para Portugal. Na universidade de Coimbra tomou o gráu de doutor em theologia, em 24 de dezembro de 1756.

No anno de 1758, conhecendo que a sua vocação o chamava para o claustro, e que harmonisavam os seus gostos com a solidão do estudo, professou na ordem dos eremitas de Santo Agostinho: não havia carreira livre na sociedade civil; apresentava ao menos a religião o retiro das communidades monasticas, e

n'elle se expandia e nutria a alma com esse amor puro, ideal e sublime, que substitue a patria e a liberdade.

Começou o pulpito a popularisar o nome de José de Santa Ritta Burão; attrahiam-lhe sympathias, chamavam-lhe admiradores, creavam-lhe amigos os sermões que recitava; collocou-o na linha dos primeiros oradores do tempo o que em Leiria pregou em 1739 em acção de graças pela salvação da vida d'ElRei Dom José. Uma circumstancia porém lhe roubou o socego; contra elle indispoz-se o bispo de Leiria Dom João Cosme da Cunha. Parece que de offensa de amor proprio nascêra o odio e perseguição que começou o bispo a praticar contra elle; o certo é que das iras do prelado se temeu José de Santa Ritta Durão, e tanto que logo que o bispo fei elevado a arcabispo d'Exora deliberou-se a aban-

Dirigia os destinos da Hespanha Carlos III, successor de Fernando VI: predominava ElRei Luiz XV de França com influencia decidida sobre o gabinete de Santo Ildefonso; arrastou-o á guerra contra a Inglaterra, formando o celebre pacto da familia Bourbon; Portugal não assentio ás propostas de mutuo concurso entre Dom Carlos III e Dom José I: era dirigido aquelle pelos seus ministros, os marquezes de Aranda e Florida Blanca, e este pelo seu favorito, o marquez de Pombal : declarou-se a guerra entre os dous reinos; o marquez de Sarria e o conde de O'Reilly entráram em terras de Portugal com o exercito hespanhol; foi então engajado por Dom José I o marechal conde de Lippe, para reorganisar o exercito portuguez, e collocar-se á sua frente, em defensa do territorio lusitano.

José de Santa Ritta Durão, que se achava na Hespanha, percorrendo alegremente as bellas cidades da Andalusia, e que, como peregrino e descuidado, errava de um para outro logar, admirando as gentilezas e obras dos cavalheirosos Arabes, que haviam imprimido por toda a parte d'aquella romantica terra os monumentos indeleveis da sua gloria, e avançada civilisação, achou-se em solo inimigo, na occasião de se encetarem as hostilidades entre as duas corôas visinhas; suspeito de ser espia, foi preso, encarcerado, e habitou o castello de Segovia, até que, pelo tratado de 10 de fevereiro de 1763, assignado em Pariz, se terminou a guerra fatal e assoladora que tantos es-

tragos causára por mar o por terra a todas as nações que haviam n'ella tomado parte.

Apenas restituido á liberdade abandonou a Hespanha, e seguio para a Italia: era para um religioso o paiz do socego e do estudo; era para um litterato o solo de mais delicias. Encontrou-se em Roma com Jose Basilio da Gama, e moráram juntos o tempo em que ali se conservou este seu compatriota: passou ahi doces annos de sua vida; secularisou-se, e assistiu á morte do papa Clemente XIII, e á exaltação do seu successor, João Vicente Ganganelli, sob o nome de Clemente XIV: viu e admirou todas as velhas e admiraveis bellezas de Roma, e toda a pompa das bellezas modernas, que não podem offuscar as antigas: relacionou-se com Victor Alfieri, João Pindemonti, Vielchior Cesarotti e Francisco Soave; entre-



de Pombal, que estava no fastigio do poder e da grandeza; e havendo vencido todos os seus inimigos, procurava realisar os seus disignios, occupandose com as artes, commercio, industria, agricultura, sciencias e lettras.

Principiou com a universidade de Coimbra: em 1772 praticáram-se as novas reformas que lhe déra o. marquez de Pombal; fôra nomeado seu reitor o bispo conde Dom Francisco de Lemos; deliberou-se Santa Ritta Durão a deixar Roma; voltando para Portugal, procurou o illustre reitor, cujo era amigo; de combinação com elle propoz-se ao concurso de oppositor para uma cadeira de theologia, que estava vaga. Pelos novos estatutos, todos os doutores nas diversas faculdades eram declarados oppositores, e podiam ser propostos para os logares das cadeiras vagas das suas respectivas faculdades; nos primeiros annos da reforma julgou-se porém conveniente a abertura de concursos de ostentação para o provimento das cadeiras, preferindo-se os mais habilitados. Apresentou-se José de Santa Ritta Durão; venceu a seus concurrentes em dous concursos seguidos, e foi nomeado lente; coube-lhe então recitar a oração de sapiencia na abertura dos cursos de 1778: esta oração, escripta em latim (2), segundo a formula usada, contém importantes noções de historia e de litteratura; matiza-se com flores de poesia, e prima por descripções eloquentes e pinturas delicadas: passa no seu genero por uma das mais bellas



306 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAEM..

e melhores orações de sapiencia que se tem pronunciado.

Si bem que lente da universidade, voltou para a sua ordem e n'ella fixou a sua residencia; chegou a ser elevado ao gráu de prior.

Ignora-se inteiramente quando conceben a ideia do seu poema Caramurá, quando o começou, e quando o terminou; o que passa por certo é que pelos annos de 1778 e 1779 andava José de Santa Ritta Durão occupado com a sua composição, porque o padre José Agostunho de Macedo, que de Lisboa fora exilado para aquelle convento, a fim de receber castigos, narra que além de trata-lo bem o prior José de Santa Ritta Durão, fazia por elle escrever as estancias, dictando-lhas de manhà na sua cella, e emendando-as á tarde assentado sob as arvores



terrestre existencia, na cidade de Lisboa, no hospicio do Colleginho, pertencente á sua ordem, e aonde residia, e ali mesmo, em uma sepultura privativa dos religiosos, que se acha collocada no fundo da escada, que desce do claustro para a egreja e perto de capella mór, se lhe abriu o jazigo em que foi sepultado (3).

Tinha estatura ordinaria, corpo cheio, côr morena, face picada de bexigas, e aspecto serio e sisudo: á primeira vêz fazia-se respeitar, e com o tracto tornava-se estimado e querido por todos que com elle praticavam.

II.

Antes de analysarmos as bellezas do poema Caramurú, convem: profundamente pesquizar e estudar a existencia historica de Diogo Alvares, conhecido por esse nome, e que é o heróe do poema.

Sem minuciar data alguma, falla o padre Simão de Vasconcellos (5) de um Diogo Alvares, que seguindo viagem para a India em uma náu portugueza, soffrera naufragio desgraçado nas costas da bahia de Todos os Santos, e fôra o unico Europeu que se salvára de ser comido pelos gentios Tupimambás, mettendo-lhes sustos com o estrondo do tiro de uma espingarda, que de bordo trouxera: accrescenta, que depois de alguns annos de residencia entre os gentios, avistando um navio francez,

para elle se fugira Diogo Alvares, e o acompanhára uma gentia, com quem se casára na côrte de Pariz, servindo-lhes de testemunhas ao consorcio, e de padrinhos ao baptismo da bella Indiana, os proprios reis de França: reconta o regresso dos dous esposos para a Bahia, fretando occultamente um navio francez, em trôco de carregamento de páu-brazil.

Assevera tambem Francisco de Britto Freire (6) a existencia d'este Europeu entre os gentios da Bahia, escapo de naufragio tormentoso em uma viagem para São Vicente; historia os seus amores com uma indigena das mais fermosas, e a viagem de ambos para a França; e accompanha a tradição do seu baptismo, e do seu casamento em Pariz, e do seu regresso para a Bahia, declarando por fim, que pelo intermedio de Pedro Fernandes Sardinha, que



Depois de seguir as mesmas pisadas de Simão de Vasconcellos, de Francisco de Britto Freyre e de Sebastião da Rocha Pitta, na generalidade da historia, apresenta Antonio de Santa Maria de Jaboatão (8) o anno de 1516 como a epocha do naufragio de Diogo Alvares na Bahia, e o de 1524 como a em que elle se embarcára para a França em uma náu franceza, que apparecêra navegando por aquelles mares: conta tambem que em occasião em que Martim Affonso de Souza aportára na Bahia, seguindo viagem para a India, baptisára Diogo Alvares a muitos filhos, e casára duas filhas: são os mesmos acontecimentos referidos por Bernardo Pereira Berredo (9) e frei Vicente do Salvador (10).

Será verdadeira esta historia? Será tambem toda phantastica? Ou ha n'essas circumstancias minuciadas pelos auctores, como em muitas lendas de outras nações, um fundo verdadeiro, com ornatos de imaginação, um ponto real da historia revestido das côres poeticas dos romancistas?

É a nossa opinião esta; como ha nos primeiros tempos de todas as nações acontecimentos, que a tradição guarda, e passa de pais a filhos, e que com o andar dos tempos, vão calando no animo do povo, doirados pelo maravilhoso espirito da epocha, e desenvolvidos pela phantasia dos homens; assim nos parece ter sido a marcha da historia de Diogo Alvares, appellidado pelos indigenas Caramurú;

tomou d'elle posse a ficção; creou-lhe a poesia romanescas aventuras; mas existiu Diogo Alvares, como existiu Carlos Magno, como existiu Rodrigo de Bivar, e como existiu Romulo.

Comprovemos a sua existencia com documentos irrecusaveis.

Descrevendo a viagem que fizera seu iranto Martim Affonso de Souza á bahia de Todos os Santos, no anno de 1531, declara Pero Lopes de Souza 11) que havia alli encontrado a um Portuguez vivendo ha vinte e dous annos, e em paz com os indigenas, o qual dava razão larga de tudo o que havia na terra.

Na sua muito importante obra intitulada Roteiro do Brazil 12, falla Gabriel Soares de um Diogo Alvares, Caramurú, que o donatario Francisco Pereira Coutubles contentes por Pales a que lles processos poutes.



foram Diogo Alvares e seus genros os povoadores da Bahia.

Como negar-se a testemunhos tão diversos, e ao mesmo tempo tão concordes? Que existiu Diogo Alvares entre os Tupinambás, é facto incontestavel; que a epocha da sua chegada á Bahia regula pelo anno de 1510, parece muito provavel; mas que credito se deve dar á apregoada viagem que fizera á França, e ás aventuras da sua querida esposa, que o acompanhou, e foi baptisada na côrte de França?

Teria logar esta viagem antes do anno de 1515? Reinou em França até esta epocha Luiz XII, casado, em 1499, com Anna de Bretanha. Seria do anno de 1515 até o de 1547? Reinava em França Francisco I, e era rainha a princeza real Claudia, alha de Luiz XII. Possuimos as declarações uniformes de Antonio Herrera, e de Pero Lopes de Souza, para nos certificarmos que elle vivia desde 1510, pouco mais ou menos, entre os Tupinambás, e que não fallam de semelhante viagem, a qual teriam de certo mencionado, si se tivesse realisado. E para maior prova emfim contra a veracidade d'ella, nem dos fastos da França, nem das mais circumstanciadas chronicas francezas, se colhe a minima noticia d'este successo, que aliás, n'aquella epocha e occurrencia, teria certamente merecido as honras de menção, e de menção muito especial. Ambicionava a França as novas terras que haviam desco-

berto e conquistado os Portuguezes; copia immensade navios francezes atirava-se sobre as costas do Brazil, commerciava com os gentios, animava-os contra os Portuguezes, carregava o páu-brazil, e isto alguns annos logo apóz o descobrimento: Christovam Jacques, Luiz de Mello da Silva, Pedro Lopes de Souza, e Martim Affonso de Souza, batteram e aprisionáram muitos navios francezes : como não foi aproveitado pelo governo francez um acontecimento tão prenhe de consequencias vantajosas para elle, como era de certo a viagem e estada em Pariz de Diogo Alvares e sua mulher, personagens a quem attribue a tradição a honra de terem por padrinhos os monarchas reinantes da França? Como podia passar isto desapercebido nas chronicas francezas?

Dia and a tradicia a a possis des chrenista.

por Thomé de Souza, estando authenticamente demonstrado que, em todo este tempo, Diogo Alvares e sua familia coadjuváram os Portuguezes, serviramlhes de interprete para com os gentios, e procuráram sempre harmonisar os Portuguezes com os seus hospedes antigos.

É para nos de toda a evidencia que Diogo Alvares, desde que naufragou na Bahia, no correr do anno de 1510, ahi residiu, e adoptou muitos costumes dos indigenas; ahi prestou-se muito aos Portuguezes, quando começáram a fundar os seus estabelecimentos; serviu ahi muito aos Jesuitas, quando encetáram a cathequisação dos gentios, e morreu ahi em avançada edade, e deixando uma prole extensa.

E pois consideramos fabulosa a sua apregoada viagem á França, seus successos e casamento n'este reino, e seu regresso glorioso á terra da bella Paraguassú; a qual de certo trocára o nome gentio pelo de Catherina, sinão de lembrança particular de Diogo Alvares, pelo menos, e talvêz como razão plausivel, em attenção á rainha de Portugal Dona Catherina, mulher de Dom João III, que governou desde 1521 até 1557.

Mas quem era, e de onde provinha Diogo Alvares? É esta uma questão indecisa, e que não tem
cabalmente resolvido nem-uma das chronicas, e
nem-um dos documentos impressos ou manuscriptos,
que havemos examinado.

Para Sebastião da Rocha Pitta era nascido Diogo

Alvares na cidade de Vianna de Portugal, e descendia de nobre linhagem : para os padres Simão de Vasconcellos, e Balthasar Telles, nascera Diogo Alvares em Portugal, de origem porém desconhecida; o padre Antonio de Santa Maria Jaboatão, Francisco de Brito Freyre, frei Vicente do Salvador e Bernardo Pereira Berredo não se déram a averiguações sobre este ponto: mas uma carta que escreveu a ElRei de Portogal Pero do Campo Tourinho, donatario da capitania do Porto Seguro, em data de 48 de julho de 1546, a qual existe no archivo da Torre do Tombo, falla de serviços importantes prestados aos Portuguezes da Bahia por Diogo Alvares, o gallego; cotras cartas dos primeiros Jesuitas, que estiveram no Brazil, tratam tambem a Diogo Alvares como gallego: como porém não tivesse em Portugal esta denomina-



de Santa Ritta Durão; tornou-se para as chronicas brazileiras the celebre personagem, como o rei. Arthur para as chronicas inglezas, o Cid de Andaluzia para as hespanholas, e Carlos Magno e seus paladinos para as francezas.

III.

São imitativas da epopea antiga as formulas do poema Caramurú; escreveu Homero a sua Iliada e a sua Odisséa; extasiou-se Aristoteles diante d'esta ordem admiravel, e de tão perfeito systema de compesição: ficou portanto servindo de typo e fundamento para todos; seguiu-lhe Virgilio as pisadas, e imitou a Iliada com a sua Eneida: sanccionnou-lhe as formulas Quintiliano, que, traçando o circulo, prohibiu toda a tentativa de ultrapassa-lo: nos tempos mais approximados á nossa epocha, dous genios, eguáes ambos aos auctores da Odisséa e da Eneida, Luiz de Camões e Torquato Tasso, obedeceram ás regras estabelecidas e aceitas, e subordináram-se aos dictames de seus predecessores.

Bem differentes são os assumptos d'estes poemas epicos, devidos aos quatro engenhos de que fallamos, dos objectos de que na Hespanha e em Portugal tratáram outros poetas, como Jeronymo Corte-Real, Alonso de Ercilla, José de Santa Ritta Durão, Hippolito Sanz, Mouzinho Quevedo, Lourenço Zamora, José Basilio da Gama, e Francisco de Mos-

quera. São os Lusiadas, a Jerusalém libertada, a Encida, a Iliada, e a Odissea verdadenos assumptos de epopea, e do poema heroico e geral; em quanto que o Caramuru, o Affonso africano, a Numantina; o Uraguay, a Araucana, a Mathea, a Saguntina, e o Naufragio de Sepulveda, pertencem a uma ordem secundaria, especial, e não geral; mais cavalheirosa do que heroica; assemelham-se antes, na feitura e desenvolvimento intrinseco, á especie denominada romances, divergindo d'ellas apenas pelas vestes exteriores, e pela metrificação poetica; as formulas da epopea antiga, tão preconisadas por todos os censores, foram todavia admittidas nas modernas litteraturas, para toda a especie de narração, historia, chronica, romance ou poema escripto em verso; o mesmo Luiz Ariosto, que elevou a maior altura o genero phantastico, seguiu no seu poema o

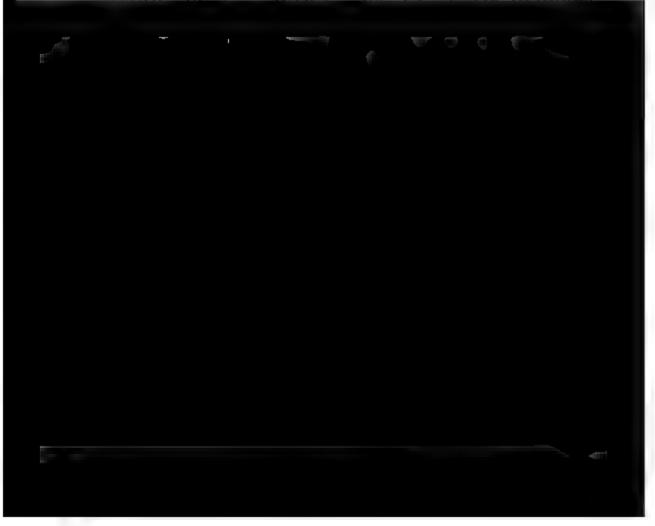
mento de um navio francez por aquelles mares tão pouco trilhades; as emoções que sente o heróe Diogo Alvares quando o avista de terra; e a deliberação que toma de abandonar os gentios, e voltar para Europa: acompanha-o Paraguassú; Moema e outras indigenas, que o amavam, atiram-se ao mar apóz elle: morre Moema no seio das ondas; volvem sentidas e lacrymosas as outras; leva para França a náu franceza o ditoso par, que na côrte de Pariz, reinando Henrique II e Catherina de Medicis, é acolhido com toda a pompa; fazem o rei e a rainha baptizar Paraguassú, dando-lhe o nome da sua real madrinha, e servem-lhe de testemunhas ao seu consorcio; não querendo Henrique II consentir em que se dirija Diogo Alvares para Portugal, freta elle occultamente um navio, e regressa com sua esposa para a Bahia, aonde desembarcam no meio do alvoroço e regozijo que causa entre os gentios uma volta tão inesperada: descreve então o poeta um sonho que teve Paraguassú, e que lhe patenteou a historia do Brazil nos tempos futuros, a expulsão dos Francezes, a edificação da cidade do Rio de Janeiro, o exterminio dos Hollandezes, e as victorias de Pernambuco: termina o seu poema com a chegada do governador Thomé de Souza, a quem se sujeitam todos os gentios.

Muitas bellezas não tem o plano geral: não são subitos, inesperados e origináes os acontecimentos que narra, e nem dramaticas as scenas do poema; não

teve José de Santa Ritta Durão trabelho granda para concebe-lo e desenvolve-lo; tehou-o feito nas tradições, encontrou-o escripto nas chronicas do seu tempo; dividiu-o em partes, encerron cada uma parte em seu canto, e ornou cada um canto com certo numero de oitavas em versos rimados.

Na concepção pois, e belleza do plano geral do seu poema, não primou José de Santa Ritta Durão; era brilhante e bella a sua imaginação, appropriavase porém mais aos detalhes; aperfeiçoava melhor, e mais delicadamente desenvolvia um episodio, do que uma obra completa.

Quanto superior seria o seu poema, si se alargasse o campo que escolhera, e nos pintasse as primeiras guerras do donatario Francisco Pereira Coutinho com os gentios Tupinambás? Que bellezas encontraria no contraste das povoacoes indianas



guerra, engordando-os com bons manjares, felicitando-os com todos os deleites da vida, e quando é vinda a occasião, reunindo-se os indigenas, trazendo o prisioneiro para o logar do sacrificio, e entregando-o áquelle que teve missão de trata-lo, e que o matta com suas proprias mãos, e reparte os seus restos por entre todos os que concorreram á festa! Como tão fielmente reconta o terrivel Gupeva as crenças e leis dos povos indigenas! Como se batem os guerreiros gentios com suas tacápes, ao enthusiasmo das inubias, e animados pelas vozes dos Pages! Como são descriptas, apresentadas e analysadas quasi todas as nações dos indigenas do Brazil formando um vasto e animado quadro! Como logram as terras, os animáes e as plantas, pinturas tão embellezadas e tão graciosas endeixas!

Que importa que no desenvolvimento da sua historia appareçam anachronismos? Que importa que a concepção geral não agrade aos ouvidos e desejos curiosos de emoções, de aventuras romanescas e continuas, e de peripecias imprevistas e inesperadas? Encerra o poema Caramurú episodios verdadeiramente bellos e algumas descripções origináes e poeticas; revela, com toda luz da verdade, o enthusiasmo patriotico que animava o poeta que o escreveu.



IV.

Para nos convencermos melhor das bellezas do poema Caramurú, é de necessidade fazer-se citações de alguns tréxos; o que ha de mais original e agradavel do que esta descripção da morte do prisioneiro?

Qual si da Libya pelo campo estende
O mouro taçador um leão vasto,
Em longa nuvem devora-lo emprende
O sagaz corvo sempre attento ao pasto,
Negro parece o chão, negra, onde pende
A planta, em que do sangue explora o rasto;
Ate que avista a presa, e em chusma vóa,
Nem deixa parte que voras não róa.

Fal do caboclo foi a furia infanda , E o fanalismo , que na mente o cega , Faz , que tendo esta accão por veneranda ,



Entram os principáes de cada casta

Com bellas plumas, onde a cór discorda:

Outros, que a grenha tem com feral pasta

Do sangue humano, que ao matar, transborda,

Os negromantes são; que em vão conjuro

Chamam as sombras desde o Averno escuro.

Companheiras de officio tão nesando
Seguem de um cabo a turma, e de outro cabo,
Seis turpissimas velhas, aparando
O sangue seu em leve menoscabo:
Tão seias são, que a sace está pintando
A imagem propriissima do Diabo;
Tinto o corpo, em verniz todo amarello,
Rosto tal, que a Medusa o saz ter bello.

Tem no collo as crueis sacerdotisas,

Por conta dos funestos sacrificios,

Fios de dentes, que lhes são divisas

De mais ou menos tempo em táes officios:

Gratas ao Céo se crém, de que indivisas

Se inculcam por tartareos maleficios;

E em testemunho do mister nefando

Nos seus côcos com facas vêm tocando.

Um dos mais lindos episodios é a historia da estatua, que reconta o joven Fernando a seus companheiros, acompanhando-a com sons harmoniosos da cithara, e obrigando-os a esquecer assim os perigos que os rodeiam: caminhava por entre brenhas desertas um religioso, naufrago no Brazil, quando encontra em lucta de derradeira agonia a um desgraçado indigena; anima-o o religioso, chama o favor de Deus para esta alma, que se vai separar do corpo; baptisa-o, como o permitte a religião em transes apertados, e ouve-o em con-

fissão; denuncia elle um coração puro, uma vida mansa e bondadosa; desce a bençam celeste sobre o misero agonisante, que exhalando o ultimo suspiro da vida transforma-se em uma estatua de pedra, e se assenta na ilha do Corvo, d'onde mostra o Brazil ao Europeu curioso. Ha poesia, e bastante imaginação n'este episodio.

E não lhe é inferior outro episodio agradavel e pittoresco do poema, em que narra a historia da bella Moema, que morrendo de amores por Diogo Alvares, e vendo-o abandonar a terra, e embarcar-se na nau franceza, que o deve levar á Europa, atira-se ás ondas irritadas do Oceano, em demanda do amante ingrato que lhe foge; chega a agarrar-se ao leme do navio, e a arrastar-se-lhe apóz a fieira de espuma, que o acompanha, mas:



cerram bellezas dignas de ser notadas, e que alvoroçam o animo e o enthusiasmo, os episodios de guerras, combates e luctas sanguinarias, que uns contra os outros sustentam os gentios.

Mas quando tudo com terror fugia,
O bravo Jacaré se lhe põe diante;
Jacaré, que si os tigres combatia,
Tigre não ha que lhe estivera avante:
Treme de Jararáca a companhia,
Vendo a forma do barbaro arrogante,
Que com pelle coberto de panthera,
Ruge com mais furor que a propria fera.

Avista-se um com outro; a massa ardente
Deixam cahir com barbro alarido;
Corresponde e clamor da bruta gente,
E treme a terra em roda de mugido.:
Aparou Jacaré no escaldo ingente
Um duro golpe que o deixeu partido;
E emquanto Jararáca se desvia,
Quebra a massa no chão com que o batia.

Nem mais espera o Caethé furioso,

E qual onça no ar, quando destaca,

Arroja-se ao contrario impetuoso,

E um sobre outro co'as mãos peleja, e ataca:

Não pode discernir-se o mais forçoso;

E sem mover-se em torno a gente fraca,

Olham, luctando os dous, no fero abraço,

Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

Porém emquanto a lucta persistia,
No sangue em terra lubrico escorrega
O infeliz Jacaré; mas na porfia
Nem assim do adversario se despega;
Sobre o chão um com o outro ás voltas ia;
E qual o dente, qual o punho imprega,
Até que Jararáca um golpe atira,
Com que, rota a cabeça, o triste expira.



É desenhada com suaves e características côres a marcha das nações gentias que vem combater os Tupinambás, entre os quáes se acolhera Diogo Alvares.

Dez mil a negra cor trazem no aspecto
Tinta de escura noite a fronte impura;
Negreja-lhes na testa um cinto preto;
Negras as armas são, negra a figura;
São os feros Margates, em que Alecto
O Averno pinta sobre a sombra escura;
Por timbre nacional cada pessoa
Rapa no meio do cabello a coros.

Cupaiba, que empuaha a feral maça,
Guia o bruto esquadrão da crua gente,
Cupaiba, que os miseros, que abraça,
Devora vivos na batalha ardente;
A roda do pescoço um 60 enlaça,
Onde, de quantos come, enfia um dente;



Que do ferreo madeiro usando o estoque, Disparavam com balas o bodoque.

Nem tu saltaste alli, grão Pecicáva, Guiando Carijó das aureas terras;
Tú, que as solhetas de oiro, que te ornava,
Nas margens do teu rio desenterras;
Torrão, que do seu oiro se nomeava,
Por crear do mais sino ao pé das serras;
Mas que seito emsim baixo e mal presado
O nome teve de oiro inficionado.

Em guerreiras columnas, feroz gente,
Que no horror da figura assombra tudo,
Trazem por armas uma massa ingente,
Tendo de duro lenho um forte escudo:
Frexas e arco no braço omnipotente,
Nas mãos um dardo de páu-sancto agudo;
Sobre os hombros a rêde, á cinta as cuyas;
Tal era a imagem dos crueis Tapuyas.

Não ha espectaculo mais bem desenhado, mais vivo, e mais animado; é um exercito de diversas nações, que o leitor vê marchar diante de si, cada uma com as suas armas, as suas vestes e os seus usos; é um quadro perfeito, colorido e real: apóz esta pintura dos gentios, deleita a vista, e agrada ao ouvido a descripção de uma aldeia dos Tupinambás.

No reconcavo ameno um posto houve
De troncos immortáes cercado á roda,
Trincheira natural, com que impedia
A quem quer penetra-lo a entrada toda:
Um plano vasto no seu centro abria;
Aonde edificando á patria moda,
De troncos, vasos, ramos, vimes, canas,
Formavam, como em quadro, vito cabanas.

Qualquer d'ellas com môle volument.
Corre direita em linhas paralellas;
E mais comprida aos lados, que espaçosa.
Não tem paredes, ou columnas beilas:
Um angulo no cume a faz vistosa,
E coberta de palmas amarefías
Sobre arvores se estriba altas, e bosa,
De seiscentos cipaz, ou mit pessoas.

Qual o velho Noé sa immensa barca, Que a barbara cabana em tudo imita, Ferozes animães provido embarca, Onde a turba brutal tranquilla habita. Tal o rude Tapuya na grande arca, Ali dorme, ali come, e ali medita; Ali se faz de humano, e de amor mole, Alimenta a mulher, e affaga a prole.

E supposto que não fosse dotado José de Santa Ritta Durão de grande imaginação, as scenas que desenha, e as descripções que pinta, são todavia



NOTAS.

- (1) « Illustrissimo e excellentissimo senhor,
- » Tenho a honra de levar ás mãos de Vossa Excellencia a inclusa copia authentica do officio do conselheiro vice-reitor da universidade de Coimbra de 9 do corrente, por onde se deixa ver, que o muito esclarecido padre mestre doutor Frei José de Santa Ritta Durão, eremita de Santo Agostinho, graduado em 24 de dezembro de 1756, se apresentára primeira e segunda vêz na qualidade de oppositor, para o concurso das cadeiras vagas da faculdade de theologia da mesma universidade, na forma da carta regia de 40 de novembro de 1777.
- » Satisfazendo eu por este modo a recommendação de Vossa Excellencia aproveito esta occasião para repetir os protestos da infinita consideração e respeito com que sou
 - » De Yossa Excellencia,
 - » Attentissimo e obrigado criado,
 - » Joaquim José Ferrn. Pinto Frrs. Tellez.
 - » Lisboa, de 11 maio 1849. »

Copia.

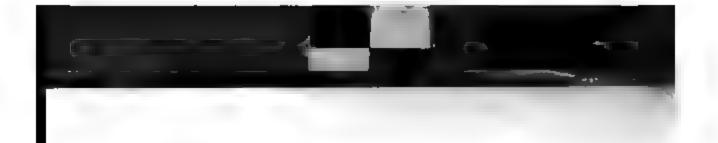
- « Illustrissimo e excellentissimo senhor,
- » Por portaria do ministerio do reino (primeira direcção, primeira repartição, livro 7, nº 119) de trinta d'abril ultimo, ordenou Sua Magestade á vice-reitoria que fizesse averiguar si Frei José de Santa Ritta Durão chegou a ser oppositor de theologia, e que remetta certidão authentica do que constar. Fizeram-se na secretaria as averiguações, mas nada mais se pode achar senão que se apresentára para o concurso das cadeiras vagas na faculdade de theologia, como se vê pelas duas relações impressas quo vão juntas com este, e de que ficam outras irmãs na secretaria. Pelos estatutos de mil setecentos setenta e dois todos os

doutores nas diversas faculdades erão oppositores, e podiam ser prepostos para os logares de cadeiras vagas das suas respectivas faculdades. Nos primeiros annos sobre a reforma feita por esses estatutos algumas vêzes se abriam concursos de ostentação para provimento das cadeiras, e eram despachados os que obtinham melhores qualificações. Pelo alvara do pruneiro de dezembro de mil oitocentos e quatro, creou-se por primeira véz a classe d'oppositores distincta da dos simplices doutores, e assim continuou a ser distincta pelo decreto de cinco de dezembro de um ontocentos trinta e seis, vinte de setembro de miloitocentos quarenta e quatro, e regulamente do primeiro de dezembro de mil ortocentos quarento e cinco. Por esta razão não consta, nem constar pode, que o padre mestre doutor Frei José de Santa Ritta Durão fosse habilitado oppositor, porque no seu tempo não havia tal classe distincta da de doutores. Nada mais se pode dizer sobre a informação exigidapela sobredita portaria, como consta da nota com que a secretaria me respondeu ao despacho de « cumpra-se », - Deus guarde a Vossa Excellencia. - Coimbra, nove de maio de mil oitocentos quarenta e nove. — Illustrissimo e excellentissimo seuhor marechal duque de Saldanha, presidente do conselho de ministros e secretario d'estado dos negocios de reino - O conselheiro, vice-reitor da universidade, José Machado d'Abreu. Esta conforme, secretario d'estado dos negocios do reme un in de majo de 1749.



falta de testimunhas presenciáes, e ainda coetaneas, que podessem abode verdadeiras algumas noticias tradicionáes. Constando porém que o
egresso padre João de Saavedra, da mesma extincta ordem dos eremitas
de Sancto Agostinho, conservara, a pezar de seus longos annos, certas
reminiscencias d'aquelles factos, pareceu opportuno aproveitar-se
quanto antes o seu testemunho em forma; pelo que foi convidado para
depór perante o administrador do bairro do Rocio tudo quanto ao seu
conhecimento houvesse chegado, com referencia ao objecto de que se
tracta. O resultado d'esta indagação é o que se manifesta do termo por
elle assignado, que vai em seguida fielmente transcripto:

Aos 14 de agosto de 1845, n'esta cidade de Lisboa, na administração » do bairro do Rocio, onde commigo escrivão d'ella, estava o adminis-» trador, o douctor Paulo d'Azevedo Coelho de Campos, tendo á vista » o officio expedido pela terceira repartição do governo civil d'este dis-» tricto em 12 d'este mez; appareceu presente o reverendo João de » Saavedra, presbytero egresso da ordem dos eremitas calçados de São - Agostinho, que teve a ultima residencia claustral no convento da » Graça de Lisboa, e reside na rua do arco do marquez de Alegrete, » nº 57, freguezia de São Lourenço: o qual é natural da freguezia de » São Salvador de Pennajoia, conselho de Lamego, e tem d'edade se-• tenta e oito annos. E por elle foi dicto em resposta ás perguntas que o administrador lhe fez, que no anno do seu noviciado, que princi-» piou em 28 de abril de 1783, um dia em que se reuniram os noviços » para os exercicios da manham, lhes disse o seu mestre, que rezassem » um Padre nosso e Ave Maria por alma de padre mestre Durão, que » havia fallecido n'essa noute; que não pode por isso determinar o dia, » nem mez em que tivera logar o sallecimento; e que só pode assirmar » que elle tivera logar durante o anno do noviciado d'elle declarante, » isto é, desde abril de 1783 a maio de 1784 : que não conheceu o » dicto frei José de Santa Ritta Durão, por que este não se achava re-» sidindo na mesma casa d'elle declarante. Quanto ao logar aonde foi » sepultado o mesmo padre mestre Durão, sabe por tradição que elle » fora sepultado na egreja do colleginho, em uma das sepulturas privav tivas dos religiosos, que se acham collocadas no fundo da escada que » desce do claustro para a egreja, junto á capella mór; mas que não » podia declarar em qual sepultura elle fora enterrado. E nada n » disse, e assignou este termo, que eu Manuel Joaquim de Mascarenhas, » escrivão da administração, escrevi. — Coelho de Campos. — O padre » João de Saavedra. »



Para se apurar tanto quanto fosse possível a verdade de facto, procedeu-se a um minucioso exame no orchivo do governo civil, e abi ao encontráram entre os outros livros e documentos pertencentes ás extinctas casas religiosas dous unicos livros, que foram do extincto collegio de São Agostinho á Mouraris, ondo Durão fallecera. Ambes estes livros, cujo começo data de maio de 1784, foram escrupulosamento examinados. O primeiro, intitulado da Fazenda do collegio, não contem cousa que faça ao nosso proposito. No segundo porém, que se intitula Contas das missas e obrigações do collegio de N. G. P. S. Agostinho de Lisboa, acha-se a fi. 10 o seguinte assento:

- « Maio de 1784. Disseram-se d'esmola pela airea do padro mestre
- » Durão noventa e tres missas. »
 - E n'outro assento a fl. 12, lé-ec:
 - Disseram-se em janeiro de 1785 pelo anniversario do padre mestre
- » Durão om officio, e missa cantada. »

Este ultimo e terminante: pois confrontado com a tabella das obrigações do collegio, que se acha no principio do livro, e onde a fl. 6 v. consta a de fazer celebrar um officio e missa cantada nos dias trigucimo e anniversario do fallectimento de cada um dos religiosos alli residentes, ficam resolvidas quaesquer duvidas; e incontestavelmente provado que o obito de Durão teve logar no mez de janeiro de 1784.

No que respetta ao logar do seu jazigo, procedeu-se a uma investiga-



cido no periodo que decorreu desde 1808 até á supressão do convento.

A falta do livro dos obitos d'aquella casa, cujo destino se ignora, bem como o de resto do seu cartorio, não permitte algumas outras averiguações, proprias para levar aquellas questões ao estado de mais clara evidencia.

- (4) Relatorio de frei José das Dóres, religioso do convento da Graça, o bispo eleito de Cochim.
 - (5) Chronica da Companhia de Jesus, liv. I.
 - (6) Guerra brazilica, liv. II.
 - (7) Historia da America portugueza, liv. I.
 - (8) Orbe seraphico, tomo I, primeira parte.
 - (9) Annáes da capitania do Maranhão, liv. I.
 - (10) Santuario Marianno.
 - (11) Roteiro de Pero Lopes de Sousa.
 - (12) Descripção geographica da America portugueza.
 - (13) Annáes, decada 3, liv. 8, cap. 8.
 - (14) Chronica da Companhia de Jesus, liv. III.





IV.

MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

I.

No anno de 1758, em que, por alvará de 8 de maio, ordenou ElRei Dom José I, que a todos os gentios do Brazil, e a todos os seus bens, sem restricção alguma, se estendessem os beneficios das cartas de lei de 6 e 7 de junho de 1755 (1), em cumprimento da constituição do papa Benedicto XIV, de 20 de dezembro de 1741, considerando-se livres elles, e no pleno gozo de todos os seus direitos civis, veio ao mundo Manuel Ignacio da Silva Alvarenga.

Foi logar do seu nascimento a actual cidade de São João d'ElRei, em Minas Geráes; era então villa, fundada em 1718 pelo governador conde de Assumar (2), nas proximidades e margens do Rio das Mortes; fôra terreno famoso pelos combates sanguinarios que houveram ali entre Paulistas e Taubatenos, que ambicionavam todos possui-lo, pela abundancia de suas ricas faisqueiras de oiro; resultando-lhe das mortes, que presenciára, o triste

appellido por que se conhece actualmente ainda aquella comarca.

Governava Gomes Freyre de Andrade não sómente as capitanias do Rio de Janeiro e Minas Geráes, senão tambem as capitanias do sul do Brazil, havendo regressado do Uruguay n'este mesmo anno de 1758, e continuando no exercicio da autoridade de governador e capitão general.

Descendia Manuel Ignacio da Silva Alvarenga de pais pobres e de classe inferior : mostrando na sua puericia muita viveza e engenho, obteve o auxilio de uma subscripção de amigos, e veio para o Rio de Janeiro, aonde cursou as aulas de instrucção secundaria, e obtendo ahi uma somma maior de protectores, conseguio passar-se para Portugal, seguir para Coimbra, matricular-se na universi-



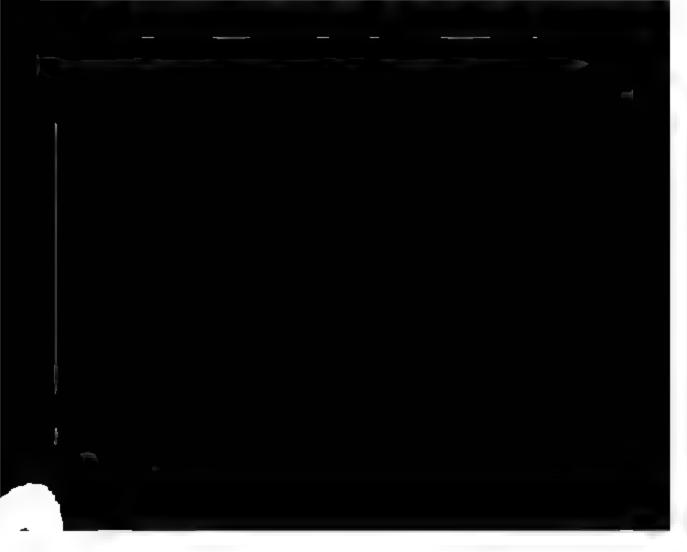
vendo para os lares, que sabia apreciar e adorava sinceramente.

Escolhen a cidade do Rio de Jameiro para a sua residencia: continuou advogado como fóra em Lisboa, sem que nunca olvidasse as doçuras da musa que lhe fallava ao coração, sorria-lhe ao ouvido, e fascinava-lhe a intelligencia.

Em 1779 começou a exercer o seu cargo de vicerei do Brazil Dom Luiz de Vasconcellos e Souza, da
casa illustre de Castellomelhor, succedendo ao marquez de Lavradio, que governava a colonia desde
1769. Com Luiz de Vasconcellos, que era homem
de gosto litterario, e de intelligencia esclarecida,
abriu Manuel Ignacio de Silva Alvarenga relações
estreitas de amizade. Nomeou-o professor regio de
rhetorica o vice-rei, e deu-lhe sempre as maiores
demonstrações de estima particular, e de apreço
aos seus elevados talentos e composições poeticas.

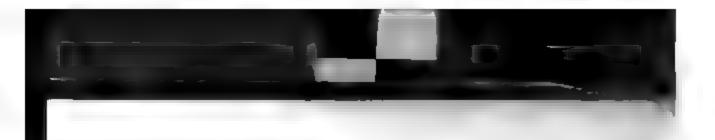
Chegava por este tempo de Portugal, desgraçado, e foragido quasi, José Basilio da Gama; recebeu-o como amigo Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, tratou-o como irmão, e deu-lhe a amizade do vice-rei. Haviam em Rio de Janeiro bastantes litteratos e sabios. Infructiferamente e por vêzes se tentára crear no estado do Brazil academias litterarias. Fóra fundada na Bahia em 1724 a brazilica dos Esquecidos, cujas sessões tinham logar no proprio palacio do governador Vasco Coutinho Cesar de Menezes, conde de Sabugosa, seu protector

principal; organisou no Rio de Janeiro em 1736 Matheus Saraiva, medico da Camara e physico mór, a Academia dos Felizes, composta de trinta socios, sob os auspicios e protecção tambem do governador. Da primeira nem-um vestigio resta afòra a noticia que nos legou Sebastião da Rocha Pitta; da segunda ha ainda memorias manuscriptas acerca do indigo, coxonilha, e varias outras plantas interessantes do Brazil, as quáes attestam a sua tão util quanto curtissima existencia. Instituio-se em 1754 uma terceira academia no Rio de Janeiro, que foi protegida pelo conde de Bobadella : intitulava-se dos Selectos; foi a que para crear o periodico, Jubilos da America, introduzio uma typographia, que foi logo dissolvida por ordem da côrte. Seguio-se lhe a quarta fundada na Bahia em 1759, com o titulo de



MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA. 337 reunisse no seu seio a todos os sujeitos instruidos do Brazil.

Transplantára-se da Italia para Portugal o uso das academias e associações litterarias, nos fins do seculo XVII, e principios do seculo XVIII. As academias da Crusca, dos Indomitos, dos Impacientes, dos Nascidos, dos Inquietos, dos Loucos, dos Extravagantes, dos Adormecidos e dos Nocturnos de Milão, de Roma, de Perugia, de Veneza, de Alexandria, de Bolonha, de Piza, de Genova e de Padua, origináram em Portugal associações similares, com titulos da mesma natureza, como a Instantanea (3), dos Generosos (4), das Conferencias discretas (5), dos Singulares (6), dos Solitarios de Santarém (7), dos Insignes Illustrados e Occultos de Lisboa (8) e dos Anomos (9); cooperavam muito para a diffusão e desenvolvimento do gosto litterario. A Academia Real da Historia portugueza, creada em 1720 por ElRei Dom João V, fez desaparecer todas essas sociedades; mas á par d'ella e no anno de 1756 foi creada a Arcadia de Lisboa por Antonio Diniz da Cruz e Silva, Manuel Nicolau Esteves Negrão, Theotomio Gomes de Carvalho, Domingos dos Reis Guita, Francisco José Freire, e Pedro Antonio Correia Garção, talhada segundo os estatutos da Arcadia de Roma, com nomes de pastores, e residencia no monte Menalo: infelizmente, a pesar dos serviços que prestou ás lettras, não pode a Arcadia viver mais de vinte annos.



Da nova academia estabelecida no Rio de Janeiro e denominada Arcadia ultramarina foram principáes membros, além de José Basilio da Gama, e de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, Bartholomen Antonio Cordovil, Domingos Vidal Barboza, João Pereira da Silva, Balthasar da Silva Lisboa, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, Manuel de Arruda Camara, José Ferreira Cardozo, José Marianno da Conceição Velloso e Domingos Caldas Barboza.

Feliz foi de certo essa epocha de enthusiasmo e de esperanças; cram excellentes litteratos o vice-rei e o bispo, e praticavam com os sabios e os litteratos; ajudavam-nos tambem os sabios e os litteratos com as suas luzes e a sua popularidade; é por esta razão o governo de Luiz de Vasconcellos e Souza



derio de seu governo sobre a força e a influencia de que poderiam ellas dispôr, como o praticára tão facilmente o seu antecessor, julgou melhor attaca-las de frente, e destrui-las completamente.

Foi dissolvida a academia por ordem do vice-rei, e recolhidos a cadeia os seus principáes membros, e entre elles Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, que se conserváram presos pelo espaço de quasi um anno, sem processo algum ou forma de juizo: quando voltáram á liberdade, era geral o terror, e nem-uma voz ousaria censurar o acto da autoridade, a menos que dezejasse castigo immediato.

Entregou-se desde então Manuel Ignacio da Silva Alvarenga ao estudo e a solidão; viveu ainda sob o governo de outros vice-reis, que substituiram ao suspeitoso conde de Rezende, sem cuidar de outra cousa afôra da poesia; publicou em 1801 a sua Glaura; assistio ainda á chegada da familia real, que foragida de Portugal procurava abrigo nas plagas americanas a fim de escapar ás armas de Napoleão; no día 1º de novembro de 1812 lhe cortou porém a parca cruel os fios da vida, e o arrastou a sepultura.

II.

Dirigio Manuel Ignacio da Silva Alvarenga todas as suas poesias eroticas e sua adorada Glaura, que lhe creára e embellezára a phantasia com todos os

dotes e prendas; fora Laura a amante de Francisco Petrarca, e tão bellas poesias inspirára ao vate italiano; Laura havia sido a heroina de Manuel da Vega, nos seus deliciosos descantes, sob o nome de Amphryso (10); em imitação a estes poetas, Glaura apellidou-se a deusa que escolhera a imaginação de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, para dedicar-lhe o seu sangue, os seus versos e a sua vida.

Criam sempre os poetas eroticos um ente divino, quando o não ha real para os seus amores; devem adormecer e sonhar ao som da palavra magica; devem pensar e viver, diante da imagem adorada; noites e dias, tardes e manhãs, horas e minutos, é tudo poesia que deslisam os seus labios; é tudo cantico, que lhes salta á mente; é tudo inspiração que recebem; e esta poesia, estes canticos,



lança o olhar pela veiga, e pela planicie, e llies dirige os seus suspiros, para que a planicie e a veiga os transmittam a Glaura; ás margens do rio desfia sons cadentes e melancolicos, para que as aguas do rio os levem aos pés de Glaura; ao soïdo do vento communica os seus quexumes, para que o vento enamorado os deslise aos ouvidos de Glaura; ao sol e á lua, quer resplandeçam com toda a sua magestade, quer merencoriamente se encubram com os seus véos diaphanos, pede protecção, e implora auxilio; como as florestas, julga-se solitario e abandonado; como a noite, considera-se triste e infeliz; como a rola, geme, e com os seus gemidos commove o coração; e acha depois nas estrellas os seus amores, no dia as suas delicias, nas flores os seus perfumes, e em uma palavra qualquer a ventura de toda a sua vida.

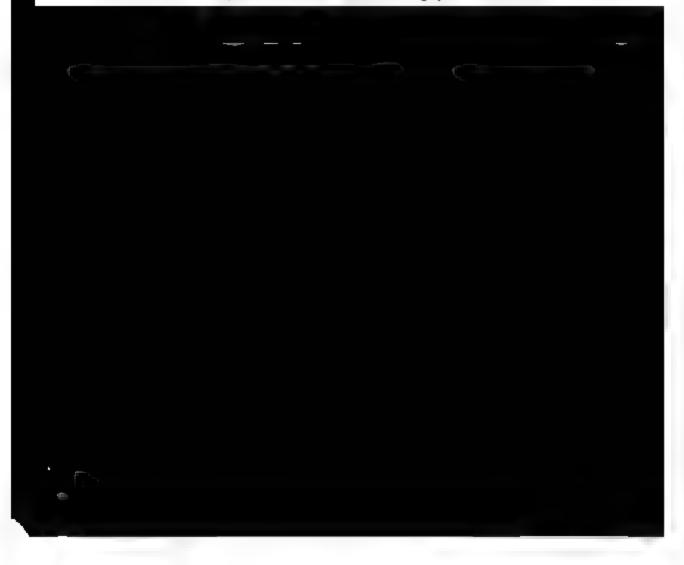
Se não tem os poemas eroticos de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga a doçura, a maviosidade e o sentimentalismo terno, melancolico e saudoso das lyras de Thomaz Antonio Gonzaga, se lhes não chegam a competir na harmonia da phrase, na perfeição artistica do verso, e na cadencia e melodia da rima; ha entretanto mais diversidade de tons, mais variedade de movimentos e mais originalidade de expressão: muda Manuel Ignacio da Silva Alvarenga o seu cantico, quando lhe apraz; inspira-se na occasião e no momento, á proporção que lhe falla a ideia enamorada; passa da melancolia ao prazer,

das dôres á alegria; e por esta forma segue vereda differente, que tem também os seus prazeres e os seus encantos.

Que hello que é o sen cantico á lua, quando enbindo ella ao firmamento, e esclarecendo-o com a sua luz divina, como que amostra o vasto panorama da muda e terna scena, que move a existencia em torno do homem! Como se descrevem poeticamente o palpitar e o estremecer do astro soberbo, que, pallido como o destino, tem voxes que fallam tão directamente ao coração!

> Como vens tão vagarosa, O fermosa e branca lua! Vem co'a toa luz serena Minha pena consoler!

Geine, 6 Céos! - manguelra antiga,



MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA. 348

Infeliz! Sem lenitivo
Foge timida a esperança,
E me afflige co'a lembrança
Mais activo o meu pesar!

Como vens tão vagarosa, O fermosa e branca lua! Vem co'a tua luz serena Minha pena consolar!

A cansada phantasia N'esta triste escuridade, Entregando-se à saudade, Principia a delirar.

Já me assaltam, já me ferem Melancolicos cuidados: São espectros esfaimados, Que me querem devorar.

Como vens tão vagarosa, O fermosa e branca lua! Vem co'a tua luz serena Minha pena consolar!

O que lugubre gemido Sáe d'aquelle cajueiro? É do passaro agoireiro O sentido lamentar.

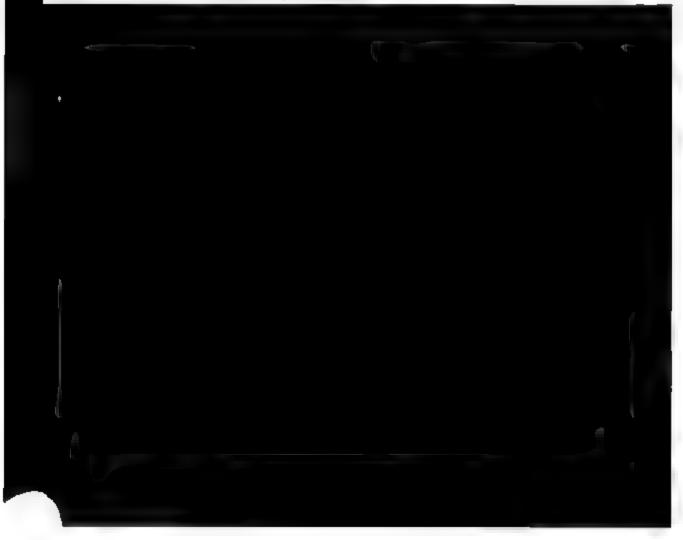
Puro amor! Terrivel sorte!
Glaura bella! Infausto agoiro!
Ai de mim! E o meu thesoiro,
Impia morte, has-de roubar?

Como vens tão vagarosa, O fermosa e branca lua! Vem co'a tua luz serena Minha pena consolar!

Como enfeitam côres suaves a este cantico! Que elicioso ruïdo deixa no espirito! Como este vagar

da lua, lento e monotono, derramando ondas de luz sombria e melancolica, é habil e artisticamente desenhado! Como combina com os sentimentos que descreve o poeta, e sentimentos que elle encontra na mesma natureza patria, que o rodeia, sorri-lhe, e o encanta tanto! Estes versos doces e languidos, cadentes e melancolicos, são proprios de um poeta meridional; o som quebrado, o moderado carpir, e os gemidos sonoros reflectem-se n'elles como a physionomia sobre o espelho ou atravêz das placidas aguas do lago, quando battido pelas azas do cysne: segue o poeta methodo egual em outros canticos, desfia as mesmas harmonias, e espalha a mesma doçorosa poesia; como sensibilisam os seus sentimentos no cantico seguinte, que dirige á sua lyra!





MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA. 345

Tudo; ó Céos! vejo mudado, Tudo sente a minha dor.

Adeus, lyra desgraçada, Consagrada ao triste amor!

Quando com a sorte da roseira copada e esbelta compara o poeta a sorte da sua Glaura, uma ingrata, fermosa e barbara, e a outra galante, cruel e ferina, quantos sentimentos delicados não deposita na alma do leitor!

Ah! roseira desgraçada

Dedicada

Aos meus amores,

Tuas flores

Mal se abriram

E cahiram

De pesar.

Quando Glaura me dizia Que era sua esta roseira, De esperança lisongeira Me sentia consolar.

Mas a sorte, que invejosa Este alivio não consente, Não ha mal que não invente, Rigorosa em maltratar.

Ah! roseira desgraçada!

Da risonha primavera
Esperei os bellos dias;
Glaura... o dôr!... os teus cabellos
Quem podera coroar!

Já não vives, ó que magoa! E a roscira, que foi tua, Eu a vejo esteril, nua, Junto d'agua desmaiar!

Ah! roseira desgraçada!



Parca in:qua, atroz, funesta Era teo infausto agoiro! Ja levaste o meu thesoiro, Mais não resta que rouber.

Nem as flores permittists... Oh ' que barbara impiedade! Fica so cruel sandade, Fica o truste suspirar!

Ah! roscira desgraçada!

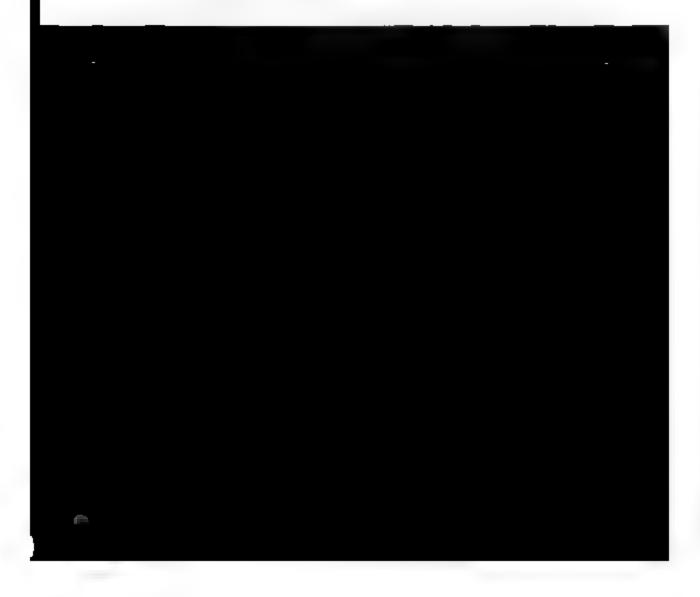
De seus ramos a belleza

Era o mimo d'estes prados:

Move ago a, oh impios fados!

Da tristeza a lamentar.

Horrorosos são meus males; Tudo encontro em nevos escura, Vem commigo a desventura Estes males assombrar.



Entretanto muda o poeta o painel, logo que lhe apraz; passa da dôr á alegria, da angustia ao prazer: ou Glaura lhe sorriu, e n'este sorriso viu elle vida nova; ou pretende abandonar Glaura, e emquanto se resolve, vôo prazenteiro embebe-se-lhe pelo espirito, e imagina um espectaculo de ventura, que o leva a exprimir immediatamente as suas impressões já metamorphoseadas; amante feliz e alegre deixa a lida triste pela doce calma, entrega alma á ventura, e ancia ser transformado em heija-flor, que lhe parece simbolisar a felicidade.

Todo o corpo n'um instante Se atenúa, exhala e perde: É já de oiro, prata e verde A brilhante e nova cor.

Vejo as pennas e a figura, Provo as azas, dando giras, Acompanham-me os suspiros, E a ternura do pastor.

E n'um vôo, ave ditosa, Chego intrepido até onde Riso e perolas esconde O suave e puro amor.

Que variedade de canticos! Quantos inessaveis prazeres não derrama a leitura d'esta poesia indolente, e ao mesmo tempo arrebatadora! E não é sómente delicioso este genero de poesia, quando se transmitte em versos octosyllabos, pelos quáes o apertado da rima, a estreiteza do phraseado e o li-

geiro da expressão ajudam o poeta, aceitam-lhe o pensamento, e o traduzem felizmente com a precisa melodia; não ha um rondó, que não seja lindo e perfeito; o da lembrança saudosa, o do beija-flor, e o da serpente, encantam e extasiam. Manuel Ignacio da Silva Alvarenga usou tambem, para traduzir as suas ideias eroticas, de versos endecasyllabos, entremeiando-os de versos menores, e conseguiu resultado excellente; para exemplo sirvam os canticos seguintes.

Dryade, tu, que habitas amorosa

Da mangueira no tronco aspero e duro;

Ah! recebe, piedosa,

A grinalda, que terno aqui penduro;

I'cla tarde calmosa,

Glaura saudosa e bella,

Te busca, e vem com ella mul amores;



E si a nympha mimosa

Perguntar quem colheu as lindas flores,

O sombra deleitosa,

Dize-lhe que os amores,

E a timida ternura

Do pastor namorado, e sem ventura.

III.

Primou tambem Manuel Ignacio da Silva Alvarenga em outros poemas de maior grandeza; escreveu algumas odes que revelam um engenho apurado, e ideias poeticas de valor e inspiração elevada; tem poesias satyricas, que merecem tambem uma menção especial e honrosa, e que não são titulos menores de gloria para o seu auctor, do que os canticos bellos e maviosos de que nos temos occupado.

Bastante elevação nas ideias, e alguma dignidade nos pensamentos exprime a ode que Manuel Ignacio da Silva Alvarenga dirigiu á mocidade portugueza! Imagens ousadas, linguagem austera e uma appropriada e energica versificação a caracterisam: o principio corresponde ao fim; a ideia geral é vasta, bem comprehendida, e desenvolvida perfeitamente; ha versos cuja paternidade não recusariam os melhores versificadores: abre elle as primeiras paginas d'essa sua composição com rosto severo, mas benevolo, com inspiração ousada, mas benigna e bondadosa.

A fastosa indolenc'a

Tarda preguiça, e molle ociosidade,



Tiveste por sciencia, Infeliz lusatana mocidade! Viste passar, cahindo de caro em erro, Barbaros dias, seculos de feero.

Parece não tocada

A areia, que ja foi por tantas vêzes

Com o mar regada

Dos sabios, dos antigos Portuguezes,

Que em premio das fadigas alcançáram

Os verdes loiros, de que a frente ornáram.

Com felicidade descreve a decadencia da moral, a corrupção do seculo, a ruina da patria, e os triumphos da superstição e da ignorancia: usa de traços vivos e indeleveis, e exclama enthusiasmado:

E vos., ou vos criasse A nobre Lysia no fecundo seio, Ou ja vos convidasse Amor das lettras no regaço afheio,



tensa, descantando amores alegres e faceis, e saudosos e tristes amores, como os antigos trovadores, que, apóz a sua dama adorada, corriam de castellos em castellos, suspirando em romantico ataúde hymnos variados, e já nos rotos andrajos de peregrino, já cobertos com o manto de religioso e eremita, já cingindo espada e elmo, peitos d'aço, e escudo de guerreiro, deixavam de si eterna toada, e memoria indelevel; sabia porém arrancar da lyra mais graves vôos fortes e elevados; não sabia descrever sómente as fontes e os prados, os rios e as arvores, as flores e os fructos, a terra e o clima da sua querida patria, accompanhando a frauta deliciosa de Diogo Bernardes e de Rodrigues Lobo: trocava tambem as vestes do pastor, para elevar-se ao gráu de discipulo de Pindaro, e tangia com felicidade egual a lyra, o ataúde e a frauta.

Merecia-lhe de certo Luiz de Vasconcellos e Souza canticos de gratidão; Manuel Ignacio da Silva Alvarenga não faltou ao seu dever, e entre diversas composições uma lhe dedicou, que realça tanto pela magestade do pensamento, e dignidade da expressão, como pela energia e suavidade do verso; havia sido o vice-rei protector do recolhimento das meninas desvalidas, denominado Nossa Senhora do Parto; aproveita o poeta este acto de religião e de humanidade de Luiz de Vasconcellos e Souza, para lhe tecer os elogios merecidos. Que poesia nobre, elegante e sincera! É a alma que falla, é o coração

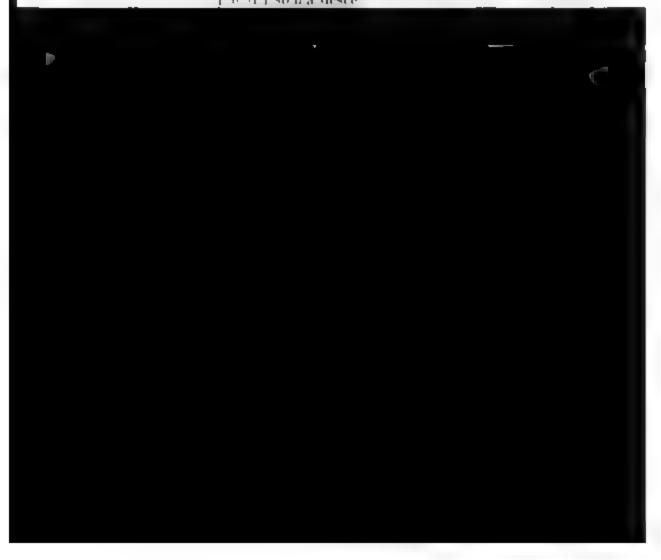


do poeta que se revela com toda a suavidade de sua pureza, e toda a extensão da escala musical e poetica, que o aprimora.

De que servem à fraca liumanidade Esses de falsa gloria monumentos? Insultados don ventos Estereis passarão de edade á edade; Qual Gelboe, que o Céu não abençoa, E so d'aridas pedras se povoa.

Tu, sim, com gloria ao mundo, e aos Céos aceito
Te elevas, firme asylo da innocencia!
Tua magnificencia
Co'as virtudes se abraça em laço estreito;
Estes não são os inuros, aonde dorme
A vá superstição, e o vicio enorme!

Eu te admiro, qual arvore frondosa, Que, novos fructos produzindo, cresce; Por tirriso dia desce



As artes se levantam apressadas,

E alegres a colher a flor e o fructo;

E as Musas por tributo,

Enlaçando coróas engraçadas,

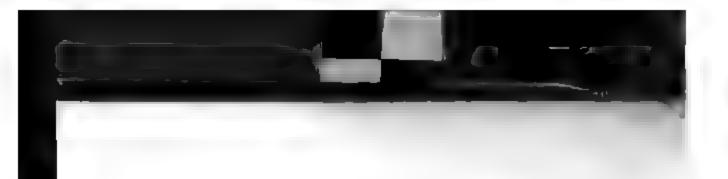
Mandam nas azas do ligeiro vento

Hymnos de paz ao claro firmamento.

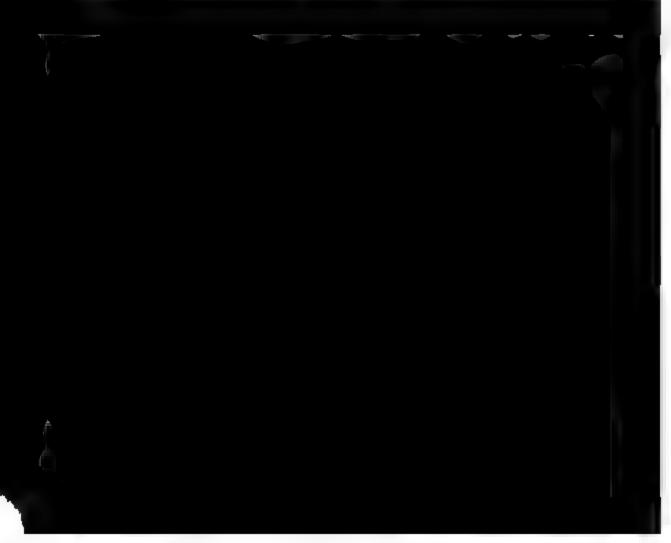
Doce paz! Ah! não fujas! — Longos annos
A guerra a outros campos homicida
Semeie enfurecida
Co' a mão ensanguentada os mortáes damnos;
E emtanto no seu bosque alto e sombrio,
Descanse em urna d'oiro o patrio rio.

Escreveu o poema ás Artes em elogio da rainha Dona Maria I: é a descripção dos progressos das sciencias e das artes no seu reinado, e prima pela variedade de conhecimentos: a ode a Affonso de Albuquerque, si bem se não eleve á sublimidade da que escreveu Francisco Manoel do Nascimento sobre o mesmo assumpto, brilha todavia por alguns pensamentos nobres; a do marquez de Pombal tem estrophes que honram qualquer poeta.

Além de se mostrar Manuel Ignacio da Silva Alvarenga litterato profundo, e um critico de gosto apurado, pelas diversas memorias que escreveu a respeito da litteratura e da poesia, as quáes merecem as honras da leitura; compôz tambem dous poemes facetos, em que mostra o sal de Horacio á par das graças de Nicoláu Tolentino; foi um dirigido contra os vicios, que descreve e censura; tinha por titulo outro o Desertor das lettras, e si bem que justamente não devam ser comparados com o admiravel



Hyssope de Antonio Diniz da Cruz e Silva, tem todavia algum merecimento litterario, e demonstram o espirito fino e a erudição do seu auctor : e quantas agradaveis allegorias produziu o seu engenho! Como se esforçou de imitar a Ovidio! É o Templo de Neptuno uma pedra preciosa roubada aos poetas latinos do seculo de Augusto. A mythologia, com os suas terrestres ficções e graças artisticas, reapparece n'elle brilliante, e ao mesmo tempo singela, como foram as eras gregas; é o Templo de Neptuno uma allegoria fina, e que merece ser comparada com as poesias fugitivas de Goethe, quando segue este poeta as formulas das litteraturas mortas. A Gruta americana, outra allegoria tão pittoresca e tão graciosa de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, tendo por base e fundamento um assumpto brazileiro, cobre-se

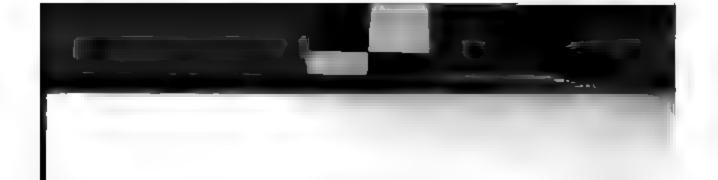


MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA. 355 depois de patentear a immensidade das riquezas naturáes do Brazil, finda por esta forma:

Ide, sinceros votos,
Ide, e levai ao throno lusitano
D'estes climas remotos,
Que habita o forte e adusto Americano,
A pura gratidão e a lealdade,
O amor e o sangue, e a propria liberdade.

Não duvidou o eloquente e erudito auctor da Historia das litteraturas meridionáes da Europa (11) mencionar o nome de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga no numero dos poetas da primeira ordem que illustráram a nação portugueza; este juizo de auctoridade tão recommendavel, e tão competente, demonstra mais do que qualquer elogio nosso a superioridade do engenho poetico de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga; nem é elle esquecido pelos senhores Adriano Balbi (12) e Fernando Denis (13) nos seus interessantes escriptos sobre Portugal e Brazil; e si estranhos admiram a belleza das suas poesias, o que farão nacionáes, que, além de elevados pensamentos, deparam n'ellas uma melodia de dicção, que só podem nacionáes apreciar devidamente?

Alguns defeitos se deparam no cantico mavioso que dirige ao mez de dezembro; mas não extasia e encanta o seu variado colorido? Como fechar-se olhos e ouvidos, quando a harmonia musical do verso, e a suavidade pura e innocente dos pensa-



mentos vão impressionando e exaltando os olhos e ouvidos?

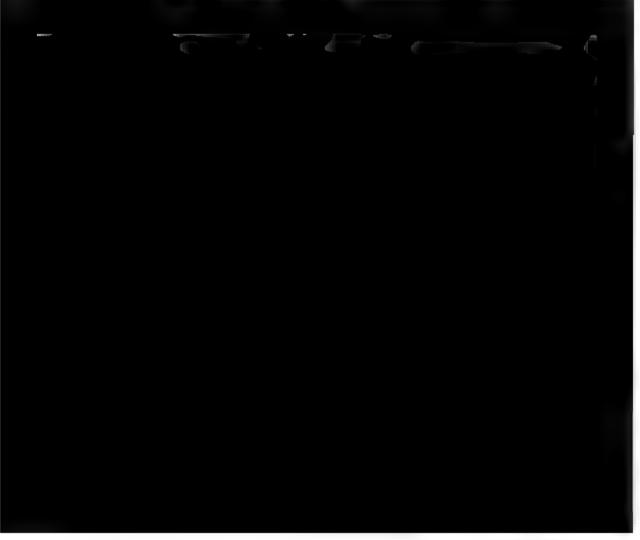
Já dezembro mais calmoso Preguiçoso o giro inclina; Illumina o sol rotundo, Quer o mundo incendiar.

> Vem, pastora, aqui te esperam Os prazeres d'este rio; Onde o sol e o secco estio Não poderam penetrar.

Nuas graças te preparam A conchinha transparente, O coral rubro e luzente, Que buscáram sobre o mar.

> Já dezembro mais calmoso Preguiçoso o giro inclina; Illumina o sol rotundo, Quer o mundo incendiar.

Entre la tillinos e a frescura

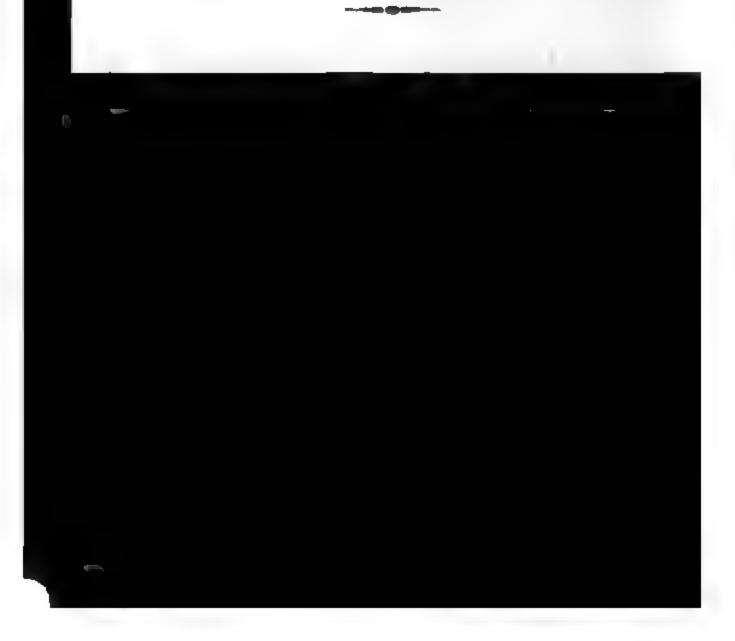


NOTAS.

- (1) Estas cartas de lei só dizem respeito aos indigenas do Grão Pará e do Maranhão.
- (2) Monsenhor José de Souza Azevedo de Araujo Pizarro, tomo II, segunda parte das Memorias historicas. Convém entretanto dizer que uma memoria historica de Claudio Manuel da Costa dá no anno de 1719, e não no de 1718, a creação da villa de São João d'ElRei. Uma historia corographica da capitania de Minas, por José Joaquim da Rocha, attribue-a no anno de 1713, sendo governador Dom Braz Balthasar da Silveira; Manuel Ayres do Casal, emfim, na Corographia Brasilica, tomo I, allega que teve logar em 1712: quantas diversas opiniões! Nos seguimos a de monsenhor Araujo Pizarro por nos parecer mais bem fundada.
- (3) Era a que estabeleceu o bispo do Porto Dom Fernando Correia de Lacerda.
- (4) Foi creada por Dom Antonio Alvares da Cunha em 1647, e renovada em 1685.
- (5) Era a que o conde de Ericeyra Dom Francisco Xavier abrira em sua livraria no anno de 1696.
 - (6) Creada em 1663 e presidida por Sebastião da Fonseca.
 - (7) Creada em 1664.
 - (8) Instituidas no fim de seculo XVII; tiveram todas existencia curta.
 - (9) Creada em 1716 por Ignacio de Carvalho Souto Maior.



- (10 Laura de Amphryso, poemas eroticos de Manuel da Vega.
- (11) Sismonde de Sismondi, Histoire des littératures du midi de l'Europe, 1. IV
 - (12) Statistique de Portugal, par Adrien Balbi.
 - (13) Histoire de la littérature portugulse, par Ferdinand Denis.



JOSÉ BASILIO DA GAMA.

L.

Uma das expedições que nos ultimos annos do seculo decimo setimo dirigiram os Paulistas e Taubatenos para os immensos sertões que formavam então o interior da capitania de São Vicente, e que são parte actualmente da provincia de Minas Geráes, estabeleu-se nas margens do rio das Mortes, capitaniada pelo industrioso João de Serqueira Affonso: pelo anno de 1718 foi elevado o arraial que fundáram aos foros e categoria de villa, com o nome de São José, precedendo apenas de dous annos á creação da nova capitania de Minas Geráes: nada tem de notavel esta villa afóra de possuir a mais bella e magestosa matriz de todas da provincia, e de lograr a gloria de haver nascido José Basilio da Gama dentro do seu recinto no anno de 1740.

Quem fôra seu pai? D'onde procedêra? Nem um biographo no-lo havia ditto; affirmava uma tradição que fallecêra seu pai apenas nascêra elle, descendendo de pobres sertanejos, companheiros de João de Serqueira Affonso, cuja maior copia eram Por-

tuguezes que procuravam fortuna; accrescentava outra tradição que ficára entregue o infante aos cuidados da sua desgraçada mãe, que nem meios tinha de subsistencia para si, quanto mais para crear e educar um filho!

Acham-se porém hoje inteiramente esclarecidos estes pormenores. Obtivêmos dos seus proprios parentes documentos comprobatorios de ser José Basilio da Gama filho legitimo de Manoel da Costa Villasboas e de Dona Quiteria Ignacia da Gama, pertencentes ambos a familias illustres e importantes de Minas Geráes, e que se ufanavam de descender de fidalgos conhecidos que possuiam solar e quinta em Barcellos desde o tempo d'ElRei Dom Pedro I de Portugal e que se haviam distinguido em guerras e governos.

Foi José Basilio da Gama enviado pela sua familia



membros da Companhia de Jesus. Os Jesuitas professos, e aquelles noviços e irmãos que se não desligáram da Companhia, foram lançados por ordem do governo a bordo de navios, e mandados para os portos da Italia. Preferio José Basilio da Gama, que não passava ainda do gráu de noviço, abandonar o habito e continuar os seus estudos no seminario episcopal de São José, creado pela provisão do bispo Antonio de Guadelupe, datada de 3 de fevereiro de 1739. Os seus valiosos estudos, os talentos que já mostrava, e um comportamento brioso e digno, attrahiram-lhe amizades, ás quáes se mostrou agradecido durante toda a sua vida; estimava-o e protegia-o muito Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, governador e capitão general das capitanias do Rio de Janeiro e do Sul do Brazil; manifestava-lhe amizade o bispo Dom Antonio do Desterro, que succedêra na mitra a Dom Antonio de Guadelupe; continuava o brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim a dar-lhe provas de protecção decidida.

Veio porém um fatal acontecimento perturbar esta vida pacifica, serena e estudiosa; mortificado com os desastrosos successos da colonia do Sacramento, que fôra sitiada e tomada pelos Hespanhões, baixou Gomes Freire de Andrade á sepultura no 1º de janeiro de 1763: tributava-lhe José Basilio da Gama a maior affeição e amizade sincera; enluctou-o este golpe, e com quanto no governo interino da capitania entrassem dous dos seus outros protec-



tores, implorou d'elles e da sua familia em Minas, a graça de o deixarem partir para Lisboa, e cursar as aulas da universidade de Coimbra.

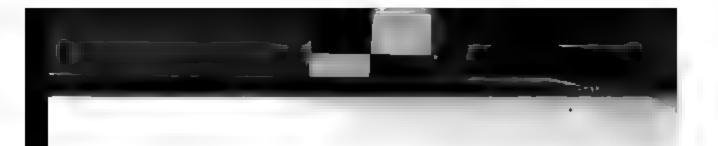
Dirigio-se com effeito para a capital da monarchia lusitana; apesar das recommendações que a seu respeito mandáram seus pais e protectores do Rio de Janeiro, viveu como que abandonado, por que consideravam-no jesuita, embora houvesse largado o habito; e era a marcha das cousas, que a celeuma levantada contra esta famosa Companhia, e que causára a sua abolição, continuava no ardor da sua marcha, não sendo chegada ainda a epocha da reacção: haviam-se os animos indisposto e exaltado contra a Companhia a ponto de ninguem ousar combater as ideas que grassavam contra os Jesuitas, e menos ainda de tomar parte qualquer, indirecta ainda, em



eram como as frestas, por onde se poderia divisar um porvir glorioso.

Dizem as chronicas dos Jesuitas, que foram elles que o arrancáram da miseria e abandono que soffria em Lisboa, para o levarem para Roma, aonde gozavam ainda de influencia: não sabemos si por amor d'elles foi empregado na capital do mundo catholico em um seminario de instrucção. É certo que abrio relações com pessoas gradas, gozou de fama, e obteve entrar, em 1763, com o nome de Termindo Sepilio, para a Arcadia de Roma, que fôra fundada em 1690 por João Gravina, Mario Crescimbeni e Vicente Fellicaia para o aperfeiçoamento do gosto litterario e progresso das sciencias e das artes.

Não se accommodava no entretanto o seu espirito com a monotonia e uniformidade da vida que passava: tinha visto Roma; admirado os seus portentosos monumentos; beijado o pó immortal de uma terra tão heroica e sagrada; descido ás catacumbas, ou antes, ao templo glorioso dos primeiros christãos, martyres da sua fé; provado da agua triste e escura do rio solitario, e outr'ora tão celebrisado, que banha os pés do Capitolio e da rocha Tarpeia, humedece o castello de Santo Angelo, e vê de longe susurrar de um lado o templo de São Pedro ligado ao palacio do Vaticano, e do outro o Colyseo, os arcos de triumpho, e essa praça famosa, aonde echoavam com toda a força e enthusiasmo dos antigos Romanos a voz de Cicero, de Crasso e de Cotta;



assistido ás festas sumptuosas que costumava dar o pontifice veneziano Clemente XIII, que em 1758 succedéra na tiara romana ao papa Benedicto XIV: tinha presenciado emfim a elevação do cardeal João Vicente Ganganelli ao throno pontifical, no dia 19 de maio de 1769!

Que desejos ou ambição poderia elle nutrir, entregue como estava a os trabalhos de um seminario, quando lhe ardia a imaginação de produzir cousas que o immortalisassem? Distante da patria, e longe de Portugal, não se lhe podia abrir livremente a carreira da gloria.

Preferiu abandonar Roma, e para se não tornar suspeito, dirigio-se para Napoles, seguindo d'ahi para Portugal: pouco tempo se demorou ali, por lhe faltarem os meios de subsistencia; regressou logo



Gama denunciado como jesuita, preso immediatamente, reembarcado a bordo de um navio de guerra, e remettido para Portugal.

Como lhe correra a vida desgraçada desde a sua infancia! Quantos trabalhos, quantos encommodos, quantos soffrimentos, o acompanhavam por toda a parte para onde se dirigiam os seus passos! Como é diversa esta existencia humana e quao differente em cada uma creatura! Aquelle sorrí a vida entre jardins de flores; a este o negro fantasma da desgraça, e o triste veneno da miseria, seguem e carcomem desapiedadamente!

Chegando preso a Lisboa, viu-se obrigado, para ser solto e livre, a assignar no tribunal da Inconfidencia um termo de partir no prazo de seis mezes para Angola, de onde não poderia sahir sem ordem do governo.

Era a potestade maior do tempo o marquez de Pombal; reinava Dom José I, mas não governava; acostumára-se a sua indole á direcção energica e illustrada, que á tanto tempo dava aos negocios publicos o seu secretario d'estado, e o seu amigo. O habito governa o homem: Dom José I de Portugal representava Luiz XIII de França, e reflectia o marquez de Pombal a imagem do cardeal de Richelieu: muitos beneficios deviam porém os dominios portuguezes ao ministro, que fizera surgir sobre as ruinas de uma Lisboa velha e decrepita outra Lisboa nova e bella, e que olhava com olhos eguáes para

as terras da America, que não differençava, pela sua situação, d'aquellas que a monarchia possuia na Europa! Quanto lhe não era o commercio obrigado, por ter-lhe arrancado dos braços as algemas que o manietavam ao nascente colosso da Inglaterra?

Corria então o anno de 1773, e havia transpirádo em Lisboa a noticia de que pela bulla pontifical de 21 de julho do mesmo anno acquiescêra emfim o papa Clemente XIV ás exigencias de Portugal, França e Hespanha, abolindo a Companhia de Jesus: conseguira emfim o ministro os seus intentos, e via realisados os seus esforços.

A José Basilio da Gama luzio idea feliz de salvarse do seu xilio d'Africa; para que o aquinhoára a natureza com imaginação doirada? E que objecto mais inspirador do que o espectaculo do reino, que



Mas diviso, e me serve conforto

A branca mão que me conduz ao porto!

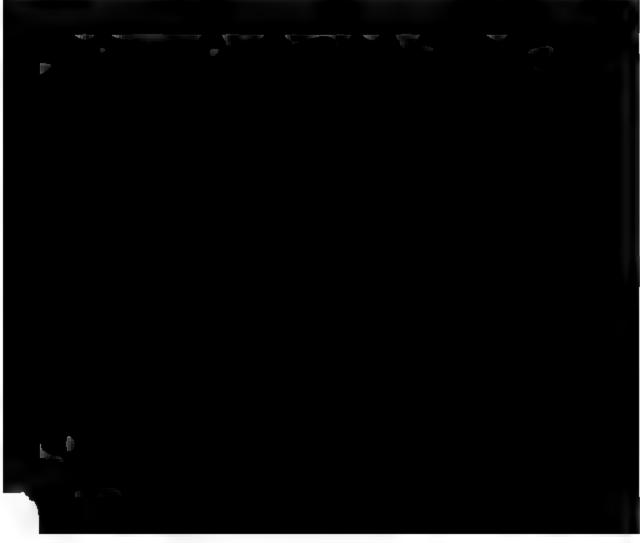
Leu estes versos o marquez de Pombal; ouvio as vozes do requerente, e desejou vê-lo: agradou-se tanto de seus talentos, que lhe perdoou o exilio, e pela portaria de 25 de junho de 4774 o nomeou para o logar de official da secretaria d'estado dos negocios do reino, e por vêzes, durante o seu emprego, lhe fez a honra de o chamar para os trabalhos do seu gabinete (1).

Correu pacifica então a sua existencia, garantida pelos ordenados do seu emprego: agradeceu a seu novo protector, dedicando-lhe grande parte das suas composições poeticas. Entre os trabalhos que lhe tocavam, e as inspirações que lhe offerecia a sua musa querida, dividiu o seu tempo: escreveu algumas tragedias, que se não imprimiram; um poema intitulado Quitubia, em louvor de um chefe africano, que em auxilio dos Portuguezes praticára varios actos de valentia contra os Hollandezes, quando estes povos invadiram os dominios coloniáes da Africa portugueza; um cantico aos Campos Elysios, em que aproveita a occasião para elogiar a união da familia dos condes da Redinha com a familia do marquez de Pombal: foi debaixo da influencia e amizade d'este ministro, a quem tanto devia José Basilio da Gama, que começou e terminou elle o seu poema de Uruguay.

Morreu em 1777 Dom José I; succedeu-lhe sua filha Dona Maria I, que demittiu dos seus empregos



ao marquez de Pombal, e mandou-lhe ordem para que se retirasse para a solidão de sua quinta, e vivesse ahi longe da côrte; entregou a sua confiança aos inimigos do governo preterito, e direcção nova e muito differente deu á administração publica. Não abandonou o seu culto José Basilio da Gama; como guardára lembrança indelevel dos seus primeiros protectores Gomes Freyre de Andrade, e José Fernandes Pinto de Alpoim, conservou illesa e pura a memoria do marquez de Pombal; ousou mesmo affrontar a reacção que começava, escrevendo versos em seu elogio, no momento em que era crime attribuir beneficios ao homem respeitavel, e consumado estadista, que déra em Portugal um impulso gigantesco ás artes, ás sciencias e ás lettras, e que abrira ao commercio e riqueza publica novos desenvolvimentos,



Que o grosso solo d'agua estala e quebra
Sobre o fixo cachopo alcantilado;
Em vão no ar saltando
Em crespa e branca espuma cahe desfeito.

Magnanimo marquez, tu com sereno
Intrepido semblante,
Encarando a fortuna, rugir ouves
De ingratidão o monstro abominavel;
Tu com placido espirito olhas, cercado
De imposturas e affrontas
Satyras vis de petulantes momos.

• • • • • • • • • •

Almas eu vejo de remorsos cheias,

Co'as mãos tapando o rosto,

Confusas esconderem-se aos meus versos.

Com-vôsco fallo, ó vós, ao braço ingratos

Que ás honras vos subio de alga e lodo:

Tremei, tremei, indignos,

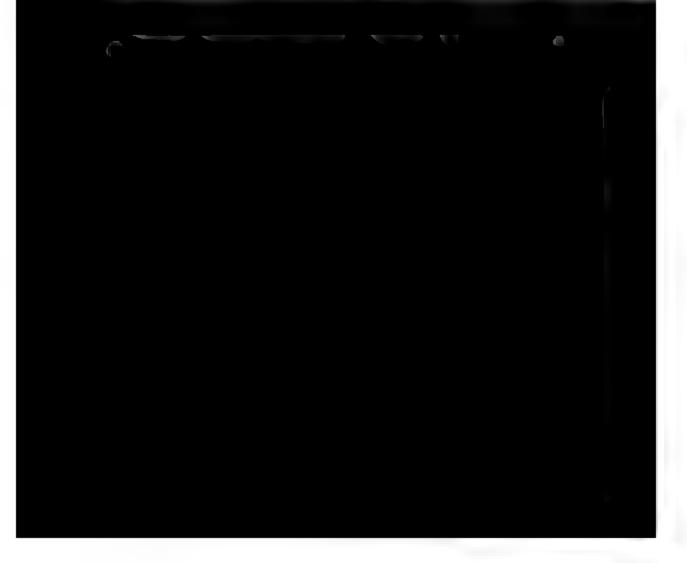
Ouvindo a voz terrivel da verdade.

Foi preciso abandonar o seu emprego, e como Jacob, recomeçar a escada dos seus trabalhos: ao seu poema do Uruguay, que, alguns annos antes se publicára, appareceram então respostas ditas dos Jesuitas, que appellidavam o poeta de ingrato e traidor; quando para desvanecer semelhantes epithetos bastava o seu brioso comportamento em relação ao illustre desterrado que nome déra, e nome immortal, ao reinado de Dom José I: bastava sentir palpitar dentro do peito de José Basilio da Gama o coração agradecido, que, no meio dos transes arriscados, e em perigosas crises, jamais deixou de tri-



butar respeito e saudade a seus bemfeitores : que importa que censurasse o comportamento dos Jesuitas do Paraguay, quando tratava da direcção que a Companhia dava á missão que n'aquelle ponto estabelecêra e fundára? Não podia estimar particularmente aquelles padres, que o abrigáram no Rio de Janeiro, e de quem apprendêra os primeiros rudimentos litterarios; mesmo aquelles que em Roma o protegeram; e entretanto reprovar alguns actos da Companhia, e as suas modernas tendencias ao dominio exclusivo, tendencias que iam de encontro ao fim e intenções beneficas e religiosas do seu fundador e dos seus primeiros directores?

Alvo de intrigas e de odios, julgou prudente José Basilio da Gama retirar-se para o Rio de Janeiro, e fixar a sua residencia p'esta cidade.



Levados de egual enthusiasmo, e de purissimas intenções, instituiram elles no Rio de Janeiro uma academia litteraria, modelada segundo as formas da Arcadia romana, e contando no seu seio as pessoas mais illustres e engenhosas.

A instancias de Luiz de Vasconcellos concedeu-lhe então a rainha Dona Maria I o titulo de escudeiro fidalgo de sua casa por carta regia de 6 de agosto de 4787 (2).

Mas a Luiz de Vasconcellos substituio no anno de 1790 o suspeitoso vice-rei conde de Rezende: não tinha serenado a tempestade para José Basilio da Gama; não estava ainda deliberado nos arcanos indecifraveis da Providencia, que tivessem termo os seus trabalhos.

Foi a sua vida um quasi continuo combate contra a adversidade; que importa que em um ou outro anno, em um ou outro periodo, estivesse o oceano em bonança, dormindo as ondas, e os ventos encadeiados? Fóra loucura fiar-se n'esse fallaz descanso, em que, calma a superficie, borbulhavam porém as entranhas do mar, e de novo deveria d'ellas sahir a desgraça e proseguir a sua carreira!

Ha vidas bem tormentosas! Mereceria a de José Basilio da Gama occupar logar na obra affamada de Israeli (3) ou na chronica de Valeriano Bolzano (4), que tratam dos litteratos e poetas illustres que foram desgraçados na sua existencia terrestre: é uma serie de infelicidades, interrompida apenas, uma



ou outra vêz, como que para dar algum repoiso ao corpo, e consentir-lhe rehaver forças com que podesse resistir aos novos successos que ainda lhe estão reservados.

Temeu o conde de Rezende que se metamorphoseasse a academia litteraria em associação politica;
da capitania de Minas tinham chegado os indiciados
do crime de rebellião, que alli se tentára, para o
fim de emancipar-se a colonia do jugo metropolitano: entre estes accusados figuravam engenhos,
como Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio
Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto e Domingos Vidal Barbosa: ao conde de Rezende causavam sustos os poetas; parecia-lhe que se não accomodavam esses abrasados espiritos ao viver e sentir
socegados das exigencias sociáes: lavron uma or-



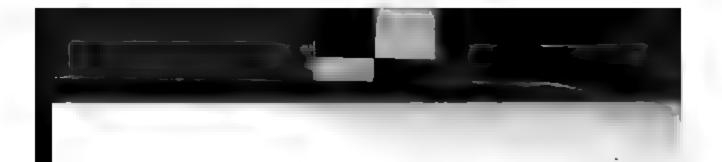
tro, não lhe era permittido repoisar a cabeça até que a morte o viesse buscar para a eternidade! Bem poderia rogar que sobre a campa de sua sepultura se inscrevesse a simples palavra miserrimus! porque exprimia em curto espaço toda a historia de sua existencia: na bella sé de Worcester encontra-se um tumulo solitario com este simples epitaphio. Talvêz esse, que alli dorme, não fosse tão infeliz como o auctor do Uruguay.

Pensou que Lisboa o poderia ainda acolher na velhice, e para Lisboa dirigiu-se de novo.

Sabe-se que em Lisboa entrou para a Academia real de sciencias como socio do numero, e fóra condecorado com o habito da ordem de Santiago; vivia porém no isolamento e na solidão, e achado de molestias que o obrigáram a ir por vêzes e pelo conselho dos medicos procurar lenitivo nas aguas da Mó, nas visinhanças de Coimbra; trocou emfim a vida de dôres, trabalhos e soffrimentos pela da eternidade e paz celeste, no dia 31 de julho de 1795, na cidade de Lisboa.

Foram depositados os seus restos mortáes na egreja matriz da Boa Hora.

Allirmam as pessoas que o conheceram que era de estatura pequena, rosto trigueiro e caracter jovial e espirituoso.



II.

É José Basilio da Gama auctor de muitas e diversas poesias, de canticos primorosos, de doces e ternos sonetos, e de epistolas engenhosas; compoz versos alexandrinos longos et cumpridos; versos heroicos nobres e alegres, melancolicos e risonhos; versos octosyllabos correntes e faceiros; e o que parece quasi incrivel, primou em quasi todos os generos.

O que porém estabeleceu a sua reputação, e firmou a sua gloria, foi o poema intitulado *Uruguay*, dividido em cinco cantos, escripto em versos heroicos livres, e que, desde que foi publicado, obteve grandes e geráes encomios de todos os litteratos : e com razão, por que denota o mais completo engenho, o



JOSR BASILIO DA GAMA.

sea, ou dos Lusiadas; não pertencem ao mundo imaginario e phantastico que o Oriente transmittiu a Ariosto, a Luiz Pulci, a Matheus Boiardo, ou a Christovam Wieland: é cosmopolita o poema epico, e são raros e organisados especialmente os engenhos que os produzem; é de origem oriental o poema phantastico: são orientáes os seus costumes e vestes: differente, e muito differente, é porém o genero dos poemas de que tratamos, si bem que sejam tambem epicas as suas formulas exteriores; divergem inteiramente na materia intrinseca, e nos seus elementos constitutivos; possuem as linguas portugueza e castelhana os mais bellos e completos d'elles: inauditos esforços tem empregado muitos poetas de outras nações para acclimatar nos seus lares patrios este genero que admitte toda a escala da poesia, desde o sublime e elevado pathetico, até a doce e agradavel pintura dos prazeres domesticos, ou das delicias campestres; genero que tange o ataúde do bardo, a harpa do trovador, a lyra do propheta, e a gaita faceira do pastor.

Conseguiram por fim admitti-lo a mais tempo alguns poetas italianos; e na nossa epocha o puderam acclimatar Walter Scott e varios escriptores inglezes e escocezes.

Entretanto é de confessar que contém bellezas da primeira ordem muitos d'estes poemas-romances portuguezes e hespanhões, ao passo que trazem perfeitamente sellado o caracter nacional.



São verdadeiros thesoiros da litteratura castelhana a Araucana de Alonso de Ercilia, as Navas de Tolosa de Christovam de Mesa, a Numantina de Francisco de Mosquera, a Invenção da Cruz de Lopez de Zarate, o Leão de Hespanha de Pedro da Vezilla, a Sagontina de Lourenço de Zamora, e a Matéa de Hipolito Sanz. Encerram admiraveis bellezas o Cerco de Diu, e o Naufragio de Sepulveda de Jeronymo Corte-Real, a Elegiada do Luiz Pereira, a Zarqueida de Medina de Vasconcellos, a Ulyssea de Pereira de Castro, o Affonso africano de Mauzinho Quebedo, a Conquista de Malaca de Sá de Menezes, o Condestabre de Rodrigues Robo, o Caramurú de Santa Ritta Durão, o Camões de Almeida Garrett, e o Uruguay de José Basilio da Gama.

E o poema de José Basilio da Gama a historia





JOSÉ BASILIO DA GAMA.

os Padres da Companhia aos gentios para que pegassem em armas, e se opuzessem á execução do tratado que cedia a Portugal as sete missões estabelecidas na margem esquerda do rio Uruguay?

É para nós ainda duvidosa a questão. Tantos documentos tem os Jesuitas publicado para provarem a sua obediencia ás deliberações e accordo das duas corôas, que de certo dar-lhes-iamos inteiro credito, si não se contrapuzesse o conhecimento, que temos, dos costumes, usos e submissão dos Indios, que não ousariam de certo fazê-lo espontaneamente.

O certo é que não approváram os Padres a convenção dos dous soberanos, e que dirigiram á Hespanha memorias energicas contra a cessão das sete missões.

Não accedendo a Hespanha, marchou o exercito hespanhol e portuguez para obrigar pela força das armas a que se sujeitassem os Indios, entregando a Portugal as terras que recebêra em troca da colonia do Sacramento, com que se ficára a Hespanha.

Aproveita perfeitamente José Basilio da Gama todos estes graves acontecimentos; enriquecendo o seu poema com pinturas délicadas e episodios interessantes, entretem a curiosidade do leitor, e torna-o uma das composições modernas em que mais avulta e brilha o espirito nacional americano, e mais sobresahem as eloquentes descripções d'este



mundo, ainda tão ignorado, e que a fortuna de Pedro Alvares Cabral the mostrou em caminho para dar ao seu nome immortalidade!

Começa o poema por cinco versos admiraveis; cinco versos que descobrem logo o engenhoso e nobre enthusiasmo do auctor; cinco versos que são como o portico do edificio, cuja perspectiva encanta e presagia bellezas superiores.

Furnam ainda nas desertas praias Lagos de sangue, tepidos, e impuros, Em que ondeiam cadaveres despidos, Pasto de corvos. Dura ainda nos valles O rouco som da irada artilharia.

Narra o primeiro canto as causas da guerra que se prepara contra os gentios das sete missões do rio Uruguay, que se não querem sujeitar ao tratado





JOSÉ BASILIO DA GAMA.

270

primeiros annos, no Rio de Janeiro, provas de amizade e protecção; poesia abundante, phrases sonoras, gosto delicado, e cabal conhecimento de todos os acontecimentos, revestem este primeiro canto com todo o brilho e primor: que quadros bem assombreados desenha José Basilio da Gama! Que descripções quer de guerreiros, quer de sitios, tão pittorescas e tão bem acabadas?

N'aquelle vellio vigoroso e forte, Que de branco e amarello, e de oiro ornado, Vem os seus artilheiros conduzindo, Vés o grande Alpoim (5). Este o primeiro Ensinou entre nos por que caminho Se eleva aos céos a curva e grave bomba Prenhe de fogo: e com que força do alto Abate os tectos da cidade, e lança Do roto seio envolta em fumo a morte. Seguiam juntos o paterno exemplo, Dignos do grande pai, ambos os filhos. Justos céos! E é forçuso, illustre Vasco (6), Que te preparem as soberbas ondas, Longe de mim , a morte e a sepultura? Nymphas do mar, que vistes, si, é que vistes, O rosto esmorecido, e os frios braços, Sobre os olhos soltai as verdes transas: Triste objecto de magoa e de saudade, Como em meu coração, vive em meus versos!

Porém o rio, e a forma do terreno, Nos faz não vista, não usada guerra. Sae furioso do seu seio, e toda Vai alagando com o desmedido Pese das aguas a planicie immensa.



Tece o enmaranhadissimo arvoredo

Verdes, irregulares e torcidas

Ruas e praças de uma e de outra banda,

Cruzadas de canoas: táes podemos

Co' a mistura das luzes e das sombras

Ver por meio de um vidro transplantados

Ao seio d'Adria os nobres edificios,

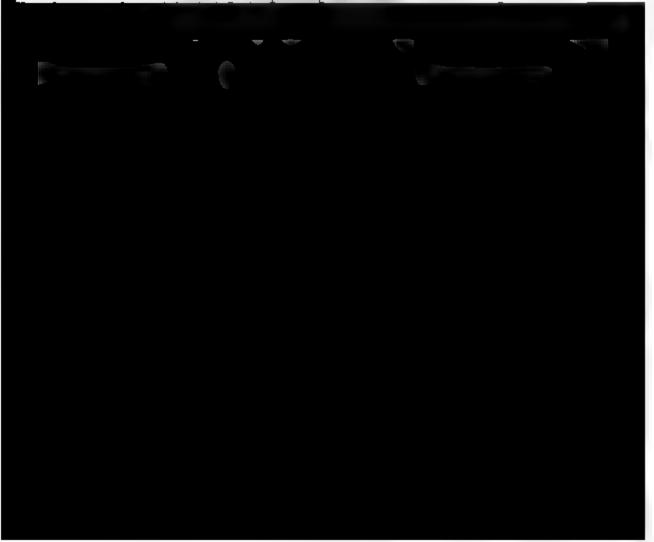
E os jardins, que prodoz outro elemento,

E battida do remo, e navegaveis

As ruas da maritima Venera.

Reune-se o exercito portuguez sob o commando de Gomes Freyre de Andrade, e marcha n'essas desertas, sombrias e virgens mattas; enviam os gentios dous d'entre si, astutos chefes, a negociar com os Europeus : um d'elles, Cacambo, dirige admiravel falla ao general.

. . . . O general famoso , For tens . vista quanta gente bebe



Ao teu rei quer dar terras com mão larga, Que lhe de Buenos-Ayres e Correntes, E outras, que tem por estes vastos climas; Porém não pode dar-lhe os nossos povos. E inda no caso que pudesse dal-os, Eu não sei si o teu rei sabe o que troca: Porém tenho receio que não saiba. Eu já vi a colonia portugueza Na tenra edade dos primeiros annos, Quando o meu velho pai co' os nossos arcos As sitiadoras tropas castelhanas Deu soccorro, e mediu comvosco as armas; E quererão deixar os Portuguezes A praça que avassalla, e que domina · O gigante das aguas, e com ella Toda a navegação do largo rio, Que parece que poz a natureza Para servir-nos de limite e raia? Será? mas não o creio. E depois disto, As campinas, que vês, e a nossa terra, Sem o nosso suor, e os nossos braços, De que servem ao teu rei? Aqui não temos Nem altas minas, nem os caudalosos Rios de aréas d'ouro. Esta riqueza Que cobre os templos dos bemditos padres, Fructo da sua industria, e do commercio Da folha e pelles, á riqueza sua; Com o arbitrio dos corpos e das almas O Céo lh'a deu em sorte. A nos somente Nos toca arar e cultivar a terra. Sem outra paga mais, que o repartido Por mãos escassas misero sustento; Pobres choupanas e algodões tecidos, E o arco, e as settas, e as vistosas pennas São as nossas phantasticas riquezas.

Não pode o general, admirado da nobreza d'esta linguagem e do orgulho cavalheiroso de tão digno

guerreiro, conter a sua emoção; procura embalde chama-lo a si, e sente não conseguir levar a razão a um coração tão magnanimo, a uma alma tão elevada: não podendo effectuar-se nem-uma conciliação, volvem para os seus lares os ardilosos chefes, carregando ricos presentes, com que os mimoseou o general portuguez, e com que lhes ganhou a estima, mas lhes não quebrou os brios altanados. É inevitavel o combate; pela primeira vêz echoou por aquelles montes e valles o som do tambor europeu; pela primeira vêz desenroláram-se as bandeiras portuguezas aos folguedos dos ventos, que susurravam pelas margens do Uruguay: avistam-se os dous exercitos, e resoa por toda a parte o signal do combate; e que riquissima pintura faz o poeta dos gentios?





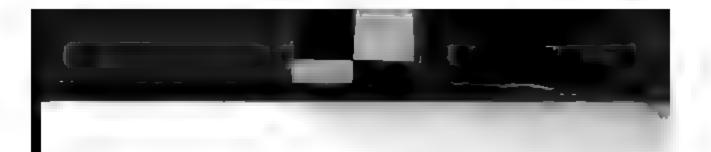
JOSÉ BASILIO DA GAMA.

383

caracolando sobre o seu pintado e afogueiado cavallo; e os olhos não deixam as façanhas do valente
Tatu-Guassú, mettido em uma pelle de enorme
jacaré, e povoando o campo de victimas europeas,
que não escapam a destreza de seu braço; e as
lagrimas saltam aos olhos, pela sorte do infeliz e
valeroso Cepé, quando depois de lucta heroica e
tormentosa, exhala o ultimo suspiro da vida no
meio de sangue e de cadaveres.

Apóz esse segundo canto vem o terceiro, que é tudo o que ha de mais regular e perfeito no genero descriptivo; analysa-lo seria roubar-lhe as bellezas; historia-lo equivaleria a arrancar-lhe o sentimento e a vida : continúam os Europeos a sua marcha carregados dos tropheos da victoria :

. até que tim dia Fizeram alto , e se acampáram onde Incultas varzess por espaço immenso Enfadonhas e estereis accompanham Ambas as margens de um profundo rio. Todas estas vastissimas campinas Cobrem palustres e tecidas cannas, E leves junços do calor tostados, Prompta materia de voraz incendio: O Indio babitador, de quando em quando, Com estranha cultura entrega ao fogo Muitas leguas de campo : o incendio dura , Em quanto dura e o favorece o vento; Da herva, que renasce, se apascenta O immenso gado, que dos montes desce; E renovando incendios d'esta sorte A arte emenda a natureza, e podem Ter sempre nedio o gado, e o campo verde.

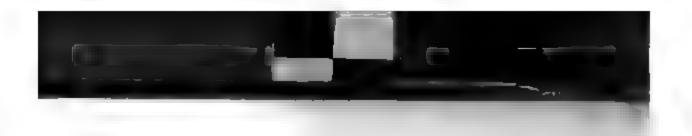


Mas agora sahendo por espias As nossas marchas, conservavam sempre Seccas as torradissimas campinas, Nem consentiam, por fazer-nos guerra. Que a chamma bemfeitora e a cinza fria Fertilizasse o arido terreno. O cavalio até alli forte e brioso, E costumado a não ter mais austento, N'aquelles chimas, do que a verde relva Da mimosa campina, desfallece. Nem mais, si o seu senhor o affaga, encurva Os pés, cava o chão co' as mãos, e o valle Rinchando atroa , e açouta o ar co'as climas. Era alta noite, e arrancando, e triste Negava o céo envolto em pobre manto A luz ao mundo, e murmurar-se ouvia Ao longe o rio, e menciar-se o vento.

Tem logar uma scena que não acha superiores nas mais bellas composições modernas; nem Alexandre Manzoni, nem Fenimore Cooner, nem



Pendura a um verde tronco as varias pennas. E o arco, e as settas, e a sonora aljava; E onde mais manso e mais quieto o rio Se estende, e espraia sobre a ruiva areia, Pensativo e turbado entra; com agua Já por cima do peito as mãos e os olhos Levanta ao céo, que elle não via, e ás ondas O corpo entrega. Já sabia em tanto A nova empresa na limosa gruta O patrio rio, e dando um geito a urna, Fez que as aguas corressem mais serenas, E o Indio afortunado a praia opposta Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta Da margem guarnecida, e mansamente Pelo silencio vai da noite escura Buscando a parte d'onde vinha o vento. Lá como é uso do paiz, roçando Dous lenhos entre si, desperta a chamma, · Que já se ateia nas ligeiras palhas E velozmente se propaga. Ao vento Deixa Cacambo o resto, e foge, a tempo, Da perigosa luz; porém na margem Do rio, quando a chamma abrasadora Começa a alumiar a noite escura, Já sentido dos guardas não se assusta; E temeraria e venturosamente Fiando a vida aos animosos braços, De um alto precipicio ás negras ondas Outra vez se lançou, e foi de um salto Ao fundo rio a visitar a areia. Debalde gritam, e debalde ás margens Corre a gente apressada: elle entretanto Saccode as pernas, e os nervosos braços: Rompe as espumas assoprando, e a um tempo Suspendido nas mãos voltando o rosto, Via nas aguas tremulas a imagem Do arrebatado incendio, e se alegrava! Não de outra sorte o cauteloso Ulysses Valdoso da ruina, que causára,



Viu abrasar de Troya os altos maros,

E a perjura cidade, envolta em famo,

Encostar-se ao chão, a penco a penco

Desmaiar sobre as cinase. Greece em tanto

O incendio furioso, e o irado vento

Arrebata ás mãos cheias vivas chammas

Que aqui e ali pela campina espalha;

Communica-se a um tempo ao largo campo

A chamma abrasadora, e um breve espaço

Cerca as barracas de confina gents.

Corre Cacambo orgulhoso para os braços da sua bella Lindoya, a receber o premio do seu feito audacioso.

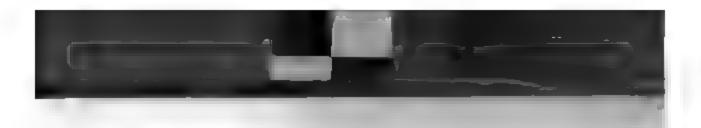
> Tanto se apressa que na querta enrora Por veredas occultas vio de longo A doce patria e os conhecidos montes, E o templo que tocava o céo coº as grimpas.

. Quanto,



outro idioma; traduzido será ainda e eternamente admirado pelo pathetico que encerra, pelas pinturas sentimentáes que o adornam, e pela poesia que lhe transborda por todos os poros!

> Um frio susto corre pelas veias De Caitutú, que deixa os seus no campo, E a irmãa por entre as sombras do arveredo Busca co' a vista, e teme de encontra-la. Entram emfim na mais remota, e interna Parte de antigo bosque, escuro e negro, Onde ao pé de uma lapa cavernosa Cobre uma rouca fonte, que murmura, Curva latada de jasmins e rosas: Este logar delicioso e triste, Cansada de viver, tinha escolhido, Para morrer, a misera Lindoya. Lá reclinada, como que dormia, Na branda relva, e nas mimosas flores; Tinha a face na mão, e a mão no tronco De um funebre cypreste, que espalhava Melancholica sombra. Mais de perto Descobrem que se enrola no seu corpo Verde serpente, e lhe passeia e cinge Pescoço e braços, e lhe lambe o seio. Fogem de a ver assim sobresaltados, E param cheios de temor ao longe; E nem se atrevem a chama-la, e temem Que desperte assustada, e irrite o monstro, E fuja, e apresse no fugir a morte. Porém o dextro Caitutú, que treme Do perigo da irmã, sem mais demora Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vêzes Softar o tiro, e vacillou tres vêzes Entre a ira e o temor... Emfim sacode O arco, e faz voar a aguda setta; Que toca o peito de Lindoya, e fere A serpente na testa, e a boca, e os dentes



Deixou cravados no visinho tronco. Açouta o campo co'a ligeira cauda O irado monstro, e em tortuosos giros Se enrosca no expreste, e verte envolto Em negro sangue o livido veneno. Leva nos braços a infeliz Lindoya O desgraçado irmão, que ao desperta-la Conhece, com que dor? no frio rosto Os signáes do veneno, a vé ferido Pelo dente subtli o brando perto. Os olhos, em que amor reinava um díq, Cheios de morto, e muda aquella lingua, Que ao surdo vento a nos echos tantas vêzes-Contou a larga historia de seus males. Nos olhos Caitutó não soffre o pranto, E rompe em profundissimos suspiros, Lendo na testa da fronteira gruta De sua mão ja tremula gravado O alheio crime e a voluntaria morte: E por todas partes repetido O suspirado nome de Cacambo. Inda conserva a nattida sembiante

portugueza, e uma das composições mais nacionáes que tem o Brazil. Antes que apparecesse Fenimore Cooper, e espantasse a Europa com a historia dos gentios americanos, já tinham descripto José Basilio da Gama e José da Santa Ritta Durão admiraveis e verdadeiras scenas d'essas nações livres e errantes, que offerecem á poesia inspirações as mais ternas, mais melancolicas, mais sublimes, e mais proprias de um Americano.

Parece que previa José Basilio da Gama que a seu engenho faria justiça a posteridade e que no futuro seria lido e admirado o seu poema; para documento de que reconhecia o valor e merito d'elle, ahi estão os ultimos versos do *Uruguay*, que o denunciam.

Serás lido, Uruguay! Cubra os meus ossos Embora um dia a escura noite eterna;
Tu vive, e goza a luz serena e pura.
Vai aos bosques da Arcadia; e não receies Chegar desconhecido áquella areia.
Ali, de fresco, entre as sombrias murtas,
Urna triste a Mireu não todo encerra.
Leva d'estranho céo, sobre ella espalha,
Co' a peregrina mão, barbaras flores:
E busca o successor, que te encaminhe
Ao teu logar, que ha muito que te espera!



NOTAS.

(1) « Tenho nomeado, em virtude da faculdade, que ElRei meu zenhor me concede, para um logar de official da secretaria de estado do reino a Joseph Basílio da Gama. Nossa Senhora da Ajuda, em 25 de junho de 1774. — Manquez na Pomana. »

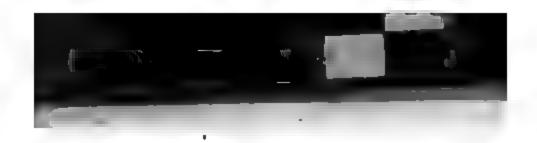
Registrada no livro XII dos Avisos a f. 49. Possuimos e origiani.

(2) « Eu , a rainha , faço saber a vós , Dom Thomaz de Lima Vasconcellos Nogueira Telles da Silva , visconde de Villa Nova da Cerveira , do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios do reino, que servis de meu mordomo mór, que, attendendo a José Basilio da

- (3) The calamities of authors, by d'Israeli. Londres, 1834.
- (4) De litteratorum infelicitate. Roma, 1782.
- (5) O brigadeiro José Fernandes Pinto de Alpoim, um dos seus primeiros protectores.
- (6) Vasco Fernandes Pinto Alpoim, amigo de José Basilio e da sua mesma edade; morreu em um naufragio.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.





0S

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.

II.



PARIE. -- HA IMPRENSA DE HENRIQUE PLON, IMPRESSON DO IMPERADOS, roa Garacière, S.

OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES

POB

J. M. PEREIRA DA SILVA.

TOMO SEGUNDO.

PARIZ

LIVRARIA DE A. FRANCK, RUA DE RICHELIEU, Nº 67. LIVRARIA DE GUILLAUMIN ET C-RUA DE RICHELIEU, Nº 14.

1858







INDICE

DO TOMO SEGUNDO.

SECULO XVIII.

VI Claudio Manuel da Costa			•	t
VII. Thomaz Antonio Gonzaga			,	4.3
VIII. Ignacio José de Alvarenga Peixoto				81
1X. Dom José Josquim da Cunha de Azeredo Coutu	nhe)		98
X. José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo.				125
XI. José da Silva Lisboa				111
XII Francisco de Mello Franco				173
XIII. Antonio Pereira de Souza Caldas		,		187
XIV. Francisco de São Carlos				227
XV. José Bonifacio de Andrada e Silva	-			2 18
SUPPLEMENTO BRUGHAPHICO				299
Seculo XVI				304
Seculo XVII				305
Seculo XVIII		-		323
NOTAS PARA UMA BIBLIOGRAPHIA BRAZILBIRA				345





VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.

SECULO XVIII.

VI.

CLAUDIO MANUEL DA COSTA.

I.

Recebeu o conde de Rezende em 9 de julho de 1790 das mãos de Luiz de Vasconcellos e Souza o governo do estado do Brazil: pouco tempo depois chegou ao Rio de Janeiro a fragata portugueza Golphinho, que vinha de Lisboa, trazendo a seu bordo os desembargadores Antonio Gomes Ribeiro e Antonio Diniz da Cruz e Silva, nomeados pela rainha Dona Maria I, para que, unidos com o chanceler da Relação, Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, e outros magistrados da escolha do vice-rei, julgassem em alçada extraordinaria e summarissimamente os indiciados do crime de rebellião, que se

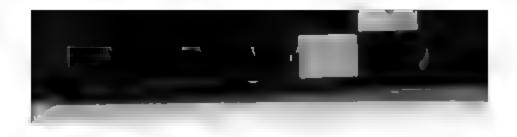


tentára na capitania de Minas Geráes, conforme as communicações que dirigiram a S. M. e vice-rei Luiz de Vasconcellos, e o governador e capitão general de Minas visconde de Barbacena.

Transportáram-se da cadeia do Oiro Preto, então Villa-Rica, trinta e dous infelizes, pertencentes quasi todos ás principáes familias d'aquella epocha. A longa viagem, que não durou menos de trinta e oito dias, o peso das algemas que lhes ligavam os braços, os máos tratamentos que supportáram pelo caminho, e a grande nomeada de muitos d'entre elles, concorria tudo para chamar em seu favor a sympathia publica : foram recolhidos á cadeia do Rio de Janeiro, que era o edificio que serve hoje para as sessões da Camara dos deputados.

Fôra um d'elles o chefe, ou cabeça, na lingua-





a Europa, e trouxera de lá ideias republicanas: resultou do processo que lhes foi instaurado que lográram chamar a seus planos o commandante da força publica de Villa-Rica, Francisco de Paula Freire de Andrade, o tenente coronel de milicias da Campanha do Rio Verde, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, o de Diamantina, Domingos de Abreu Vieira, o doutor em medicina Domingos Vidal Barboza, o ouvidor da comarca, Thomaz Antonio Gonzaga, o ex-secretario do governo, Claudio Manuel da Costa, e varias outras pessoas importantes da capitania de Minas.

Accordou-se crear ali uma republica, á que se aggregassem as capitanias visiahas que quizessem seguir o seu exemplo e a sua sorte; usar de uma bandeira independente, com a insignia de um genio quebrando algemas; franquear o districto prohibido dos diamantes; eximir de direitos o oiro e as pedras preciosas; dar plena quitação de todas as quantias, que deviam os particulares á fazenda publica, pela arrecadação do imposto da derrama do oiro; estabelecer em Villa-Rica universidade de estudos, e escholas de manufacturas, e differentes industrias; e mudar emfim a capital para a villa de São João d'ElRei.

Para se ganhar o povo começou-se a fazer espalhar que havia resolvido o governo de Lisboa, a fim de enfraquecer o Brazil, de quem se temia, decretar que



nem-um subdito da capitania podesse possuir mais de dez escravos; e que montando a divida dos moradores das Minas para com o governo, pelo imposto da derrama, que fóra substituido ao da capitação, na importancia de mais de setecentas arrobas de oiro, que se não haviam arrecadado pela decadencia d'este producto nos annos ultimos, se organisasse um lançamento do novo anno, com o fim de cobrar toda esta somma enorme, que se calculou egual a todo o oiro não arrecadado, que circulava então em Minas, e dupla de quanto girava nas capitanias do interior, aonde constituia então este metal o meio circulante d'aquellas differentes localidades.

Bastaria qualquer d'estas duas noticias para excitar e revoltar a maior parte dos habitantes; deve-



apressou-se elle a aconselhar ao intendente, e á junta da fazenda, que exigissem o pagamento dos atrazados conjunctamente com a importancia da derrama do anno, de combinação talvêz com os revolucionarios, a fim de augmentar a odiosidade publica contra o governo, e validar por este feitio a noticia adrede espalhada pelos conjurados : verdade é que no seu interrogatorio negou sempre cumplicidade no crime, e attestava a sua innocencia, asseverando que déra este conselho no intuito de conhecer perfeitamente o governo que era impossivel essa cobrança, e deliberar-se assim a rainha a perdoar aos devedores. Accrésce ainda que protestou sempre pela sua innocencia com força tão decidida, que custa realmente muito a negar-se-lhe o credito.

Não souberam porém gardar o segredo conveniente, e menos ainda escolher os seus cumplices; fallavam francamente por toda a parte; Silva Xavier promettia grandes auxilios no Rio de Janeiro, aonde dizia que negociantes de importancia e pessoas de consideração abraçavam as suas ideias, e almejavam a independencia do Brazil; affiançavam José Alves Maciel e Domingos Vidal Barboza que viriam auxilios certos de potencias estrangeiras, e especialmente da França e dos Estados-Unidos; a maior publicidade tiveram assim as intenções de semelhantes conspiradores.

Denunciou ao governador estes planos o coronel



Joaquim Silverio dos Reys: homem prudente e bondadoso era o visconde de Barbacena, que governava a capitania desde o anno de 1788: não desprezou tão cabalmente a denuncia, como praticára o seu antecessor Luiz da Cunha e Meneses, que teve noticia dos seus primeiros passos; convencido de que a causa unica do descontentamento seria a pretendida cobrança dos atrazados, e o lançamento immediato da derrama, suspendeu uma e outra cousa, e com este acto procurou tirar aos conjurados o principal pretexto, e arrancar-lhes grande numero de pessoas com que contavam para os seus disignios, levando-os assim ao abandono d'elles.

Foram de opinião José Alves Maciel e Thomaz Antonio Gonzaga que se abandonasse o plano da revolução, ou por que a não adoptassem, ou porque



em que ahi estava aliciando povo o cabeça dos revolucionarios. Ordenou o vice-rei a sua prisão, e a de todos os indiciados, mandando ao governador de Minas que os remettesse para o Rio de Janeiro, e lhe désse contas do seu comportamento. Fez então o visconde de Barbacena partir pela Bahia para Lisboa uma participação antidatada e minuciosa da denuncia que lhe déra o coronel Reys, organisando um processo de anterior autuação com o qual procurou justificar-se.

Foram exactamente cumpridas em Minas as ordens de prisão, si bem que não estivessem reunidos em um ponto unico todos os conjurados; com excepção de Claudio Mantiel da Costa, que se suicidou na prisão, seguiram os mais para o Rio de Janeiro. Instaurou-se o processo: confessáram quasi todos nos interrogatorios os seus intentos, e durante o andamento d'elle, alguns se fináram na prisão. Quando, em 18 de abril de 1792, foi o official de justiça intimar aos presos o accordam da relação, pelo qual onze haviam sido condemnados á morte, cinco a degredos perpetuos para os presidios d'Africa, e a degredos temporarios o restante, bem diminuido estava o seu numero, e não se poderiam cumprir todas as penas.

E foi barbaria inqualificavel passar as penas além das pessoas dos condemnados, offendendo até aos seus descendentes, aos quáes declarou infames o accordam, ordenando que fossem confiscados os seus bens, arrasadas as suas casas e propriedades, sel-



gados os logares aonde se achavam edificadas, e prohibido para todo o sempre o cultivo ou aproveitamento do terreno.

Felizmente que dos onze, destinados ao cadafalso pelos juizes, que o temor do governo arrastára mais na decisão que haviam proferido, pagou um só por todos, recebendo commutação de pena os mais, e indo supportar degredos pelas costas desertas d'Africa oriental e occidental, e pelos penedos aridos de Sanctiago e Bissáu.

Acreditava o povo do Rio de Janeiro que eram iniquas estas condemnações; sentiu profundamente, quando viu levantar-se o cadafalso no logar que é hoje a praça da Constituição, então campo deserto, e ali aonde finda a rua nova dos Ciganos, cercar-se de immensa força armada o espaço destinado para a



turno os condemnados sacerdotes, e mais o doutor Domingos Vidal Barboza, José de Rezende Costa, pai e filho, e outros degradados, que de Lisboa deveriam seguir para Sanctiago e Cabo Verde.

E quasi pelo mesmo tempo, em 22 de maio de 1792, recebeu a seu bordo o navio Nossa Senhora da Conceição princeza do Brazil os mais condemnados, entre os quáes se contavam Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Francisco de Paula Freire de Andrade, e José Alves Maciel, e os foi descarregando pelos presidios de Ambaca, Benguela, Massangano, Cambambe, Pedras de Angoche, Moçambique, Macúa, rios de Senna, Inhambane e Maximba, conforme o destino que tocára a cada um d'elles.

Assim foram os homens mais reputados e mais illustrados d'aquella epocha arrancados aos braços de suas familias, e lançados nas masmorras; condemnados, e condemnados os seus filhos innocentes; e além do Oceano, longe da pátria, aqui e ali dispersos, isolado um do outro, ou tragáram soffrimentos atrozes até que lbes chegou o dia venturoso de regressar para o Brazil; fortuna que coube apenas a tres ou quatro de tantos; ou n'esses climas pestilentos, no meio de aguas insalubres e de terras ressequidas, por entre os negros selvagens e barbaros, viram acabar os seus dias, sem que á hora derradeira da existencia uma yez amiga os consolasse á cabeceira.

Admiravel contraste formam estas cousas do



mundo! No mesmo anno de 1792, em que os republicanos de França julgavam e condemnavam aos monarchistas do seu paiz, julgavam também e egualmente condemnavam os monarchistas de Portugal aos republicanos do Brazil; no mesmo anno de 1793, em que subia ao cadafalso o monarcha descendente do glorioso São Luiz, egual sorte padecía o republicano Joaquim José da Silva Xavier.

Tem tudo porém o seu systema de compensações.

H.

A margem direita do ribeirão do Carmo, na provincia de Minas Geráes, e em um terreno declivioso, está situada a cidade de Marianna; nasceu pequeno arraial do Carmo; subiu em 1714 á dignidade de



ritorio e jurisdicção de uma nova capitania, com o nome de Minas Geráes.

Haviam-se estabelecido es ascendentes de Claudio nas visinhanças do ribeirão, que desce mansa e pacificamente as suas aguas por espaço de cinco leguas até o arraial do Forquim, precipitando-as depois por uma escada extraordinaria de rocha viva até cahirem no rio Gualaxo, e seguirem, juntas em um só leito, e recebendo pelo seu caminho as de outros ribeiros, a encontrar-se com o rio Piranga, que é um dos maiores affluentes do famoso rio Doce, que abraça, absorve e devora o Oceano.

Veio ainda infante Claudio Manuel da Costa para a cidade do Rio de Janeiro a fim de receber a sua educação litteraria. Tinham os Jesuitas as melhores escholas; pertenciam á Companhia os mais affamados mestres : frequentou elle as aulas dos Jesuitas; aprendeu latim, rhetorica, philosophia, rudimentos de mathematicas, prolegomenos de theologia, e todos os mais preparatorios, que ensinavam os Padres, e cujo cumplemento trazia para o estudante o titulo e diploma de mestre em artes, que outorgava a Companhia : logo que chegou á edade de dezasete annos, partio para Portugal, na intenção de formar-se na universidade de Coimbra, e tomar o respectivo gráu academico, manifestando-se desde logo a sua vocação para o estudo das leis e da litteratura.

Foram de muito proveito es seus estudos em



Coimbra, pelo modo brilhante com que se sahia nas aulas; adquirio reputação entre os seus condiscipulos; dava-se, nas horas de descanso, á inspiração poetica, e escrevia versos, que passavam manuscriptos das mãos dos companheiros para as mãos dos lentes, e grangeavam para o seu joven auctor muitos louvores e admiração geral : terminado o curso escholar, e obtido o diploma de bacharel formado em leis, publicou em Coimbra, no anno de 1751, uma selecção das suas poesias; eram as primicias da primeira quadra da sua vida, da mais bella epocha da edade humana, em que são tudo amores, prazeros, alegrias e feitiços; affigura-se a razão sonhando; e alvoroça e folgueia divertido o só coração, que chama delicias, e abraça o espaço, que lhe parece de flores suaves e galas aprimoradas.



correu-a quasi toda, desde Napoles até Milão: travou relações com alguns homens notaveis, e distinctos poetas da sua epocha: entrou para a Academia dos Arcades de Roma; aperfeiçoou-se per tal forma no conhecimento da lingoa italiana, que escreveu n'ella muitas cantatas e sonetos, que merecêram grandes elogios dos litteratos italianos pela perfeição do estylo e gravidade do pensamento.

Voltou para Portugal; mas demorou-se em Lisboa sómente até o anno de 1765 : trocou a residencia da metropole pelo Brazil.

Conta-se que uma paixão amorosa, mas infeliz, causára a sua retirada de Portugal, aonde era estimado geralmente; entretinha relações com a melhor parte dos escriptores contemporaneos, e pertencia á Arcadia que se creára em Lisboa, e da qual guardou lembrança saudosa durante toda a sua vida, conservando o nome de Glauceste Saturnio, que havia adoptado segundo os estylos d'ella. Por vêzes manifestou elle estas saudades, já nos prologos das poesias que mandáva para Lisboa para imprimir, e já nos versos, que compunha e escrevia constantemente.

Parece que foi sempre a sua existencia amargurada pela lembrança do que deixára em Portugal: para apreciar o gráu da sua intensidade basta ler-se os dous seguintes tréxos que escreveu no prologo do seu poema de Villa-Ricca, e no prefacio da allegoria que compôz acerea do ribeirão do Carmo:

« A desconsolação de não poder substabelecer



aqui as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego, me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço: mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a maior paixão. »

« Aqui entre a grossaria dos seus genios, que menos poderia eu fazer do que entregar-me ao ocio, e
sepultar-me na ignorancia! Que menos do que abandonar as fingidas nymphas d'estes rios, e no centro
d'elles adorar a preciosidade dos metáes que tem
attrahido a este clima os corações de toda a Europa!
Não são estas as venturosas praias da Arcadia, aonde
o som das aguas inspirava a harmonia dos versos.
Turva e feia a corrente d'estes ribeiros, primeiro
que arrebate as ideias de um poeta, deixa ponderar
a ambiciosa fadiga de minerar a terra que lhes tem
pervertido as côres. »



Almeida, que substituio ao conde de Assumar, capitão general de São Paulo, sob cuja administração se levantáram em Minas tantas desordens e descontentamentos, que tornou-se providencia necessaria constituir este territorio uma capitania independente d'aquella. A Dom Lourenço de Almeida succedêra em 1732 o conde das Galveias, que foi em 1735 substituido pelo celebrisado Gomes Freiro de Andrade.

Foi este governador, que em execução das ordens enviadas da metropole, e inspiradas por Alexandre de Gusmão, extinguio as casas de fundição e moeda, mudando a natureza do imposto do quinto do oiro, e admittindo o systema da capitação, que começou a executar-se no 1° de julho de 1735. Deixando depois a capitania de Minas para tomar conta do governo do Rio de Janeiro, administráram ali interinamente algumas juntas de pessoas gradas, até que em 1763 entrou Luiz Diogo Lobo da Silva para o cargo de governador e capitão general, havendo já sido elevados os governadores do Rio de Janeiro ao posto de vice-reis do Brazil, e centralisando-se por este feitio a administração de todo o estado.

No seu escriptorio de advogado lograva Claudio Manuel da Costa durante todo este tempo clientella immensa, reputação honrosa e influencia decidida; foi o que primeiro escreveu na lingua portugueza acerca da nova sciencia de economia política, que acabava de apresentar á Europa o celebre Escossez Adão Smith: commentou Claudio Manuel da Costa o



Tratado da origem das riquezas das nações, publicado em Edimburgo, e remetteu o seu manuscripto para Lishoa, aonde foram a sua erudição e engenho apreciados e admirados pelos mais illustrados espiritos da epocha: escreveu também diversas memorias acercada litteratura antiga e moderna, que mereceram grandes elogios dos contemporaneos, e provavam a sua variada instrucção em tantas e tão complicadas materias. Todas estas obras se não publicáram, on porque eram dispendiosas as impressões, e não tinham a necessaria extracção, ou porque antes de serdadas ao prelo, tendo de sujeitar-se a analyse e exame da commissão do Santo Officio, a quem incumbia a censura litteraria, não foram de certo facilmente aceitas as suas novas doutrinas; corriam assim mesmo manuscriptas de umas para outras mãos; extrahiamna milita caania i Mallan mia ahawam nantada a aanta



advogado, na edade da razão, e na terra da patria; si bem que mais felizes e poeticas lhe pareciam as margens decantadas do Mondego, do que as ribas frondosas do Carmo, que banha os pés de Marianna, enthusiasmáram todavia tambem as limpidas aguas d'este rio o espirito de Claudio Manuel da Costa.

E quem foi pela Providencia dotado com esse espirito celeste, que anima e engrandece a existencia, doura os sonhos da vida, e vaga continuamente por um mundo de fantasia, pode por ventura suster-lhe os vôos, agrilhoar-lhe as azas, e gritar-lhe que páre?

É a imaginação humana a imagem mais perfeita do Creador: felizes aquelles que a recebem i Toca em herança a poucos uma tão bella partilha; não é porém o escolhido domno da força que recebeu; devora-o e arrasta-o uma chamma ardente e irresistivel; não lhe é permittido guardar em si e só para si os sentimentos e imagens que lhe borbulham na mente. Ha quem diga que não ha no mundo talento superior sem um gráu de loucura; a ser assim, é sem duvida tal loucura a parte divina da razão humana.

O conde de Valladares, que succedera em 1768 no governo da capitania a Luiz Diogo Lobo da Silva, foi substituido en 1775 por Dom Antonio de Noronha: estavam tão solidamente firmados a reputação e credito de Claudio Manuel da Costa, que era pelos governadores procurado e consultado nas mais espinhosas providencias da administração, e entrando para o governo em 1780 Dom Rodrigo José

止



de Meneses, chamou-o para o logar de segundo secretario d'estado, a fim de se coadjuvar com as suas luzes e com a sua influencia.

For durante a administração d'este capitão general que começou a tornar-se sensivel a diminuição da extracção do oiro, e difficultosa para o governo e pesada para o povo a arrecadação do imposto da capitação: já estavam as terras lavradas ha muitos annos, e não podiam produzir a mesma quantidade deste metal; os novos descobrimentos que então se fizeram de algumas faisquieiras para as margens do rio do Peixe, e dos ribeirões dos Arripiados, Santa Anna, São Lourenço, Santo Antonio e Alvarenga, comquanto promettessem uma futura e abundante co-lheita, não podiam satisfazer de prompto a importancia do imposto annuo, e menos liquidar os computos





nistração da capitania ao seu substituto o viscondo de Barbacena. Percorreu então quasi toda a capitania de São Paulo e de Minas Geráes, e retirou-se por fim para o descanso da vida de advogado.

Foi-se no emtanto formando a tentativa de revolução, a cuja frente se collocára o alferes Joaquim José da Silva Xavier, e com a qual sympathisáram os espiritos mais elevados da capitania de Minas. Não podiam deixar de partilha-la Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa e Ignacio José de Alvarenga Peixoto, todos distinctos poetas, intelligencias superiores, e amigos intimos: uniram elles as soas aspirações ás dos seus compatriotas que anhelavam sacudiro pesado jugo que os mortificava tanto.

Denunciada e descoberta a conjuração, foram presos todos os seus auctores. Achava-se Claudio Manuel da Costa muito doente de um attaque rheumatismal, no momento em que o arrancáram os soldados do leito e o leváram para a cadeia de Villa-Rica.

Tocava a sessenta annos a sua edade; não era o seu corpo capaz de resistir mais ao peso dos ferros, á humidade da prisão, á ausencia do ar, e a todos os encommodos que acompanham o desgraçado réo do crime d'estado; não era a sua alma resignada, e nem o seu espirito paciente; foram tão graves e profundas as impressões que o assaltáram, logo que o lançáram na masmorra immunda, misturado com os assassinos, salteadores e renegados de Deus e da sociedade, que se acovardou inteiramente o seu espirar.



rito, e desappareceu para elle toda a esperança de salvação.

Homens ha, que nas criticas circumstancias da vida chamam em seu soccorro todas as suas forças, e se tornam tão corajosos, que é essa opocha a do seu maior brilho: engrandece-se a alma, eleva-se o espirito, alarga-se o coração; auxiliam-se com as gloriosas reminiscencias que thes apparecem a todo o dia, a toda a noite, a toda a hora, e a todo o instante; vagueiando-lhes nos sonhos pela phantasia, como esperanças douradas; susurrando-lhes ao ouvido durante os dias, como anjos companheiros: tange a imaginação as cordas da harpa suave, que reveste de mil côres melancolicas todas as scenas que vão os olhos presenciando: o vento, que murmura pelos tectos da triste prisão, o gemido do moxo agoureiro, que



conhecedor da legislação do seu paiz, não achou remedio para os seus males : preferiu como Chatterton deixar por si mesmo o mundo a soffrer n'elle as dôres e os martyrios. Suicidou-se na sua prisão poucos dias depois de haver entrado para ella, cerrando o pescoço com uma liga, e comprimindo a communicação de ar para os pulmões.

Si vigorassem então os principios da legislação criminal, que são acceitos actualmente por todos os jurisconsultos, e codigos das nações modernas, estaria para elle findo o processo: não abraçava porém essas ideias a legislação portugueza, e no accordam de 18 de abril de 1792, assim se exprimiram os desembargadores a seu respeito:

« Mostra-se quanto ao réo Claudio Manuel da Costa, que supposto não assistisse nem figurasse nos conventiculos que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, e em casa do réo Domingos de Abreu, comtudo soube, e teve individual noticia e certeza, que estava ajustado entre os chefes da conjuração fazer-se um motim e levante, e estabelecer-se uma republica independente n'aquella capitania de Minas; proferindo o seu voto n'esta materia, nas torpes e execrandas conferencias que teve com o réo Alvarenga e o padre Carlos Correia de Toledo, tanto na sua propria casa, como na do réo Thomaz Antonio Gonzaga; consta do appenso nº 5° a fl. 7 da devassa d'esta cidade, e o confessou o réo no appenso nº 4° da devassa de Minas; em



cujas conferencias se tratava do modo de executar a sedição e levante, e dos meios do estabelecimento da republica, chegando ao ponto do réo votar sobre a bandeira e armas de que se devia usar, como consta do appenso nº 4º a fl. 11, e do appenso nº 5º a fl. 7; constituindo - se pelas ditas infames conferencias tambem chefe da conjuração, para quem os mais chefes destinavam a factura das leis para a nova republica, consta a fl. 2 do appenso nº 23, e testemunhas de fl. 98 da devassa de Minas; e tão bem se reconheceu este réo criminoso de lesa magestade da primeira cabeça, que horrorisado com o temor do castigo, que merecía pela qualidade do delicto, logo depois das primeiras perguntas, que the foram feitas, foi achado morto affogado no carcere com tima liga: consta do annenso p. 4.



trarca; nas suas cançonetas voluptuosas, e nos seus idyllios delicados, como que se espraia o estro aperfeiçoado de João Baptista Guarini, ou a doçura phantastica do abbade Pedro Metastasio: nas suas lyras de amor, e nas eglogas pastoris, dir-se-ia que apparece o vôo harmonioso de Luiz Ariosto, e a elegancia sonora de João Boccacio.

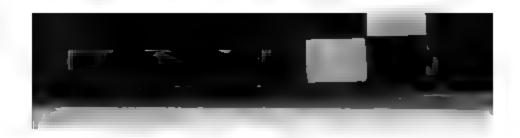
Verdade é que elle folgava de manifestar o enthusiasmo que sentia pela litteratura italiana, e pela sua deliciosa lingua, cujos escriptores muito estudava, appreciava e citava; verdade é tambem, que a litteratura italiana faz erupção de quando em quando nas lettras portuguezas, e tem mais ou memos logrado os foros de influir sobre ellas, e influir poderosamente. Quasi que não ha poeta bucolico da lingua portugueza, a quem não tenham sido muito familiares os escriptos dos auctores italianos.

Em sonetos, n'estas rapidas e curtas composições de quatorze versos heroicos, que todo o mundo compõe e escreve na nossa lingua, pelos quáes porém logram muito poucos a fortuna de deixar nomeada; em sonetos, que, por sua mesma facilidade de construcção, são difficultosos mais que nem-um outro genero de versificação para conseguir a perfeição desejada; em sonetos emfim nem-um poeta excedeu a Claudio Manuel da Costa. Não se arreceiariam de certo Manuel Maria Barbosa de Bocage, Francisco Petrarca, Boscan e Garcilaso de la Vega, de que lhes fossem attribuidos os sonetos de Clau-



dio Manuel, tanto n'elles se liga e harmonisa tudo: é o pensamento verdadeiramente poetico; são as imagens pittorescas e appropriadas; as phrases cadentes, sonoras, e encadeiadas com toda a perfeição; é a rima harmoniosa, pura, limpida e tão completa, que acaba natural e suavemente o verso, e forma como que uma musica doce e sentimental, cuja toada deixa o espirito commovido, arrebatado o coração, e a alma curvada sob a impressão duradoura das suas melodias.

São só as linguas portugueza, castelhana e italiana, que descendendo directamente da lingua latina, conhecem o rhythmo musical do verso, e as palavras sonoras e caprichosas, como os sons melodiosos da orquestra : apprimora e brilha a lingua franceza pela clareza e limpidez da expressão,



sonetos; a lingua, porém, pelo avesso da musica e da harmonia, lhes faltou á inspiração e bons desejos, e não pode ir avante a tentativa : na lingua allemãe, e ainda menos na ingleza, não tem sido tambem possivel admittir-se este genero; n'aquella, porque tornam-se as palavras longas pela sua composição e organisação, e destróe a collocação dos termos a consonancia e o desenvolvimento da poesia do soneto; n'esta, porque, e si bem que a habilidade de Lord Byron, e o engenho de Thomaz Moore apuráram a sua melodia, e lhe déram visos de poetica, no Corsario, em Giaour, em Childe-Harold, em Parisina, no Prisioneiro de Chillon, e em Lalla Rookh, não é compativel comtudo a especialidade do soneto com a existencia de notas barbarisadas, que difficultam a pronunciação e enfeiam a linguagem.

Não pode ser sublime a poesia do soneto; mas pode ser deliciosa e melancolica, como o ruido da cascata; doce, branda e agradavel como a aura da madrugada; triste e sombria como o aspecto do cypreste: para se conseguir porém esse resultado, releva que ao genero se approprie a lingua, a musica das palavras o acompanhe, a consonancia do verso o ampare, e a rima da ultima syllaba o aperfeiçoe: é de facil composição, e por essa mesma razão, de perfeição difficultosa.

Conseguio Claudio Manuel da Costa aperfeiçoar o soneto portuguez, de modo a si não exceder,



os varões illustres do brazil.

rivalisar ao menos com os de Francisco Petrarca. É Bocage talvêz mais harmonioso na phrase, menos completo porém na poesia e no sentimento.

Leiam-se os sonetos de Claudio Manuel da Costa, e julgue-se do seu merecimento com justiça e imparcialidade.

> Nize, Nize, aonde eslás? Aonde espera Achar-te uma alma, que por ti suspira, Si quanto a vista se dilata e gira, Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! si ao menos teu nome ouvir pudera Entre esta aura suave, que respira! Nize, cuido que diz... mas é mentira! Nize, cuides que ouvia... e lat não cra?

Grutas, troncos, peahascos da espessura, Si o men bem, si a minha alma em vós se esconde, Mostrai, mostrai-me a sua formosura!

Nem ao menos o echo me responde!



En me engano : a região esta não era : Mas que venho a estranhar , si estão presentes Mens males , com que tudo degenera?

Apressa-se a tocar o caminhante
O pouso, que lhe marca a luz do dia;
E da sua esperança se confia,
Que chegue a entrar no porto o navegante.

Nem aquelle sem termo passa avante Na longa, duvidosa e incerta via; Nem este atravessando a região fria, Vai levando sem rumo o curso errante.

Depois que um breve tempo houver passado, Um se verá sobre a segura areia, Chegará o outre ao sitio desejado.

Eu só, tendo de penas a alma chela, Não tenho que esperar; que o meu cuidado Faz que gire sem norte a minha ideia.

Este é o rio, a montanha é esta, Estes os troncos, estes os rochedos; São estes inda os mesmos arvoredos; Esta é a mesma rustica floresta,

Tudo cheio de horror se manifesta, Rio, montanha, troncos e penedos; Que de amor nos suavissimos enredos Foi scena alegre, e urna é já funesta.

Oh! quão lembrado estou de haver subido Aquelle monte, e as vézes que baixando Deixei do pranto o valle humedecido!

Tudo me está a memoria retratando; Que da mesma saudade o infame ruido Vem as mortas especies despertando.



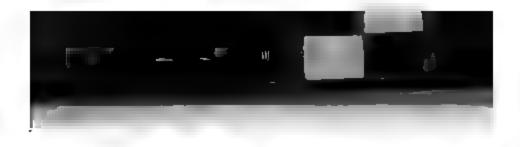
Aquelle, que enfermou de desgraçado.
Não espere encontrar ventura alguma:
Que o Céo minguem consente que presuma,
Que possa dominar seu duro fado.

Por mais que gire o espirito cansado Atraz de algum prazer, por mais em summa, Que portie, trabalhe e se consuma, Mudança não verá do triste estado,

Não basta algum valor, arte ou engenho, A suspender o ardor com que se move A infausta roda do fatal despenho.

E bem que o prito humana as forças prove, Que ha de fazer o temerario empenho, Onde o raio é do Céo, a mão de Jove?

Breves horas, Amor, ha que eu gozava A gloria, que minha alton apetecia; E sem desconfiar da alevosia, Teu ligeiro obsequio acreditava,



Com lagrimas meu petto enternecia
A dureza fatal d'este rochedo,
E sobre ella uma tarde triste quedo,
A causa do meu mai eu escrevia.
Agora torno a ver si a pedra dura
Conserva ainda intacta esta memoria
Que debuxou então minha sculptura.
Que vejo! Esta é a cifra: triste gloria!
Para ser mais cruel a desventura,
Se fará immortal a minha historia.

Polir na guerra o barbaro gentio,

Que as leis quasi ignorou da natureza;

Romper de altos penhascos a rudeza,

Desentranhar o monte, abrir o rio;

Esta a virtude, a gioria, o esforço, o brio,

Do russiano heróe, esta a grandeza,

Que egualou de Alexandre a fortaleza,

Que venceu as desgraças de Dario:

Mas si a lei do heroismo se procura,

Si da virtude o espirito se attende,

Outra ideia, outra maxima o segura:

Lá vive onde no ferro não se accende,

Vive na paz dos povos, na brandura:

Vós a ensináes, ó rei! em vós se apprende.

D'estes penhasces fez a natureza
O berço em que nasci : ó quem cuidára
Que entre penhas tão duras se criára
Uma alma terna, um peito sem dureza!
Amor, que vence os tigros, por empreza
Tomou logo render-me; elle declára
Contra o meu coração guerra tão rara,
Que não me foi bastante a fortalesa.



Por mais que eu mesmo conhecesse o damao , A que dava occasião minha brandura , Nunca pude fugir to cego engano :

Vós, que ostentáes a condição mais dura, Temei, penhas, temoi; que amar tyrano, Onde ha mais resistencia mais se apura.

Campos, que ao respirar men triste peito Murcha e secca tornaes vossa verduca, Não vos assuste a pallida figura, Cosa que meu rosto vedes tão desfeito.

Vós me vistes um dia o doce effcito Cantar do Deos de amor e de ventura; Isso já se acabou : nada já dura : Que tudo a vil desgraça está sujeito.

Tudo se muda emfim unda ha que seja De tão nobre, tão firme segurança, Que não encontre o fado, o tempo, a inveja.

Peta andom natural a tada sisanas s



Como, ó Céos! para es ver terei constancia, Si cada flor me lembra a formosura Da bella causadora de minha ancia?

Nas canções ou cantatas que escreveu Claudio Manuel da Costa agrada ainda mais e mais electrisa o leitor; algumas d'ellas podem rivalisar com as mais melodiosas de Pedro Metastasio e com a celebrisada Dido de Pedro Antonio Correia Garção: Nize é sempre a sombra que fagueira e bella o inspira e enthusiasma: é Nize a divindade que creou a sua poetica phantasia, para dedicar-lhe os seus sonhos d'oiro e os seus suspiros de amor; é Nise a sua nympha, que de noite á cabeceira lhe exalta a imaginação, e que de dia como anjo puro o ampara e sustenta na vida, o chama ao trabalho, e o arrasta á poesia : convêm dizer que são muitas d'estas cantatas exageradas na expressão, excessivas no desenvolvimento, e açucaradas na linguagem; são porém outras o que tem produzido a imaginação humana de mais perfeito e animado em semelhante genero.

GANTATA.

Não vejas, Nize amada,
A tua gentileza
No cristal d'essa fonte. Ella te engana;
Pois retrata o suave
E encobre o rigoroso : es olhos belles
Volta, volta a meu peite :
Verás, tyranna, em mil pedaços feito,
Gemer um coração; verás uma alma

34



Anciosa suspirar; verás um rosto
Cheio de pena, chelo de desgusto.

Observa bem, contempla
Toda a misera estampa, retratada
Em uma copia viva
Veras distincta e pura,
Nize cruel, a tua formosura.

ABIA.

Não te engane, ó bella Nise, O cristal da fonte amena; Que essa fonte é mui serena, É mui brando esse cristal. Si assim como vás teu rosto, Viras, Nize, os seus effeitos, Pode ser que em nossos peitos O tormento fosse egual!

O que contém as composições de Guarini, as



é bello tudo, bem appropriado, e acabado artisticamente.

Nas eglogas propriamente ditas não foi tão feliz Claudio Manuel da Costa; não que lhe faltassem engenho, ou aprimoradas descripções; mas por que são ellas puras imitações das eglogas de Virgilio, sem que á copia assista o merito do poeta de Mantua; desgraça é que em Portugal se tenha tanto usado d'este genero de poesia, que não passa de publica forma da poesia latina; poucas, muito poucas eglogas modernas encerram bellezas que lhes dêem vida e immortalidade : exceptuem-se algumas eglogas de Bernardim Ribeiro, de Luiz de Camões e de Diogo Bernardes, e nas linguas estrangeiras, de Gessner, de Sannazaro e de Garcilaso, e conhecerse-ha o acerto da nossa opinião : é um verdadeiro genero bastardo, em que a imaginação se desespera e perde a poesia o seu halito perfumado e o seu roseo colorido: pastores e pastoras, que em continuado dialogo recitam versos, ora galantes e enamorados, e ora cheios de pensamentos avessos a seus costumes, superiores á sua condição, fóra da verdade, e fóra da natureza : desde as personagens que nas eglogas figuram, até os sentimentos e ideias que n'ellas se encerram, é ficticio tudo, é tudo anomalo.

Felizmente que para se desforrar, nos apresenta Claudio Manuel da Costa uma collecção de cantatas lyricas, nas quáes se eleva e purifica o seu talento,

Ħ



brilhando com muito fulgor o engenho poetico e primoroso com que o brindára a natureza.

Em uma cantata exprime admiravelmente o seu desprezo pela lyra, que fôra os seus amores de outra edade; tunha-lhe sido ingrata a lyra, elle a abandona e quebra; perdeu o cantico toda a sua harmonia; como que um adeus lhe escapa dos labios para o objecto de seu desprezo; em seguimento a esta cantata, escreveu o poeta outra, em que acaba os versos pelas mesmas palavras, mas em sentido inteiramente opposto, e pintando o arrependimento do seu acto, implora perdão á lyra, e exclama:

Vem, adorada lyra, Inspira-me o teu canto; Só to, a impulso tanto, Todo o prazer me dás. Ja a alma não suspira:



O coração, que sente Aquelle incendio antigo, No mesmo mai, que sigo, Todo o favor me dá.

Si tanto bem confesso,
Ou seja noite, ou dia,
Jamais tua harmonia
Espero abandonar.
Não ha de a tanto excesso,
Não ha de, não; minha alme,
D'esta amorosa calma
Meus olhos serenar.

Ah! quantas ancias, quantas
Agora despertando,
A teu impulso brando,
Eu venho a temperar!
No gosto que me encantas,
Suavissimo instrumento,
Em ti só busco alento,
Que eterno me serás.

Comtigo partir quero

As magoas de meu peito,

Quanto diverso effeito

Do que provaste já!

Não me cuides tu ingrato,

Por que ja eu quiz quebrar-te;

No meu delirio em parte

Desculpa tem meu mal.

Si tu só de minha alma
O caro amor sabias,
Comtigo só meus dias
Eterno hei de alentar.
Bem que amesce a calma,
Fatal tormenta escura,
Na minha desventura
Jamais mufragarás.



Clamar, a cada instante,
O nome que me ouvia,
Ou seja noite, ou dia,
O bosque me ouvirá.
Bem que a meu culto amante
Rezista o desengano,
O voto soberano
Te espero tributar.

Não temas, que deixada
Te occupe este arveredo,
Onde o meu triste enredo
O fado tecera;
Conhece, o lyra amada,
O affecto que me inspiras;
Na mesma paz, que tiras,
Me das a melhor paz

Na cantata dos adeuses, sustenta o poeta a sua força e pureza; ha em quasi todas as composições de Claudio Manuel da Costa um cotorido melancolico



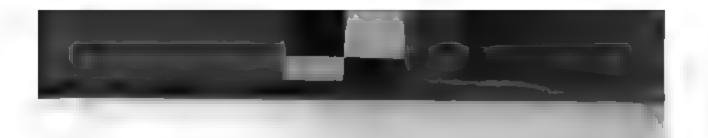
Si não se acaba a vida, É só por mais penar. De tanto mal, e tanto, Alivio é só o pranto: Mas quando é, que tu vista Um triste Respirar?

Quantas memorias, quantas,
Agora despertando,
Me vem acompanhando
Por mais me atormentar!
Faria o esquecimento
Menor o meu tormento:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Girando esta montanha,
Os altios estou vendo,
Aonde amor tecendo
Sen doce enredo está.
Aqui me occorre a fonte,
Alli me lembra o monte:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar?

Tem também Claudio Manuel da Costa algumas odes, que lhe dão avantajado logar entre os poetas; a que dirige ás cinzas de Alexandre parece-nos a mais altiva e sonora; os epicedios ao amigo que morreu, e ao conde de Bobadella, distinguem-se no seu genero, e honram o nome do poeta.

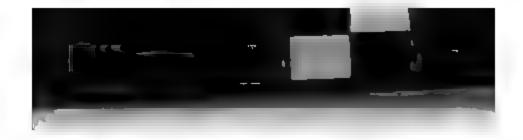
Si bem que prime pelas admiraveis descripções que appresenta, e pelas noções historicas que offerece acerca da capitania de Minas; si bem que con-



38

tenha verdadeiras bellezas da versificação, não merece todavia o poema de Villa-Rica as honras de poema-romance, e principalmente na lingua portugueza, em que brilham o Cerco do Diu, o Caramurú, o Naufragio de Sepulveda, Malacca conquistada, o Uruguay, Affonso Africano, a Elegiada, Ulissea, Camões e Donna Branca. Nota-se ainda n'elle uma falta de colorido local, que dõe no fundo d'alma, e de invenção, que demonstra que não era o espirito do poeta para este genero de poesia.

Mais linda e perfeita é então a sua allegoria do Ribeirão do Carmo, cheia toda de imagens delicadas, faceira e fermosa como uma fada; é o genio brazileiro que obrigou o poeta a abandonar as inspirações da litteratura italiana, e as sandades das margens do Tejo, do Mondego e do Lima, ap-



A alegoria do Ribeirão do Carmo precede um soneto admiravel.

Leia a posteridade, ó patrio rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Por que vejas uma hora despertado
O somno vil do esquecimento frio:
Não vés nas tuas margens o sombrio
Fresco assento de um alamo copado;
Mão vés nympha cantar, pastar o gado,
Na tarde clara do caloroso estio?
Turvo banhando as palidas areias
Nas porções do riquissimo thesoiro,
O vasto campo da ambição recreias:
Que de seus raios o planeta loiro,
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quando em chammas fecunda, brota em oiro.

Descreve depois o poeta o nascimento do Ribeirão, sua alegre infancia, e os seus risos juvenis; passa á historia de seus amores desgraçados pela ingrata Eulina, que lhe roubára Apollo; pinta a desesperação, que o arrasta a amaldiçoar o deus, que em vingança insinua os homens a romper-lhe as entranhas, e a procurar dentro do seu seio o oiro delicado, e as pedras preciosas que tanto ambicionam; e as dôres que soffre o rio, que mistura com sangue as suas aguas, despeja-as pelas verdes planicies das proximidades da cidade de Marianna, e por fim, enlouquecido, despenha-se da altura immensuravel, e morre precipitado nos rochedos: embora uma ou outra veste ou imagem da mythologia grega substitua a expressão candida, singela e pura da lingua-



gem portugueza, é esta allegoria um bello e verdadeiro ramalhete de poesia.

Escreveu Claudio Manuel da Costa tantas composições poeticas, que tornar-se-ia fastidiosa e sem interesse a analyse de cada uma; pelas que acabamos de examinar, podemos firmar opinião dos meritos do poeta, e admirar sua imaginação brilhante, e phantasia doirada: é sem duvida um dos primeiros vates da poesia portugueza aquelle que á sua lyra suave e sonora dedicou estes admiraveis e ultimos versos:

Aqui d'este salgueiro

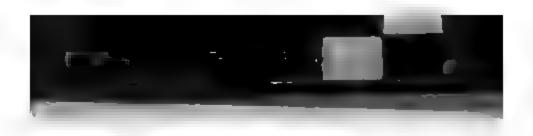
Pendente ficarás, o lyra minha!

Tu, que foste primeiro,

Emquanto amor convinha,

Alivio de meus majes,

Ferindo os montes shalando os vales



Que accorde respondendo

Do verso as consonaucias,

Tantas vezes ouviu as minhas ancias.

Genio funesto inspire

Sempre em teu damno, por maior tristeza;

De ti não se retire

A funebre aspereza

D'aquelle borror malino,

Que os passos acompanha a meu destino.

São contestes todos os escriptores que escrevêram a respeito da litteratura portugueza acerca do merecimento das poesias de Claudio Manuel da Costa. Estrangeiros, como Boutterweck, Balbi, Fernando Denis e Sismondi, o citam e exaltam. Portuguezes, como Almeida-Garrett, e Costa e Sá, tecem-lhe os maiores elogios. Recommenda-o como classico a Academia real de sciencias de Lisboa. É indubitavelmente um dos poetas mais illustres que produzio o solo americano.

44





VII.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

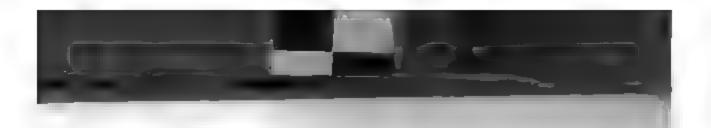
Ī.

Era Thomaz Antonio Gonzaga de estatura pequena, e cheio de corpo: tinha physionomia clara e espirituosa, animada por dous olhos azues, vivos e penetrantes; encantava com a sua conversação alegre, jovial e engraçada; attrahiam-lhe todos os corações as suas maneiras delicadas e polidas.

Aonde nasceu? Foi esta questão suscitada, e debatida com toda a força, e esteve indecisa até agora entre os litteratos. É uma das suas glorias, que, depois de sua morte, tanto o Brazil como Portugaldisputáram e pleiteiáram a honra de haver sido seu berço; invidáram suas forças os sabios de ambos os paizes, procurando revendicar para sua nação o nascimento de Gonzaga.

Verificamos porém que nascêra Thomaz Antonio Gonzaga em agosto de 1744, na cidade de Porto, e fôra ahi baptisado em 2 de septembro, na freguezia de São Pedro (1).

Era seu pai João Bernardo Gonzaga, natural do



Rio de Janeiro, e casado com Dona Thomasia Isabel Gonzaga; exercêra logares de juiz de fóra em Angola, Cabo Verde, e em Pernambuco; fóra provido no anno de 1745 no emprego de ouvidor na cidade de Porto; foi despachado em 1759 desembargador da Relação da Bahia. É certo que a infancia de Thomaz Antonio Gonzaga passou-se na Bahia, porque elle mesmo em seus versos o declara:

Pintam que os mares sulco da Bahia,

Aonde passei a flor da minha edade :

Que descubro as palmeiras, e em dous bairros

Partida a grão cidade.

Seria por tanto no tempo em que n'esta cidade seguia seu pai a carreira da magistratura. Estão comprovados todos estes factos tanto por um documento que possuimos escripto de seu proprio punho, em Mosambique (2) como pola declaração do livro.



Que importa pois que um acaso, e puro acaso, o fizesse nascer em Portugal? Participa também o Brazil da sua gloria, porque foi o Brazil a terra de seu pai; porque no Brazil viveu Thomaz Antonio Gonzaga a sua infancia, e quasi toda a sua vida; e porque pelo Brazil padeceu e penou quando se ligou com outros Brazileiros anciosos de libertar a sua patria do jugo portuguez, e declara-la independente.

Não nasceram os dous Chénier em Constantinopla, e a França se não gloria com seus nomes, por que fôra seu pai Francez? — Não deixou Benjamin Constant o seu berço na Suissa, e não entra no Pantheon dos escriptores e publicistas francezes? Não é natural de Turim o duque de Palmela, diplomáta e estadista reputado de Portugal?

Como ouvidor de Villa-Rica, gozou Thomaz Antonio Gonzaga de reputação illibada; eram os seus talentos apreciados geralmente, e reconhecida a sua instrucção; por todos os governadores, com quem serviu, costumava ser consultado nos mais espinhosos e complicados negocios da administração publica.

Seus collegas e antigos companheiros de estudos, quando tratáram de o julgar, sacrificáram ao dever e ao medo os sentimentos da amizade; o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, predilecto como elle das musas, não vacillou no voto contra o seu amigo da universidade e o seu irmão em poesia: confessou Thomaz Antonio Gonzaga ter sciencia da premeditada revolução, mas que a considerára hy-



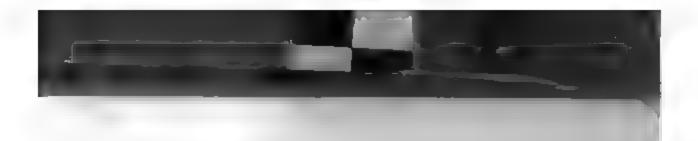
pothetica; negou porém ter aconselhado ao intendente que lançasse a derrama do oiro, e cobrasse as dividas atrasadas, de accordo com os conjurados, e para o fim de excitar descontentamento no povo contra a administração; declarou mesmo, que não concordára, e menos fora cumplico dos planos dos descontentes.

Perdeu porém a Gonzaga a sua grande reputação de talentos e luzes, e a amizade que o prendia a Ignacio José de Alvarenga Peixoto e a Claudio Manuel da Costa, dous dos principáes revolucionarios: não foram acceitas suas declarações, apesar mesmo de roboradas por depoimentos contestes de alguns conjurados: preferiram os juizes dar valor aos indicios que se levantavam contra elle.

Eis, a seu respeito, as proprias palavras do

47

centando o padre Correia que dizia aos socios da conjuração, que este réo entrava n'ella, para os animar, sabendo que entrava na acção um homem de luzes e talentos, capaz de os dirigir, e o réo Tiradentes que não negaria o que soubesse para o inhibir da culpa, sendo seu inimigo por causa de uma queixa, que d'elle fez ao governador Luiz da Cunha Menezes, e egual retractação fizesse o réo Alvarenga na acareação do appenso nº 7º, pois tendo declarado no appenso nº 4º que este réo estivera em um dos conventiculos, que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, e que n'elle o encarregára da factura das leis para a nova republica, na dita acareação não sustentou o que tinha declarado, dizendo que bem podia enganar-se; e todos os mais réos sustentem com firmeza, que nunca este réo assistira, nem entrára em algum dos ditos abominaveis conventiculos, comtudo não pode o réo considerar-se livre de culpa pelos fortes indicios que contra elle resultam; por quanto, 1º mostra-se que sendo a base do levante ajustado entre os réos o lançamento da derrama, pelo descontentamento que suppunham que causaria no povo, este réo foi acerrimo perseguidor do intendente procurador da fazenda para que requeresse o dita derrama, e parecendolhe talvêz que não bastaria para inquietar o povo o lançamento pela divida de um anno, instava com o mesmo intendente para que requeresse

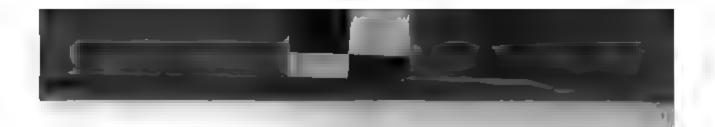


por toda a divida, porque então seria evidente que ella não poderia pagar-se, e a junta da fazenda daria contas a dita senhora, como diz no appenso nº 7°; comtudo d'esta mesma razão se conhece a cavilação do animo d'este réo, pois para se saber que a divida toda era tão avultada, que o povo não podia paga-la, e dar a junta da fazenda conta á dita senhora, não era necessario que o intendente requeresse a derrama, porém do requerimento do mesmo intendente é que verosimilmente esperavam os réos, que principiasse a inquietação logo no povo, e pelo menos os conjurados reputavam as instancias que o réo fazia, para ter logar a rebellião, como jura a testemunha de fl. 29 da devassa de Minas; -2º mostra-se mais dos appensos nº 4º e 8º, que jantando o réo um dia em casa do réo Claudio Manuel da Costa com o conego Luis



49

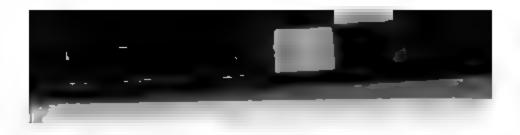
temeram e acauteláram do intendente, tendo o mesmo réo já dado a mesma prova de que sabia o que estava ajustado entre os conjurados, quando em sua propria casa, estando presente o réo Alvarenga, perguntou o conego Luiz Vieira pelo levante, e o réo lhe respondeu, que a occasião se tinha perdido pela suspensão do lançamento da derrama, não lhe fazendo novidade que houvesse ideia de se fazer levante, e que elle estava ajustado para a occasião em que se lançasse a derrama : e ultimamente 3º mostra-se pelo appenso nº 4º das perguntas feitas ao réo Claudio Manuel da Costa, ainda que n'estas houve defeito de se lhe não dar o juramento pelo que respeita a terceiro, que muitas vêzes fallavam com o réo sobre o levante, o que o réo não se atreveu a negar nas perguntas que se lhe fizeram no appenso nº 7°, confessando depois, que algumas vêzes fallara e ouvira fallar a alguns dos réos hypotheticamente sobre o levante, sendo incrivel que um homem letrado e de instrucção deixasse de advertir que o animo, com que se proferem as palavras, é occulto aos homens, que semelhante pratica não podia deixar de ser criminosa, especialmente na occasião em que o réo suppunha que o povo se desgostaria com a derrama; e que ainda quando o réo fallasse hypotheticamente, o que é inaveriguavel, esse seria um dos modos de aconselhar aos conjurados; porque dos embaraços, ou meios que o réo hypothetica-



mente ponderasse para o levante, podiam resultar luzes para que elle se executasse por quem tivesse esse animo, que o réo sabia, que não faltaria em muitos se lançasse a derrama.»

For condemnado Thomaz Antonio Gonzaga pelo accordam de 18 de abrit de 1792 a degredo perpetuo para as Pedras de Angoche; modificou-se depois a sentença por outro accordam de 2 de maio, que reduziu a dez annos o tempo do degredo, e trocou as Pedras de Angoche por Moçambique.

Empresa impossivel seria descrever as dôres e os tormentos que soffreu Gonzaga na sua prisão: o homem que occupava emprego elevado, e posição hobrosa na sociedade; que acabava de ser despachado desembargador para a Bahia, preso de repente, carregado de ferros, confundido com toda a casta de criminosos arrancado a Villa-Rica acade.



deixar a terra amada, e abandonar a adorada Marilia; não tiveram limites as dôres do seu coração e a desesperação da sua alma: vagava-lhe até então no pensamento a esperança ainda de salvação, que felizmente ampara o homem nas mais arriscadas crises da sua existencia; da sua escura masmorra pedia Gonzaga ao seu sonoro passarinho, que atravessasse as serras da Estrella, e fosse levar a Villa-Rica as suas saudades a

N'uma palavra, a que vires Entre todas mais fermosa: Chega então ao seu ouvido, Dize que sou quem te mando, Que vivo n'esta masmorra, Mas sem allivio penando...

Seccou-lhe a fatal sentença a esperança que ainda o alimentava : deslizáram-se os ultimos canticos no seu adeus; foi a voz do cysne no termo da agonia : amarga desesperação o inspirou, e lhe revolveu todo o pensamento.

Lou-se-me emfim a sentença Pela desgraça firmada : Adeus , Marilla adorada ! Vil desterro vou soffrer. Ausente de ti , Marilia , Que farei ? Irei morrer.

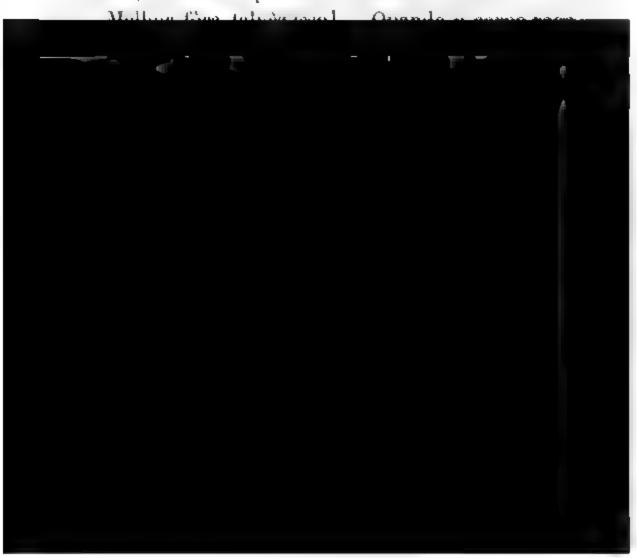
Que va para longes terras Intimarem-me eu ouví : E a pena que então sent! Justos céos! não sei dizer. Ausente de ti, Marilia, Que farei? Irei morrer.

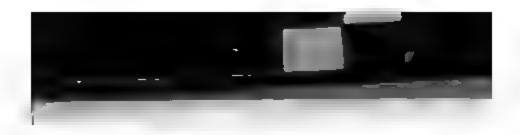


Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma, e por negaça
Me esta dizendo a desgraça
Que nunca mais te hei de ver.
Ausente de ti, Marilia,
Que fare:? Irei morrer.

Por deixar os patrios lares Não me fere o sentimento; Porem suspiro e lamento Por tão cedo te perder. Ausente de ti, Marilia, Que farei? Irei morrer.

Viveu quinze annos em Moçambique, mas não passou esse viver de uma vegetação animal : jazeu sempre engolfado o seu pensamento em uma negra melancolia; trouxeram-lhe ao principio os ares do exilio uma grave enfermidade; esteve decidido e desenganado de que se lhe acabava a vida!...





H.

Como a vida de Thomaz Antonio Gonzaga, tem duas phases bem diversas e bem definidas as suas poesias: explica-se, desenha-se, e manifesta-se qualquer d'ellas nas suas lyras admiraveis. A primeira epocha de sua vida chega a sua prisão em 1789; é toda de prazeres, de risos, de divertimentos, de alegrias e de amores; espelha-se em uns versos faceis e languidos, limpidos e faceiros; reflecte-se, como em fonte cristallina, n'essas lyras suaves e melodiosas, em que, transformado em pastor, passa os dias tecendo grinaldas e ornando corôas para offerecer a sua bella Marilia, saudando o seu casal, solfejando as suas delicias, e admirando as suas brancas ovelhinhas, extasiado todo com a sua sorte ditosa.

Assemelhava-se aos menestreis da edade media, para quem se cifrava a vida no descantar de amores, sem que uma nuvem de tristeza lhes embargasse a menor alegria, e a quem pouco importava o mundo com as suas transmutações, a existencia com as suas scenas variadas, e o futuro, ainda que ennegrecido e ameaçador; são anacreonticas, bucolicas, amorosas, joviáes e pastoris quasi todas as poesias que escreveu Gonzaga n'esta epocha.

Irás á divertir-te na fioresta, Sustentada, Marilia, no meu braço; Alli descantarei a quente sesta, Dormindo um leve somno em teu regaço.

Em quanto a lucta jogam os pastores, L'emparelhados correm nas campinas, Toucarer tens cabellos de boninas, Nos troncos gravarer os teus louvores. Graças, Martha bella, Graças a minha estrella!

Leve-me a sementeira muito embora

O rio sobre os campos levantado;

Acabe, acabe a peste matadora

Sem deixar uma rez o nedio gado;

Já d'estes bens, Marilia, não preciso;

Yáo me cega a paixão, que o mundo arrasta;

Para viver feliz, Marilia, basta,

Que os olhos movas, e me dês um riso!

Graças, Marilia belia,

Graças a munha estrella!

Mas tendo tantos doles de ventura, So apreço lhes dou, gentil pastora, Depois que o ten affecto me segura, Que queres do que tenho ser senhora.





Laura bella, pelos prados de Avinhão, e nas torrentes solitarias de Vauclusa; quando Laura o inspirava, era Laura para elle o mundo; cifrava-se, e
resumia-se tudo n'ella; solfejava Thomaz Antonio
Gonzaga as suas melodias deliciosas em honra de
sua Marilia, nos amenos valles de Villa-Rica; eram
repassadas todas pela linguagem mais pura da paixão,
e levavam ao objecto do seu amor os mais doces e
ternos suspiros. Quantos retratos faziam um e outro
continuamente! Quantas divinas descripções mereceu a fermosa Laura! Quantas pinturas sublimes
obteve a bella Marilia!

1

A pintar as negras transas, Peço que mais te desvelles Pinta chusmas de amorinhos, Pelos seus fios trepando; Una tecendo cordas d'elles, Outros com elles brincando.

Para pintares ao vivo As suas faces mimosas, A discreta natureza Que providencia não teve! Creou no jardim as rosas, Fez o lirio, e fez a neve!

Para pintares, Glauceste, Os seus beiços preciosos, Entre as flores tens o cravo, Entre as pedras a granada, E para os olhos fermosos, A estrelia da madrugada.



05 VARORS ILLUSTRES DO BRAZIL.

H.

Os sons cumpridos cabellos,
Que sobre as costas ondeiam,
São que os d'Apollo mais bellos;
Mas de loura cor não são.
Tem a cor da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, men bem, um composto
Da mais fermosa união.

Tem redonda e lisa a testa,
Arqueadas sobrancelhas;
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são una socs.
Aqui vence amor no Céo,
Que no dia luminoso
O Ceo tem um sol fermoso,
E o travesso amor dous socs.

Na sua face mimosa. Meu bem, estão misturadas Purpureas folhas de rosa



Das orvalhadas flores :
Pendentes dos teus beiços graciosos
O mel não chupam , chupam ambrosias
Nunca farios amores.

Em torno dos teus peitos, que palpitam,
Exhalam mil suspiros desvelados
Enxames de desejos;
Si encontram os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropellem, voam, chegam,
E dão furtivos beijos.

O cysne, quando corta o manso lago,
Erguendo as brancas azas e o pesceço;
A náu, que ao longe passa,
Quando o vento lhe infuma o pano grosso,
O teu garbo não tem, minha Marilia,
Não tem a tua graça.

IV.

A minha bella Marilia

Tem de seu um bom thesouro;

Não é, doce Alceo, formado

Do buscado

Metal louro.

É feito de uns alvos dentes,

É feito de uns olhos bellos,

De umas faces graciosas,

De crespos, finos cabellos,

E de outras graças maiores,

Que a natureza lhe deu:

Bens que valem sobre a terra,

E que tem valor no Céo.

En posso romper os montes, Dar ás correntes desvice, Por cercados espaçosos Nos caudosos Turvos rios.



Posso emendar a ventura

Ganhando estuto a riqueza;

Mas, ahl caro Alceo, quem pode

Ganhar uma so belleza

Das bellezas que Murilia

No seu thosouro metteu?

Beus que valom aobre a terra,

E que tem valor no céo?

Si perdeu Petrarca a sua Laura, que batteu como o anjo as suas brancas azas, e deixou este mundo desgraçado, foi ainda Gonzaga mais infeliz, que o arrastáram grilhões para longe da sua Marilia. Na sua dôr se inspiráram ambos tão admiravelmente, como nos seus prazeres; nas canções amorosas e no sentimento das saudades podem-se dizer riváes; é porém Petrarca superior a Gonzaga, porque das inspirações enamoradas soube elevar no vázos en consider sua lava a rebicates marcatasce.

Cumpre todavia dizer que no meio das canções amorosas da primeira epocha de Gonzaga apparecem admiravelmente tratados alguns assumptos de importancia superior : o que se pode apresentar de mais perfeito do que estes versos descriptivos?

> Tu não verás, Marilia, cem captivos Tirarem o cascalho e a rica terra, Ou dos cercos dos rios caudalosos, Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro Do pesado esmeril a grossa areia, E já brilharem os granetes d'ouro No fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens mattos, Queimar as capociras ainda novas, Servir de adubo 4 terra a fertil cinza, Lançar os grãos nas covas;

Não verás carolar negros pacotes

Das seccas folhas do cheiroso fumo;

Nem espremer entre as dentadas rodas

Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza Altos volumes de enredados feitos; Ver-me has folhciar os grandes livros, E decidir os pleitos.

E estoutros:

Não praguejes, Marilia, não praguejes A justiceira mão que lança os ferros: Não traz debalde a vingadora espada: Deve panir os erros.

Virtudes de juiz, virtudes de homem, As mãos se déram, e em seu peito moram; Manda prender o réo, austera a hoca, Porém seus othos choram.



Si à innocencia denigre a vil calumnia, Que culpa aquelle tem que applica a pena? Não é o julgador, é o processo, É a lei que condemna.

E a lyra admiravel, que assim começa:

Arde o velho barril, arde a cabeça Em honra de João, na larga rua: O credulo mortal agora indaga Qual seja a morte sua.

Eu não tenho alcachofra, que á lux chegue, E n'ella orvalhe o céo de madrugada, Para ver si rebentam novas folhas Aonde foi queimada.

Tambem não tenho um ovo que despejo Dentro de um copo d'agna, e possa n'ella Fingir palacios grandes, altas torres É uma náu a vella.

Não ousaria o proprio Horacio repudiar a paternidade d'estas poesias, tão hem collocadas são as

64

consonancia sonora, doce e musical do verso, e que a inspiração brilhante do poeta curva-se, sujeita-se, e succumbe emfim sob a escolha apurada da palavra, e sob a harmonia da dicção; é um defeito em que cahem todos os poetas, que se impregnam de um excessivo amor da arte e versificação: folga porém em geral o povo de ouvir e ler versos maviosos e doces, porque lhes comprehende logo o pensamento; e é por isso maior ordinariamente a popularidade dos poetas artistas.

Quem em Portugal ou no Brazil não sabe de cór, e não repete a todos os instantes estes versos de Gonzaga:

Acaso são estes
Os sitios fermosos,
Aonde passava
Os annos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Em quanto pastava
O gordo rebanho,
Que Alceo me deixou?
São estes os sitios?
São estes; — mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

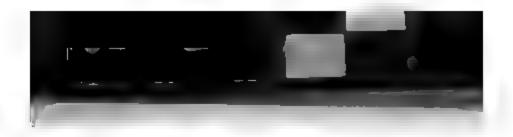
D'aquelle penhasco Um rio corria; Ao som do susurro, Que vêzes dormia? Agora não cobrem Espumas nevadas



As pedras quebradas;
Parece que o rio
O curso voltou!
São estes os sitios?
São estes; — tras cu
O tuesmo não sou.
Mariha, to chamas?

Espera, que cu vou.

Mena varsos alegra
Aqui repeta;
O echo as palavras
Tres vezza dizia.
Si chamo por elle
Já não me responde;
Parece se esconda
Cansado de dar-me
Os ais que lhe dou,
São estes os sitios?
São estes;— mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?



Marilia , teus olhos São réos e culpados , Que soffra , e que heije Os ferros pesados De injusto senhor: Marilia , escuta Um triste pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingua prendeu-se,
Tremi, e srudou-se
Das faces a cor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizeram a chega,
Que abriste no peito,
Mais funda e maior.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Marilia, de que te quelxas?
De que te roubou Dircea
O sincero coração?
Não te deu tambem o sen?
E tu, Marilia, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
Todos amam; só Marilia
D'esta lei da natureza
Queria ter isenção?

Em torno das castas pombas, Não rulam ternos pombinhos? E rulam, Maritia, em vão? Não se afagam co? os biquinhos?



E as provas de mais ternura Não os arrasta a paixão? Todos amam; só Marilia D'esta lei da natureza Queria ter isenção?

III.

Foram os versos alegres e faceiros, fluidos e harmoniosos da primeira epocha da vida de Thomaz
Antonio Gonzaga, que lhe conseguiram maior fama;
temos porém para nós que são o seu mais bello floreo de gloria os canticos que lhe arrancáram os
tormentos da dura prisão que soffreu, as saudades
de seus passados e felizes annos, e a ausencia do
objecto adorado, a quem dedicava toda a sua poesia, e toda a sua existencia; são emfim as lyras da
segunda parte da sua vida, e que foram escriptas por





65

Ah! que nem me resta
Uma já quebrada
Mal sonora lyra!
A fumaça, Marilia, da candeia,
Que a melhada parede ou suja ou pinta,
Bem que tosca e feia,
Agora me pode ministrar a tinta.
Os mais preparos o discurso apronta;
Elle me diz que faça do pé de uma
Má laranja ponta,
E d'elle me sirva
Em logar de pluma.

E confirma logo depois todos estes factos com os seguintes versos:

Do azeite e da fumaça Uma nova tinta ageito : Tomo o páu que penna finge, Vou as lyras copiar.

É nos cantos amargurados que desprendendo sublimado vôo ergue-se o vate harmonioso a uma altura descomunal, e não encontra superioridade em poeta algum moderno ou antigo.

> Já me vai, Marilia, branquejando Louro cabello que circula a testa, Este mesmo, que alveja, vai cabindo, E pouco já me resta.

> As faces vão perdendo as vivas côres, E vão-se sobre os ossos corugando, Vai fugindo a viveza de meus olhos; Tudo se vai mudando.

Si quero levantar-me, as costas vergam :
As forças dos meus membros já se gastam :
Von a dar pela casa uns curtos passos,
Pesans-me os pés, e arrastam.

5



Si algum dia me vires d'esta sorte Vé que assim me não poz a mão dos annos Os trabalhos, Marilia, os sentimentos Fazem os mesmos damnos.

Succede, Marilia bella,

A medonha noite o dia:

A estação chuvosa e fria

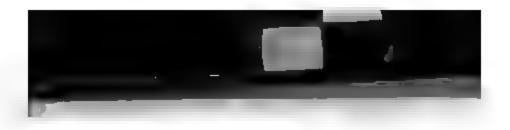
A quente secca estação

Muda-se a sorte dos tempos,

So a minha sorte não.

Os troncos nas primaveras
Brotam em flores viçosos;
Nos invernos escabrosos
Largam as folhas no chão
Muda-se a sorte dos tempos,
So a muha sorte não.

Aos brutos, Marriis, corfam Armadas redes os passos,



Então eu me ajuntava com Glauceste (5), E, á sombra d'alto cedro na campina, Eu versos te compunha, e elle os compunha A sua cára Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;
De exceder um ao outro qualquer trata:
O echo agora diz: Marilia terna;
E logo: Eulina ingrata.

A noite te escrevia na cabana Os versos, que de tarde havia feito, Mal t'os dava, e os lias, os guardavas No casto e branco peito.

Por morto, Marilia,
Aqui me reputo:
Mil vêzes escuto
O som do arrastado
E duro grilhão!
Mas ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

A chave lá sóa
Na porta segura :
Ahre-se a escura ,
Infame masmorra
Da minha prisão.
Mas ah ! que não treme ,
Não treme de medo
O meu coração !

Minha Marilia, O passarinho, A quem rouháram Ovos e ninho, Mil vézas pousa No seu raminho;



Piando finge Que anda a chorar. Mas logo vóa Pela espessura, Nem mais procura Este logar.

O voraz tempo.

Que o ferro come.

Que nos mesmos reinos

Devora o nome.

Tambem. Marilia.

Tambem consome

Dentro do pelto

Qualquer pesar.

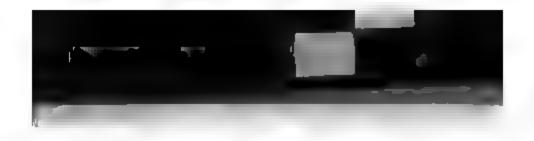
Ah! que não pode

Ao meu tormento

Por um momento

Allivio dar.

Não é a doce melancolia de Job, com a sua resi-



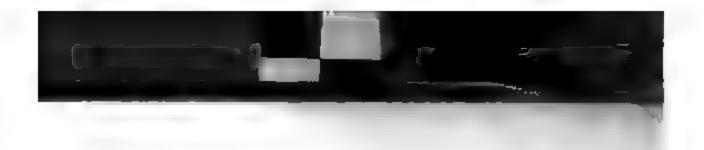
69

zaga, que tira origem de desgraças fatáes, que lhe envenenáram para sempre a existencia. É Young facticio, monotono, e mais lugubre que melancolico; tem origem a dòr de Tibullo no caracter do poeta, e não nos seus infortunios: nunca gozou Gilbert de existencia serena e tranquilla, e de vida de delicias e prazeres; não soffria saudades, e saudades, que curtem o coração, e ferem as ultimas fibras d'alma; é por isso sceptico Gilbert e amaldiçoa os homens, como causáes de suas infelicidades. Foragido da Italia, arrancado das honras para a miseria, é Ugo Foscolo o poeta unico cuja dôr se parece com a de Gonzaga, e cujos versos procedem da mesma origem; a differença está em que perde a patria Ugo Foscolo, mas salva a vida: apenas de longe desdobra pela patria hymnos saudosos de amor; em quanto que acha-se Gonzaga encarcerado, assustado do futuro, e lembrado do passado, e o que é mais, do passado cheio todo dos seus amores e prazeres!

Que dôr, que profundo sentimento não causa no coração a leitura d'estes versos?

Morri, ó minha bella;
Não foi a Parca impia,
Que na tremenda roca,
Sem ter descanso, fia:
Não foi, digo, não foi a morte feia,
Quem o ferro moveu, e abriu no peito
A palpitante veia.

Eu , Marilia , respito : Mas o mal que supporto ,



E tão tyrauno e forte,

Que ja me dou por morto:

A insolente calumnia depravada

Ergucu-se contra mim, vibrou da lingua

A venenosa espada.

Inda, o bella, uão vejo
Cadafalso enluciado,
Nem de torpe verdugo
Braco de ferro armado;
Mas vivo n'este mundo, ó sorte impia,
E d'elle só me mostra a estreita frasta
O quando é noite ou dia.

Olhos baços e sumidos,
Macdento e descarnado,
Barba crescida e hirsuta,
Cabello desgrenhado;
Ah! que imagem tão digas do piedade!
Mas é, minha Marilia, como viva
t in réo de magestade!





As raivosas serpentes;

Mas cercam-me outros monstros mais irados;

Mordem-me sem cessar as bravas serpes

De mil e mil cuidados.

En não gasto, Marilia, a vida toda, Em lançar o penedo da montanha, Ou em mover a roda; Mas tenho ainda mais cruel tormente; Por causas, que me affligem, roda o gira. Cansado o pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado

As tepidas entranhas não me come

Um abutre esfaimado;

Mas sinto de outro monstro a crueldade:

Devora o coração, que mal palpita

O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo Que de mim se retiram, quando busco Fartar o meu desejo; Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato Que lograr-te não possa, estando vendo N'esta alma o teu retrato.

Detem-te, vil humano;
Não espremas cicutas
Para fazer-me damno:
O sumo que ellas dão é pouco forte.
Procura outras bebidas
Que apressem mais a morte.

Desce ao reino profundo,
Ajunta ahi os venenos,
Que nunca visse o mundo;
Traze o negro licor que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos,
As raivosas aerpentes.



Cachopo levantado,

Que poz a natureza

Dentro no mar salgado,

Não se abata no meio da tormenta:

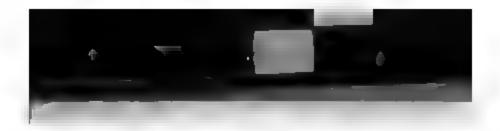
Bem que uma onda e outra onda

Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que no terra
As robustas raizes.
Buscando o centro, aferra,
Não teme o furação mais violento;
E menos si se delxa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco, e rocha, ó bella,
Que açoita o Sul, que brama,
E o mar, que se encapella;
Não temas, que do rosto a côr se mude;
Vence as rochas e os troncos
A solida virtude.
A maior desventura

É sempre a que nos lança



Uma alma, qual eu tenho,

Não se receia a nada.

Eu hei-de, aim, punir-lhe a insolencia,

Pisar-lhe o negro célo, abrir-lhe o peito,

Co' as armas invenciveis da innocencia.

Não se espande a alma de Sapho com mais encantos, com mais ternura, com mais paixão e com mais melancolia, do que a Gonzaga, quando se lhe aviva o hymno da saudade:

> A estas horas En procurava Os meus amores : Tinham-me inveja Os mais pastores.

A porta abrià, Inda esfregando Os olhos bellos, Sem flor, nem fita Nos sens cabellos.

Ah! que assim mesmo Sem compostura É mais fermosa Que a estrella d'alva, Que a fresca rosa!

Mai eu a via, Um ar mais leve, Que doce effeito! Já respirava Meu terno peito.

Do cerco apenas Soltava o gado, Que lhe amimava Aquella ovelha, Que mais amava.



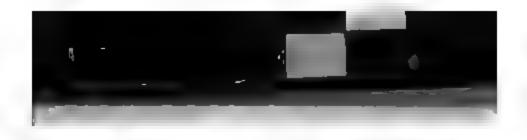
Dava-lhe tempre No rio e fonte, No prado e seiva, Agua mais clara, Mais branda relva.

Ah! quantas vêzes, No chão sentado, En lhe lavrava As finas rocess, Em que fiava!

Da mesma sorte Que à sua amada, Que está no ninho, Fronteiro canta O passarinho.

Na quente sesta D'ella defronte Eu me entretiaha, Movendo o ferro Da santograha;





A lagrima sentida já lhe corre : Já pára a convulsão , suspira e morre.

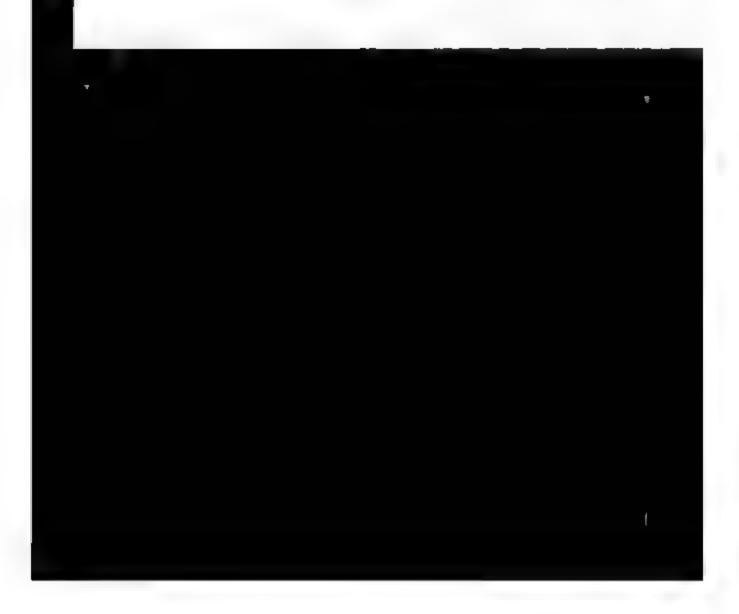
Entretanto o mesmo engenho, que produzira tão bellas canções, perdeu as inspirações durante o seu exilio de Moçambique. Algumas vêzes, lembrandose da sua gloria, pretendeu afinar as cordas da lyra, e tentou tange-la! Eram poucos porém os lucidos intervallos, e mirrados fructos produziram elles; não parece sahido do seu estro divino um poemetto que se lhe attribue acerca do naufragio da náu portugueza Marialva; um cantico que dedicou á Conceição de Nossa Senhora contém um ou outro verso, ou pensamento elevado e poetico; revela porém a desordem do seu espirito e o enfranquecimento de sua intelligencia.

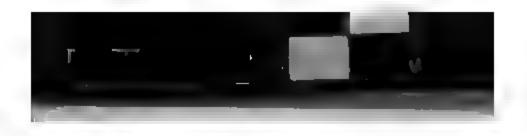
Si é verdadeiro o pensamento de Frederico Schiller, quando descreve o poeta como uma alma pura e leal, que passa e canta no meio do mundo, titubeando ás vêzes por entre as phases do passado, os paroxismos do presente, e os arcanos do futuro, e perdido outras vêzes, como a harpa do deserto, nas solidas profundas da natureza, ninguem com mais razão do que Thomaz Antonio Gonzaga merece o titulo de poeta.

Pode-se dizer que a sua poesia é a flor d'alma, como são as flores a poesia da terra: prende, encanta, captiva e arrasta, ao som de uma melodia que se não pode definir; nosso pensamento accompanha a inspiração do poeta, ignorando aonde vai,



satisfeito porém de segui-lo, porque é o seu canto terno como o gorgêo do sabiá canoro, arrebatador como a torrente do deserto, metancolico como a musica de Bellini e as flores do chorão, sublime como a grandeza do Oceano e a voz de Deus (7)!





NOTAS.

- (1) « Antonio Joaquim Teixeira Caneca, escrivão do juizo ecclesiastico desta cidade e bispado do Porto, e interinamente encarregado do expediente do cartorio dos livros findos do mesmo, pelo excellentissimo e reverendissimo senhor bispo d'esta diocese, etc.
- » Certifico em como examinando um dos livros da freguezia de São Petro de Miragaia d'esta cidade, nelle a folhas quatro se acha o assento do teor seguiato: Thomaz, filho legitimo do licenciado João Bernardo Gonzaga, e de Dona Thomasia Isabel Gonzaga , moradores na rua dos Cobertos d'esta freguezia : nasceo a... de agosto de 1744, e foi por mim baptisado a dous de setembro do mesmo anno; sendo padrinho o reverendo Domingos Ferreira de Abreu, assistente na cidade de Lisboa, tocou por elle com procuração o reverendo licenciado Antonio de Deos Campos, conego magestral da sé d'esta cidade, e tocon também o menino o doutor desembargador d'esta relação João Barrozo Pereira, assistente na rua dos Ferradores da freguezia de Santo Ildefonso, suburbio d'esta cidade, foram testemunhas as abaixo comigo assignadas, d'esta mesma freguezia; e por verdade en fiz este assento que assigner, era ut supra o abbade Manuel da Cruz, o padre Raimundo Darque, Autonio Gomez de Castro, Cota, Averbado no fim d'este, Averbação. A requerimento do doutor Thomaz Antonio Gonzaga, e sua irmãe, se passou e averbou certidão do assento referido em dezeseis de agosto de 1783.
- » E não se continha mais em o dito assento e averbação, ao qual me reporto. *B declaro que vai em pontos o que se acha viciado*. Porto, 2 de novembro de 1850. E eu Antonio Joaquim Teixeira Caneca, subscrevi, e assignel.
 - » Antonio Joaquin Trixeira Canrca. »
- (2) « Anno de mascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1793, aos nave dies do mes de maio, n'esta capital de Moçambique, na igreja



da sé matriz, sendo presente o muito reverendo provisor vigario geral e juiz dos casamentos, Francisco Perreira de Souza commigo, o padro Luiz brancisco Rodrigues, escrivão do juizo e auditorio ecclesiastico, foram inquiridos os contrahentes Thomaz Antonio Gonzaga e Dona Julianna de Souza Mascarenhas perante o mesmo juiz : em fé do que 6-zeste termo eu ditto escrivão, que o escrevi

Depaimento do contrahente.

a No ditto dia mez e era supra appareceu o ditto Thomaz Antonio Gonzaga, a quem o ditto reverendo juiz fez prestar o juramento dos sanctos Evangelhos, em que pôz a sua mão direita, para debaixo d'elle dizer a verdade do que soubesse e lhe fosse perguntado.

» E sendo perguntado pelo seu nome, de quem era filho, terra, logares e freguezia, aonde tem residido, e por quanto tempo, edade, estado
e officio, que tem; si tem feito voto de religião ou castidade, ou si tem
algum impedimento para contrahir o matrimonio que pretende, reapondeu que se chamava Thomaz Antonio Gonzaga, filho legitimo do
desembargador João Bernardo Gonzaga e de sua mulher Dona Thomasia
Isabel Gonzaga ja fallecida, natural da cidade do Porto, baptisado na
freguezia de São Pedro do reino de Portugal; que tinha de edade quarenta e oito annos, que era solteiro, e nunca fora casado que residira





filha legitima de Alexandre Roberto Mascarenhas, e de sua mulher Dona Anna Maria, natural da freguezia da cabaceira grande, e n'ella haptisada: que tinha de edade dezanove annos, que era solteira, e nunca déra palavra de casamento a pessoa alguma, nem fizera voto de castidade ou religião, e nem tinha outro impedimento algum para contrahir o matrimonio que pretendia com Thomaz Antonio Gonzaga, á quem conhecia pelo ter visto de presente, e com quem queria ser casada de sua livre e espontanea vontade, e sem constrangimento de pessoa alguma; e mais não disse, e se assignou com o ditto reverendo juiz, e en ditto escrivão que o escrevi. Sousa. Signal † de Dona Julianna de Sousa Mascarenhas.

Certifico en escrivão abaixo assignado estavam os depoimentos dos contrahentes, o doutor Thomaz Antonio Gonzaga e dona Julianna de Sousa Mascarenhas conforme ao que elles depozeram, de que porto minha fé. Moçambique, 9 de maio de 1793.

» P. Luis Francisco Rodrigues. »

- (3) Certidão extrahida do livro das matriculas da universidade de Coimbra do anno lectivo de 1763, f. 201.
- (4) Dona Maria Joaquina Dorotheia Seixas Brandão, com quem o poeta se devia casar, quando foi preso e desterrado. Falleceu em 1854 na cidade do Ouro Preto.
 - (5) Claudio Manuel da Costa.
 - For pleasures past I do not grieve,
 Nor perils gathering near;
 My greatest grief is that I leave
 No thing, that claims a tear.

BYBON.

(7) Temos visto diversas traducções das Lyras de Gonzaga em linguas extrangeiras; entre ellas a de M. de Monglave, em francez, do senhor Ruscala em italiano, e de Iffland em allemão; infelizmente para estas traducções não passou a maviosidade original dos seus canticos.

. :

-



VIII.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO.

I.

Com o titulo de governador e capitão general, administrava o general Gomes Freire de Andrade as capitanias do Rio de Janeiro e do sul do Brazil, e as duas novas de Goyaz e de Matto-Grosso e Cuyabá, que, pela provisão de 9 de maio de 1748, haviam sido creadas, desmembrando-se para isso territorio da capitania de São Paulo, quando quasi ao acabar do anno de 1748 nasceu Ignacio José de Alvarenga Peixoto, na cidade do Rio de Janeiro, procedente de uma das melhores familias da terra.

Encetou os seus estudos no collegio dos Jesuitas, como quasi toda a mocidade sua contemporanea; tomou no Rio de Janeiro o gráu de mestre em artes, que davam elles aos seus alumnos examinados e approvados em todos os ramos que constituem actualmente os estudos secundarios ou preparatorios da instrucção superior: dirigiu-se depois para Coimbra, e cursou as aulas da faculdade de Canones.

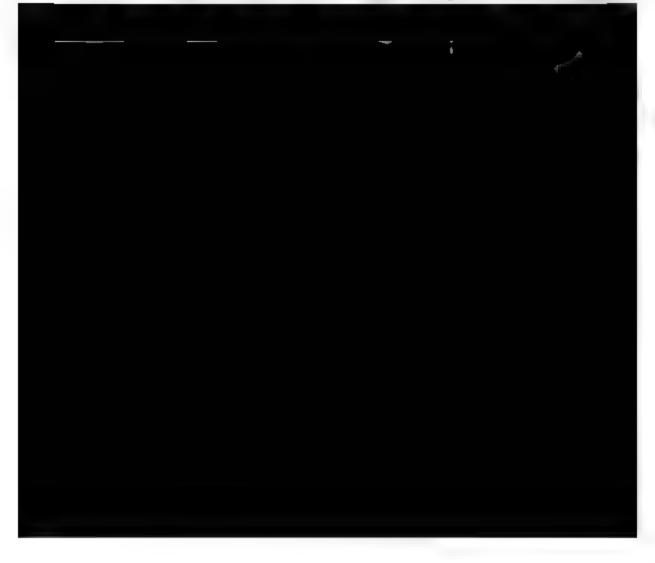
Foi seu amigo e protector um jesuita celebre, II.

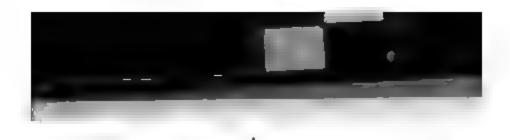


МŽ

o padre Manuel de Macedo, que, com a desnaturalisação da Companhia, se passára para a congregação de São Felipe Neri, de Lisboa; deve-lho Ignacio José de Alvarenga Peixoto lições uteis, coadjuvação leal, e sincera e particular amizade.

Bacharel formado em canones, obteve immediatamente, pelo empenho do seu protector e compatriota, que o marquez de Pombal, que então governava o reino, o despachasse para o logar de
juiz de fora de Cintra, aonde servio pelo espaço de
tres annos, conforme era a lei e o estylo de então
para o predicado da magistratura : desejando regressar para a sua patria, aonde deixára familia,
parentes e amigos, que tanto afeiçoava, receben
do mesmo marquez a nomeação de ouvidor para a
comarca do Rio das Mortes, na capitania de Minas





IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PRIXOTO.

Peixoto; appreciou a sua bella traducção, e animon-o a desenvolver o seu talento em composições origináes e novas.

Pouco tempo porém demorou-se elle no Rio de Janeiro, apesar das boas graças do marquez de Lavradio, que foi de certo um dos melhores vice-reis do Brazil tanto pela protecção que dava ás lettras, ás artes, e á agricultura e commercio, tratando de todos os objectos que podiam augmentar o desenvolvimento e riqueza do paiz, como pelos serviços que prestou, nas obras de fortificação, que mandou executar para defensa e segurança do porto.

Preferio Alvarenga Peixoto seguir para sua comarca; foi lá magistrado integro e illustrado; a justiça não tinha para elle duas faces; não se prestava a lei a diversas interpretações; ao pobre, ao rico, ao poderoso, e ao infeliz encarcerado, ouvia, e deferia com egual rectidão, e nem para com um mais do que para com outro prescendia do rigor da legislação; nos momentos em que repoisava de suas obrigações, entregava-se á poesia, e passava alegremente os dias da existencia: é a poesia um balsamo consolador, que doira a vida, mitiga as dôres, e rodeia o pensamento de um sem-numero de illusões, que o arrancam da realidade : de São João d'ElRei enviava constantemente ao seu amigo, marquez do Lavradio, composições poeticas, e até um drama em verso, original, e muito gabado pelos litteratos da epocha, com o titulo de Eneas

no Lacio, o qual foi desgraçadamente perdido.

Teve Minas encantos para Alvarenga Peixoto; findou o seu tempo de ouvidor da comarca, renunciou á carreira da magistratura, e conservou-se em São João d'ElRei : casou-se por fim, e se dedicou todo á paz dos prazeres domesticos, retirando-se para uma fazenda, e lavras que lhe couberam em dote, e occupando-se exclusivamente com os trabalhos da mineração.

Valeram-lhe a sua reputação e as suas riquezas o posto de coronel de cavalleria de milicias da campanha do Rio Verde, e como lhe não roubava este emprego o tempo dos seus affazeres particulares, aceitou-o, e exerceu-o dignamente. Entretinha relações com os homens notaveis da capitania, e era conhecido e respeitado o seu nome por toda a parte.



IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO.

Maciel, Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Domingos Vidal Barboza, e o tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, combináram separar a capitania de Minas do governo portuguez, formar d'ella uma republica independente, e proclamar a liberdade, não duvidou acquiescer aos seus intentos, ligados como estavam todos pelos laços da mais estreita amizade; tornouse assim um dos seus principáes chefes, e participou de todos os planos para levar a effeito a revolução premeditada.

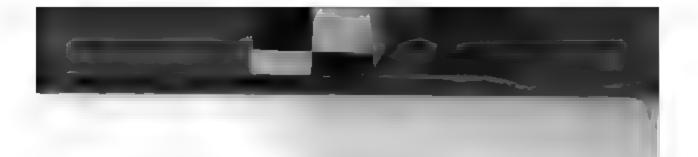
Quando preso com os seus amigos, primeiramente recolhido á cadeia de Villa-Rica, e logo depois enviado para o Rio de Janeiro, ninguem mais do que elle devia lamentar o seu destino fatal, e as grandes perdas que soffrêra.

Era excellente consorte, pai carinhoso; e abandonava esposa e quatro filbinhos, innocentes todos, e na mais tenra edade; e de seus braços queridos se via arrebatar para respirar o habito empestado dos carceres, e para povoar, com os malfeitores e assassinos, o malfadado logar, receptaculo dos crimes.

Assim se exprimio a seu respeito o accordam da Relação em alçada de 18 de abril de 1792:

« Mostra-se quanto ao réo Ignacio José de Alvarenga Peixoto, coronel do 1º regimento auxiliar da campanha do Rio Verde, ser um dos chefes da conjuração, assistente em todos os conventiculos que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, nos

٦



quáes insistia que se cortasse a cabeça do governador de Minas, e se encarregou de apromptar para o levante gente da campanha do Rio Verde, como consta da devassa de Minas, e confessa o réo a fl. 10 do appenso nº 4, que quando em um dos conventiculos se lhe encarregou que apromptasse gente da campanha, elle recommendava aos mais socios fossem bons cavalleiros. Mostra-se mais que tendo o réo conferido com o réo Claudio Manuel da Costa sobre a forma da bandeira e armas que devia ter a nova republica, expoz seu voto em um conventiculo, dizendo que devia ser um genio quebrando as cadeias, e a lettra libertas quæ sero tamen, como consta do appenso nº 1º, e o confessa o réo a fl. 11 do appenso nº 4º, dizendo que elle e todos os que se achavam presentes acháram a lettra muito

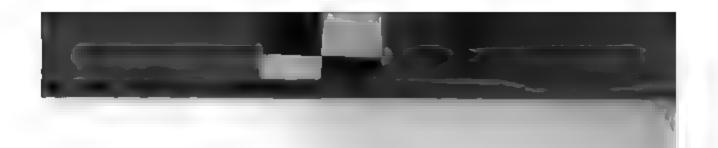


em posto alto no logar mais publico da villa de São João d'ElRei, até que o tempo a consuma; declaram a este réo infame, e infames seus filhos e netos, e os seus bens por confiscados para o fisco e camara real.»

Demorou-lhe felizmente ainda o termo da vida o segundo accordam de 2 de maio de 1792, commutando-lhe a pena de morte pela de degredo perpetuo para o presidio de Ambáca, nos sertões de Angola.

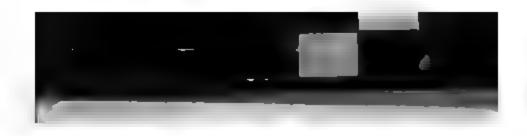
Tinha então Ignacio José de Alvarenga Peixoto quarenta e quatro annos de edade: e era-lhe preciso deixar em abandono a esposa e a prole innocente, e curvados sob o peso de infames, pelo accordam fatal que se devia executar! De que lhe servira salvar a vida, si perde-la-ia tanto no cadafalso, como nos torridos areáes e nas selvas pestilentas para onde o remettiam, e para onde não podia levar nem mulher, e nem os miseros e innocentes filhos! — Melhor fôra para elle morrer, como morreu Joaquim José da Silva Xavier!

Recebeu-o o presidio de Ambáca, não o mesmo Ignacio José de Alvarenga Peixoto, na força varonil, de presença alegre, de rosto sereno e bello, de othos vivos e perspicazes; mas um velho carregado de cas, curvado de dôres e soffrimentos, e mais proprio do sepuichro do que da vida; como a Ludovico Sforza de Milão, a Maria Antonietta, rainha de França, e a Guarino de Verona, em uma só



noite, n'aquella que se seguiu ao dia da sentença cruel, mudáram-se-lhe os cabellos de côr, e de castanhos, que eram, tornáram-se brancos repentinamente; metamorphoseiáram as grandes dôres o seu semblante, cabellos, e intelligencia; e não de susto, que animoso era elle e tudo declarou perante os seus juizes, sem declinar a responsabilidade dos seus actos; mas do sentimento forte, profundo e intimo, que lhe acabrunhou corpo, alma e entendimento!

E não bastava ainda o seu misero estado no presidio; apesar de lançado nos sertões agrestes, e nos desertos immensuraveis, temeu-se ainda d'elle o governador de Angola, e as dôres que já soffria, e as perseguições, de que foi rodeiado de novo, lhe foram desatando os laços da existencia, quebrando-



IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PRIXOTO.

Antonio Gonzaga; mas nas suas poesias ligeiras, nos seus sonetos, e nas suas odes ressumbra o estro modesto de uma ditosa e candida imaginação; revelam-se as qualidades de um vate de vida tranquilla, e de inspirações melodiosas; apparece uma rima facil, corrente e sonora; não se assemelha com o saudoso Bernardim Ribeiro, e menos com o doce Diogo Bernardes; mas tem parecenças de irmão com Antonio Ferreira, e com Antonio Ribeiro dos Santos.

Entre as suas odes primam a que dirigiu á rainha Dona Maria I, a que dedicou ao marquez de Pombal, e a que compoz em honra e gloria da universidade de Coimbra, aonde bebêra instrucção, e á qual pagava o seu tributo de agradecimento: contém qualquer d'ellas linguagem pura, corrente e facil; metrificação feliz e perfeita; pensamentos dignos e clevados, e ideias copiosas de inspiração verdadeira e poetica.

Assim se dirige o poeta a Dona Maria I:

Invisiveis vapores

Da baixa terra, contra os céos erguidos,

Não offuscam do sol os resplendores.

Os padrúes erigidos

A fé real nos peitos lusitanos

São do primeiro Affonso conhecidos.

A nós, Americanos,

Toca levar, pela razão mais justa,

Do throno a fé aos derradeiros annos.

Fidelissima augusta,



Descritranhe raquissimo thesoure Do cofre americano a mão robusta; Si o Tejo ao Minho, e ao Douro, Lhe aponta um rei em bronze eternisado, Mostre-lhe a filha etermada em ouro. Do throno os resplendores Façam a nossa gloria, e vestiremos Barbaras pennas de vistosas córes. Para nos so queremos Os pobres dons da sunples natureza, E seja vosso tudo quanto temos. Sirva á real grandesa A prata, o oiro, a fina pedraria, Que esconde d'estas serras a riqueza Ah! chegue o feliz dia, Em que do novo mundo a parte inteira Acclaine o nome augusto de Maria. Real! real primeira! Só esta voz na America se escute;

Veja-se tremular sua bandoira 1

Roman a instavel sulco

Sem ser sentido do invejoso Tejo;

Aos pés augustos voa,

Chora, e faze que a mãe compadecida

Dos saudosos filhos se condoa.

O principe sagrado

Do pão de pedra, que domina a barra,

Em colossal estatua levantado;

Veja a triforme garra

Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,

Que o irritado sudoeste esbarra:

E veja glorioso

Vastissima extensão de immensos mares,

Que cerca o seu imperio magestoso;

Honrando nos altares

A mão, que o faz ver de tanta altura

Ambos os mundos seus, ambos os mares:

E a fé mais sancta e pura

Conservada por vós firme e segura!

Sombra illustre e famosa

Do grande fundador do luso imperio,

Espalhada nos barbaros desertos,

Eterna paz eternamente goza.

N'um e n'outro hemispherio

Tu vês os teus augustos descendentes

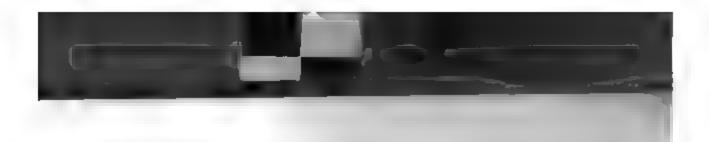
Dar as leis pela voz do ministerio:

E os povos differentes, Que é impossivel quasi enumera-los, Que vem a tributar-lhes obedientes;

A gloria de manda-los Pede ao neto glorioso teu; Que adoram rei para servir vassallos.

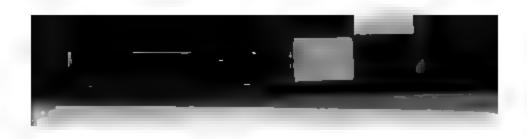
O Indio o pé bateu, Tremeu a terra, ouvi trovões, vi raios, E de repente desappareceu.

De certo que encerra esta ode algumas bellezas, quer de dicção, quer de pensamento, e que o bom



gosto deve apreciar e guardar a memoria. Não lhe é inferior a outra ode que Ignacio José de Alvarenga Peixoto dirigiu ao marquez de Pombal : depois de pintar a fama dos guerreiros que avassallam os povos, incendiam as cidades, acabam com as nações poderosas, e por onde passam deixam so estragos, destroços, sangue e cadaveres, exclama o poeta para o marquez de Pombal :

Por entre as verdes parras;
Defendidas por ti de estranhas garras;
Os trigos ondeiando
Nas fecundas scaras;
Os incensos fumando sobre as aras;
A nascente cidade;
Mostram a verdadeira heroicidade.
Os altos cedros, os copados pinhos,
Vão romper pelo mar novos caminhos.
E em vez de sustos, mortes e desmaios,
Damnos da natureza,



IGNACIO JOSÈ DE ALVARENGA PEIXOTO.

Forem por mãos sacrilegas frustrades?

Mas vives tu, que para o bem do mundo
Sobre tudo vigias,

Cansando o teu espirito profundo
As noites e os dias:

Ah! quantas vêzes, sem descanso uma hora,

Vês recostar-se o sol, erguer-se a aurora,

Em quanto volves, com cansado estudo,

As leis, e a guerra, e o negocio, e tudo!

Vale mais do que um reino um tal vassallo!

Graças ao grande rei que soube acha-lo!

Escreveu tambem Alvarenga Peixoto varias poesias eroticas que são exquisitas e delicadas. As odes que analysámos bastariam para guardar o seu nome e firmar sua reputação de poeta; mas outros generos cultivou com egual esmero, cuidado e felicidade: não obteve unicamente fructos saborosos de arvores copadas; colheu tambem nos jardins ramos de flores perfumadas e multicôres. Quanto é lindo o retrato que pintou de Anarda, que chama sua adorada l Quasi que tem as graças da Marilia de Gonzaga, os olhos da Laura de Petrarca, os ademans gentis da Angelica de Ariosto, e o porte esbelto e faceiro da Nice de Metastasio : quasi que tem o colorido de Raphael d'Urbino, o sentimentalismo de Corregio, e alguma cousa de candido e puro, como as composições de Murillo e de Paulo Veronezo, ou de alegre e doce como a Psyché de Canova.

> A minha Anerda You retratar,



Si a tanto a arte
Puder chegar.
Traset-me, Amores,
Quanto vos peço,
Tudo careço,
Para a pintar.

Nos longos fios

Dos seus cabellos

Ternos disvelos

Vão-se enredar,

'Trazet-me, Amores,

Das minas d'oiro

Rico thesouro

Para o pintar.

No rosto a edade Da primavera, Na sua caphera, Se vé brilhar. Trazci-me, Amores,



IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PRIXOTO. 90

Trazei-me, Amores, Justos niveis, Subtis pinceis. Para a pintar.

A um doce aceno
Settas a molhos
Dos brandos olhos
Se véem voar.
Trazei-me, Amores,
Do sol os raice,
Fieis ensaice,

Para os piater.

Nas lisas faces
Se vé a aurora,
Quando colora
A terra e o mar.
Trazei-me, Amores,
As mais missores
Pudicas rosas
Para as pintar.

Os meigos risos
Com graças novas,
Nas lindas covas,
Vão-se ajuntar.
Trazei-me, Amores,
Os pinceis leves,
As sombras breves,
Para os pintar.

Vagos desejos

Da boca as brazas

As frageis azas

Deixam queimar.

Trazei-me, Ameres,

Coráes subidos,

Rubins polidos

Para a pintar.



Entre alvos dentes

Postos em ala Suave fala Perfuma o ar. Trazel-me, Amores, Nas conchas claras Perolas raras Para os pintar.

O collo, Atlante,
De táes assembres
Aireses hombres
Corre a formar
Trazei-me, Ameres,
Jaspe a mães cheias,
De finas veias
Para o piatar.

Do peito as ondas São tempestades, Onde as vontades Vão naufragar.

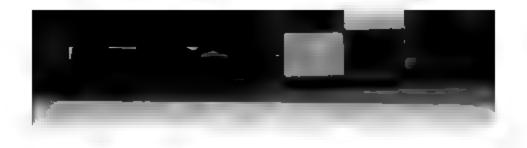
Translate Amoreo



IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PBIXOTO. 97

Trazei-me, Amores, Anclas, que fervem, Só ellas servem Para a pintar.

Diversas outras poesias compoz tambem Ignacio José de Alvarenga Peixoto, tão gentis e enamoradas, tão bellas e cheias de ternura como a que extensamente citamos; é o seu talento modesto, delicado, limpido e faceiro; revelam os seus versos o fundo de sua alma candida, pura e amorosa; são os seus sentimentos de homem de bem, e as suas composições de homem de engenho.



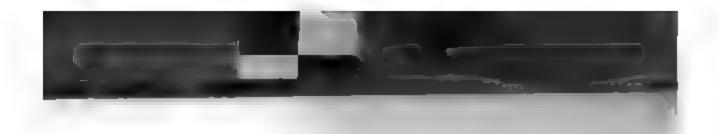
IX.

D. JOSÉ JOAQUIM DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO.

I.

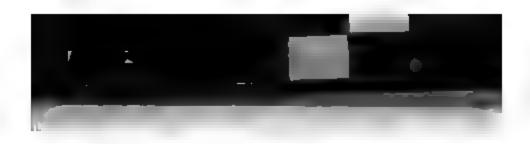
Possuiam Sebastião da Cunha Rangel Coutinho e sua mulher Dona Isabel Sebastianna Rosa de Moraes, oriunda da importante familia dos Pessanhas, grandes engenhos de assucar na parochia de Santa Ritta, do termo de Campos dos Goytacases, e provincia do Rio de Janeiro. Foi o primogenito dos seus filhos José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, nascido a 8 de setembro de 1742.

Pelo foral e carta d'ElRei Dom João III fora Pedro de Góes o donatario da capitania da Parahyba, incluida entre o rio Itabapuanha e o cabo de São Thomé. Era povoada ella por uma nação de indigenas audaz, feroz, guerreira e de costumes severos, denominada em sua lingua Goytacazes, e pelos Portuguezes Coroados. Estabeleceu-se o donatario nas margens do rio Parahyba, no correr do anno de 4540; encontrou porém tão forte resistencia dos indigenas, que teve de se retirar em 4547, depois de grandes e aturadas luctas, e immensos prejuizos.



Com novos e dobrados reforços voltou em 1533 para a sua capitania; pela segunda vêz foi derrotado e vencido; salvou-se no Espírito Santo, capitania contigua, pertencente a Vasco Fernandes Coutinho, a qual n'esse tempo bastante florecia.

Irritados os Goytacazes com a hospitalidade que os seus inimigos receberam dos Portuguezes do Espirito Santo, ousáram tomar a offensiva e atacar a estes nos seus proprios estabelecimentos; e de feito destruiram e incendiaram as povoações europeas, mataram-lhes o seu cabo de guerra Dom Jorge de Menezes e muitos soldados, e leváram-nos de fugida para além das margens do rio Cricaré, appellidado presentemente rio de São Matheos. Chegando porém em 1559 soccorros do governador Mem de Sá foram os Goytacazes derrotados, e tiveram de regressar para os seus escondrijos.



D. J. J. DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO. 404

a villa, tendo-lhe a fertilidade das terras e a excellencia dos climas attrabido grande copia de colonos.

Com a falta de descendencia de Gil de Góes, volveu a capitania para a corôa, e teve d'ella então merce o primeiro visconde d'Asseca, Martim Correia de Sá, filho de Salvador Correia de Sá e Benavides. Teve por vêzes o povo que sustentar luctas contra os agentes e procuradores dos novos donatarios, que os opprimiam com tributos pesados sobre os generos de lavoura, os quáes consistiam em algodões, assucares, aguardentes e cereáes; por vêzes tambem entre os antigos gentios e os novos habitadores se traváram sanguinarias e demoradas pelejas, que felizmente terminavam ou com o afugentar dos indigenas para o interior das terras, ou com a sua reducção á vida civil e religiosa, catechisados pelos jesuitas, e aldeiados em São Pedro de Cabo Frio, Santo Antonio de Padua, e São Fidelis de Campos.

Elevado a comarca em 1744 foi annexado á capitania do Espirito Santo o districto de Campos; desapropriou a coroa portugueza em 1752 aquelles donatarios, em attenção aos multiplicados queixumes e sublevações continuadas que contra elles commettiam os povos. Passou o territorio de Campos a fazer parte em 1829 da provincia do Rio de Janeiro, á qual actualmente se acha encorporado ainda.

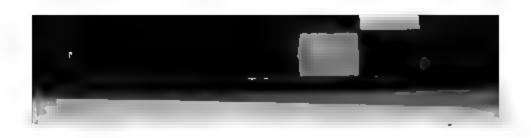
No anno de 1748, em que teve logar um dos mais serios movimentos populares causados pelas



vexações praticadas pelos procuradores dos donatarios, não tomando parte em favor do povo, e nem podendo approvar as medidas dos donatarios, aproveitou-se Sebastião da Cunha Rangel Coutinho daquella occurrencia, e passou-se com a sua familia para a cidade do Rio de Janeiro.

Foi portanto no Rio de Janeiro que seguio José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, e com muito adiantamento e proveito os seus estudos primarios e secundarios; mostrou aptidão, perspicacia e engenho elevado. Chegando á edade de vinte annos, o mandou seu par viajar pelas capitanias de Minas Geráes e São Paulo, na intenção de melhora-lo de saude, por que era de compleição fragil e morbida.

Falleceu Sebastião da Cunha Rangel Coutinho em 1768; esta perda, e a de sua mão que a antecedêra,



D. J. J. DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO. 403 Sebastião da Cunha de Azeredo Coutinho o morgadio dos Azeredos, que existia na sua familia.

Tão vasta nomeada de talentos adquiriu, e reputação de vida tão exemplar, que, apenas formado bacharel em direito canonico no anno de 4775, foi apresentado na cadeira de arcediago da cathedral do Rio de Janeiro, e, mezes logo depois, no momento em que estava a seguir para o seu destino, recebeu despacho para o logar de deputado do Santo Officio de Lisboa.

Para exercer este ultimo emprego convinha ou continuar na universidade o tempo preciso ainda para doutorar-se, ou obter uma dispensa do governo.

Preferio o primeiro meio; voltou para a universidade, passou ainda um anno nas suas aulas, entregando-se tambem ás sciencias physicas e naturáes, e robustecendo assim o seu espirito com estudos mais geráes e profundos.

Apenas recebeu o diploma de doutor, entrou no exercicio do seu novo cargo, e deu n'elle provas constantes de aptidão, zelo e moderação, que lhe conseguiram um geral conceito.

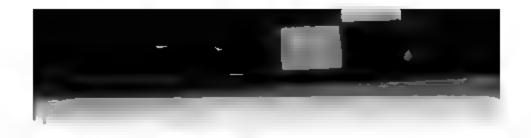
Applicando tambem o seu tempo á leitura das sciencias moráes, economicas e políticas, começou á escrever uma serie de memorias acerca das mais arduas difficeis e espinhosas questões a fim de esclarecer os seus compatriotas em ramo tão importante dos conhecimentos humanos; e como teve entrada na Academia real das Sciencias de Lisboa,



na qualidade de socio effectivo, dedicava-lhe essas memorias, e movida a Academia, como era, pelo zelo das sciencias e desejo de propagação das luzes, ordenava a sua publicação e as espalhava por entre o povo.

Ao duque de Lafoes devia a Academia a sua fundação em 1779. A Academia da Historia portugueza creada em 1720 por ElRei Dom João V nem já vestigios apresentava da sua existencia, quando o duque de Lafões julgou conveniente chamar os sabios portuguezes a trabalhar no progresso das sciencias e illustração do paiz, reunindo-se n'aquella associação, cujos estatutos conseguira fazer approvar pelo governo da rainha Dona Maria I por aviso de 24 de dezembro.

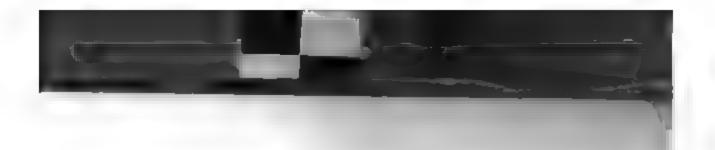
Dividia-se em tres classes a Academia, sciencias naturáes, sciencias exactas e litteratura, contendo



D. J. J. DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO. 405

Simões Malgiochi, o bispo de Coimbra, João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, José Correia da Serra, Antonio Caetano do Amaral, Paschoal José de Mello Freire, Francisco de Mello Franco, Alexandre Rodrigues Ferreira, João Pedro Ribeiro, João de Souza, João Antonio dalla Bella, Francisco de Borja Garção Stockler, Francisco Vilella Barbosa, Francisco Dias Gomes, José Bonifacio de Andrada e Silva, Frei Gaspar da Madre de Deus, Antonio Nola, e muitos outros sabios ali se reuniram : publicou a Academia obras antigas importantes, que jaziam no esquecimento, e memorias de valor subido, já sobre a historia, a chronologia e litteratura, já sobre as sciencias physicas, politicas, naturáes e mathematicas.

Elegeu em 1794 a José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho bispo de Pernambuco o principe Dom João, regente de Portugal. Partiu para a sua diocese, accrescentando a este logar as nomeações de director geral dos estudos, de governador interino da capitania de Pernambuco, e de presidente da junta da fazenda. Distinguio-se não só como prelado de saber e virtudes, senão tambem como governador habil e zeloso: encetou muitas obras publicas, em prol do engrandecimento material da capitania, quer para a segurança das suas costas contra inimigos externos, quer para communicação do interior, a fim de dar facilidade á conducção dos produc-



106 OS VARÔBS ILLESTRES DO BRAZIL.

tos da lavoura : instituio um seminario de estudos secundarios e ecclesiasticos no antigo collegio dos Jesuitas, cujo edificio obteve a custo da rainha para esse fim : abrio n'elle varias aulas das linguas franceza, latina e grega, philosophia, rhetorica, poetica, geographia, historia universal, natural, sagrada, ecclesiastica, chorographia, desenho, mathematicus puras, e theologia moral e dogmatica; reorganisou a instrucção primaria, tornando-a mais uniforme e methodica, e sujeita a disciplina e direcção superior : creou um corpo de artilharía para a defesa da praça; melhorou as finanças da capitania, reduzindo as despesas publicas e fiscalizando a receita, que se não cobrava devidamente pelo deleixo e incuria : fundou um recolhimento de meninas pobres, aproveitando um legado que instituira e deixára o



D. J. J. DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO. 407

Todavia da opposição que encontrou o bispo, e que entretanto conseguira vencer, lhe vieram desgostos intimos, que lhe déram desejos de trocar o bispado de Pernambuco por outra qualquer diocese; sabendo-o o principe regente, aproveitou a vaga que em 1802 deixára por desistencia o bispo de Miranda e Bragança; e chamando a Lisboa Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, por uma carta muito honrosa do seu proprio punho, elegeu-o para aquella diocese, que era muito mais importante e rendosa.

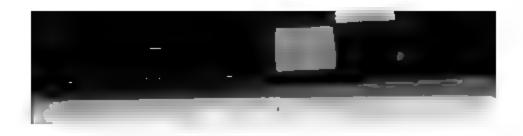
Não pode infelizmente tomar posse d'ella, por que reclamou o bispo de Bragança e Miranda a sua desistencia.

Não quiz porém voltar Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho para Pernambuco; conservouse em Lisboa, até que vagando o bispado de Elvas, lhe foi no anno de 1806 conferida esta mitra pelo principe regente, e estabeleceu-se na sua nova diocese.

Estava em Elvas quando foi em 1807 invadido Portugal pelos exercitos francezes, commandados pelo general Junot. Não desanimou Dom José Joaquim de Azeredo Coutinho como o fizeram outros Portuguezes, e nem uniu-se aos inimigos do seu paiz; foi um dos poucos bispos que nas suas dioceses não recommendáram ás suas ovelhas obediencia ao general francez. Jamais abandonou o bispo d'Elvas os seus compatriotas; animou a reac-



ção do paiz contra os seus invasores, e concorreu para que os Portuguezes sacudissem corajosamente o jugo estranho. Quer durante a primeira invasão franceza de 1807, quer durante a segunda e a terceira invasões, prestou ao seu paiz serviços os mais importantes. Salvou da morte o tenente-coronel da artilharia Domingos Franco, condemnado pelo general francez Loison, conseguindo dar-lhe fuga; livrou Elvas do cerco que lhe preparou Dom Jose Galuzzo, poupando-lhe os horrores que soffreram Evora, Leiria e Beja; e no meio dessa lucta infausta, com as suas pastoráes eloquentes abrasava os corações no amor e defesa da patria, e applicando as suas virtudes evangelicas, restitua á religião o seucaracter e a sua innocencia. Que exhortações piedosas e patrioticas echoavam os seus labios pelas abo-



D. J. J. DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO. 409

Maria I. Logo que teve noticia de haver vagado a diocese de Beja, uma das mais pingues e rendosas de Portugal, apreciando o novo monarcha as virtudes, serviços e illustração de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, despachou-o para este bispado, superior em tudo áquelle de cuja posse estava o digno prelado. Recusou porém elle aceitar a nomeação, realisada por carta de 22 de janeiro de 1818. Era-lhe cara a sua diocese, merecia-lhe estima o seu povo, e não quiz abandonar o bispo d'Elvas nem o seu povo, e nem a sua diocese.

Nomeou-o então ElRei Dom João VI, em 13 de maio de 1818, para os cargos de inquisidor geral do reino, e presidente da junta do exame do estado actual e melhoramento temporal das ordens religiosas.

A mesma superior intelligencia, o mesmo zelo dedicado e as mesmas virtudes apostolicas, empregou Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho n'estes novos empregos que lhe confiára ElRei. A mesma respeitosa reputação, e a mesma universal estima, recebeu e conservou durante todo o tempo em que nelles servira.

Manifestou-se em Portugal a tendencia do seculo; si bem que recebe dos seus antecessores factos, idéas e influencia, tem todavia cada uma epocha as suas tendencias especiáes e necessidades proprias. São em todos os paizes democraticas as tendencias do seculo XIX; é mister harmonisar e conciliar estas

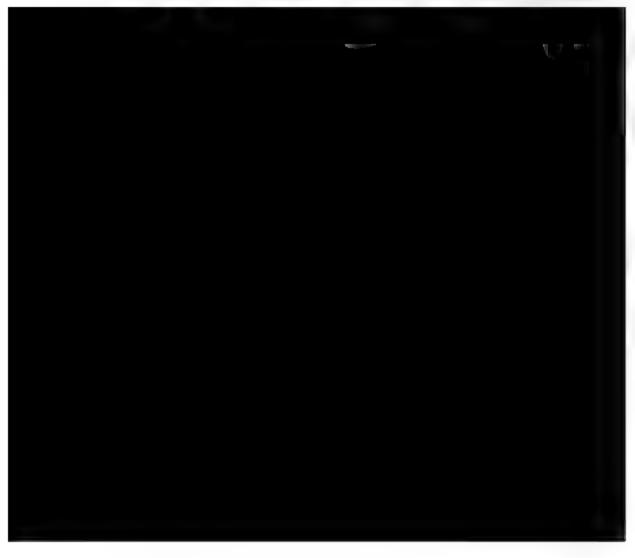


tendencias com as boas tradições do passado, e conservar umas com o auxilio das outras. Parece ser o
systema representativo o eclectismo admiravel,
que, ao passo que satisfaz as aspirações do seculo,
retem e aproveita o que ha de bom nas velhas instituições.

Appareçen em Portugal a repercussão d'estas novas ideias que começavam á grassar no mundo. Teve lugar em 1820 a proclamação do regimen constitucional.

Si assustada na primeira invasão dos Franceses teve de retirar-se de Lisboa a côrte portugueza, e de recolher-se ao Rio de Janeiro, não lhe valeu a distancia para salvar-se da obrigação de aceitar a nova ordem de cousas que principiava em Portugal.

Aceiton esta situação ElRei Dom João VI, e no





D. J. J. DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO. 444 Coutinho o primeiro deputado que elegeu a provincia do Rio de Janeiro para as côrtes portuguezas.

Tomou assento no dia 40 de setembro de 1821. Não lhe era dado porém conseguir triumphos e nemgloria na carreira nova que se lhe abria. Desappareceu-lhe repentinamente a vida no dia 12 de setembro de 1824.

Foi sepultado no capitulo dos Padres de São Domingos de Lisboa.

II.

São immensas as memorias e escriptos de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho; foram publicados quasi todos pela Academia real de sciencias de Lisboa: referem-se algumas memorias juridicas a questões que se suscitáram ácerca da competencia das dignidades, egrejas e beneficios dos bispados ultramarinos, e do direito do padroado da corôa e do padroado da ordem militar de Christo; e são relativas varias outras ás obrigações espirituáes dos parochos, e muitos louvores receberam do S. papa Pio VII: publicou tambem differentes pastoráes sobre assumptos diversos, e especialmente a respeito da defesa do rei e da patria, que incumbia a todos os Portuguezes nas epochas calamitosas da invasão franceza.

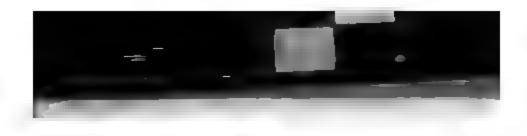
Escreveu ainda, sob o titulo de Informação (1), um trabalho excellente, que comprehende os mais per-



feitos esclarecimentos do estado político, commercial, financerro e litterario da capitania de Pernambuco, que administrára por tantos annos, quer no posto de governador interino, quer no exercicio do bispado; e sob diversos títulos 2, varios trabalhos de não menor valor, historiando os differentes methodos do ensino primario e secundario, e estabelecendo as bases de um systema mais applicavel, desenvolvido e completo, do que os systemas de instrucção usados na sua epocha, os quáes mandara cumprir no seminario episcopal de Nossa Senhora da Graça de Pernambuco e nas escholas da capitania.

São quatro porém as producções que lhe déram a maior nomeada.

E a primeira uma memoria relativa ao fabrico, commercio e preço de assucar (3). É um trabalho



D. J. J. DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO. 448

em 1786 da importante obra de Adao Smith, intitulada Riqueza das nações, a qual se pode considerar
como a creadora das sciencias economicas. Dom José
Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho publicon
a memoria de que fallamos no intuito louvavel de
esclarecer o governo portuguez, que tendia a monopolisar o commercio do assucar colonial, estabelecendo preço certo, ou taxa de venda, e prohibindo
o livre transporte d'elle; realisáram-se os seus intentos generosos, porque attendeu-o o governo, revogando as deliberações perniciosas, que havia mandado que se cumprissem nos seus dominios. Considerou-o ainda o governo em relação á questão do
sal, fazendo abolir o monopolio, contra o qual
clamára tambem o bispo d'Elvas.

Foi a sua segunda producção importante um discurso recitado na Academia real de sciencias de Lisboa (4), pintando o estado das minas do Brazil. Previo o auctor os males immensos que do empregar-se exclusivamente á mineração as forças do paiz, e mais ainda do pessimo systema n'ella admittido, deviam resultar para o Brazil. Era para elle a mineração uma fonte de riqueza publica; não constituia porém toda a riqueza nacional; firmava a agricultura mais os alicerces de futuros engrandecimentos, e para a agricultura convinha mais vantajosamente attrahir as forças do paiz. Este discurso publicado no anno de 1804 no Investigador portuguez de Londres, provocou em Inglaterra mui-

IJ.

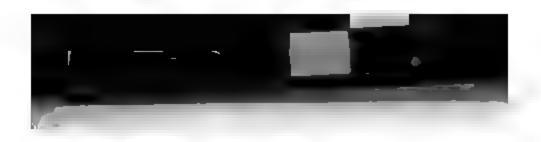


441 OS VARŌBS ILLESTRES DO BRAZIL.

tos elogios da parte dos homens mais entendidos em assumptos semelhantes.

Obteve duas edições a sua terceira producção, e foi traduzida nas linguas ingleza e franceza. É a que trata do commercio de escravos e sua abolição. Tomando assento no parlamento britannico, começou Wilberforce a prégar a necessidade da abolição da escravatura; estas doutrinas novas, que na Grã-Bretanha conseguiram converter-se em lei, passáram os mares e perturbáram de sobra todos os paizes que, possuindo estabelecimentos coloniáes, estavam no uso de agricultura-los por meio de braços escravos.

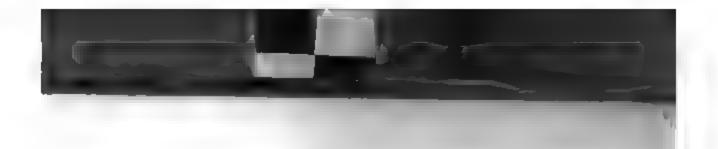
Ligavam-se na Grā-Bretanha a philosophia e a politica para acabar com o trafico cruel de escravos; possuia a Grā-Bretanha uma marinha que crescia



D. I. J. DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO. 148 marinhas estranhas. Sob as vestes da philanthropia encobriam-se na Grã-Bretanha pretenções exclusivas e ameaçadoras de todas as demais nações européas.

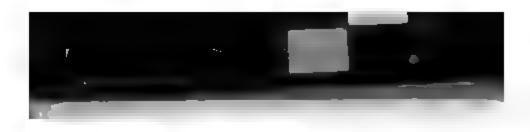
Escreveu Dom Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho a sua memoria acerca da abolição do trafico em 1791 (5). Discriminou perfeitamente a questão religiosa e moral da questão política. Era aquella susceptivel ainda de duvidas e opiniões diversas, visto como tinha existido a escravatura desde o principio do mundo, e atravêz de todas as religiões. Equivaleria então esta para o reino de Portugal á destruição e ruina total de todo o seu florescente estado de riqueza presente e futura. Onde encontraria os necessarios braços para não substituir sómente nas suas colonias os braços escravos que existiam, como para augmentar ainda a sua lavoura, e fazê-la progredir, com a applicação de forças ascendentes? Decidida como devia ser a questão religiosa e moral segundo as theorias dos inimigos do trafico, continha todavia a questão politica elementos tão graves, que tornava-se unica e vital para as nações, que não quizessem suicidar-se n'aquella epocha.

Escripta em estylo severo e nobre, e caracterisada por uma logica cerrada e conhecimentos vastos e profundos, causou esta memoria impressão bastante na Europa, e mereceu ser traduzida e publicada em Londres e Pariz: lida na actualidade agrada ainda e convence mesmo (6) em relação a aquella epocha que



muito differia da actual, e não via partir como de quasi todas as nações da Europa parte hoje uma emigração de homens e trabalhadores livres, que exclue os escravos, amelhora e aperfeiçõa a agricultura, e dá á industria fructos mais vanta-josos!

A obra porém prima de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, aquella que revela com mais clareza os talentos subidos que o ornavam, e a instrucção regular e solida que elle possuia, é o Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias (7), que não só mereceu uma traducção franceza (8), senão também que se occupassem com ella os homens mais eminentes e illustrados da nação portuguesa, e as gazetas principáes e escriptos de quasi toda a Europa (9).



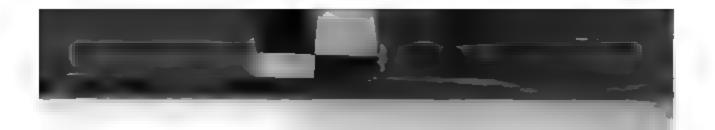
D. J. J. DA CUNHA DE AZBREDO COUTINHO. 447

tam-se as conveniencias que podem-se mutuamente conceder Portugal e as demais nações europeas.

É para o Brazil a primeira parte interessantissima. Descreve o auctor a sua historia na occasião do descobrimento de Pedro Alvares Cabral, a sua topographia e hydrographia, a fertilidade e riquezas do seu solo e dos seus mares, e a sua industria e população. É um dos quadros mais bem desenhados, já pelas ideas illustradas que n'elle se espalham, e já pelo estylo severo e ao mesmo tempo eloquente de que se acha revestido.

Ali, diz o auctor, § 3°, o Indio, aquelle homem barbaro e selvagem, sem agricultura nem industria, debaixo de um clima agradavel, e que o não incommoda, soberbo e altivo com a força e robustez do seu braço, sem mais vestidos do que aquelle que lhe deu a natureza, vive e dorme descansado, sem jamais se lembrar d'onde lhe ha de vir o sustento para o outro dia. O arco e a frécha é toda a sua riqueza, é toda a sua industria. Assim vivem milhares e milhares de homens sem trabalharem para comer, que parece nascerem só para gozar. »

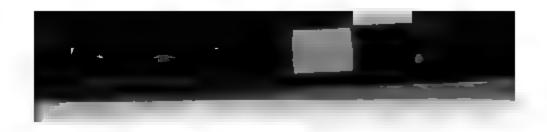
Passa depois a enumerar todos os productos do solo, e aquelles que fabrica a industria; manifestando espantosa erudição de tudo o que encerra o seu paiz, desde os reconditos sáes que guardam os rios Sangrador, Freixos Grandes e Pirapitanga, na estrada que segue para o Matto Grosso entre os rios Cuyabá e Paraguay, e que facilmente se pode-



riam refinar para o consumo dos povos do interior do Brazil, aonde com tanta difficuldade e elevação de preço chega o sal marinho, desde a propriedade de todas as arvores, e a descripção de todos os mineráes, até a especificação de todos os peixes dos rios e mares costeiros, com o que muito se poderia desenvolver um commercio extenso e duradouro.

« Sem a industria, continúa o auctor, os fructos da terra não terão valor; e si a agricultura é desprezada, acabam-se as fontes da industria e do commercio; d'este mar immenso, que anima e sustenta milhões e milhões de braços no meio da abundancia, sem a qual tudo cahe na languidez, no ocio, no vicio e na miseria.

» Um grande commercio pede uma grande nave-



D. J. J. DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO. 449

pelo transporte das producções e das manufacturas.

» Um povo que deixa fazer por outros umanavegação que elle poderia fazer, diminue outrotanto as suas forças reáes e relativas em favor das nações suas riváes. »

Estas ideas admiraveis desenvolve Dom José: Josquim da Cunha de Azeredo Coutinho, com argumentos e raciocinios bem deduzidos, e comexemplos da Gra-Bretanha.

Continúa. « A navegação em grande escala para um paiz que possue portos de mar é uma das suas principáes necessidades.

» A Inglaterra se tem feito formidavel a todas as nações da Europa, ainda as maiores do que ella duas vêzes mais. Toda esta grandeza é o fructo do acto da navegação passado no parlamento em 23 de setembro de 4660, ao qual os Inglezes ainda boje respeitam como seu palladio; elle é cheio de tanta sabedoria e de tanta utilidade para animar e augmentar a marinha e o commercio da navegação, que pode bem servir de regra para todas as nações maritimas. »

Manifestam as citações que acabamos de apresentar a intenção do auctor; para elle Portugal e o Brazil devem ter grandes marinhas mercantes, e animar muito a navegação, para o fim de augmentar o commercio e a agricultura, e preparar os elementos de seu poder e grandeza. Fortalece ainda estes principios estabelecendo a necessidade

de animar-se as pescarias, a fim de formar-se uma eschola de marinheiros, pois que foi sempre a pescaria o primeiro berço em que se tem criado a marinhagem.

« De pouco ou nada serviria ter rios navegaveis e bons portos, si se estivesse desprovido de marinheiros e de gentes do mar. O ser marinheiro é um officio, e um officio penoso de aprender; é necessario mocidade, força e robustez. Podem-se fazer recrutas de homens para soldados, mas não para marinheiros. Uma nação que não tem grandes pescarias não pode ter grande marinha, nem mesmo um grande commercio. »

Acredita o auctor que formam no Brazil as pescarias o meio mais proprio para civilisar os gentios que habitam junto ás margens dos grandes rios e dos



D. J. J. DA CUNHA DE AZERBDO COUTINHO. 424 movimento; é por esta parte que se deve fazer

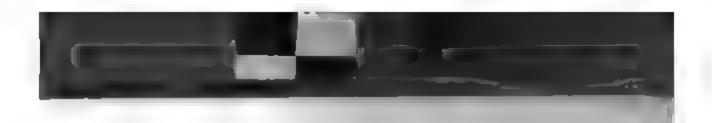
trabalhar a sua machina em beneficio commum

d'elle e de toda a sociedade. »

Cita a respeito opiniões de Lery, de Hans Stadt, Burlæus, Simão de Vasconcellos, Berredo, Rafael de Jesus, e de outros escriptores, e os costumes dos Goytacazes e Tamoyos, que tanto navegavam em enormes canoas pelos mares territoriáes do Rio de Janeiro. Acostumados os indigenas ás pescarias regulares, passarão com facilidade a servir nas marinhas mercantes e de guerra; combate com força e criterio o que dizem Montesquieu e os sectarios do systema dos climas, provando o quanto são valentes, energicos e animosos os indigenas do Brazil, segundo os testemunhos unisonos dos viajantes e escriptores.

Analysando os possessões portuguezas, e a natureza da sua producção, mostra como poderia levantar-se Portugal do estado de abatimento em que se acha prostrado, si um governo energico e illustrado tentasse abrir-lhe os vôos, promovendo e desenvolvendo os grandes elementos de grandeza que possúe ainda.

« Basta lançar os olhos (diz elle) sobre toda a riqueza dos fundos que Portugal possúe, e sobre os grandes principios do commercio, para se conhecer que Portugal pode fazer uma segunda revolução no commercio da Europa; talvêz mais feliz do que aquella que elle causou em outro tempo, pela



intelligencia e pelo atrevimento da sua navegação nas costas d'Africa e nos mares da India dobrando o cabo da Boa Esperança.

- » Para isso deve Portugal conhecer que quanto mais dever ás suas colonias, tanto será mais rico; e quanto mais credoras forem as colonias de Portugal, tanto lhe serão mais ligadas e mais dependentes.
- » Só teme quem tem que perder; quem mais tem que perder, mais teme : quem mais teme, mais obedece : é pois necessario que os interesses da metropole sejam ligados com as das colonias, e que estas sejam tratadas sem rivalidade. Quanto os vassallos são mais ricos, tanto o soberano é muito mais. »

Pelo que temos analysado, conhece-se a impor-



D. J. J. DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO. 423

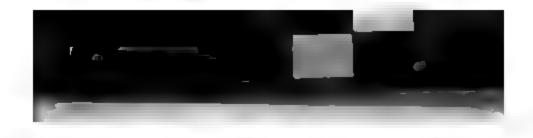
Ainda mesmo que se não aceitem na actualidade algumas das opiniões emittidas no Ensaio economico de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, valor bastante conserva esta obra, que é digna a todos os respeitos de ser lida, estudada e conservada nas livrarias dos litteratos e politicos.

Existem n'ella os elementos que asseguram duração a qualquer obra humana; erudição vasta, raciocinio forte, ideas elevadas, principios novos e luminosos, methodo claro, vistas patrioticas, assumpto da maior importancia, e não da sua epocha só, mastambem das epochas subsequentes, e um estylosevero, breve, agradavel e eloquente ao mesmotempo.



NOTAS.

- (1) Informação dada ao ministro d'estado dos negocias da fazenda Dom Rodrigo de Souza Continho Lisbon, 1808.
- (2) Estatutos do seminario episcopal de Nossa Senhora da Graça da cidade de Olinda. — Regulamentos de Instrucção primario -Varias pustoroes. Liebos, 1808.
 - (\$) Foi publicada em Lisboa em 1791.
 - (4) Foi publicado em Lisboa em 1804.
- (5) Analyse sobre a justiça do commercio do resgale dos escravos da costa d'Afriça. 1º edição, Lisbon, 1781; 2º edição, 1808.



X.

JOSÉ DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAUJO.

I.

É a cidade do Rio de Janeiro patria de José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo; nasceu em 12 de outubro de 1753, sendo seus progenitores o coronel Luiz Manuel de Azevedo Carneiro da Cunha e Dona Maria Josepha Pizarro e Araujo.

Fôra o coronel Carneiro da Cunha tão estimado pelo primeiro vice-rei, o conde da Cunha, como pelo seu substituto, o conde de Azambuja. Cursou seu filho as melhores escholas do Rio de Janeiro, e principiando a denunciar, desde os annos mais verdes, talentos os mais subidos, julgou seu pai que devia aproveitar as suas relações com as principáes auctoridades do Rio de Janeiro, para recommenda-lo efficazmente em Portugal a protectores valiosos, que lhe facilitassem os meios de adquirir uma instrucção mais larga, e desenvolver a sua intelligencia.

Tantos são os cuidados e sollicitudes do amor paterno! Estremecia de prazer o coronel Carneiro da



Cunha sempre que notava o zelo laborioso do filho, a sua prematura dedicação aos livros, e a sua curiosidade insaciavel de conhecer todos os factos que se succediam ao pé e em torno d'elle : anciava de ver o desenvolvimento de qualidades que promettiam tanto. Custou-lhe muito separação. Dir-se-ia que lhe presagiava o coração que, partido o filho, mão o veriam mais os seus olhos, e nem o apertariam mais os seus braços!

Forçoso foi comtudo que José de Sonza Azevedo Pizarro e Araujo deixasse a patria e a familia, e procurasse em distantes terras conseguir a sciencia, cuja nobre ambição o movia desde o desabrochar do pensamento.

Passon em Coimbra seis annos da sua vida, desde 4770 até 1776. Seguio os cursos da universidade,



J. DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAUJO. 422

Durante todo o tempo que durára a administração do terceiro vice-rei o marquez de Lavradio, successor do conde de Azambuja, esteve ausente José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo. Si por um lado lhe renovára as dôres do coração a falta de seu pai, falta insupprivel para um filho estremoso, que logra a ventura de rever e tocar terras da patria e respirar os seus ares beneficos, por outro lado não pode deixar de extasiar-se observando tantos beneficios que adquirira o Rio de Janeiro com o governo do marquez de Lavradio, já em progressos materiáes, e ja mesmo em illustração, ousando até alguns sujeitos doutos da colonia organisar academias, e promover seriamente o adiantamento das luzes e o gosto das lettras.

Succedeu-lhe na posse do governo o quarto vicerei Luiz de Vasconcellos e Souza. Os melhoramentos
que se encetáram durante a administração do seu
antecessor, progrediram com egual energia. As lettras, que começavam a resplandecer, brilháram
com fulgor novo. A Academia scientifica do Río de
Janeiro, que fôra apenas um ensaio no genero das
associações litterarias, e que como ensaio não tinha
podido medrar, transformou-se ou antes ressuscitou
na Arcadia. Dirigiram-se viagens para os sertões do
Brazil, a fim de explorar-se os terrenos e os rios
que constituem o seu brilho e a sua riqueza: eram
progressos tudo no paiz, que parecia encetar emfim
a carreira para que o destinára a natureza.



Esforçou-se tambem José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo em associar o seu nome aos nomes d'aquelles que abrilhantáram essa quadra ditosa. Entrou para a Arcadia, sobre a qual tratamos largamente nas vidas de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga e de José Basilio da Gama. Si bem que do numero d'aquelles que não foram presos durante o vice-reinado do conde de Rezende, já pelo seu estado e emprego ecclesiasticos, já pelo seu animo inoffensivo, timorato e recolhido, fortuna que não coube a Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, a Marianno José Pereira da Fonseca, e a varios outros sujeitos distinctos, soffreu comtudo perseguições miseraveis e mesquinhas, com que mais se avilta, do que prova o poder a sua robustez e força.

Procurou José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo



J. DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAUJO. 121

materiáes valiosos. E a proporção que os ia descobrindo, alargava-se-lhe a ambição de estender a sua chronica a todos os bispados do Brazil, comprehendendo a historia fiel e verdadeira dos seus acontecimentos, fundada em provas documentáes e irrecusaveis.

Quando considerou serenada a tempestade, e já soltos aquelles de seus companheiros da Arcadia que haviam soffrido maiores perseguições, regressou para o Rio de Janeiro, e entregou-se de novo aos seus trabalhos ecclesiasticos e a sua tranquillidade de espirito.

Desejou em 1801 rever a metropole; deixou o Rio de Janeiro: chegado apenas a Lisboa obteve do principe regente a nomeação de conego da egreja patriarchal.

N'este novo emprego conservou-se até que a invasão dos Francezes obrigando a côrte portugueza a abandonar Portugal, e a passar-se para o Rio de Janeiro, voltou com ella para a sua patria, e residio ahi até o fim da sua existencia.

Estabelecida a côrte no Rio de Janeiro, creou o principe regente Dom João os tribunáes e estabelecimentos precisos para o desenvolvimento da acção livre do governo e a plena distribuição da justiça. Pelo alvará de 22 de abril 1808 instituio o tribunal superior do desembargo do paço e mesa de consciencia e ordens. Lembrou-se de Azevedo Pizarro para o emprego de procurador geral das

It.

tres ordens militares, e despachou-o para olle.

Foi tambem nomeado pouco tempo depois presbytero com o titulo de thesoureiro mór e arcipreste da real capella do Rio de Janeiro; obteve conjunctamente o titulo do conselho de Sua Magestade, e o logar de deputado da mesa de consciencia e ordens, deixando o emprego de procurador geral das tres ordens.

Apesar do peso de tantos e tão penosos trabalhos, continuou na sua tarefa de historiar os acontecimentos dos bispados do Brazil desde o seu descobrimento até a quadra sua contemporanea. Conservou o mesmo zelo de instruir-se, e a mesma ambição de esclarecer-se a respeito de todos os factos succedidos; aproveitou-se da posição mais elevada que occupava então na sociedade, para conseguir



J. DE SGUZA AZEVEDO PIZARRO B ARAUJO. 450°

que se compõem as suas Memorias historicas da capitania do Rio de Janeiro, e das demais capitanias do Brazil. Firmou-se a sua reputação com este importante escripto, fructo dos trabalhos mais difficultosos e da investigação mais perseverante.

Foi Dom Pedro I proclamado imperador do Brazil, e pouco tempo depois, com a dissolução da Assembléa constituinte, outorgou elle a constituição politica de 1825, que vigora ainda hoje. Teve o paiz que proceder ás eleições de deputados e senadores que e representassem nas duas camaras do parlamento. Ainda que affastado da vida publica, foi monsenhor Azevedo Pizarro nomeado deputado á Assembléa geral, e na camara a que pertencia acclamado e escolhido presidente.

Não pode porém sustentar as fadigas da vida politica. Obtendo em 1828 a sua aposentadoria no logar de conselheiro do supremo tribunal de justiça, e dispensa do exercicio da capella imperial, retirou-se para fóra da cidade, e entregou-se ao repoiso do corpo e do espirito.

Passeando pelo jardim botanico da Lagóa de Rodrigo de Freitas em 14 de maio de 1830, foi attacado de uma apoplexia fulminante, que o mattou instantaneamente.



II.

Tem todas as nações uma grande familia de chronistas. São uns considerados pela belleza e perfeição do estylo e das formulas exteriores. Merecem encomios outros pelos encantos da imaginação, e os rasgos da poesia. Brilham emfim alguns pelo lado só da verdade dos factos, e fidelidade das observações.

Universal estima merece toda esta familia de litteratos. São como os monumentos toscos que transmittem todavia aos seculos vindouros os feitos e a gloria dos passados. De ingenho modesto não procuram renome para si; pretendem unicamente salvar do olvido aquellas acções que laes pare-

J. DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAUJO. 433

poraneas. Do meio d'esses acontecimentos, que pinta o chronista, arranca o historiador aquelles que sobresahem de per si, e devem de influir sobre os outros, e elevando-os ao gráu de importancia e grandeza em que os considera, os publica ao mundo de toda a altura do seu throno, como os prophetas do antigo Testamento ou os sacerdotes do Egypto.

É mais difficil e mais elevada de certo a missão do historiador; quão poucos apparecem! São porém os chronistas em numero estirado, e succedem-se uns aos outros com mais ou menos talentos, com mais ou menos boas qualidades.

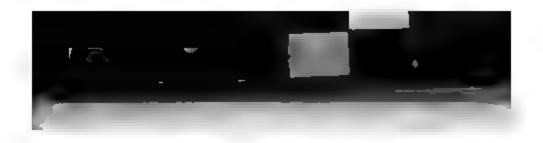
Não se desprezem no emtanto os chronistas. Não se pode conhecer a historia de paiz nem-um sem ler-se os seus escriptos. Da combinação e conferencia d'elles resulta o esclarecimento da razão. São os chronistas como os archotes nos subterraneos profundos, o raio da luz no seio das florestas emmaranhadas, e o crepitar do relampago durante a negridão da tempestade. Apprendem-se por elles muitas cousas, conservam-se muitos feitos, e perpetuam-se muitas acções.

Judicioso e digno de louvor era sem a menor duvida o comportamento dos antigos reis de Portugal. Tinha cada um reinado o seu chronista, isto é, o escriptor e relator de todos os feitos da sua epocha e dos tempos anteriores. Um emprego importante occupava o chronista, o de guarda mór do archivo real e cartorios do reino. Era-lhe concedida

e paga uma pensão do estado em indemnisação dos seus trabalhos e occupação aturada. Eramlhe franqueadas as secretarias, as repartições publicas, e assim os cartorios e archivos. Lograva inteira contiança para examinar todos os documentos por mais secretos e mysteriosos, e considerava-se importante e bonrado o emprego que carcupava.

Chronistas houve, como Fernão Lopes, contemporaneo de Dom Duarte, que subiram á altura de historiadores. Outros que são como o deposito de tudo quanto ha de conhecimentos historicos de seu tempo, indispensaveis para todo o genero de estudos, como Ruy de Pina, Gomes Eannes de Azurára, Antonio Brandão, Bernardo de Brito, Francisco Brandão e Francisco de Andrade.

Tenham an alternative as localited name a big

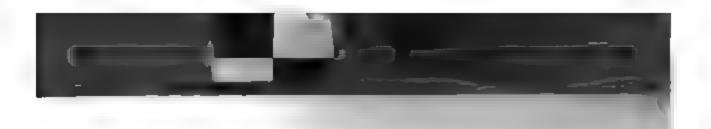


J. DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAUJO. 485

seio chronistas de merecimento. Não se pode desconhecer o merito de Dom Bouquet e Dom Mabillon. Como olvidar a frei Luiz de Souza, frei Antonio Caetano de Souza, frei José Pereira de Santa Anna, o padre Thomaz Serrano, Simão de Vasconcellos, Balthasar Telles, o padre Jaboatão, João de Lucena, e Simão Pereira de Sá?

Foram procurados, encontrados e depurados por elles os materiáes historicos mais importantes; publicáram-se por seu cuidado os documentos mais preciosos, occultos até então sob o pó dos archivos: muitos serviços devem as lettras a esses varões laboriosos que viveram e envelheceram no estudo dos pergaminhos despedaçados e dos papeis velhos. Guardam indelevel a sua memoria os homens todos que são intelligentes e instruidos.

Nas epochas calamitosas unicamente, quando se acham confundidas e anarchisadas todas as ideias de moral e de verdadeiro patriotismo, quando encobre as luzes o cháos da barbarie, que produz a desordem material e o desarranjo dos espiritos, é que se pode ouvir a um Condorcet exclamar em plena Assembléa como o fez na sessão de 12 de junho de 1792: « Vestigios existem da vaidade das raças guardados nas secretarias e bibliothecas publicas; cumpre destrui-los. Não ha de ser á custa da nação que continuará a sua guarda; tão ridiculos documentos podem offender a egualdade. Proponho pois que em todos os departamentos se

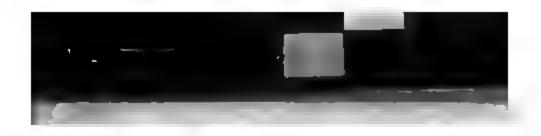


queimem os documentos, titulos e cartas que estiverem guardados nos seus archivos. »

N'esses tempos nebulosos é que unicamente se observa o selvagem espectaculo que deu a França de queimar em Pariz no dia 22 de fevereiro de 1793 cento e quarenta e seis caixas de manuscriptos!

Como é varia e caprichosa a intelligencia humana! como se apodera a exaltação política dos espíritos os mais brilhantes e illustrados, e os arrasta a pensar tão extravagantemente!

É para o Brazil monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo um dos seus chronistas mais preciosos. Não tem estylo a sua obra; não encanta a leitura d'ella; não se recommenda por nem-uma d'essas qualidades que constituem um escriptor. E não falta-lhe sómente a grande qualidade de estylo, como pecca sobretudo a organisação das



J. DR SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAUJO. 427

com Froissard, com Luiz de Souza, com Rocha Pitta, com Villani ou com Joinville. Mas tem tanto ou maior merecimento ainda do que elles, porque muito poucos escriptores existem que mais se apoiem em documentos; que nem-um facto narrem, que não o provem immediatamente; e que manifestem zelo maior, curiosidade mais minuciosa, e desejo mais ennobrecido de instruir-se.

E no Brazil, aonde necessariamente deviam de faltar os materiáes historicos, realçam muito mais o merito da obra aquelle zelo da sciencia, e actividade tão escrupulosa e incansavel que elle patenteia, em presença das proprias difficuldades da empresa, que espanta a primeira vista pela sua immensidade.

Não teve systema na organisação da sua obra; escreveu-a como a foi pensando, compô-la como a foi sabendo. Nem-uma affectação, e nem outra ambição teve afóra a de publicar o que estudára e aprendêra, porque era a historia do seu paiz.

Contém as Memorias historicas nove volumes, divididos pela chronica de cada uma das provincias do Brazil, estudada ou isoladamente, ou conjunctamente com as outras. As primeiras conquistas, as guerras com os gentios, e os estabelecimentos que se foram fundando, é recontado tudo simples, mas fielmente; são com toda a minuciosidade depurados e depois descriptos, os factos que se succederam. Não se attendem as consequencias que d'elles resultáram, e menos á sua importancia. O que monse-

nhor Azevedo Pizarro pretendeu foi publicar unicamente os acontecimentos como os denunciam os documentos e memorias contemporaneas, deixando ao publico a sua appreciação livre e inteira.

Nas Memorias historicas do Rio de Janeiro não se vê o philosopho extrahindo lições para esclarecer o povo; descobre-se unicamente o homem que indagou todos os acontecimentos por mais pequenos, que estudou-os em toda a sua nudez e fidelidade, e que os manifesta ao mundo ingenua e modestamente e com a consciencia mais escrupulosa.

Ganháram espantosamente com a sua apparição a chronologia, a biographia e a geographia : são ellas, e mais a Corographia brazilica de Manuel Ayres do Casal, os dous monumentos historicos mais preciosos que tem-se escripto acerca do Brazil.

Consultou monsenhor Azevedo Pizarro registos



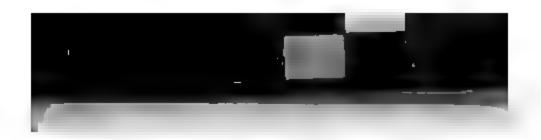
J. DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAUJO. 439

não me desvelei na arte, na pureza e na graça do dizer (circumstancias menos precisas do que a verdade, idolo principal da historia), occupando-me mais em colligir os subsidios que devem servir de base a quem, com penna culta, habil e judiciosa, convier a composição de uma historia do continente braziliense, e muito particularmente dos que serviram de assumpto para se formalisarem as presentes memorias.

Eis ahi o homem sabio, mas modesto; instruido, mas timido; n'estas palavras singelas disse o chronista o seu pensamento todo, e declarou a estensão dos seus trabalhos.

São as Memorias historicas de monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo o deposito de documentos importantes que tem de ser colhidos e aproveitados pelo futuro historiador do Brazil. Poderão então perder o interesse da leitura; será apreciado porém o seu merito, e commemorado eternamente o nome do seu auctor.





XI.

JOSÉ DA SILVA LISBOA.

Ī.

Foi venturoso o anno de 1640 tanto para Portugal como para o Brazil. Coube a Portugal a fortuna de reivendicar a sua independencia e liberdade. Gozou o Brazil do direito de ser governado por um vice-rei. Dividido em capitanias até ali, regendo-se cada uma pelo seu capitão general e governador, sem nexo, e nem concordia, marchava o Brazil como que só pelos seus esforços proprios e isolados, que tinham pouca força e alcance curto. Não podia demais contar com os auxilios da metropole : desprezava-o a Hespanha, como desprezára as conquistas portuguezas da India, que se perderam quasi todas durante os malfadados sessenta annos do jugo dos Felipes. Apoderáram-se os Inglezes e Hollandezes das que lhes convieram mais, e que nem forças tinham para resistir-lhes.

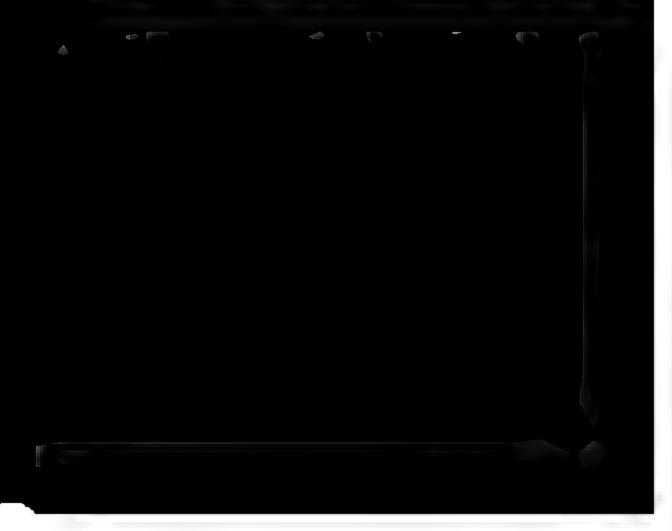
Era entretanto de tão elevada importancia a colonia do Brazil, que já voltavam os Européos os seus olhos da India para este solo do occidente, e reco-

nheciam que mais aqui do que nos paizes asiaticos se pleiteava a causa da civilisação, e encontravam-se os elementos necessarios do seu desenvolvimento e da successão europea.

Foi Dom Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvao, o primeiro que, com patente de vice-rei, governou o estado do Brazil, estabelecendo a séde da administração na cidade da Bahia.

Deixava-se muitas vêzes arrastar infelizmente o governo portuguez por prejuizos erroneos, receios imaginarios, e pela desgraçada e fatal rotina dos tempos passados. Padeciam com isso os interesses do Brazil, e soffria Portugal tambem muito.

An marquez de Montalvão succederam cinco governadores, não já na qualidade de vice-reis, apenas com patentes de capitães generáes, restituindo-se a alimnistração ao antigo estado quando



Pareceria, que o não era entretanto, plano concertado e desenvolvido. Não se succediam os vicereis. Entre um e outro vice-rei se intercalava uma interinidade no governo, e ás vêzes com distancia grande.

Foi o terceiro Dom Pedro Antonio de Noronha, conde de Villa-Verde e marquez de Anjeja, que tomou posse da administração que se lhe confiára em 13 de julho de 1714.

D'aqui por diante apparece mais regularidade nas substituições: diminuem as interinidades. Passa o governo de uns para outros vice-reis, como auctoridades superiores. A Vasco Fernandes Cesar de Menezes succede o conde das Galveas, que tem por substituto Dom Luiz Pedro Peregrino de Carvatho Menezes e Atayde. Tomou posse em 1755 Dom Marcos de Noronha, conde dos Arcos, que governára a capitania de Pernambuco desde 1746 até 1749, e fôra o primeiro capitão general da nova capitania de Goyaz.

Durante a administração illustrada do conde dos Arcos nasceu na Bahia, em 16 de julho de 1756, Jose da Silva Lisboa, filho legitimo do architecto Henrique da Silva Lisboa e de Dona Helena Nunes de Jesus.

Estava n'esse tempo a cidade de Bahia curvada sob o peso de tributos enormes que deliberára o senado da camara lançar sobre o povo, no desejo de corresponder á carta assignada pela mão d'El-

Rei Dom José I, e que lhe fora dirigida, communicando-lhe o extraordinario e desastroso terremoto que no dia 4º de novembro de 1755 destruira Lisboa e alguns outros pontos de Portugal. Appellára El-Rei para o amor e zelo dos seus vassallos, e rogáralhes o concurso que podessem prestar-lhe para reedificar-se a capital do reino.

Reunido a 7 de abril de 1756, sob a presidencia do conde dos Arcos, decidio o senado da camara da cidade da Bahia que concorresse a capitania, que representava, com tres milhões de cruzados, que se retirariam do augmento dos impostos, ficando aos membros da junta (1) summo pesar de nao poderem converter o sangue das proprias veias em abundantes cabedaes, para todos offerecerem espontaneamente a S. M. em signal da grande fidelidade, amor e zelo de seus vassallas



mador geral da Companhia de Jesus em todos os dominios portuguezes.

Teria decorrido um anno apenas, quando pela lei de 7 de setembro de 4759, mandada cumprir e executar em todo o reino e suas colonias, foram os Jesuitas declarados rebeldes e traidores, proscriptos e desnaturalisados.

Representou-se então uma scena que cubrio a uns de lucto, e causou a outros grande alegria. Consideravam os primeiros aos Jesuitas como os protectores dos pobres, miseraveis e desvalidos; os medicos do corpo e da alma; os sacerdotes desinteressados que faziam o bem, sem que nutrissem outra esperança afóra a confiança em Deus, e na sua missão gloriosa; e eram ainda recommendaveis os Jesuitas pelos grandes feitos que havia praticado a Companhia no Brazil, e pelos serviços importantes de José de Anchietta, de Manuel da Nobrega, de João de Aspicuelta Navarro, e de tantos outros illustres sujeitos que adquiriram renome e gloria, e se tornáram credores do respeito e gratidão dos povos. Não passavam os Jesuitas para os segundos de uma sociedade de homens ambiciosos, que pretextando intenções religiosas, cuidavam unicamente do engrandecimento da sua companhia, do dominio exclusivo da sociedade civil, e da centralisação em suas mãos de todo o poder e influencia mundana.

Sentiam uns que fossem os Jesuitas persegui-

dos, e davam-lhes as honras do martyrio; enthusiasmavam-se outros com a execução da lei, e a consideravam medida vital para o paiz.

Foram presos os Jesuitas; atravessáram as ruas da Bahia no meio de escoltas numerosas, e pela frente de uma multidão extraordinaria de povo; foram embarcados nas náus Nossa Senhora da Ajuda e Nossa Senhora do Carmo, e remettidos para Lisboa em 18 de abril de 1760, cento e dezasete socios da Companhia de Jesus.

Ao conde dos Arcos substituio na administração o conde de Avintes, ultimo vice-rei do Brazil, que domicitiou na Bahia. Foi transferida a capital do estado para o Rio de Janeiro. Governáram d'ahi por diante a Bahia como capitães generáes o conde de Azambuja e os demais seus successores.

Sezmo Jose da Silva Lishoa os seus estudos pri-



da Bahia, e regressou para a sua patria, preferindo exercer este emprego n'ella a occupar outro posto mais importante em paises extranhos.

Tinha José da Silva Lisboa um animo propenso para todos os ramos dos conhecimentos humanos que necessitassem trabalho aturado, estudos profun dos e raciocinio elevado. Sorria-lhe a jurisprudencia ao pensamento com todas as suas emaranhadas difficuldades. Com o estudo da jurisprudencia tomou gosto pelas sciencias moráes, philosophicas e politicas. Desejando dedicar-se a ellas inteira e livremente, dirigio-se de novamente para Lisboa em 1797, conseguio a sua jubilação, e voltou pouco tempo depois para Bahia, incumbido do cargo importante de deputado e secretario da mesa da inspecção.

Era nova para a cidade da Bahia a mesa da inspecção; considerou o governo portuguez que tiraria com o seu estabelecimento vantagens eguáes ás que colhia das mesas da inspecção de Lisboa e do Porto. Teve occasião José da Silva Lisboa de prestar n'este emprego tão importante os mais valiosos serviços ao commercio e á agricultura da Bahia.

Aproveitava os momentos do repouso que lhe dava o emprego, para se consagrar aos estudos; era vasta a sua erudição em todas as divisões e subdivisões do direito. Sabia perfeitamente o direito civil, o canonico e o commercial; annexava a estes



estudos a acquisição da economia politica, sciencia que se popularisava depois dos trabalhos de Adão Smith, de Alexandre Verri e de Cesar Beccaria; conhecia além d'isso a historia e a litteratura de todos os povos.

Publicou em 1801 a primeira edição do seu tratado de Direito mercantil.

Deu á luz em 1804 os seus Principios de economia política.

Obrigado o principe regente Dom João a abandonar as suas terras de Portugal, e a procurar abrigo no Brazil contra as invasões de Napoleão, imperador dos Francezes, chegou á Bahia, e foi enthusiasticamente saudado pelos seus subditos n'este primeiro porto da colonia em que aportára. Demorou-se porém pouco tempo ahi a côrte. Foi to-

tica que fundava a carta regia de 24 de janeiro de 1808. Apparecia o Brazil á Europa como um mundo novo que attrahia as vistas e a attenção geral pela magnificencia do seu solo, e riqueza das suas producções. Era o Brazil ignorado; nem-umas as relações commerciáes entretinha afóra com Porto e Lisboa; e repentinamente vio o Brazil dante de si Hamburgo e Londres, Havre e Liverpool, Trieste e Amsterdam, Cork e Marselha, Genova e Barcelona, Swanzea e Boston, New-York e Antuerpia. Reganhava o cego a vista, e a saúde e a força o invalido.

Seguio a côrte para o Rio de Janeiro, e com ella, a convite do principe regente, José da Silva Lisboa, que á sua chegada foi nomeado professor de economia politica, creando-se especialmente para elle uma cadeira d'esta sciencia.

Conhecendo que avisados não andavam todos os espiritos acerca da utilidade e efficacia da providencia que tomára o principe, tratou de esclarecê-los, publicando uma defesa da carta regia de 24 de janeiro de 1808, e varias observações em favor do commercio franco, que, lidas avidamente, começáram a educação do povo na senda dos progressos mais vitáes, e dos interesses mais palpitantes do paiz.

Elevado á categoria de reino-unido, teve o Brazil os precisos tribunáes, e uma junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação; as necessidades do paiz tão especiáes e variadas poderiam unica-

mente ser satisfeitas com remedios que existissem no proprio seio. Ao passo que creou novos interesses e novas precisões, concorreu poderosamente a residencia da côrte portugueza no Rio de Janeiro para o engrandecimento material e a civilisação do Brazil todo.

Foi José da Silva Lisboa nomeado posteriormente deputado da junta do commercio e agricultura; recebeu commissões importantes, quer scientificas, quer fiscáes, que lhe confiava o governo, ou para organisar regulamentos commerciáes, ou para inspeccionar os estabelecimentos litterarios, e as obras que se destinavam ao prélo.

Com a retirada do principe regente para Lisboa, com os graves acontecimentos que se realisáram no Brazil, e que déram em resultado a sua independencia politica e a sua liberdade, teve de accender-se em José da Silva Lisboa, homem até então de gabinete, o desejo de atirar-se na arena dos combatentes, e de entrar para a vida tumultuosa e agitada das occurrencias politicas, vida que devora os mais brilhantes talentos, e deteriora as intelligencias as mais elevadas.

É a vida publica o iman que attrahe as ambições do espirito e do pensamento; quantos desgostos e amargores são porém d'ella consequencia infallivel? E não ha forças humanas que arranquem do seu turbilhão aquelles que uma vêz lhe saboreáram o veneno subtil, e deixáram enlaçar-se pelos abraços

enganadores, e caricias fallazes com que ella illude, prende e arrasta.

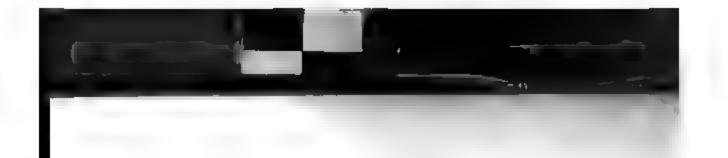
Entrou elle para a phalange dos Brazileiros que desejavam a independencia do seu paiz. Era sua paixão escrever; a sua natureza physica e o seu caracter lhe não proporcionavam outros recursos para servir á causa que abraçára. Publicou diversas folhas periodicas no intuito de dirigir e encaminhar o espirito publico em favor da causa da independencia do Brazil.

Numeraremos entre outras as seguintes folhas periodicas e avulsas que publicou: Conciliador do Reino-Unido em 1821; Reclamações do Brazil; A causa do Brazil; o Imperio do Brazil e o Roteiro do Brazil, em 1822; e a Atalaia em 1823.

Conseguida a independencia do Brazil, fez parte do primeiro parlamento brazileiro, conhecido pelo nome de Assembléa constituinte:

Pertenceu como deputado ao partido adverso ao ministerio de José Bonifacio de Andrada e Silva. Representava este a parte liberal, e José da Silva Lisboa o principio retrogrado. Foi do numero dos oradores que se tornáram notaveis, pela erudição que appresentava, pelo vigor da phrase que empregava, e pelo calor e convicção que desenvolvia na defesa das suas doutrinas.

Dissolvida a Constituinte, e outorgada por Dom Pedro I a constituição politica de 1825, entrou José da Silva Lisboa para o senado, tendo sido apresen-



tado em lista triplice pela sua provincia, e pelo imperador escolhido justamente.

Foi José da Silva Lisboa amigo particular de Dom Pedro I, e um brilhante ornamento da camara a que pertencia, pela independencia e boa fé das suas ideias, pelas suas luzes e talentos, e pelos seus discursos oratorios, si bem que ás vêzes muito violentos.

Pertenceu toda a sua vida como politico ao partido monarchista, que anhelava o vigor e a força do governo antes do que a liberdade do povo. Não tinha para elle a liberdade aquelles encantos exquisitos e seducções extremas que causam tantos enthusiasmos em todos os paizes. Nem mesmo considerava ligavel a liberdade com a ordem, sendo por esta limitada e moderada; tinha medo da demago-



perançosas, todo o seu appoio prestava ao governo do primeiro imperador.

Na historia dos partidos politicos em que se retalhou o Brazil depois da outorga da constituição de 4825, lê-se o nome de José da Silva Lisboa, occupando um dos primeiros postos á frente dos que combattiam o principio liberal e as doutrinas democraticas.

E foi de uma actividade espantosa o seu espirito; não faltava como senador á sua camara; tomava parte como orador em todas as discussões importantes. Instrucção publica, finanças, theorias politicas, jurisprudencia, analysava tudo, e patenteava em tudo uma instrucção e talentos da primeira plana. Como escriptor não tinha repouso de gabinete: publicava sempre memorias importantes acerca de muitos e variados objectos, já politicos, já philosophicos, já litterarios, e já mesmo emfim religiosos.

Apontaremos entre elles o Discurso sobre a franqueza do commercio de Buenos-Ayres; as Observações sobre a franqueza da industria e fabricas no Brazil, no anno de 1810; A propriedade do Brazil pelos principios liberáes da nova legislação; o Ensaio sobre o estabelecimento dos bancos; a Memoria sobre o monopolio da companhia dos vinhos do Alto Douro, no anno de 1811; Extractos de Edmundo Burke, em 1812; Memoria da vida política de lord Wellington, em 1815; Memoria dos beneficios políticos d'ElRei Dom João VI, com a synopse da sua legislação, em 1818; Estudos do bem commum e economia política; Selecta de pensamentos

do padre Antonio Vieira, em 1820; Constituição moral ou Deveres do cidadão, em 1825; Eschola brazileira, em 1826; Leituras de economia política, em 1827; Causa da religião e disciplina ecclesiastica do celibato clerical, em 1828; Historia dos principios e successos políticos do Brazil, em 1829; e Cartilha da eschola brazileira, em 1831.

Concedeu-lhe Dom Pedro I o titulo de viscondo de Cayrú, deu-lhe commendas de diversas ordens do imperio, aposentou-o no supremo tribunal de justiça, e manifestava-lhe em toda a parte e em todas as occasiões a maior consideração e amizade.

Queria José da Silva Lisboa servir ao imperador antes que agradar-lhe. Censurava-o por vêzes e com toda a franqueza. Combatia os actos de seus ministros, que lhe pareciam concessão aos liberáes, e o

Teve erros Dom Pedro I. Era um principe dotado de animo excellente, e das melhores qualidades. Deve-lhe o Brazil em maxima parte a sua independencia. Mas não soube elle desapegar-se dos cortesãos que o enganavam. Appareceu muito á frente das luctas politicas; folgava de passar como director dos seus ministerios; queria que se soubesse que d'elle dependia tudo desde a nomeação do mais pequeno empregado publico até a decisão do negocio mais importante. Nos paizes que se regem pelo systema representativo, perdem os monarchas em expôr-se aos odios e desaffeições que geram os actos administrativos: devem convencer-se de que tudo se sabe, e que salta a responsabilidade facilmente de cima do ministro para a cabeça do soberano.

Verdade é que não logra o amor proprio o prazer da inspiração e da deliberação; lucram porém a segurança do throno e o conceito do monarcha que precisa tornar-se superior a todos os seus subditos, e conservar-se na esphera sublime de neutralisador e imparcial.

Pensou Dom Pedro I que mostrando desaffeição aos homens do partido liberal aniquilava a este, e desmoralisava aquelles. Erro foi e grande que commetteu; converteram-se em seus inimigos muitos dos seus subditos, que preparáram e desenvolveram os elementos revolucionarios que fizeram explosão no dia 7 de abril de 4834, e faltou coragem então ao imperador para resistir-lhes.

Sentio profundamente José da Silva Lisboa a revolução de 7 de abril de 1831. Não perdeu porém o animo. Unio-se aos homens liberáes moderados que tentáram reter a revolução. Resistio e oppoz valente barreira a todas as tendencias democraticas, que queriam dominar o paiz: não temia fallar como senador; sustentava com denodo e energia a causa do paiz ameaçado pela lava popular. Com seus escriptos, que quotidianamente publicava (2), instruia o povo sobre os seus verdadeiros interesses, concentrava a sua força, e mostrava-lhe o remedio da salvação.

Não resiste porém a tão duros e prolongados combates a natureza humana. Mata muito a tribuna aos homens políticos; é a tribuna o seu throno, o seu capitolio e a sua gloria. Almejam-a e ambicionam-a como o bem o mais apetecivel e precioso. No campo



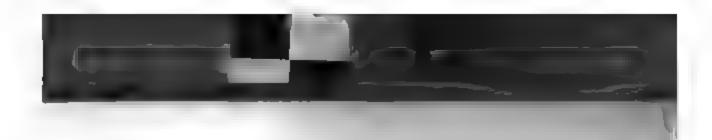
estudar as sciencias não sómente no estado em que se acham na actualidade, senão também conhecelas no estado em que se achavam na epocha contemporanea de José da Silva Lisboa.

Pode-se considerar modernas qualquer d'estas duas sciencias.

Sumia-se entre os Romanos no direito civil o direito mercantil; as regras, as noções e os principios porque se regulavam as transacções commerciáes, não eram excepcionáes, por assim dizer, como nos tempos presentes, derivadas dos principios, noções e regras de direito, e das usanças, costumes e estylos do proprio commercio. Os meios para se conseguir a sancção legal eram os meios ordinarios do direito civil, sem que houvesse isempções peculiares de privilegios, tribunáes, acções e processo, como convém, e são na actualidade adoptadas, segundo as necessidades modernas do commercio. Era a razão que nos tempos antigos o commercio, si bem que fizesse a fortuna dos Phenicios, Carthagineses, Rhodios e de outros povos, não merecia a consideração dos estados guerreiros, que eram os unicos que adquiriam e espalhavam a gloria.

Dava-se egual razão para que se não tornasse a economia politica a base da estudo e consideração particular, e não formasse uma sciencia, como a forma na actualidade.

Eleváram-se pelo commercio na edade media Genova, Veneza, Pizza, Barcelona, Bruges e Mar-



selha; abria-lhes o Oriente os seus thesouros, communicando-lhos pelo Egypto e pelos portos da Asia Menor. Com o descobrimento da America, e as viagens para a Asia pelo cabo da Boa Esperança, roubáram-lhes os Portuguezes e os Hespanhoes as grandes riquezas que monopolisavam; aos Hespanhões e Portuguezes succederam no sceptro do commercio os Inglezes e Hollandezes.

Nem nos tempos antigos, e nem durante a edade media, eram como sciencias especiáes conhecidas o direito mercantil e a economia politica. Noções dispersas, sem nexo e nem regularidade, não formam um corpo de doutrinas, como necessita uma sciencia. Pode-se dizer que o direito mercantil e a economia politica nascêram nos tempos modernos, irmãas na edade, irmãas no destino, e irmãas na necessidade.

Silva Lisboa, com os quáes conseguio entretanto nomeada extensa dos seus contemporaneos, trataremos unicamente de louvar as suas duas obras capitáes de Direito mercantil e de Economia politica.

Seria actualmente mais facil a composição de um bom livro acerca do direito mercantil ou de economia politica, do que o erá no tempo em que escreveu José da Silva Lisboa.

Começava o seculo XIX. Não tinham ainda apparecido Sismonde de Sismondi, João Baptista Say, Ricardo, Mac Culloch, Rossi, Florez Estrada, Theodoro Fix, Melchior Gioia, Ganilh, Storch, Lotz, Zachariæ, Boulay-Paty, Mill, Ferreira Borges, Pardessus, Wollgrang, Heeren, Bender, Eduardo Chity, Kent e Moritz, que tanto tem concorrião com seus escriptos para o adiantamento de ambas as sciencias.

Tem o direito commercial caracter e natureza peculiares; é cosmopolita como as necessidades do commercio que o creáram. Não considera os homens em um só povo, como o fazem o direito civil, o direito criminal e o direito administrativo; considera-os a todos e em todos os paizes e nações. O Européo, o Americano, o Asiatico e o Africano, eguáes lhe parecem todos, porque trata o direito commercial de dirigir as relações commerciáes que entre si ligam os differentes povos da terra. Não pode chegar a sua perfeição a sciencia do direito commercial, emquanto não houver universalidade e unidade em todas as

nações do mundo, porque tende a legislação commercial pelo sua natureza a ser geral e universal.

Sendo a economia politica a sciencia, que não sómente comprehende a formação, desenvolvimento e accrescimo das riquezas publicas e particulares, senão tambem a administração e gestão dos negocios do estado, na sua accepção mais ampla, com os progressos da civilisação, com o derramamento das luzes em todos os paizes, com a perfeição das industrias, e com a extensão das transacções mercantis, crescerá e desenvolver-se-ba com o tempo, não podendo ser ainda considerada a perfeita sciencia.

Na epocha porém em que escreveu José da Silva Lisboa, nem a economia politica, e nem o direito commercial, tinham conseguido o desenvolvimento que possuem actualmente.

Era ainda a economia politica o infante que bal-



JOSÉ DA SILVA LISBOA.

464

Varios assumptos d'elle encontravam-se dispersos nos estatutos e costumes das cidades maritimas (3), nas Leis de Oleron (4), no Consulado do mar (5), na Guia do mar (6), no Codigo mercante (7), no Codigo da marinha (8), nas Ordenações de Bilbao (9), nas Ordenações de Wisbuy (10), nas da Liga anseatica (11), e emfim em diversos actos do parlamento britannico (12). Haviam deixado escriptos importantes acerca de diversas questões do direito commercial, Valin, Allan Park, Azuni, Emerigon, Fergusson, Grocio, Alberico Gentil, Bynkershoek, Oleirac, João Millar, Wesketh, Baldasseroni, Blackstone, Balthasar Ayala, Stracha, Hevin, Heineccio, Pothier e Targa. Não tinha porém ainda um corpo de doutrinas que o fizesse reconhecer como uma sciencia especial, e que discriminasse e fundasse os seus principios peculiares e fundamentos proprios.

Como economista não pode José da Silva Lisboa, em presença dos progressos que tem feito a sciencia, merecer a leitura da epocha actual; ha-de porém ser lembrado o seu nome, como os de varios outros economistas que figuram na historia entre os que concorreram mais para o estudo e o desenvolvimento da economia política e social. É a sorte de muitos sabios, cujos escriptos e descobrimentos servem para a primeira geração dos seus successores, mas que passada ella, são postos de parte, porque os mais modernos aperfeiçoáram a sciencia, e guarda-se apenas respeito á memoria

d'aquelles. Quem lè hoje o que escreveram sobre economia politica Beccaria, Filangieri, Turgot, Verri, Campomanes ou Genuense? Entretanto conservam-se os seus nomes na historia da sciencia, como se conserva o de José da Silva Lisboa.

Discutio tambem em escriptos especiáes varios pontos d'esta sciencia, e deu-lhes desenvolvimento luminoso; fez conhecer especialmente a theoria dos bancos, que não estava aperfeiçoada então como na actualidade, e a theoria do commercio franco, que tão disputada fóra no tempo de Grocio e Selden (13), quando procurava-se saber si eram livres e geráes os mares, ou propriedade de alguns povos (14). Apresentam-nos semelhantes escriptos o estado em que se achavam no seu tempo as sciencias, podendo-se pela leitura d'elles notar a differença e



dador em Portugal e no Brazil. Foi o tratado que elle escreveu o primeiro que se publicou na lingua portugueza.

Formulou com elle um systema desenvolvido e completo da sciencia. Não existiam ainda as grandes codificações europeas que são o resultado pratico das theorias: conservavam-se em algumas nações os regimens das ordenanças antigas, de decretos governativos, e de deliberações parciáes, sobre que haviam os escriptores estabelecido os seus commentarios. De todas as ordenanças, deliberações, decretos, escriptos e commentarios conhecidos colheu José da Silva Lisboa os dados e bases sobre que assentou o edificio da sua obra.

Haviam sido affamados jurisconsultos Antonio Gouveia, João das Regras, Pascoal José de Mello e Freyre, Manuel de Almeida Lobão e João Pedro Ribeiro; é porém o direito mercantil uma sciencia moderna que não haviam conhecido devidamente, afóra nos diversos principios que tinham similitude com o direito civil. Foi José da Silva Lisboa o creador do direito mercantil em Portugal, e levou tão longe a sua obra, que é actualmente, e será no futuro consultada ainda por todos os sujeitos que se dedicarem a esta sciencia, porque ha partes d'ella tratadas excellentemente, e perfeitamente desenvolvidas.

E quanto avançado não está no entretanto o estudo do direito mercantil? Como não tem-se desenvol-

vido todas as questões que dizem respeito quer ás negociações, transacções, direitos, deveres, onus, obrigações do mar, quer aos direitos, deveres e transacções de terra? Ligado com o direito das gentes por vinculos estreitos, dando braços ao direito civil e ao direito criminal, e relacionado com o direito publico, forma actualmente o direito mercantil parte dos estudos necessarios para todas as classes de cidadãos, para os militares de diversas armas, para os commerciantes, para os legisladores, para os ministros, para os diplomatas, para os reis e para todos os seus subditos.

Depois da publicação da obra de José da Silva Lishoa appareceram varios tratados de direito mercantil em algumas linguas europeas, especialmente na ingleza e na franceza; formuláram-se os diversos



suas relações mercantis os resultados vantajosos e beneficos, que com o andar do tempo, com a conservação da paz, com o progresso das industrias, e com o augmento das riquezas publicas e individuáes, tem de crescer espantosamente.

Como que se transforma o mundo; galopam os melhoramentos materiáes; espantam os progressos da industria, e marcha o commercio com tão agigantados passos, que é hoje o commercio a vida e a alma das nações. Sem commercio não ha nação hoje que subsista. É a Inglaterra a maior das nações do mundo, porque é a mais commerciante.

Concorreu muito José da Silva Lisboa para que o Brazil e Portugal conhecessem os seus interesses e necessidades, e tratassem de satisfaze-los. Não tinham outro fim os seus escriptos senão illustrar o povo e guia-lo na obtenção da maior somma de bens. Assentava no commercio o engrandecimento da patria, e todo o seu futuro, e com razão, porque pode unicamente o commercio elevar o Brazil e Portugal, nações que possuem costas tão vastas e portos tão appropriados, á grandeza e prosperidade a que tem indisputavel direito, e mesmo dever rigoroso.

Comprehendeu elle a marcha do seculo: era possivel nos tempos passados que uma nação adquirisse nome e gloria pelas armas ou lettras. Battia-se nos campos, illustrava-se nas guerras, enriquecia-se nas conquistas, e no fim das victorias, terrenos, exercitos, povos, armadas dos vencidos constituiam

parte dos seus triumphos, como despojos opimos. Ou então enchia o mundo com os seus poetas, os seus litteratos, os seus philosophos e os seus sabios, e lograva como a Italia ou a Grecia a reputação que ambicionava. No seculo que corre porém presentemente, outra é a situação; invadio tudo o commercio; são as riquezas a ambição geral das nações e dos particulares; para obter-se riquezas não ha cutro meio senão a paz, porque com ella unicamente germinam e crescem as transacções, e com ella unicamente podem-se manter e conservar as relações mercantis.

Dividio a sua obra em tratados especiáes. Descreve o primeiro a theoria e a pratica dos seguros maritimos, na sua formação, dissolução e execução, contracto de que nem-uma ideia tiveram as antigas nações da Europa, aquellas mesmas que mais se empregavam no commercio (15), e cuja invenção e mais a das lettras de cambio se attribue geralmente aos judeos, quando em 1182 foram banidos da França, e espalháram-se pelas diversas nações da Europa, e cuja perfeição se deve aos commerciantes de Veneza, Pizza, Marselha, Genova e varias outras cidades maritimas da Italia.

Nada deixa a desejar a parte da obra que trata da theoria e pratica dos seguros.

É relativo o segundo tratado ás lettras de risco ou cambio maritimo. Acerca do primeiro encontrou ainda algumas deliberações do governo portuguez,

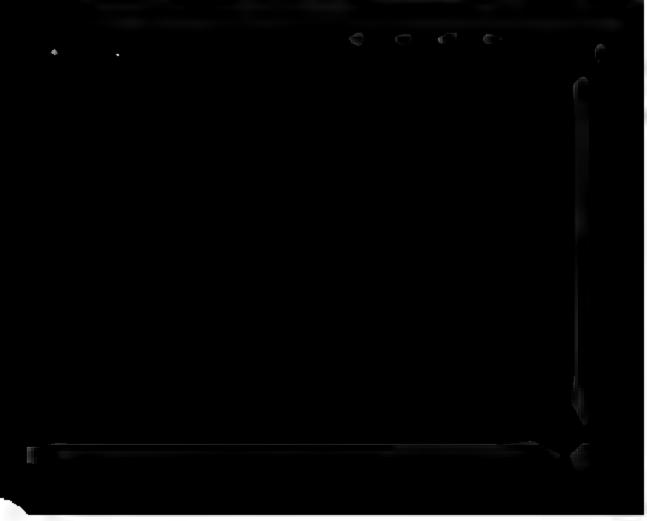
como o alvará de regimento de 1796, o de declaração e ampliação de 9 de maio de 1797, assignados por Dom Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, e varias decisões de outros ministros. Pouco, muito pouco encontrou porém de legislação portugueza para fundamentar a parte que tratava das lettras de risco. Usou porém do direito que garantiram a lei de 18 de agosto de 1769, e o alvará de 2 de dezembro de 1771, que mandam que se sigam as leis, usos e costumes das nações civilisadas, nos casos omissos das leis portuguezas. Forneceram-lhe os melhores materiáes as ordenanças francezas, e de Bilbáo, e o codigo maritimo da Russia publicado em 1786 por Catharina II.

Encerram as mais claras noções e o desenvolvimento plenario da materia o segundo e o terceiro tratados, que fallam da theoria das avarias, que é parte connexa dos seguros; o quarto que se refere as lettras de cambio, e o quinto que discute e demonstra todos os demais contractos mercantis.

É baseiado o sexto tratado na policia dos portos e alfandegas, contendo as principáes regras de direito maritimo, em tudo o que toca a navios, seus proprietarios, carregadores e interessados, e a gentes do mar. É a parte menos desenvolvida da obra, e que deve de sujeitar-se á revisão e correcção. Tem a sciencia feito de então para cá progressos táes, e especialmente nas questões maritimas, para cuja solução é tão necessario o conhecimento do direito

das gentes, que si haveria hoje pouco que accrescentar ás cinco primeiras partes da obra, no que diz respeito a alfandegas e policia de portos porém uma grande reforma teria certamente de executar-se.

Referem-se os ultimos dous tratados da obra ao processo das causas commerciáes e tribunáes do commercio. Comprehendeu o auctor a necessidade que tinha o commercio de um processo summarissimo e de tribunáes especiáes. Sem summariedade nas discussoes e julgamentos das causas, sem juizes proprios e privativos, perde o direito commercial o seu caracter peculiar, e confunde-se com o direito civil. Estabelecendo esta theoria abraçada por todos actualmente, avança José da Silva Lisboa a respeito da pratica opiniões que necessariamente teria abandonado, si na epocha presente tivesse de rever a sua obra. Não bayanu em Portugal nem processos e nem



convinha especialisar tanto o direito mercantil, comprehendendo tambem as infrações culposas de seus contractos, e a penalidade que lhes era applicavel pelas leis. Está reconhecido entretanto na actualidade que pela sua natureza e caracter privativo, exige o direito mercantil principios especiáes, e processo peculiar para todas as suas partes, incluindo mesmo a parte criminal e sancção penal relativa aos actos exclusivamente commerciáes.

Boas são em maxima parte as qualidades d'esta obra tão importante de José da Silva Lisboa. Sob o seu crescido numero desapparecem por diminutas os defeitos ou faltas. É um deposito de todos os principios e noções de direito mercantil, principios e noções que conservam na actualidade o mesmo interesse que lográra na epocha de sua publicação; é uma obra que será sempre nova, e sempre necessaria para a consulta e para o estudo de todos os que procuram instruir-se na sciencia do direito mercantil. É um monumento extraordinario de erudição juridica e philosophica, que inscreveu o nome do seu auctor no livro de ouro destinado á immortalidade.

NOTAS.

- (1, 5ão proprias palavras da redacção da acta que lavráram e amiguaram todos os membros da junta sobredita, e que foi levada a presença d'ElRei. Vejam-se Memorias historicas de monsanhor Pizarro, e as Memorias historicas e políticas da provincia da Bahia, por lignacio Acciol: de Cerqueira e Silva.
- (? São d'esta epocha os artigos inscridos no Diario do Rio de Janetro, e Manual da política orthodoxa, publicado em 1832, e a Arte de remar, impressa em 1823.
- (1) As cidades maritimas do Mediterraneo na edade media tinham nos seculos XIII e XIV sua compilação de usos e costumes commercións, escriptos pelo maior parte em latim, lingua que apesar de fami-

(5) A collecção de usos e costumes intitulada Consulado do mar que appareceu nas cidades maritimas da Italia, França e Hespanha, no principio do seculo XIII, e cuja paternidade os escriptores franceses avocam injustamente para Marselha, é uma das mais importantes e curiosas collecções de leis maritimas que estabeleceu principios emanados dos usos, praxes e costumes commerciáes, dos quáes muitos vigoram ainda hoje, e que regeram quasi todo o commercio do Mediterraneo e do Oriente.

A guerra maritima na edade media confundia-se com a pirataria na pratica harbara, que nem-uma selecção fazia de amigos e inimigos. O Consulado do mar fixou as operações da guerra maritima. Pardessus (Collection des lois maritimes) e Henrique Heaten (Right of nations) sustentam que e Consulado do mar foi redigido em Barcelona na lingua romana, dialecto semelhante ao das provincias de Catalunha. O Consulado do mar é o monumento mais antigo de juriaprudencia maritima.

- (6) A Guia do mar, apellidada por Henrique Heaton (Histoire du droit des gens), Guidon de la mer, é uma collecção de leis posterior de alguns seculos do Consulado do mar e das Leis de Oleron. Pardessus assegura que é a sua redacção do seculo XVI, e que foi composta por jurisconsulto, cujo nome se perdeu. Collections des lois maritimes anterieures au XVIII. siècle, I, II. As ordenanças de Luiz XIV são pela mór parte extrahidas da Guia do mar. Muratori, Antiquitates italicæ medii ævi, tomo IV.
- (7) É uma ordenança franceza de março de 1763, que contém principios luminosos, muitos dos quáes são colhidos nas leis de Oleron.
- (8) Publicado em 1781 em França, como complemento da ordenança de 1763, que tinha o titulo de Codigo mercante.
- (9) Collecções de decisões hespanholas sobre o commercio maritimo muito conhecidas e reputadas, extrahidas das leis de Barcelona de 1484, dos estatutos de Florença de 1528, e das outras leis que regiam então o commercio europeo; ainda actualmente as *Ordenações de Bilbao* se cumprem no Mexico e nos estados americanos hespanhões.
- (10) As Ordenações de Wisbuy regeram todas as nações do norte da Europa, e foram a base das ordenanças das cidades da liga anseatica, Lubeck, Hamburgo, Bremen e Colonia: são do seculo XIII para o seculo XIV.

- (11) As ordenanças da luga ansectica que comprehendia Lubeck, Hatmburgo, Bremen e Colonia, são extrabidas das ordenações celebres de Wisbuy.
- (12) São lantos os diversos actos do parlamento britanaico publicados para o fim de promover o commercio, desde que a Grãa-Bretanha começou a tornar-se nação commerciante e maritima, que não ha espaço para numera-los. O mais celebre é o acto da navegação de 23 de setembro de 1660, que os Inglezes intitulam o seu palladio.
- (13) Ilugo Grocio escrevendo em 1624 a sua obra Mare liberum, teve por competidor Selden, que em 1635 respondeu-lhe com outra intitulada Mare clausum. Anteriormente à estes já táes questões baviam sido bem debatidas entre Francisco Victoria, Prelectiones theologica, Francisco Suarez, De legibus ac Deo legislatore, e Conrado Brunus, De legationibus. Vide Hallam, Introduction to the litterature of Europe in middle uges, vol. II. Pütter, ausserordentlicher Professor der Rechtwissenschaft an der Kunigl. Univ. zu Greifswald, Bestrag zur Lutherrechts-Geschichte.
- (14) Grotius, De jure belli, lib. 2, cap. 2. Bynkershoek, Questiones de jure publico, lib. 1, cap. 21.



XII.

FRANCISCO DE MELLO FRANCO.

I.

Descobrio no anno de 1744 o guarda-mór José Rodrigues Froes, audaz sertanejo, que vivia de procurar terrenos auriferos e diamantinos na capitania de Minas Geráes e Goyaz, umas riquissimas faisqueiras de ouro nas margens dos rios Paracatú Abaeté e São Francisco: em obediencia ás ordens do governo, appressou-se em manifesta-los a Gomes Freire de Andrade, que administrava aquellas localidades.

Como era o costume, correram immediatamente os povos de Minas para essas paragens, e estabeleceram-se no novo paiz, si bem que muito affastado das povoações conhecidas, e internado no meio de florestas immensas, e de desertos reconditos.

Creou-se logo um arraial, que desenvolveu-se com a rapidez do raio, tomando o titulo de Paracatú: nasceu ahi no anno de 1757, e em 7 de septembro, Francisco de Mello Franco, descendente de familia pobre, e que nas emigrações causadas

pela cobiça de enriquecer-se trocára a residencia do Sabará pela do novo territorio que as incitava.

Seguio os seus estudos primarios no seminario de São Joaquim, fundado na cidade do Rio de Janeiro, o aos quinze annos de edade foi enviado pela sua familia para a metropole, a fim de aperfeiçoar a sua instrucção.

Era a universidade de Coimbra o centro dos estudos superiores de Portugal. Matriculou-se Mello Franco nas faculdades de medicina e philosophia. Ao passo que cursava as aulas, amenisava as horas do trabalho compondo poesias eroticas e satyricas, que lhe déram nomeada entre os condiscipulos e os lentes. Figura entre ellas o poema do Reino da estupidez, que grangeou-lhe admiradores e ao mesmo tempo desaffectos e inimigos, nos que sus-



da independencia, por meio dos tormentos e dos martyrios que applicava ás suas victimas.

Terrivel tribunal, que perseguio tão grande numero de sujeitos notaveis e de homens sem importancia! Quantos se fináram nas suas masmorras, e nos seus sacrificios, que denominava piamente autos de fé! Sangue tão nobre extinguio-se nos seus carceres, tantas victimas acabáram nas suas fogueiras, que illustravam as lettras e a patria! E quantos infelizes emigráram para escapar á sua furia e aos seus horrores?

Escreveu nos seus livros negros o proprio Brazil, que ainda era colonia, os nomes de bastantes celebridades que produzira, acompanhando n'esta desgraça a sorte da metropole. Como Francisco Manuel do Nascimento, que só no exilio achou o refugio, e que foi a intelligencia mais bella e a organisação poetica mais regular que nasceu em Portugal, salváram-se nos paizes extranhos Bartholomeu Lourenço de Gusmão e Hipolito José Soares da Costa, filhos predilectos da terra de Santa Cruz!

Quatro annos jazeu nos carceres da inquisição o infeliz Francisco de Mello Franco, na edade e viço ainda da juventude.

Faz-lhe honra um facto. Uma senhora, sua conhecida, e que se não prestou a depôr contra elle, foi pelo tribunal condemnada á reclusão pelo espaço de um anno nos seus proprios carceres.

Logo que foi restituido á liberdade, procuron-a Mello Franco, e recebeu-a em matrimonio.

Não parou com os seus estudos; continuou a cursar as aulas da universidade, e tomou o grán de doutor em medicina. Não tendo meios pecuniarios para passar-se para o seu paiz natal, estabeleceu-se na cidade de Lisboa, entregando-se ao exercicio da profissão que adoptára.

For feliz então. Adquirio em poucos annos uma estensa clinica. Os seus talentos, o seu tino medico, e a sua dedicação, abriram-lhe as casas mais abastadas, attrahiram-lhe a freguezia das familias mais importantes de Lisboa, trouxeram-lhe rendas, que satisfaziam á sua ambição, e déram-lhe relações de pessoas notaveis, entre as quáes se não podem olvidar Thomaz Antonio de Villanova Por-



vice-presidente. O relatorio dos seus trabalhos do anno de 1814 foi redigido por Mendo Trigoso; o de 1815 por José Bonifacio de Andrada e Silva; e o de 1816 por Francisco de Mello Franco.

Vida folgada, alegre e tranquilla passava assim na capital do reino, no seio de uma sociedade selecta e de amigos esclarecidos, e no gozo de uma reputação estensa e de uma nomeada brilhante. Foi um dos fundadores da Academia de geographia, que se instituio em 1799, no intuito de espalhar-se e desenvolver-se os conhecimentos geographicos, que andavam bastante atrasados no reino. Chamou-o o principe real Dom João para medico honorario da sua camara, e distinguio-o em differentes occasiões.

Conservou-se quieto durante as invasões francezas em Portugal. Aproveitou-se da posição de medico para não manifestar opinião ou aspirações. Deixou correr a tempestade sem dar o menor indicio de percebê-la.

Vio em torno de si um povo subjugado por tres vêzes pelas baionnetas extrangeiras, e por tres vêzes erguendo-se patrioticamente contra os seus oppressores, e conseguindo derrota-los, e expellilos para fóra do seu territorio. Parecia elle entretanto indifferente, egoista, sem alma, nem coração, e nem espirito; era a razão, que lhe sussurravam constantemente aos ouvidos os quatro annos que passára nas prisões do Santo Officio, e fé não tinha

de conseguir correr mansamente a existencia optando por este ou aquelle partido, opinando por esta ou aquella forma, oppondo-se á invasão dos francezes, cujo poder temia, ou ligando-se ás armas de Napoleão contra a independencia do seu paiz.

Nem o exemplo dos seus amigos brazileiros José Bomfacto, o bispo d'Elvas, e Luiz Paulino Pinto da França, com os quáes entretinha relações estreitas de amizade, e que tomáram parte activa na lucta contra os Francezes, moveu-o a enunciar-se em prol do triumpho do movimento que creava e inestava o patriotismo irritado dos povos de Portugal. Conservou a mesma impassibilidade durante todo o tempo tormentoso da guerra da invasão franceza.

Chegou-lhe às mãos em 4847 uma carta escripta pelo proprio punho d'ElRei Dom João VI, em que



pedio-se de todos os seus amigos, e partio para a honrosa commissão que lhe fôra incumbida.

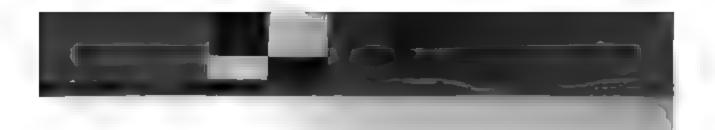
Chegado ao Rio de Janeiro entregou-se á clinica medica, e aos estudos scientificos, que tanto prezava na metropole. Escreveu um ensaio acerca das febres intermittentes do Rio de Janeiro, que offereceu ainda á sua querida academia de Lisboa, e que ella publicou benevolamente com outras memorias dos seus consocios.

Pouco tempo lhe durou a ventura. O que não fizera em Portugal durante a invasão franceza praticou-o na sua patria, provando assim que por ella mais interesse tomava, e mais fortemente batia-lhe o coração.

Creando novo aspecto e novo futuro para as instituições politicas, e incitando pelo enthusiasmo as aspirações livres, agradavam as ideias de liberdade que grassavam então pelo mundo, e que haviam produzido as revoluções de Napoles, da Sardenha e da Hespanha, e feito a sua erupção em Portugal, que esforçára-se de acompanhar o movimento d'ellas, proclamando em 1820 a sua regeneração.

Declarou-se francamente Mello Franco pelas ideias de progresso e emancipação, manifestando por toda a parte o enthusiasmo de que se deixára possuir.

Bem descontente já ficára ElRei com o seu comportamento durante as invasões francezas nos seus



dominios da Europa: fôra essa a razão talvêz por que lhe ordenou deixasse Lisboa, e se dirigisse para o Rio de Janeiro, aparentando todavia a necessidade de acompanhar a augusta archiduqueza da Austria. Subio então de ponto o desagrado do soberano, que o dispensou do serviço que lhe cabia de medico da sua camara, e prohibio-lhe mesmo a entrada no paço.

Muito magdou-se Mello Franco com este acto do monarcha. E para cumulo de infelicidades, causáram acontecimentos inesperados a fallencia de um negociante seu amigo, á quem confiára todos os seus haveres e fortuna. No ultimo quartel da vida, já quasi inhabilitado para o trabalho que exige a profissão do medico, achou-se reduzido a pobreza extrema.

Assoberbáram-no as dôres moráes: uma grave

gio-se para Santos na intenção de faze-la por mar. Embarcou-se em uma canoa para Ubatuba. D'ahi não pode passar. Em 22 de julho de 1823 trocou a vida mundana pela do descanso eterno.

Dizem os contemporaneos que tinha maneiras affaveis, semblante alegre, presença jovial; que folgava de conversar e dizer cousas espirituosas, de contar anecdotas e repetir epigramas. Desde porém que soffreu o golpe da desgraça, tornou-se tristonho e irritavel; fugia dos amigos, procurava a solidão, e nunca mais pairou-lhe nos labios o sorriso ameno que constantemente resplandecia n'elles.

II.

É incontestavel o merecimento de Mello Franco como medico. A theoria accompanhava a pratica: seguia sempre o tino ao talento; e não era a instrucção inferior á perspicacia.

Como homem scientifico poucos se lhe avantajáram no seu tempo. Evidenciam os seus escriptos que estava a par do progresso, e coadjuvava o movimento e a marcha das sciencias naturáes e physicas.

Obteve diversas edições o seu tratado de hygiene. Era uma novidade na lingua portugueza, a que applaudiram todos pela sua immensa utilidade e valor precioso.

Segundo a reforma do marquez de Pombal seis



cadeiras continha a faculdade de medicina na universidade de Coimbra: primeira e segunda de pratica; uma de aphorismos medicos; uma de instrucções medico-cirurgicas; uma de materia medica; outra emfim de anatomia, operações cirurgicas e arte obstetricia. Comprehendia a faculdade de philosophia sete, que eram de chimica, physica experimental, metallurgia, zoologia, mineralogia, botanica e agricultura.

Não eram incluidos nos estudos das duas faculdades nem a hygiene, nem physiologia, e nem outros ramos mais das sciencias, que se ligam á medicina, e a desenvolvem e esclarecem.

E conquista da civilisação moderna uma maior amplidão nos estudos : tornáram-se com razão mais geráes e encyclopedicos, porque as sciencias tem

clarecer os estudos com o maior desenvolvimento que lhes traria a connexão de partes que os interessam e alargam; é de certo tambem máu o excesso nas generalidades, com abandono da profundeza e solidez nas partes especiáes; torna-se consequencia immediata que as nossas architecturas são ás vêzes primeiro ruinas que cheguem a ser edificios.

Tinha um duplo merecimento o tratado de hygiene: instrucção especial, e profunda, e novidade
da obra: pode ser lido ainda hoje com interesse,
por que as ideias que desenvolve tem o cunho do
estudo e da experiencia, e não estão em longo atrasamento das que vogam actualmente.

Mereceu tambem e com razão reiterados applausos o ensaio sobre a educação physica. Não se contenta o medico illustrado com a curativo das enfermidades que aggravam a triste humanidade; esforça-se em preveni-las, descortinando as causas que costumam produzi-las, e lembrando os remedios com que cumpre remove-las.

Tinham o mesmo fundo de utilidade os seus outros escriptos. Era o seu gosto espalhar e desenvolver os conhecimentos scientíficos que davam vantagens praticas e melhoramentos reáes. Serviços importantissimos prestava a Academia real de sciencias ás sciencias, ás lettras, á civilisação, e á instrucção e moralisação do povo, publicando as memorias e estudos tão profundos e proveitosos, que lhe offereciam os seus consocios, e cuja leitura tem um

interesse e um sabor ainda, que lhe dao physionomia de quasi novidade.

Não ficou Mello Franco como litterato aquém de sua reputação de medico e de sabio. Folheiando-se os volumes de escriptos litterarios publicados pela Academia real de Sciencias de Lisboa, desde 1790 até 1814, notam-se trabalhos importantes d'elle a par das memorias de João Pedro Ribeiro, de Ribeiro dos Santos, de Mendo Trigoso, de José Bonifacio, de Aragão Morato, e do abbade Correia da Serra.

Teve tambem como poeta alguns titulos que lhe devem salvar a memoria. Seguindo as pisadas do Hyssope de Antonio Diniz, é-lhe com tudo inferior o poema do Reino da estupidez. Contém todavia muito espirito, versos excellentes, descripções pittorescas, e uma pintura viva e original de caracteres

Pope, e o Lutrin de Boileau. Prima antes a desenvoltura do estudante travesso, mordaz, folgazão e petulante, que joga com as armas proprias da sua edade, e falho é ainda de circumspecção e criterio.

O que constitúe porém a verdadeira corôa poetica de Mello Franco não é o poema de que temos fallado; são os admiraveis canticos que intitulou Noites sem somno, e que parece que foram compostos durante os quatro annos que passou nos carceres do Santo Officio.

Formam a sua base a dôr, o gemido e a desesperação; chora e mortifica-se o poeta; sonha e assusta-se; joven ainda teme que lhe escape o futuro a que aspirava, e não a vida, que não apprendeu ainda a prezar. Não possúe a melancolia resignada do christão, e nem a paciencia elegiaca do homem prudente. Si dorme, delira loucamente; si véla, irrita-se e grita; si reflecte, cáhe na prostração e no abatimento.

Mas são pintados todos estes sentimentos com côres appropriadas, origináes e brilhantes; transborda a poesia, por que é effeito natural dos soffrimentos que supportava o poeta; sahiam-lhe do coração espontanea e ardentemente, como do volcão escapa a labareda. Creou-os a propria dôr, e são os gemidos que ella solta quando desesperada.

Rivalisam com o pensamento a maviosidade da expressão e a cadencia do verso. O proprio Manuel Maria Barbosa do Bocage, poeta da lingua portu-



gueza, melodioso por excellencia e tão difficil na appreciação da toada musical applicada á organisação das phrases, e á construeção do versu, teceu-lhe insuspeitos elogios por estes canticos, que são no seu pensar admiraveis pela dicção e suavidade, e excellentes pela ideia e pensamento.

Pena foi que tão pouco produzisse um engenho poetico que dotára a natureza com dotes tão selectos e primorosos.

XIII.

ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS.

I.

Ao general castelhano Dom Pedro Cevallos rendeu-se em 29 de outubro de 1762 a importante colonia do Sacramento, sita na margem esquerda do Rio da Prata, fronteira ao immenso e magestoso lago, que formam as agoas dos rios Paraná e Uruguay, precipitando-se dos virgens e ferteis territorios das provincias interiores do Brazil.

Para maior consternação e perda publica, tantas se apaixonou por este revez o capitão general do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, a cujos talentos e zelo administrativo devia o Brazil beneficios innumeros, que não pode resistir-lhe, e falleceu logo depois da sua noticia.

Tomou conta da administração publica uma commissão composta do bispo Dom Antonio do Desterro, do brigadeiro José Bernardes Pinto Alpoim, e do chanceller da relação João Alberto Castello-Branco.

Occupava o throno de Portugal Dom José I, que succedera no anno de 1750 a seu pai, Dom João V. Leváram-no novas tão infaustas a modificar o systema governativo de todo o estado do Brazil; elevou

a capital do estado a cidade do Rio de Janeiro, como o ponto que lhe pareceu mais importante, e mais proximo do theatro dos grandes acontecimentos que interessavam a sua monarchia: para o cargo de vice-rei nomeou ao conde da Cunha, fidalgo illustre e reputado, que fôra capitão general em Angola e Mazagão: revestiu-o de plena autoridade, como representante immediato da sua pessoa em todo o territorio brazileiro.

No meio d'estes graves acontecimentos nasceu Antonio Pereira de Souza Caldas, no Rio de Janeiro, aos 24 de novembro de 1762.

Descendia seu pai, Luiz Pereira de Souza, de familia portugueza; era oriunda sua mãe Donna Anna Maria de Souza de honestos colonos açorianos: Luiz Pereira de Souza negociava, e gozava de excellente reputação.

Deu a natureza a Antonio Pereira de Souza Caldas compleição fraca e debil; estava ainda na infancia, e já o perseguiam e atormentavam as enfermidades. Considerou seu pai que lhe faria bem a mudança de clima, e enviou-o, na tenra idade de oito annos, para a cidade de Lisboa, aonde conservava varios parentes, a cujos cuidados confiava o filho.

Raconta elle proprio esta circumstancia nos seguintes versos:

Oito annos apenas eu contava, Quando á furia do mar abandonando A vida, em fragil lenho, e demandando Novos climas, da patria me ausentava.

Encetou em Lisboa a sua educação litteraria; logo que chegou aos dezeseis annos de edade, partiu para Coimbra, a fim de applicar-se ao estudo da jurisprudencia.

Finava-se por esse tempo Dom José I; era exilado o marquez de Pombal, e adoptava a nova rainha Dona Maria I um systema de politica e de administração diverso do que até ali vigorára.

Fôra caracterisado o nascimento de Souza Caldas pela perda da colonia do Sacramento, que para sempre ficou annexada á corôa hespanhola; foi contemporanea a sua entrada na universidade de não menor infortunio, a morte de Dom José I, e com ella a ruina da direcção illustrada e energica, que havia logrado fazer respeitar o governo portuguez de nacionáes e de estrangeiros, e que esforçára-se de desenvolver no Brazil o commercio, as artes e a industria.

Que presagios melancolicos o acompanháram desde o berço! Como não deveria o seu espirito pensador guardar impressões duradouras! Como não deveriam estes acontecimentos abalar as fibras da sua alma pura e elevada! Nascido em epocha infausta; ameaçado a todo o instante da morte, que parecia descobrir na sua constituição corporal uma victima prematura; arrancado, na infancia ainda, aos lares e carinhos paternos; levado para outros cli-

mas, para outras terras, climas tão diversos, terras tão distantes; e, quando dizia-lhe o pensamento que era tempo de conhecer-se; quando foi-lhe abrindo a razão os thesouros da intelligencia, e pouco e pouco manifestando-os a sous desejos ardentes, ei-lo que, em derredor de si, vê estalar fatal e lugubre fado, que sobre a campa do rei que expirava inscreve o agoiro atterrador da decadencia de um reino, que, com quanto pequeno em territorio, praticára todavia proezas tão extraordinarias; que tem sido poucos os livros, e os marmores, e os pinceis para colebrisa-las dignamente.

Resultou d'estas impressões uma grande metamorphose do seu espirito: de coração generoso, de alma suave e perfeita, de intelligencia superior, de engenho primoroso, e de tractar ameno e jovial, tornou-se melancolico, de aspecto frio e maneiras

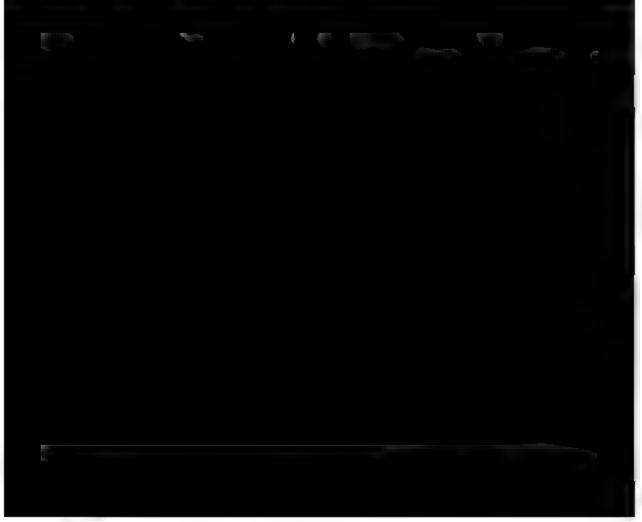
siasmado pela lembrança dos gentios, que sem lei. sem religião, sem superior, e sem relações, conhecera no meio das tribus nomades e errantes do Brazil; ora levando-se de amor pela natureza, arrancava das suas scenas, e das suas creações, as bellissimas Noites philosophicas, dedicadas ás Aves, e que rivalisam sem duvida com as melhores composições de Thomaz Gray, de Saint-Lambert, de Thompson, do abbade Delille ou de Theocrito: ora, aprofundando o estudo da litteratura e da poesia da Grecia e Roma, e admirando os esplendores da sua mythologia, solfejava o cantico mavioso de Pygmalião, em que a dicção, a consonancia, e a melodia do verso luctam de armas e forças eguáes com a elevação de ideias e a magestade do pensamento: e ora, mergulhando-se na tristeza, e nas reminiscencias do seu passado, improvisava canções melancolicas, em que suspiravam melodiosamente as saudades de seus pais e a memoria da sua terra.

Passava Souza Caldas os annos da universidade entre os estudos da jurisprudencia e as inspirações da poesia, quando a nomeada que lhe ganháram os seus talentos, e a admiração que causavam os seus versos, chamáram a attenção da suspeitosa policia de Dona Maria I, que o mandou prender, e julgar pelo tribunal do Santo Officio: em attenção todavia á sua edade, pouco tempo foi conservado preso, sendo pelas ordens do governo condemnado

a fazer exercicios por seis mezes na congregação dos Padres Cathequistas de Riihafoles.

Entregou-se ahi á solidão e á leitura dos livros sagrados; captou pelas suas maneiras modestas, e seus talentos elevados, a benevolencia dos padres da congregação, que, intercedendo para com o governo em seu favor, obtiveram o seu perdão, e licença de voltar para os seus estudos.

Apenas terminou-os, e recebeu os gráus academicos, começou o exercicio da advocacia, e preferio conservar-se n'ella ao despacho de juiz de fóra para uma das comarcas do Brazil, que lhe tinham diligenciado alguns dos seus amigos: a noticia da morte de seu pai, que elle prezava tanto, magoando-o profundamente, arrancou-o a seus trabalhos, e levou-o por fim á deliberação de deixar Portugal, e viajar pelos outros paizes da Europa.



pendente. Lavrou em França um enthusiasmo excessivo pelo feliz successo das armas americanas; augmentou-se com o desenvolvimento das doutrinas exageradas de liberdade que transportáram-se da America.

Appellidava-se Luiz XVI rei e magestade ainda; que magestade e rei era porém o soberano impotente e mais infeliz do que o minimo dos seus subditos? Abandonado pela sua nobreza, via escapar-lhe das mãos uma por uma das suas attribuições, que no meio das praças, e ao som de applausos, folgava de arrancar-lhe a populaça.

Succediam-se todos os dias, e a todos os momentos, scenas tão diversas, variadas e ameaçadoras; acontecimentos tão improvistos e repentinos, e ao mesmo tempo rapidos como o raio, resvalavam de cada palavra de improvisado tribuno, que começou a collocarse á frente dos grupos desordeiros; ninguem se entendia, e concorriam todos para a dissolução da monarchia de Henrique IV, ignaros uns do futuro, atterrorisados outros do presente, e suspeitosos alguns tambem do passado que já fôra. Os despotismos populares, os furores da demagogia frenetica, as influencias de homens sem importancia, sem luzes e sem garantias, e a desmoralisação, que da nobreza e do clero descêra á plebe, perpassava tudo e tudo geralmente dominava, e esses espectaculos terriveis de grupos de homens descalços e cobertos de andrajos, que davam a lei na praça e eram obedecidos;

43

tudo isto horrorisou profundamente a Souza Caldas, que os presenciou por algum tempo.

As ideas que dominavam não eram as que ambicionava; os factos a que assistia não eram os que procurava; fôra completa a sua illusão; apaixonárase pela litteratura franceza, que dominava do Neva ao Tejo; bebera pelos olhos e pelos ouvidos as inspirações dos escriptores que pintavam quadros tão bellos e tão arrebatadores; chegára á patria de Voltaire, Bossuet, Racine, Montesquieu e Corneille, engenhos que admirava tanto, e tanto o enthusiasmavam; soffreu de certo décepção terrivel.

Abriu-lhe então a Italia os seus thesouros de marmore, e as suas riquezas de reminiscencias: fallorlhe a Italia ao coração e á mente; ao coração, porque lhe communicava os sentimentos do bello, os quáes não morrem; e á mente, porque era ella ambiciosa de conhecimentos e illustração. Desde a patria de Virgilio até a poetica Calabria, viu tudo, examinou tudo, e tudo estudou. Veneza com os seus canáes, as suas gondolas, o seu leão de São Marcos, o seu Bucentauro, e os seus palacios de marmore; Verona com o seu circo romano, e os seus tumulos dos Montechis e Capulettis; Milão com a sua sé admiravel, que, como o pensamento humano, sobe até a mansão siderea de Deus; Florença com os seus sumptuosos museos e jardins encantadores; Bolonha com a sua sciencia e o seu cemiterio; Pizza com a sua torre inclinada; Roma com a magestade das

suas reminiscencias poderosas, com os restos quebrados, mas sublimes do seu antigo poderio, e com os novos edificios que immortalisáram Miguel Angelo e Raphael d'Urbino; Genova com o seu porto e os seus palacios multicôres; Napoles com os seus risos e flores, o seu golfo de amores e o seu Vesuvio pittoresco; tudo emfam d'essa terra doirada e encantadora arrebatou e enthusiasmou o vate brazileiro que por ella peregrinava.

E não foi unicamente a historia dos feitos antigos que exaltára a imaginação do poeta aviváram-lhe e poetisáram-lhe a phantaria a pompa da religião catholica, o esplendor dos templos, e a geração extraordinaria de engenhos superiores, que ainda modernamente produzira uma terra tão rica, empapada de immortalidade, velha como a historia, e sempre fresca e viçosa como uma ficção de fadas: de cada resto abandonado d'essas ruinas famosas viu levantar-se um suspiro, ou cantico sonoro, melodioso, melancolico, e mais doce ao coração do que o fremito das vagas do Oceano, ou o soido vagaroso e funebre do vento por entre os galhos levantados das esbeltas cassuerinas e dos pinheiros bravios.

Amou Roma, como sõe amar um coração enthusiasta; foi estimado pelo pontifice Pio VI; adquirio relações com as mais importantes pessoas, e os sabios de maior celebridade; mudáram de direcção as suas ideas; modificou-se o seu pensamento; luzio-lhe no firmamento uma nova estrella, e apóz ella seguio-



lhe o coração : decidiram-se a sua sorte e a sua vida; largou pelo Evangelho o livro da lei, tomou ordens sacras e entregou-se ao altar.

Desde esse tempo dirigio o seu estro para a religião, e o seu amor para Deus. Perdeu-o a terra, mas o céo adquirio-o.

Produzio então as odes admiraveis da Immortalidade d'alma, da Creação, da Existencia de Deus, da Virtude da religião christãe, o da Necessidade da revelação.

Deteve-o Roma por alguns annos: quando lhe foi necessario regressar para Portugal, que de saudades o acompanháram? Offeceram-lhe em Lisboa a abbadia de Lobrigos, importante em rendimentos, e a mitra episcopal do Rio de Janeiro, resplandecente de gloria; recusou o bispado e a abbadia, preferindo ás pompas e riquezas humanas o viver pobre.

ram-lhe ideias de voltar para o Rio de Janeiro.

Que diversos e variados acontecimentos tinham-se porém realisado, desde que elle, na idade de oito annos, deixára a sua patria, até que regressára para ella em 1801? Que immensidade de factos se não intercalára entre estas epochas tão distantes? Ao conde da Cunha succedêra no vice-reinado o conde de Azambuja, e a este o marquez de Lavradio; seguiram-se Luiz de Vasconcellos e Souza, e o conde de Rezende; e estava em exercicio da autoridade Dom Fernando José de Portugal.

Estremecia ainda o Rio de Janeiro sob o peso da impressão dos acordãos que havia lavrado a Relação em alçada contra os réos que tentáram separar em 1789 a capitania de Minas Geráes do dominio da corôa portugueza; tinham sido rigorosas as penas: os homens mais intelligentes que possuia então o Brazil, rojáram grilhões pesados pelos presidios de Angoche, Ambaca e Maximba: apoderava-se o terror de todos os animos, e em pé estava ainda o cadafalso a que subira o chefe da tentativa da revolta para castigo exemplar dos espiritos pensadores.

Tencionou Souza Caldas reorganisar sociedades litterarias, crear incentivos ao genio brazileiro, e abrir campo em que tivessem livre desenvolvimento os dotes do espirito.

Baldados esforços! Academias litterarias já tinham existido, e haviam sido dissolvidas pelo medo



e terror, Julgou prudente voltar para Portugal em 1805; começou então a traducção dos Psalmos, que é um dos seus mais bellos titulos de gloria.

Caminhavam no entretanto os acontecimentos da Europa de uma maneira extraordinaria; como as ondas do mar, que, em occasião de tempestade, umas ás outras so succedem mais rapidas e mais altanadas, assim progrediam elles : apóz as scenas de sangue, os espectaculos da guilhotina, e a influencia mortifera da republica franceza, que passeára pela Europa assemelhando a lava do Vesuvio, quando espalha as suas linguas de fogo, o arrasa e queima tudo; tinha vindo a epocha brilhante e cavalheirosa do imperio de Napoleão, com as suas festas e victorias, mandando a toda a parte os seus exercitos vencedores o as suas aguias glorioses :

Embarcáram-se a rainha, o principe regente, toda a côrte, e a maior parte da nobreza; com os fugitivos monarchas veio tambem para o Rio de Janeiro o padre Souza Caldas, desejoso de descançar os. seus dias derradeiros no solo patrio, e de terminar ahi a sua existencia mundana na tranquillidade e: solidão; os mesmos ares, que lhe bafejáram as: faces, quando tocou o limiar da vida, anciava de respirar no momento em que tivesse de largar o sopro ultimo d'ella: a mesma terra, que o vira nascer, queria que recebesse os seus ossos, comos filho amoroso e querido: foi longa a viagem; sómente nos primeiros dias de março de 1808 pode entrar a frota pela bahia do Rio de Janeiro, e dar fim á sua derrota trabalhosa.

Havia sido o conde dos Arcos o substituto de Dom Fernando José de Portugal no governo do Brazil; feixou o circulo dos vice-reis, entregando o governo ao principe regente. Tornou-se o Rio de Janeiro a capital da monarchia lusitana, a nova metropole, e a séde de toda a côrte.

Nao passavam então de quarenta e seis os annos: de Souza Caldas; abattia-o e flagellava-o porém a constituição fragil e delicada que teve desde o prina. cipio da vida; mesmo assim, e apesar de tero corpocançado, não abandonou o pulpito; como era fortee reforçado de animo e de espirito, folgava sempre que fazia echoar a sua voz eloquente e poderosa no meio dos seus compatriotas, e que conseguia triumphos, convencendo-os com o accento magico e mavioso da sua crença profunda e religiosa; mereceulhe a egreja de Santa Rita as honras de preferencia para n'ella prégar todos os domingos, por ter sido aquella em que recebèra a graça baptismal; concorria ali constantemente copia immensa de povo, que exaltava-se com o zelo apostolico do prégador, e sabia comprehender e admirar o seu talento subido, e os seus thesouros de sciencia.

Terminou no Rio de Janeiro o sua traducção dos Psalmos, e escreveu ainda uma collecção de cartas politicas e philosophicas a respeito da côrte procurando imitar as Cartas persianas de Montesquieu, e as do Cidadão do mundo de Goldsmith.

Foi admiravel a sua vida; collocou-o o seu engenho na primeira linha dos poetas lyricos da lingua portugueza; acreditou-o a sua instrucção como um dos litteratos, philosophos e prégadores de maior fama, e das qualidades mais perfeitas do seu tempo; as repetidas obras de caridade que praticava, os soccorros que prestava continuamente aos necessitados e aos afflictos, a moral que o inspirava em todas as suas acções, e a honradez, lisura e desinteresse com que portava-se nos mais pequenos negocios, cercáram-no de uma aureola gloriosa de respeito, consideração e estima universal.

Foi geralmente sentida a sua morte, que teve logar no dia 2 de março de 1814.

Está o seu tumulo na casa do capitulo do con-

vento de Santo Antonio, e recolheram-se seus ossos em uma urna, na qual escreveu José Eloy Ostoni os seguintes versos latinos:

Brasiliæ splendor, verbo, sermone tonabat, Fulmen erat servo, verbaque fulmen erant.

Do Brazil esplendor, da patria gloria, Discorrendo, ou fallando, trovejava; O discurso, a dicção, a essencia, a forma, Tão veloz como o raio se ensammava.

II.

Escreveu Antonio Pereira de Souza Caldas sobre quasi todos os ramos da litteratura; compoz tragedias, hymnos, cantatas, sermões, e obras de critica, de philosophia e de religião, que conheceram os seus contemporaneos, e cuja maior parte não chegou ao nosso tempo: perderam-se algumas por mãos de quem lhes não sabia dar o apreço; andam por ahi outras manuscriptas em poder dos seus parentes, que se não resolvem a publica-las; foram por elle mesmo lançadas muitas ás chammas devoradoras do fogo, nos momentos em que o seu zelo apostolico e fervor religioso incitavam-lhe desejos de que nada lhe sobrevivesse afóra as suas composições sagradas.

Possuimos apenas uma collecção de poesias sagradas e profanas, com a traducção dos Psalmos, a qual foi publicada em Pariz, em 1821, pelos cuidados de um sobrinho seu, curioso e illustrado, e

202

enriquecida com commentarios importantes do litterato portuguez Francisco de Borja Garção Stockler.

Os dous volumes d'esta collecção, pequenos e escassos no formato, são todavia grandes e riccos pelas composições que encerram; formam verdadeiros monumentos de gloria para o padre Souza Caldas.

Tem a poesia lyrica portugueza duas escholas distinctas: maviosa, terna, doce e musical uma; torna-se o metro cadente e sonoro; é a rima languida, egual e angelica; tão appropriada a palavra, como a nota de uma cavatina: abandona a outra eschola a forma, e as vestes exteriores; desampara a lindeza do verso, e procura só pensamentos altivos, elevados e grandiloquos. Da primeira eschola é o chefe Luiz de Camões, cuja vida de dôres e prazeres, de tormentos e amores, forma um verdadeiro poema, e poema melancolico; são os seus mais brilhantes satellites Antonio Ferreira, Thomaz Antonio Gonzaga, Manuel Maria Barbosa de Bocage, e Pedro Antonio Correia Garção: esta familia de poetas, que dão á linguagem o privilegio de harmonia, que collocam o gosto no estylo, o som na palavra, a doçura na phrase, a cadencia no verso, e a perfeição na rima, conseguem dos seus compatriotas um renome superior, e são intraduziveis para os estranhos; é a descendencia de Virgilio, aprimorada por Luiz de Camões, Lord Byron, Torquato Tasso, Frederico Schiller, Francisco Petrarca e João Racine. .

Foi illustrada a segunda eschola por Francisco Manuel do Nascimento, Antonio Pereira de Souza Caldas, Antonio Diniz da Cruz e Silva, e João Baptista de Almeida-Garrett: é mais livre o pensamento, procura o ar a ideia para desenvolver-se; são sacrificados á inspiração do vate a cadencia do verso e o som musical das palavras; como Pindaro, Homero, Klopstock, Gœthe, ou Dante Alighieri, quebra a aguia as suas cadeias, ganha a liberdade, e esvoáça de altura elevada; pertencem a todos os tempos e a todos os paizes as bellezas do pensamento; não logram a mesma sorte as bellezas do estylo, que tem por assim dizer uma terra, um sol, e um céo natal.

Nunca appresentou a poesia portugueza d'esta segunda eschola vôos tão atrevidos e arrojados, como nas odes de Antonio Pereira de Souza Caldas: si dando-se a assumptos historicos, levantou Francisco Manuel do Nascimento monumentos perduraveis de gloria a Affonso de Albuquerque, aos Portuguezes, e a Vasco da Gama, subio mais alto o padre Souza Caldas, porque foi buscar a sua inspiração nos mysterios do christianismo, elevou o seu pensamento até Deus, e com materiáes tão fecundos como esses, que fallam directamente á alma do homen, quanto se não ergueria?

Abram-se os versos da sua ode admiravel da Existencia de Deus.

> A luz se faça; e subito creada A luz, resplandecendo

A voz ouvia, que aviventa o nada:
D'entre as trevas se foi desenvolvendo
O cháos, que estendendo
A horrenda face, tudo confundia,
A terra, e o mar, e o céo, e a noite, e o dia.

• • • • • • • • • • • • •

Inda o sceptro chimerico empunhava
O nada, avassallando
Informe reino, e vão, que dominava
A seu lado o silencio venerando;

E tudo, repoisando No seio incerto e immenso do possivel, D'existir era apenas susceptivel.

Sómente a eternidade Concentrada em si mesma, em si contida, Em si gozando interminavel vida,

Perenne mocidade, Com infinitas perfeições brilhando, Sotopunha os futuros a seu mando.

Ao som de sua voz omnipotente O possivel se atterra; O nada se fecunda; e de repente Atonitos produzem céos e terra,

E o espaço, que os encerra: Começa então o tempo pressuroso A curva foice a manejar iroso: A agitadas ondas se separam

Da terra, que cobriam, E no vasto oceano se abrigáram:

As fructiferas arvores nasciam:

De pennas se vestiam

As animadas aves; e de vida

Animáes de grandeza desmedida.

O homem apparece,
Alçado o nobre collo, e vendo ao lado
Da mulher o semblante lindo e amado,
Por quem morrer parece:

De raios e de luz se rodeava O sol, que almo calor a tudo dava.

• • • • • • • • • • • •

O verme, que no campo resvalando, Ergue a movel cabeça;

A aguia sobre as nuvens remontando,

E do ar retalhando a massa espessa;

A garganta travessa

Do leve rouxinol; e o peito forte

Do leão, que esbraveja e insulta a morie;

O mar embravecido;

A terra de mil fructos, que a guarnecem, Toldava, com que as forças reverdecem

Do homem atrevido;

Tudo aponta a Suprema Intelligencia, Adoravel auctora da existencia.

Em nem-um paiz, e em nem-uma lingua, appareceu ainda uma poesia mais rica e mais ornada de pensamentos magestosos e gigantescos. Descrevendo na sua primeira metamorphose o cháos e a creação, não reune Ovidio um complexo tão perfeito de imagens altanadas: produz a religião a dissimilhança, por que a religião de Ovidio era o polytheismo material e descarnado, e abraçava Souza Caldas a religião de Christo, que purifica e adoça tanto o coração, religião coroada com o mysticismo catholico, cercada das nuvens de incenso, e da pompa da ceremonia do templo sagrado, aonde entre o homem e a divindade, para provar a distancia que separa o peccador do Juiz Supremo, appareceu o sacerdote, não figurando um homem como os outros homens; re-

vestido e parecendo porém separado da terra; religião d'alma, da vida eterna, da consciencia, sublime toda e toda mysteriosa.

É eminentemente religiosa a poesia de Souza Caldas, parece que descende da litteratura hebraica; ha n'elle o quer que seja da inspiração superior que bafejou a Salomão, a David, a Moysés, a Asaph, a Job, o Coreo, a Samuel e a Ezechiel: consiste a differença no tempo e no logar; descantava-se a poesia hebraica no meio de uma civilisação infantil, com os usos e costumes dos homens pastores, sobre os montes Sinai, ás ribas do mar Vermelho ou dos rios da Babylonia; é decerto uma poesia sublime, celestial, divina, mas doce, melancolica e appropriada ao povo de Israel; e de permeio os canticos altivos e gigantescos de David erguem-se magestosos como os cedros do Libano; de quando em quando fere o coração um ou outro gemido de Job, como o som da harpa do deserto: são todavia modestas, candidas e simplices as vestes; mas assoberbam os pensamentos, tornam-se audaces e magestosos; sobe sempre a inspiração á origem mais pura e mais elevada.

Viveu Souza Caldas porém em epocha diversa, no meio de uma civilisação mais refinada, e entre povos de costumes muito differentes : demais, o christianismo, e, apóz elle, o catholicismo, modificáram ainda os usos das eras antigas e primarias : ainda que bebendo assim elle a sua inspiração primorosa na poesia hebraica, apaixonando-se pelos

vôos soberbos de David, desenvolveu-se no emtanto com apparato magestoso, mas muito differente, por que accommodára-se a seu tempo; não é descendente tambem da poesia hebraica Ossian, ou, para melhor dizer, Macpherson, e não desdobra todavia os seus canticos lugubres e sonoros de modo differente, e por feitio diverso? Não receberam Milton e Klopstock da Biblia os seus suspiros melodiosos, e não se alimentáram com o nectar que d'ella corre? Qualquer que seja a maior ou menor divergencia das vestes exteriores, é a pocsia de Souza Caldas uma faisca de fogo escapada da poesia hebraica, e que leva a luz mais penetrante ao coração e á alma do homem. Todas as vêzes que não pode explicar humanamente as suas inspirações, não o domina a ambição de discuti-las philosophicamente, como Hegel, Vico, Kant ou Fichte; prefere descansar como Bossuet na convicção de Deus, e attribuir tudo á sua força e poder, porque é Deus em sua consciencia o pensamento superior que resume tudo, porque tirou tudo do nada, e creou tudo, na phrase do philosopho Malebranche.

A cantata da Creação desenvolvendo mais ainda o pensamento elevado que deu nascimento á ode da Existencia de Deus, encerra pintura tão variada, e exposição tão colorida, que commove, arrasta, e depois ainda de terminada a leitura, deixa a alma suspensa, e o espirito encantado, como deslizase ainda apóz a carreira da náu, e por algum tempo

se conserva a longa esteira, que abrira o seu caminho: finalisa com um hymno soberbo, cujas bellezas se não offuscam perante as mais admiraveis poesias da Biblia:

Os Céos entoam Minba grandeza. Os seres todos Juntos pregoam, Por varios modos. Do eterno ser O incomparavel, Grande, ineffavel, Alto poder! A minha gloria, Homem, respeita; Rendido aceita Meu mandamento. Traze á memoria Que o firmamento Por ti criei: Que o mar e a terra, E o que ella encerra, Tudo te dei.

Não ha que admirar em Souza Caldas uma imaginação vasta, brilhante e illimitada unicamente; uma superabundancia de magestosos e magnificos pensamentos; e um como que excesso, ou exageração mesmo da faculdade de inventar e de produzir, que possuia em gráo subido, agglomerando por essas odes sacras, e em circulo tão pequeno, tantas ideias, e tão differentes e variadas, e ao mesmo tempo tão grandiosas; fôra dotado com essa força immensa e preciosa, e raro privilegio,

que intitula-se genio, e que comprehende o gosto e a invenção: o gosto, que é o poder de sentir e conhecer o que é bello, e a invenção, que é o talento de imaginar e produzir. Não contenta-se o verdadeiro genio com ver e admirar; é arrastado por uma vontade ardente, e uma força irresistivel de exprimir o que sente. Si não é a linguagem de Caldas maviosa e musical, como sóe compô-la a eschola artistica de Camões e de Virgilio, tem comtudo o merito da clareza, da propriedade e da energia: desenha e pinta perfeitamente o quadro pomposo que imagina o enthusiasmo do poeta; e que expressão mais elevada pode se exigir do que a das ultimas strophes da ode sobre a Virtude da religião christãe?

O musa, que me inspiras animosa,
Novas cores ajunta ao nobre quadro
Que soberbo desenhas:
Ouve o guerreiro estrepito que atróa
Os deplorados muros
Da misera Sion; vé como a cinge
Romana bellicosa soldadesca.

Já batem os arietes horrendos
Com medonho fragor as suas torres;
A descorada fome,
O odio, o horror, por toda a parte a investem,
E o venenoso vulto
Ergue a peste lethal, medonha e fera,
Mortáes frexas em torno arremessando.

Que scena, ó Deus, avisto!

Lá rasga mãe cruel o tenro peito

Do misero filhinho!

Já sobre ardentes brasas

Lacerado o arroja, e deshumana Ceva a fome na carne, que gerára!

Jerusalém rebelde, vé alçando
O horrido semblante no teu seio
O crime furibundo:

Já freme a crepitante labareda Em torno do teu templo:

Em vão forcejas apaga-la, e irado
Um deus a chamma abrasadora acende.

Tuas culpadas ruas estremecem:

Por toda a parte a morte te rodeia:

Cahida em terra jazes,

De lividos cadaveres juncada:

Nunca mais o teu templo

Se erguerá; e o teu povo vagabundo

Será de opprobrio e dor fatal objecto!

Quando, descrevendo a paixão de Jesus Christo, exclama com o mais fervoroso enthusiasmo:

Quem fará em meu seio

De lagrimas brotar inexgotavel

Compassiva torrente, e noite, e dia,

De Judá sobre o crime

Derramar inconsolavel pranto?

Esconde-te, Israel; mirrados corpos

. Surgem das frias campas;

Treme o orbe de horror, fendem-se as pedras;

Do templo o véo se rasga:

Em geral lucto envolta a natureza,

Que fizeste, Israel? Te está bradando.

Dir-se-ia que roubára uma inspiração sublime ao genio ardente e robusto de Milton, quando no canto nono do seu poema admiravel, appresentando Eva a Adão o fructo prohibido, e levando-o a prova-lo, pinta o poeta o terror de que apossou-se a

terra, e cobrio-se o céo, cahindo até da mansão etherea lagrimas amargas e tristes, que desenham perfeitamente a desesperação do primeiro homem no instante em que conhece o seu crime, e o castigo devido que logo apóz lhe infligiu o Creador.

Tratando da morte do Salvador do mundo, como rivalisa o seu estro com o estro de Klopstock! Que magestade quando diz:

De sangue está banhado
O justo, em afrontosa cruz pendente:
O senhor do universo traspassado
De dór acerba, ingente:
Tyranno povo as vestes lhe sorteiam;
A traição o vendeu, horrenda e feia.
Os macerados olhos lhe circumda
Piedosa ternura,
No coração ajunta a dór profunda
Os doces sentimentos, em que abunda,
E do pai só procura
O perdão dos algozes, que o craváram,
E no seu sangue as impias mãos banháram.
O Filha de Sion, no pó te assenta,

O Filha de Sion, no pó te assenta,
Cobre de humilde cinza o teu culpado
E fementido rosto:
Como ainda existís, ó sol? ó terra?

Um dos titulos mais gloriosos de Souza Caldas, e pelo qual a litteratura portugueza deve-lhe os maiores louvores, é o abandono que, primeiro que todos os seus poetas, fez elle da technologia grega, adoptando uma linguagem clara, precisa e eloquente; apoderavam-se até então de todos os espiritos a lit-



teratura grega e a romana; não tinham o bello e o sublime veredas diversas para serem attingidos; não podia ser outra a inspiração do poeta afóra a que partisse do Helicon e do Parnaso; não podia haver outra phraseologia que não fosse a da cansada mythologia: devia revestir-se a poesia portugueza de mantos hellenicos, e revelar o seu pensamento por meio de symbolos ajustados, e de imagens reconhecidas e aceitas.

E ninguem ousára antes de Souza Caldas passar as raias do circulo de ferro que subjugava e cortava os võos ao poeta; era latina ou grega a educação; descendiam d'essa origem as ideias, e confundiam-se com ella; cantando heróes modernos, e bravuras dos nossos tempos, tornava-os o proprio Francisco Manuel do Nascimento heróes romanos ou gregos davadhas as armas dos combattantes

catholica; nada ha de mais extravagante do que, no meio das vagas irritadas do oceano, em procura de novos mundos, para enriquecer a sua patria, não saudarem os navegantes lusitanos a Christo, não adorarem a imagem da Virgem purissima, e dedicarem-se entretanto ao serviço da Venus luxuriosa, da sabia Minerva, ou da Juno soberba.

Rasgou Souza Caldas o véo de semelhantes phantasmagorias; pretendeu que a poesia trajasse vestes proprias e nacionáes; seguisse a origem da sua inspiração; e perdesse-se nos seus braços: não tinham para elle o bello e o sublime um caracter unico, immutavel, e eterno, cujos traços são de antemão delineados; nascia da liberdade e da religião a inspiração verdadeira, subita e espontanea.

Chame-se romantica esta poesia, como a appellidam alguns, ou dê-lhe-se outro nome qualquer, é certo que interpreta fielmente ella os mysterios do coração humano, e exprime com perfeição as paixões, crenças e sentimentos da creatura; cada formula tem a sua epocha; foi bellissima a poesia grega; degenerou um pouco a sua filha de Roma, si bem que obtivesse ainda gloria immensa; já passou-lhes porém o seu tempo, por que é a poesia a representação fiel da religião e da sociedade; quando mudam estas, vaga a poesia, sem força e sem vida, até que desapparece com ellas; foi transformado o mundo pelo christianismo e catholicismo, que trouxeram nova poesia, a qual existirá emquanto existirem a

religião e a sociedade que gerou-a e alimenta-a. Pode-se dizer affoitamente que é Antonio Pereira de Souza Caldas o chefe da nova eschola da poesia portugueza.

III.

Ha tantas traducções poeticas dos Psalmos! A França, a Allemanha, a Italia, a Inglaterra, a Hespanha, possuem muitas e differentes. Nem-uma conhecemos porém, por mais bella e perfeita, que possa exceder em merito litterario a que terminou Antonio Pereira de Souza Caldas; estudou a poesia hebraica, e traduziu-a na lingua portugueza, como estudou Phidias a Homero, e traduziu-o com seu cinzel, ou como Miguel Angelo estudou o poema de Dante, e traduziu-o na capella Sixtina do Vaticano; passando-se da lingua hebraica para a portugueza, não perdeu a harpa do rei de Israel nem-uma de suas harmonias; não servio-se Caldas da elegancia graciosa e elegiaca que empregou Luiz de Camões na traducção de dous psalmos; não usou da rima musical e voluptuosa de André Chenier; e menos ainda da versificação polida, languida e triste de Gonzaga, Racine, Lamartine, Garção, Schiller, ou de Petrarca; mas conhecendo perfeitamente todas as suas bellezas, e possuindo alma fogosa e convencida, e espirito enthusiastico, conseguio achar a propriedade dos

245

termos, e a magestade da expressão, e escreveu na lingua portugueza, como escreveria o proprio rei David.

« Foi no tempo de David, diz Herder na sua historia da poesia hebraica, que a flor selvagem dos campos, trazida por elle para a soberba Sion, brilhou com todo o esplendor de flor real : fôra sempre musical e poetico o espirito de David; no meio dos campos e prados correram os seus primeiros annos, e colheu n'elles o joven pastor as flores lyricas com que ornou os seus psalmos heroicos, e mais os seus psalmos penitentes. É a verdade a base fundamental do seu caracter, porque é a sua poesia o espelho fiel da sua vida, das suas sensações e da sua epocha; é um jardim rico de flores graciosas e fructos saborosos, mas que estraga ás vêzes a tempestade: é a pintura do seu coração terno, e da sua alma sensivel; soffreu todas as dòres, e gozou de todos os prazeres, e por isso ha cousas nos psalmos que se não podem exprimir nas linguas modernas: tomam as suas lagrimas uma resignação filial; colloca toda a sua confiança no Deus, que de pastor elevou-o a rei, e que amparou-o em todos os transes e calamidades. »

Eram os Psalmos escriptos e compostos como os hymnos, que precisam de acompanhamento de musica; recitava-os o povo judeu, e cantava-os nos templos, e nas festas publicas; eram irmães e andavam junctamente a poesia e a musica; uma e

outra sanctificou o rei David; e para o serviço divino, para as ceremonias do cantico e da musica, reuniu quatro mil levitas, divididos em classes diversas e chóros differentes.

É esta poesia que trasladou Souza Caldas para a lingua portugueza!

Verdade é que appropriavam-se admiravelmente á obra as qualidades lyricas do traductor; possuia não só elle a grande sciencia da comprehensão, que é o estudo profundo, serio e acertado dos canticos hebraicos; e imaginação energica e brilhante, capaz de transpôr a obra, como si fôra original; como tambem ornava-se o seu genio com uma qualidade rara e peculiar, que era necessaria para com poucas palavras acompanhar toda a expressão da poesia dos Psalmos, que desenvolve-se em termos diminutos, e com uma brevidade espantosa: com quanto approxime-se dos canticos simplices de Moysés, é todavia energica a linguagem dos Psalmos: consiste tanto a sua magestade no elevado do pensamento, como na palavra curta e apropriada; é a lingua portugueza rica e abundante; para conservar as imagens deliciosas, e ao mesmo tempo a expressão fogosa dos versos de David, convinha um talento excepcional, que fosse tambem dotado de uma grande inspiração lyrica: mais proprio do que Souza Caldas nem-um outro apparecia.

Que mais fiel traducção do que a do bello psalmo seguinte?

Feliz aquelle, que os ouvidos cerra A malvados conselhos. E não caminha pela estrada iniqua Do peccador infame; Nem se encosta orgulhoso na cadeira Pelo vicio empestada; Mas na lei do Senhor fitando os olhos, A revolve e medita, Na tenebrosa noite e claro dia. A fortuna e a desgraça Tudo parece a seu sabor moldar-se: Elle é qual tenro arbusto, Plantado a margem de um ribeiro ameno, Que de virentes folhas A erguida frente, bem depressa, ornando, Na razão opportuna, Dos fructos curva os succulentos ramos. Não sois assim, ó impios! Mas qual o leve pó o vento assopra, Aos ares alevanta, E abatte, e espalha, e com furor dissipa.

É a collecção dos Psalmos um poema admiravel, que pinta as scenas todas do coração humano; passa da alegria á dôr, do enthusiasmo ao abatimento, da furia á piedade, e da audacia á resignação: foi escrevendo o rei David as suas sensações ao passo que iam-lhe ellas apparecendo, e nunca eloquencia mais sublime poderam conseguir as paixões diversas do homem.

É possivel, Senhor, que te não dóa Ver o teu servo sem cessar pisado Aos pés dos impios, que crueis o assigem, Que seros o attribulam?

Desde que nasce o sol, té que se occulta No vermelho horizonte, se revezam, Insultando-me audaces, procurando Soberbos humilhar-me.

Foi João Baptista Rousseau o traductor francez dos Psalmos; ou fosse porém que se não prestasse a lingua franceza á expressão magestosa e sublime dos canticos hebraicos, ou porque, e o que é mais presumivel, faltassem imaginação e genio ao traductor, que, apesar da nomeada, que grangeou, de primeiro poeta lyrico da França, parece-nos muito inferior a seus proprios compatriotas Lebrun, Lamartine e Victor Hugo, certo é que ficou a traducção franceza muito áquem das traducções dos Psalmos que possuem as demais nações da Europa, e das quáes uma das mais aperfeiçoadas é indubitavelmente a de Antonio Pereira de Souza Caldas.

Não foi elle o unico que para a lingua portugueza trasladou os Psalmos, e exprimiu-os em versos. Ousáram anteriormente executa-lo Achilles Estaço da Vidigueira e Bernardo da Fonseca que empregáram infructiferos esforços! Traduziu dous psalmos Luiz de Camões, mas n'aquella linguagem terna e doçorosa, tocante e melancolica, que cabia tão perfeitamente ao seu caracter, e ao seu viver; mas que não é a linguagem dos Psalmos, grave, solemne, magestosa, energica e altanada, como folgava de escrever o rei de Israel. Mais que nem-um

outro poeta aprofundou Saverio Maffei o estudo da litteratura hebraica, conheceu todas as suas bellezas, e interpretou fielmente os textos que encerram uma poesia tão rica e divina, que ha de ser eternamente a delicia dos litteratos e a inspiração dos poetas; na traducção porém, que effectuou d'elles para a lingua italiana, ou porque faltasse-lhe o engenho poetico, ou porque não soubesse manejar perfeitamente a sua lingua vernacula, é certo que, com quanto fiel e mais genuina, foi desgraçado o traductor no seu trabalho.

Como comprehendeu e exprimiu Souza Caldas o psalmo de David fugindo á vista de seu filho Absalão! Como disse a sua resignação evangelica, a sua fé convicta, e a sua esperança robusta! Como apoderou-se da inspiração dolorosa e altiva ao mesmo tempo d'aquelle grande monarcha!

Ah! Senhor! Que crescendo meus imigos,
Apinham-se, e me encaram furiosos!
Quantos me estão bradando!
Debalde espera que o seu Deus o salve!
Mas tu es, ó Senhor, o meu esteio
E minha doce gloria;
O resto entre os perigos tu me exaltas!

A Deus clamei, e sobre o monte sancto
Minhas vozes soáram;
Pesado somno me cerrou os olhos;
Dormi, e alegre despertei nos braços
De Deus, que a si tomou-me.
Cerque-me embora numeroso exercito:
Sem susto o arrosto; mas é tempo, accode-me,
Ergue-te, ó Deus, e salva-me!

Já outras vêzes meus perseguidores
Tu desfizeste, e os dentes esmagaste
Dos ferozes malvados:
De ti pende, Senhor, o libertar-me;
E da tua bençam goze esperançoso
O povo que escolheste.

Pôz Souza Caldas tanto cuidado na traducção dos Psalmos, que parece que era a sua obra de amor; nem-um ha que lhe não merecesse as honras de trabalho castigado; tiveram alguns duas versões, como entre outros aquelle, em que exaltando-se perante Deus e supplicando-lhe misericordia rompe assim o poeta o seu cantico enthusiasmado:

O Deus immenso, todo o meu amparo!

Das mãos ferinas, que abatter-me intentam,

E a cada instante de furor redobram,

Vem libertar-me:

Antes que iradas, qual leão faminto, Me despedacem; quando já não possa Piedoso braço, em meu favor erguido, Ser-me propicio!

Ganhou na traducção a poesia hebraica; enriqueceu-se tambem com ella a poesia portugueza; são os Psalmos pedras preciosas da litteratura dos Hebreus; formam a sua corôa immortal; traduzidos por Souza Caldas em portuguez, consolidam a sua reputação original e gloriosa, e constituem um monumento admiravel de poesia para a lingua que os recebeu.

IV.

Quanto não deve sentir a litteratura portugueza a perda de tantas e tão diversas composições de Souza Caldas, que se extraviáram? Para avaliar e apreciar a extensão do seu genio, e a sublimidade da sua imaginação, bastam as suas odes sacras, a sua traducção magnifica dos Psalmos, e algumas poucas obras sobre assumptos varios, que completam os dous volumes publicados. Que esperanças não promettia porém a cantata do Homem selvagem, revestida de côres delicadas, e semeada de pensamentos os mais altivos e vigorosos? Que força de intelligencia e gosto aperfeiçoado appresenta a cantata de Pygmalião, escripta segundo a phraseologia mythologica, e coberta de imagens frondosas?

Já da lucida Aurora scintillava O tremulo fulgor, e a noite fria Nas mais remotas praias do occidente, Entre abysmos gelados, se escondia. Amor impaciente Dos filhos de Morpheu se acompanhava, E de Pygmalião a altiva mente, Com lisongeiros sonhos affagava. Ora de Galathéa A estatua airosa e bella, Obra do seu cinzel, obra divina, Se lhe avivava na amorosa idéa: Ora cuidava vê-la E a marmorea dureza transformar-se Em suave, vital brandura, dina D'aquella que em Cythera Sobre os amores e o prazer domina.



vas e exaltadas, peripecias soberbas, e pensamentos grandiosos; parece que arde a sua alma em uma labareda, e que rebenta a poesia do seu cerebro espontanea, livre e pomposa: é esta a differença entre uma e a outra cantata, entre uma e a outra poesia.

Quanto enthusiasmo patriotico não encerrou tambem o coração de Souza Caldas? dominava-o a religião; levantava-lhe os seus altares; apparecia-lhe a gloria de Deus, tecia-lhe louvores magestosos; mas fallava-lhe tambem a patria; susurrava-lhe a patria de quando em quando aos ouvidos, e chamava-lhe a inspiração: no meio dos versos admiraveis de sua Noite melancholica, dedicada ás Aves, que escrevera quando estudante de Coimbra, e cuja composição fôra uma das causas por que soffrêra os amargores da prisão, e dos exercicios de Rilhafoles, escapam-lhe queixumes patrioticos, que lhe fazem honra: denunciavam esses queixumes o fogo sagrado, que vecejava-lhe n'alma; e manifestava esse fogo o patriotismo vivo e corajoso, por que exaltava-se o poeta, e que, mau grado dos perigos da epocha, folgava de arrancar do peito, traduzir em poesia admiravel, e atirar ao publico; que ousadia era a do estudante imprudente, que sob o governo de Dona Maria I, rainha de Portugal, não temia produzir e mostrar estes versos:

> Nem tua crúa indole se abranda Nos climas do Brazil, onde Amor vive De exquisitos deleites, de finezas,

E de ternas meiguices rodeiado: Paiz, aonde as Musas, que risonhas Carinhosas o berço me emballáram, Outra Hipocrène rebentar fariam, Outro Parnaso excelso e sublimado, Aos céos levantariam, si ao ruído De pesados grilhões jamais podessem As filhas da Memoria acostumar-se. Ali a terra com perenne vida Do seio liberal desaferrolha Riquezas mil, que o Lusitano avaro Ou mal conhece, ou mal aproveitando, Esconde com ciume ao mundo inteiro. Ali... ó dór! o minha patria amada! A ignorancia firmou seu rude assento, E com halito inerte tudo damna. Os erros difundindo, e da verdade O clarão offuscando luminoso. Ali servil temor e abatimento Os corações briosos amortece, E emquanto a natureza desenhava De outro Eden as campinas deleitosas, A estupida ambição com mão mesquinha Transtornou seu magnifico projecto, E só parece apparelhar abrigo As aves, que do dia se arreceiam, E procuram da noite a sombra triste. Por isso, ó Nictimêne, te acolheste Do Brazil aos rochedos e ás slorestas, Aonde o Indio, em seu fallar singelo, Jacorutú chamou-te, e te conhece Não só pelas feições, que com na Europa O bufo das mais aves se apartára; Mas pela varia cor de branco e fusco, E de amarello, que te tinge as pennas.

São bellas as descripções, primorosas as côres, e delicado o pensamento do poeta; superior porém ás

descripções, ás côres, ao pensamento, e á poesia do cantico das Aves, é a ideia do patriota, e a dôr do homem de bem, que pairam e assoberbam toda a composição, como sóe a aguia real pairar e assoberbar a terra; fallou a patria n'este cantico uma linguagem mais do coração do que a musa mais sublime: estas saudades da patria, e o carpir magoado pelo estado, em que a pinta, espraiam-se tão docemente nos seus versos, e exprimem-se tão energicamente nas suas palavras, que não toma a imaginação o primeiro logar, cede-o porém á alma pura e extremosa do patriota: como transpira entretanto em todas estas composições uma poesia rica e elevada e um enthusiasmo nobre e generoso!

Além de fama de poeta lyrico gozou Souza Caldas de reputação de litterato profundo, e de grande orador sagrado; conta a litteratura portugueza alguns prégadores excellentes. Prima em primeiro logar o jesuita Antonio Vieira; seguem-se-lhe Antonio de Sá, Antonio Pereira de Souza Caldas, Frei Francisco de São Carlos, Diogo de Paiva de Andrade e Luiz de Granada; e como que querendo provar a magnificencia d'esta terra do Brazil, fez a natureza com que, visto como escapára lhe a gloria de ser a patria do padre Antonio Vieira, fosse ao menos elle educado no Brazil, e passásse no Brazil a maior parte da sua vida.

Quem pode porém conhecer actualmente os escriptos philosophicos, litterarios e religiosos de Souza Caldas, que não viram a luz da publicidade?

.335

Que é dos seus sermões admiraveis, tão reputados em Lisboa e no Rio de Janeiro? Que é d'essas emoções que recabia o pevo na egreja, e que admiravem todos, e a todos commoviam? Foi fatalissima a sua perda; e como tão fóra do seu logar e do seu tempo pederemos nós pintar o orador com a sua eloquencia magica, com a maviosidade da sua pelavra, e com a fluidez da sua dicção, que eram os encantos dos seus ouvintes?

Deparames monumentos, que transmittirão aos seculos a grandeza do seu genio e a fertilidade da ma imaginação de poeta; consideramo-lo litterato distincto, porque revelam os seus proprios versos a sua instrucção rara e o seu gosto apurado; jurámos porém na tradicção, que collocou-o como orador sagrado na primeira linha dos prégadores, e que guarda uma lembrança indelevel da sua palavra sonora e maviosa.

XIV.

FREI FRANCISCO DE SÃO CARLOS.

I.

Descende Frei Francisco de São Carlos de uma familia excellente e honrada, que era estabelecida no Rio de Janeiro. Nascido a 43 de agosto de 4763, recebeu na sua mesma patria a educação necessaria e seguio os seus estudos: entrou na edade de treze annos para a ordem seraphica da Immaculada Conceição; cursou as aulas que ella possuia, e que eram dirigidas pelos maiores talentos que existiam no seu seio: comquanto novamente creada cabia-lhe a gloria de haver já produzido alguns theologos importantes e prégadores excellentes, cuja fama repercutia em toda a parte, e cujos nomes as chronicas da ordem, e as diversas historias religiosas, salváram, e transmittiram aos seculos vindouros.

Honrava-se a ordem seraphica da Immaculada Conceição do Rio de Janeiro com os nomes gloriosos de Frei Miguel de São Francisco, de Frei Antonio de Santa Maria, de Frei Christovam de Madre da Deus, de Frei Patricio de Santa Maria e de Frei Manuel do



Desterro, grandes talentos todos, e que ao passo que lográram uma nomeada extensa, estabeleceram e firmáram os creditos do convento a que tinham pertencido.

Mostrou Frei São Carlos desde a sua infancia uma grande vocação para o isolamento e para o estudo solitario; estava tão estreitamente ligado com a sua existencia o espirito religioso, que pode-se predizer desde a puericia que não lograriam as tempestades do mundo abalar os seus fundamentos, e menos modificar as suas crenças profundas e sinceras : era o convento sitio apropriado para o seu genio e os seus desejos; recebeu-o de braços abertos o convento, parecendo advinhar a aureola de gloria que resultar-lhe-ia da acquisição do joven engenho que procurava-o tão espontaneamente.

sobre que passára a colera de Deus, ou parecendo uma necropolis do Egypto, cuja vista é tão dolorosa ao viajante!

Residiu São Carlos durante alguns annos no convento de Macacú devotado aos deveres da religião, e á leitura das obras litterarias antigas e modernas; aprofundou os conhecimentos de theologia e philosophia, e preparou n'essa solidão a sua voz e os seus talentos para o tempo em que fosse-lhe permittido desenvolvê-los: murmurava-lhe já o pensamento apontando-lhe o pulpito como o logar da sua gloria; folgueiava-lhe já a imaginação insinuando-lhe que era a poesia o anjo com quem devia abraçar-se como seu companheiro, amigo e siel patrono: eram internas todas as suas alegrias, prazeres e esperanças: nasciam da intelligencia, da alma e do coração, que são fontes mais puras de delicias perennes, do que os objectos physicos e exteriores.

Folgava Frei São Carlos de ler e estudar não sómente as obras dos Padres da Egreja latina, grega e oriental, senão tambem os escriptos de Homero, Demosthenes, Platão, Sophocles, Eschylo, Aristoteles e Horacio; conversava com os auctores profanos dos tempos mythologicos, e com os prophetas do christianismo, e os escriptores do catholicismo: foram-lhe tão familiares os philosophos modernos, Malebranche e Descartes, e os poetas Dante Alighieri e Milton, como São João Chrysostomo e

Santo Agostinho, como a Biblia e os Novos Testamentos.

Regressando para o Rio de Janeiro, começou a prégar: ganhou logo o seu nome popularidade estensa; encheu-se de orgulho o ordem seraphica assistindo ao desenvolvimento e gloria do seu filho; correu á egreja o povo em multidão para ouvir a vez melodiosa e encantadora, os gestos perfeitos e nobres, a expressão limpida, corrente e risonha, como o sorriso da aurora, e a eloquencia nobre e apaixonada, que revelou a immensidade do seu genio, a extensão das suas luzes, e o sincero e religioso enthusiasmo que animava e exaltava o novo prégador.

Era bella e vistosa a sua figura; pela elegancia e expressão assemelhava-se a sua physionomia á de São Basilio, como no-lo pintam as gravuras antigas, e no-lo descrevem as velhas chronicas: os seus olhos grandes e negros patenteavam o fogo que ardia-lhe dentro d'alma; a boca rasgada e fermosa deixava sahir uma voz como que musical, que deslizava de um orgam perfeitamente organisado.

Foi nomeado pela sua ordem em 1801 professor de eloquencia sagrada, confiando ella que das lições de um tão perfeito orador nasceriam outros engenhos, que far-lhe-iam honra e trariam gloria-

Chegando ao Rio de Janeiro em 1808 a rainha, o principe regente, e toda a côrte portugueza, fugindo a furia do vencedor de Austerlitz, e mudando-se assim a séde da monarchia lusitana, foi

escolhido Frei São Carlos para prégar em presença d'aquellas personagens augustas o sermão de graças por este successo faustoso, que saudava o Brazil com a expansão de todo o seu enthusiasmo, e que promettia á esta parte dos estados d'ElRei um futuro lisongeiro. Ficou por tal maneira encantado o principe regente Dom João com a sua eloquencia prodigiosa, que confessou não haver ouvido egual, e nomeou immediatamente a Frei São Carlos para prégador da sua capella real, como prova do apreço que sabia dar aos seus talentos selectos.

Não gostava porém São Carlos nem do mundo e nem da corte: muito poucas vêzes folgava de sahir do seu convento; tinham logar os seus passeios na propria cerca que occupa o morro, e que domina a cidade do Rio de Janeiro. Cifrava-se a sua alegria em descansar algumas horas do dia, de-baixo das arvores frondosas, ouvindo o cantar dos passaros e o susurro da brisa. Quando conheceu que iam-lhe faltando as forças, parou nos seus exercicios do pulpito, encerrou-se na sua cella, e descançou na paz e na fé do Senhor os ultimos annos que lhe restavam da existencia terrestre.

Falleceu em 6 de maio de 1829, e foi sepultado na egreja do convento de Santo Antonio.

H.

Escreveu São Carlos muitas e variadas poesias; chegou porém apenas ao nosso tempo um poema dedicado á Assumpção da Santissima Virgem, e que foi a unica coisa que elle imprimio, e mais como uma expressão da sua alma, e signal da sua gratidão, do que com o fim de ganhar reputação e nome.

Foram o enthusiasmo, o amor e a adoração da Santissima Virgem os creadores d'este poema admiravel, que é uma das obras mais origináes e religiosas que tem produzido o espirito humano. Citamos as proprias palavras que servem-lhe de prologo.

« A ligeira producção que enceto não é mais que um brinco da minha phantasia sobre a maior solemnidade da Santa Virgem, á qual solemnidade, desde os primeiros annos, consagrei especial affecto. Porém, para mais espaçar, e lisongeiar melhor a minha devoção, procurei dar-lhe um arremedo, ou sombra de poema epico, admittindo invocação, narração e episodios. »

Parece á primeira vista muito arido o objecto que pretende cantar, quando existem já tantas obras escriptas em louvor e gloria da Santissima Virgem: percorra-se porém o poema posto que ligeiramente, e transformar-se-ha o terreno que se affigurava seco e arido em um jardim matizado das flores mais encantadoras e dos fructos mais

saborosos: descobrir-se-hão sobre esse oceano, que parecia immovel, ondas de poesia magestosa e sublime, digna do objecto elevado por quem tangeo o vate as cordas da sua lyra: ligam-se á imaginação de São Carlos a fé, a consciencia e o enthusiasmo; revolvem-lhe ellas as fibras delicadas; desprendem-lhe os võos sublimados; e como a aguia, que fere os ares, e paira soberba sobre a nuvem gigantesca, além, muito além do espaço que alcança a vista do homem, descanta hymnos o poeta, que não tem muitos riváes em brilho e magnificencia.

Divide-se em oito cantos o poema : abre o primeiro a invocação, que dirige á Virgem, a cuja presença anceia e supplica o poeta elevar os seus versos.

Oh! tu, grande signal, raro portento Dos sec'los, e do ethereo firmamento, Nova ideia brilhante, a mais perfeita Do archetypo exemplar; e tão aceita, Que chegaste a ser d'elle, ó maravilha! Boa mãe, linda esposa e cara filha: Aspira os votos meus, e que meu canto Cause á terra prazer, e ao Orco espanto. Aspira, ó Virgem, por que cante e diga Quanto a verdade e a devoção me obriga! Pulchros celicultores, que os assentos Occupaes dos sidereos aposentos; Rubins, d'onde refracta a fermosura, Desde o berço da luz, da luz mais pura: Vós, que, mil vêzes, n'esta sancta empres Medistes-vos co' a barbara feresa Do cháos; e de seus monstros e tyrannos Frustrastes as traições e negros planos:

234. OS VARÕES ILLESTRES DO: DRAZM.

Si per mim celebrada se sublima

Vosca augusta princesa, em doce rima;

Dai tambem novo arder ao canto nosco

Que sendo por quem é, tambum é vosco!

E tu, Egreja, tu, nunca invecada,

Musa do céo d'estrellas coroada;

N'esta via escabrosa, e tão confusa,

Ab! digna-te de seres minha musa!

Descreve a partida da Virgem de Epheso para o céo, e o recebimento que por ordem do Eterno fazem-lhe os apostolos, sahindo-lhe ao encontro, e saudando-a com hymnos de amor e de alegria: é admiravel a pintura da Virgem collocada no carro do triumpho e cercada de emblemas sagrados.

Sobre um globo de estranha architectura.

Ia a unica Phenix, Virgem pura:

Léda no gosto, angelica, serena,

E da celeste unção tão rica e plena,

Que bem mostrava ser mimesa filha

D'aquelle Pai que é todo maravilha.

Dos olhos columbinos, onde a graça

Thesouros ajuntára em nada escaça,

Mil reverbéros vivos reflectiam,

Que do seu doca culto o orbe enchiam.

O Zephyro, que alguma véz alçava

O véo aváro e rico, que oscultava.

Da annelada madeixa os fios d'oiro,

Ria de gosto a expôr tanto thesoiro!

Eis d'oiro um cherubim mostrava alçada Na dextra vingadora flammes espada, Ameaçando os colossos aggressores De vir colher no vacuo Eden as flores.

• • • • • • • • • • • • •

Tambem se via a angelica pombinha,

Emblema do alto espirito, que tinha

No bico d'oiro um raio, que tocava

Da Virgem o peito, e a Virgem fecundava,

Sem que a prole do céo, não vista empreza,

Desbote a flor da virginal pureza.

Nunca o prisma ante os elhos applicado Em lindas cores foi tão variado: Nunca do velho Cháos a longa edade Viu formosura tal, tal magestade; Nem o trino poder a produxíra, Quando do nada as aguas extraíra.

Tenta, no segundo canto, o Principe das trévas arrastado pela inveja da gloria e do triumpho da Virgem, emquanto vão os anjos levando-a para o paraiso, armar uma conjuração terrivel no conciliabulo infernal: é porém vencido pelo archanjo São Miguel, que corre a destruir-lhe as ciladas. Esboça o terceiro canto o quadro do paraiso: no emprego das côres mais fermosas e delicadas, e no desenho das scenas mais brilhantes e pittorescas, revela-se a inspiração de um poeta dos tropicos, lançado no meio d'este jardim do mundo que chama-se Brazil, aonde nada são as obras do homem, e é a natureza tudo: não enfeitam-se os versos com as ficções do Pindo e do Parnaso; manifesta-se um talento original em cada phrase e em cada palavra; apparece a imagem do Brazil descripta e copiada nos quadros que esboça; e que paiz poder-lhe-ia manifestar melhor a ideia do paraiso, do que esse, em



que nascera, aonde viveu, e vio como o pri tetro exhalar-se tambem o ultimo suspiro da existencia?

Ha no seio do immenso uma paragem Escondida aos mortães, do céo imagem ; Logar sancto, ditoso, sem perares, Onde os prazeres giram a milhares; Habitação da paz , solar do riso , E com razão chamado Paraiso. Acola se entrelaça com a hera Col o rico outono a olente primavera, Frescos sempre os matizes da campanha De perenne verdôr, de graça estranha, Não adulam a vista n'estes prados Arvoredos por ordens alinhados; Nem marmoreas columnas soberanas De varias ordens gregas ou toscanas; Nem machinas hydraulicas, que as puras Aguas deitam por varias mil figuras. Só reina a natural simplicidade, Que excede a arte sempre em magestade.

Tal a tua, ananaz, rasteiro e baixo, Mas que tens por corôa alto penaixo, E vestido de escamas: qual guerreiro, Um halito bafejas lisongeiro.

Narra a Virgem nos cantos quarto e quinto a prégação gloriosa dos apostolos, e a perseguição que dos hereges soffreu a Egreja nos seus tempos primitivos. Uma alma pura, que enthusiasma-se pelos grandes feitos, e exalta-se pelas acções heroicas dos primeiros esteios da christandade; e uma erudição selecta da historia dos seculos que acompanháram a religião santificada pelo sangue martyr e divino de Jesus Christo, denunciam-se e brilham n'esses dous cantos.

Ha episodios, que podem repoisar a attenção do leitor, e despertar-lhe ao mesmo tempo a curiosidade: primam os da vida sublime e morte dolorosa de Nosso Senhor Jesus Christo, que contem um pathetico admiravel e um sentimento sincero de dôr; é bello tambem o episodio da descripção da cidade do Rio de Janeiro, convertida em um dos emblemas que doiram o quadro magestoso, e que attrahem os olhos e o pensamento.

A cidade que ali védes traçada,

E que a mente vos traz tão occupada,

Será nobre colonia, rica e forte,

Fecunda em genios, que assi o quiz a sorte.

Será, pelo seu porto desmarcado,

A feira do oiro, o emporio frequentado,

Aptissimo ao commercio; pois profundo

Pode as frotas conter de todo o mundo.



Será de um povo excelso germe siroso, Là de Lysia o logar mais venturoso; Pois dos Lusos-Brazilicos um die O centro deve ser da monarchia. Alcárão outras no porvir da edade Os tropheos, que tiverem por valdade; Umas nas artes levárão a polma De aos marmores dar vida, aos bronzes alma: Outras ição beber sua nobreza Nos tratos mercantis: tal que se presa De ver nas suas scenas e tribunas Maior brazão, mais inclitas columnas; Aquellas dos Timantes o extremoso Pincel com estro imitará fogoso. Muitas serão mais dextras no compasso. Que as linhas méde do celeste espaço: Mas evidar do sen rei, ser sua corte, Dar as outras a lei, eis d'esta a sorte.

Vêdes na foz aquelle, que apparece, Ponti-agudo e escaspado? Pois passos Do seio peis des nuvens, ende a fronte Esconde, vendo e mar té o horizonte, Mal que espreita surgir lenho inimigo, Prompto avisa, e previne-se o perigo.

É descripta no setimo canto uma segunda sublevação dos espiritos infernáes; segunda victoria alcança São Miguel, á frente dos anjos e dos apostolos; perdem-se para sempre os máus espiritos, e abrem-se para devora-los os negros abyemos.

O oitavo e ultimo canto appresenta victoriosa a Santissima Virgem entrando pela cidade de Deus, e sendo recebida pelos divinos braços do seu filho; resoam por todas as abobadas hymnos e canticos de alegria; as constellações, o mar, e a terra, curva-se, e prostra-se tudo aos pés da Virgem purissima, para reconhecerem o seu poderio.

Si bem que peque o plano do poema pela monotonia e simplicidade da concepção, e appareçam alguns defeitos de linguagem e metrificação, devidos á necessidade imperiosa da rima, que foi desgraçadamente a formula adoptada pelo auctor, é todavia este poema um verdadeiro trophéo de gloria levantado á litteratura e á patria: não foi sempre egual e sempre altanado o pensamento geral; scenas ha porém que não duvidariam de aceitar como suas nem Milton, e nem Klopstock, e que nem recusaria admirar o proprio Dante Alighieri. Quando desenham-se as alegrias dos anjos; quando forma-se a descripção fiel, energica e terrivel do cháos, ou

deixa-se ir o poeta pela melodia suave da sua musa, pintando com palheta engraçada e multicor os risos prazenteiros, e espargindo flores poeticas nos campos amenos e fermosos, aonde são tudo encantos e delicias tudo; dir-se-ia que cobre-se com as vestes do Florentino audaz, toma as armas do soldado de Cromwell, tinge os pinceis nos horrores de Miguel Angelo, ou invocando a tuba altanada de Klopstock, esboça quadros, que não podem ser excedidos em concepção nem em desenho, e nem em colorido.

N'uma horrivel prisão, que fez o Eterno Na mais interna furna lá do inferno, Onde em recto juiz sopra inslexivel Contra os reprobos chamma inextinguivel, Habita Luciser: sentindo o peso De Deus, que ali o supplanta em ira acceso. E um monstro hediondo e tão disforme. Na massa colossal do vulto enorme, Que, si o doce repoiso e a paz gozára, Deitado duas geiras occupára, De tão sombria e horrenda catadura, Que faz pavor á mesma Estyge escura. No reprobo semblante retratado Vé-se todo o rancor de um condemnado: Os olhos se assiguram dous cometas, Que ardem entre duas nuvens pretas: A boca era, si abria, internamente Estuante fornalha. Quando ardente Do peito o ar pestifero bafeja, De vivas brazas turbilhões dardeja, Assim do Etna o gigante, si respira, Lavras de enxofre acceso a Jove attira; Todo o monte convulso, si a outro lado Revira o enorme corpo. . .

Não é tão feia, não, a noite umbrosa, Que apanha o viajor em matta idosa, Perdido entre fusís, raios frequentes, Uivos de tigres, silvos de serpentes, Como este monstro singular e incrivel, Quasi sem forma, quasi indefinivel.

Ha sem duvida quem admire, e especialmente nos nossos tempos, que fossem empregadas uma poesia tão bella e uma imaginação tão brilhante em um poema puramente religioso: predomina actualmente em assumptos religiosos a indifferença mais odiosa; estão mortos todos os systemas de philosophia moral: triumpha por toda a parte um materialismo desesperado; não ha fé e nem enthusiasmo por Deus, ou pela patria; é universal a descrença; custa assim a comprehender a inspiração sublime e mystica de um poeta que exalta-se pelas cousas sagradas, espirituáes e mysteriosas; é difficil accreditar-se no extase puro de uma alma candida e elevada, que arroba-se de enthusiasmo, e embebe-se toda nos dogmas do catholicismo.

Fallam e triumpham os factos felizmente.

III.

Muitos oradores sagrados enumera o Brazil entre os seus naturáes: aponta a Bibliotheca lusitana do abbade Diogo Barboza Machado os nomes de muitos sujeitos nascidos no Brazil, e que em Portugal, na Hespanha, e na propria Italia, lográram triumphos II.



extraordinarios do pulpito. Citam-se tambem nas chronicas das diversas ordens monasticas de Portugal varios Brazileiros celebrisados pela eloquencia: era a carreira a que podiam os grandes talentos então dedicar-se livremente; no numero dos prégadores portuguezes dos seculos XVII e XVIII entra o Brazil com pouco menos da metade, que figuram entre os primeiros engenhos. Apóz o celebre jesuita Antonio Vieira, que, comquanto nascido em Lisboa, respirou infante e moço os ares abençoados do Brazil, inspirou-se no Brazil em muitos dos seus melhores sermões, e no Brazil morreu, e sepultouse; apóz o padre Antonio Vicira, que é sem contestação o primeiro prégador da lingua portugueza, o Bossnet dos sacerdotes lusitanos, primou outro jesuita seu contemporanco, o padre Antonio de Sá, nascido no Rio de Janeiro, e annellidado em Pordestino deu Frei São Carlos a muitos dos seus sermões que improvisava no pulpito, e não podia reduzir a escripto, porque desappareciam as emoções com as palavras; outros todavia imprimiram-se felizmente, e chegáram assim a nosso tempo, e são na realidade dignos de uma analyse, e da fama que lograva o prégador por entre os seus ouvintes.

Quão diversos porém devem parecer agora estes sermões! Que differença nos tempos! É a mesma linguagem, o mesmo pensamento e as mesmas ideias; mas que é do pulpito que resoava com a sua voz harmoniosa, que os contemporaneos appellidavam de sereia? Que é d'essas abobadas das egrejas, que repercutiam o som dos seus arrebatamentos magicos e eloquentes? Como pintar os gestos e as vozes que traduziam os accentos de puro enthusiasmo e fervor religioso que escapavam-lhe tão espontaneamente? Como descrever essa passagem das ideias do prégador para a intelligencia do povo, as emoções que extasiavam os ouvintes, e os effeitos maravilhosos que sómente consegue a eloquencia verdadeira, que é a eloquencia convencida?

O mais infeliz dos homens de genio é de certo o orador; morre com elle a melhor parte do seu talento; o que lhe sobrevive é uma pallida copia, que não dá perfeita ideia da sua grandeza; para ser bem apreciado, necessita elle da illusão da scena, do movimento do povo, e das impressões do momento, como do incenso, que sobe do thuribulo para o céo!



Dotado de uma inspiração sincera, de uma férobusta, de crenças verdadeiras e de conhecimentos vastos, improvisava facilmente Frei São Carlos. E como dar ideia de sermões improvisados? A multidão que cercava-o, e anciava ouvi-lo; a presença das imagens; os sons compassados e eternos do orgam; as decorações que ornavam a egreja; as luzes que, como as vozes do peccador, parecem pedir perdão, erguendo-se respeitosamente; todo este espectaculo emfim, que appresenta um templo quando celebra a gloria de Deus, bastava para inspirarlhe os pensamentos mais bellos, as imagens mais vivas, e a cloquencia mais vibradora e pathetica. Não abandonava-o a palavra; não faltavam-lhe as expressões; natural e abundante corria a sua pratica, e o som agradavel e limpido que lhe escanava dos labios electricava a multidare unia e

eloquencia; não ha uma fibra do seu coração, que ella não vibre. Parece innata n'elle a eloquencia; existe no seu sangue, mescla-se com a sua substancia, penetra-o, inunda-o todo; são eloquentes as suas paixões, as suas crenças e as suas ideias: ou estigmatise os vicios dos homens, cante a gloria de Deus, ou descreva as vidas dos sanctos da Egreja, admirava-o em extase o povo.

Pode-se apreciar ainda hoje, si bem que fóra do seu theatro natural e necessario, a immensidade do engenho oratorio de que fôra dotado São Carlos, lendo-se um dos seus sermões impressos, que é a oração funebre que prégou na capella real do Rio de Janeiro pelas exequias da rainha Dona Maria I. Não são mais patheticos Massillon e São Gregorio; não são mais sublimes Bossuet, Vieira e São Basilio; não exaltam mais o seu auditorio Santo Athanasio e São Jeronimo.

É admiravel este sermão; reunem-se e combinam em proporções eguáes os pensamentos superiores, a elegancia da phrase, a eloquencia das ideias e a vivacidade do estylo; expande-se maravilhosamente a alma do prégador; falla em todas as palavras o seu coração; apparece em todas as expressões uma subtil e cultivada intelligencia.

É completo o exordio, a narração poetica, e cobre-se a peroração de um aspecto de melancolia, que não é a melancolia sem allivio e sem esperança, negra e horrivel como o somno do mo-

ribundo. Não proclama-se ao peccador, que treme, ancia, e curva-se, como exclamava o poeta florentino:

Lasciate ogni speranza voi chi entrate.

Deposita-se porém dentro de sua alma como que um balsamo de consolação succulenta; ha um sentimento inexprimivel de pathetico, que arranca lagrimas dos olhos, mas que deixa-as correr largamente, sem seccar-lhes a fonte. Ha esperança em Deus, fé na sua justiça e misericordia, e convicção intima do prégador: o que se pode encontrar de superior a esta exclamação final?

« Agora que organisados os nossos exercitos, os Portuguezes despertavam do seu lethargo, e começavam a mostrar que não tinham degenerado dos Albuquerques e dos Castros, nem d'aquelles atrevidos argonautas, que arrancavam das mãos do gigante das tormentas as chaves com que fechavam as portas da aurora, e que o vestido de gloria, que os trajava no seculo XVI, ainda se não tinha rompido no seculo XIX; agora que não tendo mais com quem combater dentro do reino, leváram sobre seus hombros a imagem da victoria em soccorro dos alliados visinhos; agora que marchando até as portas do usurpador, derribáram seu throno regicida, e lhe dictáram lei na sua mesma capital; parece que assim como foi necessario que todo o mundo se apaziguasse para nascer o seu redemptor

para a terra, foi tambem necessario que se apaziguasse toda a Europa para ella nascer para o céo. Ella viu formar-se a revolução no seu reinado, sempre intacta no sagrado de sua pessoa; assim como a sancta Igreja vê nascer e morrer em seu seio as heresias, sempre a mesma, e illesa nos seus dogmas. Assim viviamos, quando.... E direi eu, Portuguezes, aquelle susurro triste e pavoroso, que vossos corações presagos regeitavam, como ave de máu agoiro?... Aquella voz surda, que sahia pela boca do povo, e que dizia, como em segredo: Nossa rainha está mal; nossa rainha perece, morre! Oxalá que não fôra! Verificou-se! Morreu! Aqui a tendes morta! Morta? Eu me reporto, não, viva, porque os justos não morrem! Era necessario que se rompesse este muro de divisão, que impedia-lhe ver, o seu Deus sem enigmas: era necessario que olhos, que foram sempre inundados de lagrimas, estancassem o pranto, e vissem aquella fermosura sempre antiga, e sempre nova, como diz Santo Agostinho. Bate pois as azas, ó pomba, solta-te das prisões terrestres, do peso da casa de barro! Hoje é o dia dos teus triumphos! Ergue o collo altivo; remonta os vôos, atravessa as portas dos tabernaculos eternos, abysma-te no coração do teu Jesus, cujas ingratidões nos peccadores tanto magoáram o teu. Recebe o sceptro que elle te ha preparado: mas que sceptro? Uma vara arrancada de uma arvore, despojada de suas folhas, privada

248

de fazer sombra, a quem o artista dando-lhe um verniz de oiro, não lhe tirou a condição de corromper-se? Não. É este sceptro da virtude de Deus, que o Senhor envia de Sião para dominar sobre seus inimigos. Arrecada o reino, em que teu Deus te mette de posse : mas que reino? O de Portugal, que foi fundado em rios de sangue nos campos de Ourique, que no quarto seculo de sua fundação esteve em perigo de ser a herança dos extranhos, que no sexto gemeu na viuvez, e que agora um atrevido repartia sem ser o dono? Não; é este reino que não tem fim; et regni ejus non erit finis. Recolhe emfim a coroa que te é reservada pelo justo juiz. Que coróa? D'isto que se chama oiro, a quem um falso brilhantismo dá o merecimento, e a avareza o preço? D'estas pedras chamadas ricas, que brilham com a claridade emprestada do sol, e, para dizer tudo, terra e mais terra? Não: a recompensa e a coroa é o mesmo Deus recompensador! »

Eis-aqui a eloquencia verdadeira! Eis-aqui os pensamentos dignos dos padres primitivos e mais celebrisados da Egreja christă! Eis-aqui as ideias, que se não perdem como o sopro, e não fogem como a palavra, que germinam porém, dão fructos, e transmittem-se de seculos a seculos.

XV.

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

I.

Do seu matrimonio com Dona Maria Barbara da Silva teve muitos filhos o coronel Bonifacio José de Andrada, domiciliado na villa de Santos, da actual provincia de São Paulo. Entre todos os seus irmãos (1) primou José Bonifacio de Andrada e Silva, nascido no dia 13 de junho de 1765.

Foram dirigidos os seus primeiros estudos pelo bispo Dom Manuel de Resurreição, que estimava-o e protegia-o: manifestou desde os seus mais verdes annos uma intelligencia superior: correu-lhe rapida a instrucção secundaria; patenteava extrema aptidão pelas linguas estranhas; folgava de saber a historia, de ler os poetas, e de estudar os philosophos. Tentou o bispo inspirar-lhe tendencias para o estado ecclesiastico assegurando-lhe que promettia um futuro mais brilhante que qualquer outra carreira que seguisse: chegou mesmo a redigir um requerimento em seu nome, pedindo as ordens da Egreja.

Outros eram porém os designios da Providencia.

250

Não conseguio o clero conta-lo no seu seio; foi por seu pai mandado José Bonifacio em 1780 para a cidade do Rio de Janeiro, e poucos mezes depois tara Lisboa.

Dirigia-se para Coimbra. Acabava a sua universidade de lograr a reforma de seus estudos. Tinha deliberado seu pai que cursasse as aulas da faculdade de direito, e recebesse n'ella o grau universitario.

Passou em Coimbra a sua mocidade entre os trabalhos e fadigas do estudo, e os folguedos e brincos d'aquella edade venturosa. Tomou no fim de seis annos o gráu de bacharel formado tanto em direito civil como em philosophia natural.

Retirou-se então para Lisboa, levando recommendações para o duque de Lafões. Foram os seus talentos apreciados por este fidalgo, que tratou de proporcionar-lhe os meios de desenvolvê-los mais proveitosamente. Fê-lo eleger socio da Academia real de Sciencias, e sob proposta d'ella foi nomeado pelo governo portuguez para ir viajar a Europa como naturalista, na qualidade de pensionista do estado, conjunctamente com Manuel Ferreira de Araujo Camara e Joaquim Pedro Fragoso da Siqueira.

Pagou com usura á Academia a sua proposta honrosa. Antes de começar a peregrinação que fôra-lhe destinada, escreveu José Bonifacio algumas memorias acerca da utilidade da pescaria da baleia, e de uma viagem minerographica pela provincia de

Estremadura, que offereceu á Academia real de Sciencias, e que ella aceitou benevolamente, elogiou, e mandou que fosse publicada na collecção de seus trabalhos.

Começou a sua peregrinação em 1790. Seguiram juntos os tres companheiros. França, Inglaterra, Escocia, Allemanha, Suissa, Paizes Baixos, Suecia, Noruega, Dinamarca, Bohemia, Hungria, Turquia e Italia, percorreram tudo. Ouviram em Pariz as lições de Lavoisier, de Chaptal, de Fourcroy, de Lourenço Jussieu e do abbade Haüy; estudáram em Freyberg com Abrahão Werner, o fundador de geognosia; entretiveram relações scientificas com o conde Burgsdorf, monteiro mór das marcas de Brandenburgo, e naturalista distincto; seguiram em Pavia os cursos scientificos de Alexandre Volta; em Hackney os de Priestley, em Londres os de Nicholson, em Copenhagen os de Abilgaerdg, em Upsal os de Bergmann, e em Turim os de Saluccio de Menusiglio.

Ganháram os tres viajantes celebridade merecida; eram estudiosos todos, e dignos da commissão que fôra-lhes incumbida.

Em quanto estremecia a Europa sob o peso dos acontecimentos politicos que tão cruelmente magoáram os ultimos annos do seculo XVIII; emquanto tomava o mundo uma face nova, como que regenerando-se, parecia José Bonifacio de Andrada e Silva ter unicamente olhos e pensamento para o estudo das sciencias; applicava exclusivamente



para elle os seus cuidados, e a sua ambição! Deixava uma prova dos seus talentos em todos os logares que percorria. Imprimio nos Annáes de chimica de Fourcroy duas memorias interessantes, sobre a historia e as qualidades dos diamantes do Brazil uma, e acerca do fluido electrico a outra. Publicou nas gazetas allemães de Dresde uma carta dirigida ao engenheiro Beyer, inspector das minas de Schneiberg, descrevendo os caracteres distinctivos dos mineráes Akanthikon, Spodumena, Sahlita, Ichthyophthalma, Cocoleta, Aphrisita, Alochroyta, Indicolita, Wernerita, Petalita, Chsiolita e Schapolita, que havia descoberto e analysado. Estampou na Revista scientifica de Genebra um esboço sobre as minas da Suecia, e com especialidade sobre as minas de Uto, nas quáes descobrira a substancia mineral petalita, que contém segundo as opiniões de Berzelius e ArfwidJOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. 253 á philomatica e dos naturalistas de Pariz, á dos investigadores de natureza de Berlim, e á de physica de Genebra.

Durou dez annos a sua peregrinação scientificas Foram dez annos criticos da Europa! Dez annos, em que todas as nações levantavam-se para luctar; em que desde o Neva até o Guadalquivir; desde o Dee até o golfo de Tarento, eram tudo levas de soldados, retinir de armas, fogo de combates, e ribombo de artilharia!

Atravessou o viajante incolume em busca da sciencia, sem que fossem-lhe obstaculos as guerras, os combates, as policias e os governos. Nada tinha que julgar como extrangeiro que era no meio de dissensões politicas de povos estranhos. Nada importavam-lhe os acontecimentos que como a tempestade soavam em torno d'elle ás vêzes, e por baixo mesmo de seus passos.

Regressou para Portugal em 1800. Estava fundada a sua reputação de naturalista distincto. De fora, dos logares por onde viajára, das nações estrangeiras, voára o seu nome para a sua patria, rodeiado de uma aureola brilhante.

Era ministro de estado dos negocios da marinha e ultramar Dom Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, varão de grande illustração litteraria e scientifica, e estadista distincto. Recebeu a José Bonifacio e aos seus dous companheiros com a maior affabilidade: tratou immediatamente de aproveitar



os seus estudos : empregou a todos, tocando a José
Bonifacio a cadeira de geognosia, annexa á faculdade de philosophia natural da universidade de
Coimbra, e o cargo de intendente geral das minas
do remo, que lograva as honras de dezembargador
em umas das relações existentes.

Datam d'esta epocha os serviços importantes que prestou José Bonifacio a Portugal. Afóra os seus trabalhos do professorado, que cumpria religiosamente, entregou-se a algumas commissões, em que costumava occupa-lo o governo portuguez. Encarregado da obra difficil do encanamento do rio Mondego, deu d'ella uma conta tal, que mereceu elogios unanimes. Incumbido de dirigir as sementeiras e plantações nos areáes das costas de Portugal, começou pelas do Couto de Lavos, cujas terras de lavoura corriam perizo constante de ser alagadas

zadas inteiramente pelo povo, e desconsideradas pelo governo. Chamou José Bonifacio a attenção do governo e do povo para um meio tão importante e tão necessario de engrandecimento e de riquezado paiz: percorreu-as uma por uma e analysou-as. Descreveu em uma interessante memoria, que offereceu em 1809 á Academia real de Sciencias de Lisboa, e que publicou-se posteriormente em 1813. as minas de carvão de pedra existentes em Portugal, e com particularidade as do Porto e Buarcos. Leu em sessão publica da mesma academia outro trabalho de não menor importancia sobre a nova mina de ouro do Tejo, chamada Principe Regente, o qual imprimio-se sómente em 1818. Apresentou-lhe ainda duas memorias, uma acerca do terreno metallifero comprehendido entre os rios Zezere e Alva, e relativa a outra aos veios importantes de chumbo que encontram-se em diversos pontos da provincia de Tras-os-Montes. Foram ambas estampadas na collecção publicada em 1815.

No meio d'estes trabalhos interessantes veio encontra-lo a invasão franceza commandada pelo marechal Junot. Ambicionava Napoleão o dominio do mundo, e servia de apoio este canto de Portugal ao seu maior inimigo, que era a Inglaterra; convinha-lhe arranca-lh'o. Marcháram os seus exercitos, e foi da victoria o primeiro impeto, como soe ser continuamente o dos Francezes. Fugiram para o Brazil a rainha, o principe regente e toda a côrte.

256

Não sujeitou-se José Bonifacio ao jugo francez. Unio-se a muitos Portuguezes illustres, que resistiam. Apenas raiou no horizonte uma occasião opportuna de levantar-se e de expellir os invasores do seu paiz, correram todos a seu posto. Em Thomar, aonde estava, reunio José Bonifacio a mocidade portugueza, marchou com ella para Coimbra, annexou a si os estudantes da universidade, e coadjuvou os esforços da tropa aguerrida com o auxilio de um batalhão de moços que organisára, e que commandava na qualidade de chefe.

Derrotados os Francezes e assignada a capitulação de Cintra, recebeu José Bonifacio a nomeação de intendente da policia da cidade do Porto. Era emprego de confiança, e de importancia. Cumpria unir as necessidades da politica com as exigencias da clemencia; não admittir a perseguição como meio de governo; reunir e conciliar as diversas fracções em que dividira-se Portugal com a invasão dos Francezes, e chama-las todas para um centro commum, proveitoso e necessario ao paiz. Logrou conseguir na sua administração estes resultados beneficos.

Acabadas as luctas contra os Francezes, deixou José Bonifacio a cidade do Porto e regressou para Coimbra. Arrendára uma quinta perto d'esta cidade,

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. 257 fazia aonde ensaios botanicos, e lograva as doçuras de uma vida tranquilla.

Foi eleito secretario da Academia real de sciencias de Lisboa em 1812, succedendo ao sabio abbade José Correia da Serra.

Continuou com os seus estudos e as suas memorias. Publicou em 1812 as excursões geognosticas aos montes Euganeos no territorio de Padua, obra que merece a consideração dos naturalistas, porque apresenta muitos factos novos e observações finissimas acerca da natureza e producção d'aquelles terrenos. Escreveu durante os annos de 1815, 1816 e 1817 algumas memorias differentes; sobre a metallurgia uma; e outra acerca do melhoramento dos paúes para seu aproveitamento e cultura. Publicou tambem uma introducção aos elementos de metallurgia, e uma descripção dos processos e manipulação das minas d'oiro, trabalhos estes que sufficientemente demonstram a sua erudição vasta e os seus profundos conhecimentos scientificos. Ficáram por imprimir um compendio de montanistica, geometria subterranea, e docimasia metallurgica, e um testamento metallurgico, por que pensou o tribunal da censura previa encontrar n'elle opiniões theologicas que não eram orthodoxas.

Havia adquirido já um nome notavel na historia das sciencias; dobrou-o com uma memoria que foi muito appreciada e que escreveu acerca da necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em



Portugal, particularmente de pinhões de beiramar, e do seu methodo de sementeira, costeamento e administração. Apenas publicada foi traduzida logo para diversas linguas estranhas.

Obrigava-o tambem a funcções litterarias o seu emprego de secretario da academia. Escreveu por isso algumas memorias historicas, com o título de Ensaios da historia contemporanea, e Elogios dos reis de Portugal, e varias analyses criticas a respeito dos escriptores que sujeitavam as suas obras ao juizo da Academia.

Viven José Bonifacio de Andrada e Silva em Portugal até o anno de 4819. Haviam sido sua unica paixão as sciencias e as lettras; dedicára sua vida ás lettras e ás sciencias. Era o seu nome tão illustro e tão glorioso, que Adriano Balbi, escrevendo em 1820 o seu Ensajo estatistico acerca da

já de repoiso e de descanso, como soem ser as

occupações scientificas e litterarias; de actividade porém, e de paixões e enthusiasmo.

Occupou-se no primeiro anno de sua residencia na provincia de São Paulo ainda com pesquisas metalliferas. Não apparecia ainda o patriota no naturalista. Descobrio diversos novos mineráes, e varias qualidades de ferro magnetico, vermelho, micassio, brunio, octaedrico, hematitico, e especular. Escreveu em francez e em allemão descripções minuciosas d'elles, que remetteu para as academias de Pariz e de Berlim, e que nos jornáes da epocha foram publicadas (2).

Foi-lhe porém necessario abandonar de todo a vida do philosopho. Tomáram caracter tão grave os acontecimentos do seu paiz, que nem-um Brazileiro podia esquivar-se á lucta que começava, e nem fugir do posto que pertencia a cada um d'elles.

Organisára-se em Portugal o regimen representativo, correspondendo sympathicamente o paiz com a revolução de 1820 ás ideias liberáes, que começáram a dominar a epocha. Reuniram-se em Lisboa as côrtes constituintes nomeadas pelo povo para a feitura de uma constituição por que fosse governada a nação portugueza. Estava no Brazil a côrte; pretendeu a antiga metropole que voltasse ella para o seu seio, visto como haviam desapparecido as causas que transferiram a séde da monarchia para as suas colonias.



Era Dom João VI homem timorato. Achava além d'isso que gozára no Brazil de mais socego e tranquillidade. Pretendeu e deliberou enviar para Portugal seu filho mais velho, o principe Dom Pedro, herdeiro legitimo do throno. Tantas diligencias porém empregáram os seus conselheiros, que não achando ElRei appoio senão no voto de José Silvestre Pinheiro, resignou-se a partir para Lisboa, deixando no Brazil em seu logar o principe real, na qualidade de regente.

« Pedro, disse ElRoi a seu fitho na vespera de embarcar-se para a antiga metropole, si o Brazil se ha-de separar, antes seja para ti, que me has-de respeitar do que para algum aventureiro. »

Previra ElRei com a sua sagacidade que ficaria consummada a independencia do Brazil. Talvéz que fosso ossivel retardada si ou Portugueses de Processo.

264

todos os deputados que para ellas tinha de enviar o Brazil, ao passo que a pretexto de constituintes, concentráram em si todos os poderes do estado, e exerceram uma plena dictatura, deliberáram ellas, pelos decretos de 29 de septembro de 1821, que ficassem extinctos os tribunáes de chancellaria, thesouro, junta do commercio, e outras repartições centráes, que estabelecêra ElRei quando em 1815 elevára o Brazil á categoria de reino; que desapparecesse a unidade politica e administrativa, que na antiga colonia se fundára, recebendo cada uma provincia o seu governador especial, directamente nomeado pelo governo de Lisboa, e que com elle directamente se correspondesse; e que regressasse emfim para Portugal o principe regente, depois de viajar incognito pela Europa, a fim de aprimorar a sua educação.

Foi geral o descontentamento dos povos do Brazil. Não era possivel que se conservasse José Bonifacio dedicado exclusivamente aos trabalhos scientificos. Chamava-o a patria, e não devia deixar de acudir ao seu reclamo. Deixou pela politica as lettras e as sciencias. Collocou-se na sua provincia á frente do movimento de resistencia ás côrtes de Portugal. Fazia parte da junta provincial; era o seu vice-presidente. Apenas em 24 de dezembro lhe chegáram do Rio de Janeiro as noticias das providencias que haviam tomado as côrtes para que voltasse o Brazil ao jugo colonial, reunio em sua casa os seus



collegas membros da junta, pelas onze horas da noite, e convidou-os a auxilia-lo na empresa de salvar o seu paiz.

Concordáram que convinha dirigir-se ao principe regente, regando-lho que não dêsse execução aos decretos das côrtes. Encarregou-se José Bonifacio de redigir esta representação; escreveu-a immediatamente; foi por todos assignada, e remettida para o Rio de Janeiro.

« Como agora esses deputados, dizia a representação, sem esperarem pelos do Brazil, ousam já legislar sobre os interesses mais sagrados de cada provincia, e de um reino inteiro? Como ousam desmembra-lo em porções desatadas, isoladas, sem lhes deixarem um centro commum de força e de união? Como ousam roubar a Vossa Alteza Real a lugartetas palavras meigas, mas dolosas, da reciproca egualdade e das felicidades futuras?»

Assim praticara tambem a provincia de Minas, cuja população em massa se levantava contra as deliberações das côrtes.

Não deixou-se porém preceder nos actos de patriotismo o povo do Rio de Janeiro, que mais que nem-uma cidade do Brazil perdia si partisse o principe e fossem executados os decretos das côrtes. Juiz de fóra do termo, e n'esta qualidade presidente do senado da camara, appresentou-se José Clemente Pereira no dia 9 de janeiro de 1822 perante o regente, rogando-lhe em nome do paiz que não dêsse cumprimento ás ordens da metropole, e ficasse no Brazil para bem de todos e felicidade geral da nação (3).

Não era ainda a independencia que se proclamava. Corria antes a linguagem de todos favoravelmente á união do Brazil com Portugal.

« Dê-se ao Brazil, dizia José Clemente Pereira, um centro proximo de união e actividade; dê-se-lhe uma parte do corpo legislativo, e um ramo do poder executivo, com poderes amplos e liberáes, tão bem ordenados, que formando um só corpo legislativo, e um só poder executivo, só umas côrtes, e só um rei, possa Portugal e o Brazil fazer sempre uma familia irmãe, um só povo, uma só nação, e um só imperio.»

Ligavam-se os Portuguezes absolutistas com os naturáes do Brazil para o fim de opporem-se aos actos dos côrtes portuguezas. Entre os naturáes do

162

Brazil consistia unicamente a scissão nas aspirações da maior ou menor somma de liberdade.

Pretenderam as côrtes portuguezas impôr limites ao progresso e desenvolvimento do Brazil. Fôra elle por trezes annos a metropole da monarchia; guardou em seu seio por todo este tempo o soberano, a côrte, o governo e a administração geral. Não podia mais tornar a ser colonia, e sujeitar-se ao dominio caprichoso dos governadores que lhe mandasse a Europa. Em vêz de lograr assim os seus intentos, tão loucamente praticados, não conseguiram as côrtes portuguezas mais do que oppressar a independencia dos dous paizes, que mais tarde ou mais havia de realisar-se.

Com a abertura dos portos do Brazil ao commercio e á civilisação do mundo, havia ElRei Dom João VI dado em 1808 o primeiro passo para esta independencia; existia ella de facto, esperando apenas do tempo a sancção do direito que irremissivelmente deveria chegar: que forças se lhe poderiam antepôr, que fossem não despedaçadas diante de seu curso natural e necessario?

Pretendia o principe obedecer ás côrtes; não pode porém recusar-se ás rogativas e representações do povo e camara do Rio de Janeiro, e das juntas provinciáes de Minas e São Paulo, e do senado da camara d'esta ultima cidade, presidido pelo ouvidor Costa Carvalho (4). Declarou que não compriria as ordens das côrtes, e como encontrasse resistencia

no pequeno numero de militares que instigados pelo general Avilez manifestáram o seu descontentamento, ordenou o seu embarque, e remetteu-o para Portugal. Si continuáram occupados varios pontos do Brazil pelas forças portuguezas, ficou d'elles desassombrado inteiramente o Rio de Janeiro; e os patriotas certos de conseguirem a realisação dos seus intentos.

Chegou no entretanto de São Paulo José Bonifacio de Andrada e Silva; como primeira prova de sua franca adhesão aos adversarios das côrtes, nomeou-o o principe regente ministro do reino e de extrangeiros, dando assim um passo que era a demonstração mais alta e mais evidente de que unia a sua causa á causa d'elles, a sua gloria á gloria d'elles, e a sua historia á historia do Brazil.

Eram difficeis as circumstancias; estava Portugal dominado pelas côrtes, que sujeitavam o proprio rei. Declarava o Brazil a sua resistencia ás côrtes, sem quebrar todavia ainda os laços que prendiam os dous povos da America e da Europa.

Estava o Brazil dividido em provincias: uniram-se e ligáram-se as do sul sob o governo de Dom Pedro; não tardou Pernambuco em reconhecer o principe regente, expellindo do seu territorio as tropas portuguezas que para ali tinha enviado a antiga metropole. Mas na cidade da Bahia sustentava-se o general Ignacio Pinto Madeira com uma força aguerrida, prestando obediencia ás côrtes de Lisboa; no



256 OS VARUES ILLUS SES DO BRAZIL

Maranhão e Pará dominavam tambem estas; na Banda oriental, annexa ao Brazil desde a incorporação decretada em 1821 pelo cabildo de Montevideu, adherio na campanha ás ordens de Dom Pedro, submettendo-se ao general Lecor, que se evadira da capital para a villa de São José; ficou porém de posse da cidade Dom Alvaro da Costa, eleito por seu commandante pelas tropas portuguezas, que reconheciam a soberania das côrtes. Conservavam-se timoratas e assustadas as demais provincias.

Consistia a primeira necessidade em centralisar as forças do paiz inteiro, e chama-lo a uma completa unidade, para dirigi-lo convenientemente.

Ordena o governo do principe que mande cada uma provincia ao Rio de Janeiro um representante para que se forme o seu conselho, e não sejam executadas as ordens das obvios som esta tanham executadas as ordens das obvios som esta tanham executadas.

267

Camara, annexando ao seu titulo o de defensor perpetuo do Brazil; e como os membros do conselho enviados pelas provincias que lhe obedeciam, não as representavam legitimamente, lavrou, em data de 3 de junho de 1822, um decreto convocando assembléa constituinte e legislativa do Brazil, composta de deputados das provincias. « Sem côrtes," dizia o principe a seu pai em carta de 21 de maio, o Brazil não pode ser feliz: leis feitas a tão grande distancia por homens que não são Brazileiros, e que não conhecem as necessidades do paiz, não podem ser boas. O Brazil está na adolescencia, é vai desenvolvendo maior vigor. »

Não souberam as côrtes portuguezas que difficultosissimo era, sinão impossivel, destruir factos consumados, quando já enraizados: consideráram que curvariam o Brazil aos seus decretos com as remessas de forças portuguezas. Tornou-se declarada a guerra; soube o principe sustentar o seu posto. Tem porém os acontecimentos políticos causas e resultados necessarios. Proclamou Dom Pedro aos povos do interior da provincia da Bahia, animando-os e incitando-os a continuar a lucta contra o general Madeira, e enviou em auxilio d'elles alguma força commandada pelo general Pedro Labatut; deu as ordens mais positivas a todos os commandantes e tropas portuguezas estacionadas no Brazil para que se retirassem; e publicou um manifesto, escripto por Joa-



quim Gonsalves Ledo, no qual mostrando o seu desejo de manter ainda a união do Brazil com Portugal, deprecava todavia aos Brazileiros que unissem-se e armassem-se para a defesa do paiz; e dirigio emfim aos governos extrangeiros uma circular, justificando o seu comportamento.

Apparecendo porém dissidencia na provincia de São Paulo, entendeu conveniente o principe dirigirse para lá, a fim de acalma-la, e chamar á união todos os povos. Partio a 14 de agosto de 1822. Antes de chegar á capital da provincia, recebeu despachos de seu pai, communicando-lhe que não arripiariam as côrtes o seu caminho, e estavam tencionadas antes a lançar mão dos meios mais energicos contra o Brazil e Dom Pedro.

Deliberou-se então o principe a proclamar a emancipação política do Brazil. Ficava assim iounda a siasmo. Declarou o novo governo que reconheceria Brazileiros a todos os Portuguezes que adherissem á independencia, marcando prazos para a retirada d'aquelles que preferissem a sua patria europea.

Houve ainda por algum tempo guerra contra Portugal: da Bahia, do Maranhão, do Pará e de Montevideu expelliram-se por fim as tropas portuguezas. Corôou a victoria por toda a parte as armas do imperador, e reconheceu o paiz enteiro desde os limites do Pará, até a margem do Rio da Prata, o novo governo, e a nova capital do imperio.

Mantinha-se sempre José Bonifacio no seu posto de ministro. Encontrava n'elle Dom Pedro I um conselheiro illustrado, e devotado á causa do seu paiz, e de energia singular. Teve parte em todos os acontecimentos, dirigio com tino e acerto todas as deliberações, e collocou-se á frente do movimento, tomando o primeiro logar logo apóz a figura proeminente do imperador.

Procedeu-se em todo o imperio a eleições de deputados para a assembléa constituinte, que convocára o imperador quando ainda regente, e cuja missão seria a feitura de uma constituição politica destinada a reger o paiz: em paz e socego elegeram as provincias os seus mandatarios, seguindo o numero com que devia ser cada uma representada.

Reunio-se no dia 17 de abril de 1823 esta assembléa, contando cincoenta e tres deputados.

Eram as premicias do systema representativo.

Para o seu regimen passára o Brazil como que inopinadamente. Ao jugo colonial succedera um como
que governo patriarchal, em que influiam os condes
de Linhares e da Barca. Pretenderam um impossível
as côrtes de Portugal, como era faze-lo regressar
aos tempos coloniáes. Foi a independencia do paiz
resultado de tão desarrazoada pretenção. E como
corriam então o mundo, e seduziam os animos os
principios representativos, anciava o Brazil de
abraça-los proclamando a sua independencia. De
accordo com o paiz andou Dom Pedro I, que vio
fortalecida assim a sua nova realeza com o prestigio
e força da representação do povo.

Erros porém, e bem fatáes alguns, deviam de ser as consequencias da falta de educação política para a verdadeira comprehensão das novas instituições. Erros commetteram todos os homens e Representava José Bonifacio a facção democratica do partido da independencia. Emquanto luctava-se pelo paiz contra o dominio das côrtes portuguezas, não haviam divisões, nem rivalidades, e nem opposições ao ministerie. Marchavam unidos os Brazileiros, almejando todos o mesmo resultado, e applicando cada um na orbita dos seus direitos os meios da resistencia e da força que eram necessarios ás circumstancias.

Conseguida a independencia e acabada a lucta, tornavam-se os meios do governo mais intellectuáes do que materiáes. Tratava-se de dotar o paiz com instituições novas. Não improvisa-se uma organisação politica. Torna-se difficil e critico o dominio de um só em identicas circumstancias. É consequencia infallivel o nascimento de uma opposição que para existir e medrar levanta a bandeira de principios oppostos áquelles que abraçam os seus adversarios.

Abrio-se o parlamento brazileiro, e desenháram-se divisões e partidos com o enthusiasmo fervoroso e proprio dos climas intertropicáes. O ministerio, a cuja frente se achava José Bonifacio, encontrou opposição decidida e robusta, si bem que representada pela minoria dos deputados.

Exigia esta opposição que na feitura da nova constituição fosse a monarchia forte e centralisada, e

accusava o ministerio de abraçar tendencias democraticas; fallou por vêzes José Bonifacio, e si bem o não dotára a natureza com talentos oratorios, tinha elocução facil, e uma logica serrada e decidida que attrahiam-lhe o respeito e consideração.

Era excessiva a energia do seu caracter; ressentiam-se as medidas do governo d'esta qualidade, que tomando as feições da violencia produz ás vêzes effeitos contrarios aos que se intenta lograr. É uma verdade que prestou á independencia relevantes serviços, e na guerra e lucta d'ella á sua decisão e energia devem-se resultados importantes. Certo todavia é tambem que se não conteve diante dos adversarios internos com a moderação que caracterisa a um homen de estado. Empregando a populaça, conseguio obrigar a Dom Pedro a deportar Joaquim Gonsalves Ledo, José Clemente Pereira e Januario da Cunha Barbosa, contra todas as leis, e sem que podesse apparentar uma justificação que o abonasse. Tornou-se a policia mais incommoda e perseguidora do que talvêz nos tempos coloniáes; fez-se pesar um despotismo cruel sobre todos os que não applaudiam os actos e medidas do governo, e quanto mais progredia José Bonifacio na marcha violenta que encetára no interior, mais augmentava, como é a natureza das cousas, o numero dos seus contrarios, e engrossávam-se-lhes as fileiras.

Foi animada a lucta. Descrimiram-se na assembléa constituinte as doutrinas de dous partidos.

Queriam ambos a monarchia; pretendia um rodeiala de elementos democraticos, concedendo-se ao
imperador o que sómente parecia-lhe ser devido:
era o partido representado pelo ministerio, que collocava no povo a base de toda a soberania. O que
ostentava-se em opposição, considerava preferivel
para seguridade e garantia da vida da nação uma
ponderação de elementos e poderes, de modo a
existir monarchia centralisada, e com prerogativas
proprias e indeclinaveis, limitada apenas em certos
casos pela demonstração legal do paiz, sendo soberania tanto a corôa como o povo.

Cansou-se o imperador com as exigencias do ministerio, que quanto mais tropeços encontrava, mais fugia da moderação precisa: julgou prudente demitti-lo e organisar outro ministerio que podesse conciliar os animos. Administradores energicos e excellentes haviam sido os homens que deixavam o poder; passados porém os tempos da crise da independencia, julgava o imperador que conviria fazerlhes succeder a calma e o repoiso, e sanar, harmonisar e consolidar os espiritos, o que não poderiam facilmente conseguir aquelles que haviam-se envolvido nos mais graves acontecimentos: pensou que era chegada a epocha das tendencias medias, que dominariam mais facilmente o paiz no seu pacifico e regular desenvolvimento.

Demettido no dia 17 de julho de 1823, deixou-se José Bonifacio arrastar pelo despeito do amor pro-

18

prio, e apoiou com a sua influencia uma guerra desesperada e violenta, que contra o novo ministerio dirigio o seu partido immediatamente.

Reunio e absorveu esta opposição todas as fracções democraticas do paiz. A qualquer ligeiro acontecimento, ao mais pequeno acto do novo ministerio, abandonava-se a feitura da constituição, e convertia-se a assembléa em um campo desagradavel de combate e de lucta.

Persuadio-se Dom Pedro I que dissolvendo a assembléa constituinte, que mostrára-se inhabilitada para organisar a nova constituição, deportando para fóra do imperio os principáes oppositores do governo, e concedendo ao Brazil uma constituição política sem o assenso ou audiencia de assembléas populares, acabaria com os partidos, e levaria o paiz ao engrandecimento e prosperidade que tanto anhelava.

Levou avante o seu plano. Foi com effeito dissolvida a constituinte no dia 12 de novembro de 1823; presos José Bonifacio de Andrada e Silva e seus irmãos e amigos, embarcados na charrua de guerra Luconia, e deportados para a França.

Conseguio o imperador organisar uma constituição e outorga-la ao paiz, aceitando n'ella a influencia legitima dos elementos democraticos, que infiltravam-se por todos os poros da nação, e fazendo-a abraçar assim por todo o imperio.

Patenteára José Bonifacio durante a vida politica

qualidades grandes especialmente em occasião de crises arriscadas em que necessitava-se de vigor e energia; em que a sociedade devia mover-se com um só impulso; em tempos bonançosos porém, e desapparecidas as crises, não serviam de certo o seu vigor e energia; faltava-lhe a prudencia para, com o abandono das ideias extremas e exclusivas, aceitar a sociedade com todas as suas bellezas e defeitos, estabelecer um campo intermediario que servisse de refugio a todas as opiniões moderadas que deve aceitar um governo, e não entregar-se o poder todo a um partido extremo, que mais no seu interesse, do que no do paiz, pode abusar da força que é lhe confiada.

Devemos ser justos como historiador, e julgar os homens com imparcialidade. Si commetteu erros graves José Bonifacio, quer entregando-se na qualidade de ministro a um partido extremo, e extremo democratico, quer tornando-se chefe de opposição fóra do poder, combatendo o governo de modo a diluir-lhe os fundamentos e a tirar-lhe a força moral de que carece, e particularmente um governo que nascia de uma revolução, e que guarda portanto em seu seio vestigios de sua origem desorganisadora; commetteu tambem erros o imperador, empregando contra elle, na occasião de dissolver a constituinte, a arma da violencia, que presta apenas força momentanea, e estraga ás mais das vezes a propria mão que serve-se d'ella.

A dissolução da assembléa constituinte, e o exilio

e prisão de muitos dos seus membros, posto que reparados pela outorga da constituição, e pelo caracter benefico e cavalheiroso de Dom Pedro I, trouxeram-lhe comtudo dissabores e fatáes consequencias.

Atrasáram o paiz estes erros todos; guarda elle todavia memoria indelevel do seu primeiro monarcha, e dos seus primeiros homens politicos, porque reconhece que eram animados todos pela ambição de eleva-lo á maior prosperidade e grandeza.

Finda com o seu exilio a segunda phase da vida de José Bonifacio de Andrada e Silva; fôra a primeira dos prazeres e do descanso, das sciencias e do repoiso; foi a segunda phase activa e tormentosa, de emoções e de desassocego.

Voltára para a sua patria na intenção de revê-la; voltára para a sua patria na intenção de respirar ainda o seu ar tão puro, e saudar o seu céo tão magestoso; queria viver os ultimos annos da existencia no meio dos seus, já que tantos dias e tantos annos havia residido em paizes estranhos e distantes.

Precisou porém a patria d'elle; deixou a existencia pacifica do sabio pelo viver desassocegado do politico; collocou-se á frente de uma revolução, e guio-a ao seu destino, logrando inscrever o seu nome nas paginas de ouro do seu paiz.

Havia sido na Europa uma das primeiras notabilidades scientificas; foi no seu paiz a primeira notabilidade politica.

III.

Escolheu para o seu exilio as visinhanças da cidade de Bordeos em França. Procurava os entretenimentos do espirito. Pretendera acabar no seio da patria os dias ultimos da sua vida; e repellindo-a a patria, vagava-lhe sempre o pensamento com as saudades d'ella.

Veio em seu soccorro a poesia encurtar-lhe as horas do tempo. Occupára-o a sciencia na mocidade, quando o viço e as forças o sustentavam. Entreteveo a poesia na velhice, quando cansado o corpo aspirava o repoisar.

Nada ha como a proscripção para descobrir os mysterios do coração humano; basta que concentrese em si propria a intelligencia para que vibrem harmoniosas as cordas da harpa celeste que reside n'alma: apparece a poesia magestosa sempre e sempre sublime nas horas amarguradas e solemnes do exilio: é o anjo que esvoaça em torno, alimentando as saudades da patria com o balsamo suave e resignado da religião: é o cysne que solitario e bello, melancolico e amoroso, corta as aguas do lago, e como que prantea a ausencia da companheira: a agua do rio que corre placidamente, o vento que susurra pelos galhos das arvores, o cantico que echoa a ave agreste das solidões, como echoou nos primeiros dias da vida, na edade infantil: é tudo o esia no exilio, porque perde-se e some-se a ima-

lhante e de visões doi riqueza de pensamentos ideias, e de facilidade é

Entregava-se ás vézes lancolicos do amor, e pas as reminiscencias do per passado: todos os object olhos, affiguravam-lhe ti e melodiosas do que virá ginação um mundo, coi pensamento esquecido!

Vós me nutris os termo
Quando à sombra das o
Sombrios vales fo
A rodea interra solto à
De belleza em belleza
Sofrega a mente se mo
Depois meiga suo
Manso e manso do poi
Tudo o que vejo entire

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA É SILVA. 279

Quando ella dos meus brincos se agastava. Os recentes jasmins vivos debuxam Os dentinhos de Bulina, que sorria Aos humildes mens rogos. Então as vivas faces delicadas Si com os beiços meus os sens tocava, Sorrindo padibunda Ah! que eram duas rosas orvalhadas! Desentrançadas as madeixas de oiro. Que ondéam sobre o colo cristallino, Meneando com graça o corpo airoso. Inda mais bella que as Napeas bellas, Quando as arestas do ondejante trigo No folguedo nocturno Em rapida carreira apenas tocam! Parece que a estou vende! Qual zefirinho meigo Que as espigas accita levemente; Assim lhe vai tremendo o churneo colo, Assim os lacteos pomos buliçosos, Brincos dos cupidinhos, Docemente vacillam.

Dir-se-iam inspirações apaixonadas de Sapho, endeixas doçorosas de Bernardim Ribeiro, ou suspiros melodicos de Thomaz Antonio Gonzaga: ha n'estes versos tanta harmonia de pensamentos, uma suavidade tão deliciosa de ideias, que expande-se o coração do poeta como a flor, e manifesta-se como

Quando entre as flores mova flor passeia!



o perfume da baunilha: e a travêz das vestes diaphanas do metro, por detraz do colorido poetico, deslumbra-se o carpir da saudade real e profunda, e o gemido doloroso do exilio, que traspassam-lhe cruelmente o peito.

Dirigia as vêzes as suas ideias para o epicureismo; deixava correr a sorte e voar o destino, e tomando vôos anacreonticos, exclamava indifferente:

Moço, behamos : enche o copo, bebe.
Ja novas rosas novo aroma espargem.
Eta, ligeiros, ao jardim desçamos,
De Nise asylo.

Outra véz quero renovar amores, A Philoméla acompanhando a lyra. Que gema Nise, como aquella gemo Entre mena braços.

No canto escuro do recal cheiroso

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. 281 mente a dor que o opprime e suffoca! Como enganar-nos, quando diz:

O doce paz! sagrada liberdade!
Unicos bens do sabio!
Os idolos da terra
Não vos conhecem. Vós dormís tranquillos
No seio da amizade.

Si logo apóz accrescenta:

Emquanto na esquentada phantasia Creando occos phantasmas Freneticos humanos

Suspiram por privanças e chimeras, Que os sustos envenenam:

Nos campos innocentes, onde brincas Zephyro prazenteiro, O sabio solitario

Ri d'esses doidos, ri do velho mundo Com o discreto amigo.

Si sisuda tristeza lhe bafeja Com halito empestado Beijando a cara amada,

Em quem moram cupidos cento e cento, Inveja faz aos deuses.

E lá quando do negro throno estende O plumbeo sceptro a noite, Sobre o cansado globo,

Sentado com o amigo á parca mesa, Conversa ledamente.

Umas vêzes sondando altos mysterios, Vedados á vil turba, Deixando o peso inerte.

Nada no espaço immenso, os globos pesa, Milhões de sóes encara.

Outras vêzes baixando á humilde terra, Contempla a natureza; As douradas espigas,



Que os prados vestem de fermosas coifas, Observa e enteracor.

Si apparecem apenas n'estes canticos uma melodia sonora e um sopro de melancolia; si está n'elles como que preso o poeta, que esforça-se unicamente em achar lentivo a seus males, com lembranças de um passado que acabára, e não devia voltar mais; outros canticos escreveu elle altivos e enthusiasticos; correu-lhe livre o pensamento, livre e franca a musa, e livre e ousada a inspiração. Quanto é bella a sua ode ao poeta desterrado! Que riqueza de imaginação! que fogo de enthusiasmo! que pureza de linguagem! que poesia maviosa e terna, elevada e sublime!

O lyra brazileira, que inspiravas, Com teus hymnos, no petto amor de glorias?

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. 283

Um mavioso coração afflicto,

Que abandonado em terra estranha geme,

A qual recorrerá propicio nume,

Si não a Venus meiga?

Ah! não digas, ó Zoilo, mai do vate, Si ainda se acolhe de Narcinda ao seio; Pois no meio do sonho dos ameres, Tambem co' a patria sonha!

Para a moleza não nasceu o vate.

Em ditosos dias chammejava

Sua alma ardente, de heroismo cheia,

Quando uma patria tinha!

A corda, que secca docemente Sobre a doirada lyra malfadada, Outr'ora ousou curvar arco guerreiro, Vibrar rapida seta.

Os labios, que ora movem moles versos,
Já levantar souheram da vingança
Grito tremendo, a despertar a patria
Do somno amadornado

Mas de todo acabou da patria a gloria!

Da liberdade o brado, que troava

Pelo inteiro Brazil, heje emmudece,

Entre grilhões e mortes.

Sobre suas ruinas gemem, chorum,
Longe da patria os filhos foragides:
Accusa-os de traição, porque a amavam,
Servil infame bando.

Ah! não digas, ó Zoilo, mai do vate, Se aos lares seus não volta acicalado; Subido ferro afogaria o grito Que pela patria erguesse.



Allı da santa liberdade os filhos,
Esses poucos, que restam, fugidos
Vivem inglorios, pois as honras dão-se
A perjuros escravos.

Altnas fracas e vis! o vós não vêdes Que o facho horrivel, que allumia a senda Das falsas honras, accendeis no fogo Que arda o Brazil todo?

Quando mortes fulmina a tyrannia, E calca aos pes o merito e virtude, Uma lagrama si-quer não vos arranca A terra em que nascestes?

Maldição sobre vós, almas damnadas!

A taca do prazer a vós vos saiba

Como o mel venenoso das abelhas

Da Cisplatina plaga.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate Si á Paphia deusa algum consolo pada, Que um Thrasybulo novo se levante C'um punhado de heróes, a tyrannia No ensanguentado throno já nutante Cahirá aos pés exangue.

Mas emquanto o Brazil adormecido Brilhantes días renovar não sabe, Repita ao menos o seu nome amado A lyra dos amores.

Realçam egual merecimento e bellezas na ode que dedicou aos Gregos, quando luctavam contra os Turcos, para reivindicar a sua independencia e liberdade. Pensamentos os mais elevados, expressão a mais energica, enthusiasmo o mais sagrado, dão-lhe direitos de considerar-se rival dos bellos canticos que escreveram n'aquella epocha pelo mesmo objecto Casimiro Delavigne e Victor Hugo, exaltados tambem pelo grandioso espectaculo que offereciam á Europa os companheiros de Botzaris, de Mavrocordato, de Capo d'Istria e de.Byron, descendentes dignos de Themistocles e Lycurgo.

Outorgava ao Brazil no emtanto o primeiro imperador a constituição que promettera-lhe para fundar no paiz o systema representativo. Si não prevaleceu n'ella a ideia democratica de uma só camara legislativa, vigoráram comtudo os principios democraticos da composição eleitoral do senado, e do subsidio pecuniario aos representantes do paiz, que dão predominio em um systema social ao elemento popular, mas que eram então necessarios e que ca-



sáram-se praticamente com a justa ponderação dos elementos diversos, que devem conservar-se em equilibrio constante, e na mais perfeita egualdade.

Procedera-se ás eleições de senadores e deputados que tinham de formar as duas camaras legislativas. Não esqueceu-se a provincia da Bahia do nome illustre de José Bonifacio, si bem que exilado da patria e vivendo em terras distantes. Nomeou-o entre os seus deputados : pagou-lhe José Bonifacio uma eleição tão honrosa dedicando-lhe uma ode admiravel, que prima entre as suas composições.

Ha um defeito todavia n'esta ode tão ricca de poesia, de sentimento e de metrificação: é o despeito do proscripto, que traduz-se em maldição; é uma dose demasiada de fel que transborda o vaso e descobre o coração amargurado, que vai sorvendo-o

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. 287

Cingida a fronte de sangrentos loiros,
Horror jamais inspirará meu nome;
Nunca a viuva ha de pedir-me o esposo,
Nem seu pai ao infante.

Morrerei no desterro, em terra estranha...

Vales e serras, altas mattas, rios, Nunca mais vos verei, sonhei entr'ora Pederia entre vós morrer contente...

• • • • • • • • • •

Não verei mais a viração suave

Para o aerio vôo, e de mil flores

Roubar aromas, e brincar travessa

Co' o tremulo raminho.

O paiz sem igual, paiz mimoso, Si habitassem em ti sabedoria, Justiça, altivo brio, que ennobrecem Dos homens a existencia!

De estranha emulação acceso o peito, Lá me ia formando a phantasia, Projectos mil para vencer mil ocios, Para criar prodigios!

Jardins, vergeis, umbrosas alamedas, Frescas grutas então, piscosos lagos, E pingues campos, sempre verdes prados, Um novo Eden fariam.

Doces visões! fugi, ferinas almas Querem que em França um desterrado morra!



Já vejo o genio da certeira morte Ir afiando a foice!

Gallicana donzella, lacrymosa,
Trajando roupas luctuosas, longas,
Do meu pobre sepulchro a tosca loisa
Só cobrirá de flores.

Ao mesmo tempo que mostra-se irritado contra a patria, chora por ella. Finge aborrecè-la como amante adorada, e morre por lançar-se-lhe aos braços. Que colorido engenhoso, e ao mesmo tempo que suavidade melancolica! Quanto sentimento! quanta poesia!

Viveu no exilio até o anno de 1829; foram sete annos de dôr e de magoa; sete annos que lhe pareceram seculos. Comprehenda-os quem tiver coração, e já conheceu o que é uma ausencia da patria! JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. 289 uma parte teve; deixára de influir nos negocios publicos desde que fôra exilado.

Foram graves, e muito graves estes acontecimentos: passou o paiz por modificações inesperadas, imprevistas e repentinas.

Dividio-se depois da outorga da constituição em tres partidos de tendencias differentes: de principios republicanos um, considerando que mais quadravam elles a uma nação americana; o segundo de opiniões monarchicas mescladas de liberalismo, representando a grande eschola eclectica do seculo; e de ideias da antiga monarchia portugueza o terceiro, que deparava n'ellas a só garantia e estabilidade do throno. Subdividiam-se ainda estes partidos em grupos com maior ou menor desenvolvimento das suas tendencias, com maior ou menor exageração dos seus principios e ideias.

Si era o paiz inexperiente, e inexperientes os partidos, mostrou-se tambem o imperador inexperiente. Caracterisavam - no enthusiasmo, lealdade e generosidade. Consistiria em tão criticas circumstancias o verdadeiro systema de governo em alliar os homens mais moderados dos dous ultimos partidos com exclusão do republicano. Como que constituir-se-ia por este feitio um nucleo conservador com feições liberáes, conciliando a propriedade e a fortuna com a intelligencia e os serviços.

Devia porém este systema ser firmemente execu-II.

tado, e proseguido constantemente. Convinha aceitalo, regularisa-lo e desenvolve-lo.

Entregou-se Dom Pedro I aos homens que representavam as tradições da monarchia pura; nem procurou uma combinação dos homens moderados d'esse mesmo partido. Pensava que ministros por elle escolhidos, não formando ás vêzes solidariedade de vistas e pensamento administrativo, bastavam todavia para o regular andamento dos negocios : e quando vinham as difficuldades, fazia concessões ao partido republicano, que é, como partido extremo, insaciavel sempre.

Para maior infelicidade de Dom Pedro I, quando bastavam-lhe já os embaraços do seu governo, vieram complica-los a guerra com Buenos-Ayres e os acontecimentos de Portugal, cujo throno fóra usurpado pelo infante Dom Miguel, seu irmão. Tinha

neiro, promoveram-se desordens que déram em resultado a união do partido liberal com o republicano, e as exigencias populares para que demittisse o imperador o seu ministerio, e fizesse punir os Portuguezes. Conheceu então Dom Pedro a fraqueza do solo em que pisava: poderia, fazendo novas concessões, conservar o throno ainda: conseguiria porém firma-lo? Lograria fundar a monarchia na America, e transmitti-la aos seus posteros?

Julgou que melhor era e mais airoso salvar a monarchia do que a si proprio: provou assim, duas vêzes seguidas, o amor que consagrára ao Brazil, quando tornou do acto da independencia um facto monarchico, e quando encaminhou a revolução de 6 de abril de 1831 para a consolidação d'este mesmo facto. Si não ligára Dom Pedro I a sua sorte á sorte do Brazil, e não abraçára com elle a independencia, mais cedo ou mais tarde se faria ella; predominariam porém de certo os principios republicanos, e as tendencias de separação das provincias. Em vêz de uma nação seria retalhado o Brazil em pequenas republicas, como as colonias hespanholas, e quiçá anarchisadas como estas, e atassalhadas por revoluções continuas. Si não tomasse o imperador a deliberação de abdicar em 1831, poderia sustentar-se ainda no throno por algum tempo, mas por fim venceriam as mesmas ideias, que haviam sido suffocadas na independencia, e que existem quasi sempre ameaçadoras e latentes nos paizes monarchicos modernos.

Preferio Dom Pedro I abdicar a coròa em seu filho, o principe imperial. Como era ainda menor de edade, e pertencia-lhe, como pai, dar-lhe um tutor, lembrou-se de José Bonifacio. Fòra o seu companheiro e anugo na independencia. Obrigáram-no as circumstancias a separar-se d'elle e a desterra-lo do seu paiz. Guardára porém viva lembrança dos seus serviços e dedicação, e considerou que, respeitado como era elle pelo partido democratico, o dominaria de modo que levasse-o a abraçar e sustentar a monarchia, salvando-a assim dos perigos revolucionarios. Entregando ao Brazil os seus filhos queridos, abandonou a terra de Santa Cruz, e foi sacrificar-se pelo paiz do seu nascimento, arrancando-o do despotismo que sobre elle pesava tão cruelmente.

Com a abdicação e retirada do primeiro imperador desappareceu no Brazil o partido da monarchia



modificações seguiram os partidos que acabamos de descrever o curso posterior dos acontecimentos, e impregnáram-lhes mais ou menos a sua influencia.

Desamparou José Bonifacio o seu repoiso e a sua ilha querida. Tomou conta dos principes confiados aos seus cuidados pela sollicitude paterna. Entregou-se de coração aos seus novos e importantes trabalhos.

Foram-se creando com a marcha dos acontecimentos novos interesses e modificando-se os partidos. A parte do partido eclectico, que tinha ideias conservadoras, recebeu grande reforço com a adjuncção de muitos homens importantes do antigo partido da monarchia pura. Conseguio tambem a outra parte do partido eclectico absorver o partido republicano, com a ideia de federar o Brazil, e organisa-lo provincialmente, como é provincialmente organisada a republica dos Estados-Unidos da America do Norte.

Pertenceu o poder a este derradeiro partido. Nos tempos criticos vence sempre o partido o mais audacioso, ainda que não constitua maioria real do paiz. Subordina-se e soffre a verdadeira maioria.

Com o peso dos annos, com a experiencia dos acontecimentos politicos, com o conhecimento dos homens, com o estudo emfim durante o seu exilio dos usos, pratica e estylos representativos das nações civilisadas, havia José Bonifacio modificado as suas ideias. Queria ainda a liberdade, identificada porém com a ideia de ordem, que era synonymo de monarchia: para que existissem ordem e liberdade,

cumpria que tivesse o throno prerogativas, e direitos o povo. Como casar estas ideias com usos exclusivamente republicanos? como no meio de uma monarchia plantar elementos tão populares, como são os federativos? como salvar-se as prerogativas da coróa dando expansão ás tendencias republicanas?

Persuadia-se no emtanto o partido federalista que podia co-existir monarchia e republica; aquella rodeiada de instituições d'esta, e o throno assentado como que ao nivel do povo; como delegante o povo, e como simples delegado o soberano, não tendo poderes que não fossem os conferidos pela nação, e que eram sujeitos á revogação, porque resumia-se no povo toda a soberania.

Compunha-se dos homens que consideravam realisavel o consorcio de ideias antipodas, e dos homens de tendencias republicanas, que aceitáram o acto da federação como concessão, e explicavam o passo como dado legalmente na via do systema que ambicionavam para o Brazil.

Procurou então José Bonifacio a alliança de todos os homens monarchistas, como meio unico de obstar aos resultados que deveriam produzir estas doutrinas antipodas e inconciliaveis com a existencia da monarchia. Errou porém quando consentio que se olhasse para o primeiro imperador como a salvação do Brazil; e fosse desejado o seu regresso como uma indispensavel necessidade.

Diminuio as suas forças esta ideia apenas propalada.

Reunio os liberáes de todas as fracções. Si fossem contidos na orbita legal os seus partidistas, não seriam attenuadas as violencias que soffreram dos homens da situação.

Olham os verdadeiros estadistas e politicos tanto para os fins como para os meios porque conseguemse estes. Deconceitua-se a causa mais sancta quando vence como emprego de meios deshonrosos. Nunca foram meios de governo a perseguição e a violencia. São favoraveis aos seus auctores os resultados mais proximos; faltam-lhes porém as consequencias ultimas.

Plantam-se e germinam os principios e as ideias com o raciocinio e com a illustração; medram com o tempo, e fructificam com a convicção.

Podem os homens violentos ser victoriados na occasião em que servem aos interesses do momento; representam a parte do algoz ao pé do patibulo; nunca porém merecerão na historia os nomes de estadistas e políticos.

Era um nome historico e glorioso o de José Bonifacio, e tributam todos os povos respeito aos seus nomes historicos e gloriosos. Posto que ligado então a elle e partilhando as mesmas politicas ideias, não patenteava todavia o visconde de Cayrú egual actividade, e nem gozava de influencia tão decidida: constituia o outro nome historico e glorioso que honava o paiz. Em derredor d'elles appareciam alguns homens de serviços antigos e de merecimento incontestavel.

Julgou o ministerio que ferindo de frente a José Bonifacio, ousando derribar a figura mais prominente do partido que começava a intitular-se restaurador, conseguia amedronta-lo, e ficava-lhe livre o campo então para livrar-se dos perigos inherentes ao regresso de Dom Pedro I, e para realisar a federação do paiz, como entendia-a conveniente e conforme exigiam as circumstancias da epocha para salvar-se a monarchia.

O grande erro do ministerio consistio em não olhar para os meios que o levassem ao fim que desejava. Um decreto do governo, de dezembro de 1833, demittio a José Bonifacio do emprego de tutor de S. M. e de suas augustas irmãs, ordenando-lhe que sahisse do paço imperial; e foi outra pessoa nomeada pelo governo para substitui-lo n'aquelle emprego.

Não quiz chodocon Inch Bonifacio e violente san

No anno de 1834 deixou de existir o primeiro imperador, no momento em que acabava de cobrir-se de glorias, combatendo pelo bem do paiz em que nascêra; infiltrou-se na constituição brazileira no mesmo anno o elemento democratico de federação. Esta concessão foi uma necessidade, que ficou assim satisfeita, e que salvou o elemento monarchico, abalado n'aquella epocha pela exaltação das ideias democraticas.

Chegou porém a reacção. Reorganisou-se o partido monarchico, que sustentando as instituições existentes, chamou em prol da monarchia as forças da sociedade, fundou o regimen da ordem, e creou uma epocha notavel no dia 19 de setembro de 1837.

Saudou José Bonifacio a nova aurora que affugentava as trevas e augurava futuro de paz e de engrandecimento para o seu paiz.

Retirado na ilha que o abrigára durante a tormenta, esperou a morte como o philosopho grego com toda a tranquillidade de espirito e liberdade perfeita de animo.

No principio do anno de 1838 sentio que estava proximo o seu dia derradeiro; dirigio-se para Nichtheroy, e terminou ahi no dia 6 de abril a sua carreira mundana, no meio das lagrimas da sua familia e dos seus amigos.

NOTAS.

- (1) Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Martim Francisco Ribeiro de Andrada foram oradores parlamentares de importancia, e ministros de estado no Brazil; illustráram-se tambem pelos seus serviços em prol da independencia. Dous outros irmãos, Patricio e Bonifacio, não passáram á mesma celebridade.
- (2) Journal des mines, Paris, 1821; Naturalische Annalen, Berlin, 1821.
 - (3) Proprias palavras da resposta do principe regente.
- (4) José da Costa Carvalho, hoje marquez de Montalegre, senador do imperio e conselheiro de estado.

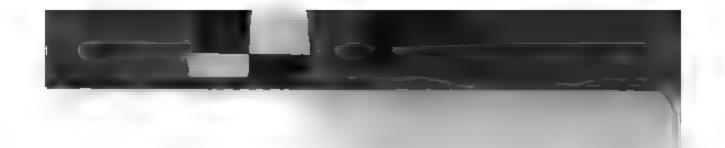
SUPPLEMENTO BIOGRAPHICO.



SUPPLEMENTO BIOGRAPHICO.

SECULO XVI.

Bento Teixeira Pinto nasceu em Pernambuco em 1545. Foi poeta distincto, e escriptor de gosto. Encontram-se na Phenix renascida muitas poesias suas, sonetos, eglogas e cantatas pastoris de algum merecimento. Compoz um poema intitulado Prosopopeia, de que falla o abbade Diogo Barbosa Machado com muito elogio na sua Bibliotheca lusitana, e que foi dedicado a Jorge de Albuquerque Coelho, seu compatriota e amigo, bem como a relação do naufragio que no anno de 1565 soffreram ambos, indo de Pernambuco para Lisboa, a bordo da náu Santo Antonio. Foi publicada esta relação em 1601, e acha-se na Historia tragica maritima. Ha duvida si pertencem-lhe os dialogos sobre a grandeza do Brazil, que é obra manuscripta ainda de alguma importancia e merecimento; opinam Diogo Barbosa e varios outros escriptores que pertence a Bento Teixeira Pinto.



Don Francisco Roune de Moura, filho de Dom Felipe de Moura, e de Dona Genebra Cavalcanti, nasceu em Pernambuco en 1580. Foi distincto general, e tomou parte em todas as guerras em que entrou Portugal no principio do seculo XVII. Militou na India, em Flan lies e no Brazil. Governou este ultimo paiz de 1624 a 1626. Recebeu muitos premios e condecorações do governo portuguez pelos seus serviços importantes, e entre aquelles o senhorio da ilha Graciosa, no archipelago dos Açores: pertenceu ao conselho de estado, e falleceu em Lisboa em 1657, sem deixar successão, conforme o declaram os livros genealogicos das familias distinctas de Pernambuco, manuscriptos curiosos que se conservam no convento de São Francisco em Olinda.

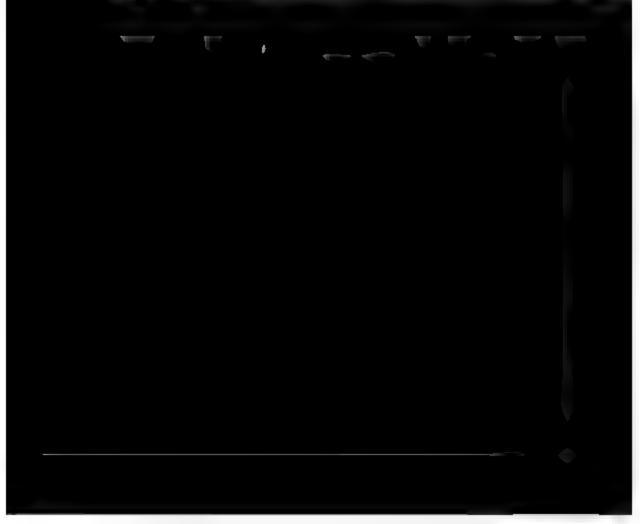
MANUEL DE MORABS nasceu em São Paulo em 4586.

protestando sinceramente adoptar a religião catholica, foi solto em 1647, depois de sahir no auto de fé d'esse anno, que teve logar em Lisboa, com as insignias de fogo. Morreu em Lisboa em 1651 sem ter podido regressar para Brazil, como desejava. Publicou na Hollanda memorias importantes sobre Portugal e Brazil, e escreveu uma Historia da America, que perdeu-se infelizmente, e da qual falla João de Laet com muito elogio, confessando na sua obra haver d'ella extrahido noticias importantissimas. Zacuto, Nicolau Antonio, Theodoro Spizel e o abbade Barbôa tecem-lhe grandes encomios.

Mateias de Albuquenque. Assevera Rocha Pitta que nascêra no Brazil e no Maranhão. Nem uma nem outra cousa acreditamos. Pode todavia ser que nascesse no Brazil, nunca porém no Maranhão, que começou a ser povoado pelos Portuguezes em 1614, quando expulsáram os Francezes d'ali, os quáes tinham-se apoderado da terra e edificado a cidade de São Luiz, e antes de findar o seculo XVI deveria ter nascido Mathias de Albuquerque. Foi um distincto general nas guerras contra os Hollandezes, quando attacáram e empossáram-se de Pernambuco e capitanias circumvisinhas, das quáes era elle governador. Si bem que tivesse mostrado a sua coragem e denodo, foi mandado retirar para Portugal por El-Rei Felipe, e exilado nas suas terras. Com a revolução de 1640 appareceu offerecendo-se a Dom

João IV, que, conhecendo os seus meritos, aceitonlhe os serviços: ganhou logo depois como general a batalha de Montijo contra os Castelhanos, a qual assegurou a independencia de Portugal e a casa de Bragança.

André Vidal de Negreiros é nascido da Parahyba do Norte no fim do seculo XVI. Foi um dos mais valentes e briosos generáes que militáram no Brazil contra os Hollandezes. Deve-se-lhe a expulsão d'estes povos de Pernambuco e outras capitanias tanto como a Joao Fernandes Vieira, a quem entretanto se tributaram as maiores honras. Trouxe Vieira para o campo portuguez quando se apartou dos Hollandezes, com quem estivêra ligado, influencia, dinheiro, dedicação e gente; encontrou um general habil como era Vi lab, que aproveitou todos os recursos e com-



serviços aos Portuguezes nas guerras que no Brazil sustentáram contra os Hollandezes: mereceu e conseguio varias recompensas distinctas do governo portuguez, e falleceu em 1648.

SECULO XVII.

Luiz Barbalho Bezerra, filho de Fernão Bezerra Monteiro e de Dona Camilla Barbalho, nasceu em Pernambuco em 1601. Foi denodado guerreiro nas guerras do Brazil contra os Hollandezes: era mestre de campo quando em 1530 teve logar a defesa do forte de São Jorge de Olinda, e em 1635 a victoria que conseguiram os Hollandezes contra o arraial do Bom Jesus; seu mais brilhante feito d'armas foi quando em 1638, depois de atravessar por terra, com André Vidal de Negreiros, Antonio Felipe Camarão, e cerca de trezentas praças, todo o territorio de Pernambuco occupado pelos Hollandezes, sustentando continuos e repetidos combates, appareceu repentinamente na Bahia, e cooperou muito para expellir os Hollandezes, que ali levára o principe Mauricio de Nassau, e que violentamente attacáram a cidade com 7800 homens. Tomou de assalto um forte, que recebeu d'ahi por diante o seu nome, e por cujo feito o premiou ElRei, fazendo-o fidalgo da sua casa, e commendador de Christo. Estava em 1640 na Bahia, quando chegou a noticia da revo-

lução portugueza. Governava o marquez de Montalvão. Suspeitando ElRei Dom João IV da sua lealdade, pela defecção dos seus dous filhos, que haviam abraçado o partido castelhano, escreveu reservadamente a Barbalho, a Lourenço Correia de Brito, e ao bispo, auctorisando-os a tomar as redeas do governo no caso em que recusasse-se o marquez a reconhecer a independencia de Portugal: si bem que se não desse este caso, entregou o jesuita Francisco de Vilhena as cartas que trouxera, e os tres nomeados prenderam todavia ao marquez, remetteram-no para Lisboa, e cumpriram a ordem regia. Chamou ElRei á côrte os dous primeiros para castiga-los; depois de algum tempo de prisão perdoou a Barbalho, que foi empregado em Portugal nas guerras contra Hespanha. Veio em 1643 para o Rio de Janeiro como governador da capitania. Falleceu porém no anno immediato, antes de findar o termo da sua nomeação. Fallam de suas façanhas os auctores hollandezes, e bem assim os livros genealogicos da nobreza pernambucana.

Manuel de Macedo, nascido em Pernambuco em 1603, descendente de familia distincta, foi tão grande prégador, que o honrava summamente a duquesa de Mantua, e o tinha por seu capellão. Quando teve logar a revolução portugueza de 1640, que elevou ao throno Dom João IV, e fez cahir o jugo hespanhol, foi Manuel do Desterro, pelas suas

relações com o governo da Hespanha, suspeito, preso em Lisboa, e desterrado para a India. Em attenção porém aos seus talentos, e á sua grande nomeada, o mandou Dom João IV pouco tempo depois regressar para Portugal, dando por findo o seu exilio. Arribou infelizmente em Angola o navio em que voltava, e ali falleceu elle em 4645. O conde da Ericeira Dom Luiz, Diogo Barbosa, e Frei Theodoro Monteiro, apreciam muito os seus sermões.

Frei Vicente do Salvador, nascido em 1605 na Bahia, pertenceu á ordem seraphica, e foi reputado um dos mais doutos socios d'ella. Escreveu a sua historia da provincia do Brazil, que não foi publicada, mas que é muito elogiada por Jorge Cardoso, Frei Agostinho Santa Maria, e Diogo Barbosa Machado.

Don Agostinho Bezerra nasceu na Bahia em 1610: foi varão de grande nome e virtudes selectas; primava pela philosophia, pela theologia e pela eloquencia do pulpito. Morreu bispo de Angra, depois de ter-lo sido de Ceuta.

João Fernandes Vieira nasceu na ilha de Madeira em 1613. Começou sua vida batendo-se corajosamente contra os Hollandezes em 1630, em defesa do forte de São Jorge de Olinda, aonde ficou prisioneiro e veio com elles para o Recife. Ligou-se

com os Hollandezes, enriqueceu-se, e chegou a ser rendeiro d'elles, quando á instigação de André Vidal de Negreiros, e perseguições dos Hollandezes contra a Egreja catholica, d'elles se separou, levando grandes auxilios de dinheiro e gente para o campo portuguez, e contribuindo muito para todas as victorias que déram em resultado em 1654 a expulsão d'aquelles do solo brazileiro, tomando a 27 de janeiro posse da cidade do Recife. Foi premiado por ElRei Dom João IV com grandes distincções, obtendo commendas e um logar no conselho de guerra, e pelo papa Innocencio X foi-lhe dado o titulo de restaurador da Egreja na America. Governou depois a capitania de Angola por tres annos, de 1658 a 1661, e morreu em Pernambuco, quando, acabando o seu tempo, regressou para esta cidade.

Bernardo Vieira Ravasco nasceu na Bahia em 4617, irmão do celebre padre Antonio Vieira, que na edade de sete annos veio de Lisboa com seus pais Christovam Vieira Ravasco e Dona Maria de Azevedo para a cidade da Bahia, aonde se estabeleceram. Seguio Vieira a carreira da predica; entrou para a Companhia de Jesus. Brilhou em toda a Europa, e no Brazil, aonde falleceu. Conservou-se Ravasco na Bahia, e ahi servio a principio no exercito, praticando como capitão de infantaria bellos feitos d'armas na defesa da cidade contra Mauricio de Nassau em 1638, e na da ilha de Itaparica contra

o general Segismundo: tendo ficado ferido, reformou-se, e exerceu depois o emprego de secretario de estado e guerra do governo, recebendo tambem as honras de uma commenda de Christo e a alcaidaria mór de Cabofrio, o que passou tudo por sua morte para seu filho mais velho Gonsalo Ravasco. Lograva bastante influencia no Brazil a sua familia, e especialmente Bernardo Vieira. Por motivo de desavenças que com elle teve em 1682 o governador Antonio de Souza Menezes, recusando-se o secretario a obedecer-lhe quando quiz suspender o regimento da administração, foi Ravasco obrigado a esconder-se no reconcavo para escapar da prisão a que o mandou recolher o governador. Revogando-se porém a ordem, regressou Ravasco para o seu emprego, e o governador pessoalmente o prendeu em occasião em que o exercia, a pretexto de que com seu filho e irmão o pretendia assassinar. Quando teve noticia ElRei Dom Pedro II d'este acontecimento, mandou que fosse syndicado, e em resultado deu por acabado o tempo do governador, e condemnou Ravasco a uma pena de prisão, que elle cumprio, voltando depois ao exercicio de seu emprego. Era homem generoso e affavel. Compoz excellentes poesias em portuguez e castelhano, as quáes foram muito admiradas pelos seus contemporaneos e publicáram-se em quatro tomos. Escreveu tambem a descripção topographica, ecclesiastica, civil e natural do estado do Brazil, cujo manuscripto vio o

abbade Diogo Barbosa, e que muito elogia. Falleceu em 20 de julho de 1697 dous dias depois da morte de seu irmão, com quem vivera sempre em grande intimidade. Está sepultado no convento do Carmo.

Antonio de Sá, afamadissimo prégador, e reputado pelo proprio Antonio Vieira de modo que dizia que não fazia falta no pulpito quando o occupava Antonio de Sá, nasceu no Rio de Janeiro em 4627. Era no seu tempo appellidado o Principe da oratoria ecclesiastica. Entrou para a Companhia de Jesus na edade de doze annos, e n'ella educou-se e estudou. Empregou-se muito tempo em Roma como secretario do geral dos Jesuitas, cargo que sómente se dava aos mais instruidos dos socios. Voltou para



celebre, theologo excellente, e optimo chronista. Contém importantes noções sobre o Brazil a sua obra intitulada *Oriente conquistado*, publicada em Lisboa em 1710, e que demonstra os seus raros talentos.

Diogo Gomes Carneiro nasceu em 1628 no Rio de Janeiro. Foi secretario do marquez de Aguiar, e pelos seus talentos e licção historica nomeou-o ElRei chronista geral do Brazil com a pensão annual de 300,000 reis. Morreu em Lisboa em 1676, deixando varias obras litterarias e historicas incompletas.

Euseno de Martos nasceu na Bahia em 1629. Foi primeiramente jesuita e educou-se e estudou nas aulas da Companhia. Deixou porém o Instituto, e passou-se para o convento dos Carmelitas. Leccionou philosophia, theologia e moral por muitos annos. É um dos maiores talentos que tem produzido o Brazil, por que a muita licção historica, a muitos conhecimentos scientíficos, e a grande sciencia theologica e philosophica reunio um gosto apurado de artista, que muito o distingue. Foi musico, pintor, prégador, e poeta latino e portuguez de bastante merito. Dizia o padre Antonio Vieira que Deus se apostára em fazer a Eusebio de Mattos grande em tudo, e o não fôra mais por não querer: ainda hoje podem-se lêr poesias suas de valor,



como o Ecce Homo, e varias outras inspirações sagradas, e bem assim sermões excellentes, que fazem-lhe muita honra. Era geralmente estimado pelas suas qualidades honestas e caracter sisudo, muito differente do de seu irmão, o celebro Gregorio de Mattos. Morreu na Bahia em 1692.

Acostinho Barbalho Bezerra a carreira das armas, em que logrou nome excellente, quer nas luctas de terra, quer na perseguição dos corsarios que infestavam as costas do Brazil. Nasceu em 1629 em Pernambuco. Estava no Rio de Janeiro quando tevantou-se o povo contra o governador Salvador Correia de Sa e Benavides; foi nomeado governador interino. Recusando e temendo o povo, procurou asilo

Domingos Barbosa nasceu na Bahia em 1632. Pertenceu á Companhia de Jesus, e esteve em Roma como procurado geral da provincia do Brazil. Ganhou lá celebridade pelas suas poesias latinas, entre as quáes prima o seu poema ou cantata com o titulo Passio Servatoris Jesu Christi, na qual, diz o abbade Diogo Barbosa, acha-se reunida a elegancia do metro com a ternura do affecto. Morreu em 1685.

Gonsalo Soares da França nasceu no Espirito Santo em 1632. Escreveu em latim um poema intitulado Brazilica, ou Descobrimento do Brazil, e em portuguez varias poesias que tem distincto merecimento.

MARTINHO DE MESQUITA nasceu no Rio de Janeiro em 1633. Estudou em Roma; lá formou-se em canones e jurisprudencia civil, e tomou ordens sacras. Foi secretario do cardeal Barberini. Escreveu varias memorias e poesias em portuguez e latim, que foram muito appreciadas pelos seus contemporaneos.

Gonsalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque nasceu na Bahia em 1639, filho de Bernardo Vieira Ravasco, e sobrinho do padre Antonio Vieira. Distinguio-se como poeta escrevendo autos sacramentáes. Succedeu a seu pai no cargo de secretario do estado do Brazil, e foi alcaide mór de Cabofrio,



os varões illustres do Brazil..

commendador de Christo, e fidalgo da casa real.

Morreu em 1725.

Mancel Botelho de Oliveira nascen em 1639 na Babia. Estudou na universidade de Coimbra juris-prudencia, e estabeleceu-se na sua patria como advogado. Morreu em 1711, deixando uma collecção de poesias com o titulo de Musica do Parnaso, dividida em quatro choros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, e um descante comico reduzido a duas comedias, publicado em Lisboa no anno de 1705.

Jacob de Andrade Vellosino nasceu em Pernambuco em 1639, descendente de familia hollandeza; passou-se para a Hollanda com seus pais, quando tiveram os seus ascendentes de abandonar PernamSalvador de Mesquita nasceu em 4646 no Rio de Janeiro. Estudou em Roma, e foi afamado poeta latino, em cuja lingua prezou escrever sempre. Compoz um drama sacro com o titulo Sacrificium Jephtæ, que publicou em Roma e creou-lhe reputação. Falla com elogios Diogo Barbosa de tragedias que escrevêra Salvador de Mesquita, mas que não imprimira, e cujo merecimento attesta todavia por conhecimento proprio e leitura, que d'ellas teve. Cita entre outras como as melhores o Demetrius, Perseus, e Prusias Bithyniæ.

José da Natividade, nascido em 4646 no Rio de Janeiro, foi theologo muito afamado, e prégador distincto; morreu provincial do mosteiro de São Sebastião da Bahia em 1705.

FREI CHRISTOVAM DA MADRE DE DEUS LUZ pertenceu á ordem seraphica, da qual foi provincial e visitador. Passou por theologo profundo, e bo mprégador. Nasceu no Rio de Janeiro em 1650, e falleceu em 1720, deixando varias memorias, e entre ellas as noticias do Brazil, que logram creditos de muito importantes, e que infelizmente se não publicáram.

Nuno Marques Pereira, nascido em 1652 na villa de Cayrú (Bahia), foi sujeito de saber, e theologo de consideração. Escreveu o Compendio narrativo do peregrino na America, publicado em Lisboa em 1718,

no qual deparam-se muitas noticias interessantes acerca do Brazil. Morreu em Lisboa pouco tempo depois da impressão da sua obra.

Frei Manuel do Desterro nasceu na Bahia em 1652; foi granda prégador e philosopho, custodio da seraphica provincia da Immaculada Conceição no Rio de Janeiro, e lente de theologia. Fallam do merecimento de seus sermões Frei Apolinario da Conceição, e o abbade Diogo Barbosa. Falleceu no convento de Macacú em 1706.

GASPAR RIBEIRO PEREIRA, nascido no Rio de Janeiro em 1655, deixou memorias historicas acerca do Brazil, de que falla monsenhor Pizarro com muito elogio, mas que infelizmente se não publicáram.

João Mendes da Silva, advogado e jurisconsulto de fama do seu tempo, e poeta muito distincto, foi pai do infeliz poeta comico Antonio José da Silva. Nasceu João Mendes da Silva no Rio de Janeiro em 1656. Formou-se em Coimbra, e advogava no Rio de Janeiro, quando suspeita de judaismo a sua mulher Dona Lourença Coutinho, foi presa pelo tribunal da Inquisição, e remettida para o Santo Officio de Lisboa. Acompanhou-a João Mendes, levando comsigo o resto de sua familia. Em Lisboa estabeleceu-se como advogado, procurando sempre e inutilmente salvar a sua desditosa consorte. Falleceu em 1736

no meio de desgostos, havendo-lhe sido tambem preso o filho, que tanto amava, e que era suspeito de judaismo. Para não soffrer a mesma sorte e destino, procurava João Mendes da Silva fazer bem publicas demonstrações dos seus sentimentos religiosos. Primam as suas fabulas e poesias ligeiras sobre os hymnos sacros que escreveu, e o poema que dedicou a N. S. Jesus Christo.

José Borges de Barros nasceu na Bahia em 1659: foi poeta estimado no seu tempo, theologo, vigario geral em Lisboa, e desembargador da Relação ecclesiastica. Era formado em theologia na universidade de Coimbra. Dava-se á composição de comedias. A unica que salvou-se do esquecimento, intitulada Constancia e triumpho, tem pouco merito.

Frei Antonio da Piedade, grande prégador e missionario elogiado por Frei Manuel de Sá e pelo abbade Diogo Barbosa, nasceu na Bahia em 1660. Foi lente de theologia no Maranhão, prior dos Carmelitas no Pará, governador, provisor e visitador em 1693.

Angelo dos Reis nasceu em 1664 na Bahia. Entrou em 1681 para a Companhia de Jesus, e foi discipulo do padre Antonio Vieira, que prezava muito os seus talentos e sciencia de philosopho, theologo e orador. Foi mestre de humanidades nos collegios da

Bahia e Rio de Janeiro; e socio supranumerario da Academia real da Historia portugueza. Morren no sertão, empregado na catechese dos gentios, no anno de 1723

João de Brito Lina nasceu na Bahia em 1671: teve grande nomeada de litterato e poeta: foi um dos fundadores da Academia litteraria que o conde de Sabugosa, vice-rei do Brazil, permittio que se estabelecesse na Bahia. Deixou varios poemas, entre elles um festivo, um elegiaco, um panegyrico, e um heroico de pouco valor e que intitulára Cesaria, e dedicára áquelle vice-rei. Morreu na pobreza e miseria.

Prudencio do Amaral, nascido em 1675 no Rio de Janeiro, foi jesuita muito celebrisado pela sua erudição e virtudes. Ganhou foros de grande theologo, litterato distincto, e poeta agradavel. Escreveu um poema intitulado De opificio sacchario, em versos heroicos latinos, no qual descreve o modo de construir-se e funccionar um engenho de assucar. Deixou diversas memorias historicas, e entre ellas os elogios dos bispos e arcebispos da Bahia, e um catalogo dos bispos do Brazil, que foram ambos publicados em Lisboa em 1710 e 1711.

João Soares Franca, nascido na Bahia em 1676, seguio a carreira das armas, e chegou ao posto de

mestre de campo. Deu baixa e entrou para a vida ecclesiastica. Deixou sonetos e poesias de algum merecimento.

Simão Alvares, jesuita afamado, nasceu em 1682, em Santos (São Paulo). Era irmão de Alexandre de Gusmão, e muito afamado como philosopho, prégador e theologo.

Frei Francisco Xavier de Santa Theresa dascen na Bahia em 12 de março de 1686. Foi grande orador sagrado, e poeta distincto. Estudou com os jesuitas, preferio porém entrar para a ordem de Santo Antonio, em Sergipe, de onde passou-se para Pernambuco, e d'ahi para a ilha da Madeira, a fim de leccionar theologia. Foi enviado pela sua ordem para Londres, e de lá percorreu a França, a Hollanda, parte da Allemanha, e regressou para Portugal. Embarcou-se em 1712 na frota que Dom João V, a instancias do papa Clemente XI, expedio contra os Turcos, a libertar a ilha de Corfú. Assistio ao combate naval do archipelago em 1717, e perdeu uma perna com um tiro de bala. Voltando para Portugal, exerceu os cargos de penitenciario geral da ordem seraphica, de examinador das tres ordens militares, e do priorado do Crato, e de consultor da Bulla da Cruzada. Seus sermões grangeáram-lhe tão vasta nomeada, que foi academico do numero da Academia real da Historia portugueza, e dos Arcades de Roma,

com o nome de Elledio. Fallava diversas linguas, e escreveu varias memorias e poesias elogiadas por Diogo Barbosa e varios outros contemporaneos: entre as suas composições nota-se a tragicomedia do martyrio de Santa Felicidade e seus filhos. Morreu em Lisboa em 4737.

Luiz Botelho do Rosario, carmelita distincto, nasceu em Pernambuco em 1695. Doutorou-se em theologia em Coimbra; foi socio do capitulo geral da sua ordem celebrado em Ferrara em 1726 e chronista especial d'ella; logrou fama de grande prégador; foi primeiro definidor residente dos estudos, presidente do capitulo da ordem do Carmo, e qualificador de Santo Officio.

José Pereira de Santa Anna nasceu no Rio de Janeiro em 1696: pertenceu á ordem do Carmo, da qual foi chronista: passou por excellente theologo. e exerceu em Lisboa empregos de importancia. Deixou varias memorias, e uma excellente chronica da sua ordem, impressa em Lisboa em 1745.

Além dos Brazileiros que deixámos lembrados brilháram no seculo XVII outros, que primáram tambem na eloquencia, na theologia e nas lettras, e cujos nomes seria clamorosa injustica esquecer.

1º Frei Theotonio da Ascensão, nascido em 1631 no Rio de Janeiro, conego regente de Santo Agostinho de Coimbra.

- 2º Frei Antonio da Silva, nascido em 1639 na Bahia, benedictino.
- 3° Frei Ruperto de Jesus, nascido em 1644 em Pernambuco, benedictino.
- . 4º Padre Lourenço Ribeiro, jesuita, nascido em Sergipe em 1648.
- 5º Padre Domingos Ramos, jesuita, nascido na Bahia em 1653, lente de theologia, procurador da sua ordem em Roma, fallecido em 1728.
- 6º Frei Ignacio Ramos, carmelita, nascido na Bahia em 1658.
- 7º Frei Manuel da Madre de Deus Bulhões, nascido na Bahia em 1663, prior dos Carmelitas, definidor geral em Roma, provincial, e examinador synodal.
- 8º Padre Sebastião do Valle Pontes, nascido na Bahia em 1663, doutor em theologia e vigario geral.
- 9º Padre João Calmon, nascido na Bahia em 1668, e fallecido em 1737. Estudou preparatorios com os Jesuitas, e doutorou-se na universidade de Coimbra; foi commissario do Santo Officio e da bulla da Cruzada, desembargador da Relação ecclesiastica, e promotor do Synodo.
- 10° Frei Felicianno de Mello, carmelita, nascido em Pernambuco em 1679.
- 11º Frei João de Seixas, nascido no Rio de Janeiro em 1681, da mesma ordem, e que tanto brilhou em Roma pelos seus talentos que o S. papa Clemente XII o nomeou bispo de Areopoli.

- 12º Frei Matheus da Encarnação Piuna, nascido no Rio de Janeiro em 1687, benedictino.
- 13º Frei Antonio de Nossa Senhora, do Carmo, nascido na Bahia em 1689.
- 44° Padre Valentim Mendes, jesuita, nascido na Bahia em 1689.
- 15º Frei Miguel de São Francisco, nascido no Rio de Janeiro em 1689, da ordem seraphica da Immaculada Conceição.
- 16º Padre João Honorato, jesuita, nascido na Bahia em 1690.
- 17º Frei Patricio de Santa Maria, irmão de Alexandre de Gusmão, da ordem de São Francisco, nascido em 1690 em Santos (São Paulo).
- 18º Frei João da Nunciação Campelli, nascido em 1691 em Pernambuco, carmelita.
- 19° Frei Sebastião Moreira Godoy, nascido em São Paulo em 1691, também carmelita.
- 20° José de Oliveira Serpa, nascido na Bahia em 1696, carmelita.
- 21º Padre Vasco Fernandes Coutinho, nascido na Bahia em 1696, jesuita.
- 22º Padre Antonio Pereira da Camara, nascido em 1697 na Bahia, da Companhia de Jesus.
- 23º Padre Caetano Dias de Figueredo, nascido na Bahia em 1697, jesuita.
- 24° Frei Manuel Angelo de Almeida, carmelita, nascido na Bahia em 1697.

SECULO XVIII.

Ignacio Rodrigues, irmão de Alexandre de Gusmão, nascido em Santos (São Paulo) em 1700, foi um jesuita celebrisado pelos seus talentos e grande sciencia.

Frei Antonio de Santa Maria nasceu no Rio de Janeiro em 1700: foi lente de theologia, e prégador afamado do seu tempo. Compoz o sermonario de diversas festividades muito elogiado por todos os contemporaneos. Pertencia á ordem seraphica.

Simão Pereira de Sá, nascido no Rio de Janeiro em 1701, foi um jesuita celebre. Formou-se em canones e theologia na universidade de Coimbra. Deixou varias memorias interessantes entre as quáes avultam a topographica e bellica da Colonia do Sacramento, e as Noticias chronologicas do bispado do Rio de Janeiro.

José Pires de Carvalho Albuquerque, de uma familia nobre da Bahia, ali nasceu em 1701: foi bacharel em canones, capitão mór de Maragogipe, secretario de estado do governo do Brazil, e poeta muito estimado. Publicou em 1757 um poema á Conceição de Nossa Senhora, que encerra algumas bellezas notaveis.

Frei João Alvares de Santa Maria, irmão de Alexandre de Gusmão, nasceu em Santos em 1703: foi carmelita, e primou como prégador, philosopho e theologo.

Mathias Ayres Ramos da Silva Eça nasceu em São Paulo em 1705: formado em philosophia na universidade de Coimbra, foi grande naturalista. Morreu em Lisboa provedor da casa da moeda.

IGNACIO MANUEL DA COSTA MASCARENHAS, formado em theologia em Coimbra, e vigario da freguezia da candellaria no Rio de Janeiro, teve reputação de prégador excellente e philosopho instruido. Nasceu no Rio de Janeiro em 1705.

Frei Ignacio da Conceição, carmelita, prégador, theologo e philosopho distincto do seu tempo, nasceu no Pará em 1706.

Frei Manuel da Santa Ritta de Itaparica, distincto poeta, e auctor do poema Eustachidos, ou Vida de Santo Eustachio, que tem excellentes descripções. Nasceu na Bahia em 1706.

João de Mello, nascido em Pernambuco em 1706, foi um jesuita illustre pela sua erudição, serviços e lettras. Escreveu poesias em portuguez e passou por grande poeta latino, sendo reputado na

opinião de Diogo Barbosa e de outros pela pureza da lingua e gosto apurado.

Antonio da Costa foi um jesuita muito instruido, e prégador distincto da Companhia. Nasceu na Bahia em 1716.

MIGUEL LUIZ TEIXEIRA nasceu em 1717 na Bahia, e adquirio grande fama em Lisboa, aonde viveu, de prégador e philosopho : ensinou theologia, e pertencia á Companhia de Jesus.

Antonio de Santa Maria de Jaboatão, nascido em Pernambuco, na villa d'este nome, em 1718; pertenceu á ordem seraphica, e foi um ornamento d'ella pela sua erudição. Foi eleito seu chronista, e escreveu o Orbe seraphico, que é obra de muito merito, e do qual foi sómente publicada a primeira parte: o manuscripto da segunda parte parece que pára no Instituto historico e geographico brazileiro.

Manuel Rodrigues Correia de Lacerda, prégador distincto, e grande theologo, nasceu em Pernambuco em 1719.

Padre Caetano Lopes Pereira, jesuita celebre, foi tambem grande prégador, e theologo profundo: nasceu no Rio de Janeiro em 1721.

Padre Francisco de Almeida, da Companhia de Jesus, nascido na Bahia em 4724, foi auctor de muitas poesias estimadas no seu tempo, e que compoz nas linguas portugueza e latina; escreveu um poema em versos heroicos latinos, intitulado Orpheus Brazilicus, em honra do veneravel padre José de Anchietta.

João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, irmão do bispo de Coimbra Dom Francisco de Lemos. Nasceu em Marapicú, termo do Iguassú, provincia do Rio de Janeiro, em 1722. Depois de formado em leis pela universidade de Coimbra, seguio a carreira da magistratura em Portugal. Ligou-se estreitamente com o marquez de Pombal, que o nomeou um dos reformadores da universidade de Coimbra, quando meditou esta grande providencia, e escolheu uma commissão para executa-la. Foi procurador da Coróa e soberania nacional, desembargador do paço, ministro da junta do exame do estado e melhoramento temporal das ordens regulares, e chronista mór da Torre do Tombo. Passava por grande litterato, jurisconsulto distincto, e politico de valor. Com a morte de Dom José I, e demissão do marquez de Pombal, perdeu grande parte do seu valimento, por que nunca o abandonou, ainda mesmo exilado nas suas terras. Mas não podia o governo de Dona Maria I deixar de lado, e por muito tempo, habilitações como as de João Pereira Ramos, que reconquistou a sua importancia, e teve entrada no conselho dos ministros. Morreu em Lisboa em 1799.

Manuel de Macedo, nascido na colonia do Sacramento em 1726, foi jesuita celebrisado pela sua erudição e talentos. Gozou em Portugal de fama de litterato, poeta, e prégador distincto e eloquente. Professou theologia em Lisboa e em Coimbra, em cuja universidade se doutorára. Morreu em Lisboa em 1790, deixando impressos varios sermões importantes e diversos elogios historicos.

Manuel José Cheren nasceu no Rio de Janeiro em 1729, e foi poeta e litterato de muita nomeada.

Don Thomaz da Encarnação, nascido na Bahia em 1728, foi bispo em Portugal, e muito reputado pelas suas virtudes e erudição. Escreveu uma excellente Historia ecclesiastica, que se publicou em Coimbra em quatro volumes. O marquez de Pombal o prezava e consultava muito.

Pedro Taques de Almeida Alvim nasceu em São Paulo em 1729: é auctor de memorias sobre o estado e a historia d'esta capitania, que provam immenso saber e gosto.

Frei Gaspar da Madre de Deus nasceu em 1730 em Santos (São Paulo). Era socio supranumerario



da Academia real de sciencias de Lishoa. Escreveu a memoria para a Historia da capitania de São Vicente, que, apesar do seu titulo modesto, é uma das obras mais importantes para a historia e geographia do Brazil. Publicou-a a Academia real de sciencias, á qual a dedicou ello. Morreu em 1804.

CLEMENTE DE LEMOS DE AZEREDO COUTINDO DASCON em Marapicú provincia do Rio de Janeiro) em 1731; e irmão do bispo de Coimbra, Dom Francisco de Lemos. Distinguio-se como militar de conhecimentos e pericia. Governou a provincia do Maranhão. Morreu em Lisboa em 1774.

Don José Joaquim Justinianno Castello Branco, bispo do Rio de Janeiro, e varão de immenso saber o virtudos, possou no Rio do Janeiro om 1721. Den

Domingos Caldas Barbosa nasceu na Bahia em 4738: foi poeta satyrico e abundante, e logrou nomeada estensa em Lisboa, aonde residio sempre. Morreu em 1800. Foi uma lucta constante a sua vida: vivia em guerra com quasi todos os poetas seus contemporaneos. Tão excellente improvisador era, que o chamavam para suas casas os primeiros fidalgos de Portugal, para que improvisasse nos saráos sobre motivos dados repentinamente, o que fazia de modo que eram os seus versos admirados sempre pelo chiste e graça de que abundavam.

Antonio Caetano Villas Boas, irmão de José Basilio da Gama, e nascido em São João d'ElRei, em Minas, em 1738, foi um prégador de nome, e litterato distincto.

José Marianno da Conceição Velloso nasceu em Minas em 1742. Pertenceu á ordem seraphica, e foi grande naturalista, bom prégador, e lente de philosophia e rhetorica. Esteve empregado pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos em pesquisas de botanica, e escreveu a Flora fluminense, que é um verdadeiro monumento de erudição. A Academia real de sciencias de Lisboa começou a publica-la nos ultimos annos do seculo XVIII. Ao primeiro imperador do Brazil cabe a gloria de fazer concluir em Pariz a sua impressão em 1825. Classificou mais de tres mil plantas seguindo o systema de Linneo. Publicou ainda em



1799 diversas memorias, sendo a Quinographia brazilica e o Fazendeiro cultivador do Brazil das mais importantes.

ANTONIO PIRES DA SILVA PORTES, nascido em Minas em 1743; foi astronomo afamado, e esteve empregado com o doutor Francisco José de Lacerda e o engenheiro Ricardo de Almeida Serra nas explorações do interior do Brazil.

João Pereira da Siava foi conego da Sé do Rio de Janeiro, professor de rhetorica e philosophia, e poeta muito distincto: o seu cantico ao carnaval prima entre varias poesias. Nasceu no Rio de Janeiro em 1743.

MANUEL CARDOSO DE ARREN DASCEN EM SÃO PAULO

Coimbra, exerceu a advocacia em Lisboa, e foi muito conceituado e afamado como jurisconsulto e poeta. Deixou varias poesias de merecimento; morreu em 1806.

Domingos Vidal Barbosa, formado em medicina pela faculdade de Pariz, nasceu no Rio de Janeiro em 1751. Voltando para a sua terra natal, foi grandemente considerado pela sua erudição scientifica, e pelo seu gosto poetico. Compoz algumas odes excellentes; prima entre ellas a que dedicou a Affonso de Albuquerque. Concorrendo com Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, na tentativa de levantamento de 1788, foi preso, condemnado a desterro perpetuo para a costa d'Africa, para lá conduzido, e lá acabou os seus dias.

Manuel de Arbuda Camara nasceu em 1752 em Pernambuco, estudou medicina na faculdade de Montpellier, em França, e gozou fama de muito versado nas sciencias medicas e naturáes. Escreveu memorias importantes sobre a botanica, e sobre uma especie de algodão, que no interior de Pernambuco descobrira, e que assemelha-se ao que chamam os Chinas de nankim. Pertenceu á Academia real de sciencias de Lisboa, e costumava appresentar-lhe os seus trabalhos, que acham-se publicados na collecção das suas interessantes memorias.

Manuel Ayres de Casal nasceu em 1754 : não sabemos em que logar do Brazil. Foi presbytero secular do grão priorado do Crato. É o auctor da melhor corographia que possue o Brazil, e que foi publicada em dous volumes : mostra esta obra a sua immensa licção historica, e o seu gosto apurado.

Alexandre Rodnicus Ferreira nasceu na Bahia em 4756, um dos mais doutos naturalistas que honrou Portugal. Doutorou-se em Coimbra, teve uma cadeira na universidade, e por proposta d'esta viajou o sertão do Brazil, por ordem do governo portuguez: navegou os rios Amazonas, Branco, Madeira, Guapore e Mamoré. Foi membro da Academia real de sciencias de Lisboa, que publicou na collecção de suas memorias varios trabalhos importantes de Ferreira. Falleceu em Lisboa em 4845.

José Arouche de Toledo Rendon, nascido em São Paulo, em 1756, descendia de excellente familia. Formou-se em direito civil em Coimbra, foi advogado, e servio cargos diversos de magistratura em São Paulo. Deixou a profissão das lettras pelas armas, que eram a sua paixão. Estabeleceu em sua casa aulas para o estudo theorico das manobras de cavallaria e infantaria de milicias, de que fôra commandante. Chegou ao posto de tenente general pelos seus serviços tanto militares, como prestados em importantes commissões que lhe haviam sido incumbidas, e que soube desempenhar satisfactoriamente. Tomou parte na independencia do Brazil; foi deputado á Assembléa constituinte, e o primeiro director do curso juridico de São Paulo, um dos fundadores da fabrica de ferro de Ipanema, e dos primeiros cultivadores do chá. Deixou memorias interessantes sobre as raças dos gentios do Brazil, e morreu em 1834.

João da Silva Frijó nasceu no Rio de Janeiro em 1760. Foi um distincto naturalista e excellente botanico: servio por muitos annos o logar de secretario do governo de Cabo Verde: pertenceu á Academia real de sciencias de Lisboa, e escreveu muitas memorias de merecimento, que se publicáram na sua collecção.

BALTHASAR DA SILVA LISBOA, irmão do visconde

de Cayru, aasceu na Bahia em 1761. Logo depois de estudar preparatorios na sua patria seguio para Portugal e tomou o grau de bacharel em leis na universidade de Coimbra. Servio diversos logares de juiz de fóra e ouvidor na Bahia e Río de Janeiro. N'esta ultima cidade foi muito perseguido pelo vicerei conde de Rezende, que o prendeu, mas não pode domar-lhe a independencia e o coração. Morreu em 1841 desembargador da relação. Deixou muitos escriptos historicos, e os Annaes do Río de Janeiro, que são dignos de ser consultados pelas noticias mindas que do Brazil offerecem.

Joaquim Francisco de Oliveira, conhecido pelo nome de irmão Joaquim, nasceu em Santa Catharina em 1761. Creou o hospital da caridade na sua ilha, fundou a egreja de Santa Anna no Rio de

José Vieira do Couto nasceu em 1762 no Rio de Janeiro: foi litterato illustre, e mathematico muito distincto de Portugal, tendo sido lente na universidade de Coimbra: suspeito de franc-maçon, foi exilado para a ilha Terceira, nos Açõres, e ahi falleceu em 1811.

Manuel Ferreira da Camara Bittancourt e Sá nasceu em Minas em 1762: formou-se em philosophia na universidade de Coimbra. Por conta do governo portuguez viajou quasi toda a Europa com José Bonifacio de Andrada e Silva: foi naturalista distincto; publicou em varias revistas allemães importantes memorias sobre o chumbo e a prata, e deixou no norte da Europa uma bella nomeada de seus talentos e erudição scientifica, especialmente em mineralogia. Voltando para Lisboa, entrou para á Academia real de sciencias, e fez publicar na collecção de memorias d'esta sabia corporação trabalhos sobre o carvão de pedra, o linho, o canhamo, e varios outros objectos: imprimio tambem um estudo sobre a comarca dos Ilheos da Bahia. Pertenceu a grande numero de academias scientificas da Europa, e entretinha relações com muitos sabios, seus contemporaneos. Foi mandado de Lisboa para Minas a fim de tomar conta da direcção das minas de ouro e diamantes, com o titulo de intendente geral. Estabeleceu-se na provincia de Minas, conservando por muitos annos este emprego. Tomou parte na

independencia do Brazil; foi deputado á sua primeira assembléa, e morreu senador do imperio.

Frei Leandro do Sacramento, nascido em 4762 no Rio de Janeiro, foi um distincto naturalista e grande botanico, elogiado por Balbi e Augusto de Saint-Hilaire: pertencia á ordem dos Carmelitas: era formado em Coimbra na faculdade de philosophia.

Luiz Paulino Pinto da França, nascido na Bahia em 1764, foi muito distincto guerreiro em Portugal: chegou ao posto de marechal do campo: valerosamente combatteu contra os Francezes, e escreveu admiraveis poesias, entre as quáes prima o seu soneto sobre o tumulo de Affonso Henriques, em Coimbra, e que começa:

A teus pés, fundador da monarchia, etc.

Morreu em Lisboa em 1826.

José Eloy Ottoni nasceu no Serro do Frio (Minas Geráes) em 1764. Foi um poeta distincto, que deixou muitos versos admiraveis, além das bellas traducções dos Psalmos. Morreu no Rio de Janeiro em 1841. Vivia modesta e retiradamente, occupando um emprego publico secundario.

VICENTE COELHO DE SEABRA, nascido em Minas em

1765, formou-se em philosophia na universidade de Coimbra, e adquirio fama de varão muito versado nas sciencias physicas e naturáes. Escreveu e publicou em 1790 os *Elementos de chimica* em dous volumes, e diversas memorias acerca do calor e da fermentação. Pertenceu á Academia real de sciencias de Lisboa, e offereceu-lhe uma memoria sobre a nomenclatura chimica, que ella fez publicar na sua colleção. Morreu lente da universidade em 1804.

Francisco Vilella Barbosa, marquez de Paranaguá, nasceu no Rio de Janeiro em 1769; estudou mathematicas na universidade de Coimbra e foi lente do collegio dos Nobres: publicou varias memorias scientificas, e um tratado de geometria: foi, além d'isto, poeta de gosto e inspirações felizes que primam pela suavidade do estylo, e grandeza da elocução; ganhára grande reputação em Portugal, e tinha bastante importancia ali, quando, sabendo da independencia do Brazil, regressou para a sua patria. Foi conselheiro de estado, ministro de estado nos reinados do primeiro e segundo imperador, e falleceu em 1847 senador do imperio. Era socio da Academia real de sciencias de Lisboa.

Antonio Nola nasceu no Rio de Janeiro em 1771: foi mathematico e naturalista distincto. Falleceu em Coimbra, lente da universidade.



Marianno José Perrira da Fonseca, marquez de Maricá, auctor de maximas e pensamentos que rivalisam com os methores de Vauvenargues e de la Rochefoucauld : foi um grande litterato, philosopho profundo, e moralista excellente. Nasceu no Rio de Janeiro em 1773. Tomou na universidade de Combra o gran de bacharel em leis : occupou cargos de magistratura em Portugal, e depois estabeleceu-se no Rio de Janeiro advogando. Passava por abalisado jurisconsulto. Foi um dos auctores e signatarios da constituição política do Brazil, deputado, senador do imperio, ministro de estado do primeiro imperador e conselheiro de estado. Morren em 1848. Publicou em vida uma collecção de suas maximas moraes e politicas, que prima pelo estylo e elevação do pensamento.

leis na universidade de Coimbra. Foi mandado pelo governo portuguez visitar os Estados-Unidos da America do Norte, e estudar o cultivo do algodão, anil e canna. Voltando para Lisboa no fim de alguns annos, e appresentando ao ministro Dom Rodrigo de Souza Coutinho os relatorios da viagem, foi nomeado director litterario da junta administrativa da impressão regia; e logo depois mandado para uma commissão scientifica em Londres. No seu regresso, foi preso pela inquisição, e apprehendidos todos os seus papeis, resultando d'ahi a perda de muitos que tinham importancia. Dos carceres do Santo Officio conseguio evadir-se, e salvar-se em Londres, aonde estabeleceu-se, vivendo de dar licções de linguas estrangeiras, em que era versado, e de traduzir noticias para os periodicos, até que em 1807 começou a publicação do Correio brasiliense, que rendialhe sufficientemente para manter-se com decencia. Esta revista mensal, e algumas memorias que publicou, entre as quáes prima a que versa sobre a cultura dos Estados-Unidos, bastou para manifestar os seus elevados talentos e instrucção. Concorreu com os seus escriptos para a independencia do Brazil, e foi por isso dignamente galardoado pelo primeiro imperador com honras e uma pensão pecuniaria. Morreu em 1823 em Londres.

Antonio de Moráes e Silva, o auctor do grande e do primeiro diccionario da lingua portugueza, que

ainda é acatado hoje pelas academias scientíficas, e pelos mais doutos escriptores e litteratos, nasceuno Rio de Janeiro em 4777. Formou-se em leis na universidade de Coimbra, advogou ao principio em Lisboa, e passou-se depois para a carreira de magistrado, tendo servido diversos logares em Portugal. Veio para o Brazil no cargo de desembargador aggravista da Relação de Bahia, em 1812. Tendo tido questões com o chanceller, abandonou o emprego, aposentou-se e retirou-se para um engenho que possura na provincia de Pernambuco. Quando teve logar a revolução de 1817, foi Antonio de Moráes nomeado pelo povo para membro do governo provisorio. Nada porém ambicionava elle que não fossem e o descanso e o retiro : vivia somente para os trabalhos ruraes. Recusou por tanto a eleição, e nia tamuni nurta na mavimento. Mareni em 1995

scientificos origináes e traduzidos sobre a cultura e melhoramento interno do reino, e da America e Indias occidentáes. Sendo nomeado deputado pela provincia de São Paulo á Assembléa constituinte de Portugal, tomou assento em côrtes. Não acompanhou porém a Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, Cyprianno Barata, Lino Coutinho, e outros, que se evadiram de Portugal para a Inglaterra, quando decidio a maioria das côrtes annular os actos do principe regente do Brazil, faze-lo retirar para Lisboa, e obrigar o Brazil a curvar-se ao jugo colonial. Entendeu o visconde de São Leopoldo que não podia abandonar o seu posto, e apenas cumpria-lhe protestar contra os actos da majoria, deixando aos seus committentes aquilataro seu comportamento. Quando porém respondeu o Brazil a estes actos, proclamando a sua independencia, abandonou Portugal São Leopoldo, e regressou para o Brazil a unir-se aos seus compatriotas: foi conselheiro de estado e ministro durante o reinado do primeiro imperador. Morreu senador do imperio em 1846. Coadjuvou muito ao conego Januario da Cunha Barbosa na fundação do Instituto historico e geographico brazileiro, do qual foi o primeiro presidente, e concorreu para varias outras associações litterarias e scientificas. Publicou memorias historicas e litterarias de subido valor a respeito dos limites do imperio, e escreveu os Annáes da provincia do Rio Grande do Sul, que é o sen maior titulo de gloria.

Frei Francisco de Santa Theresa de Juste Santalo, pertencente á ordem seraphica, foi um dos maiores e mais eloquentes prégadores da lingua portugueza. Nasceu no Rio de Janeiro em 4778. Litterato politico, cooperou para a independencia do Brazil, fazendo-se notavel pelos seus escriptos e pelos seus discursos nos clubs : acompanhou o partido liberal de José Bonifacio de Andrada e Silva. Falleceu em 4830.

Domingos Bonges de Barros, visconde da Pedra Branca, nasceu na Bahia em 4783. Formou-se em leis na universidade de Coimbra, e na sua patria exerceu logares de magistratura. Foi diplomata brazileiro, conselheiro, e senador do imperio : é um dos mais suaves poetas da lingua portugueza : primam suas lyras pelo selecto do pensamento e harmonia da phrase. Falleceu em 1855.

Januario da Cunha Barbosa, conego da capella imperial, e prégador e litterato afamado, nasceu no Rio de Janeiro em 1785. Cooperou muito para a independencia do Brazil, e foi perseguido pelo ministerio dos Andradas, apenas ella realisada. É um dos homens a quem mais devem as lettras brazileiras. Compoz muitas lindas poesias, e entre ellas o bello poema de Nictheroy; escreveu artigos importantes litterarios e políticos para os periodicos e revistas do tempo. Creou o Instituto historico e geographico bra-



zileiro, e muitas outras associações importantes. Foi deputado á Assembléa geral por diversas vêzes; pertenceu a muitas sociedades litterarias da Europa, e exerceu immensa influencia na litteratura do seu tempo, que animava e promovia com todo o zelo e dedicação. Morreu em 1846.

Paulo José de Mello Azevedo e Brito, poeta distincto, formado em leis pela universidade de Coimbra, e magistrado de excellentes qualidades, nasceu na Bahia em 1786. Foi tambem homem politico, occupou varios empregos importantes de administração, e falleceu senador do imperio em 1846.

Paulo em 1789, foi um militar distincto pela sua coragem e pela sua illustração. Pertencia as melhores familias de São Paulo; estudou mathematicas, a alistou-se na artilharia da legião dos voluntarios reáes. Chamado para os campos do sul a combater contra os inimigos da patria, dava constantemente provas do seu merito elevado: teve grande parte na victoria de Catalan, em 1846, e escreveu sobre ella uma memoria de valor. Morreu de uma balla em combate contra Artigas em 1819, diante da antiga reducção gentia de São Nicolau, pretendendo o coronel Arouche com seis centos homens apoderar-se da missão, que estava occupado por aquelle caudilho com mais de mil e duzentos.





NOTAS

PARA UMA BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA.



NOTAS

PARA UMA BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA.

SECULO XVI.

Carta de Vaz Caminha a ElRei Dom Manuel sobre o descobrimento do Brazil, escripta em 1500 do Porto Seguro. Im pressa pela primeira vêz por Manuel Ayres do Casal na sua Corographia, em 1812, Rio de Janeiro.

Navegação de Pedro Alvares Cabral, por um piloto portuquez; publicada pela primeira vêz na collecção de Simão Grinneo, em 1532, Veneza.

Carta de mestre João a ElRei Dom Manuel, datada do 1º de maio de 1500, de Porto Seguro; impressa pela primeira vèz pelo Instituto historico e geographico brazileiro em 1840.

Duas cartas de Americo Vespucci sobre suas viagens ao Brazil em 1501 e 1503; publicada pela primeira vêz na collecção de viagens de Ramusio, em Veneza, 1550.

Carta de João Empoli, impressa pela primeira ves pela Academia real de sciencias de Lisboa, em 1813.

Pigafetta, Primo viaggio intorno al globo terracqueo negli anni 1519-1522; impresso pela primeira vêz em Milão em 1800, por Carlos Amoretti.

Pero Lopes de Sousa, Roteiro da viagem de Martim Affonso de Souza, em 1531; impresso pela primeira vêz em 1836 pela Academia real de sciencias de Lisbos. (part) ()

90 13

Petrus Martyr, De orbe novo; Madrid, 1536.

Ramusio, Raccolta delle navigazioni e viaggi; Veneza, de 1550 em diante.

Gomará, Historia de las Indias; Sevilha, 1552.

Antonio Galvão, Tratado dos descobrimentos; Lisboa, 1552.

Coimbra, 1552.

3 617

03

1.

João de Barros, Decadas; Lisboa, 1553.

Cabeça de Vacca, Relação, naufragios e viagens; Valha-dolid, 1555.

Guillaume le Testu, le Postulant; Pariz, 1555.

Jean Temporal, Collection de voyages; Lyon, 1556.

Carta de Antonio Blasquez, datada de Bahia de 1557, impressa pela primeira vêz pelo Instituto historico e geographico brazileiro em 1840.

Hans-Stadt, Véritable histoire et description d'un pays d'hommes sauvages et inconnus; Hamburgo, 1557.

Villegaignon, Copie de quelques lettres; Pariz, 1557.

Pauw, Recherches philosophiques sur les Américains, Pariz, 558.

Thevet, France antarctique; Pariz, 1558.

Histoire des choses mémorables advenues en la terre du Brésil sous le gouvernement de Villegaignon; Pariz, 1561.

Brief recueil de l'affliction et dispersion de l'église des sidèles au pays du Brésil; Paris, 1561.

Bento Teixeira Pinto, Relação do naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo de Pernambuco em 1565: soi sómente impressa na Historia tragica maritima; Lisboa, 1601.

Oviedo, Relatione della navigatione per il grandissimo fiume Maragnon; impresso na collecção de Ramusio em 1565.

Damião de Goes, Chronica d'ElRei Dom Manuel; Lisboa. 1566.

Schmidel, Vera historia, etc.; Francsort, 1567.

Jeronimo Osorio, De rebus Emmanuelis, etc.; Lisboa, 1571.

Girolamo Benzoni, Istoria del mondo nuovo; Veneza, 1572. Henrici Francisci, Epistola de XII sociis pro catholica fide interfectis in mare brasilico; Napoles, 1572.

Gandavo, Historia da provincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brazil; Lisboa, 1576.

Jean de Léry, Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil; Ruão, 1578.

André de Teive, Istoria dell' India e America ditta altramente Francia antartica; Veneza, 1584.

Gabriel Soares, Roteiro geral e descripção da Costa do Brazil, escripto em 1587: foi sómente publicado em 1816 pela Academia real de sciencias de Lisboa.

Fernão Cardim, Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia desde 1583 até 1590: impressa sómente em 1847 em Lisboa.

Retour de Notre-Dame, accompagné du Saint François et du Bon Jésus de Vianne en Portugal, qui est arrivé du Brésil à Clavelly; Londres, 1592.

Pedro de Mariz, Dialogos de varia historia; Coimbra, 1594.

José de Anchietta, Epistolæ quamplurimarum rerum naturalium, etc, sómente impressa pela Academia real de sciencias de Lisboa em 1812.—Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil, impressa em Coimbra em 1595.

— Cartas ao geral, sómente impressas de 1848 em diante pelo Instituto historico e geographico brazileiro.

Manuel da Nobrega, Antonio Pires, etc., Cartas do Brazil para o geral e o provincial dos Jesuitas: impressas sómente de 1848 em diante pelo Instituto historico e geographico brazileiro.

De Bry, Collectiones peregrinationum in Indiam orientalem et Indiam occidentalem; Francfort, 1596.

Lettres du Japon et du Brésil envoyées au général des jésuites; Pariz, 1598.

Pedro Rodriguez, Anno do Brazil; Lisboa, 1598.

رم المراجع ما المراجع أحد الما

SECULO XVII.

Fernando de Enciça, Abridged description of the river of Amazone and of the countries thereabout; Londres, 1600.

Antonio Herrera, Historia general de los hechos de los Castellanos en las Indias occidentales; Madrid, 1601.

Barco Centenero, La Argentina; Lisboa, 1602.

San Roman, Historia general de la India oriental y de los descobrimientos y conquistas que han kecho las armas de Portugal en el Brasil; Valhadolid, 1603.

Fernando Guerrero, Relação annual das cousas que fizeram os PP. da Companhia de Jesus na India e Brazil; Lisbos, 1605.

Garcia, Origen de los Indios del nuevo mundo e Indias occidentales; Valença, 1607.

Jarrick, Histoire des voyages et choses plus mémorables des Portugais; Bordeos, 1607.

Hugues de Linschott, Navigation au Brésil; Amsterdam. 1609.

Francisco de Andrade, Chronica d'ElRei Dom João III; Lisboa, 1613.

Claude d'Abbeville, Histoire de la mission des Capucine dans l'île de Maragnon; Pariz, 1614.

Jesonimo de Albuquerque, Jornada do Maranhão em 1614; impressa sómente em 1812 pela Academia real de scienciade Lisboa.

Piral de Javal, Voyages aux Indes orientales et au Brésil; Pariz, 1615.

Ives d'Evreux, Histoire des choses plus mémorables advenues au Maragnon ès années 1613 et 1614; Pariz, 1615.

Diogo do Campo, Jornada ao Maranhão em 1615; Lisboa. 1615.

Joan Moquet, Voyages en Afrique, Asie, Indes orientales et occidentales, depuis 1601; Pariz, 1616.

Sebastião Beretario, Josephi Anchietta vita; Colonia, 1617.

Padre Antonio, Cathecismo na lingua brazilica composto a modo de dialogos por padres doutos e boas linguas da Companhia de Jesus; Lisboa, 1618.

Mariana, Historia de España; Madrid, 1623.

J. B., Simple et véritable histoire du départ d'une flotte de Hollande pour les côtes du Brésil; Rotterdam, 1623.

Manuel de Figueredo, Exame de pilotos com os roteiros de Portugal ao Brazil; Lisboa, 1624.

Simão Estaço da Silveira, Relação das eousas do Maranhão; Lisboa, 1624.

Barbuda, Empresas militares dos Lusitanos; Lisboa, 1624.

Davis, Description of the river Amazones; Londres, 1625. -

Bartholomeu Guerreiro, Jornada dos Portuguezes á restauração da Bahia; Lisboa, 1625.

João de Medeiros Correia, Relação da restauração da Bahia; Lisboa, 1625. — E mais a Relação da tomada do Recife, Itamaracá e Parahyba; impressa em Lisboa, 1654.

Lieuwe van Aitezema, Historie ofte verhael van saken en oorlogh in ende omtrent des Vereenigte Niederlanden van 1621; Amsterdam, 1626.

Aldenburgh, Voyages aux Indes et description de conquête de Salvador; Coburgo, 1627.

Pedro Simon, Noticias historiales de las conquistas de tierra en las Indias occidentales; Cuenca, 1627.

Lettere annue de l'Etiopia, Brasile, etc.; Roma, 1627.

Tamayo Vargas, Restauracion de la ciudad del Salvador; Madrid, 1628.

Witteleschi, Histoire de ce qui s'est passé en Éthiopie, Chine et Brésil; Paris, 1628.



352 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

Baers, Olinda ghelegen in 't land van Brasil; Amsterdam, 1630.

Louck, Veroveringh van de stadt Olinda ghelegen in de capitania van Phernambuco, etc., Amsterdam, 1630.

Weerdenburch, Oorspronchelijke musive van Ho. M. Heeren Staaten Generael, noopende de veroveringhe van de stadt Olinda de Fernambuco met al hare forten; Amsterdam, 1630.

Frei Paulo do Rosario, Relução breve e verdadeira da memoravel victoria que houve o capitão món da capitansa da Porahyba dos rebeldes da Hollanda; Lisbon, 1632.

Luiz Figueira, Da lingua gerul do Bruzil; Lisbon, 1632.

Joannes de Lact, Aovus orbis, seu descriptio, etc.; Amsterdam, 1633

Historie ofte Inerlijck Verhael van de verrichtinghen der Gesetroijeerde West, Indische Compagnie; Leyde, 1644.

Hurtado de Mendoza, Memorial a el rey pidiendo remedio contra los exicsos que se comiten en el Brasil; Madrid, 1638.

Burau, Relation des insignes progrès de la religion chre-

l'Assemblée des XIX de la très-noble Compagnie des Indes occidentales; Amsterdam, 1640.

Acunha, Nuevo descobrimiento del gran rio de las Amazonas; Madrid, 1641.

Relacion de los successos de la flota contra los Holandeses, siendo general de ella Don Jerónimo de Sandoval; Madrid, 1641.

Francisco de Andrade Leitão, Discurso politico sobre se haver de largar a corôa de Portugal Angola, São Thomé, e o Maranhão, exclamado aos Altos Estados da Hollanda; Lisboa, 1642.

Treguas entre ElRei Dom João IV e os Estados das Provincias-Unidas; Lisboa, 1642.

Teixeira, Viagem pelo Amazonas em 1637, 1638 e 1639; Lisboa, 1643.

Emmanuel van Metteren, Commentarien ofte memorien van der Nederlandschen Stadt; Amsterdam, 1647.

Leis, provisões e ordens regias para o estado do Maranhão e Pará; Lisboa, de 1647 em diante.

Barlæus, Rerum per octennium in Brasilia; Amsterdam, 1648.

Marggrafius, Historia rerum naturalium Brasiliæ; Amsterdam, 1648.

E. de Moraes, Dictionariolum nominum et verborum linguæ Brasiliensis maxime communis; Amsterdam, 1648.

Piso, De medicina Brasiliense; Amsterdam, 1648.

Manuel Callado, Valeroso Lucideno; Lisboa, 1648.

Raphael de Jesus, Castrioto lusitano; Lisboa, 1649. -

Padre Antonio Vieira, Cartas publicadas em Lisboa de 1649 em diante. — Sermões item.

Pierre Moreau, Histoire des derniers troubles du Brésil; Pariz, 1651.

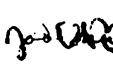
Roulox Baro, Relation du voyage au Brésil en 1647; Paris, 1651.

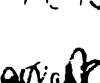
23

II.

900







354 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

Morisot, Remarques sur le voyage de Roulox Baro au pays des Tappuyes; Pariz, 1651.

Mathias Van der Broeck, Journal des choses qu'il a vues luimême, et de ce qui s'est véritablement passé depuis le commencement de la révolte des Portugais à Phernambucy; Amsterdam, 1651.

Albuquerque, Memorias diarias de la guerra del Brasil desde 1630; Madrid, 1654.

Francisco Barretto, Relação diaria do sitio e tomada da forte praça do Recife; Lisboa, 1654.

Aigremont, Relations des voyages des Français faits au cap du Nord, en Amérique; Pariz, 1654.

Pagan, Description historique et géographique de la grande contrée et rivière des Amazones; Pariz, 1655.

Jacob Rabbi, Relation des Tappuyes; Pariz, 1655.

Pelleprat, Relation des mémoires de la Compagnie de Jésus dans l'Amérique méridionale; Pariz, 1655.

Antonius Thisius, Historia navalis in mare Brasilico; Lyon, 1657.

Simão de Vasconcellos, Vida do padre José de Anchietta; Lisboa, 1658. — Vida do padre João de Almeida; Lisboa. 1658. — Chronica da Companhia de Jesus no estado do Brazil; Lisboa, 1663. — Noticias necessarias e curiosas das cousas do Brazil; Lisboa, 1668.

Francisco Manuel de Mello, Epanaphoras de varia historia; Lisboa, 1560. — Relação dos successos da armada que a companhia geral do commercio expedio ao estado do Brazil em 1649, Lisboa, 1660.

Don Francisco de Charque, Vida apostolica del venerable padre Joseph Cataldino; Saragoça, 1664.

Massée, Histoire des Indes orientales et occidentales; Paris, 1665.

Antonius a Macedo, Vita patris Joannis Almeidæ; Padua, 1669.

300

Aitzema, Historie ofte verhael van saken van staet en oorlogh, in ende omtrent de Vereenigde Nederlanden van 1621-1668; Amsterdam, 1669.

Rapport exact de l'étendue du pays situé en Amérique, qui s'étend entre l'Orénoque et l'Amazone; Francsort, 1663.

Arnoldus Montanus, Die niewe en onbekende wereld ofte beschryving van America en 't Zuidland; Amsterdam, 1671.

John Gilby, America; Londres, 1671.

Nicolau del Techo, Paraguariæ historia; Lião, 1673.

Francisco de Brito Freire, Nova Lusitania; Lisboa, 1675; — Relação que fez a armada da Companhia do Brazil; Lisboa, 1675.

Balthasar Telles, Chronica da Companhia de Jesus em Portugal e no Brazil; Lisboa, 1679.

Conde de Ericeyra, Historia de Portugal restaurado; Lisboa, 1679.

Noticia y justificacion del título con que se fundo la nueva colonia del Sacramento; Madrid, em 1680.

Don Luiz Cerdeño y Monzon, Manisiesto legal en desensa del derecho del rey sobre la situacion de la nueva colonia del Sacramento; Madrid, em 1680.

Autos de las conferencias de los consejeros de las coronas de Castilla y Portugal (duque de Jovesano, duque de Cardaval, marquez da Frontera, etc.); Madrid, em 1681.

Luiz Figueira, Arte da grammatica da lingua do Brazil; Lisboa, 1681.

Nieuhoff, Mémorable voyage au Brésil par mer et par terre;

Leevens en daaden der Doorlinchtigste Zeehelden; Amsterdam, em 1683.

Nicolau Jan Wooght, Flambeau de la mer, voyages au Brésil, etc.; Amsterdam, em 1684.

Pieter Boor, Historie der Nederlanden Oorlogen; Amsterdam, 1684.

756 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL

Manuel Rodrigues, El Mareñon y el Amazonas; Madrid, 1684.

Padre Antomo de Araujo, Cathecismo brazilico; Lisboa, em 1686

João l'erreira da Rosa, Tratado unico da constituição pestilenend de Pernandarco; Lisbon, 1694.

San Ginseppe, Istoria delle guerre degli Ollandesi nel Bravile : Roma, 1697

Mannonn, Catherismo de doutrine christée na lingua brazilica ; Lisboa, 1698.

Manuel Pamentel, Arte pratice de navegar, e reteiro das um pass, e costas do Brazil e Guiné; Lisbon, em 1699.

Resposta de Roque Monteiro Paim ao embaixador de França M. de Roa lle sobre as terras do Cabo do Norte em 1622; sómente empresso pelo Instituto historico e geographico brasile es em 1876:

SECULO XVIII.



Correal, Voyages aux Indes occidentales; Amsterdam, 1722. Torquemada, Monarquia indiana; Madrid, #23.

Lassiteau, Mœurs des sauvages américains; Pariz, 1724. — Histoire des voyages et conquêtes des Portugais; Pariz, 1733.

Le Gentil, Nouveau voyage autour du monde, Chili, Brésil, etc.; Pariz, 1725.

Roggers, Voyages au Brésil, etc.; Amsterdam, 1726.

Fernandes, Historia de los Chiquitos y Amazonas; Madrid, 1726.

La Barbinais, Voyages autour du monde, Brésil, etc.; Pariz, 1728.

Frézier, Reis-Beschryving door de Zuid-Zee langs de Kunsten van Chile, Peru, und Brasil; Amsterdam, 1728.

Sebastião da Rocha Pitta, *Historia da America portugueza*; Lisboa, 1730.

F. A. da Conceição, Princesa seraphica na região da America; Lisboa, 1733.

Oliveira, Mémoires historiques, politiques, etc., concernant le Portugal et toutes ses dépendances; Haya, 1743.

Père Beauvais, La vie du V. père Ignace d'Azevedo; Pariz, 1744.

Condamine, Voyage par la rivière des Amazones; Pariz, 1745.

Historie der Reisen zu Wasser und zu Lande; Leipsic, 1747.

Berredo, Annáes do estado de Maranhão; Lisboa, 1749.

João Gonsalves Fonseca, Navegação até a boca do rio Madeira em 1749: sómente impressa em 1812 pela Academia real de sciencias de Lisboa.

Waguenaar, Vaderlansche Historie; Amsterdam, 1749.

Simão Marques, Brasilia Pontificia; Lisboa, 1749.

Jurado y Requena, Historia de las demarcaciones de límites en la América entre los dominios de España y Portugal en 1750: sómente impresso em Montevideu em 1846.

y 1770

There

58 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

Tratado de limites entre as coróas de Hespanha e Portugal em 1750; Lisboa, 1750.

Antone Pedro de Vasconcellos, Analyse do trotado de limites de 1750, Lasboa, 1750.

Nexard e de (nosmão, Reparos sobre as disposições da lei de 3 de desembro de 1750 que estabeleceu novo imposto para a coloranea da quento no Brazil. — Resposta e reflexões contra a que exerciven o bragadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos sobre o tratado de limites de 1750; Lisboa, em 1751.

Dem Artonio Rolim, Relação da viagem que fez em 1751 de Sao Panto para Cuyaba : sómente impressa em 1845 pelo lastituda historia e geographico brazileiro.

Diogo Barbosa Machado, Bibliotheca lusitana; Lisboa, 1752 Manuel da Foaseca, Vida de Belzior de Pontes; Lisboa, 1752

Oloa, Loyage historique dans l'Amérique méridionale; Pacie, 1752 — Memoires historiques concernant la découterte de l'Amérique; Pariz, 1787.

1 B. . . d. B. ves., Relação panegirica; Lishon, 1753



Antonio de Santa Maria de Jaboatão, Orbe seraphico; Lisboa, 1761.

Viagem e visita ao Sertão do Grão Pará em 1762 e 1763 pelo bispo Dom João de José: sómente impressa em 1847 pelo Instituto historico e geographico brazileiro.

Anson, Voyages autour du monde, Brésil, etc.; Pariz, 1764.

Nuno Marques Pereira, Compendio do peregrino da America; Lisboa, 1765.

Histoire de Nicolas I^r, roi des Mameluks et empereur du Paraguay; 1766: ignora-se aonde foi impressa; a designação de São Paulo na folha é evidentemente falsa.

William Burke, Histoire des colonies européennes en Amérique; Pariz, 1767.

Huron, Histoire générale de l'Amérique; Pariz, 1768.

Jacob Hartsinck, Beschryving van Guyana ofte de wilde kuste in Zuid-America; Amsterdam, 1770.

Raynal, Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce dans les deux Indes; Pariz, 1770.

F. H. da Veiga e Sampaio, Diario da viagem que fez ao Rio Negro em 1774, etc. : sómente impresso em 1825 pela Academia real de sciencias de Lisboa.

Respuesta á la memoria que presentó en 16 de enero de 1776 el excelentísimo señor Don Francisco de Sousa Coutinho sobre los límites de la América meridional; Madrid, 1777.

Tratado preliminar de paz e limites na America meridional do 1º de outubro de 1777 entre as corôas de Portugal e Hespanha; Lisboa, 1777.

Capellen-Gedenschrifften, Utrecht, 1777.

Robertson, History of America; Londres, 1777.

Pedro Taques de Almeida Paes, Historia da capitania de São Vicente em 1777: sómente impressa em 1847 pelo Instituto historico e geographico brazileiro.

Lusac, Hollands Rykdom; Leyde, 1780.

c 13

Échavari, Histoire du Paraguay sous les Jésuites; Amsterdam, 1780.

Santa Ritta Durão, Caramurú; Lisboa, 1781.

Braun, Viagem ao Amazonas em 1784: sómente publicado em Lisboa em 1826.

Pedro Cudenas, Description of Brazil; Londres, 1785.

Gottlieb von Murr, Reisen einiger Missionnarien der Gesellschaft Jesu in America; Nuremberg, 1785.

Basilio da Gama, Uruguay; 1786.

Carli, Lettres américaines; Pariz, 1788.

Gonsalves da Fonseca, Navegação feita do Grão Pará até a boca do rio Madeira em 1789. Publicada sómente no quarto tomo das Noticias ultramarinas da Academia real de sciencias de Lisboa em 1815,

Bibliotheca americana, or a chronological catalogue of the most curious and interesting books, etc.; Londres, 1789.

Alexandre Rodrigues Ferreira, Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte pela coroa de Portugal; Lisboa, 1792.

— Prospecto da cidade de Belém e Miscellania historica para o explicar; Lisboa, 1793. — Noticia historica da ilha de Joanes. — Memoria sobre a marinha interior do estado do Grão Pará. — Extracto do diario da viagem philosophica. — Tratado historico do Rio Branco; 1795. — Relação circumstanciada do rio Madeira e seus territorios; 1796. — E muitas outras importantissimas memorias, cuja lista publicou o doutor Costa e Sá, por ordem da Academia real de sciencias de Lisboa em 1838.

José Marianno da Conceição Velloso, Quinographia ou collecção de varias memorias sobre vinte e dous especies de quina do Brazil; Lisboa, 1793. — Fazendeiro cultivador do Brazil; Lisboa, 1794. — Flora brasiliensis. Foi começada a impressão pela Academia real de sciencias de Lisboa em 1799, e concluida em Pariz em 1825. — Aviario brazilico; sómente publicado em Lisboa em 1800.

J 4 1

300

Malouet, Voyages dans les forêts de la Guyane française et rives de l'Amazone. Publicado sómente em 1853 pelo senhor F. Denis.

Smith Barton, New views of the origin of the tribes and nations of America; Philadelphia, 1795.

Mentelle, Mémoires sur les limites entre les possessions françaises et portugaises à la Guyane et Para; Pariz, 1796.

Frei Gaspar da Madre de Deus, Memoria sobre a capitania de São Vicente; Lisboa, 1797.

X

Ricardo Franco de Almeida, Descripção geographica da provincia de Matto-Grosso em 1797; sómente publicada em 1851 pelo Instituto historico e geographico brazileiro.

Padre João Daniel, *Thesouro do maximo rio das Amazonas;* sómente impresso pelo Instituto historico e geographico brazileiro em 1840.

José Arouche de Toledo Rendon, Memoria sobre as aldeias dos Indios da provincia de São Paulo em 1798; sómente impressa em 1841 pelo Instituto historico e geográphico brazileiro.

SECULO XIX ATÉ 1850.

Hervas, Catálogo de las lenguas; Madrid, 1800.

Krusenstern, Reise in die Welt; Leipsic, 1805.

Lindley, Voyage to Brazil; Londres, 1805.

Depons, Voyage dans l'Amérique méridionale; Pariz, 1806.

Gabriel Ribeiro de Almeida, Memoria da tomadia dos sete povos dos missões em 1806; publicada sómente pelo Instituto historico e geographico brazileiro em 1841.

Leziansky, Voyage autour du monde; Pariz, 1807.

La Richarderie, Bibliothèque des voyages; Pariz, 1808.

Lobo da Silveira, Skirzza von Brasilien; Stockolmo, 1808.

José da Silva Lisboa, Observações sobre a abertura dos portos do Brazil; Rio de Janeiro, 1808. — Observações sobre a

J62 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

franqueza das fabricas e industria; Rio de Janeiro. 1810 Refutação das declamações contra o commercio inglez; Rio de Janeiro. 1810. Memorias economicas e políticas desde 1810 até 1830 — Roteiro brazilico. 1822 — Historia dos principaes acontecimentos do Brazil; Rio de Janeiro. 1825.

Azara, l'oyages dans l'Amérique meridionale; Puriz, 1809 Arruda Camara, Memoria sobre o algudão de l'ernambuto; Lisboa, 1810 - Memoria sobre a capitania dos Ahcos; Lisboa, 1814

Vater, Untersuchungen über Amerika's Revolkerung; Francfort, 1810

Silva Belfort, Roteiro da cidade do Maranhão ao Rio de Janeiro; Rio de Janeiro, 1810.

Camara Bittaneourt, Dissertação sobre as plantas do Brazil que podem dar linhos; Lisbon, 1810

Bispo d'Elvas, Memoria sobre minas de ferro; Lisbon, 1810. Vatuas outras memorias de 1811 em diante. — Ensaro economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias; Lisbon, 1816

1.

Elms, Voyage dans l'Amérique méridionale, Pariz, 1815.

Mawe, Voyages in Brazil; Londres, 1815.

Funez, Ensayo de la historia civil del Paraguay; Buenos-Ayres, 1816.

Beauchamp, Histoire du Brésil; Pariz, 1817. — Réfutation de l'écrit Coup d'œil sur l'état politique du Brésil; Pariz, 1825.

Luiz Gonsales dos Santos, Memorias historicas; Rio de Janeiro, de 1817 em diante.

Ayres do Casal, Corographia brazilica; Rio de Janeiro, 1817.

Erschwege-Jornal von Brasilien; Weimar, 1818.—Plut. brasiliensis, 1819. — Beiträge zur Gebirgskunde brasiliens, 1813. — Brasilien die neue Welt, Braunschwig, 1824. — Geognostische gemälde von Brasilien; Weimar, 1828.

Carneiro da Silva, Memoria topographica e historica sobre os campos dos Goytacases; Rio de Janeiro, 1819.

Brakenridge, Voyage to South-America; Baltimore, 1819. Koster, Voyages to Brazil; Londres, 1819.

Morse, The American universal Geography; Charlestown, 1819.

John Luccok, Notes on Rio de Janeiro; Londres, 1820.

Tolenar, Notes dominicales prises pendant un voyage au Brésil en 1816, 1817 et 1818; Pariz, 1820.

João Rodrigues de Brito, Cartas economico-politicas sobre a agricultura e commercio da Bahia; Lisboa, 1820.

Araujo Pizarro, Memorias-historicas do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro, 1820.

Henderson, History of Brazil; Londres, 1821.

Araujo Carmeiro, O Brazil e Portugal; Lisboa, 1822.

Adrien Balbi, Statistique du Portugal et Brésil; Pariz, 1822.

- Atlas ethnographique; Pariz, 1826.

Pereira do Lago, Estatistica historica e geographica do Maranhão; Lisboa, 1822.

164 OS VAROES ILLUSTRES DO BRAZIL.

Gayoso, Memoria sobre o Maranhão; Lisboa, 1822.

Vellosa de Obvena. Melhoramento da provincia de São Paulo ; Río de Janeiro, 1822.

1 complete Imerican Atlas historical, chronological and geographical, being a guide to the history of North and South Imerica, Londres, 1822.

Labranmelle, Empire du Brésil; Paris, 1823.

Spry und Martins, Reuse nach Brasilien; Manich, 1823.— Abhandhang von dem Rechtszustande under den ureinwohnern Brasiliens; Manuch, 1832.

1 cudosand Denes, Seenes sous les tropiques; Paris, 1823.—
Resonne de la litterature du Portugal et du Brésil, 1824.—
Histoire du Bresil, Paraguay, etc.; Paris, 1825.— Le Brésil;
Paris, 1825.— Histoire du Brésil; Paris, 1847.— Une fête bresilanne; Paris, 1848.— Génie de la navigation; Paris, 1848. etc.

New-Neuwied, I ogages au Brésil; Paris, 1824.

Davis, Relation of Amazone; Londres, 1824.

I. ld c. Rose on Brusilien; Francfort, 1824



) 1.

Balthasar Lisboa, Annáes do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro, 1826.

Monglave, Correspondance de Dom Pedro I^{et} avec Dom Juan IV; Pariz, 1826.

Rugendas, Voyage pittoresque au Brésil; Strasburgo, 1827.

Costa e Sá, Memoria da serra que serve de limite ao Brazil pelo lado das Guyanas e Rio Branco; Lisboa, 1827. — Varias memorias sobre o mesmo assumpto em 1842 e seguintes.

Gomez de Castro, Catalogo dos bispos de Maranhão; Maranhão, 1827.

Lebrecht, Geschichte von Brasilien; Gotha, 1827.

Feldner, Reisen durch mehrere provinzen Brasiliens; Liegnitz, 1828.

Pohl, Reise nach Brasil; Leipsic, 1829.

Munsch, Geschichte von Brasilien; Dresde, 1829.

Cullock, Researches philosophical and antiquarian, concerning the aboriginal history of America; Londres, 1829.

Delvincourt, Viagem ao interior do Brazil; Rio de Janeiro, 1830.

Walsqh, Notices of Brazil; Londres, 1830.

Auguste de Saint-Hilaire, Voyages dans les provinces de Rio et Minas; Pariz, 1830; — dans les districts des diamants; 1833; — dans la province de Goyaz; 1837; — dans la province de Saint-Paul; 1848.

Engelberts Gerrits, Gedenstuck van Neerlands heldendade ter zee; Amsterdam, 1831.

« C Klaussen, Notes géologiques sur la province de Minas Geraes; Bruxelles, 1831.

Van Kampen, De Nederlanders binten Europa; Harlem, 1831.

Silva e Souza, Memoria estatistica da provincia de Goyaz; Rio de Janeiro, 1832.

366 OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL.

Jouge, Geschiedenis van het Nederlandsch Zee-Wezen; Haya, 1833.

Accioli, Corographia paraense; Bahia, 1833. — Memorias historicas e politicas da Bahia; 1835. — Descripção do Rio São Francisco, 1846. — Varios opusculos.

Costa Pereira, Diccionario topographico do imperio do Brazil; Rio de Janeiro, 1834.

Debret, Voyage pittoresque et historique au Brésil; Pariz, 1834.

Arsène Isabelle, Voyage à Buenos-Ayres, Portalegre, etc.; Havre, 1835.

Poeppig, Reise in Chile, Peru, und auf Amazonostrom; Leipsic, 1835.

Cunha Mattos, Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão; Rio de Janeiro, 1836.

Smith, Narrative of a journey from Lima to Para; Londres, 1836.

Armitage, History of Brazil; Londres, 1836.

ic 14

Valdez y Palacios, Viagem de Cuzco ao Pará; Rio de Janeiro, 1836.

Nietherohy, Revista brazileira; Pariz, 1836.

Penaud, Voyage sur la côte méridionale de la Guyanc française; Pariz, 1836.

Ternaux-Compans, Bibliothèque américaine; Pariz, 1837.

- Voyages, relations, mémoires, etc.; Pariz, 1837.

Atkins, Voyage to Guinea and Brazil; Londres, 1837.

Baena, Compendio das Eras do Pará; Pará, 1838.

Ensaio de um quadro estatistico da provincia de São Paulo; São Paulo, 1838.

Orbigny, L'Homme américain; Pariz, 1839. — l'oyages dans l'Amérique méridionale; Pariz, 1845.

Taunay, Manual do agricultor brazileiro; Rio de Janeiro, 1839.

. (.

} C

ri F

Revista nacional e estrangeira; Rio de Janeiro, 1839 e 1840. Constancio, Historia do Brazil; Pariz, 1839.

Dujarday, Conquêtes des Portugais; Pariz, 1839.

Nicolau Dreis, Noticia descriptiva da provincia do Rio Grande do Sul; Rio de Janeiro, 1839.

Reynaud, Mémoire sur la partie de la Guyane qui s'étend entre l'Oyapock et l'Amazone; Pariz, 1840.

Veeghens-Leven van Joan Mauritz graaf van Nassau Siegen; Harlem, 1840.

Revista do Instituto historico e geographico brazileiro; Rio de Janeiro, de 1840 em diante.

Kerkallet, Instruction pour attérir et naviguer sur la côte septentrionale du Brésil; publicado nos Annáes maritimos de 1841, Pariz.

Frei Francisco de São Luiz, *Indice chronologico das viagens;* Lishoa, 1841.

J. de Mendoza, Nueva descripcion del rio Marañon; Madrid, 1841.

Pereira da Silva, Parnaso brazileiro, historia da litteratura brazileira; Rio de Janeiro, 1842.—Plutarco brazileiro, 1847.

Pissis, Mémoire sur la position géographique des terrains de la partie centrale du Brésil; Pariz, 1842.

Van Lede, De la colonisation au Brésil; Bruxelles, 1843. – Pedro de Angelis, Coleccion de documentos, etc.; Buenos-Ayres, de 1843 em diante.

Abreu e Lima, Resumo da historia do Brazil; Rio de Janeiro, 1843. — Sinopses da historia do Brazil; Pernambuco, 1844.

Tardy de Montravel, Exploration du fleuve Amazone depuis Para jusqu'à Obydos; Pariz, 1844.

Kenvilly, Essais sur les délimitations de la Guyane française et du Brésil; Pariz, 1844.

Belloc, Histoire de l'Amérique; Pariz, 1844.

Wedel, Voyage dans la Bolivie; Pariz, 1844.

168 OS VAROES ILLUSTRES DO BRAZIL.

Se und Du chimut et des maladies du Brésil; Paris, 1844. Franciales Guinn, Memorias historicas de Pernambuco; Recde, 1844.

Ostensor brazileiro; Rio de Janeiro, 1845.

Gottore, Iran Is in the interior of Brazil; Londres, 1845.

Paris Aurogation sur le fleuve des Amazones; Bruxelles, 1845 — Projet d'une navigation à vapeur sur la rivière des Innezones; Bruxelles, 1846.

Kiddee, History of Brazil; New-York, 1845. — Notices of Brazil; New-York, 1846.

Creame usledy. Histoire des Jésuites; Paris, 1845. — Gliment VII et les Jesuites; Paris, 1848.

Stranet Some ners de voyages, Brésil, etc.; Paris, 1846. Moke. Histoir des peuples américains; Bruxelles, 1847. Edward Loyage of the river Amazon; Londres, 1847.

A sentreçon. Memorias diversas sobre a geographia e historia de Brazil, pubbica sas pela Academia real de sciencias de Lisbon, a Esta de la la como a expergraphico brazileiro de 1847 em diante.

Aube Antier ou la province de Sainte-Catherine; Parix.



Langsdorf, Bemerkungen auf einer Reise nach Brasilien, etc.; 3245 Leipsic, 1849.

Portuguezes na Africa, Asia, America e Oceania; Lisbon, 1849.

Prince Adalbert, Travels in the south of Europe with a of copy way was up the Amazon and the Xingu; Londres, 1849.

Ludwig Driesen, Leben des Fürsten Johan Moritz von Nassau; Berlim, 1849.

FIM.



Bearneister, to Reservach Fracilier, durch die Forenzen .

Bee de Janeus und Minas grass Gulen 1958 100 Burgundi, J. Hestoriou. Vavigationis in Fran · eleam qua in imerica dicatur 800 General 3' Ayugna, Rearete, Grillet and Bechamel's Toyages and Discoveres in South America, no first translated. 800. 1698. Richshofter Amber , Brasilianisch - ine West - Inthe nesche Reissebeschreebeing Straistung 1677 Warden, Chronologue hestorique de l'Amerique some XIII as to Ark de verifier les dates Falles, Es. De Breed, ou Houvakons ginerale sur le commerce et les souares de cerpays & Bales 16 H the Naturalist on the Keen Amazon 10 . cert of at on tures, habits of animals, skelikes of gelean and . Indian life and adjuste of or here cine the Equator during It gears of travel London 1863. 2 Wallace, A R a narrative of haveis on the Arragon a " Tuges I a map and wester London 1853 1801 Que - Latternant, R. Kein duch J. d. Brantier - Ruse durch Sord. Mersile in in white

Joho jagune dar delya tum mars, dienonare de ing Brasel. Recongress or assger entates Bahen 1854. 300 Laris da navigação da armada que los a terras no Beasil Ash a constance mor do able a care Affords sa long sur cremão dero Somes densengas Publicado por in de Parakagen lestras 1839 Martins i F I very die Hogangen heet und I neshow . Herrs. Wheel It Condamenes de la journal au voyage fait par ordre des El term to There 1764 3% ougher Rodriques du Mello Suntanie portuences, de un . les rebus commensuers liber IV. tec. Truder Proselunces de souchans oflefices entiren tom Sealado descriptione de Prazel em 158; etraide cabriel fa Educar oxiligadain a por J & Tannhagen, hour teader to meero previous each we con server etern alegge has Official Hansravery 1829 Tager, du Amazonas und word Confluenten Hour Long · Olsner, C & du lotarie Leopoldinain Francisco Estingia Langedorf. 9 16 cm, Bemeranger who madera Essett L. Land Helmers A. lex courses were Afformada, Columna agricular industrial Reader, on Abrantes, Vesconde de, Memoria robre muos de pro colonisação Bulem 1846 100 Ave. Lallemant & Eunnemanger and Franciscon Sul

from the of bear him in the on burner with may a street of a flow of the said to the Surveyor I show almost to be given in and the second second second second There is the wall with Bloom of S. As. May sell and byen as taget, ettersgraphe & with ? 3 11 Buch Brown & For grande or do Terracon and the special - the de grande to he would and son & son 3 " July 413 11 " here the parties to deep you that is greated = 422 - 1 Bo From 12 822 200 from the world is a final transfer to make the The state of the s the the was and her colonie on don't the second commence of the second second second 10 18 12 Fee 1118 2" Mr. - I Breaker was a see Show when it will . order to an end on go enjoy that I'm راوي الموجه ومديره في من والماء والمائلة وما والأوار والما Sec. 1 194 1 1 1 2 the second of th

STANFUSE UNIVERSITY LIBRARY To save fire, the time dead be returned on a feight the fire list stanged below.

